HISTORIA ANTIGA

DAS

MINAS GERAES

POR

Diogo de Vasconcellos

BELLO HORIZONTE
IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES
1904

INDICE

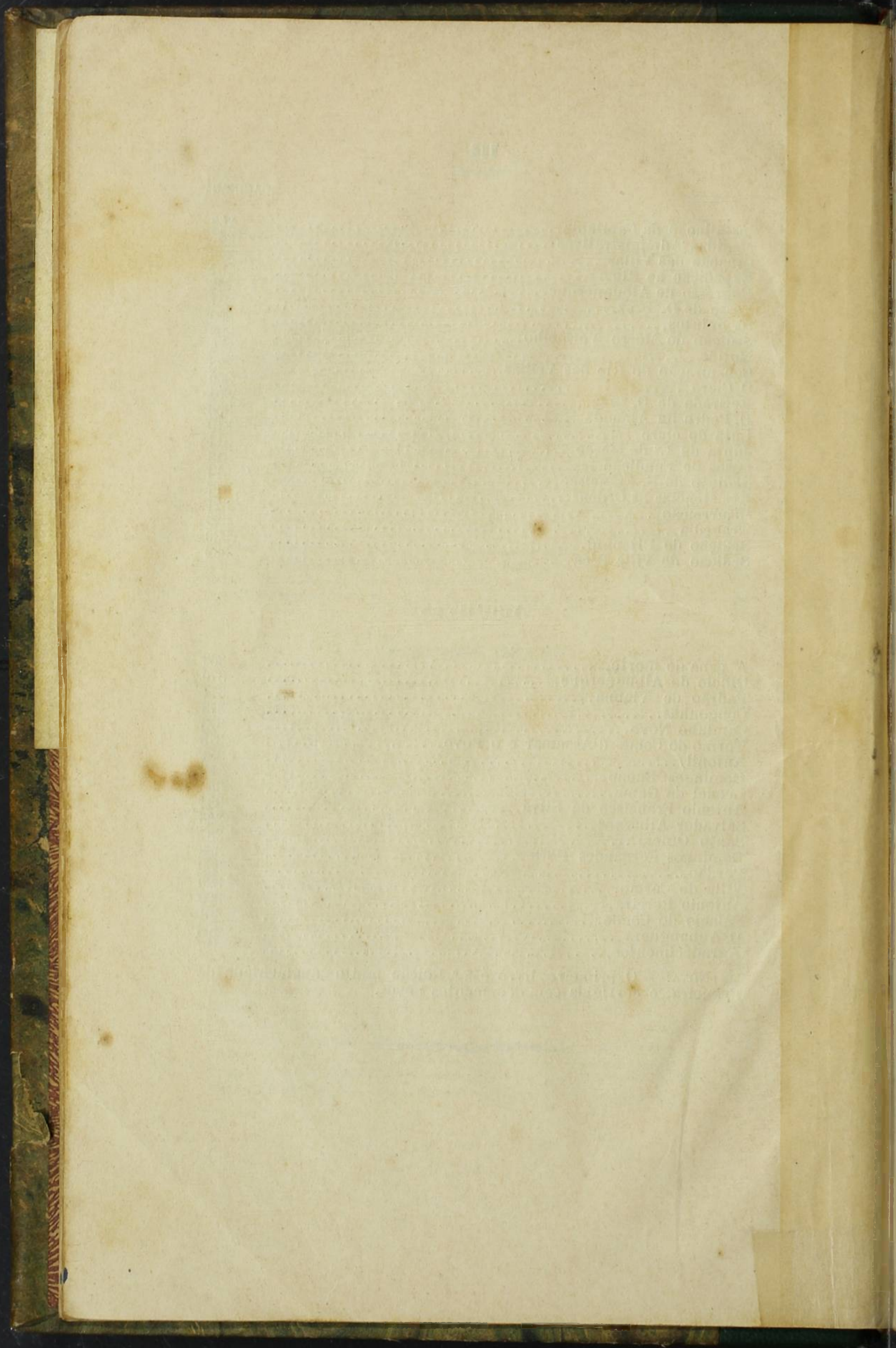
PAGINAS

II

PAGINAS

Segundo Livro

Additivos

NOTA. — O primeiro livro é 2.ª Edição muito augmentada da Primeira, e corrigida com documentos novos.

Errata

Em um livro, como este, impresso com tanta celeridade, muitos erros escaparam á revisão, por muito acurada que foi. O leitor benignamente os desculpará por não alterarem o sentido. Assim apenas emendaremos os seguintes!

PAGINA	LINHA	ERROS	EMENDAS
127........	33........	Vaz.............	Páes.
216........	39........	maio............	maior.
224........	42........	emittir..........	omittir.
230........	10........	aado.............	lado.
273........	31........	fausto...........	festos.
289 (nota).	20........	1785.............	1715.

Addendum

1.º — Na Pagina 357 na nota em que se diz: « Phillipe dos Santos... *parece que tambem era portuguez* » accrescente-se: « embora a tradicção, que nol-o — representa homem de côr.

2.º — Igualmente á pag. 398, linha 20, deve-se incluir a nota seguinte: « Nesse predio Paschoal da Silva hospedou tambem a Antonio de Albuquerque, como se vê da Patente, em que D. Braz nomeou o dito Paschoal para governar Ouro Preto, dizendo: « ...e passando o Governador Antonio de Albuquerque a estas Minas com vinte soldados e alguns officiaes, o dito Paschoal da Silva o sustentou á sua custa por espaço de 15 dias, que nellas detiveram com grande despesa de sua fazenda e muita utilidade e de Sua Magestade na occasião em que o mesmo Governador veio socegar as alterações destas Minas.

Patente de 12 de janeiro de 1714. — (Rev. Arch. Publ. Min. vol. III, pag. 101).

Funchal Garcia

ADVERTENCIA

Em 1898, no dia de S. João, tendo na fórma do antigo costume, ouvido a Missa na Capella do Morro, por ahi me conservei algumas horas em meditação depois que o povo retirou-se. Fazia no acto dous seculos que a Bandeira de Antonio Dias alli chegou para descobrir o Ouro Preto.

Concebi então o projecto de reunir as memorias, que tinha, dos factos succedidos nessa epocha remota, pouco estudada, e muito mal dirigida pelos Escriptores até hoje acceitos, como depositarios da tradicção. O meu projecto, apenas começado, vi que não era tão simples como suppuz. A historia não se póde decernir aos pedaços. Assim o que aqui apresento não está bem nas condições como o desejei; e apenas poderá despertar algum gosto pelas cousas antigas, a quem as quizer colligir com elementos melhores de successo.

Accresce que, precisando eu de cuidar constantemente das necessidades da vida, só pude empregar

as horas vagas e os dias de ferias, alternativas, que o leitor facilmente observará na desegualdade das paginas escriptas; e assim desculpará os muitos defeitos, que infelizmente encerram.

O contacto, em que andei com o passado, deu-me de lucro recolher algumas outras notas, que farei todo o possivel de concertar para a publicidade, como são as referentes ao conflicto dos *Emboabas*, e aos *Limites de Minas*, historia ultima esta, que ainda não foi publicada e nem escripta.

Offerecendo, pois, este meu trabalho aos leitores, espero compensar em outros as faltas, que não pude agora evitar. Inspirado no dia do 2.º Centenario de Ouro Preto, bem é que o ponha sob os auspicios de tantos corações, que presam a esta nossa amada cidade. « *Procerum generosa propago; armorum legumque parens.* »

Agua Limpa, 31 de dezembro de 1900.

Diogo L. A. P. de Vasconcellos

ORIGEM HISTORICA DAS MINAS GERAES

PRIMEIRA PARTE

PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES

CAPITULO PRIMEIRO

I

Thomé de Souza

O Brasil, como se sabe, foi tido e havido á primeira vista por simples ilha, perdida no oceano, sem utilidade immediata. Solo abafado em florestas, praias solitarias, golfos silenciosos, incolas nús, á similhança de bestas, nada em verdade aqui houve para attrahir a cobiça dos nautas enlevados, como vinham, pela miragem das Indias.

Na epocha do descobrimento, a propria obra de Colombo esmava-se de inferior á do Gama; e, pois, não foi para se extranhar, que nossos antepassados preferissem o Oriente, si afinal desabrochava para elles em realidade o sonho, que entretinha a Europa, desde os tempos de Alexandre. Alli, nações e imperios opulentos, cidades immensas, povos industriosos, civilização antiquissima, principes decadentes, um mundo, emfim, dobradiço a todos os jugos, á espera sempre

de novos donos: eis o prospecto da conquista, que tinham a peito, dilatando ao mesmo tempo, que o da patria, o recinto christão. Não podiam, consequentemente, achar nas aguas merencorias do monte Paschoal a Sereia, que os encantasse, a elles, que encetavam o mais sublime episodio de sua portentosa epopéa.

Não dispunha, emtanto, o pequeno reino de forças, nem de cabedaes ao nivel do proprio heroismo; e por isso cahiu logo em tanta penuria financeira, que seu Rei, Dom João III, tendo tudo gasto, e tudo empenhado, para sustentar as armadas, foi considerado na conta de soberano o mais pobre da Europa. « Portugal, advertia a Curia Romana ao Nuncio em Lisboa, tem chegado á tal limitação, que é de pouquissimas forças; e seu Rei, além de pobrissimo, com grandes dividas dentro e fóra do Reino, e pesadissimos juros, que tem de satisfazer, é mal visto do povo, e muito mais ainda da nobreza. » Foi nestas circumstancias, que o Brasil entrou a figurar no equilibrio da Metropole.

Noticias vagas, mas insistentes, começavam então a girar, de grandes riquezas mineraes, jacentes no sertão, a sudoeste da Bahia, 200 leguas a dentro: onde, posto que difficil, seria possivel penetrar; e taes boatos tanto mais vinham para se crer, quanto o exemplo das maravilhosas jazidas do Perú os animava. E, com effeito, a natureza não seria tão parcial de se suppôr, que negasse a este lado do continente o que ao outro havia prodigalizado a mancheias. Além disso, como se vê das instrucções, que traziam os aventureiros de Porto Seguro, o Rei com todo o cuidado recommendava-lhes, não se adiantassem muito contra o interior; afim de não invadirem as possessões hespanholas: tal era a suspeita da vizinhança, que mais fortificava aquella persuasão.

Quanto aos boatos, que assim se incorporavam, de dia em dia mais calorosos, tinham effectivamente uma força de razão indiscutivel; pois nasciam dos proprios aborigenes. Diogo Alvares Corrêa, o chamado Caramurú, tendo longos annos vivido em meio delles, colheu e mandou para Portugal os primeiros informes daquellas riquezas; e, não ha duvidar, proveiu dessa moção o relatorio, que o embaixador em Paris enviou a El-Rei Dom João III. (1)

---

(1) Personagem positivamente historico, o Caramurú tornou-se todavia figura de legenda. Nunca disse e nem se soube em que não, e em que tempo naufragou. Elle, e o bacharel Chaves encontrado em Cananéa, mais crivel e que fossem os dous degradados postos em abandono por ordem de Cabral; e que mudaram de nome por conve-

De posse das informações, e, querendo o Rei acabar com os entrelopos extrangeiros, que frequentavam o Brasil e commerciavam com os indios, além de ser conveniente encetar a obra dos descobrimentos, determinou se colonizasse a costa: mas, não tendo recursos proprios, serviu-se da iniciativa individual; e neste pensamento dividiu a nova terra em doze provincias, dadas em senhoriagem a pessoas, que as quizeram acceitar, sob a condição de proverem ao governo e ao povoamento dellas.

Coube a Bahia em sorte a Francisco Pereira Coutinho, que installou a capitania em 1537, achando em Caramurú o seu mais dedicado servidor. Vivia este no sitio da Villa Velha, onde hospedou o donatario; e ahi deram ambos começo a projectada colonia. Convém observar como esses titulares, dispostos a se embarcarem para a America, vendiam o que tinham, sacrificavam cabedaes e credito e abandonavam o regaço da terra natal por uma outra desconhecida e bravia: passo que não se poderia explicar, sinão pela esperança de grossas riquezas. Pensavam que o Rei, como fazia o de Hespanha, repartiria com elles as minas e os indios, conduzidos á escravidão ou a regimen equivalente. (2)

---

niencias manifestas. A viagem de Caramurú com a mulher indigena, com quem se casou, filha do cacique Cunãbebe, e puro romance anachronico: porque Henrique II e Catharina de Medicis subiram ao throno em 1547, anno justo, em que o Caramurú naufragou, voltando dos Ilheus, com o Donatario Coutinho, na Itaparica, e desse anno em deante o romance não teria logar. O anno de Catharina, dado á Paraguassú, mais provavel é que se tirasse da Rainha de Portugal, tambem Catharina, mulher de D. João. Mas, pela Bahia desde 1503 começaram a passar muitos navios dos armadores de Dieppe; e seria por meio de um delles, que o Caramurú enviou o seu relatorio ao Embaixador Portuguez em França.

Não menos imaginario e o nome tirado ao espanto da arma de fogo, episodio alias bem certo. Caramurú significa *moreia*, peixe, que se apanhava entre as pedras do mar. Chamaram-no Caramurúguassú (moreia grande), por apparecer entre as pedras.

(2) Effectivamente, vindo o Reino a pertencer ao Rei de Hespanha, foi o que depois succedeu, como se vê do art. 10 do Regimento das Terras Mineraes do Brasil de 8 de agosto de 1618, mandando repartir os Indios pelos senhorios das minas com a clausula de serem sustentados, não trabalharem de mais e de serem pagos a salario. Imagine-se que sophisma! O mesmo dispunha o Regimento das Minas de Prata de Itabaiana de 28 de junho de 1673, e com maior hypocrisia,

O systema de relações com os indios foi, como sabemos, o da senhoriagem exercida, em crescente crueldade, á proporção que os infelizes desconfiados começaram a fugir e a odiar os colonos. (3)

Na Bahia principalmente os europeos opprimiram e vexaram os naturaes de modo, que não passou muito tempo; até que rebentou o conflicto, fundindo-se a colonia no mais estrondoso dasastre, que nunca se viu. Com effeito, dando-se alli uma rixa, em que foi morto por um novato o filho de certo indio principal, a guerra soltou-se com a furia dos rancores condensados; e, após oito annos sem treguas, finalizou pelo desbarato inteiro dos dominadores. O donatario, para escapar á morte, e bem assim o Caramurú, accusado por cumplice de seus compatriotas, tiveram de embarcar para a capitania proxima dos Ilheos, pertencentes a Jorge de Figueiredo Corrêa, acaso mais feliz por tel-a povoado com os *tupinaki*, tribu benevola, que recebeu em 1500 a visita de Pedro Alvares Cabral.

Eram os *tupinaki* profugos do sertão das esmeraldas, de onde os expulsou, annos antes, a nação ferocissima dos *Aymoré*, formidaveis canibaes. Os vencidos, derramando-se por isso em todo o littoral, desde Camamú ao Cricaré (S. Matheus), não sómente povoaram os Ilheos, mas tambem o Porto Seguro, capitania esta, que sobre todas floreceu, graças á prudencia e tino de seu donatario, Pero de Campos Tourinho. Nobre cidadão de Vianna de Minho, o mais morigerado districto do Reino, aportou com toda sua familia, parentes e adherentes em grande numero, trazendo o necessario para um bom estabelecimento; e logo fundou tres villas, que prosperaram na melhor ordem, como se viu, com o concurso daquelles indios facilmente amolgados á vida civil.

Não lhe foi, porém, de somenos importancia deparar em Porto Seguro com a velha Feitoria, que D. Manoel mandara erigir a bem do commercio do pao-brasil (*ibirapitanga*); na qual, apesar de arruinada, viviam alguns portuguezes, que serviram de guia e de interpretes aos recemchegados compatriotas.

Entretanto, com o commercio dos Europeos, e a boa administração, a principio introduzida, a Bahia tinha avançado o sufficiente para não retroceder á vida selvagem: e pois, decorrido algum tempo, serenando-se os animos, que se inclinaram a crer, foi excessivo o castigo imposto ao donatorio, mandaram emissarios aos Ilheos, afim de o convidarem a

---

(3) Chamavam aos brancos *Caraiba*, ou *Carib.*, que queria significar *animal voraz e ruim*, *Car* e *iba*, raizes que trazem a idea de dilaceração e maldade. (Couto Magalhães — *O Selvagem.*)

que voltasse á sua capitania, onde lhe promettiam paz e obediencia. Temiam os bahianos, alèm disso, que o Rei mandasse arrasar a colonia revoltada.

Como quer que fosse, Coitinho, apenas recebeu a deputação, por demais enojado com a vida ingloria do exilado, em terra alheia, deliberou partir sem demora: mas com tão calamitosa estrella, que, contrastado por furiosos temporaes, deu com a náo sobre os cachopos da Itaparica; e cahiu prisioneiro, com todos os seus, sendo todos devorados pelos gentios, menos o Caramurú, a quem a mulher o salvou, commovendo lacrimosa os barbaros de sua raça.

Considerada em consequencia a capitania acephala, o Rei deliberou incorporal-a á Corôa, afim de que se erigisse na Bahia a séde de um governo forte, palpitante necessidade da colonia, quer para se reprimir a guerra dos indios, generalizada por toda a costa: quer para se impedir o trafico dos corsarios que salteavam as nascentes povoações littoraneas e as saqueavam.

Situada em posição feliz, dispondo de insigne ancoradouro e de terrenos gratos a toda sorte de generos tropicaes, a Bahia, elevada á capital do Brasil, recebeu festejante o primeiro Governador Geral, Thomé de Souza, a 29 de março de 1549, cuja administração começou immediatamente com applauso de todos; mas com o especial concurso do Caramurú, bemfazejo vulto, que assistiu á iniciação de nossa patria, desde os mais remotos tempos historicos.

II

Expedição de Spinosa

Na frota do Governador Geral, composta de cinco náos, além do pessoal administrativo, transportaram-se 600 voluntarios, 400 degradados, colonos e operarios, destinados ao povoamento da nova cidade, que vinham edificar para substituir a Villa Velha; cujo local demonstrou-se, pelas vezes que foi assaltado, muito facil ao accesso dos selvagens. O que, porém, devemos mencionar, como de maior conta, foi a chegada tambem dos primeiros Jesuitas, que vinham á catechese, então confiada a padres incompetentes e desmoralizados. Os Jesuitas foram: Manoel da Nobrega (superior), João de Aspicueta Navarro, Antonio Perez e Leonardo Nunes (Presbyteros), Vicente Rodrigues e Diogo Jacomo (irmãos).

Escusado é lembrar a situação, que o primeiro Governador veiu encontrar. Além da construcção da cidade, e da machina administrativa, que tinha de montar, a subversão dos

costumes, a anarchia, e toda a caterva de vicios formavam os peiores inimigos que tinha a debellar. (4)

Logo, porém, que se desafogou dos principaes trabalhos e mais urgentes, acertou o Governador de se entender com o negocio dos descobrimentos, tão instantemente recommendado pelo Rei, querendo mesmo levar a gloria, quando voltasse, de os haver iniciado.

Como alludimos, foi o Caramurú o primeiro informante a respeito dos sertões e, na vez que esteve refugiado na Capitania dos Ilheos, teve tempo de conferir com os *Tupinaki* as noticias, que já os *tupinabá* lhe haviam dado na Bahia: pois, estes outr'ora perambulavam tambem o sertão, de onde foram expulsos pelos *tupinaên*, sendo que principalmente do Sincorá tratavam, por onde haviam descido em busca do Paraguassú. (5)

Por toda a costa era, portanto, corrente a tradição das esmeraldas, que os indios, pela observação das vestimentas e do preço, que os brancos devotavam ás pedras e aos metaes preciosos, entenderam noticiar como existentes, exagerando mesmo a possança das jazidas.

Em Porto Seguro, civilizando-se elles de prompto, e se congraçando com os portuguezes, não sómente fixaram conhecimentos mais amplos, sinão tambem indicaram por onde os caminhos dariam mais certo.

Neste particular, Thomé de Souza, correspondendo-se então com Pero de Campos Tourinho, habilitou-se a pôr hombros á empresa: e principalmente se alegrou, sabendo que em Porto Seguro havia um castelhano, Francisco Braza Spinosa, egresso do Perú, com pratica especial de procurar os metaes, onde quer que os houvesse: e aventureiro que se offerecia, mediante clausulas vantajosas, a sahir em busca das esmeraldas, quando ao Governador bem lhe parecesse. Assim, no intento de visitar as capitanias do Sul, e dellas dar contas ao Rei, tanto como de instruir e ordenar a diligencia de Spinosa, partiu Thomé de Souza para Porto Seguro nos ultimos tempos de sua administração. (6)

---

(4) A carta de agosto de 1549, escripta pelo padre Nobrega ao Provincial da Companhia de Jesus, é uma acta dessa epocha. A polygamia e a devassidão campeavam em absoluto. E' nessa carta que o Padre pedia que lhe mandassem mulheres do Reino, ainda que fossem *erradas*, si não tivessem de todo perdido o pudor, para casal-as.

(5) Os *tupi* dividiram-se em *tupi-na-bá* (tupi-parentes legitimos), em *tupi-na-ên* (tupi-parentes novos), e em *tupi-na-ki* (tupi-parentes máos). Os *nabá* foram expulsos do Paraguassú pelos *naên* para a Bahia; e os *naki* pelos Aymorés para os Ilheos e Porto Seguro.

(6) Na Thesouraria da Bahia ha os seguintes documentos:

« N. 1.262. Aos 8 de março de 1553 passou o Provedor Mor Anto-

Em companhia do Governador, além dos officiaes e funccionarios civis, embarcou tambem o Padre Nobrega em serviço de seu ministerio, inspeccionando as Missões, que já então se haviam distribuido. Ao Padre Navarro confiou-se a de Porto Seguro; e como Thomé de Souza se entendesse com o Superior Nobrega, para que o mesmo Navarro entrasse de Capellão na comitiva, concordou tal pedido com os desejos deste, manifestado a Pedro de Campos Tourinho; e foi effectivamente nomeado.

As difficuldades, emtanto, aposta das áorganização da impresa illudiram a esperança de Thomé de Souza, deixando elle de ver, quando desejava, a partida de sua expedição: mas as cousas ficaram em tal pé, que ella effectivamente se poz em marcha nos primeiros dias do governo de Duarte da Costa (13 de junho de 1553).

Historiando esta primeira investida ao Sertão, diz o Padre Navarro, em uma das Cartas Avulsas da Companhia de Jesus... internaram-se os sertanistas, como convinha a um paiz inteiramente desconhecido, com todas as cautellas; e, depois de muito andarem, chegaram ao Rio Grande (Jequitinhonha), de onde subiram e prolongaram uma dilatada serra, até onde nasce o rio das Ourinas (Rio Pardo)... Dahi seguiram a um rio caudalosissimo (o S. Francisco), do qual retrocederam exhaustos; e tambem porque, apesar do numero de indios, a commitiva só podia contar com 12 companheiros seguros.

«Eram, descreve o Padre aquelles sertões ainda virgens, intrataveis a pés portuguezes, difficultosissimos de penetrar, sendo necessario abrir caminhos á força de braços, atravessar innumeras lagôas e rios, caminhar sempre a pé, e pela maior parte sempre descalços; os montes fragosissimos, os mattos espessissimos, que chegavam a impedir-lhes o dia. Entre estes trabalhos muitos desfalleciam, muitos perdiam a

---

nio Cardoso de Barros dous mandados para Pero de Pina, Feitor da Capitania de Porto Seguro, que désse a Spinosa Castelhano, na dita Capitania morador, todo resgate, que houvesse mister para ir ao Sertão a descobrir por mandado de Thomé de Souza ».

« Aos 12 de março de 1552 passou o provedor Mór mandado ao dito Thesoureiro João de Araujo, que entregasse a Pero de Pina. Feitor e Almoxarife de Porto Seguro. os resgates seguintes: 45 covados e 3 quartos de panno vermelho de 35 reis o covado; 40 tesouras de 240 réis cada uma: 20 maços de matamundo de 100 réis o maço: 30 duzias de pentes de 10 a real; 30 maços de 4 a real: 12 chapeos de 140 cada um; 3 barris de páo para ir ao resgate.

Entre as duas éras — 1553 e 1552 — acima inscriptas, deve prevalecer a de 52, sendo a outra um erro evidente de copia talvez. A relação dos objectos deve ter sido feita depois dos dous mandados. Thome de Souza largou o Governo a 3 de março de 53. Os mandados devem ser a data anterior a sua viagem ao Sul.

vida». Tal foi a primeira expedição que devassou o nosso territorio. Si seus fructos foram nullos, quanto ao proprio objecto, serviu ella ao menos para dar a conhecer o Sertão, do qual Spinosa tomou as latitudes, examinou os terrenos, e colheu informações, encontrando indicios geologicos de ouro e de outros metaes, sobre certificados tambem mais positivos da região diamantina, como de facto mais tarde se descobriu. A dilatada serra que prolongaram, foi a do Grão Mogol, da Itacambira, das Almas, nomes diversos: serra por onde se vae do Serro aos Montes Altos do sertão baiano, formando o districto, que os indios annunciavam; quer os que haviam descido a fio dos rios mineiros para a costa de Porto Seguro, quer os que pelo Paraguassú levaram para a Bahia as informações, de que se instruiu o Caramurú.

A historia, guardando em suas cavas memoriaes preciosas, sente-se no dever de restituir á luz das tradições, o nome deste aventureiro celebre, a cujo respeito Mem de Sá se exprimiu, na Carta de Mercê que lhe concedeu em 1.560 «.....castelhano, grande lingoa, homem de bem, de verdade e de grandes espiritos».

Entretanto, os fructos colhidos pelo Padre Navarro foram copiosos; porque arrebanhou grande numero de indios para os aldeamentos da Companhia de Jesus em Porto Seguro. Spinosa, portanto, foi o primeiro conquistador, que pisou em nossa terra: e o Padre Navarro o primeiro Apostolo, que nella proclamou a nossa religião.

III

Expedição de D. Vasco

Dom Vasco Rodrigues Calda, sendo vereador na Bahia mui dedicado á causa publica, animado com as noticias do sertão, colhidas por Spinosa, e sempre confirmadas pelos indios que chegavam, acertou de emprehender uma entrada no sentido de concluir a diligencia. Como já notamos o districto das pedras preciosas, cousa que depois se vericou, era extenso e denunciado pelos indios, segundo a posição, de que sahiam para o littoral. Mas na mente dos aventureiros figurava-se, como limitado a um só ponto, para onde corriam os varios roteiros. A noticia agora, que animava a Dom Vasco, sendo especialmente relativa ás riquezas do Sincorá, pensou elle que, subindo pelo Paraguassú, encontraria o mesmo cantão reconhecido por Spinosa; cujo mau exito, se dizia, proveiu da insignificante companhia, com que se aventurou. Querendo, portanto, Dom Vasco emendar-

lhe a mão, partiu, com 100 homens, em 1562, caminho do Paraguassú, pelo qual se entranhou 70 leguas acima; com a infelicidade, porém, de encontrar os *Tupinaên*, ferozes dominadores do rio; pelo que teve de retroceder, completamente desbaratado deante dos barbaros, segundo o Padre Leonardo do Valle, a quem se deve a menção desta tentativa. Tanta, porém, era a fé de Dom Vasco Rodrigues, que na occasião, como se lhe offereceu, partiu para Lisbôa a effeito de organizar uma outra expedição; mas de lá não voltou.

IV

Expedição de Carvalho

O mallogro destas diligencias teria por muito mais tempo desanimado o espirito dos aventureiros, si um novo incidente suggestivo não viesse a tempo de inflammar as ambições. Em 1570, occorreu que alguns indios, descendo do Arassuahy, e sabendo como os europeos estimavam as pedras brilhantes troxeram para Porto Seguro grande quantidade, das que suppunham ser esmeraldas. Submettidas a exame, verificou-se que effectivamente o eram; mas de nenhum valor, visto se acharem estragadas pelo sol, indicativas entanto que, nas camadas inferiores da jazida, se deveriam encontrar das mais finas e bellas. Deante disto, Martim de Carvalho, á frente de 50 companheiros, tomou o caminho do sertão, por onde penetrou 200 leguas, e colheu varias amostras de pedras e metaes; mas teve de retroceder deante das contrariedades que as molestias e os barbaros lhe oppuzeram. Decendo, entanto, pelo S. Matheus, a canôa, em que transportava as amostras, cahiu de uma cachoeira, ficando assim completamente perdidos os sacrificios desta commitiva. Pedro de Magalhães Gandavo, que nos conservou a memoria desta aventura, segundo o novo itinerario, tendo della feito parte, concorreu á elucidar a posição do districto, para onde então convergiam todas as esperanças; e nisto reuniu-se o esforço de Martim de Carvalho.

Entrementes, sabemos que tambem por estes tempos, do Maranhão e da Bahia empregavam-se esforços para a catechese no interior dos sertões. Em carta dirigida ao Rei sobre as Missões, datada de 1660, 11 de fevereiro, o padre Antonio Vieira diz que com o padre Manoel Nunes sahiu em diligencias de seu ministerio 250 leguas a dentro do sertão, e foi ter á confluencia do Araguaya com o Tocantins, e neste a 6 gráos arrebanharam 300 indios *inhanguera* (Anhangueras): e decidiram a ser catechizados os *Poquigua-*

ri e os Tupinambá. Não havendo, porém, relação entre a nossa historia e estas outras expedições, dellas não faremos particular indicação.

V

Expedição de Tourinho

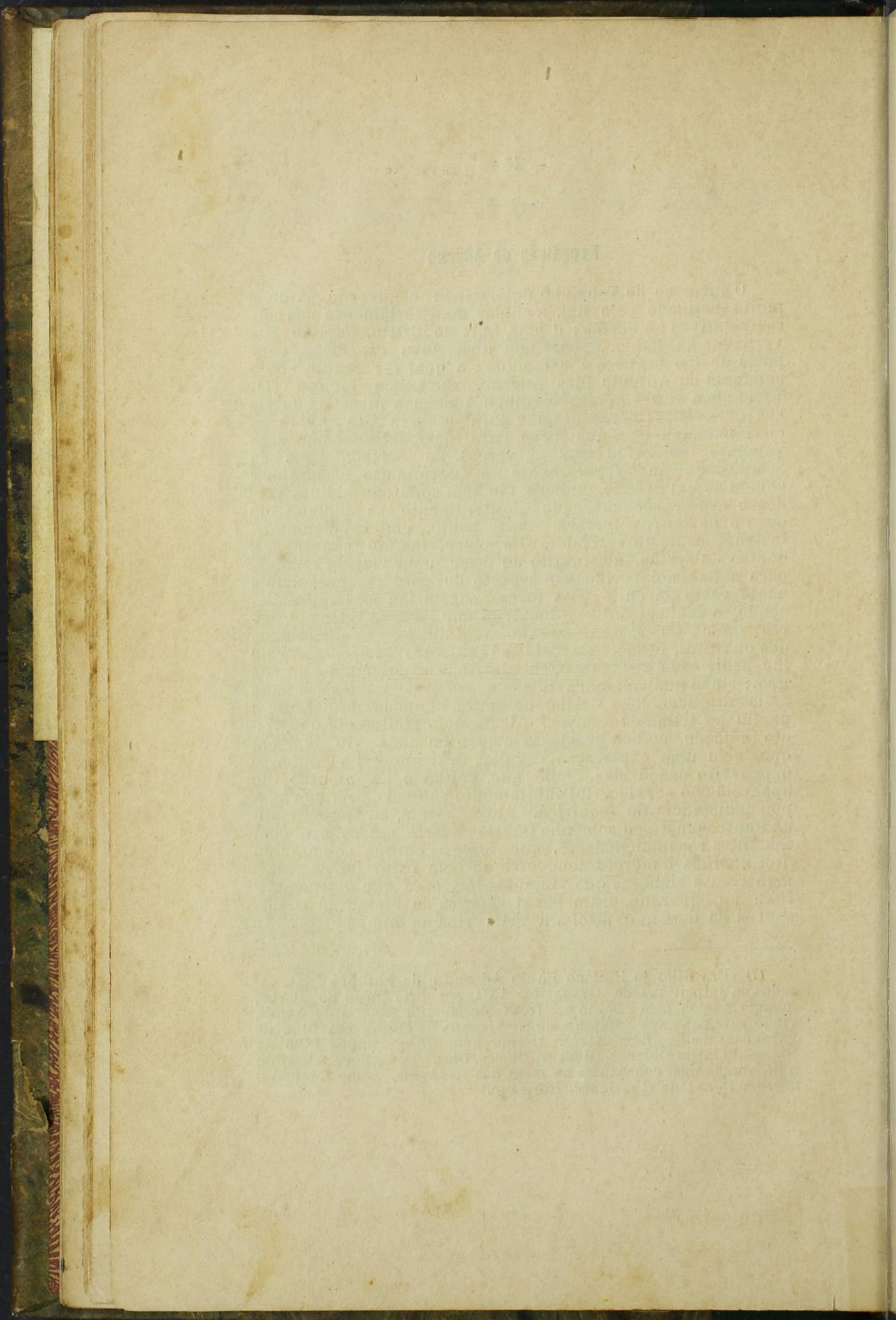
A certeza inabalavel dos thesouros mineraes, progressivamente augmentada por estas expedições, suggeriu a famosa exploração de Sebastião Fernandes Tourinho, sobrinho do donatario do Porto Seguro, moço de grandes espiritos. Tomando conhecimento mais completo, e combinando as indicações communs dos roteiros, deliberou resolver o problema pela directriz do Rio Doce, evitando assim o paiz dos Aymorés, que dominavam a serra e as passagens de Porto Seguro. Com os elementos de que dispunha, organizou uma tropa de 400 sequazes, bem municiados, e, vindo para a foz do Rio Doce, tentou invadil-o; mas a força da correnteza, em lucta com o mar, não só o repelliu, mas causou-lhe avarias e damnos irreparaveis; pelo que dirigiu a comitiva para a villa do Espirito Santo, no interesse de augmentar os aprestos; e no tambem de esperar em bom pouso que voltasse a estação favoravel. Effectivamente, no outono do anno seguinte (1573), tornou a caminho, mas agora em linha horizontal ao Guandú, por cuja costa desceu até onde podia atravessar, buscando as aguas navegaveis do Manhuassú: e deste então passou-se para o Rio Doce, encontrando por ahi o seu leito apaziguado acima das cachoeiras. Pelo Rio Doce assomou para a barra do Coaraceci (rio sol), no qual sulcou 40 leguas: e neste ponto, que as cachoeiras interceptavam, saltou em terra, andou 30 leguas, e colheu bellissimos exemplares de pedras azues. Mais adiante, 6 leguas, colheu saphyras, esmeraldas, e crystaes de primeira qualidade, além de boas amostras de minerio aurifero, jazidas todas, que ficavam junto a uma serra fragosa e coberta de mattas espessas: cuja altura da base ao pico se calculava no tamanho de uma legua, e que se suppõe ser o *Itambé* (pedra de amolar). Dahi transpondo a serra, a comitiva seguiu e se achou no *Jequitinhonha*: pelo qual fez caminho ao littoral e foi ter á Bahia. O exito feliz desta jornada, como soe acontecer sempre, deferiu a Tourinho a palma de primeiro descobridor de nosso territorio, sem embargo de ser apenas o afortunado continuador dos precedentes.

VI

Expedição de Adorno

O successo de Tourinho determinou o governo, já de si muito instigado pelo Rei, a cuidar mais seriamente das cousas relativas ao Sertão; e pois, Luiz de Britto, Capitão Governador da Bahia, apparelhou uma nova expedição, composta de 150 brancos e 400 indios; a qual fez seguir sob a conducta de Antonio Dias Adorno, sertanista famoso (7). Tomando a si a empresa, escolheu Adorno a directriz do rio das Caravellas; como athalho para a Serra dos Aymorés, circumstancia esta que serve para demonstrar como activamente se estudavam as veréas do Sertão. Além da Serra, e entrando francamente no districto das Esmeraldas, colheu-as em grande numero, tão bem como tormalinas verdes e azues, reconhecendo positivamente os indicios de ouro e de outros metaes. Deste ponto, em obediencia ás instrucções do Governador, alargou-se, quanto convinha, a dentro do sertão, no intuito de fazer uma viagem redonda para a Bahia, e verificar o aspecto do paiz comprehendido nesse vasto circuito. As forças, porém, lhe foram desfalecendo, e cahiu doente no Jequiriçá em casa de Gaspar Soares; onde foi generosamente agasalhado. A curiosidade dos ouvintes, despertada pelo aventureiro não cançava de lhe pedir cada vez mais particularizada a descripção da viagem; sinão quando, maravilhado e acceso de ambição, a nada mais attendeu João Coelho de Souza, cunhado de Soares; e partiu na trilha de Adorno. Alcançando facilmente o districto indicado, colheu preciosas amostras: mas viu tambem que, sem uma exploração regular, era impossivel obter-se o proveito das jazidas. Pelo que, voltando na intenção de apparelhar o serviço, foi subitamente salteado pela morte, á pouca distancia de Jequiriçá. Antes, porém, de morrer mandou entregar a seu sobrinho Gabriel Soares um roteiro com instantes recommendações, que fosse á Europa solicitar do Rei auxilios e mercês tendentes ao bom exito do descobrimento. As riquezas que viu, dizia-lhe, para que o transmittisse ao Soberano, eram por si capazes de restaurar os thesouros da corôa, e fazel-a a mais rica do mundo.

---

(7) Era filho do italiano Paulo Adorno e de Philippa Dias, casados na Capellinha da Graça em 1534 por Frei Diogo de Borba, quando passou pela Bahia na frota de Martim Affonso de Souza, vindo este para sua capitania de S. Vicente. Philippa era filha de Paraguassú e de Diogo Alves. O sobrenome *Dias* significa filho de Diogo, do latim Didacus. Didaces, Diaces, Dias. Os antigos falhavam a pronuncia das consoantes no meio das palavras, como de Pedro fizeram Pero; de Rodrigues, Roriz etc.

CAPITULO SEGUNDO

PERIODO HESPANHOL

I

Gabriel Soares

Quando Gabriel Soares apresentou-se na Europa, já reinava sobre Portugal o Rei Philippe II de Hespanha (1586).

Absorvido quasi que exclusivamente pelos negocios da politica externa, um rei apenas haveria mais assoberbado na epocha. Desabava para o sul da Europa a borrasca protestante, bellicosa, conquistadora; e Philippe II, successor de Carlos V, era o chefe militar do catholicismo. Seu vasto imperio, que o sol nunca deixava de allumiar, esboroava-se e combatia de lado a lado.

Os Estados Flamengos insurgiam-se. As possessões da Italia soffriam o contraste dos interesses dynasticos.

E na propria peninsula, Portugal, considerando-se presa da usurpação, dos inimigos era o mais perigoso. Colonia então o Brasil, onde interesses de nobres não transigiam com o jugo extrangeiro, ardia sem tregoas nem desfarces o espirito da independencia. Não se deve, pois, arguir a Philippe II não ter o tempo preciso para ouvir e despachar as propostas de Soares.

A principio figurou-se que o Rei de proposito procrastinava o assumpto, não querendo promover o engrandecimento da parte lusitana da monarchia; mas depois se viu que os Ministros, temendo sempre as suspeitas do soberano,

foram os mais culpados; pois, logo que perceberam o agrado deste, liberalizaram os maiores favores ao pretendente.

As provisões passadas a favor de Soares foram amplas, e de mais munificientes, quanto podia desejar. Mandou o Rei que o Governador Geral do Brasil puzesse á sua disposição 200 indios sagittarios das Aldêas reaes; e concedeu-lhe o titulo de Governador da Conquista até o S. Francisco e além si o transpuzesse. Poderia designar quem lhe succedesse nos mesmos privilegios e nomear a quem quizesse para os cargos de Fazenda e de Justiça no seu districto. Concedeu-lhe para quatro cunhados, que iam acompanhal-o, e para dous primos, habito de Christo com 50$000 de tença e o fôro de fidalgos com residencia. Aos dous Capitães, que mais se distinguissem, o habito de Christo. Aos cem mais esforçados companheiros o fôro de fidalgos cavalleiros: além de outras graças e mercês, que Soares ficava no direito de conferir, conforme as circumstancias e o merecimento de cada um. Podia tirar das prisões os officiaes mechanicos e mineiros, que se achassem cumprindo pena de degredo, na qual se levaria em conta o tempo de serviço. O Governador Geral dar-lhe-ia, a mais, 50 quintaes de algodão, mantimentos, embarcações e armas, tudo emfim que exigisse tendente á diligencia.

Além disso, na espectativa dos resultados, o Rei promulgou a Provisão das terras mineraes de 18 de dezembro de 1590.

Satisfeito com estas ordens, embarcou Soares em Lisbôa, em fins do anno de 1591, trazendo consigo 364 pessoas, inclusivé 4 frades carmelitas; mas, apezar de prospera viagem e avistando já as terras da Bahia, naufragou na costa do Vasa-barris, perdendo tudo, menos a tripulação, que se salvou, graças a uma Colonia alli recentemente fundada. (*)

Entretanto, com o mesmo animo obstinado, logo que melhorou dos soffrimentos causados pelo desastre, passou-se para a Bahia, e se apresentou a D. Francisco de Souza, empenhado em satisfazer a vontade do Rei; e ahi concertando o plano da diligencia, deixou o Governador a cuidar do que lhe competia; e seguiu para a sua Fazenda, afim de preparar os recrutas, e as munições de bocca, tendentes á prompta sahida da expedição, que effectivamente se moveu, em meados de 1592, tomando o rumo do Paraguassú, em direitura ao Boqueirão.

Entre as diversas ordens recebidas, segundo as instrucções regias, primava a dos chefes fundarem arraiaes (8) de

---

(*) E' possivel que de tantas esperanças e projectos naufragados, tenha vindo o rifão popular — *deu tudo em Vasa-barris*.

(8) Os bandeirantes alojavam-se á maneira de milicias em marcha, e por isso chamavam *arraial* o sitio do acampamento. Alguns

espaço em espaço, de 50 leguas pelo menos, a effeito de servirem de apoio á conquista e de viveiros á civilização. Eram fócos, que se creavam, de commercio e de animação aos incolas, guarnecendo ao mesmo tempo a segurança dos caminhos. Neste sentido, Gaspar Soares estabeleceu o arraial, que depois se chamou de *João Amaro*, por ser onde este famoso paulista alojou-se, quando foi combater os indios insurrectos do Rio Grande, do Ceará (1595).

No momento, em que Soares dispunha-se para diante, e fundava o segundo arraial, exgottado de fadigas, cahiu doente; e finalizou a sua carreira com a vida, que a mania das conquistas tão agitada havia gasto. Assumiu, consequentemente o commando da expedição o Mestre de Campo Julião da Costa, que levou o triste desenlace ao conhecimento de D. Francisco, pedindo-lhe reforços tendentes a proseguir nas diligencias. Ao mesmo tempo communicava a morte do fiel Araci, guia da comitiva, lastimando esta perda irreparavel, do melhor dos indios, que então se conheciam.

Diante de todos estes contratempos, D. Francisco entendeu por mais prudente cortar com sacrificios novos: e como pretendia elle mesmo se collocar á frente de uma grande expedição, despachou que o Mestre de Campo dissolvesse a tropa, e regressasse logo á Bahia.

E assim se frustrou mais esta tentativa. De Gabriel Soares, entanto, mais perduravel nomeada nos resta na obra, que escreveu — *Noticia Descriptiva do Brasil* —, fructo, que concebeu no meio dos dessabores soffridos na Europa: e que lhe compensa ainda com as nossas recordações o desventurado destino.

II

D. Francisco de Souza

Entretanto, o periodo governamental de D. Francisco de Souza, terminando em 1593, retirou-se elle para a Europa; mas a confiança, que soube inspirar ao Rei, quer pelo talento de o bem servir, quer pelo de a todos agradar, foi tanta que, passado algum tempo, voltou ao Brasil no caracter de Governador Geral das Capitanias do Sul (Espirito

---

convertiam-se em povoados e conservavam o titulo para os distinguir das *Aldêas*. Um *arraial* considerava-se orgulhoso desse titulo: porque as aldeas pertenciam a indios, governados por leis excepcionaes e humilhantes. O arraial gosava dos direitos communs e entrava no regimen civil geral do Reino.

Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente). A estas delegações o Rei lhe addicionou o titulo de Administrador Geral das Minas, que já então se iam descobrindo na região meridional de S. Paulo, e das que provavelmente seriam a seu esforço descobertas. Afiançou-lhe tambem o Rei que do momento, em que as minas produzissem renda equivalente a 500 mil cruzados, teria uma pensão de 30 mil annuaes, e lhe faria a mercê de Marquez das Minas. Animado com estas recompensas, veiu D. Francisco de Souza resolvido a metter hombros nos emprehendimentos, quaesquer que fossem, os mais arduos, á exploração dos Sertões.

Aconteceu então com elle o caso de Roberio Dias, que constitue uma das lendas mais caracteristicas d'aquella antiguidade. Descendia Roberio do casal de Paraguassú e Diogo Alvares, progenie, que o Rei afidalgou e que, dadas as condições do tempo, tornou-se opulenta. Nenhum, porém, destes descendentes excedeu em brilho ao que deu logar a este episodio. Possuia vastos latifundios, numerosa escravatura, e palacios mobilados com fasto principesco. O que, porém, enchia de pasmo aos contemporaneos era a enorme quantidade de prata, de que se servia em baixelas de subido lavor. A sua Capella em alfaias offuscaria as mais ricas de todo o Portugal. Não contente ainda com tanta fortuna, ou, si quizerem, pelo fogo mesmo que ella soprava, metteu-se na mania de ser nomeado Marquez das Minas; e com este intento partiu para a Europa a se entender com o Rei, propondo-lhe o titulo em troca do segredo, em que tinha as jazidas. E era com este mysterio, que mais inflammava a imaginação do povo.

Na Côrte estadeou qual um nababo, atordoando a phantasia dos aulicos; fazia presentes de principe; e deslumbrava as mulheres; mas, pensando com isto chegar a seus fins, envenenou-se a si mesmo da inveja e do despeito. Os fidalgos irritavam-se, quando viam o mestiço fazendo rasgos, quaes o proprio Rei não conseguiria; e quando souberam qual era a sua pretenção, oppozeram-se enfurecidos, allegando que o titulo em questão só poderia ser deferido á pessoa da mais fina linhagem do Reino. Na difficuldade, em que se collocou o Soberano entre o desagrado da nobreza portugueza e o desejo das minas, acertou de conciliar as cousas: fez e prometteu outras graças e privilegios a Roberio Dias: e afiançou a D. Francisco, homem nobre de sangue, o titulo de Marquez para tirar aos fidalgos toda suspeita de transacção. O Rei teve medo.

Roberio, tendo promettido emtanto mostrar as minas de prata a quem as viesse procurar, partiu para a Bahia; e pouco depois chegou tambem D. Francisco para com elle demandar o Sertão naquella diligencia. Não se sabe o que se passou na mente de Roberio; o certo, porém, é que, arrependido da promessa, ou despeitado, quando soube que o

seu titulo estava antecipadamente dado, sahiu com D. Francisco para o interior, onde, sem nada adiantar, fez que o rival perdesse 200 leguas de inutil caminhada. Este, afinal, cahindo na certeza do logro, retrocedeu e lançou mão de violencias, mandando encarcerar o illusor, e tortural-o para lhe arrancar o segredo; mas em pura perda porque Roberio quiz antes morrer do que indicar as jazidas; e, como para nunca mais se ellas encontraram, a lenda adquiriu o seu maior encanto.

Outros, emtanto, dizem que Roberio Dias morreu antes de qualquer desenlace, deixando as minas sepultadas no mysterio, e a D. Francisco desalentado no exame a que procedia. Como fosse, o que parece é que a lenda de Roberio Dias pertence á casta das que se contam em todos os paizes no mesmo sentido. Faz lembrar o episodio commovente do principe mexicano, morrendo nas torturas do fogo, mas firme em não indicar aos algozes o sitio dos thesouros paternos, episodio historico de que nasceram taes lendas. D. Francisco desenganado deu por finda a sua missão na Bahia, e partiu para o sul a tomar posse de seu governo, chegando a S. Paulo na occasião, em que mais se falava das minas descobertas da Vuturuna e de Biraçoiaba, já estando tambem conhecidas as de Jeraguá e Parnaguá.

A esse tempo, egualmente, Affonso Sardinha havia descoberto as minas de Jaguamimbaba (9) pelos annos de 1597, alargando-se, portanto, o campo de actividade, em que ardia o Administrador Geral, que procurava empregar-se entabolando as explorações e promovendo a descoberta de outras jazidas. De facto, sahindo corajosamente neste proposito, passou por Jaguamimbaba e d'ahi desceu á região do Sapucahy, acompanhado do naturalista allemão Glimmer, que foi o primeiro homem de sciencia, que penetrou em nosso territorio. Emtanto, quando mais lhe parecia sorrir a fortuna; eis que a morte o sorprendeu em S. Paulo aos 11 de junho de 1611, pondo fim á sua carreira aventurosa, tão cheia de serviços e trabalhos.

Seu filho D. Luiz de Souza assumiu as redeas do governo como seu substituto; e seu neto D. João foi quem, annos depois, gosou do titulo de Marquez das Minas.

---

(9) Jaguamimbaba quer dizer Serra das Vertentes. Por se chamar Amantikira a região defronte á Guaratinguetá, que se tornou mais conhecida, o primeiro nome desappareceu e o segundo generalisou-se á toda serra, alterado pelos portuguezes em Mantiqueira. Muitos têm pensado que o nome de Mantiqueira vem da quadrilha de ladrões, que lá houve; mas foi o inverso. O nome da Serra vem dos primeiros tempos e a quadrilha existiu em meados do seculo passado.

III

Marcos de Azeredo

Alguns annos depois, renovaram-se as tentativas pelo Espirito Santo, iniciando-as Diogo Martins Cam, denominado o Magnata; mas sem resultado algum: ao passo que de S. Paulo, por essa mesma epocha, mais ou menos, sahiram Diogo Gonçalves Laço e Francisco Proença, moço fidalgo da Camara do Infante D. Luiz, os quaes, tomando o rumo do Araraquara e Mugy, vieram alcançar o leito do Sapucahy, por onde subiram, perlustraram o Rio Grande, e voltaram pelo Embahú. As aventuras, porém, destes e de outros, que se esvairam no rio do esquecimento, não attingiram a gloria de Marcos de Azeredo Coitinho (o velho), cujas façanhas egualaram, sinão excederam, as de seus predecessores.

Querendo de preferencia deslindar o negocio das esmeraldas, tomou por norma o itinerario de Tourinho, sahiu do Espirito Santo, navegou o Rio Doce até á barra do Coaracimirim (rio pequeno do Sol) hoje chamado Suassuhy (rio do Veado) e, por este assomando, passou-se para as margens de uma lagôa, que sulcou de canôas, no outro lado da qual saltou em terra para ir á Serra, e penetrar na região das esmeraldas.

As pedras que colheu, enviadas ao Rei, produziram estrepitoso resultado, pois no meio dellas, que eram finissimas, achou-se tambem o primeiro diamante, que o Brasil exhibiu. Cessava, á vista destas peças preciosas, a duvida, que ainda annuviava o sertão, e se firmou a crença de riquezas superiores ás da America hespanhola.

De Marcos Azeredo conta-se que morreu encarcerado por não querer desvendar o roteiro das esmeraldas; mas é novella em duplicata á de Roberio Dias. Muito pelo contrario, o Rei procedeu galhardamente com este aventureiro, concedendo-lhe o habito de Christo e o premio de 2 mil cruzados, mercês, de que não poude gosar por ter fallecido antes de lhe serem notificadas (10).

---

(10) O Conselho Ultramarino, em 11 de novembro de 1644, consultado sobre os negocios do Sertão, diz que havia uns 30 annos *um certo Antonio de Azeredo entrara no paiz das esmeraldas*; mas é um erro evidente de nome. Alguns querem crer que Azeredo Coutinho se chamava Antonio Marcos ou Marcos Antonio. São hypotheses, que

Foi Marcos Azeredo quem deixou do Sertão das Esmeraldas, roteiro, planta, e alturas definidas com certa clareza e precisão.

IV

Os Jesuitas

O descobrimento das pedras preciosas parecia questão resolvida por Marcos de Azeredo. Quando elle morreu, preparava-se para sahir de novo ao districto, no intuito de entabolar as minas e aproveital-as, como convinha; circumstancia que então se divulgou, chegando aos ouvidos dos Padres Jesuitas de Porto Seguro e do Espirito Santo. O Padre Ignacio de Siqueira, então Superior, teve a idéa de tomar sobre a Companhia as obrigações da empreza, afim de, explorando as minas, colher o necessario, com que pagasse a enorme divida de 150 mil cruzados e juros, que onerava a Provincia do Brasil; e neste presupposto dirigiu-se ao Rei, pedindo-lhe permissão. O Conselho Ultramarino, consultado, opinou, em parecer de 11 de novembro de 1644, que se deferisse a proposta dos Padres, allegando como estavam no caso de resolver o problema. Dispunham elles, dizia o Conselho, de pessoal idoneo em seus aldeamentos, indios habituados ao sertão; e, de mais, juxtaposto ao odio, que os selvagens mostravam aos seculares, prevalecia o respeito, que votavam aos padres, havidos como seus amigos, e protectores. Eram condições, para que pudesse manter no interior do paiz um estabelecimento duravel e proveitoso, sobretudo, a serviço então principal do mesmo Rei.

Os factos, porém, vieram demonstrar o contrario. Preparada, com effeito, a comitiva e posta em movimento, havia-se internado 50 leguas a dentro do sertão; eis que appareceram signaes e indicios de por alli andar uma horda, que, se reconheceu, era dos *Aymorés*, o terror dos *Tupinakis*, com-

---

não alteram a verdade do facto: e nós preferimos adoptar a opinião dos que attribuem a esquecimento, ou erro, o parecer do Conselho nesta parte, cousa tanto mais facil, quanto, passados 30 annos, sobre factos longiquos da colonia, podiam os Consultores dar um nome por outro, confundindo Marcos com seu filho Antonio, que tambem andou na expedição.

panheiros dos Padres. Amedrontados elles, começaram então a desertar; e os mais reclamaram a volta, ao que os Padres annuiram com a mesma pressa, não querendo entrar em contas com aquelles ferozes antropophagos (11). E assim dissolvida ficou a ultima expedição, tendada no periodo hespanhol.

---

(11) Os *Aymorés*, que haviam expulsado os tupinakis, vinham até á costa perseguil-os. Em tempo de Mem de Sá, colligada toda a tribu, desceram e assolaram as Capitanias dos Ilheos e de Porto Seguro, sendo necessario que o dito Capitão fosse do Rio em soccorro dellas. Debellou e exterminou os inimigos, é certo; mas as Capitanias, como que então cortadas em flor, nunca mais ganharam alento, principalmente a dos Ilheos, que por final foi reincorporada á Corôa, visto ter decahido, tanto que já não era possivel ser restaurada por esforços de particular.

CAPILULO TERCEIRO

EXPEDIÇÃO DO SUL

I

Salvador Corrêa

A restauração de Portugal, em 1640, fazendo renascer a patria, incitou melhores sentimentos a bem da causa publica. Já não era a uma corôa extrangeira, que se tinha de servir. O espirito da Colonia, sempre fiel, inimiga acerrima de todo o jugo de extranhos, reanimou-se; e deu provas de lealdade inconcussa, como se viu no caso de Amador Bueno, que o partido hespanhol quiz por intrigas elevar ao Rei de S. Paulo (12).

Nestas condições, D. João IV, ao tempo de sua coroação, e mesmo em todo o reinado, achou-se tão baldo de recursos, como por ventura o seu antecessor D. João III: e

---

(12) Amador Bueno era riquissimo e homem de muito bom senso, que gosou do maior prestigio. Era filho de Bartholomeu Bueno da Riveira (Sevilhano) e D. Maria Pires, esta filha de Salvador Pires e D. Mecia Fernandes, que era filha de Antonio Fernandes e Antonia Rodrigues: esta filha de outra Antonia Rodrigues filha, do Cacique Piquiroby (de S. Vicente) e de Antonio Rodrigues, um dos dous portuguezes que foram encontrados por Martim Affonso de Souza, e não se sabe como vieram para o Brasil. Salvador Pires era filho de Salvador Pires, casado com D. Maria Rodrigues, que era filha de Garcia Rodrigues e de Izabel Velho, troncos de primeira linhagem em Portugal. A acclamação de Amador Bueno teve logar no dia 1.º de abril de 1641.

tambem concentrou as mais vivas esperanças no sertão do Brasil. No empenho, pois, dos descobrimentos, dirigiu-se o Rei a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Almirante do Sul que dispunha de poderes e faculdades, como de Vice-Rei exercendo em todas as Capitanias *desta repartição* do sul delegações especiaes, provado no merito proprio e no de seus maiores, que foram no Brasil o braço direito de Portugal.

Além disto, escreveu o Rei ás Camaras de Santos e de S. Paulo e tambem aos potentados paulistas.

Era então Capitão Mór Governador do Rio D. Francisco de Souto Maior, que por sua parte recebeu a terminante Ordem de 7 de dezembro de 1644, para se entender com affinco e promptidão no serviço dos descobrimentos, pondo-se em communicação com Salvador Corrêa: e ambos, por intermedio do Padre Francisco de Moraes, deram principio á materia, em accordo com os filhos de Marcos de Azeredo (Antonio e Domingos), que andaram com o pae na expedição e possuiam o roteiro.

Estes dous moços, ao passo que faziam tal proposta ao Almirante, dirigiam-se directamente ao Rei por carta de 16 de abril de 1644, no intento de assegurarem o seu direito de preferencia, diziam, como filhos e parceiros deMarcos Azeredo na feliz jornada, que já mencionamos: carta aquella, que o Rei contestou pela de 8 de março de 1647, acceitando-lhes o offerecimento: carta, porém, que ao tempo, em que chegou ao Brasil, não os alcançou por já estarem em viagem. Em 1546, portanto, Vasqueanes (Duarte Corrêa), sobrinho de Salvador Corrêa, então Governador do Rio, tendo recebido a Carta Regia, approvando as provisões expedidas por D. Francisco de Souto Maior, foi solicito em apressar a sahida dos Azeredos, tanto mais que estes concorreram com todos os aprestos e materiaes, sem dispendio algum da Fazenda Real. Composta de 25 canôas com 17 brancos e 150 indios, a expedição partiu do Espirito Santo em 1647, tão cheia de esperanças quão de infelicidades. Romperam o sertão direito ás esmeraldas, colheram por elle muitas e voltaram; mas a sorte os illudiu de modo que, apresentadas, foram as pedras reconhecidas por falsas. Os Azeredos, comtudo, como acertaram no roteiro, trouxeram informações tão completas, que Salvador Corrêa deliberou formar uma segunda tropa, munida de todos os elementos de exito, como os poderia reunir com os recursos officiaes, de que dispunha: e deu-lhe por chefe o seu proprio filho, João Corrêa de Sá, especialmente indicado pelo Conselho Ultramarino. Mas esta foi a comitiva, que mais infeliz succedeu: porque a meio caminho ficou inteiramente desbaratada pelos barbaros.

II

Agostinho Barbalho

A Bahia, assim como as Capitanias do norte em consequencia das guerras hollandezas, nada mais podiam fazer, senão viver na maior penuria, e, além disso, profundo era ainda o desgosto, que lhe causava o tratado dos Pyreneus (12). O Rei voltou-se neste caso para S. Paulo, onde então primava o genio dos bandeirantes.

Na epocha, em que estas cousas decorriam, S. Vicente havia bracejado pelo littoral, desde Angra até Laguna; e em serra acima S. Paulo havia a seu turno creado tres fócos de irradiação: Itú, que pelo Tieté apontava para os sertões do Paraná e Paraguay; Sorocaba para a Lagôa dos Patos (indios assim chamados) e Rio da Prata; e Taubaté, finalmente, que tendia para as terras altas da Mantiqueira, o sertão dos *Cataguá*.

Pelos annos de 1636, Felix Jacques, morador opulento de S. Paulo, obtendo de Francisco da Rocha, Capitão Mór e Governador Geral da Capitania de Itanhaên pela Donataria Condessa de Vimieiro, D. Marianna de Souza Guerra, a provisão de 20 de janeiro daquelle anno, veiu a conquistar as terras dos indios Jerominis e Puris, em augmento da dita Capitania, e de facto, entrando com o seu corpo de armas, apoderou-se do paiz e fundou o arraial de Taubaté (13), para onde removeu toda sua familia, escravos, camaradas e todas as especies de animaes domesticos, que possuia. Constituido assim procurador da Condessa, desenvolveu a Colonia, que prosperou; e erigiu nella a Villa de S. Francisco das Chagas de Taubaté (1645), cujo fôro installou-se solemnemente em 2 de janeiro de 1646.

---

(12) Por esse tratado, o Rei de Portugal D. João IV, sendo sacrificado á Hespanha, viu-se no apuro de sacrificar o norte do Brasil á Hollanda, ainda que vencida pelos naturaes. Felizmente, a politica europêa baralhou-se de novo e melhor aviso prevaleceu. D. João IV, naquella emergencia, ou tinha de largar o reino e passar a Côrte para o Maranhão, ou tinha de entregar á Hollanda aquellas Capitanias. A Hespanha na outra hypothese offerecia-lhe ceder o Perú para que fizesse o imperio da America.

(13) O signal de plural entre os indios era — eté, aita, ou etá. Assim *Tabua-eté* significa *Tabua-muita*, ou Tabuas. Era uma canna das typhacéas (typha-minor), com que se faziam esteiras. Sertão de Tabuate, pois, queria dizer Sertão das Tabuas.

Neste mesmo anno de 1646, Duarte Corrêa Vasqueanes, Governador do Rio, dando cumprimento ás Ordens do Rei, encarregou ao mesmo Capitão Felix Jacques, de penetrar o sertão de Guaratinguetá (sertão dos passaros brancos) em busca de minas, façanha que o mesmo não se demorou a executar, transpondo a serra da Mantiqueira pela garganta do Embahú, e perlustrando o planalto até o Rio Verde.

Descoberta por este modo a passagem da Serra pelo Embahú (hoje Cruzeiro), e franqueada aos aventureiros, começaram os *Cataguá* a temer maiores incommodos, tendo, a mais, noticias do vigor com que Felix Jacques atacava e reduzia os indios do Parahyba. Resolveram então se concentrar nas mattas a oeste do Rio Grande, e recuaram o seu dominio para os paizes do Piumhy e do Tamanduá, de onde cessaram mesmo as suas correrias, logo que Lourenço Castanho os foi debellar e pôr em debandada. Livre, consequentemente, a entrada do sertão, começaram os aventureiros a subir até o Rio das Velhas e cabeceiras do Rio Doce.

Entretanto, Diogo Gonçalves Laço e Francisco Proença haviam perlustrado a bacia do Sapucahy; e o allemão Glimmer, pelo volume das aguas desse rio e do Paraná, havia calculado a extensão do territorio desconhecido, conceito que, unido agora aos factos de observação, nenhuma duvida deixava sobre a continuidade do paiz até ás nascentes do S. Francisco. O que bastava ser visto para se demonstrar com certeza a possibilidade physica de se passar de S. Paulo ao sertão das esmeraldas. Conhecidas as latitudes tomadas pelos antigos expedicionarios de Porto Seguro, a audacia dos paulistas saberia fazer o restante, que a bussola (agulhão) indigitasse.

Nestas condições, D. Affonso VI, então reinante, mandou Agostinho Barbalho Bezerra a S. Paulo, com Cartas ás Camaras Municipaes e aos potentados, afim de organizar uma expedição que fizesse o caminho, e descobrisse por ahi o districto das esmeraldas, cuja situação orographica ficara descripta por Marcos de Azeredo, e tinha já nas cattas por este lavradas um positivo signal para serem encontradas.

As Camaras de Santos e de S. Paulo, recebendo as Cartas Regias, puzeram-se á disposição de Barbalho; e dos potentados, que lograram a honra das lettras de S. M., figurou no auge do enthusiasmo o velho Fernão Dias Paes Leme, vulto eminente da Colonia, que para logo enviou a Barbalho cem negros carregadores, cem arrobas de carne de porco, mil varas de algodão tecido, e muitos outros generos proprios da occasião, como tudo se viu do termo assignado em 9 de agosto de 1666 (14). A entrega daquelles

---

(14) Era filho de Pedro Dias Paes e de D. Maria Leite da Silva, aquelle de Fernão Dias Paes e D. Lucrecia Leme, esta

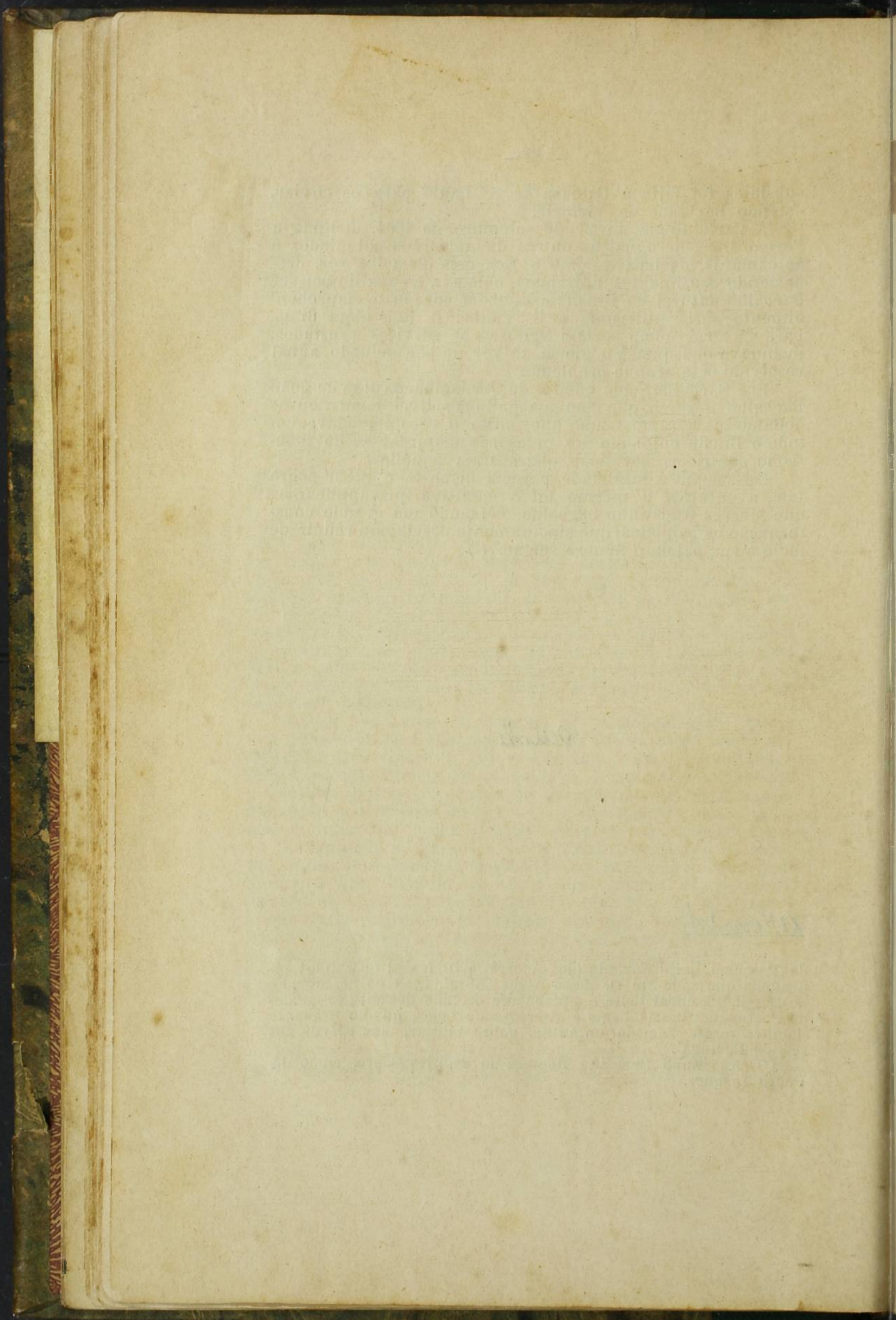
subsidios foi feita á Camara de S. Paulo para os enviar, estando Barbalho na Victoria.

A Carta Regia de 27 de setembro de 1664, dirigida a Fernão Dias, de egual as outras dirigidas aos potentados e ás camaras, declarava como o Rei, pela primeira vez, despertando sentimentos nativistas, confiava no auxilio por ser Barbalho natural do Brasil; e tambem porque o emprehendimento seria utilissimo a S. Paulo. O Rei, além disso, para mostrar como seriam valiosos os serviços prestados, insinuava que queria a gloria de ver no seu reinado afinal resolvido este grande problema.

Era Barbalho, com effeito, de Pernambuco, filho de João Barbalho Bezerra, que com denodo inexcedivel combateu os hollandezes, circumstancia que muito o recommendava em todo o Brasil, cujo odio aos invasores misturava-se de fanatismo contra os hereticos, quaes eram aquelles.

Mas, como a fatalidade parecia disposta a pesar sobre taes aventuras, o mesmo foi a comitiva promptificar-se, que morrer Agostinho Barbalho, deixando em grande consternação os paulistas, que sinceramente desejavam reunir de facto á sua patria o famoso sertão. (*)

de Paschoal Leite Furtado (dos Açores) e D. Izabel do Prado: genealogia que sóbe até D. Maria Alves Cabral, irmã do descobridor do Brasil. Paschoal Leite é egualmente oriundo dos antigos condes de Portugal. O nome Leme é alteração de Lems, que no Brabante significa terra. Vem de um antigo nobre militar, que serviu aos reis de Portugal.

(*) Agostinho Barbalho finou-se no Espirito Santo, como diz Pedro Tacques.

CAPITULO QUARTO

OS PAULISTAS

I

Fernão Dias

Regorgitava então S. Paulo de sertanistas, sendo paixão da epocha as grandes jornadas pelo interior do Continente. Arrebatado, pois, de enthusiasmo pelo commettimento das esmeraldas, propoz-se Fernão Dias a tomar sobre si a tarefa confiada ao mallogrado Barbalho; e neste sentido escreveu ao Senhor de Barbacena, Affonso Furtado de Castro do Rio Mendonça, Governador Geral do Brasil.

Chefe de illustre familia, senhor de vastos latifundios e de milhares de escravos, além de muitas aldeias de indios seus administrados, dispunha de grossos cabedaes com um corpo de armas numeroso: nada pois lhe faltava para o desempenho da empresa. Mas os parentes e amigos, consultados, unanimes oppuzeram-se ao temerario projecto, allegando a idade em que se achava para tão formidavel aventura. Fernão Dias, porém como sempre, ficou inabalavel. (15)

---

(15) D. Lucrecia de Leme, avó de Fernão Dias, viuva de Fernão Dias (avô), no termo do inventario (12 de maio de 1606), declarou que Pedro Dias (5.° filho), pae do dito Fernão Dias, governador das Esmeraldas, tinha na occasião 22 annos. Fernão Dias, portanto, 1.° filho de Pedro Dias, deve ter nascido algum tempo depois que este casou-se; e pois teria uns 60 annos e não 80, como todos têm dito.

Na Carta que o Rei dirigiu-lhe, elogiava-lhe os grandes serviços, o zelo e a dedicação, com que sempre se houve nas incumbencias mais arduas ; e insinuava a conquista dos *goianà*, como prova de sua grandeza de alma. A respeito desta façanha, que elevou ás alturas o nome de Fernão Dias, não deixaremos de dizer alguma cousa, posto não tenha ligação directa com o presente assumpto.

Como já temos visto, os indios, aterrados com a deslealdade e cobiça dos brancos, refugiaram-se para o interior, e assim, a parte da nação *goianá*, que se não submetteu, foi parar além da Serra da Apucarana, onde se formaram tres reinos, irmãos, que, dentro em pouco, brigaram e começaram a se guerrear cruamente, como os selvagens nunca deixaram de o fazer.

Dos indios, eram os *goianá* que melhor indole mostravam em sociedade. Praticavam a monogamia, não eram antropophagos por habito, cultivavam a terra, viviam em aldeias, e mostravam algumas noções de governo acima do commum. Emtanto, os tres reinos exterminavam se uns aos outros ; e os prisioneiros, como em geral os indios o faziam, trazidos á praça no meio de orgias infernaes, eram sacrificados e comidos. A occasião sendo asada, della aproveitou-se Fernão Dias, e, penetrando o sertão, cercou os tres reinos com todo o peso de suas armas ; e, depois da resistencia, que durou annos, chegou a conquistal-os. A morte inesperada de um dos Regulos, o de nome Gravatahy, dando em resultado o esmorecimento de um dos lados, enfraqueceu a todos ; e pois capitularam, desde que Fernão Dias parlamentou que não os queria nem matar e nem escravizar, sinão, porém, apresental-os ao gremio da Igreja. Puzerem-se consequentemente ás ordens do conquistador ; e este os conduziu em numero superior a cinco mil para as terras uberrimas do Tieté, junto a villa do Parnahyba, de sua propriedade. Estando ainda em viagem, o segundo Regulo, de nome Sonda, falleceu tambem ; e neste caso toda a nação, que já havia se esquecido das discordias ante o inimigo commum, fundiu-se numa só e seguiu sob as ordens de Tombú, o Regulo sobrevivente. Empregados no cultivo dos cereaes, prosperavam na melhor ordem ; e viviam satisfeitos senão quando a vez de Tombú chegou e falleceu. Já então, menos Tombú, haviam todos recebido o baptismo ; e elle não o quiz, porque dizia, não lhe era possivel crer numa lei, cujo senhor não castigava de prompto os infractores. Referia-se o bugre aos escandalos e abusos dos christãos, com pungente ironia digna de Julião o Apostata. Cahindo emtanto enfermo e desenganado, chamou quem o baptisasse, e tomou o nome de Antonio, santo de sua inclinação. E nunca, digamos, idéa mais pathetica houve para uma conversão. Todos os seus subditos, dizia companheiros de infortunio, na terra estranha, haviam entrado para a Igreja, e

depois da morte iriam para o céo dos christãos, onde não podia entrar quem não fosse baptisado. Elle, porém, não queria separar-se, e sim, unido a seus amigos, ter antes o mesmo destino. Eis, como dissemos; nunca uma razão mais commovente se deu para correr ás aguas do baptismo. Desterrado em vida, captivo em terra alheia, quiz prolongar o proprio exilio no céo do extrangeiro para se não apartar de seus companheiros de infortunio. E assim, este selvagem obscuro finou-se na mais decorosa catastrophe, que se ha de assistir na tragedia dos reis.

Sua morte, sentida em excesso pelos *goianá*, que se viram desamparados de seu melhor amigo, levou-os ao desespero; e quizeram voltar ao sertão, mas nisto foram atalhados por Fernão Dias, que tratou de enfraquecel-os, dividindo-se por seus parentes, embora em condições favoraveis. Reservou, entretanto, para si os subditos antigos de Tombú, que em particular o estimavam, e foi com elles que compoz a principal columna da leva, com que marchou para o Sertão.

II

Primeiros arraiaes

O governador Affonso Furtado, acceitando com alvoroço o offerecimento de Fernão Dias, enviou-lhe na fórma dos Alvarás a Provisão, ou Carta Patente de 20 de outubro de 1672, concedendo-lhe todos os poderes do estylo, e nomeando-o por chefe e governador de sua leva e terra das Esmeraldas; de onde lhe provém o titulo de Governador das Esmeraldas, como é conhecido na historia.

Recebendo os documentos, convocou Fernão Dias os parentes e amigos; e estes, como não conseguissem demovel-o do proposito, conciliaram-se, entrando em combinação, e muitos alistando-se na bandeira, que para logo se começou a preparar. (16)

---

(16) Cada potentado. Conquistador, tinha sua bandeira de guerra distinctiva, como os senhores da Idade Media. Era esta um symbolo de poder proprio reconhecido pelo Governador. Os que se alistavam, chamavam-se bandeirantes deste ou daquelle dono, que exercia poder soberano e absoluto de caracter marcial sobre a tropa em diligencia e no recinto de seu latifundio. Havia bandeirantes só em nome, e eram os que seguiam bandeiras não reconhecidas nem legalizadas, aventureiros que andavam a caça de indios, o que alias era prohibido e apenas tolerado por abuso das auctoridades.

Os escriptores, seguindo a Pedro Taques em um de seus muitos erros, affirmam que Fernão Dias contava cerca de 80 annos; mas, si seu pae em 1606 tinha 22 e era solteiro, estaria elle Fernão Dias na casa dos sexagenarios, idade que comtudo, a não ser a tempera d'aquelles paulistas, já não era mui propria de tão desabalados commetimentos.

Erram tambem sem discrepancia os mesmos escriptores, assignalando a era de 1673 a partida de Fernão Dias para o sertão; mas na Carta do principe D. Pedro, então Regente do Reino, a elle dirigida em 30 de Novembro de 1674 lemos o seguinte: «Pela cópia de vossa Carta de 21 de julho deste anno, que remetteu ao governador Affonso Furtado de Mendonça, me foi presente como naquelle dia partias ao descobrimento das minas do sertão de S. Paulo e terras das esmeraldas». Nada pois póde haver de mais averiguado que esta data.

Offerecendo-se a sahir com a sua *bandeira*, impoz Fernão Dias ao governador Affonso Furtado, que o capitão Mathias Cardoso de Almeida, potentado tambem de valor, fosse nomeado por seu Adjunto e successor. (17) Além deste, que se unia á expedição com um terço de sua propria dependencia, armado á sua custa (18), outros homens notaveis seguiram a Fernão Dias, acompanhados de escravos e de sequazes, formando sub-commandos, como foram Antonio Gonçalves Figueira, Antonio do Prado da Cunha, Francisco Pires Ribeiro (seu sobrinho, filho de Bento Pires e sua irmã D. Sebastiana Dias Leite); além de Garcia Rodrigues, seu filho; de Manoel de Borba Gato, casado com sua filha D. Maria Leite; e ainda é preciso mencionar José Dias Paes, mameluco (19), seu filho natural.

A' comitiva, assim composta de indios mamelucos e escravos, formava um verdadeiro exercito, cujo numero excessivo foi a primeira causa de suas contrariedades num sertão nem sempre bastecido para tantos consumidores.

---

(17) Vide a nota especial no fim do capitulo IV.

(18) Quando as expedições não eram empresas particulares de algum potentado, e sim dirigidas a um objecto de caracter publico, quem as recrutava e organizava era o Governo, como se fosse para uma guerra. O chefe e os officiaes sahiam com patentes assignadas pelo Governador: e se chamava adjunto o que como substituto no commando reunia tambem o caracter de successor do chefe no caso que este morresse ou abandonasse a comitiva. Esta patente dava o posto de Tenente General da leva. Nestas a bandeira era do Rei, entregue solemnemente ao Chefe ou Governador, que ficava armado *jus vitæ et necis* sobre a comitiva.

(19) Cada chefe sustentava e governava sua gente, que embora submettida ao Commando Geral, tinha o caracter de alliados.

(19) *Membir-uc*, filho tirado. Os indios chamavam *membi-ruc* aos netos. Os portuguezes, alterando o termo, chamavam *mamelucos* aos filhos com indias.

Postos em caminho, a marcha nenhuma difficuldade offereceu até Guaratinguetá, região aberta e frequentada, havia annos ; mas d'ahi em diante começaram a cahir pela serra as brumas das terras ermas. Não eram, como já se disse, de todo ignotas as paragens da Mantiqueira. As mesmas regiões do hoje dito Sul de Minas haviam sido penetradas ; desde que Felix Jacques deixou entrada franca a Francisco Dias Avila, a Calabar e a outros já mencionados aventureiros. E', porém, para se imaginar com espanto a passagem destes novos Alpes por veréas, que o matto cegara, e que só a bussola indicava nas caligens do Embaú (20) ; e não menos com emoção contemplar o painel que avistavam do alto da serra e que atirava sobre a immensa e triste solidão do continente. Desse cume, que o tunel hoje corta proximo, desceram á região dos Pinheiraes, pouco adiante passaram o rio Passa-Trinta (hoje Passa-Quatro), e vieram a Capivary, de onde, chegando a um sitio ameno, descansaram algum tempo, dando-lhe o bello nome de Mbáépendi (Pouso bom ou alegre). Do Baependy seguiram para o Rio Verde, transpuzeram o Rio Grande, e vieram estabelecer o primeiro arraial na Ibitiruna (Serra Negra), o mais antigo lar da patria mineira. Situada em posição felicissima, nem perto nem longe das grandes aguas, no centro de mattas ferteis de caça e mel, foi a Ibituruna propicia ao desporto de todos os viandantes no periodo do povoamento.

Passada a estação das chuvas, em Março do anno seguinte, dirigiram-se os bandeirantes em direitura á serra da Borda e atravessaram a região do Campo, entrando na do Paraópeba, (Pirahypéba, rio do Peixe chato), onde fundaram o segundo arraial (Sant'Anna) (21). Em seguida marcharam para o Anhanhonhacanhuva (agua parada que some no buraco do matto), onde eregiram o terceiro arraial, de S. João do Sumidouro, destinado aos mais commoventes episodios desta jornada.

III

Successos do Sumidouro

No Sumidouro effectivamente se apuraram as consequencias do enthusiasmo irreflectido com todas as calamidades

---

(20) Facto curioso é que a *Minas* e *Rio* passa mais ou menos nesta garganta. A *Central* tambem passa pela Garganta de João Ayres, Mathias Barbosa, Parahyba, Barra do Pirahy e Belem, pontos por onde Garcia Rodrigues traçou a primeira picada de Minas para o Rio, em 1701—4. Mbáu significa garganta. Os aventureiros assim chamavam a depressão da Mantiqueira por onde fizeram a passagem.

(21) Municipio hoje do Bomfim.

possiveis A longa trajectoria crivou-se de sepulturas, cortou-se de combates e de miserias. Fernão Dias achou-se abandonado e quasi só. Mathias Cardoso, o seu fiel amigo e adjunto, depois de perder quasi toda a sũa tropa, viu-se na contingencia de retroceder do Paraopeba, e chegou a S. Paulo dous annos após, com mil soffrimentos pelo sertão; e a exemplo delle, Antonio Gonçalves, Antonio do Prado e outros.

Nestas emergencias, viu-se o velho caudilho na alternativa, ou de voltar tambem, cedendo á pressão dos companheiros, que o exigiam, ou de se manter no arraial, mandando pedir novos bastecimentos a S. Paulo. A primeira pareceu-lhe de revez á propria dignidade; porque não era justo a seu caracter comparecer vencido a meio caminho, tendo gasto o melhor de sua fazenda, sacrificando amigos e parentes, vendo morrer a maioria de seus indios e escravos, para depois sujeitar-se ao ridiculo, no theatro de sua magnificencia passada! Não podia ser; e pois preferia a morte na solidão do *Uaimii*. (22)

Despachou em resultado para S. Paulo dous indios, caminheiros da sua estimada nação *Guianá*, com cartas ao Governador, ao Principe Regente e á sua esposa (23), a quem recommendava com instancia não o deixasse perecer no tão doloroso transe daquelle desamparo.

Pela Carta Regia de 4 de dezembro de 1677, contestando a de Fernão Dias, podemos acertar a epocha, em que estas cousas passaram; e além disso verificar como o nome de

---

(22) *Uaimi-i*—rio das Velhas — A pronuncia indigena do *i* deu a portugueza *Guaixim*, de que nasceu Guaicuhy.

(23) D. María Garcia Betim, notabilissima senhora daquelle tempo. Era filha de Garcia Rodrigues Velho e de D. Maria Betim, aquelle filho de Garcia Rodrigues (natural do Porto) e de D. Catharina Dias; a qual era filha de Domingos Dias e D. Maria Chaves; e Garcia Rodrigues de outro Garcia Rodrigues e D. Izabel Velho. D. Maria Betim era filha de Geraldo Betim (Allemão) e de D. Custodia Dias, que era filha de Manoel Fernandes Ramos e de D. Suzana Dias. D. Suzana era filha de João Ramalho e de D. Izabel Dias, filha do Cacique Tibiriçá, o qual foi baptizado com o nome do padrinho Martim Affonso. O sobrenome Betim e alteração do nome Bemtink, da familia dos Condes de Bemtink, que são ainda ate hoje senhores mediatisados do Reino de Wurtemberg, oriundos da provincia de Gueldres nos Paizes Baixos. Os progenitores de D. Maria Botim vieram para o Brasil com a invasão hollandeza; e Geraldo Betim passou-se para S. Paulo, onde se casou com a descendente do principe indigena. D. Izabel Velho provinha da linhagem de Fernão Paes Velho e D. Maria Alvares Cabral, seus 5.º avós; esta filha do senhor de Belmonte e irmã de Pedro Alvares, descobridor do Brasil. Eis o tronco dos Lemes, dos Furtados, dos Hortas, dos Leites e outras familias de Minas.

Sabará-buçú (24) abrangia todo o paiz, e não sómente a serra, engano em que muitos cahiram.

Porque, si Fernão Dias enviou ao Principe amostras do sertão, claro é que a serra teria sido nominativamente indicada, como jazigo de algumas, pelo menos, e sobretudo das de ouro, cousa que não se remetteu ; ao passo que muito d'elle havia, e mais tarde se descobriu em portentosa quantidade.

Emquanto aguardava os portadores mandados a S. Paulo, proseguia o chefe em pesquizas, ora pessoalmente, outr'ora por seus camaradas, no intuito de chegar ao mais largo conhecimento das plagas.

No Serrote de Sete Lagôas descobriram o minerio argentifero, que deixou até hoje a toarda das minas de prata do Sabará-buçú ; mas preteridas e retrogradadas ao olvido pelas de ouro, que tudo offuscaram, deixando de rasto as outras especies.

Deparando-se então nas alluviões do Rio das Velhas indicios positivos de ouro, o coronel Borba Gato, genro de Fernão Dias, foi destacado a seguil-os ; e neste intento subiu pela costa em mira ás abas da serra, em que figurava ter as nascentes, de onde rolavam os cascalhos auspiciosos ; e nesta diligencia descobriu effectivamente as ricas jazidas.

Entrementes, aconteciam no Sumidouro cousas gravissimas. Conhecido o animo do velho caudilho, que se obstinava em não ceder á imposição, os poucos companheiros, que lhe restavam, não podendo voltar ao povoado sem armas, nem provisões, entraram a conspirar contra sua vida, como unico desenlace da aventura, em que se haviam embrenhado. Dia a dia o sertão dobrava de terror ; nenhuma noticia delle corria. Era pois, um pégo tenebroso, o que tinham de sulcar até o paiz das esmeraldas. Uma nuvem caligionosa assim desabava dahi para diante, um céo absoluto, que o astrolabio punha em distancia sobre florestas, serras e rios ignotos, povoados de feras e nações medonhas, quaes nem sequer os indios do Uaimii particularizavam, salvo para exagerarem o perigo de as enfrentar. O conhecimento que tinham dessas paragens os bandeirantes, provinha ainda das expedições desbaratadas de Porto Seguro e do Espirito Santo.

---

(24) A tradição *matto felpudo* é um erro. Os indigenas, fingindo que os rios grandes eram paes dos pequenos e seus affluentes, chamavam o rio das Velhas, que era da Barra para baixo, pae (*Çuba*) e da Barra para cima Çubara (pae partido). E assim chamavam *çubará-buçú* ao braço maior (pae partido grande) ; e ao menor *çubará*-mirim. Era este o que vae da Itabira. Posteriormente por abreviatura, este ficou se chamando Rio das Velhas, e aquelle simplesmente Sabará.

Concebido aquelle plano scelerado, confabulavam os sediciosos certa noite, dando a ultima demão aos preparos, quando uma india goianá casada, sahindo fóra da choupana, avistou luz na casa de José Dias, e ouviu vozes alteradas, dando-lhe na curiosidade de ir á espreita do que alli se passava. Ficou aterrada! E, voltando, chamou o marido, com o qual partiu ás carreiras para a casa do amo, a quem os *Goianá* ternamente amava.

Achava-se então o Velho em sua residencia na Quinta, a meia legua do arraial. Tendo deliberado permanecer no sertão, emquanto não lhe chegavam os soccorros pedidos de S. Paulo, Fernão Dias, previdente, como todos os chefes bandeirantes em eguaes circumstancias, escolheu nos arredores um trato de terra mais fertil, e estabeleceu a sua roça de cereaes nas abas do serrote do Anhanhonhecanha, onde fez plantações extensas, logar que por isso ficou se chamando a Quinta do Sumidouro. Para alli morava elle de ordinario occupado na lavoura, em companhia de seu filho Garcia Rodrigues, e deixava o governo do arraial entregue a José Dias.

Assim, logo que sorprehendido pela chegada dos indios conheceu o perigo, para não duvidar da enormidade, mandou que seu filho chamasse ás armas toda a gente disponivel na Quinta e marchasse, emquanto elle mesmo sem estrepito fosse comprovar de facto a denuncia recebida. E, na verdade, tudo viu e ouviu chegando no momento justo, em que José Dias animava o conclave. Cahiu-lhe aos pés o triste coração! Era aquelle mameluco o fructo de seus desvarios de moço! Era o filho que primeiro creára! Quando se casou com D. Maria Garcia Betim, esta generosa matrona recebeu José com carinho, e delle cuidou, prelibando doçuras de um proprio primogenito; ao qual por seu lado o pae amava tanto, que muitos arguiam ser mais que ao mesmo Garcia Rodrigues.

Contando os insurgentes com esta paixão vivissima, afoitaram-se no plano; pois julgavam que o Velho não teria coragem de os punir, atravessando o filho; e assim ficariam incolumes no caso de falhar o crime.

Entretanto, dispostas as cousas, Garcia Rodrigues deu de subito no arraial antes de amanhecer o dia, marcado justamente para o nefando attentado; e, apenas despertaram os cabeças, cahiram em poder do Velho. Instaurado o summario para se verificar o gráo de culpa, em que incorria cada um dos conjurados, foi o mameluco reconhecido por cabeça da conspiração! Surdo á voz do sangue, cerrou-se o coração do pae, que procedeu em fórma de juiz impassivel. A todos perdoou. Mas, apagando as lagrimas dos olhos, mandou enforcar o filho! Não sabemos todavia si a historia o absolverá....

Em seguida convocou os amigos e determinou que lhe trouxessem os presos, aos quaes mostrou o cadaver, dizendo como tinha para com aquelle infeliz o direito de não ser clemente; mas o era para com elles outros, porque os havia animado a tão perigosa aventura. Perdoava-lhes portanto a culpa, mas com a condição de se afastarem de sua comitiva, e para nunca mais o verem. E esta pena foi cumprida, cada qual tomando o seu destino pelo sertão desconhecido, sem que nenhum pudesse voltar do medonho exilio. Sem recurso e sem armas o caminho de S. Paulo era-lhes de todo impraticavel.

Dista o Sumidouro uma legua da margem esquerda de rio das Velhas e demora na fralda de uma collina a direita do Anhahonhãcanha. Si aquelle se enche, tapa a foz do confluente, e as aguas deste represadas formam um lago com duas leguas de circuito. Cercado de coqueiros e de velhas arvores, respirando a melancolia de sua vetustez andrajosa, este arraial, quando o visitamos em Junho, parecia ainda cheio de phantasmas dolentes. Conserva-se alli o typo dos primeiros habitantes: e a tragedia do filho surge a cada momento e accorda a nossa piedade.

IV

As esmeraldas

Passado ainda algum tempo, chegaram emfim os emissarios de S. Paulo. Mais de tres annos havia, que a comitiva estacionava no Sumidouro, onde, apezar de tantos e tão tristes acontecimentos, o arraial tomou certo alento em contacto com os naturaes. Eram estes oriundos dos *Goiá*, deslocados do Araguaya e estabelecidos no S. Francisco, por onde desceram ao Rio das Velhas; parentes, portanto, dos *Goianá* de Pirapetinga, com os quaes se fundiram facilmente e se confraternizaram. Dedicados os *Goianá* a Fernão Dias, fizeram com os parentes que se chegassem a elle de animo seguro e se alistassem na nova comitiva, que devia partir para o sertão das esmeraldas.

Além de Garcia Rodrigues e de Borba Gato, logrou Fernão Dias reter comsigo a Francisco Pires Ribeiro, seu sobrinho amantissimo; e entre outros, o cabo José de Castilhos, companheiro de grande valor. Assim renovada a expedição, metteu-se a caminho em meados de 1680.

Em S. Paalo, porém, ninguem houvera, que quizesse prestar ouvidos ás reclamações de Fernão Dias. O proprio governo interessado no descobrimento, que redundaria em beneficio da corôa, exhausta de recursos, ou não teve que man-

dar, ou não quiz mover-se. O Principe Regente achava-se mui longe para acudir de prompto ao velho e leal servidor; mas de sua citada carta, de 4 de Dezembro de 1677, se infere a perplexidade, em que ficou ao saber da posição angustiosa d'elle, a quem devia de soccorrer. Entretanto, o que resalta da correspondencia é que o Principe entendeu, como devia, providenciar na duvida, quer aproveitasse ou não a Fernão Dias.

Naquella carta exprimiu-se:

«Pelas cartas que me escrevestes, fiquei entendendo o zelo, que tendes do meu serviço; e como tratavas do descobrimento da serra do Sabará-buçú e outras minas desse sertão, que enviastes amostras de crystal e outras pedras; e porque fio de vosso zelo, que *ora novamente* continues esse serviço com assistencia do Administrador Geral D. Rodrigo Castello Branco e do Thesoureiro Geral Jorge Soares de Macedo, a quem ordeno, que, desvanecido o negocio, a que os mando das minas de prata e ouro de Parnaguá, passem a Sabará-buçú, por ultima diligencia das minas dessa repartição, em que ha tanto tempo se continúa sem effeito, espero que com a vossa industria e advertencia, que fizerdes ao mesmo Administrador, tenha o bom successo, que se procura; e vós a mercê, que podeis esperar de mim, quando se consiga». (25)

Por esta carta patentea-se os acontecimentos do Sumidouro, e a situação de Fernão Dias. O Principe, temendo não o encontrar no sertão, enviou D. Rodrigo a emendar os descobrimentos encetados; mas no caso de o encontrar, D. Rodrigo não deveria exautorar, e sim ouvi-lo seguindo a sua direcção. Tanta era a confiança do Principe, que ainda vemos como remettia para o Sabará-buçú os funccionarios proprios para entabolarem as minas acaso descobertas.

Não era, porém, isso o que Fernão Dias esperava; e sim elementos com que podesse concluir a sua tarefa: pelo que, reorganizada a Bandeira, em chegando o Administrador Geral este não o encontrou mais no Sumidouro.

Neste particular, a quem de todo comprehendeu foi a sua illustre fiel consorte, D. Maria Garcia, que sem hesitar, não querendo vel-o perdido no sertão, nada poupou em obediencia ás recommendações, que Diogo Garção celebrou nos seguintes versos:

> Determinou a fiel consorte amada
> Que á nada do que pede ponha embargo,
> Inda que seja por tal fim vendidas
> Das filhinhas as joias mais queridas.

---

(25) Conservamos a grammatica do Principe.

Fez ella consequentemente quanto lhe cumpria para sal-val-o. Converteu em dinheiro todo o ouro e prata de sua casa; vendeu o mais que foi possivel; e mandou recrutar nas suas Fazendas e aldeamentos uma nova leva; e tudo remetteu para o Sumidouro.

Relativamente a comestiveis, os tinha Fernão Dias, de sobra. As roças da Quinta, a caça e a pesca, supriram fartamente a expedição. Munido, além de tudo, de armas novas de polvora e balas, levantou-se e partiu do Anhahonhacanha em rumo certo á cordilheira central, que de sul a norte obedece ao merediano de Minas. Perlongando-a em toda a extenção, chegou ao Itambé que era a serra do *tamanho de uma legua*, já mencionada na expedição de Tourinho. (*)

Transposta ahi esta serra, para o nascente, ganharam o rio do Itamirintiba (rio das pedrinhas soltas, cascalho); pelo qual fizeram viagem até á foz deste no Arassuhy (rio grande do Oriente); por cujo valle andaram até que, em logar proprio indicado pelo agulhão, passaram á margem esquerda. Os aventureiros antigos haviam deixado, como já se disse, a relação orographica do districto das esmeraldas; e sabendo manejar o astrolabio, designaram a posição das latitudes. Os bandeirantes, como os cavalleiros andantes liam a historia e conheciam as proezas de seus predecessores.—Os roteiros do sertão eram, pois, familiares pela leitura, ou pela tradição aos novos expedicionarios. Assim, Fernão Dias, vemos, de sul a norte cortou a directriz tão certa, que os seus arraiaes collocaram-se mais ou menos sob o mesmo meridiano da Garganta do Embahú, por onde penetrou na Mantiqueira. Encontrava-se agora com a geographia dos antigos, nos trilhos justos de Marcos de Azeredo, embora viesse de rumo totalmente invertido de sul a norte, á rotina, que se havia feito da Bahia, e outros pontos. Do Arassuahy, portanto, os novos invasores apontaram a conhecida serra dilatada, de onde nasce o rio das Ourinas, chamado agora Rio Pardo, a qual com varios nomes encerra o anhelado e fertil jazigo das pedras preciosas, que foram mais tarde exploradas. Neste ponto, devassando as cercanias em busca de noticias da Lagôa Vapabuçú, em cuja margem encontrariam os socavões de Marcos de Azeredo, a fortuna deparou-lhes uma horda de selvagens, que amendrotados puzeram-se em fuga, menos um moço, que aprisionado, foi conduzido á presença de Fernão Dias. Tratado ahi com carinho, acalmou-se dos receios, e se offereceu por guia ao sitio desejado. A lagôa ficava além da Itacambira e o indio conhecia os socavões. (26) Alegre com o incidente, os bandeirantes proseguiram

---

(*) *Itambé* pedra aspera ou de afiar.
(26) *Ita* pedra-*caá* matto-*bir* pontuda. Pedra pontuda que sahe do matto.

e mais adeante da serra chegaram enfim ao suspirado destino. A encantada lagôa a tinham á vista, e pisavam a termo na terra das esmeraldas.

Importantissimo!!

V

O Regresso

Disposta, porém, a laboração, apenas tocaram o amago da jazida, sentiram a influencia deleteria do clima. Miasmas de horrivel podridão carregavam o ambiente. Parece que a morte assanhou-se contra os que affrontavam o seu domicilio. Accedendo em consequencia ao clamor dos companheiros, o chefe, logo que colheu pedras em numero vantajoso e de bons quilates, annuiu ao regresso; e, tornando aos ares livres da serra, ahi fundou o arraial da Itacambira, que servisse de centro ao povoamento e de guarda ao cantão das esmeraldas, nelle deixando por chefe estacionario o cabo José de Castilhos.

Dahi, pondo em regresso a bandeira, vinha o intemerato caudilho, quando nas chãs do Guaicuhy (Uaimii) os miasmas das *carneiradas* (27) o assaltaram; e, cada dia aggravando-se os padecimentos, succumbiu á vista do Sumidouro. Como os velhos duros troncos, que em balde os raios tentam abater, mas insectos infimos matam, roendo-lhe as fibras; assim tombou para sempre o Hercules do sertão, fundador de nossa patria (maio de 1681).

Generoso e liberal desde os mais verdes annos, senhor de grandes cabedaes, herdados e augmentados, havia mandado construir á sua custa o Mosteiro e a Capella de S. Bento, onde os frades concederam-lhe um jazigo perpetuo e privilegiado para si e sua familia, junto ao Altar-Mór. Seu filho

---

Pedro Taques e o Dr. Claudio Manoel, dando o itinerario, antecipam a Itacambira: mas basta a simples inspecção do mappa e se corrige este itinerario inverosimil, que faz Fernão Dias ir primeiro ao norte para depois voltar ao sul cerca de 60 leguas: elle que tão certo andou em toda a jornada. Ahi fundou elle o arraial da Itacambira para servir de celleiro e de guarnição ao districto das esmeraldas. A vizinhança, logo, era necessaria. Como do arraial da Itacambira guardar-se-iam as minas no Itamarandiba? A nossa correcção, portanto, é irrecusavel a bem da historia. No Itamarandiba reinavam os Aymores, na Itacambira os Tapajós. O prisioneiro, sendo Aymoré, não poderia saber e nem guiar para Vapabuçú.

(27) Nome que dão as febres palustres no sertão.

Garcia Rodrigues, em cujos braços expirou, fez embalsamar o cadaver e o conduziu para ser alli sepultado, com exequias regias, em que todo o povo de S. Paulo manifestou-se cheio de dó, sendo a oração funebre recitada pelo Padre Antonio Rodrigues da Companhia de Jesus, á qual tambem protegeu sempre com rasgos de liberalidade, em agradecimento pelos meninos indios, que mandava educar.

No que toca á Minas, é a este homem, sobre todos notavel, que devemos o vasto diametro da circumferencia, como se traçou a nosso territorio, e os primeiros lares da nossa civilização.

Entretanto, tendo Dom Rodrigo de Castello Branco partido de S. Paulo a 9 de março desse anno (1681), achava-se alojado no araial de S. Anna do Paraopeba, quando ahi de regresso veiu ter Garcia Rodrigues com o resto da Bandeira, a bem dizer dissolvida no Sumidouro. Havia Fernão Dias disposto, por ultima vontade, que voltasse elle para S. Paulo a effeito de entregar á Camara Municipal as esmeraldas, pois por esta seriam enviadas ao Rei; e demais, como era o primogenito, tinha Garcia Rodrigues o dever de se collocar, como o cabeça da Familia, em ordem a presidir os negocios da casa (28).

Ao genro, coronel Borba Gatto, na mesma occasião determinou que do Sumidouro sahisse em continuação aos descobrimentos do Sabará-buçú, para cuja diligencia Garcia Rodrigues lhe entregaria os intrumentos, armas e munições da Bandeira, como de facto se cumpriu.

Consequentemente, havia ó cunhado partido emquanto ficava elle o Borba em apprestos para a diligencia, que havia repentinamente interrompido quando, chamado pelo so-

---

(28) Alem de Garcia Rodrigues, casado com sua prima D. Maria Antonia Pinheiro da Fonseca, o Governador das Esmeraldas tinha os seguintes filhos legitimos: 2.º — Pedro Dias Leite, casado com D. Maria de Lima e Moraes; 3.º — D. Custodia Paes, mulher de Gaspar Gonçalves Moreira; 4.º — D. Izabel Paes, mulher de Jorge Moreira; 5.º — D. Marianna Paes, mulher de Francisco Paes de Oliveira (casal de que nasceram muitas familias mineiras): 6.º — D. Catharina Paes. mulher de Luiz Soares Ferreira: 7.º — D. Maria Leite, mulher de Manoel de Borba Gatto: 8.º — D. Anna Maria Leite, mulher de João Henrique de Siqueira Baruel.

De D. Marianna Paes nasceu o Coronel Maximiano de Oliveira Leite, casado com D. Ignacia Pires de Arruda, que entrou para o Ribeirão do Carmo nos primeiros annos do povoamento e so estabeleceu na Fazenda dos *Horta*, ao pe de S. Sebastião. Da mesma D. Marianna Paes nasceu D. Francisca Paes, que em 1715 veiu se casar no Ribeirão do Carmo com o Coronel Caetano Alves Rodrigues d'Horta, natural de Lisboa e filho de João Alvares d'Orta, progenitores dos Horta.

gro, voltou para Sumidouro, no momento critico da conspiração de José Dias (29).

Pela demora em tudo naquelles tempos, Garcia Rodrigues não tinha conhecimento da Carta do Principe de 4 de dezembro de 1677, que só neste encontro foi-lhe communicada.

Alegrando-se por ter noticias de S. Paulo e ver amigos intimos, quaes muitos eram os que seguiam ao Administrador Geral, Garcia Rodrigues fez o relatorio da jornada, communicou ao mesmo Administrador as disposições finaes de Fernão Dias, referentes á Bandeira, deu-lhe posse dos arraiaes, celleiros e descobrimentos e lhe entregou parte das esmeraldas colhidas em Vapabuçú, afim de serem enviadas ao Rei. Foi D. Rodrigo o primeiro que conduziu ao sertão uma leva, trazendo cavallos. Garcia Rodrigues andava a pé e guiava seus indios atacados de febres. Acertou pois de dividir com D. Rodrigo as esmeraldas, conservando metade, afim de melhor segurar o bom exito, por duas vias, e chegarem ao Rei. A sua viagem deveria ser mais demorada; pelo que D. Rodrigo despachou para S. Paulo o seu Ajudante Francisco José da Cunha, que as apresentou á Camara no dia 1.º de setembro desse anno corrente de 1681. Tendo de tudo lavrado um termo em 26 de junho, que foi o primeiro documento publico assignado em Minas, Garcia Rodrigues, depois de algum descanso, proseguiu na viagem para S. Paulo, e ahi chegando apresentou a sua parte de esmeraldas á Camara no dia 1.º de dezembro do dito anno.

D. Rodrigo de Castello Branco, levantando á sua vez acampamento, seguiu para o Sumidouro com pressa de ver, si ahi ainda encontrava o coronel Borba Gatto.

---

(29) Muitos dizem, e entre outros o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, que Borba Gatto ficara no Sabará-buçú emquanto Fernão Dias seguiu para o sertão das Esmeraldas. Esta versão e uma das muitas duplicatas contradictorias de Pedro Taques na « Nobliarchia Paulistana ». (1.º) Si Fernão Dias, abandonado e sem armas, recebeu de S. Paulo apenas o necessario para affrontar sertões infamados como os do *Tapojó*, e claro que não podia dispensar o auxilio particular de seu genro e nem com elle repartir munições e instrumentos. (2.º) Si o Borba tivesse ficado no Sabará, cujos depositos, á flor da margem do rio, foram mais tarde tão facilmente encontrados, o ouro seria manifestado com as esmeraldas, ou antes, e não em 1700, tão demoradamente, depois de outros acontecimentos, como se sabe e não se contesta. (3.º) Si o Borba ficasse no Sabara-buçú, não se conciliaria a historia como se narra no texto.

Tambem dizem que Garcia Rodrigues, tendo conhecimento da chegada de D. Rodrigo, veiu ao Paraopeba dar-lhe contas. Neste caso tel-o-ia esperado no Sumidouro, onde era o centro da conquista, e evitaria as viagens de ida e volta para depois partir para S. Paulo, e tudo isto a pé !

CAPITULO QUINTO

D. RODRIGO DE CASTEL-BRANCO

I

A Comitiva

Era D. Rodrigo castelhano de nascimento. Depois de andar pelo Perú, recolheu-se á Europa com os conhecimentos adquiridos, e como soube que o Rei de Portugal carecia de um especialista, apresentou-se para se encarregar dos descobrimentos. A habilidade, com que se houve na Côrte, grangeou-lhe a plena confiança do Soberano, que o nomeou fidalgo de sua casa e Administrador Geral das Minas, com amplas faculdades e pingues vencimentos, sendo logo mandado entabolar no Sergipe as minas de prata da Itabaiana, que se presumia serem as famosas de Roberio Dias. Esta crença arraigou-se tanto que o Principe Regente (D. Pedro) fez baixar o Regimento especial de 28 de junho de 1673, pelo qual se instruisse D. Rodrigo e se desempenhasse da commissão, armado de poderes e jurisdicções, em toda parte, onde chegasse e houvesse mister.

Pelo art. 8.º desse Regimento extendia o Principe a auctoridade de D. Rodrigo a todas as demais minas, que constava haver nos sertões e que convinha logo entrasse á descobrir.

Nada, porém, se achando do que se esperava na Itabaiana, e, começando a correr noticia dos descobrimentos do sul, mandou o Principe Regente que o Administrador se passasse a esta parte com o pessoal administrativo, sendo

Jorge Soares de Macedo o Thesoureiro Mór, e João [illegible] conspi-
Coitinho o mineiro pratico da expedição.

Em chegando a Santos, dividiu o Administrador Geral o serviço com Jorge Soares, indo este com 200 indios sagitarios ao reconhecimento das galenas argentiferas, no sertão do sul até o Rio da Prata e as ilhas de S. Gabriel; emquanto D. Rodrigo seguia para o sertão de Paranaguá, em diligencia egual a respeito do ouro.

Em cumprimento dessa partilha, subiu Jorge Soares a S. Paulo, cuja Camara forneceu-lhe, conforme as ordens regias, quanto exigiu: 2 contos de réis em dinheiro, 3 mil alqueires de farinha de trigo, 300 arrobas de carne de porco, 100 alqueires de feijão, 98 arrobas de fio de algodão de 3 linhas, e 2 de fio singelo, 19 espingardas, 12 catanas, 15 arrobas de tabaco de rolo, e 8 mil varas de algodão tecido. Mencionamos toda esta lista do fornecimento, para termos idéa do que eram aquellas expedições, em que se fazia a guerra com um punhado de armas de fogo e o mais á maneira selvagem de arco e flecha. O algodão em fio representava elemento indispensavel ao preparo de cordas, e ao tecido dos pannos de que se vestia o sequito, todos, menos os portuguezes, andando semi-nús com um simples resguardo ou tanga da cintura aos joelhos. (30)

Para acompanharem a Jorge Soares, foram escolhidos sertanistas de nomeada, capazes de tão serio emprehendimemto, quaes, com a patente de Capitão Mór da infanteria, Braz Rodrigues Arzão, e com a de Sargento-Mór Antonio Affonso Vidal.

Do porto de Santos largou a frota (Março de 1679), composta de seis sumacas e um patacho, sob o commando do Capitão de mar, Manoel Fernandes; mas com tal infelicidade, que em poucos dias a contrastavam desmedidos temporaes; pelo que foi obrigado a voltar tres vezes ao porto, até que da ultima sossobrou uma sumaca e as demais foram arrojadas para Santa Catharina, excepto a que de novo tornou a Santos, trazendo o Tenente General Macedo, o Sargento Mór Vidal, o Capitão de infanteria Manoel de Souza Pereira, e o Alferes Mauricio Pacheco Tavares com os soldados infantes.

Resolvidos neste caso a marchar por terra, guiaram-se por Paranaguá ao sertão de S. Francisco, e foram ter á ilha de Santa Catharina, onde encontraram emissarios de D. Manoel de Lobos, que pediam instantes soccorros contra os castelhanos: os quaes moviam-se para lançarem fóra da nova cidade do Sacramento, emquanto construiam alli a for-

---

(30) Ainda no principio das Minas os portuguezes, por andarem de calças, eram chacoteados com o appellido de pintos calçudos (emboabas).

taleza da colonia. Deixando então 200 indios em Santa Catharina, sob o commando de Manoel da Costa Duarte, embarcaram elles e navegavam, quando todos em misero naufragio pereceram no Cabo de Santa Maria, menos Arzão, Vidal, Macedo, e poucos mais companheiros.

Os castelhanos entrementes haviam-se apoderado da ilha de S. Gabriel e da nova cidade (6 de Agosto de 1680); e como os naufragos, rompendo o sertão, procuraram ganhar aquellas paragens, foram aprisionados, e com o Governador D. Manoel de Lobos, conduzidos para Buenos Ayres, onde governava o General D. José Garro.

De Paranaguá, onde se achava, quando recebeu a ordem Regia para ir ao Sabará-buçú, D. Rodrigo embarcou para Santos em viagem para S. Paulo, trazendo o mineiro João Alvares Coitinho, que, como já se disse, a instancias do Rei, tinha vindo para o sul generosamente assalariado por ser bom conhecedor da mineração ; o que tudo se vê da Carta Regia a elle Coitinho dirigida com data de 7 de Dezembro de 1677 para que acompanhasse o Administrador Geral aonde fosse. Por esta Carta tambem se deprehende o interesse, que o Rei tomava pelos descobrimentos ; o que mais ainda se revela pela de 29 de Novembro desse mesmo anno, dirigida ás Camaras de Santos e de S. Paulo, afim de que estas applicassem a tal mister o producto das taxas lançadas nesses Municipios e destinadas a satisfazer o donativo da Hollanda e paz com a Inglaterra. (31) O Erario Regio assim fazendo essa despesa, o espirito dos Paulistas levantar-se-ia, por verem elles os seus sacrificios applicados a materia mais proxima de seus interesses ; pois eram os descobrimentos problema entendido com as vivas aspirações da colonia, que em tudo o mais se mostrava decadente e empobrecida.

Recebendo as Cartas Regias os officiaes da Camara Lourenço Castanho Taques (Juiz Ordinario Vitalicio), Gaspar Cubas Ferreira, Manoel da Rosa e Manoel de Goes (Vereadores) e o Procurador Manoel Leão, reuniram-se em Junta (20 de Junho de 1680), á qual assistiram em consulta sertanistas abalizados ; e estes foram, entre outros, Jeronymo de Camargos, Mathias Cardoso, Manoel Cardoso, Antonio de Siqueira, Pedro da Rocha Pimentel ; os quaes opinaram que, já estando livres e conhecidos os caminhos do sertão até o Rio das Velhas, fosse despachada nesse mesmo instante uma

---

(31) Contra o tratado dos Pyreneos, que voltava Portugal ao jugo da Hespanha, interveiu a Inglaterra, que tambem negociou com a Hollanda a definitiva renuncia ao Brasil. Por este motivo Portugal obrigou-se a um *donativo* á Hollanda ; e a Inglaterra pelo seu *procuratorio* exigiu tambem a sua gratificação. Não ha ponto sem nó.

leva, que distribuida plantasse em varios pontos adequados roças necessarias ao mantimento da expedição. O que de facto se executou.

Mas, como acima se dizia, tendo Jorge Soares e seus companheiros cahido em poder dos castelhanos, esta noticia correu dolorosamente por S. Paulo, poucos mezes depois, consternando a todos, e de maneira para enlouquecer ao mineiro João Coitinho, amigo intimo e dedicado do prisioneiro. E tão desalentado cahiu o pobre velho, que acertou de fugir ao compromisso tomado de acompanhar a D. Rodrigo ao Sabará-buçú, allegando agora a sua idade avançada, os seus achaques, e á falta de dentes para se nutrir no sertão, onde as carnes duras e as fructas sylvestres serviam de generos ordinarios.

Por seu lado o Administrador-Mór era Hespanhol, e sentia-se abalado, receiando que o fizessem de inimigo. Julgava-se mesmo, e com alguma razão, enfraquecido moralmente para commandar portuguezes, cujo rancor não se disfarçava, sinão rompia francamente em hostilidades.

Embrenhado pelos sertões (considerava D. Rodrigo), os embaraços bem se podiam prever; porque ao menor mandamento seria desobedecido, sem poder castigar a ninguem; e neste caso ou a disciplina seria sacrificada ou a lucta rebentaria.

Entretanto, por parte dos chefes paulistas o clamor crescia contra a inercia da Administrador Geral; e Mathias Cardoso, o mais prepotente e energico dos chefes, convocou ousadamente uma Junta na Casa do Senado, e se collocou á frente dos reclamantes, lançando em rosto a D. Rodrigo, alli presente, o seu procedimento desidioso. O Rei lhe havia confiado o posto mais honroso, consignado pingues vencimentos e mercês excepcionaes; e no emtanto retardava por negligencia o desempenho dos deveres, ao passo que elles paulistas, que serviam sem remuneração e com prejuizo da propria fazenda, achavam-se promptos e em ordem de marcha! Allegava, ainda, Mathias Cardoso, em tom vehemente os seus sacrificios quando acompanhou Fernão Dias dous annos pelo sertão, de onde regressou sómente á força das calamidades, que desbarataram o seu terço. Intimava, portanto, ao Administrador e Provedor Mór D. Rodrigo a se pôr em movimento, sob pena de representar ao Governo Regio, como convinha, para ser advertido.

Pela carta de 29 de Novembro, citada, o Principe Regente havia declarado ser essa a ultima tentativa a praticar; porque, frustrada mais uma vez, daria de rosto ás miragens do sertão. Ora, tal ameaça abalava a paixão dominante dos paulistas. Quanto ao Mineiro Coitinho, acabou Mathias Cardoso por obrigal-o a cumprir o seu dever, cortando-lhe as objecções. Dar-lhe-ia sessenta negros para o

conduzirem em rêde ; bem como todo o alimento apropriado, durante a jornada.

Em vista destas arguições, aliás procedentes, D. Rodrigo determinou-se a partir e de facto, no dia 7 de Março de 1681, a comitiva se poz em movimento. Militar distincto, foi o primeiro chefe que deu á tropa uma organização regular, como de milicias, formando-a por companhias, e conferindo patentes de commando, que tocaram :

A Mathias Cardoso de Almeida, a de Tenente General Adjuncto ;

A Estevão Sanches de Portes, a de Sargento Mór ;

A Manoel Cardoso de Almeida (irmão do Tenente General), a João Saraiva de Moraes, a Domingos do Prado, a Jeronymo Cardoso (filho deste), a Francisco Cardoso (pae de Salvador Cardoso), a João Dias Mendes, a André Furtado de Mendonça, e a outros, a de Capitães de Companhia.

Havia D. Rodrigo feito chamar de Santa Catharina os soldados e indios alli estacionados desde a partida de Jorge Soares para o sul ; e com cabos fieis distribuiu esta gente pelas companhias, reservando para si um piquete de confiança; medidas estas que demonstram precauções de um homem pratico e sagaz.

As providencias tomadas para a provisão de viveres pelo caminho, além dos subsidios levados de S. Paulo, bastavam para não se pensar em fome no sertão; a comitiva, pois, se moveu com opportunidades nunca proporcionadas a eguaes emprehendimentos, sendo a principal o transporte em animaes de cargas e de montaria, os primeiros que entraram em Minas. Além disso, como vinha o Administrador no intento de consolidar os nucleos fundados por Fernão Dias, e de fundar outros, trouxe não poucos casaes de animalia domestica, e semendes novas de fructas e cereaes, si bem que no Baependy, cujo arraial reforçou, e na Ibituruna já alguma criação houvesse, oriunda das Fazendas acima falladas de Felix Jacques. Não menos para animar esta bandeira correu a certeza de estarem os caminhos limpos de inimigos, desde que Lourenço Castanho fez recuar os *Cataguá* para o centro. Estes barbaros, ainda mesmo depois da entrada de Felix Jacques e de Fernão Dias, não deixaram de fazer o corso nas regiões do Rio Grande; Lourenço Castanho, porém, tendo encontrado uma horda, exterminou-a no logar, que por isso recebeu o nome de Conquista; e desde então jamais appareceram ; porque em seguida o conquistador, atravessando-lhes o reino, os anniquillou inteiramente.

Já então pelos arraiaes vogavam tambem as noticias do Sabará-buçú trazidas pelos desertores de Fernão Dias; e estas exageradas, como era de costume ou prazer dos sertanistas, que sem outro divertimento inventavam maravilhas, cujos actores se vangloriavam.

Em taes condições a comitiva de D. Rodrigo, sem incidente algum desagradavel, chegou a Paraopeba no dia 20 de Junho, logar em que se deu o encontro de Garcia Rodrigues voltando para S. Paulo.

II

O CONFLICTO

Quando D. Rodrigo chegou ao Sumidouro, já o Borba em cumprimento das ordens do sogro, havia partido para o Sabará-buçú e se achava acampado a legua e meia de distancia. Sabendo, porém, da boa nova, retrocedeu em visita aos recemchegados, todos seus conhecidos ou amigos, e a maior parte parentes seus ou da mulher (32). E' facil imaginar o transporte de alegria que então a todos suspendeu naquelle sitio, remoto da patria, em meio de sertões calamitosos, confraternizados pela mesma causa e pelos mesmos perigos e azares. Sette annos havia quo o Borba deixara S. Paulo, ausente da mulher e das filhas; tantos em que soffria os rigores da adversidade, testemunha e parte da pavorosa tragedia, em que se desenvolveu a jornada do sogro. Não fosse a mania dos descobrimentos, a esperança das riquezas, que faceis agora se antolhavam, o seu caminho seria tambem o de S. Paulo.

Recebido por D. Rodrigo, que era, á parte os pequenos defeitos, um homem fino e amavel, com benevolencia, inteirou-se da missão em que vinha, sendo-lhe apresentados os titulos, que o caracterizavam como Delegado Regio no governo das minas e das povoações, onde entrasse, conforme o mais que expresso Regimento promulgado a respeito (33).

---

(32) E' notavel que todos os bandeirantes fossem consanguineos.

(33) «Hei por bem... que vos dê o Governador Geral, Afonso Furtado de Mendonça, todo o poder e jurisdicção, que para este beneficio (das minas) pretenderdes e for mister. E no tocante ás cousas e diligencias que ordenardes .. guardarão vossas ordens os Capitães mores e Officiaes da minha Fazenda, de Justiça e Guerra, do districto das ditas minas, sem contradição alguma assim de palavras, como por escripto. E tereis jurisdicção sobre todos os naturaes moradores existentes nellas, os quaes todos para o dito effeito (entabolamento das minas) serão obrigados a guardar vossas ordens e mandados, confiando que vós usareis de maneira que, fazendo-se o que convem a bem das ditas minas e meu serviço não haja causas, como espero de vossa prudencia (art. 1.º).

Entretanto, ao Borba pareceu especial o caso em que se collocou. Sem embargo do Regimento, feito propositalmente para D. Rodrigo, Fernão Dias, por uma Provisão anterior e tambem legitima, havia sido nomeado Governador de sua leva e do districto de seus descobrimentos e conquistas, poder em que havia elle Borba succedido, como os Alvarás permittiam. E pois, a maneira, de alli se conciliarem as cousas, era entender-se a jurisdicção de D. Rodrigo á lettra do Regimento, que a prorogava sómente para as minas existentes no sertão, que elle em pessoa descobrisse. Ora, as do Sabará-buçú já estavam descobertas; o governo dellas, portanto, pertencia ao chefe da Bandeira, legalmente investido por quem podia investil-o. E tanto assim era que na Ordem Regia, pela qual D. Rodrigo vinha ao Sabará, o Soberano terminantemente declarou que não seria exauctorado Fernão Dias, mas, pelo contrario, fosse attendido e respeitado.

Desta discussão, dizem os auctores, os animos sahiram já espinhados e mordidos; mas nem por isso a discordia rebentaria, si lhe faltasse o sopro da intriga; porque da propria comitiva do fidalgo sahiu o fermento incubado, desde as questões de S. Paulo.

Além de extrangeiro, no caso de irritar os espiritos, despeitados pelo commando, que aliás se mantinha com disciplina, apoiada nas forças cautelosamente escolhidas, mostrava-se D. Rodrigo intoleravel aos olhos dos paulistas pelas gabolices e fanfarronadas. Blasonava-se elle de familiar do Principe Regente e de gosar toda a influencia na Côrte; ao passo que os outros, homens de tantos serviços, vendo-se inferiores na estima do Soberano, remoiam-se de inveja e creavam aborrecimento. Eis a origem de tudo. Ao compatriota ferido no mesmo ciume persuadiram, que assim como o Fidalgo, colhendo as esmeraldas de Garcia Rodrigues, as havia remettido em seu proprio nome para usurpar a gloria alheia; assim tambem queria agora ir ao descoberto de Sabará no interesse de figurar como descobridor das minas perante o Rei. Neste caso, o Borba convencido protestou que não obedeceria á investidura indefinida do Administrador, quando elle Borba representava

---

« E porque se tem noticia que, além das minas, a que ides (de Itabaiana), ha outras nos sertões. Hei por bem que, depois de terdes averiguado e entabolado as do districto, a que agora vos mando, fareis toda diligencia para averiguação dellas (art. 8.°). Outrosim: Hei por bem que sejaes Administrador Geral das ditas minas... e nellas tereis poder e jurisdicção para seguir o que mais conveniente for a meu serviço (art. 9.°).

tambem a especial e certa de Fernando Dias; e nem respeitaria a posse, que seu cunhado havia dado ao mesmo D. Rodrigo na Paraopeba. Quanto ao descobrimento do Sabará-buçú absolutamente que não o entregaria: estava resolvido.

Em taes desintelligencias D. Rodrigo no empenho de se fazer respeitado, acertou de procrastinar, usando de toda a prudencia: já em observancia ás instrucções do Regimento, já pelo temor de um conflicto, para o qual sentia-se fraco em presença de inimigos e desaffectos em grande numero. Passavam-se então os mezes propicios ás jornadas. Sob este pretexto, o Borba propoz que D. Rodrigo se occupasse em outros descobrimentos e diligencias, emquanto elle continuasse fazer o descortino do Sabará. Percebeu D. Rodrigo o intento do adversario, qual o de impellir para sertões desconhecidos, em tempo máo, a sua comitiva, desastre certo, quando pela impugnação dos chefes subalternos não lhe redundasse em desordem formal.

Insistindo nisto sem resultado, o Borba exasperou-se e rompeu em vociferações francas, dizendo de rosto a D. Rodrigo, que era elle um perdulario da Fazenda Real, infiel mandatario do Rei: pois que em vez de proseguir nos descobrimentos procrastinava no arraial o serviço em regalos e banquetes, entregue a libertinagem. O arraial nesse tempo era em verdade abastecido de viveres; farto de peixe finissimo e de caça delicada; e sobretudo, não lhe faltavam as provisões de vinho e conservas transportadas de S. Paulo em costas de animaes. A soldadesca de D. Rodrigo vivia á toda redea na licença: e os potentados daquella quadra relapsa não primavam de escrupulos em uma sociedade apenas emersa do materialismo pagão. Os dias passavam-se em jogos e caçadas; as noites em orgias, ao som de guitarras e violas.

Havendo nas imprecações do Borba um certo cunho de verdade, não tocante á perda do tempo, mas ao relaxamento da disciplina, D. Rodrigo acovardou-se, quando soube, que o rival havia dirigido uma denuncia compendiosa de seu procedimento em despacho do Rei. Mas homem sagaz, fingiu-se disposto a proseguir; ordenou os preparativos: e reclamou do Borba lhe entregasse as munições de polvora e balas, de que carecia, para affrontar o sertão dos Tapajós, caminho em transito ao paiz das esmeraldas, cujo entabolamento era o seu intuito, já que desistia de ir ao Sabará. O Borba, porém, se mostrou muito mais avizado em lhe negar peremptoriamente a entrega das munições: e contestou que, embora inventariadas na bandeira, não pertenciam á Fazenda Real, sinão a Fernão Dias, compradas á custa deste, e delle proprio seu genro: quanto mais que, sendo successor do mesmo Fernão Dias, governava a bandeira, que não

estava dissolvida; e sim em continuação de diligencias, auctorizadas e legalizadas pelo Governador Geral Affonso Furtado, em nome e poder do Rei. A hypothese, pois, era de um governador desobedecendo a outro, e no exercicio ambos de sua jurisdicção. Esta resposta, acabrunhando a D. Rodrigo, irritou a seus sequazes, soldados e indios do padroado regio, que tomaram por insupportavel o insulto da recusa: mormente na persuasão, em que discutiam o acto, de evidente insurreição contra o Superior hyerarchico, revestido de poder absoluto e militar. Conluiaram-se, por conseguinte, em tomar pela força as munições; e nisto os dous campos se puzeram em armas.

D. Rodrigo, porém, que pelo menos dissimulava ignorar a deliberação, mostrando ser sorprendido pelo facto, interveiu para sustar o conflicto: e mandou pedir ao Borba uma entrevista, que fosse em logar neutro, para o qual ambos chegariam sem armas e acompanhados cada um por dous pagens sómente. Os chefes Paulistas, arrependidos talvez dos ventos, que haviam semeiado, intercederam com o Borda: e este annuiu, por seu lado meditando nas consequencias funestas de tal conflicto no sertão. Além disto, percebendo que lhe não sahiriam em auxilio os chefes da leva opposta, temeu que a sua gente fosse aniquilada inferior em numero e em armas aos soldados e indios do Administrador Geral.

Marcada, pois, a entrevista, começaram os dous a se conciliar, e discutiam urbanamente, sinão quando, por estulta exigencia do Borba, que D. Rodrigo se retirasse do districto do Rio das Velhas, visto a elle pertencer a sua jurisdicção, como primeiro descobridor, devidamente constituido, que era na fórma dos Alvarás, perderam ambos a calma e em tom de imperio proferiu D. Rodrigo palavras de ameaça. Foi o bastante. Os dous pagens do Borba, assentando ser caso, levaram os trabucos á mira e vararam o fidalgo, alli morto instantaneamente. (Outubro de 1681). Não satisfeitos, passaram a matar os pagens: no que foram a tempo contidos pelo Borba. O sitio, em que este funesto acontecimento consummou-se, até hoje se chama o Alto do Fidalgo, perpetuando a memoria, por ventura mais lugubre do sertão, pelas consequencias incomparaveis, que se desenvolveram na historia do Rio das Velhas.

Em Dezembro o Rei, em Lisboa, cedendo á queixa dos Paulistas, que desejavam fazer por si sós os descobrimentos, e tambem, ingrato como se mostram os Principes, comparando as despesas com os resultados, destituiu o desditoso hespanhol de todos os cargos e commissões, amargura que todavia não provou, porque já dormia em descanso no chão do deserto. D. Rodrigo, como vimos, foi um lutador imperterrito nos sertões de Sergipe a S. Paulo, de Paranaguá ao

Rio das Velhas: mas a sorte denegou-lhe a ventura dos descobrimentos, cousa aliás que nem todos lograram conseguir. (34)

III

A dispersão

Em consequencia da catastrophe, que a todos commoveu, o exercito de D. Rodrigo agitou-se em brados de vingança. O crime perpetrado em fidalgo representante do Rei era de lesa-magestade, que as leis puniam com supplicios, com a infamia da memoria, e o confisco dos bens, confundindo cumplices e auctores no mesmo rigor. Os mesmos chefes paulistas desaffeiçoados á victima, no terror das primeiras impressões, não querendo se compromettter envolvidos em suspeitas, abandonaram o Borba, e fizeram causa commum com a leva de soldados e indios regios, que aliás amavam a D. Rodrigo. O Borba, porém, homem de energia e decidido, compulsando o perigo, entrincheirou-se no Alto do Fidalgo e preparou a resistencia. Não tendo forças sufficientes, conseguiu da astucia o que não lhe dariam as armas, e seguro contra o ataque no seu baluarte ganhou tempo, fazendo correr no arraial inimigo, que não offereceria batalha, emquanto lhe não chegassem auxilios de tribus alliadas, que havia convocado; e não chegasse tambem um terço da expedição de Fernão Dias, que se havia retardado na jornada sob o commando do cabo José de Castilhos.

Por occasião do levante de José Dias, os companheiros expulsos do arraial haviam effectivamente se dispersado pelos arredores, uns para Sete Lagôas, outros para cima, ou abaixo do Rio das Velhas, convivendo com os indios mansuetos da região, e gosando de estima entre elles. Não obstante os successos do Sumidouro, o Borba não se fez odiado, e agora, que, por força de camaradagem, poderiam

---

(34) O Dr. Diogo de Vasconcellos, seguindo ao Dr. Claudio, e este a uma versão em duplicata de Pedro Tacques, diz—que o Borba em pessoa matou a D. Rodrigo, dando-lhe um empurrão que o precipitou de cima de umas catas». E' inverosimil (1.º) porque a esse tempo não havia ainda cata alguma aberta; (2.º) porque o Borba justificou mais tarde a sua innocencia: (3.º) finalmente, si o facto succedeu, como dizem, no Sabara-buçu, a cata ficaria aberta e á vista de todos, não sendo possivel que o descoberto do Borba cahisse em esquecimento, como cahiu, apesar da sede de ouro, que a todos devorava: (4.º) e, mais, a logica dos acontecimentos seria invertida.

se congraçar com auxilios, apenas souberam do aperto, vieram ao acampamento; e combinaram prestal-os. Em certa noite, pois, mandou Borba, que ás occultas sahissem do campo muitos do seu sequito: e de facto, reunindo-se aos que aquelles amigos conseguiram ajuntar, pela madrugada, ainda escuro, entraram de novo com grande estrepito, ao som de cornetas e alaridos, figurando o advento de phalanges promptas a combate. (35)

Emtanto, mandando o Borba por outros emissarios aos chefes paulistas, seus velhos amigos e parentes, justificou-se da imputação: e os arrefeceu. Compenetrados da injustiça, que faziam: e mais ainda do risco, em que estavam, de uma lucta fratricida, que, aliás, fomentaram sem utilidade no sertão, acertaram de tomar alvedrio mais cordato, voltando para S. Paulo, onde tinham familia e riquezas a proteger. Em vista disto os soldados e indios de D. Rodrigo, reduzidos aos proprios braços, consideraram-se fracos: e na madrugada do estrepito, quão de effeito se derramou o terror entre elles, trataram de fugir, antes que o inimigo os atacasse.

Os escriptores, sem descrepancia, dizem que estes sequazes, envergonhados por não poderem vingar a morte do chefe, não querendo chegar a S. Paulo desmoralizados, assentaram de se entranhar pelos sertões. A frivolidade é manifesta de um tal motivo, que aliás todos os escriptores repetem: e pois devemos achar em muito mais positivo movel a causa da dispersão. Eram esses homens soldados e indios sujeitos á disciplina e á regimen acaso mais duro que o da propria escravidão: e uma vez agora soltos de todo chefe, longe de qualquer policia, acertaram de se libertar a si mesmos, desertando do jugo. Habituados a viver com os selvagens, com estes preferiram estar longe em regiões desconhecidas; tanto mais que se apoderaram do gado e dos animaes, quanto dos instrumentos e munições da *bandeira*, e se espalharam pelos sertões de Sete Lagôas, Curumaitay, Jaguara e S. Francisco, por lá fundando as Fazendas de criação, de onde pullularam os rebanhos, que mais tarde abasteceram o mercado das Minas Geraes e ainda hoje se exportam. (36)

---

(35) Os mesmos autores citados dizem que o Borba fingiu a entrada de Fernão Dias voltando do norte. Um disparate. Si D. Rodrigo havia se encontrado com Garcia, conduzindo o cadaver, facto historico provado, seria ridiculo o embuste do Borba, fingindo o sogro ainda vivo. Os termos lavrados de entrega das esmeraldas e o jazigo de Fernão Dias em S. Bento não deixam duvida que morreu no sertão, e foi levado para S. Paulo.

(36) Cururu-m-aita-y – rio dos sapos.
Yauára-rio do Lobo, ou do Cão.

Quanto ao Borba, por sua vez atemorizado, refugiou-se com os seus nos sertões desconhecidos do Piracicava, onde viveu muitos annos em uma tribu, que por elle e seus sequazes tornou-se forte e respeitada.

Emtanto, quando a noticia deste fatal acontecimento se divulgou, por S. Paulo, os chefes paulistas, que voltavam do sertão, não tendo coragem de contradizer a culpa assacada sem attenuantes ao Borba, temendo mesmo que fossem acoimados da cumplicidade, como auxiliadores ao menos do crime, confirmaram as accusações; e, neste ardor, a Camara, á toda pressa, reuniu-se, sob a vehemencia das primeiras impressões, e, com côres cruentas, dirigiu ao Rei, em Carta de 2 de Novembro de 1682, uma denuncia formal contra o foragido. Vingavam-se os Deuses.

O Borba considerou-se então perdido para sempre.

Pira-ci-cáva-montanha em que pára o Peixe.

Sete Lagôas (a região) os indios chamavam Vapauassú ou Vapabuçu. Alem da Itacambira, tambem se notam muitas lagôas, de onde igual o nome de Vapabuçu á zona das Esmeraldas de Marcos de Azeredo.

CAPITULO SEXTO

OUTRAS EXPEDIÇÕES

I

Lourenço Castanho

Já temos dito assaz para se não confundirem os conquistadores com os simples aventureiros caçadores de indios. Aquelles cabia de propriamente o titulo de bandeirantes. Cada potentado desta classe contrahia obrigações em troca de direitos. Defendiam a civilização contra os barbaros: e acudiam aos Governadores com o seu corpo de armas disciplinado. Senhores de vastos latifundios, suas Fazendas eram immensas officinas de trabalho. Cultivavam toda especie de cereaes, e criavam toda casta de gado. Tinham em casa officinas de misteres mechanicos, e tecelagens completas de algodão de linho e de lã, graças aos milheiros de escravos e de indios, sujeitos como servos da gleba nos seus aldeamentos (reducções). As Fazendas eram de facto Villas, em que tinham o «jus necis et vitæ» sobre os subalternos; praça de armas em que se armazenavam materiaes de guerra.

Numerosa clientela os bajulava e lhes fazia a côrte. O luxo era immenso: as copas brilhantes e profusas: os moveis apparatosos: soberbas as cavallariças. Nas Capellas da Fazenda o culto exorbitava de esplendor. Padres e Frades revesavam-se pregando a obediencia, santificando os senhores e ferindo a imaginação da plebe com festas des-

lumbrantes. Casa que se prezasse nunca deixava de ter cem camas para hospedes. Tinham voto consultivo no Governo, e pleiteavam o majorato das Villas. Mas, por isso mesmo, eram os que sustentavam á machina da colonia, supprindo de viveres as povoações, construindo os templos e conventos, como tambem os edificios publicos, os caminhos e as pontes, obras estas que se faziam por *corvéas*, se bem que raramente houvesse quem os obrigasse a cousa alguma, a elles, os Ricos-Homens, contra os quaes não se moviam causas. Nas grandes commemorações da Egreja, misturando festas sagradas com profanas, além dos gastos internos, forcejavam por exceder uns aos outros com espectaculos ruidosos, que duravam dias e semanas.

Na epocha dos acontecimentos que narramos, apenas um potentado egualaria em cabedaes e forças a Lourenço Castanho e Tacques, que desde 1640 exercia, sem rival, o majorato da villa de S. Paulo, de antes exercido por Amador Bueno (37). Era filho de Pedro Tacques (portuguez) e de D. Anna de Proença (paulista), neto de Francisco Taccen Pompeu (do Brabante) e de D. Ignez Rodrigues (de Setubal). D. Anna de Proença era filha de D. Maria Castanho (de Monte Mór o Novo) e de Antonio de Proença (de Belmonte). Blasonavam-se, pois, os Tacques (antigos) da genuidade do sangue europeu, em juxtaposição aos das mais nobres e ricas familias da America, como a dos Buenos, que descendiam da filha do cacique de Ururay (Piquiroby), casada com Antonio Rodrigues, ou da filha do cacique de Piratininga (Tibiriçá), casada com João Ramalho, os dous celebres portuguezes que precederam em Turiamú a posse de Martim Affonso de Souza. (38)

---

(37) Amador era riquissimo, prudente e sensato. Quando o partido hespanhol, por elle ser o major da Villa, o acclamou Rei de São Paulo (1.º de abril de 1640), fugiu da turba e encerrou-se no Mosteiro de S. Bento, chamando a Lourenço Castanho para serenar e despersuadir o povo. Neste caso o partido hespanhol despeitado retirou-se da influencia de Amador e se uniu a Castanho, que ficou senhor da popularidade. Amador era filho do nobre Sevilhano Bartholomeu Bueno de Rivéra.

(38) A estada destes homens no paiz é um mysterio, que se não desvendou. Ramalho no seu testamento feito em 1536 diz que havia 30 annos morava em Piratininga: mas isto daria que entrou antes de Cabral descobrir o Brasil. Suppondo-se engano de algum tempo, tem-se por certo que foram os dous grumetes evadidos da frota, e que costeando o mar, chegaram a S. Paulo. Martim Affonso de Souza foi recebido no porto de Tumiaru (S. Vicente) por Antonio Rodrigues, e avisado Ramalho, ambos negociaram a entrada dos portuguezes em paz com Cayuby, Tibiriçá e Piquiroby, que eram os tres regulos da confederação goyaná, dominante do paiz. Ramalho veiu ao encontro de Martim Affonso, com 200 indios sagitarios, que o conduziram em guarda para serra-acima,

Opulento, generoso e valente, Lourenço Castanho sustentava, com todo poder de que dispunha, os Padres da Companhia de Jesus contra o partido escravagista, que lhes movia activa guerra. Os Padres queriam civilizar os indios por meio de aldeamentos; mas os seculares queriam a escravização franca.

Consequentemente, sendo protegidos tambem á toda força por Salvador Corrêa de Sá e Benevides, Almirante, Governador do Sul, desta conformidade nasceu a recommendação, que fez dos dous os melhores amigos. Vindo em 1659 para o Brasil com empenhos do Rei, tendentes aos descobrimentos do sertão, o Governador seguiu com pouca demora para São Paulo, a se entender neste negocio com os potentados; e ahi nessa occasião entregou a Castanho uma carta de D. João IV, pedindo-lhe que auxiliasse os projectos do mesmo Governador em tal assumpto.

«Annos depois (diz Pedro Tacques, seu descendente), achando-se com disciplina militar na guerra contra os indios, e tendo pratico conhecimento dos sertões, recebeu uma carta do Principe Regente o Infante D. Pedro, datada de 23 de fevereiro de 1674, sobre o descobrimento das minas de ouro e prata, para cuja diligencia havia já partido Fernão Dias Paes, com patente de Governador de sua leva ou tropa (39); e pois Lourenço Castanho tomou a si, pelos seus cabedaes e força do corpo de armas, penetrar o sertão dos barbaros indios Cataguazes, e entrou para esta conquista com patente de Governador com jurisdicção e poder correspondentes ao caracter de sua patente, largando a serventia vitalicia do officio de Juiz de Orphãos, que occupava por provisão de mercê vitalicia, como tinha tido seu pae Pedro Tacques. E conseguiu o primeiro conhecimento, que depois veiu a produzir a fertilidade das minas de ouro, chamadas ao principio de seu descobrimento — Cataguazes, e depois extendendo-se em muitos logares, mas no mesmo sertão, os novos descobrimentos, vieram estas minas a ficar conhecidas com a nomenclatura de Geraes, em que se conservam». (40)

Em consequencia, movido pela carta do Principe, Lourenço Castanho se poz em marcha, no anno de 1675, data esta apontada por Pedro Tacques e em perfeita harmonia com os demais acontecimentos.

---

(39) Desta expressão — *havia partido* — é que se tem inferido o anno de 73 para a partida de Fernão Dias; mas deve-se entender: havia partido, *quando* Tacques recebeu a carta do Infante.

(40) Deve-se entender — o primeiro conhecimento — porque foi Tacques quem voltou primeiro que Fernão Dias a S. Paulo: o contrario é um absurdo, como se demonstra pelo texto.

Tendo Fernão Dias por objectivo as esmeraldas, especialmente, inclinou-se Castanho aos descobrimentos das minas de ouro: sobre os quaes corria em S. Paulo, cousa admiravel, a versão de as haver em Goyaz abundantissimas á beira de rios numerosos. Ou tradicção dos indios, que de lá desceram e se lembraram das folhetas então á flor da terra, ou dos aventureiros audazes que lá penetraram em busca de indios, a verdade é que as denuncias mais antigas de ouro nasceram da Meia Ponte. E, pois, neste encalço, já de S. Paulo, antes de Castanho, haviam partido, ora por Mugy ora por Araraquara, aventureiros do tomo de Antonio Pedroso de Alvarenga e de Paschoal Paes de Araujo, este que, primeiro, descortinou as nascentes do Parnahyba e do Araguaya; de onde, arrebanhando indios, passou a fundar Fazendas no sertão de Pernambuco.

Lourenço Castanho, porém, affeito á lucta com os indios, não temeu o embaraço, que persuadia aos outros o itinerario do Paraná, e já tendo á sua disposição caminho aberto até a Ibitiruna, affrontou-a no reino dos *Cataguá*, o espantalho, que tanto retardou o conhecimento das Geraes. Dobrando a Mantiqueira, bateu-os na Conquista, como já se disse, e,os perseguindo, invadiu-lhes todo o districto até o Araxá (41); por onde foi ter á serra, além do Paracatú (rio bom) cujo arraial iniciou, serra que até hoje conserva o seu nome, perpetuo monumento da estupenda façanha.

Falleceu Castanho em S. Paulo aos 7 de Março de 1677 (42), data que define a duração de 2 annos para estes acontecimentos.

A respeito deste notavel conquistador, a historia enreda-se em confusões, havendo quem lhe attribua o primeiro descobrimento de ouro, proposição que não adoptamos, pois que, sendo o talisman da epocha, esse ouro não ficaria sem manifesto e sem memorias. A gloria de Castanho foi sem a menor duvida o anniquilamento dos *cataguá*, principio que determinou a definitiva conquista do territorio central das Minas Geraes.

Nas *Ephemerides Mineiras*, obra que só a paciencia de um erudito e o gosto de um litterato poderiam concluir sem desdouros, encontramos todavia um engano na *Ephemeride de 23 de março*, 1664, seguinte:

« Uma Carta Regia louva a Lourenço Castanho Tacques
« pelos serviços prestados como um dos descobridores do

---

(41) *Ara* dia — *xá* ver. Assim os indios chamavam as bandas orientaes do ponto em que moravam.

(42) Em 20 de junho de 1680 achamos reunido em Camara com outros officiaes Lourenço Castanho Tacques, Juiz Ordinario. Deve-se entender com o Moço, filho do Conquistador dos *Cataguá*. Os castanhos exerceram em S. Paulo o officio de Juiz hereditario.

« sertão dos Cataguás e Caheté, facto que occorreu portanto « pelo menos no começo do anno anterior, ou mais prova- « velmente em 1662. »

Nada mais improcedente.

Em primeiro logar, nenhuma descoberta se fez jámais no começo dos annos, tempo improprio das diligencias; em segundo é que, sendo facto inconcusso ter Castanho partido em 1675, não podia em 64 ter descoberto o Caheté, região aliás cujo nome não se conhecia então.

Pelos annos de 60 a 64, ligou-se o nome de Castanho, sim, mas a Salvador Corrêa, já favorecendo em virtude da Carta de D. João IV a expedição de João Corrêa, dasbaratada em direcção das Esmeraldas, nunca dos *Cataguá*: já soccorrendo ao Almirante para debellar a revolta memoravel do Rio de Janeiro, quando o povo depoz violentamente o Governador da praça Thomé Correia de Alvarenga e mais auctoridades. A Carta, pois, de 23 de março de 64, quando existisse, seria para agradecer os serviços acima referidos, nunca descobrimentos proprios e nos sertões mencionados: tanto mais, que, attribuindo Azevedo Marques, cujo erro maculou as *Ephemerides*, ao Principe D. Pedro tal Carta, reinava ainda Affonso VI, e não era Regente o mesmo D. Pedro.

As Cartas Regias dirigidas a Castanho, foram : (1.ª) a de D. João IV entregue por Salvador Correia; (2.ª) a de Affonso VI de 24 de setembro de 1664, solicitando auxilios para a expedição de Agostinho Barbalho ; (3.º) finalmente a de 23 de fevereiro de 1674, que o incitava a sahir pessoalmente em descobrimentos, pela qual de facto emprehendeu a sua famosa jornada até a Serra de seu nome. Quanto á materia, nenhuma outra mais a historia registra.

Sobre descobrimentos do sertão dos *Cataguá* e *Caheté*, houve uma Carta Regia, sim, mas dirigida a Lourenço Castanho Tacques, o Moço, que effectivamente esteve nas diligencias, ou efficazmente as auxiliou prestando serviços a Arthur de Sá e Menezes, Governador do Rio de Janeiro, Carta que trouxe a data de 20 de outubro de 1698, epocha justa em que se empenhava o Governador nestas diligencias pelo sertão dos *Cataguá* e *Caheté* já conhecido. Todos os escriptores têm confundido os dous pela identidade do nome. O velho falleceu em 7 de março de 1677.

Restabelecido assim este ponto, deixaremos o mais á historia, sem attenuar em uma linha siquer, a justa nomeada do inolvidavel Castanho Velho. (43)

---

(43) A respeito dos felizes descobrimentos dessa epocha, o Principe escreveu muitas cartas, em numero de 25, a varios potentados em agradecimento, por indicação de Arthur de Sá.

II

Antonio Pedroso de Alvarenga

Da nobilissima geração de Alvarenga Monteiro, era filho de Antonio Rodrigues de Alvarenga e d. Anna Ribeira, potentado em arcos, como então se dizia antigamente, e fez varias entradas no sertão. Por fallecimento de d. Francisco de Sousa a 11 de junho de 1611, assumiu a regencia da Capitania o seu filho d. Luiz de Sousa. que continuou na mesma diligencia de seu pae, animando os sertanistas ao descobrimento de ouro e prata. Antonio Pedroso de Alvarenga convencido destas instancias, formou uma grande tropa á sua custa e penetrou distante de S. Paulo 300 leguas em 1616, e se achou, diz Pedro Tacques, no *centro do grande rio Paraupava ao norte da Capitania que hoje é de Goyaz e encaminha suas aguas a sepultal-as no caudaloso rio do Maranhão.*

Segundo os conhecimentos da epocha (1616), é de crer que se tratasse do rio Paraopeba, cujo curso para o norte suppunham dirigir-se para o Amazonas, que era então chamado Maranhão.

Assim sendo, como por outra a distancia de 300 leguas parece comprovar, temos que Antonio Pedroso foi o primeiro conquistador que penetrou em nossos sertões. Em todo o caso o que fica averiguado é que os paulistas desde os mais remotos tempos adquiriram noticias de minas de ouro e prata jacentes no interior do continente. sendo as de Goyaz as que mais cedo se fizeram notar!

III

Mathias Cardoso e Antonio Gonçalves Figueira

Na ordem dos potentados paulistas a nenhum outro foi segundo Mathias Cardoso de Almeida, filho de Mathias Cardoso de Almeida (da Ilha Terceira) e d. Isabel Furtado, e neto par esta de Luiz Furtado (de Monsanto) e de d. Philippa Vicente do Prado (paulista dos velhos troncos). Dous annos andou com Fernão Dias, como seu Adjunto: subiu novamente para o sertão com D. Rodrigo de Castel-Branco: e afinal o vimos no commando da tropa, que sahiu de S. Paulo em 1692 para debellar os indios insurrectos do sertão do Rio Grande e Ceará.

Como já temos dito, o sertão do S. Francisco, verdadeiro mediterraneo do continenti, com a invasão dos portuguezes do littoral, e com a pressão das tribus bellicosas da bacia amazonica, povoou-se de numerosas nações, que, unidas alli deante dos mesmos perigos, alliaram-se e fizeram uma guerra pertinaz e sem tregoas, atacando e saqueando os povoados centraes das Capitanias do norte.

Em balde o Governador Geral Francisco Barreto procurou subjugal-os, confiando poderosas levas a Estevão Ribeiro Parente, a Domingos do Prado e a outros denodados chefes paulistas, assim como ao portuguez famoso por sua energia, Domingos Affonso Mafrense, que de S. Paulo para aquellas paragens entraram por Goyaz, onde andavam captivando indios. Na rude campanha de 1658 os selvagens do S. Francisco soffreram de maneira para se crer que nunca mais se levantariam, mas as causas continuadas renovavam sem espaço as correrias e as invasões, pela injuncção de successivas tribus; até que, se decidindo a conquista do Maranhão, todo aquelle districto innundou-se de barbaros refugiarios, que deram caracter geral á guerra contra os povoados.

Por fallecimento de Mathias da Cunha, o Governo Geral ficou entregue a D. Manoel da Resurreição, Arcebispo da Bahia, homem energico, que tratou de restaurar a segurança dos sertões: e para isso entendeu-se com Thomé Fernandes de Oliveira, Capitão mór e Governador de S. Paulo, pedindo-lhe gente, e que a esta commandasse o Mestre de Campo Mathias Cardoso de Almeida, reputado em todo o Brasil o primeiro em capacidade e valentia.

Effectivamente, acceitando este a commissão, formou um corpo de armas escolhido; e á frente de 600 homes se poz em movimento para o sertão, onde em chegando ás margens do S. Francisco acamparia esperando uma segunda leva, de egual numero, que seria conduzida por João Amaro Maciel parente, filho do Capitão Mór Estevão Ribeiro Parente.

Chegando no anno seguinte o segundo corpo de armas, composto de dous troços, um sob o commando de João Amaro, outro sob o do Capitão Mór João Pires de Britto, de gente sua propria, e exercito ficou elevado a 1.200 homens, paulistas, fóra os recrutas feitos em caminho, como auxiliares e carregadores: e neste vulto marchou a expedição rio abaixo até o logar de Morrinhos, onde novamente acampou, fundando este arraial, que ainda é hoje a nossa ultima Thule. De Morrinhos deliberaram os chefes em conselho despachar uma leva de batedores a effeito de fundarem outro arraial na barra do Jaguaribe, de modo que no outono seguinte podessem contar com as provisões necessarios nesse ponto escolhido para base das operações.

A guerra durou sete annos, sem tregoas, até que os infelizes selvagens foram exterminados na maioria, e o resto, que foi de milhares, como rebanho, partilhado entre os vencedores. O Mestre de Campo, com o seu irmão e fiel companheiro Manoel Cardoso, arrecadando a multidão, que lhes coube, fundaram ricas Fazendas de criar no sertão e nunca mais voltaram á patria.

A estas expedições acompanhou tambem o Capitão Antonio Gonçalves Figueira (*) que já conhecemos na comitiva de Fernão Dias, sempre fiel a Mathias Cardoso, e homem de valor. Acabada a guerra, em abril de 1694, Figueira com os seus 700 escravos feitos na partilha, estabeleceu-se no Brejo Grande, onde arranjou o primeiro engenho de canna, que se viu naquellas paragens. Por ultimo, impellido na miragem das pedras preciosas, cujo districto parecia perto para aquelles homens intemeratos, passou-se para o sertão do Rio Verde, onde fundou as Fazendas de criar denominadas—Jahyba, Olhos d'Agua e Montes Claros, hoje cidade. Afim de se communicar com o exterior desse districto, abriu estrada para o Rio S. Francisco, extensão quarenta leguas; e, quando se descobriram as Minas Geraes, abriu a que veiu sahir no Pitanguy, com o interesse de vender os seus gados.

E assim temos narrado o que por emquanto conseguimos saber da primeira epocha. Vimos quaes foram os primeiros aventureiros; e assistimos á fundação dos primeiros arraiaes, a Ibitirura, Sant'Anna do Paraopeba, Sumidouro, Itacambira e Baependy; Mathias Cardoso (Morrinhos); Olhos d'Agua e Montes Claros; Conquista e Paracatú. Na profunda noite, que se tinha por eterna, dos sertões, foram estes os fócos espalhados, como que a proposito, fim de deixar entreluzir os albores da madrugada, que precedeu o grande dia verdadeiro e historico das Minas Geraes.

(*) Era filho de Manoel Affonso Gaya e de D. Maria Gonçalves Figueira de Itanháen. Manoel Affonso Gaya foi dos descobridores e primeiros povadores das Minas do Carmo e do Sabará.

ORIGEM HISTORICA DAS MINAS GERAES

Segunda Parte

AS MINAS GERAES

I

Os Indios

A historia de Minas, como a de todos os povos, sahindo da noite dos tempos, alvorece á custa de incertezas e fabulas. Os mesmos conquistadores, que atravessaram o sertão, passariam por mythos, si não fôra tão recente e tão conhecida a existencia de cada um, suas origens e façanhas.

A presença, porém, dos indigenas encerra um problema insondavel, e tem mysterios que a propria imaginação desiste de perscrutar.

A serra de S. Thomé das Lettras, por exemplo, os colonos assim a denominaram por encontrarem nella uma pedra cheia de cifras e tão perfeitas, que se attribuiram ao Apostolo, graças á lenda espalhada entre os mesmos indios, que em tempos remotos um varão extraordinario andou pelos sertões pregando doutrinas e praticando virtudes.

Na região de Sette Lagoas uma outra pedra contém inscripções á tinta vermelha indelevel, e a posição, de quem a

traçou, é como se estivera de pé sobre uma canôa, pojada no lago quaternario, que cobria o territorio; e cujo nivel deixou signaes evidentes no panno do rochedo. Além disso, nos paizes do Jequitinhonha, e outros, tem-se encontrado desenhos figurados de perfeição relativa a um estado mais adeantado, que o dos indios em geral. São factos, que nunca saberemos explicar como, no espantoso cahos do mundo selvagem, puderam succeder.

O lago interior, tendo-se exgottado mui antes de ser Popayan originada, faz-se mister contar com a velha civilização da America Central, para se lhe attribuir a gloria de ter enviado tão longe os nuncios de sua admiravel cultura; menos que se não queira revocar os dias da fabulosa Atlantide.

Como quer, porém, que seja, o facto é que esses germens não conseguiram forçar o meio, e foram lampejos ephemeros de intelligencias naufragadas no pégo enorme da barbaria primitiva. A massa indigena embrutecida pela propria natureza: e esta natureza tambem, a mais gigante do mundo, que rissistiu á toda tentativa, foram obstaculos, que só uma civilização apparelhada em ponto conseguiria debellar. Antes, pois, de se ter a Europa preparado, nem sequer deixaria signaes uma iniciação formal e completa.

II

Os Tupi

Outro problema é a epocha em que se começou a povoar o territorio.

A ser a verdade que se encontraram nos cascalhes virgens do Jequitinhonha, leito dos diamantes, (*diluvium gris*), indicios da especie, o phenomeno humano remonta em Minas aos primeiros tempos da epocha quaternaria, tal qual em outros continentes. (1)

Além disso, as nossas montanhas e planaltos, sendo os mais velhos sublevamentos do planeta, em concurso com

---

(1) A presença do homem quaternario, sendo universal, deu logar a theoria polygenista: mas as descobertas do Perigord em 1856 attestaram o phenomeno para a edade terciaria, isto e, para antes do cataclisma, que, ha cinco mil annos mais ou menos, teve logar e coincinde com o diluvio de Moysés. Rareando, pois, o phenomeno, quanto mais antiga e a historia natural, fica mais provavel tambem a procedencia de um só casal. O homem do *Perigord*, afastando-se do Europeu actual e approximando-se de nossos indios, faz crer na primogenese do homem americano.

aquelles indicios, fizeram, sinão as primeiras, a primeira vivenda que interrompeu as solidões do diluvio, acolhendo os profugos de uma patria primitiva, quaes foram os *tupi*. Mas em Minas, não se encontrando por emquanto os fragmentos da pedra lascada (*paleolytho*), ao passo que são numerosos os da pedra polida (*neolytho*), suscita-se a hypothese tambem, que o homem para aqui entrasse em grão superior ao seu contemporaneo europeu. Entretanto, como a pedra aqui usada não foi o silex, e sim a obesediana, podemos inferir tambem que o tempo tenha apagado as formas, sinão outros agentes naturaes as corrompido, fazendo desapparecer aquelles testemunhos: o que indicaria á sua vez milhares de annos.

Vieram os *tupi*, como se diz, das ilhas, ou do continente, cujos restos são a Polynesia: e bem pode ser que a nossa America, as ilhas até á Australia, representem o que ficou daquelle mundo submergido, caso em que os profugos viriam a pé, e não a remos. As terras esparsas em visiveis fragmentos por todo o Pacifico, com serem povoadas da mesma raça vetusta, induzem a esta hypothese, mais do que a de navegações inconcebiveis por distancias de mar tão largo, que ainda hoje apavoram os maiores pilotos.

Fosse o que fosse, a verdade é que os *tupi* chegaram pelo sul, e achando o *meio* propicio multiplicaram-se até o extremo norte, e, similhantemente aos Eskuaras ou Bascos na Europa, serviram cá no Brasil de massa ancestral aos povos, que dominaram o nosso territorio.

A linguagem dos indios toda unida em origem, e admiravelmente expressiva, assenta a firmeza desta precedencia no nome, que adoptaram *Typi* (cabeça de geração) ou *Ty-pi* (raiz mãe). Por outro chamavam-se tambem os *Tapuia*, que significa os *avós*: o que dá no mesmo synonimo.

* * *

A guerra, sendo principal e unica industria selvagem, deu causa a se graduarem e a se dividirem as nações. Vencer a natureza, procurar alimento, segurar a vida, foi sempre o exercicio da intelligencia, o instincto das artes, o fim do progresso.

Invadindo e conquistando os paizes, tinham os selvagens tambem por lei exterminarem os varões e conservarem as mulheres e as crianças; pois representavam estas a força militar futura, e aquellas o poder economico activo da tribu. A escravidão da mulher é facto anterior a todos os costumes, condição inseparavel da vida barbara, que a propria natureza, immoral por indole, justifica no pantheismo cruel, que enseiva as religiões primitivas, inspiradas na

força e na guerra. Entrando escravas as mulheres prisioneiras, ou raptadas, encontravam na tribu as nacionaes na mesma condição de escravas; e não faziam differença nos serviços pesados, a que eram votadas, incompativeis com o orgulho do homem caçador e heroe. Em chegando á puberdade, as mulheres soffriam a operação estupida para se lhes dilatarem as tetas no interesse, que em viagens, ou trabalhos da terra, as dessem aos filhos carregados ás costas. Desta brutal utilidade, que muitas tribus ainda praticam, bem se pode julgar do materialismo grosseiro, com que eram tratadas.

Consequentemente, não havendo que fazer dos homens aprisionados, cuja conservação redundava na imprudencia de nutrir inimigos internos, e consumidores inuteis, por policia e por economia justificava-se a matança. Contra os sentimentos da piedade espontanea, que por ventura se desenvolvessem, imaginou-se a gloria militar; e, em festins orgiacos e pavorosos, em que eram devorados os inimigos, lei de que se ufanavam as tribus por muito doceis e humanas, que ahi existiram, como a dos *Goianá*, o heroismo exaltava-se.

Nutrindo-se de fructas silvestres e de caça, tanto quanto de pescado, pois que as regiões empobreciam-se, toda a questão era de novas e mais fartas. Aos amigos chamavam os indios *irumáuara* (o que come comigo): ao estrangeiro *amutetauara* (o que come na outra terra): ao compatriota *retamauara* (o que come na minha terra). Por estes termos já se vê qual a idéa dominante pela qual a guerra tomava um caracter de voracidade brutal, de vida ou de morte, nunca apaziguada. Os paizes ferteis foram sempre os pomos da discordia.

III

Os Goia

E' de se saber, emtanto, que nenhum paiz foi em toda a extensão conquistado. Por muito numerosa que fosse a horda invasora, jamais chegou a occupar de todo o districto atacado, e menos por completo a região do povo vencido. Evadindo-se, pois, a maioria deste, recomeçava a existencia em novas plagas, de uma expulsando á sua vez os habitantes, de outra sendo primeiros occupadores. Neste ultimo caso a natureza compensava o exilio, conservando e até engrandecendo ás vezes a raça genuina dos immigrantes; ao passo que nos paizes de onde sahiam, e ficavam os vencedores, a raça nem sempre melhorava pelo cruzamento desigual da tribu mais fraca, representada nas mulheres adju-

dicadas. Os romanos tambem melhoravam, emquanto venciam os celtas e os germanicos, mas decahiram nas provincias berbericas, produzindo as raças bastardas, que o Islam facilmente assimilou.

Si na America do Sul os *tupi* dispuzeram em paz dos longos e tristes seculos da Idade quaternaria para se desenvolverem, sem competidores, ficando paralysados no estado rude e animalesco de sua origem, o mesmo não succedeu a seus contemporaneos do Norte, oriundos da velha raça melhor, que povoou a China e o Japão dos tempos idos. Enxames samoyedas do Hymalaia, derramando-se depois contra o norte da Asia, transbordaram no Alaska, e d'ahi nas regiões boreaes, possuidas até o presente pelos Esquimáos, seus primogenitos. Em seguida, avançando pora o sul, submetteram os antigos habitantes, e pelo cruzamento produziram com estes a primeira raça mestiça de Aryanos, que se viu na America. De outro lado, escalando a Groelandia e as costas do Lavrador, os Scandinavos formaram colonias; e pelos mesmos processos da guerra deram nascimento á outra familia mestiça, que avançou para a Florida e se derramou pelas ilhas. Ora, estes dous ramos mestiços, encontrando-se no centro, nas regiões do Mississipi, constituiram depois um terceiro, que ainda se representa nos *Pelles-Vermelhas*.

Os Samoyedas (*Tolstecas*), adiantando se contra o sul, possuiram todo o Occidente até o Isthmo do Panamá; e fundaram os famosos reinos de civilisação Maya, que floresceu, seculos antes da nossa éra, centralisada no Chiapas, cuja grandeza attesta-se nas ruinas portentosas de Palenque, Capuan e Guatemala. Os mestiços do Mississipi, a seu turno, penetraram no Chiapas e fundaram os reinos do Yucatan, assimilados facilmente á velha civilisação. Estes *Pelles-Vermelhas* foram os que, transpondo o Isthmo, ou o braço do mar, fundaram Popayan, que se tornou o primeiro foco de luz irradiado na America do Sul (VI Seculo D. C.). Aberto que foi este caminho, de quantas convulsões foi theatro o velho imperio central, tantos povos e tribus passaram-se e não ha duvidar que d'essa procedencia sahiram os Aymaras; os quaes, afastando se do poder dos Quichuas de Popayan, vieram crear nos planaltos da Bolivia, nas margens e ilhas deliciosas do lago, a vida pastoril e agricola, da qual desabrochou a mais pacifica e benevola civilisação, que um dia espontou da natureza, e preparou o advento mysterioso dos Incas.

Entretanto, os scandinavos, partindo da Florida e das Ilhas, saltaram no Yucatan, levaram de vencida os Estados Maya, e centralizaram a conquista no Anahuac. Ahi fundaram a sua capital Tinochtillan (Mexico), pelo seculo XII mais ou menos de nossa éra. Como, porém, succede em todas as vastas dominações militares, que, emquanto ruem por terra as instituições politicas, as sociaes resistem, nenhuma

assimilação já foi mais difficil na historia. Achava-se ella ainda em tentativas, quando surgiram os hespanhoes em 1516. Alliados habilmente aos vencidos, explorando os velhos rancores, apoiaram-se na republica aristocratica de Tlascala contra os *Aztlecas*, e afinal conquistaram o Mexico (1519, 12 de novembro).

Com a invasão dos mestiços da Florida, os *Yunças* do Nicaragua, passaram o Isthmo e se installaram no Equador. Confinando com os Quichúas e com os Aymaras, fundaram um reino de pouca duração.

Sem falarmos, por ora, dos *Antes*, que dominaram e denominaram a grande cordilheira, e nem dos *australoides*, irmãos dos *tupi*, que viviam no Chile, mencionaremos os *Goia*, que expulsos pelos *Yunços* das nascentes do Orenoco, desceram a rio, e vieram se installar nas terras, que se extendem do Amazonas ao mar das Antilhas, chamadas por isso as Goianas. Foram estes os primeiros povos do norte, que se encontraram com os *tupi* no Occidente, emquanto os *Antes*, expulsos do Perú, vieram para as regiões do Madeira (*Cayrari*), e produziram com os mesmos *tupi* do Oriente a raça *Guarani*.

Pacatos, iniciados na agricultura, na ceramica e nas demais artes do segundo estadio, os *goia* teriam francamente attingido a posição imitativa dos Maya, sob cuja influencia remota despertaram, se em meio da evolução, não fossem bruscamente interrompidos pela invasão dos *Carib* (Filhos de Branco). Senhores da Jamaica, e de outras terras do golpho, oriundos do sangue hyperboreo, os *Carib* foram os mais audazes, e adiantados, dos povos americanos; e passaram por ferocissimos, porque repelliram e guerrearam os hespanhoes, sendo tambem o terror dos mais insulares.

Aterrados os *Goia*, largaram então em grandes massas a terra do Orenoco, e transpuzeram o Amazonas, vindo se installar no Araguaya; onde prolificaram e possuiram victoriosamente a região, que de seu nome ficou tambem se chamando Goyaz.

Ahi tendo em parte cruzado com os antigos *tupi* deram origem á raça *goianá* (*goia-parente*), que foi a primeira introduzida no amalgama do povo mineiro.

* *

Entretanto, uma outra poderosa familia creou-se do cruzamento dos *Carib* e dos *Goia*, além do Amazonas, os cariocas ou *Carijó*. Encontraram-se as duas familias *Carijo* e *Goianá*, no Tocantis, e como nascidos para eterna discordia, dahi logo se travou a guerra de hegemonia, que nunca mais cessou; extendeu-se a todo o Brasil; e ainda mesmo

depois da invasão portugueza figurou nas allianças e luctas com os Europeus.

4.°

Guarany e Tupiná

Convertido o valle Amazonico, em vasto viveiro de povos, convém observar a circumstancia, que os graduava em mais ou menos adeantados, segundo a epocha, em que immigravam. Os mais modernos, sahindo mais tarde do contacto com os imperios civilisados do Occidente, por cujas guerras, embora vencidos, aprendiam as artes e progrediam, foram necessariamente os mais aproveitados. E, como as invasões succediam-se, umas sobre outras, em progressão recuavam para o occidente, e o sul, as tribus e nações menos preparadas. Os *Guarani*, passando do Aporé ao Jaurú, fizeram caminho ao fio do Paraguay, e se internaram, derramando-se por todo o territorio actual de S. Paulo; onde muitos annos dominaram; até que as revoluções do norte viessem alterar a paz relativa, de que gosavam.

Vencidos os *Carijó* pelos *Goianá* no Tocantins, a nação dilacerou-se, entrando uma parte para o Maranhão; mas outra, alcançando o Parnahyba, desceu e se espalhou, perseguida sempre pelos *Goianá*, que afinal entraram no Tieté e os impelliram para o sul, assim como aos *Guarani* que foram obrigados a transpor de novo o Paraná, ficando senhores então de toda a margem occidental. Em 1533 Martim Affonso de Sousa encontrou os *Carijó* no littoral de Santa Catharina e no Rio da Prata. Encarnando a maior fracção de sangue hyperboreo, Ayres do Casal descreve estes indios: «tinham formas regulares, delicadas, bellas, pés e mãos pequenas, olhos azues, cabellos finos e lisos». As mulheres especialmente foram as mais esbeltas do gentilismo; e Diogo Garcia, que com esses indios praticou, affirma: «eram doceis, intelligentes e amigos dos christãos».

Além dos *goianá*, propriamente ditos, que tambem se chamavam *tupinaki* (tupi parente espinho, isto é, maus), dos *tupi* com outras raças nasceram os *tupinabá* (tupi-parente-legitimos), cruzamento com os *Carijó*: e os *tupinae* (tupi-parentes-velhos) originaes do cruzamento dos dous ramos ancestraes, que se dividiram, e se encontraram mais tarde os *tapuia* e os *tupi* no sertão de S. Francisco e do Ceará.

Dada esta idéa, posto que imperfeita, das primeiras raças, chegamos ao ponto em que segundas, deslocadas do valle Amozonico, produziram a dispersão dos *tupiná* sobre todo

o littoral, e de modo fragmentado em consequencia das guerras. Os *tupinabá* possuiram a costa do Maranhão e de Pernambuco até o Caramurú na Bahia; os *tupinaki* possuiram de Camamú até o S. Matheos, e neste trecho a esquadra de Cabral os encontrou nas praias de Porto Seguro; os *tapinae*, menos numerosos, occuparam o valle do Paraguassú e outros sertões do interior mais proximos ao mar.

5.º

Tapajó e Cataguá

Antes porém de se evadirem para o littoral, os *tupinaky* habitaram o ser ão do Arassuahy e do Jequitinhonha, famoso pelas esmeraldas, de onde foram expulsos pelos *Aymoré*, oriundos dos Mamoré (Guaimuré). Por ahi reinaram estes mais fortes e mais adeantados que os povos antigos, durante todo o tempo, até que soffreram a seu turno a invasão dos *Tapajó*.

Nação esta das ultimas, que transpozeram a fronteira e se deslocaram para o Occidente, foi por ventura a mais civilisada de nossos indios, tendo longos annos dominado o affluente amazonico de seu nome derivado de *Taba e uoc*, significando *nascidos em aldeias* (taba), o que val o mesmo que se recommendarem pelos que em maior sodalicio ou communhão se educaram. Como de *Cariuoc* fez-se *Carijó* daquellas duas raizes *Tabauoc*, da velha pronuncia fez-se *Tapajó*.

Além destes indios, reinou no sul de Minas outra nação organizada, e foi a dos *Cataguá*, a que mais terror incutiu aos velhos paulistas; e por isso a mais famosa, que se tornou, da nossa historia.

A respeito delles conta-se que os *Teremembé*, deslocando-se do Jaguaribe, dividiram-se em duas hordas: uma que subiu o S. Francisco até as nascentes, outra que desceu o Parnahyba até á fóz; encontrando-se ambas já desirmanadas no val do Rio Grande ou Paraná (mar-parente). Travada ahi a luta pela posse do rio, decidiu-se na barra do Sapucahy (rio que grita). Os vencidos, transpondo então a Mantiqueira, foram-se installar na chã do Parahyba, cerca de Taubaté, e os vencedores ficaram na terra conquistada: de onde se extenderam até o Rio das Mortes, com o nome emphatico de «Catu-auá» (gente boa). Na guerra os indios chamavam-se a si «catu-auá», e aos inimigos «puxiauá» (gente ruim). Dahi, os *Cataguá*.

Quando Felix Jacques, fundando Taubaté, uniu-se aos *Teremembé*, e com estes transpoz a Mantiqueira em guerra

aos « Catu-auá », foram estes repellidos para os sertões do Piumhy e do Tamanduá, dando tempo a Lourenço Castanho, que de proposito entrou contra elles, desbaratou-os no logar por isso chamado — Conquista, e deixou então livre e desembaraçada a entrada do Rio Grande e dos Campos Geraes (1675).

Os *Cataguá*, bem comos os *Aymoré*, debandaram-se em outras tribus, já degeneradas, em consequencia da guerra.

6.°

Assalto a S. Paulo

Com o advento dos europeus, difficil é descrever o abalo, que soffreu a população gentilica. Em que pese aos que dizem foram os indios de todo ignaros e boçaes, o provado é que das antigas lutas entre elles proveio a origem das novas, em que intervieram os europeus no Continente. As grandes nações indigenas passaram, como estavam divididas ao novo campo das batalhas, seguindo cada uma a parte européa, que lhe convinha. Os « tupinaki » e os « tapuia », inimigos dos « carijó » e dos « tupinabá », uniram-se aos portuguezes inimigos dos hespanhoes e dos francezes. Os *carijó* foram por isso amigos dos hespanhoes, e os *tupinabá* dos francezes. Já se póde ver, portanto, que a luta pela hegemonia veio de todos os tempos, e foi a razão dominante das guerras, salvo a briga eterna e parcial, que é propria de selvagens de aldeia em aldeia, especie de anarchia universal, que se viu tambem entre os barbaros da Germania, e ainda nos paizes incultos. Entrementes, factos decisivos determinaram o retrocesso das populações littoraneas para os sertões do centro, como passamos a expor ; e repovoaram os rios de nosso territorio, os quaes, por serem mais remotos, por isso mesmo foram os primeiros, que chegaram á noticia dos antigos.

E' claro que, traçando em geral a feição do mundo indigena, não queremos dizer que só aquellas grandes nações existiam. Pelo contrario, tão dividido e subdividido foi o continente, que seria innumeravel o rol das tribus, que o habitavam. As guerras, dispersando-as, faziam com as distancias, que se desaggregassem ; e, por decurso do tempo, em progressão afastavam-se do tronco, formando como que corpos distinctos e novos.

Quando Martim Affonso aportou em S. Vicente (Turiamú), os « Goianá » constituiam uma confederação vastissima de tribus autonomas por todo o territorio do Estado de S. Paulo, nação adeantada, que vivia em aldeias, praticando a lei na-

tural e cultivando a terra; e dessas tribus tres principalmente se distinguiram desde logo na historia da catechese: a de *Geribatiba* governada por Cayubi; a de *Ururay* por Piqueroby; e a de *Piratininga* por Tibiriçá. Ao donatario appareceram então os dous portuguezes mysteriosos, Antonio Rodrigues e João Ramalho, aquelle, temperamento brando, casado com uma filha de Piqueroby, ao depois chamada Antonia Rodrigues; este, homem astuto e violento, casado com a filha de Tibiriçá, ao depois com o nome de Isabel. Predispondo os animos a favor dos patricios, os dous relegados prestaram serviços: mas Ramalho foi agente das primeiras discordias.

Perseveraram as duas tribus de *Geribatiba* e *Piratininga* na fé; mas a de *Ururahy* voltou ao gentilismo, despeitado talvez o seu chefe da preferencia que os jesuitas deram a Tibiriçá, considerado por elles o maior dos caciques. O partido pagão cresceu de numero e, apoiado no tradicionalismo, ganhou incremento na luta, que rebentou entre os colonos, querendo os Padres Jesuitas catechizar os naturaes em aldeamentos sob sua tutela, e os seculares, com João Ramalho á frente, querendo a escravização sem desfarces.

Os indios, apavorados com a perspectiva da escravidão, uniram-se a Arary, acclamado chefe de Ururay por morte de Piquiroby, e, congraçando os inimigos na vespera, *Tupy*, *Carijó* e *Tamoio* vieram assaltar a villa nascente de S. Paulo na madrugada de 10 de Julho de 1662. Baptizado com o nome do Padrinho, Martim Affonso de Souza, Tibiriçá, devotado em extremo aos Jesuitas, poz-se á frente das hostes christãs. A batalha foi teimosa e cruenta: mas a villa foi salva; e tamanha foi a multidão dos sitiantes, que a victoria julgou-se milagre. Ferido gravemente, morreu Tibiriçá como um santo e foi sepultado como um rei. Os dous irmãos renovaram n'um canto da America o pleito de «Subiacum»: porque, embora servido por obscuros selvagens, o «labarum» de Constantino aqui não decidiu menos a sorte das cousas. Não é justo recusar-se entretanto a Arary vencido as honras da historia. Viu deante dos olhos o exicio do imperio gentilico, sua terra votada e sua raça á escravidão do extrangeiro; armou-se, combateu e, si succumbiu, foi ao menos fiel á patria moribunda. Honra sempre ao valor desditoso!

Os europeus, enfurecidos pelo ataque de 10 de Julho, desenfrearam a razão escravagista. Rota a concordia dos dous elementos, o que se seguiu foi logico: a conquista mudou de face. A rivalidade dos francezes contra os portuguezes, pondo a colonia em pé de guerra, enculpe-se das tristes consequencias, que levaram ao exterminio a raça aborigene.

Por muito que se queira estigmatizar o procedimento de nossos maiores, forçoso é se confesse, praticaram a lei

historica de todos os tempos, e de todos os paizes: em que é mister coexistirem raças desiguaes. A menos que se queira de preferencia o exterminio, usado nos Estados Unidos, a eliminação a ferro e fogo dos indios, a escravização foi relativamente humana. Ou ella, ou o abandono da colonia, e tal é a forma das cousas, LACRIMAE RERUM, que foi a escravidão o primeiro passo da ordem civil, instrumento necessario da grandeza expansiva do mundo antigo.

A guerra de 62, declarando por inimigo o mundo selvagem, generalizou-se e não houve mais como retroagir. A conquista mascarou-se emtanto de mais urgente que foi na verdade; e pois o movimento para os sertões mais remotos não teve limite. «Os portuguezes, disse o chronista, não contentes de senhorearem a terra, passaram a senhorear as pessoas: e como em caso de liberdade natural todo o homem, por muito tosco que seja, acuda por si, houveram de tomar a rompimento muitas destas nações».

Por todo o littoral a perseguição extendeu-se com a guerra; pelo que o territorio de Minas converteu-se em refugio dos infelizes.

VII

Os tamoio

Além destes factos, outros succederam no mesmo effeito: e sobretudo a guerra chamada dos *Tamoios*.

Ainda que os *Tapuia* foram amigos dos portuguezes, a tribu d'elles, que tinha o Rio de Janeiro, declarava-se por inimiga encarniçada. Confinavam os *Tamoio* com os *Tupinaki* (Goianá) em Angra dos Reis, paragem rica de productos de mar e de terra, motivo portanto de lutas eternas. Os *Tamoio* por ultimo queixavam-se dos *Goianá* por terem voltado os Jesuitas contra elles, intrigantes dizendo que estavam de mãos dadas com os francezes: e era a verdade.

Occuparam effectivamente os francezes a bahia do Rio de Janeiro, desde 1556, fortificados na Ilha, que tomou o nome do chefe Villegaignon. Para os desalojar veio em 1559 Mem de Sá, nomeado Governador do Brasil: e em 1560 apresentou-se fóra da Barra com 10 náos combatentes. Os padres Nobrega e Anchieta, que vinham a bordo, mandaram a S. Vicente buscar maiores reforços e embarcações pequenas: e apenas chegados, o Governador atacou a fortaleza a todo folego; repelliu os francezes, que não poude matar, para terra firme: e fundou a cidade na praia Vermelha.

Experimentando os francezes então o mal que lhes vinha de Piratininga e S. Vicente, logo que se retirou Mem

de Sá, começaram a reorganizar a campanha. Affoitaram os indigenas para o ataque de 10 de julho: e, disciplinando os selvagens, fornecendo-lhes armas, conciliando-os, formaram a poderosa alliança dos «Tamoio» e «Tupinambá», que assaltaram a cidade, composta então de palhoças cercadas de madeira ao pé do Pão d'Assucar.

Com a noticia destes successos, Mem de Sá enviou o seu sobrinho Estacio de Sá á frente da esquadra, o qual no dia 20 de janeiro de 1567 forçou a barra, e rompeu o fogo, ficando elle mesmo ferido gravemente, de que morreu um mez depois.

Desbaratada, porém, a confederação dos «Tamoio» e «Tupinambá», aquelles subiram para serra acima, e estes, costeando o littoral, foram ter ao Maranhão em auxilio aos compatriotas de lá, que se entregaram aos francezes, seus amigos.

Todos estes factos, que rapidamente revistamos, dirigem-se a provar que a luta de nossos antepassados com os indios não foi, como se tem dito, uma estupida carnificina e atroz. Sem embargo das crueldades inuteis, que foram muitas e sem justificação, o caracter geral foi defensivo. Renovava-se na America, ou antes prolongava-se aqui a discordia da Europa; e a crise religiosa do seculo repercutiu com os huguenotes, que vieram assaltar os dominios de Portugal. Venceram os portuguezes; mas é bom não se esqueça em que caracter. Não fossem os Jesuitas, que estimulavam o espirito catholico das nações amigas, o Brasil não seria nosso. Tibiriçá salvou S. Paulo: Arariboia assumiu o commando dos *goianá* e dos portuguezes no Rio, depois de ferido Estacio de Sá, e derrotou o inimigo: Poty (Henrique Camarão) em Pernambuco foi o *Cid*, que não descansou contra os hollandezes; e Amanajú conquistou o Maranhão e deu a Portugal o imperio do Amazonas!

São homens e factos, que falam mais alto, que as declamações contra a nossa Mãe-Patria. Nação colonizadora por excellencia, Portugal deixou-nos a sua religião, a sua lingua, o seu caracter dominante; e o sangue, que nos aquece, é o mesmo sangue, que as tradições e a historia proclamam pelo mais generoso do recinto christão.

II

Organização

Agglomerando-se no territorio povos de todas as procedencias e matizes, desd'os *tupi* originaes até os *tapajó*, que viviam em communas, aprendizes da civilização, que tinha Cuzco por *Urbs*, é facil admirar a gradatividade de estadios,

em que foram achados: uns vivendo em *tabas* e alliados em confederação, como os pequenos Estados do velho *Latium*, tendo com os primordios de Roma a similhança ainda nas relações com o extrangeiro: quem não era *civis* era *hostis*. Os de origem amazonica e recente, mais adiantados, trouxeram utensilios, principios de artes, vestuarios e armas mais perfeitas, podendo-se dizer que as figuras graphicas encontradas no paiz, em que dominaram são imitações da escriptura dos *Quichuas*, que infelizmente foi destruida; e cujo sentido perdeu-se para sempre.

Moravam estes indios em *Ocas*, que eram casas oblongas, bastante espaçosas para abrigarem todas as familias consaguineas de avós a netos, cousa bem diversa da promiscuidade bestial, que irreflectidamente se lhes tem attribuido, pois essa cohabitação não foi menos que a espontaneidade do principio patriarchal, a primeira fórma da ordem civil. As *Ocas* eram dispostas em circulo, cercadas de palancas fortissimas, obra admiravel da cooperatividade voluntaria, primeiro phenomeno do organismo municipal. No centro das *Ocas*, um largo representava a praça, tendo no meio a *Ocarocára*, casa do Governo, e sendo o logar, em que o povo reunia-se em conselho (*taba-polé*) ou para as festas. As *Ocas* juntas formavam a *taba*; e as *tabas* confederadas a tribu ou nação, aquellas governadas pelo *muruxauára*, autoridade electiva á maioria de vozes, e a tribu pelo *Cacique*, soberano militar imposto pelo proprio valor e capacidade na guerra. Nomades e guerreiros, os indios não constituiam dynastias; porque a força e a coragem sobrepujavam a todas as mais partes proprias para o governo.

Era, como se vê, a organização primitiva de todos os povos que nasceram na historia: as tres tribus de Roma, os *clan* da Escossia, as *kaza* hellenicas, os *Gael* germanicos, as federações antigas. Nas vitrinas dos Museus da Europa não é raro encontrar-se tambem o testemunho material da anthropophagia entre os ancestres de nossos actuaes civilizadores. E pois, não nos accusem tanto aos nossos aborigenes.

Outras nações, em vez de *ocas*, dispunham de *aiupas*, casas para uma só familia. Si naquellas o sentimento já subia a relações mais abstractas quaes do parentesco, é bom nas aiupas observar-se o embryão juridico do poder-patrio. As *ocas* puxaram a civilização de Quito, as *aiupas* a de Cuzco. As *tabas* representam ao vivo as curacas do imperio dos Incas. E' assim que a influencia exercida pelos Estados civilizados traduz-se primeiro pelas cousas materiaes e sensiveis, que pelas idéas e costumes. A influencia dos *Quichuas* no continente foi tal, que os *Carijó*, sendo brancos, tingiam-se de vermelho, por lhes parecer a côr nobre do homem.

Entretanto, na massa commum da população indigena, a mais numerosa e espalhada era a primitiva dos *tupi*, ou de seus mais proximos descendentes. Viviam no isolamento, sem casas, sem hortas, dormindo no chão, não tendo mais que as relações animaes de paes a filhos. Fraquissimos pelo isolamento, causa tambem da estupidez, não podiam fazer senão o que coubesse em suas forças individuaes. Eram estes os bons indios para os paulistas aventureiros, massa propria para o trafico. Approximando-se-lhes uma partida de aventureiros, face a face, entregavam-se tomados de medo, humilhavam-se ao jugo; e dahi a reputação de doceis e mansos. As *tribus*, porém, quanto mais organizadas, mais fortes e mais bellicosas: e por isso então ganharam a fama de barbaros ferocissimos, intractaveis; taes foram os Cataguá, os Tapajó e os Tamoio, taes tambem ainda os *Goianá*, por fugirem, e os *Carijó*, sem embargo que estes sobre todos foram os indios mais amoldaveis á vida civil, como se viu no Rio da Prata.

Não devemos esquecer um ponto relativo aos *Aymoré*, que elucidaria em muito o problema dos indios. Eram elles emigrantes do Occidente, e a principio formaram uma nação temivel, a que mais impedia a exploração do Jequitinhonha e do Arassuahy, senhores, que ficaram, do Mucury e da serra das Esmeraldas. Depois da occupação portugueza no littoral de Porto Seguro e dos Ilhéos, desceram e saquearam a colonia, destruiram o que poderam, até que Mem de Sá os acommetteu com dura guerra, os desbaratou e, os atirando contra o reino dos *Tapajó*, acabaram estes por fazer o que foi necessario para os debandar e destruir. Separados em pequenas hordas degradaram-se, e delles fala o chronista, nestes termos: «Por occasião das guerras, que houve entre elles, succedeu que certos bandos, fugindo a seus inimigos, se recolheram ao interior dos sertões, a logares fragosos e montanhas estereis, onde não pudessem ser achados, e como alli viviam separados do commercio de toda a gente, por decurso do tempo, vieram seus filhos e netos a perder a noticia da propria linguagem».

Perderam além disso o proprio nome nacional; e são os famosos botocudos, cujo bando mais genuino é o dos *Pochichá* do Mucury, terror da colonia: e a estes necessariamente se refere o mesmo chronista da Companhia de Jesus: «descendentes dos antigos *Tapuias*, gente agigantada, robusta, forçosa, arcos immensamente grandes, detrissimos frecheiros, grandes corredores, sem casas, sem roças nem aldeias, dormem na terra, sustentam-se de fructas e caças, comem crú... Acommettem á traição, nunca a descoberto... andam aos poucos..., sem lealdade de uns para os outros, nem mesmo de pais para filhos».

Esta pintura, como se deve suppor, é a dos *Aymoré*, depois de vencidos. Atacando as colonias do littoral vieram

disciplinados ainda e leaes de uns para os outros, é claro, porque sem isso nada teriam conseguido. Dessa mesma pintura, emtanto, resalta a dos *Tapajó*, vencedores de gente tão brava e pratica no manejo das armas; e assim ficamos ao facto de como facilmente retrogradavam os indios e tornavam ao typo ancestral mais grosseiro e rudimentario.

III

Os Conquistadores

I

Os *conquistadores* formavam uma classe poderosissima, destinada á defesa do povoado, e tinham por dever alargal-o, quanto pudessem á custa do sertão.

E' bom não estarmos ainda fazendo um juizo opposto á realidade das cousas naquelles tempos. Ninguem pense que os indios formavam então um elemento fraquissimo comparado aos europeus. Como já temos demonstrado, a guerra naquellas éras se fazia á flecha com rarissimas armas de fogo, petrechos rarissimos, que só os ricos podiam adquirir em pequena escala. O Coronel Furtado, por exemplo, apaixonado de boas armas, rico, e á beira de um sertão povoado de botocudos, quando morreu em 1725, não deixou mais de 14 espingardas, entre boas e más.

Os *Carib*, invadindo as Goianas, foram os que trouxeram o uso do arco e flecha. As tribus amazonicas, espalhando-se, completaram esta revolução na arte da guerra; e custa bem se imaginar a perfeição a que attingiram os instrumentos e o manejo delles.

Os conquistadores tinham espadas e armas de fogo, mas para uma só pequena companhia de sua directa confiança, servindo para conter o resto dos governados em obediencia e disciplina. As forças e milicias do proprio Governo compunham-se em grosso de combatentes, archeiros e sagittarios. Imagine-se, pois, no começo logo das cousas, na guerra dos Tamoio, e na de 1662, tanto quanto nas expedições avulsas pelo sertão, e se verá que em verdade não se exagera o elogio á coragem dos conquistadores.

Elles tinham, como tiveram as mais vezes, de combater com armas iguaes ao inimigo, e este em maior numero, e mais desesperado. Por muito superior portanto que fosse o uso das armas de fogo, exerceram-se mais pelo terror, que causavam aos indios, que pela força directa e decisiva dos

combates. A prova é que os chefes da colonia em muitos casos foram feridos, e morreram ás mãos dos selvagens, sem se contarem as batalhas, que perderam.

Não poupando ensejos de atacar as povoações e fazendas, implacaveis contra os colonos, e muito mais contra os indios domesticados; dos quaes já eram inimigos antes de tudo, vimos como foram capazes de combinações e de allianças. Nada portanto ha que confirme a opinião, dos que hoje entendem foram victimas inoffensivas, frageis ovelhas immoladas á crueldade simplesmente.

Os conquistadores, com effeito, fizeram o papel das milicias nos confins dos barbaros em guarda á civilisação. Delles pendia a segurança publica; e dahi a consideração que mereciam, tendo voto no governo, e constituindo uma verdadeira olygarchia de facto.

Em opposição aos abusos e crueldades, que a situação facilitava em demasia, o Rei promulgou os casos, em que por excepção podiam os indios ser escravisados ; e eram: 1.º si aprisionados em guerra justa ; 2.º si tomados aos anthropophagos, de presos para serem comidos ; 3.º si em crianças compradas aos paes ; 4.º si pertenciam á tribus proscriptas, e estas foram todas, as que praticaram a anthropophagia por habito. A tribu por exemplo dos *Caeté* ficou decretada ao captiveiro e ao exterminio em desaffronta á maldade commettida contra o primeiro Bispo, e seus companheiros de naufragio. Contra as tribus desta classe toda guerra, portanto, era justa.

E' facil emtanto adivinhar como todas as guerras coravam-se de justas, e como todo o trafico apparentou-se de resgate.

Erigiram-se então os vastos latifundios dos potentados, fazendas e aldeamentos enormes. Sahindo ao sertão, voltavam á frente de rebanhos numerosos. Si os indios resistiam, eram escravisados ; si se entregavam, consideravam-se neophitos sob a tutela do conquistador. Padres relapsos acompanhavam a expedição para attestarem o *resgate*, as mais vezes ficticio das victimas. As fazendas eram então vastas officinas de trabalho, organisado com feitores, tendo plantações de todos os generos, criações de todas as castas de animaes. Cada potentado tinha o seu corpo de armas, disciplinado e prompto, sob uma bandeira symbolica, de onde veiu o nome de *Bandeiras* ás expedições, como já temos dito.

Apaixonados pela vida aventureira, em troca das violencias, compensaram a historia discortinando o continente : « .. entranhando-se (diz Pedro Tacques) aos sertões de Guayazes, uns entranharam-se até o rio das Amazonas, no Estado do Pará, outros aos da costa do mar, desd'o rio dos Patos até o Rio da Prata ; entranhando-se pelo centro até o rio Tabagy ou Uruguay, e subindo pelo Paraguay até o Pa-

Funchal Garcia

raná, onde desagua o Anhambahy ou Tieté. Atravessaram muitas vezes o sertão vastissimo, além do Paraguay, e cortando a sua cordilheira, se acharam no reino do Perú.»

Os potentados por luxo recebiam do Perú as baixellas de prata e as alfaias riquissimas de suas copas e capellas. Antonio Nogueira da Silva chegou mesmo a possuir minas em Potosi, onde falleceu em 1622.

Depois, porem, que se estabeleceu o trafico de africanos, as peças ficaram mais baratas e commodas, com serem mais resistentes e resignadas. Os indios, cada dia mais escassos e ariscos, afundaram-se longe no pégo de sertões inhospitos. Os potentados degeneraram, então, perdendo o gosto com o interesse das aventuras, deixando-as á plebe infima dos mamelucos e capitães do matto.

Na epocha dos descobrimentos das Minas Geraes havia cessado o genio dos conquistadores para dar logar as aventuras mais nobres da pesquiza sobre metaes e pedras preciosas, unicas no caso de attrahirem a cobiça dos fidalgos e opulentos paulistas.

2.º

Não convem esquecer, como em virtude desta transformação, os indios ficaram mais expostos. Os mamelucos e indios mansos, que compunham as levas, eram os seus mais rancorosos e encarniçados perseguidores, lei attavica das antigas guerras.

Com os successos já narrados, o territorio mineiro ficou em demasia povoado de refugiarios do littoral e do recinto de São Paulo. A guerra dos *Tamoio* no Rio, acabando pela dispersão destes, impelliu das regiões do Parahyba, que os derrotados occuparam, as tribus humildes oriundas do *tupi*, os *puri*, os *croatos* e outros, que se installaram no valle do Pomba e, atacados ás vezes pelos *Goitacá* de Muriahé, vinham-se occultar sobre a serra nos valles do Guara-Piranga (passaro vermelho) e do Sipótáua (cipó amarello). Uma horda de *Carijó* subiu o Parahibuna e se installou nos campos de Queluz e das Congonhas, mas n'esse meio tempo os *tupinaki* do Espirito Santo e de Porto Seguro, fugindo á perseguição dos colonos, transpuzeram a serra, e depararam com os *botocudos*, insaciaveis em carne humana, senhores do Rio Doce. «Infelizes, dizia o chronista, fugiam e morriam de fome, ou se mettiam com seus inimigos e morriam a mãos violentas».

Nesta cruel alternativa corriam alem, e vinham se estabelecer no rio das Velhas. Foi o rio bemfazejo, em que dominavam os *goianá*, que do Araguaya passaram ao S. Francisco, e subirão o *Uaimí-i*. Da mesma familia os *Tupinakî*

acharam agasalho, e ahi esperaram por uma dessas voltas da historia, que se não adivinham, a chegada de Fernão Dias.

Formados os arraiaes de Sant'Anna e do Sumidouro, os *goianá* paulistas da comitiva chamaram á confraternisação os parentes sertanejos, e com elles emergiu o fóco civilizador mais antigo de Minas no Anhanhonhacanhuva.

Com o correr dos tempos, os aventureiros, separando-se cada dia mais do povoado, e afastados sempre nos sertões, chegaram á pintura que delles achamos nos chronistas: «Eram homens ousados, que se entranhavam pelos sertões. Para elles não havia bosques impenetraveis, rios caudalosos, precipicios e nem abysmos. Si não tinam que comer, serviam-se de lagartos, sapos e cobras, que encontravam pelo caminho. Si não tinham que beber, sugavam o sangue de animaes, que matavam; mascavam as folhas silvestres e os fructos acres do campo. Já eram homens semi-barbaros, falando a mesma linguagem dos indios, adoptando muitos de seus costumes, seguindo muitas de suas crenças, admirando a sua vida e procurando imital-a».

Esta pintura recorda-nos as hordas dos antigos ciganos, genuina descendencia dos mamelucos, e que ainda em nossa infancia vimos errantes de povoação em povoação, comendo de tudo, menos o sal, vestidos de algodão e de pelles, cheios de supestições, e todo o povo temendo, que lhe raptassem as creanças. Usavam da tatuagem, de gargantilhos de ossos e dentes de animaes, e professavam o christianismo impuro da catechese transitiva dos primeiros tempos.

D'essa gente nada resta nos bandos de scelerados, que hoje adoptaram o seu nome, e que delles só conservam o exercicio da vagabundagem.

Perpetuados pelas uniões endogamicas, os velhos ciganos retrahiram-se aos sertões de S. Francisco e fundidos com os jagunços (*Zarguncho**s*) fazem uma nação á parte.

IV

Desapparecimento

Escusado é dizer que a maxima parte das tribus *tupi* foram as primeiras que desappareceram. As nações organizadas resistiram mais tempo. Dos ferozes restam os botocudos, a familia decadente dos Aymoré, e os *Puchichá* em pequeno numero. A variola nas *tribus* foi o principio mais violento do exicio.

Extinguiram-se os indios, é certo, mas por diversas causas. Tirados da liberdade para a escravidão, do ocio

para os trabalhos forçados, da incuria para as obrigações, da ignavia para a catechese, degeneraram de forças, e succumbiram á nostalgia. E' pura verdade que a vida civil iniciou os selvagens na prostituição e nos abusos do alcool. Os vicios fizeram o que as molestias não completaram.

A mortalidade nas aldeias foi tanta, que percorreu nos sertões o panico do baptismo. Pregando os padres que com elle se ganhava a vida eterna, os *Pagé* tomaram a imagem ao pé da lettra; e fizeram disto com o exemplo *post hoc* o maior obstaculo á reducção. E demais, como o selvagem domesticado, livre de procurar o alimento em montarias e canseiras, dava-se á preguiça, enfraquecia-se : e a fraqueza era a ultima deshonra.

A principio os Jesuitas, conservando os moldes do santo Fundador, de cujas mãos sahia o instituto, obraram prodigios; foram apostolos, que se honraram com as virtudes do Padre Nobrega, de Navarro, de Paiva, de Anchieta, de tantos anjos da fé, que illuminaram a conquista. A descoberta das Minas, porém, coincidiu com a degeneração da Companhia; e vemos pelo officio de D. Braz Balthazar da Silveira de 4 de setembro de 1718, ser tão dura e desregrada a administração delles nas aldeias, deixadas ao collegio de S. Paulo nas Minas pelo padre Guilherme Pompeo de Almeida, que o Governador pedia ao Rei interviesse energico para mitigar tamanha escravidão e tantas violencias.

As outras ordens religiosas não procediam de melhormente nas Aldeias do Real Padroado, e nas proprias, como se vê da Ordem Regia de 6 de Abril de 1715, em que mandou o Soberano cohibir energicamente os abusos dos Benedictinos, dos Franciscanos, e dos Carmelitas, commettidos contra os administrados reduzidos á escravidão.

Entretanto, escravidão em termos nunca tal houve nas Minas, fundada em lei contra os indios.

O Regimento de 18 de Agosto de 1618, reiterado nas leis e Alvarás, mandava repartir os indios pelos mineiros, como livres, ganhando salario, e com direito a tratamento regular, ao vestuario, e á educação.

Si os escravos, porém, ao menos custavam dinheiro, obvio é que os infelizes administrados, comtudo, ficavam mais expostos á morte pelo abandono.

Em summa, por uma estatistica ecclesiastica, sabemos que em 1786, o numero de indios domesticados era de 30.851; e no anno de 1828, era de 2.681. Estes algarismos, retroagindo-se aos primeiros tempos dos trabalhos das minas, darão idéa approximada á povorosa differença.

Entretanto, como a historia não transige, antes compensa as grandes dores da realidade, é mister não esquecer da fusão dos indigenas no sangue dos colonos. Os livros das antigas parochias registram nos primeiros tempos, de 1700 a 1715, a proporção de 10 nascimentos legitimos para 100 illegitimos. O desapparecimento dos indios é pois um phe-

nomeno, que teve muitas causas: mas a principal foi, com certeza, a lei das raças deseguaes, pela qual a superior absorve necessariamente as inferiores. E nem por outro modo se explica em dous seculos um povo de 4 milhões.

V

Os nomes do territorio

As comitivas dos conquistadores, e a tropa dos aventureiros, compostas em grosso de mamelucos e indios domesticos, falavam a lingua materna: e, como as expedições tinham que tratar com os incolas do sertão, a portugueza não havia como ser empregada nas relações triviaes e diarias.

A nomenclatura dos logares, pois, vem na maior parte, dos invasores e não dos habitantes, salvo em regiões, como a do Rio das Velhas, em que se encontrou população indigena, com a qual se entabolaram relações permanentes.

Admiravelmente fusiveis, os termos indigenas prestavam-se a palavras compostas, que descreviam os logares segundo os accidentes mais notaveis, como foram as serras e rios, a começar de *Ibitiruna* Serra Negra, *Itaberab* Pedra brilhante, *Pirahipeba* Rio do Peixe chato.

Penetrando nos sertões ignotos, os aventureiros iam denominando os principaes sitios do caminho; e com isto os roteiros ficavam traçados de maneira a guiarem os subsequentes invasores.

Denominação geral, que se désse ao territorio, nenhuma houve; eis que dominações geraes tambem faltaram; e nem os indios demoravam-se nas regiões o tempo necessario para perpetuarem o nome de seus ephemeros reinos.

Entretanto, como a parte mais conhecida, foi a limitrophe de S. Paulo e pertencia á nação dos *Cataguá*, o nome delles generalizou-se para todo o sertão ao norte da Mantiqueira, e sem limites apontados sobre o interior do continente.

Quando, porém, removidos os *Cataguá*, penetraram as expedições, reconheceu-se o paiz dividido em tres zonas distinctas, segundo a cobertura vegetal.

A primeira corria da Mantiqueira á serra da Borda do Campo, conhecido paiz dos *Cataguá*, bacia do Rio Grande, coberta de campos e mattos alternados: a segunda era a região dos campos, e corria das serras da Borda á Itatiaia, (1)

---

(1) *Itatiaia, ita* pedra, *tiaia* que sua: era nome commum a todas as serras de vertentes por um e por outro lado — suando os rios.

vasto concavo de um lago mediterraneo extincto, vendo-se ainda o vestigio das ilhas e golfos. Coberta de campos, com pequenas falhas de matto enfezado, era a zona mais bella, a que chamavam das *Congonhas* (1), nome que passou á erva, de que faziam os antigos a principal potagem (*luxemburgia polyandria*). A terceira zona finalmente era a do sertão do *Caheté* (2), mattos sem mistura alguma de campo. Era o paiz das serranias impenetraveis, dos rios enormes, das riquezas mineraes, das feras e dos monstros, uma especie das Hesperidas antigas guardadas por dragões. Ouro Preto foi o arraial do *Caheté* mais proximo dos campos, como nos diz o itinerario de Antonil. A região das Congonhas começava no virar da serra, em que o arraial de Ouro Preto foi collocado.

O nome de *Cataguá* (3) dado a principio ao sertão serviu até 1710 para designar tambem as minas dos *Cataguazes*, inclusivé o districto das Minas Geraes. Antonil no capitulo — PRIMEIRO DESCOBRIDOR, diz: « Ha poucos annos que se começaram a descobrir as Minas Geraes dos Cataguazes » e no da — ABUNDANCIA DE OURO, diz: «Das Minas Geraes dos Cataguazes as melhores e de mais rendimento foram até agora, as do ribeiro de Ouro Preto; as do ribeiro de N. S. do Carmo; e as do ribeiro de Bento Rodrigues. Tambem o Rio das Velhas é abundante ».

Por estas citações vemos que não houve distincção alguma de districtos para a denominação geral do paiz.

Com o povoamento, o ambito de Ouro Preto, Marianna e Sabará chamou-se *Districto do Ouro*, afim de se não confundir com os demais districtos de outros productos, como foi o dos *diamantes*, e o dos *Couros*, nome este que se dava á região pastoril.

Em consequencia dos conflictos e discordias de paulistas e emboabas, o Governo Regio destacou da Capitania do Rio os districtos de S. Paulo e Minas para formarem uma nova Capitania (Alvará de 9 de Novembro de 1709), sendo nomeado primeiro Governador o inolvidavel Capitão General An-

---

(1) *Cãha* — matto — *nhonha* — sumido: d'ahi fizemos Congonha, querendo dizer zona em que o matto desapparece: o campo.

(2) *Caha-ete*, traduzimos as mattas, melhor que matto serrado. Região da Matta, O signal de plural *ete* vale o nosso *s*. E' sem numero. A multidão innumeravel exprimia-se por *tiba*. Multidão numeravel exprimia-se por *ceiia*. *A'itá*, *eté*, *itá*, *tiba*, *diba*, *tuba*, esta-se vendo, são variantes dos dous mesmos termos por diversa pronunciação. *Cahete* — mattos; *Curitiba* — coqueiral.

(3) Devemos definir:

Auá significava o macho, e significando o homem, tinha de ser unida á uma outra raiz; e valia por pronome impessoal. Por isso traduzimos *Catu-auá* (gente boa). O *u* sendo guttural, os portuguezes diziam *gu*.

tonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, vulto notabilissimo do Brasil-Colonia.

Mas o povoamento attingiu a tão alto, que o districto das Minas em 1720, contava já cerca de 80 mil habitantes, domiciliados em villas e arraiaes opulentos. Dada a revolta de Villa Rica, pouco depois da do Pitanguy, o Conde de Assumar informou ao Rei não ser mais possivel contemporizar sem se crear um centro de auctoridade forte e vigilante; pelo que foi creada a Capitania independente das Minas Geraes (Alvará de 2 de Dezembro de 1720), sendo nomeado primeiro Governador D. Lourenço de Almeida, que a installou com a sua posse, a 18 de Agosto de 1721.

Foi o golpe derradeiro dado na denominação dos *Cataguá*. O districto que por antonomasia chamou-se das Minas Geraes alargou seu nome a todo o territorio. Actualmente existe um arraial antigo, quasi extincto, na região da Lagôa Dourada, com o nome de *Catauá*. E' a memoria unica e final que relembra o poder outr'ora terrivel, e o nome bellicoso dos senhores do sertão.

———

CAPITULO SEGUNDO

DESCOBRIMENTOS

I

O Tripuhy

Nenhum resultado pratico se obteve da expedição de Fernão Dias, terminada pela entrega das esmeraldas a 11 de Dezembro de 1681. Apenas ficou descortinado o sertão do Rio das Velhas, e fundados os primeiros arraiaes, fortalezas (*arces*), que defendiam as respectivas regiões, e guarneciam os caminhos. Não se conheciam então as turmalinas verdes do Brazil, tão proximas das esmeraldas; e pois a Côrte de Lisbôa, mandando examinal-as, rejeitou-as por depreciadas, como de facto havia já succedido com as pedras colhidas por Marcos de Azeredo e seus filhos. Entretanto, si umas eram melhores que outras, e si a especie differia das turmalinas extrangeiras, sendo as do Brazil mais grossas e turvas, nasceu dos naturalistas daquella metropole a conjectura, que as de Fernão Dias, pelo açodamento com que foram extrahidas e urgencia de voltar a comitiva, presa de febres, não teriam sido catadas ao amago da jazida; e neste caso o sol as havia tostado e offendido no melhor da sua lucidez e formosura.

Em consequencia, mandou o Rei a Garcia Rodrigues em 1683, que sahisse de novo ao sertão para cavar mais fundo as jazidas e colher melhores. Desta nova expedição apenas

sabemos, que andou sem resultados pelo sertão, e voltou em 1687. E' de se crer, que receioso das febres terriveis do Guaicuhy (Uaimi-i), e das formidaveis serras, que atravessou na primeira expedição, tentasse novo caminho e se perdesse no desconhecido, obrigando-se a retroceder.

Estes factos levaram o desanimo ao espirito dos aventureiros. De tão numerosas commitivas, raros tinham chegado ao destino e rarissimos tornado a S. Paulo, estes mesmos trazendo nos semblantes o estigma dos soffrimentos.

Desastres e guerras, doenças e fomes, brenhas e rios insalubres, canibaes e feras, um mundo em summa entregue a lucta selvagem e universal da natureza anarchica, eis o quadro de tão funestas e duvidosas aventuras.

O mesmo Borba Gato, que se figurou menos desditoso, em ponto de apprehender o fructo de suas fadigas no rico descoberto, acabou por mais infeliz de todos, foragido em meio de bugres, e rente com o espectro de lesa-Magestade!

O sertão, visto se crer que demonios o defendiam, acabara no tenebroso de seu ser, si os caçadores de indios não continuassem a percorrel-o nas diligencias da execranda profissão.

Dous factos attestam o que dizemos. O ouro do Sabarábuçù ficou perdido, sem ninguem mais o achar, até que, 24 annos depois, o mesmo Borba o fosse descobrir de novo, e as esmeraldas, essas nunca mais foram encontradas. As pedras eram legitimas na crença do tempo, os caminhos apontados, as jazidas possantes, mas acima da paixão pela riqueza falaram os instinctos da vida.

Nestas conjuncturas, cousa foi que a todos surprehendeu, a descoberta das Minas Geraes. Em menos de dous lustros o territorio abriu-se de lado a lado; surgiram como que por encanto as povoações; completou-se a conquista. E não foi sómente o phenomeno, mas a novidade dos meios, o que mais se admirou. Já não foi com effeito de S. Paulo sim de Taubaté, que partiu o movimento; nem para algum districto dos até então perlustrado, mas para outro distante, impenetravel, deserto de indios, sobre o qual nunca se lançou um olhar siquer de esperança. Além disso, não foram bandeirantes na genuina extensão da palavra os descobridores; porque não subiram armados de privilegios, investidos de auctoridade, tão pouco animados pelos favores e subsidios do governo. Pelo contrario, subiram ás caladas, á custa da propria fazenda, aos poucos, e disfarçados em traficantes de gentios, cousa então que passava sem dar na vista.

E' bem de lembrar que os exploradores das esmeraldas, quando se metteram sertão a dentro, não o fizeram ás tontas: porque tiveram noticias e provas de existirem numa região indigitada pelos naturaes. Os Taubateanos tambem, é de crer, não se enveredassem ás cegas, buscando um ouro hypothetico debaixo do solo, ou nos ribeiros de florestas e serranias sem fim. E' o que vamos ver.

Conta Antonil o seguinte:

« Ha poucos annos que se começaram a descobrir as Minas Geraes dos Cataguazes, governando o Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes; e o primeiro descobridor, dizem, foi um mulato, que já havia estado nas minas de Parnaguá e Curitiba. Este indo ao sertão com alguns paulistas a buscar indios, e chegando ao serro do Tripuhy, desceu abaixo para tomar agua no ribeiro a que chamam agora do Ouro Preto: e mettendo a gamella na ribanceira para tirar a agua e roçando-a pela margem do rio, viu que nella depois ficaram uns granitos da côr do aço, sem saber o que eram, e nem os companheiros souberam conhecer e estimar o que tinham achado tão facilmente: e só cuidaram que alli haveria um metal não bem formado e por isso não conhecido. Chegando, porém, a Taubaté, não deixaram de perguntar: « que casta de metal era aquelle: e sem mais exame venderam alguns granitos por meia pataca á oitava a Miguel de Souza, sem saber o que vendiam e nem o comprador saber que cousa comprava: até que resolveram mandar alguns granitos ao Governador Arthur de Sá, e fazendo o exame se achou ser ouro finissimo ».

Esta tradição, que Antonil colheu na fonte, é em substancia a mesma, que o Dr. Claudio Manoel da Costa, no seu *Fundamento Historico*, registra nos seguintes termos: « Buscando as cousas em sua origem, segue o Autor, por mais certo e prudente opinião, não se poder averiguar indubitavelmente qual fosse o primeiro paulista, que descobriu as Minas Geraes.... E' sem controversia que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o captiveiro dos indios.... Desde o estabelecimento daquella povoação, que foi a 25 de Janeiro de 1554, se deve presumir, que giravam muitos conquistadores pelo sertão e atravessavam as Minas Geraes ».

Desta transcripção assim vemos, que ainda no tempo do Dr Claudio sentiam a necessidade de explicar o phenomeno, embora o tempo tivesse apagado as circumstancias accidentaes, que Antonil conseguiu recolher.

João Antonio Andreoni, nasceu em Florença por 1650, e falleceu em Portugal em 1716, tendo viajado em Minas pelos annos de 1704. A sua obra foi editada em 1711.

O Governo Regio, porém, arrependido de consentir na edição, perseguiu-a, razão porque os antigos escriptores não a conheceram. Nós a temos da segunda edição do 1826 no Rio de Janeiro (1).

A divulgação das riquezas das Minas, temeu-se que provocasse a cobiça de nações estrangeiras, e, perigo maior,

Descobrimento ouro

---

(1) Actualmente está reproduzida na Revista do Archivo Publico Mineiro.

que estimulasse a crise actuante do despovoamento do Reino.

Deixando de conhecer a obra de Antonil, os historiadores começaram a narrativa de factos já consecutivos ao primeiro descobrimento; e nos deram um drama sem unidade, sem ordem, e monotono, figuras invariaveis ás tontas e acaso, como os cavalleiros andantes, sem ao menos a emotividade das bellas aventuras.

Antonil, viajando na primeira decada das Minas, e ouvindo testemunhas vivas dos descobrimentos, reveste a sua narração de auctoridade inconcussa; e se impõe a critica a mais exigente. Era o facto mais estrondoso naquella phase o apparecimento das minas mais ricas do globo; e pois bem natural foi se conservar a tradição do evento, que lhes deu a origem na historia. Mencionando o mulato da comitiva, Antonil o trata — primeiro descobridor, e, falando dos descobrimentos que se lhe seguiram, o faz como encadeamento logico, banal, de factos que se derivaram daquelle.

Não ha, pois, duvidar, que foram os paulistas do Tripuhy os conquistadores, que atravessaram as Minas Geraes, e fizeram o primeiro descobrimento.

II

Itaverava

Conhecido o primeiro descobrimento, é facil dizer como as cousas se encadearam. O nome de Miguel de Souza mencionado é sufficiente, e nenhuma obscuridade haveria, si Antonil escrevesse que elle comprou sem *dizer* que cousa comprava, como era logico. E tanto foi esse o pensamento, que fóra disso o incidente nenhuma razão teria para ser apontado. Supposto, porém, não fosse, a simples analyse convence que Miguel de Souza teve a chave dos acontecimentos.

Meia pataca daquelle tempo, equivalente a mais de 3$000 hoje, não seria uma somma tão despresivel, que se jogasse ao azar contra uma oitava de minerio de apparencia vil, como o aço ou o ferro; e nem o comprador um estulto para comprar os granitos sem a intenção de os mandar ao cadinho, caso não os conhecesse. Para os guardar inutilmente, ou deital-os pela janella, é que de todo não se comprehende.

Por muito que se imagine o atrazo daquelles tempos, incrivel é que em qualquer povoação não houvesse um pratico de ourivesaria, que por instincto ao menos experimentasse os granitos ao fogo; e sabemos, que a mais vivo calor a fuligem desapparece, e a côr natural revindica o brilho do precioso metal,

Era costume os sertanistas, em chegando de suas longas viagens, contarem aos curiosos as proprias façanhas, e as novidades dos paizes perlustrados, os incidentes e maravilhas, e as terras que descobriram, não raro exaggerando, e ferindo a imaginação dos ouvintes. Miguel de Souza portanto, não precisou de se tornar suspeito para indagar as particularidades do itinerario, que apontava ao Tripuhy.

Da Mantiqueira á Borda e aos Campos Geraes o caminho estava aberto; e pouco era avistar da serra das Taipas o pico da Itaverava (*Ita-berab*—pedra relampo). Da Itaverava os vendedores contaram que, não tendo achado indios, quizeram buscal-os ao Rio das Velhas, e, pensando encontrar este rio na vertente opposta da Itatiaia, puzeram-se em marcha. Entretanto, a cordilheira braceja ao norte em muitos ramos; e só depois de alguns dias, subindo e descendo montes, chegaram ao Tripuhy, na posição central dominada por um pico, sobre o qual figura um grupo de penhascos, e ao qual deram o nome de Itacolomy (*Ita-curumi*—pedra menino), por lhes parecer mãe e filha ao pé uma da outra. Era este pico o pharol do Tripuhy. Quanto ao local, era elle um valle enorme de serras fragosas, cobertas de florestas; um ribeiro claro e frio, a que chamaram *tipui* (*tipi-i-i*-agua de fundo sujo), por correr num leito de pedras e areias negras. As ribanceiras, as margens, e os proprios montes eram todos cravados de blocos de minerio côr de aço (1).

Inutil é figurar agora o que se agitou na fantasia de Miguel de Souza. Tinha afinal o famoso El-Dorado do sertão surprehendido e posto em suas mãos. Conhecido o roteiro, convocou os parentes, apresentou-lhes a prova, e nesse momento ficou assentada a invasão Taubateana.

A maior difficuldade não era a falta de meios nem de coragem; e sim de segurança. O segredo impunha-se por condição absoluta ao bom exito. Publicada a natureza dos granitos, os proprios vendedores, gente insana e irreflectido, divulgariam a noticia; e o sertão seria assaltado pelos malfeitores da epocha semibarbara, como ainda hoje fôra certo, e se tem visto em novos garimpos. Referida, por outra ao Governo, as minas pertenciam ao Rei, e no caso vertente ridicula seria a compensação. O Rei mandava dar 20 cruzados e duas datas de terreno aos descobridores; e ainda neste caso o beneficio pertenceria aos primeiros invasores (Reg. 1.616. art. 1.º). O silencio foi consequentemente o partido unico.

Segundo observaram, os aventureiros tinham entrado e sahido do Tripuhy sem estorvos. Os caminhos eram francos até a Itaverava: e dahi em deante o roteiro facil, ten-

---

(1) De manganez, e oligistos. Tambem se póde dizer Tarapuy—rio da trahira; mas o corrego é exiguo, sem tanques, e sem peixe.

do a balisa do Itacolomy tão bem figurada, que não havia como se confundir. Deliberaram, pois, sahir aos poucos, disfarçados em traficantes de indios; e o que primeiro chegasse mandaria o aviso.

Nesta ordem partiu José Gomes de Oliveira em março de 1691, tendo por ajudante da leva Vicente Lopes, convencidos ambos, que seria expedito chegarem logo ao destino; e de facto nada se lhes oppoz até a Itaverava. Dahi em deante, porém, os horizontes fecharam-se na incognita; o sertão deu fundo no vago immenso das florestas e serranias brutas; e o Itacolomy desejado, com a sua allegoria pittoresca, baralhado nos montes longinquos, não se deixou conhecer. Em vão pesquisaram os arredores desertos de indios, á nada respondia a solidão melancolica das mattas: e largo o desanimo os envolvia a cada passo, que adeantavam. Eram paizes alpestres, sem grandes aguas, paizes portanto, sem commodidades proprias a vida selvicola, que se nutre de fructos e de viandas prodigalizadas pela natureza. Os aventureiros, caçadores de indios, guiavam-se pelo pico das serras: e pois perdida uma balisa, o roteiro engrenhou-se no labyrintho dos sertões.

Consoante o que haviam combinado, José Gomes despachou o seu Ajudante para Taubaté com ordem de dar contas da occurrencia, e pedir soccorros. Para se achar o Itacolomy, fazia-se necessario que se preparassem outras diligencias para o atacar, cada uma por seu lado: pois, só se vendo, se acreditaria na confusão, que as serras formavam, onde parecia estar o nó que as enfeixava, o batalhão de pincaros indecifraveis.

A viagem de Vicente Lopes, os escriptores dizem, foi determinada para dar aos amigos noticias de se haver descoberto a Itaverava. Mas nem ouro, nem prata, nem pedrarias, acaso descobertas, justificaram então aquelles sacrificios, que serra por serra, cousa banal, não aconselharia. E demais, si esses mesmos escriptores dizem que a Itaverava já era antes conhecida pelos conquistadores, que por ella entravam nos sertões do Rio Doce, nem ao menos a novidade foi parte da missão confiada ao Ajudante.

Nada, pois, mais absurdo que a viagem deste para denunciar aos amigos uma serra, como tantas outras e ao demais já de antes conhecida.

III

O Rio da Casca

Consequencia da exposição feita por Vicente Lopes, subiu sem demora em 1692, Antonio Rodrigues Arzão com cincoenta companheiros em marcha para a Itaverava. Era neto de Braz Rodrigues Arzão, oriundo este da Bahia, sertanista dos antigos, que andaram nas Esmeraldas. Chegando na Itaverava, porém, as mesmas duvidas cercaram a nova diligencia : e pois decidiu o chefe proseguir na fórma combinada, e foi ter á serra do Guara-Piranga, de onde pela manhã avistou os pincaros agudos de Arripiados, por effeito da luz oriental, parecendo mais proximos. Descendo nessa direcção, encontrou Arzão o rio Piranga, em seu melhor braço, descendente das serras auriferas e com indicios esperançosos ; quando tambem deparou com alguns indios da nação *puri*, que lhe deram noticias de mais rico manancial, o do Casca, originario da cordilheira, que o vinha attrahindo. No ramo superior desta, chamado Serra do Brigadeiro, ha um pico denominado *Pedra Menina*, similhança do Itacolomy, illusão pela qual o aventureiro avançou chegando ao Casca ; em cujas arreias achou effectivamente as pintas de ouro. Examinando, entretanto, a região, viu-se enganado. Era, porém, tarde. Sua comitiva quasi toda havia desapparecido, morta de febres, de cansaço e de combates. Os *puri*, que por alli andavam espavoridos, de um lado pelos conquistadores, de outro pelos *botocudos* do Rio Doce, apenas experimentaram a boa amisade de Arzão, tornaram-se affectuosos no interesse mesmo de serem defendidos por elle, que, trazendo armas de fogo, espantou com a noticia os canibaes. Tomado tambem por sua vez de febres, considerou-se perdido e quiz voltar; mas os seus novos indios não quizeram acompanhal-o, temendo os conquistadores no valle do Sipotaua (Xipotó, Sipó amarello) e só quizeram seguil-o para o povoado do Espirito Santo, villa então mais perto que a de Taubaté. Era de lá que haviam subido para se esconderem da perseguição dos colonos. Mas o caminho, sendo livre de botocudos, levariam, sem maior pena, o hospede até as immediações do litoral. Acceita esta proposta, Arzão foi ter á villa, onde se apresentou ao Capitão Mór Governador da Capitania, A versão, que esta jornada fez-se pelo Cuieté, não se admitte, em vista das distancias e mais ainda pela impossibilidade de affrontar os indios ferozes, que dominavam o Rio Doce, a mes-

nos que o aventureiro dispuzesse de um exercito bem apparelhado. (1)

Accolhido com benevolencia pelo Capitão Mór e pela Camara da Villa, recebeu os subsidios, que por ordem do Rei se ministravam aos descobridores; e tendo offerecido ao mesmo Guarda Mór as tres oitavas de ouro extrahidas do Casca, mandou este fazer dous anneis, dos quaes um lhe foi dado.

Reparadas as forças, e melhor das febres, quiz o intrepido sertanista voltar aos descobrimentos: mas ainda que auxiliado pelo Capitão Mór e pela Camara, que lhe forneceu mantimentos, roupas e armas, o seu só exemplo foi mote para desanimar a todos. Mallogrado na tentativa de levantar gente, aproveitou-se da primeira monção, e mareou para o Rio: de onde tornou a S. Paulo por Santos. Em chegando, porém, á terra natal, foi feliz unicamente em ter-lhe a sorte concedido morrer, e nella descansar de tantas fadigas e sacrificios inuteis. Dous annos tinha errado nos sertões, desde 1692 a fins de 93, quando falleceu.

IV

O Gualaxo do Sul

Antes de expirar, Antonio Rodrigues Arzão chamou por Bartholomeu Bueno de Siqueira, eram cunhados, e, lhe confiando o segredo das minas, o concitou a proseguir nos descobrimentos, sobre os quaes lhe deu as necessarias instrucções.

Procedente das mais nobres familias da colonia, era Bueno filho de Lourenço de Siqueira Mendonça e de D. Maria Bueno, a qual por sua vez era filha de Jeronymo Bueno de Rivera e de Clara Parente. O pae de Clara Parente, Manoel Preto, portuguez, havia-se feito aventureiro famoso nos sertões do Uruguay e do Paraná: e Jeronymo Bueno, filho do Sevilhano, foi morto pelos *Guarany* no sertão do Paraguay. Já se vê, portanto, Bartholomeu Bueno de Siqueira foi sertanista de raça, tendo feito as primeiras armas sob o commando de seu pae.

Havia elle em jogos de parar e tafularias de moço dissipado os cabedaes herdados, achando-se no meio dos pa-

---

(1) De mais é preciso notar, que muitas regiões extensas perderam o nome, que se foi restringindo aos arraiaes nella estabelecidos.

rentes humilhado e desgostoso. Não tendo porém perdido com os bens a consciencia de sua posição, ardia por angariar novos; e nesse tempo o campo unico aberto á fortuna era o das aventuras pelo sertão.

Alvoroçado, consequentemente, pelo que ouvira ao moribundo, seu amigo, aprestou-se em principios de 94, e foi ter-se em Taubaté com os parentes, que o receberam de braços abertos, contando com a sua capacidade para o desenlace da empresa; que já os trazia apprehensivos contra as difficuldades inesperadas, que haviam surgido.

Actuava emtanto que os bandeirantes empenhados no commettimento, sendo mais ou menos abastados, dispunham de meios e equipavam as suas tropas sem exigirem dos amigos grandes desembolsos: ao passo que Bueno appareceu-lhes de mãos vasias, nada podendo emprehender sem que primeiro lhe adeantassem o necessario. A' esta objecção atalhou Carlos Pedroso da Silveira, o mais rico dos associados, fornecendo-lhe prompta e bem municiada a leva, que devia conduzir. Além disto, o Capitão Miguel Garcia de Almeida e Cunha apresentou-se com um troço de tropas suas e armadas á sua custa para se reunir ao chefe no caracter de seu ajudante, como era costume. Feitos assim os preparativos, a expedição partiu para a Itaverava em abril de 1694.

Chegados, porém, que foram á serra, começaram inutilmente a devassar os arredores; e como o terreno figurou-se para deante na mesma escassez de viveres, amontoado de serras, temeu Bueno embrenhar-se na epocha, em que se approximavam as aguas. Deliberou então em conselho com seu ajudante e os mais amigos, que plantassem na serra uma roça de milho, tendente a bastecer a comitiva no anno seguinte; quando ficaram certos de poderem penetrar então sem receios e perigos o amago do districto.

A Itaverava exhausta, e já em demasia assolada pelas expedições antecedentes, não tinha forças para sustentar mais que a gente de Miguel Garcia; e pois a este convinha permanecer no cuidado da sementeira, ao tempo que Bueno, conduzindo a Bandeira para o Rio das Velhas, ahi, em valles mais ferteis, aguardasse a epocha da colheita.

Chamavam então Rio das Velhas a todo o paiz estante a noroeste das Congonhas, inclusivamente o valle, tambem uberrimo, do Paraopeba; a cujos productos naturaes crescia de augmento o celleiro do arraial de Sant'Anna em plena florescencia. Fundado por Fernão Dias, e convertido em centro de relações com os indios mansuetos da zona, a vida alli era facil, supprida a mais de peixes, fructos e caças na abundancia nunca desmentida dos grandes rios. Foi este o paiz escolhido por Bueno para invernar e conhecer de conjuncto o sertão, que explorava. Sahindo pois da Itaverava para a região das Congonhas, tomou a encruzilhada das antigas expedições na altura do Suassuhy.

Entrementes, Miguel Garcia, que por seu lado esforçava-se para obter os alimentos necessarios, deixando vigias á plantação, sahia á caça nos logares visinhos; e, de uma vez que avançou mais longe, deu com um curso d'aguas volumoso, pelo qual descendo entendeu que acertaria com viveiros de melhor pescado. Nenhuma aguada emtanto já foi mais pobre no genero: e assim teria perdido o seu tempo, si em compensação o rio não fosse alli tambem o mais bello e farto em signaes de ouro. Na barra com effeito de um corrego, á flor do cascalho, que convidava a experiencia, os aventureiros, aguçando cavadeiras de páo, e lavando em pratos de estanho as areias, colheram ainda assim faiscas as mais bellas do precioso metal, e que excederam á toda espectativa pelo deslumbrante da côr e tamanho dos granitos. A torrente de limpidez immaculada corria sobre o leito de crystaes redondos e alvos: e toda a margem, apontando o banco de terra vegetal, apresentava o lastro auspicioso da mesma formação, causando alegria.

Apertando-lhe emtanto aos cuidados a lembrança da roça, Miguel Garcia voltou ao arraial: mas com a idéa firme de tornar ao descoberto, trazendo já então instrumentos apropriados e em melhor occasião. Os acontecimentos, porém, que o esperavam, tinham de dar ás cousas uma outra solução.

V

Primeiro manifesto

Havia naquelle comenos chegado á Itaverava o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, conduzindo uma nova columna, que sahiu de Taubaté em principios de 1695 com vistas de soccorrer as expedições antecedentes e de auxiliar o descobrimento, caso não estivesse já realizado. Primava o Coronel por sua capacidade e grande pratica em materias do sertão. Era filho de Manoel Fernandes Yedra, natural de S. Paulo; mas elle já nascido em Taubaté, onde se casou com D. Maria Cardoso de Siqueira, prima de Bartholomeu Bueno e de Carlos Pedroso; pois é de ver que toda esta gente descendia de um tronco commum, de Garcia Rodrigues e Catharina Dias, fundadores de S. Vicente.

Partindo do povoado depois de Bueno, trazia o Coronel armas novas, bem assim uma espingarda e uma catana de feitio moderno, que invitaram a inveja de todos.

Miguel Garcia, de volta do ribeirão aurifero, deparou com a nova comitiva, e o mesmo foi ver as armas, que desejal-as. Propoz em virtude ao dono trocal-as pelas suas,

dando-lhe de retorno para igualar os preços todo o ouro, que se achasse com a sua gente.

Acceitando o Coronel a proposta, realizou-se o negocio, e recebeu de volta 12 oitavas de ouro, quanto Miguel Garcia obteve dos companheiros, que o haviam extrahido.

Passados alguns dias, Bartholomeu Bueno, que se recolhia do Paraopeba, surgiu na Itaverava: mas o prazer da surpreza, vendo os amigos, desbotou-se ao saber da transacção. Arguiu elle a Garcia, que as Bandeiras, sendo corpos collectivos, disciplinados, nem mesmo o Chefe tinha poder para extraviar o objecto, para o qual se associavam. Tinham vindo a descobrir ouro no sertão : o ouro pois que apparecesse, fosse qual fosse o seu inventor, pertencia a todos em commum : e naquelle caso o abuso foi maior, porque se haviam obrigado a enviar as primicias da diligencia a Carlos Pedroso.

Estas exprobrações supposto justas em principio, feitas em tom accerbo, irritaram os animos ; e á exigencia, que se distractasse o negocio, oppuzeram-se os complicados. A discordia, crescendo, quasi dava em lucta de ferro e fogo, ponto em que o Coronel interveio. Redarguiu Miguel Garcia que andava no sertão á sua custa e propria conta, não a cargo de Carlos Pedroso, tanto mais que o compromisso com este tomado foi quanto ao ouro esperado no Tripuhy, não ao que elle havia achado, sem o querer, em diligencia mui distincta, procurando alimento para sua tropa.

Intervindo, porém, o Coronel para socegar os espiritos, quão era um perigo arrostrar desordens estereis no sertão, que poriam mesmo a perder a esperança dos amigos, propoz, que não se humilhasse a Garcia, como elle proprio não se humilharia : e que no sentido de um desenlance honroso, cedia o ouro ; mas com a condição que fosse levado por um terceiro, para este, como de todos, apresental-o a Carlos Pedroso, com quem se entenderia, como quizesse.

Este novo dono foi o Capitão Manoel Garcia de Almeida, seu ajudante, irmão de Miguel Garcia.

Voltando a si do impeto, Bartholomeu Bueno acceitou o alvitre e Manoel Garcia partiu para Taubaté com o ouro, sendo acompanhado por um positivo com ordem de prevenir a Carlos Pedroso das occurrencias do sertão.

Effectivamente chegando Garcia á Villa, foi visitado por Pedroso, á quem minuciosamente informou da posição das *bandeiras*; e lhe entregou as amostras, que trouxera. Feito isto, Garcia voltou para o Coronel aonde se achava; e Carlos Pedroso por sua vez partiu para o Rio de Janeiro em 96 e manifestou solemnemente o ouro ao Governador Sebastião de Castro Caldas.

Ainda que se tenham extrahido outras amostras do territorio das Minas por anteriores sertanistas, esta de Miguel Garcia foi a primeira dada em manifesto regular na forma do Regimento. O manifesto não era propriamente do ouro

e sim do ribeiro. O manifestante havia de jurar e certificar não ser embuste a denuncia, que fazia, do manancial de onde sahiu o metal. Aqui, pois, temos a razão pela qual este ouro assignalado pelo formal reconhecimento de um ribeiro digno de exploração, está na historia registrado por primeiro, que se tirou das Minas Geraes.

VI

Ribeirão de Pitanguy

Do exposto vemos como os bandeirantes revezaram-se na Itaverava: José Gomes em 91, Arzão em 92, Bueno em 94, e Furtado em 95.

Mas, si o logar não dispunha de viveres, menos ainda de minerios preciosos, forçoso é que se lhe avirigue o motivo, pelo qual constituiu-se o encontro daquelles aventureiros.

Não queremos contestar que a Itaverava de mais tempo fosse conhecida: pois á uma voz os escriptores referem que os conquistadores a frequentavam. Mas si já estava devassada, e si tantas expedições a tinham reconhecido, não se encontrando ouro algum no seu ribeiro, difficil é justificar a coincidencia dos bandeirantes Taubatenos, nesta epocha, uns após outros, sem que tivessem por movel um plano assentado na mesma Itaverava como ponto principal da execução.

Affirmam todos, sem discrepancia, que Bueno serviu-se do roteiro de Arzão. O dr. Claudio diz: «Romperam os mattos geraes e servindo-lhes de norte o pico de algumas serras, que eram os pharoes na penetração dos densissimos mattos, vieram estes generosos aventureiros sahir finalmente sobre a Itaverava».

E esses aventureiros, diz o mesmo dr. Claudio: «convocados (por Bueno) e guiados pelo roteiro, que lhe deixara o fallecido (Arzão), sahiram de S. Paulo pelos annos de 1697».

Deixando de lado o anachronismo e o erro do ponto da partida, pois esta foi de Taubaté e em 1694, o aproveitavel é que o roteiro de Arzão os guiou para Itaverava, e assim confirma-se que este lá tambem havia feito o seu ponto.

O dr. Diogo de Vasconcellos, por seu turno, affirma que a Bandeira caminhou *com os olhos fitos no roteiro de Arzão.*

Entretanto, se isso foi certo até á Itaverava, Bueno tomou rumo inteiramente opposto d'ahi para deante. O ouro achado por Arzão não foi, portanto, o que Bueno vinha buscar guiado pelo roteiro, eis que não se enveredou para as minas do Casca. Parece pelo contrario que Arzão for-

neceu-lhe o roteiro para evitar, sahindo de Itaverava, a perda tambem de seus passos. Não ha todavia negar que a diligencia de Bueno, sequioso de ouro, foi continuação da do cunhado; assim como que o coronel Furtado subiu para a mesma Itaverava em ordem a proseguir á rumo totalmente diverso daquelle, que Bueno escolhesse.

Effectivamente, colhida a sementeira e passada a estação desfavoravel das aguas, os dous chefes concertaram-se no plano das pesquizas. O sul era por demais conhecido; e o leste já o havia descortinado o intrepido Arzão. Achavam-se assim intactos os horizontes do oeste e os do norte. Parece que a Providencia desvelava-se em fazer do Itacolomy occulto o ponto ambicionado para dispersar os aventureiros, e que esses desvendassem o territorio ao mesmo tempo, e assim se improvisasse de lado a lado a grandeza das Minas.

Bueno havia perlustrado em parte as paragens do oeste: e da serra divisoria das aguas do Paraopeba tinha avistado os pincaros do Sabará-buçú. Não podia ser outro o seu rumo. O coronel Furtado, temendo prejudicar o amigo, ficou destinado para o norte.

Logo, pois, que raiaram os dias do outono, despediram-se os compatriotas e partiram. Foi o momento decisivo da historia.

Bueno sahindo na região dos Campos em frente á Itatiaia, fronteira ignota do Tripuy, subiu para os altos do Pires, desceu nas fraldas da Itabira (*Ita-bir* pedra aguda) e, parecendo-lhe ver nos recortes do Morro Velho o da *Pedra com Filho*, só conseguiu certificar-se de andar errado quando reparou no incremento do rio, de modo nenhum parecido com o *Fundo Sujo*. Recordou-se então que em Sant'Anna circulava entre os naturaes a noticia de uma serra chamada Itatiaia (1); e, como a largueza dos plainos, do alto da serra do Curral, deixava ao longe avistal-a, engrenhada na mesma cordilheira da outra Itatiaia, continuada pela Itabira e pela Moeda, julgou ser aquella só e unica denominação correspondente á mesma serra, o motivo porque andava confundido Chegando porem ao Itatiaiuassú, cahiu em si do engano; e desanimado então accertou de se convencer, como foi Miguel de Souza victima de toda a fabula, que os arrastava ao desconhecido.

Entretanto, no arraial de Sant'Anna ouvia tambem a noticia de um ribeiro, que fornecia aos pedaços o ouro de suas areias; e pedaços elle os viu em ornato das indias. Feitas as indagações, o ribeiro ficava ao norte, quatro jornadas além do arraial. Esta nova deliberação de se com-

---

(1) Da Carta de sesmaria do Borba de 3 de dezembro de 1710, se vê que o Itatiaiuassu chamava-se serra da Iatiaia.

pensar n'esses mananciaes foi a sua gloria. Posto em marcha, guiado pelos indios de Sant'Anna, quando foi se approximando ao ribeiro, as indigenas que se banhavam presentiram o tropel e, pensando serem traficantes, fugiram aterradas, deixando algumas crianças de peito na margem. O rio tomou por isso o nome de «Pitang-y», rio das crianças (1696).

VII

O Ribeirão do Carmo

O Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, partindo por sua vez da Itaverava, tomou o rumo do norte, que lhe convinha, em companhia de Miguel Garcia da Cunha, já estando este desligado, como vimos, de Bueno, em consequencia da questão do ouro. O descoberto de Garcia ficava a seis leguas da Itaverava, e não era cousa para se desprezar; pelo que deliberou o mesmo descobridor senhoreal-o, visto não ter bastante gente para por si adeantar maiores diligencias, cuja execução ao demais não lhe foram confiadas em primeiro logar. Em chegando, pois, ao ribeiro de Garcia, o Coronel Furtado acertou de auxilial-o na exploração regular, e no estabelecimenro do arraial; que, embora pauperrimo hoje, esteve riquissimo nos primeiros tempos, e com a sorte de dar o berço ao Dr. Claudio Manoel da Costa, baptizado na capella da Vargem, a 29 de junho de 1729. Esquecido mesmo e relegado em sua profunda humildade actual, ninguem lhe pode contestar a gloria de ter sido o primeiro domicilio erecto nas Minas Geraes, o arraial do Fundão.

Além do ribeiro de Miguel Garcia, foram então descortinados outros até ás cabeceiras defluentes do Itacolomy e desde logo muitos companheiros foram se apoderando dos melhores mananciaes, como Belchior da Cunha Barregão e Bento Leite da Silva, que ficaram em pontos continuados do caminho seguido pelo Coronel. (1)

Concorrendo para a formação do arraial de Miguel Garcia, teve o mesmo Coronel em vistas crear uma base de operações, propria para lhe dar soccorros em qualquer even-

---

(1) Belchior da Cunha era cunhado do Coronel Salvador, pois tinha por esposa D. Margarida Cardoso de Siqueira. O mesmo Belchior falleceu em 17 de Março de 1718 e jaz na Matriz do Carmo. D'ahi vem que a C. R, de 16 de Dezembro de 1696, já mencione outros *ribeiros descobridos*.

tualidade desastrósa no sertão, que ia perlustrar. Satisfeita assim esta necessidade, levantou o acampamento e proseguiu pela costa do Gualaxo, entrou no valle do ribeiro, que tem o nome ainda de Belchior, e começou a subir a serra do Bento Leite, cujas encostas e cabeceiras mostraram-se mais suaves, como se pode observar.

Apenas bastam para se compararem a este os mais bellos panoramas do mundo. D'alli se abriu o quasi infinito horizonte do Matto Dentro; e nunca os aventureiros haviam contemplado ambito mais vasto de serranias longinquas. Baralhados n'um batalhão de nuvens, os penhascos do Tripuhy bem perto escondiam comtudo a balisa, que procuravam, a meta dos aventureiros.

Fitando d'esse alto o mundo extendido a seus pés, e que sómente esperava a sua voz para emergir da barbaria, o Coronel arrancou-se do extase e deu o signal de marcha. Os companheiros, erguendo então os machados, fizeram retumbar o concavo das florestas aos golpes da posse; e desceram para as fraldas da serra, de onde começaram a ouvir o estrepito soturno das aguas. Perlongando em seguida animadamente n'essa mesma tarde acamparam nas margens do ribeirão do Carmo. Foi um domingo, 16 de julho de 1696, festa da VIRGEM.

VIII

Ouro Preto

Descoberto o ribeirão do Carmo, declarado riquissimo, o Coronel Salvador d'elle se apossou para sua comitiva; e prompto erigiu as primeiras cabanas do arraial ao longo da praia, chamada agora — Mata-Cavallos. No ouro das bateias fervilhavam granitos côr de aço; e o lastro da correnteza todo denegrido (*tipi* i-*y*), tanto como a feição dos rochedos e das mattas, si não eram, davam longes do sitio, que Miguel de Souza descrevera. Por um canal cortado a prumo sobre o rio, meia legua acima, rompia a clareira luminosa da Passagem, esbatida no panno fusco da Serra, ariçada de penhascos, em cujo cimo o Itacolumi apresentava-se, mas ainda desfigurado, como se avista de Marianna.

Entretanto, Artur de Sá, tendo deliberado cumprir as Ordens Regias, que mandavam subisse elle em pessoa ao sertão, a effeito de animar os descobrimentos, e de entabolar as novas minas, acertou de vir a S. Paulo, em Outubro de 1697, para, antes de tudo, apparelhar a expedição, que havia mister fosse poderosa e bem equipada, em contraste com o tumulto de flibusteiros e guerrilhas, que já infesta-

vam os descobertos, assaltando violentamente os ribeiros, em que a flux o ouro exgorgitava. Passou o mesmo Governador por Taubaté em Novembro, quando retumbava o estrondo dos descobrimentos, e o turbilhão migratorio embocava nas vereas do Embahú. (1) Aturdiam os espiritos as noticias do Carmo, e os granitos côr de aço gyravam de bocca em bocca, a ponto que Arthur de Sá mandou que lh'os trouxessem; e, como foram-lhe apresentados os que se acharam no Tripuhy, trincando-os nos dentes, eis que mostraram a côr natural da preciosa substancia. Rasgado por esta fórma, em publico, o segredo, foi neste momento e d'este logar que primeiro se ouviu o nome do — Ouro Preto.

Já dissemos que casta de gente era a que então se occupava nas correrias pelo sertão em busca de indios, gente ignara, sem cohesão, semibarbara. As matilhas compunham-se de facinoras, que ao terminar das jornadas ficavam nos covis das serras, longe das villas, ao tempo que os demais sequazes mamelucos, ou indios mansos, em chegando aos povoados, recolhiam-se licenciados aos tugurios, em que tinham as mulheres. Os capatazes, com a presa que haviam colhido, seguiam com pequenas escoltas para negociarem o seu trafico, e voltarem então com dinheiro e pagarem as soldadas. Divulgado, pois, o incidente dos granitos com Arthur de Sá, ainda que o descoberto do Carmo tirou todo o encanto aos thesouros imaginarios, os poucos aventureiros do Tripuhy, que restavam em Taubaté, ouvindo a descripção do sitio, reconheceram a divergencia de alguns signaes; e na duvida procuraram a Antonio Dias de Oliveira, que se achava prompto para subir em demanda ás novas minas: e se propozeram á guial-o na diligencia de recobrarem o primitivo descoberto. Feito o accordo, partiu Antonio Dias, em Abril de 1698.

Foi então que se comprehendeu a causa de tantos esforços perdidos. Os primeiros descobridores, tendo entrado pela Itaverava, em busca do Rio das Velhas, esperavam encontral-o na virada da Itataia, mas não lograram o intento: porque a serra ramifica-se, e deixa correr mais de um affluente para o Rio Doce, antes de separar os dous valles. Só depois de muitas marchas é que, descendo sobre o serro do Tripuhy, avistaram a cordilheira, que, se extendendo de sul a norte, indicava positivamente o divorcio das aguas, e logo a proxima vertente do desejado rio. Saltando, pois, o Tripuhy, subiram pela serra em ordem a transpol-a na depressão do Campo Grande; e deste, effectivamente achando as novas aguas, proseguiram sobre os espigões de Catharina Mendes: mas com surpreza reco-

---

(1) *Mbau* ou *Mbaé* entrar e sahir, isto é corredor, garganta da serra.

nheceram o circulo vicioso, que os guiou de novo á região dos campos. Avistaram então as serras da Borda e todo o paiz, que haviam atravessado na vinda para a Itaverava. Observando o curso das aguas, viram que seguiam para o sul, como que entrando para as Congonhas; e o Rio das Velhas emtanto era sabido, que corria para o norte. Desconhecendo assim o rio, e, temendo que a estação das aguas colhesse-os em paizes escassos de mantimento, resolveram tornar ao povoado, e cortaram em linha recta ao encontro da encruzilhada de Fernão Dias. Postos assim no caminho de S. Paulo, chegaram a Taubaté com os granitos côr de aço achados no Tripuhy.

Como bem se póde averiguar, não foi na entrada, mas na sahida do valle do Tripuhy, que elles avistaram a *Pedra com Filho*; e como, descrevendo o itinerario a Miguel de Souza, relataram apenas a vinda, e não a ida, os bandeirantes tentaram o impossivel, vindo da Itaverava e querendo ver o *Itacolomi* de onde não se figura: pois a Pedra só do recinto do Tripuhy deixa-se retratar. De outro qualquer lado, por menos que se afaste o viajante, o grupo confunde-se de todo, e perde a fórma nos recortes da montanha. Aterrada, parece que, victima do medonho cataclysma, que afogou a natureza em sua infancia, a pobre Mãe ficou petrificada no momento justo, em que subia para esconder a filha; e nesta idéa o commovente episodio suscita em nossa alma a piedade, que até nos monstros e nos penhascos o phenomeno maternal accorda.

Conhecido portanto o caminho, Antonio Dias entrou por onde os antigos aventureiros haviam sahido. Da serra da Borda, avistando a Itatiaia, veio em direitura ao Rodeio e, transpondo ahi a serra do Pires, alcançou o ribeirão chamado hoje da Cachoeira, de onde subiu para o Campo Grande. Foi esta a jornada decisiva, a memoravel vigilia da historia.

No dia seguinte, alvorecendo, sexta feira 24 de Junho de 1698, os bandeirantes ergueram-se e deram mais alguns passos: todo o panorama estupendo do Tripuhy, illuminado então pela aurora, rasgou-se d'alli aos olhos avidos: e o Itacolomi, soberano da cordilheira, estampou-se nitido e firme no ceruleo do céo, que a luz recamava de purpura e ouro, de anil e rosas. Tomado o santo do dia, S. João Baptista foi o patrono da nova terra, *vox clamantis in deserto;* e essa voz, resoando nos echos da solidão, despertou a natureza ouvindo a saudação do Anjo: *Ave Maria*! Foi essa a madrugada em que realmente se fixou a éra christã das Minas Geraes. Estava descoberto o Ouro Preto.

IX

Sabará-buçú

Duas Cartas Regias, como já mencionámos, recebeu Arthur de Sá e Menezes para se passar ao sertão. (1)

Depois de gastar mais de um anno em S. Paulo, no empenho de preparar a expedição, grangeou a estima e a confiança dos paulistas, por seu genio affavel e politico, tomando por principal confidente a Garcia Rodrigues Paes, amigo prestimoso do Rei.

Em taes condições, facil offereceu-se a Garcia o ensejo de insinuar no animo do Governador a questão de seu cunhado, o foragido Borba. Aparentado com as principaes linhagens de S. Paulo, por elle interessavam-se tambem os magnatas, de que Arthur de Sá dependia, graças á organisação da epocha, em que nenhum serviço do Rei foi exequivel sem o liberal concurso dos potentados, os ricos homens, poderosos em arcos.

O Governador, accessivel ao pedido, comprehendeu que partido foi proprio de tirar da situação e prometteu solicitar do Rei o esquecimento da culpa a bem dos culpados, tanto mais que a largas se provou como o Coronel Borba Gatto não contribuiu para o exicio do Fidalgo, morto por um repente dos pagens, sendo aliás quem salvou a vida aos dous sequazes do mesmo D. Rodrigo. Si armou, é certo, a defesa contra a gente deste, quando esta quiz tomar-lhe a vingança, é que não podia ser indifferente á sorte propria e á de seus sequazes. Convicto das allegações, Arthur de Sá, que era homem cubiçoso de glorias e de riquezas, concedeu, acto continuo, ao foragido a Comarca por menagem, tendo-se-lhe afiançado que, uma vez livre, o Coronel sahiria para acompanhal-o no dever de lhe indicar o sitio mil vezes desejado e famoso do Sabará-buçú. A Comarca então se extendia do littoral ao Perú, e do Rio da Prata aos sertões da Bahia e de Pernambuco. Era, portanto, mais que ser livre tel-a por menagem.

Achava-se por esse tempo o Coronel homisiado no sertão da Parahytinga entre a serra do Mar e as Villas do norte de S. Paulo. Tendo vivido muitos annos no sertão do Pira-

---

(1) Em 1698 Arthur de Sá mandou Francisco Moreira da Luz a Buenos Ayres em procura de um mineiro. Francisco Moreira porem não chegou a Buenos Ayres por ter *estuporado* na Colonia do Sacramento.

cicaba, fez-se o maioral dos indios, aos quaes industriou quanto poude nas artes da guerra e da paz. Começou por defendel-os com armas de fogo contra os botocudos, terror das florestas do Rio Doce; e com isto alçou a tribu amiga na mais temida fortaleza do mundo selvagem. Escusado é dizer que o adoravam os indios. Entretanto, passados os primeiros annos, venceu a nostalgia; e pois, enviou dous bastardos seus, naturaes da Parnahyba, com ordem de procurarem os parentes, que lhe dessem noticias do processo. A resposta não se fez esperar, dizendo que poderia approximar-se do povoado, mas não provocar os animos, bem que arrefecidos e já inclinados á benevolencia. Não convinha sobretudo affrontar a justiça, que seria tolerante, mas não perdoaria o ensejo de adular o Rei n'aquelle caso de lesa-magestade. Despediu-se então o generoso aventureiro de seus indios; e, pondo os pés a caminho, uma noite chegou á casa inesperadamente. As duas filhas, que deixara na infancia, estavam casadas e mães, e já não o conheceram; e os netos, aos quaes quiz cariciar, pasmaram de medo. Era um phantasma do passado: e maior purgação de seus erros não podia experimentar.

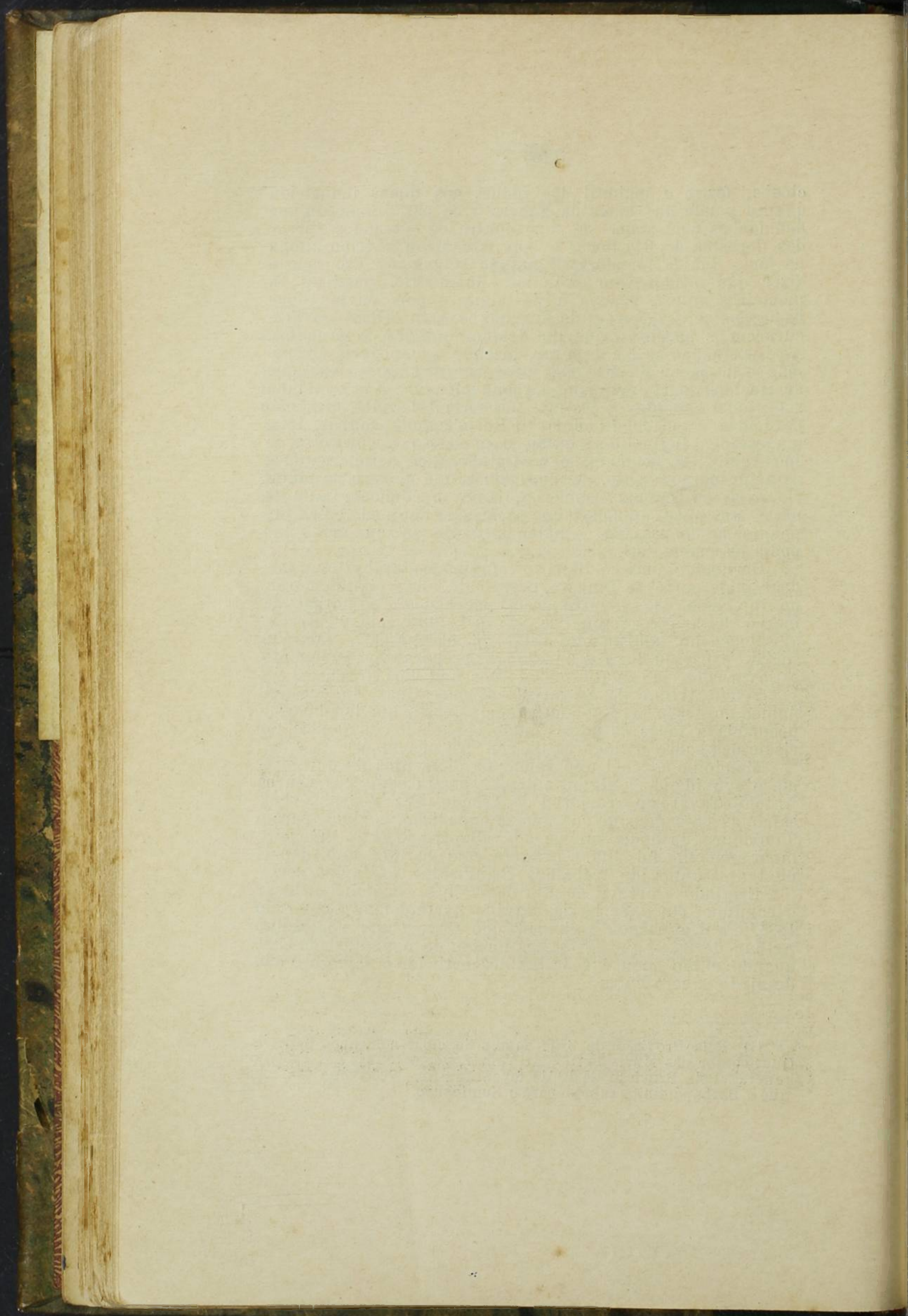
Obrigado, como se disse, ao refugio no Parahytinga, por ficar mais perto de Taubaté, para onde veio a familia morar, no interesse de se entreverem, recebeu alli a noticia da mercê feita por Arthur de Sá: pelo que veio ás pressas agradecer-lhe, affirmando estar ás ordens para subir ao sertão; e passou logo a auxiliar os preparativos, emquanto o Governador ia ao Rio instado por negocios urgentes.

Tendo Arthur de Sá ouvido as narrativas do coronel, nomeou-o desde logo tenente-general, posto que lhe dava supremacia á todos os postos então conhecidos, e amplas jurisdicções sobre os logares de seu descoberto. (1)

Mandou o coronel apparelhar os elementos de que carecia e convidando a alguns amigos, partiu com seus genros Antonio Tavares e Francisco de Arruda para o sertão, repisando as passagens de sua antiga expedição, e vindo para o Sumidouro, de onde subiria ao velho descoberto. Effectivamente não lhe foi difficil achar a cata de 1678, que, depois de tantos annos de trabalhos e angustias, tornava a ver.

Erigindo o arraial do Rio das Velhas, mandou rectificar o caminho, por onde havia entrado Bartholomeu Bueno em 1696, e alli aguardou a chegada do Governador seu amigo Arthur de Sá, — que lá foi ter em fins de novembro de 1700, quando então ficou á toda luz descortinado o famoso e tão desejado Sabará-buçú.

---

(1) Pela Provisão de 6 de março de 1700, nomeando o Borba Guarda-mor das Minas do Rio das Velhas, vemos que já era Tenente general. Pela Provisão de 23 de fevereiro de 1700, vê-se tambem que o Borba já tinha subido para o Sumidouro.

CAPITULO TERCEIRO

POVOADORES E NOVOS DESCOBRIMENTOS

I

Para darmos em conjuncto a noticia dos tres grandes descobrimentos, que fixaram os pontos culminantes da conquista, Carmo, Ouro Preto, e Sabará, dos quaes irradiou-se o povoamento do territorio, tivemos que adeantar materia, preterindo os acontecimentos de 96 a 99, e mencionando antes de tempo a expedição de Arthur de Sá. Não foi esta, como vimos, uma inteira aventura. O Sabará-buçú já estava descoberto pelo Borba desde 1678: e pois o que se fêz na occasião foi somente averiguar as minas, descortinar o paiz e trazer-lhe o movimento. Mas desses tres pontos principaes, graças á faina de descobrimentos, que se desenvolveu, e á outras causas emergentes, a verdade é que as regiões, annexas á cada um, ficaram logo reconhecidas, e os mananciáes descobertos, alargando-se o districto do ouro de lado á lado.

Convem aqui se faça uma digressão, que deve esclarecer em muito os factos, que começaram a se produzir na historia, e a encorporal-a.

As minas de qualquer especie, conforme a legislação antiquissima, pertenciam á collectividade representada nos Soberanos, Municipios ou Imperadores. Quando no Brasil a idéa dos descobrimentos accentuou-se em factos esperançosos, o Rei Hespanhol tratou de reformar o systema e promulgou o Regimento de 1603 á que logo seguiu o de 1618, mais completo, sob cujas disposições manifestaram-se ainda as minas do Sul, e mais tarde as nossas dos Cataguazes.

O Rei. que então personalisava a collectividade, e se reputava o Senhor do subsolo, não as quiz explorar por si officialmente; e mais interessante julgou dal-as á particulares, que se mostrassem habilitados e idoneos, mediante, porém, o pagamento de uma porção emphyteuticaria do ouro extrahido em salvo as despesas. E foi o quinto. (1)

O descobridor de qualquer mina ou ribeiro tinha direito á uma data privilegiada de 80 varas sobre 40, escolhida na mais pingue extensão do terreno, e além dessa á uma outra de 60 braças sobre 30 egual ás mais, que se repartiam pelos concurrentes. Gosava o Descobridor sobre tudo de immunidades e mercês; e preferia á todos no governo do logar. Semelhante á data do descobridor tirava-se uma segunda para Sua Magestade, em particular, data que se dava por administração, ou se punha em hasta para se dar á quem mais por ella avançasse.

Era, portanto, este instituto especial, que formava um ramo de administração publica, tendo o seu foro independente, seus juizes, suas leis, e instancias privativas. Os Governadores eram Guarda-móres Geraes; e á cada districto presidia um Guarda-mór, com o seu escrivão, o seu Thesoureiro, e officiaes. Para as novas Minas, emtanto, mais tarde fêz Sua Magestade mercê a Garcia Rodrigues Päes do officio de Guarda-Mór Geral por tres annos, e depois por cinco vidas como abaixo se dirá, e muitas Ordens e Cartas succederam, declarando a inteira independencia desta autoridade, em relação ao poder dos Governadores, como entre outras se vê a carta de 26 de fevereiro de 1705.

E' bom lembrar que o Districto de Minas, descoberto num sertão bravio e devoluto, a primeira propriedade, que se nelle constituiu, nenhuma outra origem teve, que á titulo de datas mineraes. O chão, as casas, as bemfeitorias comprehenderam-se nestas datas. A Guarda-moria, portanto, no exordio do povoamento resumiu em si a unica autoridade necessaria e com razão de ser. Nenhuma lei tambem se respeitou, senão a deste instituto, mantida e observada por interesse de cada um, temendo a anarchia os donatarios.

Tendo Carlos Pedroso da Silveira appresentado á Sebastião de Castro as amostras do primeiro ouro, que lhe foram enviadas da Itaverava, obteve desse Governador a collação nos cargos de Provedor dos Quintos e Administrador da Fundição, com ordem de transferir para Taubaté a officina Real, que se tinha instituido em Parati. Bartholomeu Bueno de Siqueira nesse mesma occasião foi nomeado Guarda-Mór do Districto das novas minas, como tudo consta da seguinte Carta Regia, que á bem dizer foi então a primeira acta dos acontecimentos:

---

(1) Ord. L. 2.° Tit. 34, § 4.

« Arthur de Sá e Menezes &. Viu-se a carta, que escreveu Sebastião de Castro Caldas, á cujo cargo estava esse governo em 16 de junho deste anno, em que me deu conta de umas novas minas, que se haviam descoberto no sertão de Taubaté, e de que lhe haviam trazido cinco oitavas de amostras, que remetteu com a noticia, de que se haviam descobrido outros ribeiros, como lhe haviam representado Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira, á quem proveu nos officios dellas, por ficar duzentas legoas destantes de Paranaguá, e não poderem os officiaes dellas accudir as novas minas chamadas dos Cataguazes. Me pareceu dizer-vos que obrou bem Sebastião de Castro Caldas nesses provimentos. Lisboa, 16 de dezembro de 1696. — Rey.»

Esta carta nós a encontramos na obra de Pedro Taques e nos mais escriptores trazendo a data de 95, não obstante as incoherencias e anachronismos, que infligia aos factos desse periodo historico. O original, porém, que se acha no Archivo Nacional do Rio de Janeiro, datado de 96, harmonisa e restabelece a ordem natural e logica dos acontecimentos. E na verdade, si Arthur de Sá nomeado em fins de 96 começou a governar em abril de 97, não podia sua Magestade escrever-lhe já em 95. Devemos tambem ter em vista, que si o ouro foi descoberto em 95 ao tempo, em que se esperou na Itaverava a colheita da sementeira, só nos ultimos mezes desse anno, ou primeiros de 96, terá chegado ás mãos de Carlos Pedroso em Taubaté. De mais, si feito o primeiro descobrimento em abril ou maio de 95, logo se proseguiu no descortino das cabeceiras e affluentes do rio de Miguel Garcia, só mesmo em julho de 96 poder-se-ia dar destes novos *ribeiros descobridos* noticia certa á Sua Magestade.

Por ultimo temos uma outra Carta desse mesmo dia 16 de dezembro de 1696, pela qual se communica ter Sua Magestade concedido á Carlos Pedroso o habito de Christo, e a Bartholomeu Bueno a mercê de 80$000 annuaes. São documentos gemeos, que denunciam á toda luz a connexidade dos factos.

Em seguida aos descobrimentos do Ribeirão do Carmo, remettendo o coronel Salvador Fernandes á Carlos Pedroso amostras do novo ouro, segunda viagem fez este ao Rio de Janeiro para ainda manifestal-o á Sebastião de Castro Caldas. (1) Bartholomeu Bueno de Siqueira, tendo-se entranhado nos sertões de Pitangui, não poderia attender á repartição das novas minas descobertas em tão distantes paragens; pelo que Sebastião de Castro nomeou Guarda-mór

---

(1) Quem remetteu este ouro foi o coronel Salvador Fernandes (Eph. de Nelson de Senna). Sobre esta segunda viagem de Pedroso veja-se a sua Patente de Capitão Mór d'Itanhaen, datada de 2 maio de 98.

e Administrador das datas reaes dos Cataguazes á José de Camargo Pimentel, amigo de Carlos Pedroso: o qual Camargo sem demora partiu para o seu districto: mas inutilmente. (1) A maneira porque occorria o ouro nos ribeiros em forma de alluviões e de maneira impedido, que não se podia tirar senão á lume d'agua, e por extenso em todo leito cercado de florestas e entupido de penhascos e raizes, nenhum espaço dava ás medições. Os mineiros trabalhavam em desordem e tumulto, cada qual indo e vindo por onde bem lhes parecia. Nada o Guarda-mór tendo pois a fazer ahi no exercicio do cargo, limitou-se a fiscalizar e a exigir os quintos reaes, causando aos exploradores um grande descontentamento, e ficando rancorosamente suspeitado de muitos inimigos. (2)

II

Além desses motivos, que obstaram o desempenho da Guarda-moria, aconteceu que no Carmo renovou-se logo a fabula de Midas.

Este Rei, tendo alcançado o dom de converter em ouro tudo aquillo em que tocasse, sabe-se, morreu de fome, e figurado com orelhas de asno pelos poetas. Assim tambem os aventureiros descobridores do Carmo. Absorvidos e deslumbrados pela incomprehensivel abundancia do ribeirão, descuidaram se do principal, que foi o alimento. Consequentemente á miseria reduzidos, poucos mezes depois do descobrimento, a fome obrigou-os á levantar mão das catas, e a se dispersarem para os mattos distantes, como bem nos informa o notavel officio de Arthur de Sá ao Rei, em data de 20 de maio de 1698, do qual extrahimos o seguinte: «.... é sem duvida que rendera muito grande quantia, si os mineiros tiveram minerado este anno, o que não lhes foi possivel pela grande fome, que experimentaram, que chegou a necessidade á tal extremo, que se aproveitaram dos mais immundos animaes, e faltando-lhes estes para poderem alimentar a vida, largaram as minas e fugiram para os mattos com os seus escravos a sustentarem-se das fructas agrestes que nelles achavam; porém este anno ha esperanças pela abundancia das novidades do presente, de que recuperem o que perderam, e pelas noticias que tenho das sobreditas minas,

---

(1) Veja-se officio de Arthur de Sá de 29 de abril de 1698.

(2) O Alcaide-mor era filho de Pedro da Rocha Pimentel e de d. Leonor Domingues de Camargo; e Pedro da Rocha filho de João Ferreira Pimentel de Tavora e de d. Maria Ribeira, filha do Sevilhano Bartholomeu Bueno de Rivera.

são de grande rendimento, e quanto mais entram pelo sertão, dizem que são mais ricas, e a duração dellas será para muitos annos ; porque em todos aquelles ribeiros e serras, dizem se acha ouro. Estimarei muito que minhas diligencias produzissem grandes augmentos á real Fazenda de Vossa Magestade, á quem Deus guarde.»

Este officio dirigido ao Rei um mez antes, que se desse o descobrimento da Serra de Ouro Preto refere-se, como é claro, aos ribeiros de Miguel Garcia e do Carmo, unica parte das minas então conhecidas e exploradas.

Os moradores do Carmo nem todos fugiram para os mattos. Os principaes regressaram a S. Paulo, e destes o chefe coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, cuja esposa e filhos menores assistiam na Villa de Pindamonhangaba.

Para fazer a sua roça, como convinha, que se plantasse em ordem á abastecer os obreiros, que deveriam voltar ás catas do ribeirão no anno seguinte, deixou o coronel seu filho Antonio Fernandes Cardoso com os escravos, encarregado de procurar em distancia favoravel um sitio adequado. Effectivamente andando este á ribeirão abaixo, escolheu o Morro Grande, e ahi começou a formar a Fazenda que mais tarde tomou o nome, que conserva, de Engenho Pequeno.

Preoccupados pois em matar a fome, e em fazer as roçadas para mantimentos, os primeiros moradores do Carmo se espalharam já ao longo do ribeirão, já ao de seus affluentes. E desse tempo se iniciaram as mais antigas Fazendas do Carmo, do Gualaxo do Norte, e do Gualaxo do Sul. (1697-98).

III

O descobrimento de Ouro Preto, vimos,foi o ponto culminante da historia antiga. O Itacolomi representava o pharol desejado e attrahente dos bandeirantes. O Carmo descobriu-se por acaso, senão por engano de ser o Tripuhy. O Sabarabuçú á sua parte já não era de todo ignoto, e Arthur de Sá, avisado pelo Borba, tanta certeza tinha de lhe devassar os thesouros, que a sua comitiva apparatosa, mais significava a occupação, que uma simples aventura. Com a Serra de Ouro Preto porém, a epocha das aventuras e fabulas extinguiu-se. Os bandeirantes perderam a sua razão de ser : o sertão removeu se, e a ordem civil parece que raiou para nunca mais se obumbrar na noite selvagem. Antonio Dias neste sentido foi o derradeiro conquistador.

Não menos valentes e apreciados caudilhos ao depois emergiram ; mas já não penetravam o mysterio, prolongavam o conhecido.

Descendo, porém, Antonio Dias ao local, do ribeiro famoso, completa e cruel foi a sua disillusão. As enchentes de tantos annos passados, como sóe acontecer nos vallos fundos, desaguadouros de serras alcantiladas, haviam escoado as ribanceiras, e lavado as margens arrojando para longe o caldeirão dos granitos côr de aço.

Percorreu Antonio Dias todo o vallado profundo e frio, desde o serro do Tripuhy ao corrego do Padre Faria, e nada achou da especie, que procurava.

Em compensação, porém, a riqueza do metal commum não teve maior pujança em outra parte do mundo; e pois contente disto expedio para Taubaté a noticia do auspicioso evento, e avisou os parentes e amigos que viessem partilhar com elle da fortuna deparada.

No anno immediato (1699) pozeram-se por isso e logo á caminho Francisco da Silva Bueno e seu irmão Antonio da Silva Bueno, primos do Mestre de Campos Domingos da Silva Bueno, (1) e de Bartholomeu Bueno de Siqueira, Thomaz e João Lopes de Camargos, sobrinhos de José de Camargos Pimentel, Felix de Gusmão de Mendonça e Bueno, e o Padre João de Faria Fialho, Capellão da comitiva.

Como era praxe naquelles tempos o Padre Faria trouxe o seu altar portatil; e pois, constituida a palhoça, que devia de servir ao culto, celebrou no alto da Serra a primeira Missa.

Ora, o mais para se nisto admirar foi que a Capella, situada exactamente no dorso da montanha, expelle do telhado á direita as aguas para o Rio das Velhas e ao lado opposto para o Rio Doce. No meio justo do altar, levantando a hostia, o Padre unio com as braços naquelle momento, e para sempre redemidos, os dous rios historicos de nossa patria.

IV

Estando Arthur de Sá preoccupado, com o negocio das novas minas, e de dia para dia avultando as noticias, que do sertão lhe enviavam, ora exaggeradas, ora falsas, mas todas inquietadoras no que tocava aos prejuizos da Fazenda Real, acertou, antes que viesse em pessoa, de enviar delegado de confiança, que encetasse o regimen legal.

Persuadido por intrigas da incapacidade de José de Camargo Pimentel, que os inimigos lhe denunciaram por tyrano e peculatario, Arthur de Sá o demittiu das funcções da Guarda-moria, e o chamou á contas do dinheiro real, que

---

(1) O mestre de Campo Domingos da Silva era filho de d. Izabel de Ribeira, filha do grande Amador Bueno, irmão da dita d. Maria de Ribeiro. Eram, pois, parentes proximos.

aqui tinha roubado. Em seu logar nomeou a Garcia Rodrigues Paes, que andava a fazer o caminho novo para o Rio das Mortes. (1) Era o homem da epocha, descobridor das Esmeraldas, a quem sua Magestade recommendara se lhe desse provimento em algumas administrações de minas de ouro, de prata, ou de esmeraldas em attenção ao zelo, com que se houve nas averiguações destas. (Carta de 19 de novembro de 1697). Ao nomeado ordenou o Governador, que sem perda de tempo subisse para os descobertos em ordem a ligitimar a exploração das novas minas.

Entretanto, sobrevindo a fome no Carmo, e os mineiros tendo-se de lá espalhado, o coronel Salvador Fernandes e outros levaram a São Paulo a noticia da calamidade com a certeza, que só depois que se colhessem os mantimentos, poderiam voltar ao serviço em continuação das catas.

Ou porque tivesse recebido a ordem de Arthur de Sá para prestar as contas, ou porque fosse obrigado tambem pela fome a se retirar para S. Paulo, o que é muito mais provavel, o facto é que José de Camargo Pimentel, tendo se apresentado ao Governador justificou-se cabalmente. Arthur de Sá cahiu em si da injustiça, que praticou, e logo, em 9 de dezembro de 1699, concedeu-lhe a patente de Alcaide-Mór da Villa da Cutia, sua patria, exprimindo-se na exposição de motivos pela seguinte forma tão diversa da porque o havia demittido: «. . tendo respeito ao merecimento, partes, nobresa, que concorrem na pessoa do coronel José de Camargo Pimentel, sendo pessoa das mais nobres familias destas capitanias, desejando occasiões de empregar-se no serviço de Sua Magestade, á quem Deus guarde, e por esperar delle que em tudo o de que for encarregado, pertencente ao Serviço Real, se haverá mui conforme a confiança que faço de sua pessoa, dando favor ao Provedor da officina dos Reaes Quintos... etc.»

Desta Patente é facil concluirmos a mudança de opinião do Governador operada pelos novos elementos de informação, que obteve. Os paulistas principaes, como o coronel Salvador Fernandes, amigos do Alcaide-Mór, teriam tomado a sua defesa, bastando expor a situação dos descobertos. Não se havia nelles feito repartição alguma de datas, e logo não havia ainda data alguma real, de que o Administrador pudesse roubar productos pertencentes ao Rei.

E' facto averiguado, que Carlos Pedroso da Silveira em principios de 99 conduziu em pessoa para o Rio á entregar ao Thesoureiro Mór da Real Fazenda, Luiz Lopes Pegado,

---

(1) Em sua ausencia foram tambem nomeados o capitão Antonio Rocha Pimentel, e na de ambos Diogo Gonçalves Moreira. Provisão de S. Paulo, 13 de janeiro de 1698.

nada menos que 3 arrobas e 14 arrateis de ouro, provenientes dos quintos arrecadados em Taubaté, não sendo menos verdade, que esta cobrança a fez com taes difficuldades, que elle Carlos Pedroso a propria vida arriscou em diligencias, como tudo se vê da Patente de Capitão Mór de Itanhäen, que obteve de Arthur de Sá em 23 de Maio de 1699.

Ora, si vimos como este mesmo Governador confessa, que José de Camargo deu favor á essa arrecadação, claro é que como fiscal da Fazenda Real, em chegando á Taubaté, cumpriu com o seu dever, denunciando os devedores pelas notas que tomou no sertão, onde tinha exigido os quintos; e desta exacção proveio a coima de sua tyranias allegadas com o acto pelo qual foi desmittido.

Si o quinto cobrado em Taubaté dos que se retiraram profugos da fome, subiu á tal vulto de 3 arrobas e 14 arrateis, façamos idéa da enorme quantidade de ouro sonegado extrahido do Ribeirão do Carmo nos primeiros tempos da descoberta. (96—97)

* * *

Com a noticia dos descobrimentos do Ouro Preto, confirmando-se o prodigioso succcesso das novas minas, acertou o Governador Arthur de Sá de accelerar as providencias tendentes á boa ordem da administração, e pois determinou de novamente á Garcia Rodrigues Paes que sem delongas partisse no intento de repartir os ribeiros manifestados e já invadidos por flibusteiros livres e tumultuarios.

Consequentemente subiu o Guarda-Mór no Outono de 1699, combinado já com o coronel Salvador Fernandes, que o acompanhou e serviu de Escrivão interino. Com as colheitas de 98, que foram as primeiras obtidas na zona do ouro, tinha se promovido a abundancia, e os arraiaas de Miguel Garcia e do Carmo repovoaram-se.

A comitiva do Guarda-Mór, entrando pela Itaverava, chegou á Miguel Garcia, e logo alli se deu principio á diligencia da repartição das primeiras datas.

Estando o Coronel no exercicio do cargo de Escrivão das datas, prohibia-lhe o Regimento com penas gravissimas tivesse parte directa ou indirecta no interesse das minas: pelo que foi o descoberto do Carmo medido e repartido em nome de Manoel Garcia de Almeida, seu Ajudante, razão pela qual figurou este como principal descobridor.

Durante a estada dos officiaes no descoberto de Miguel Garcia para lá foram delles ao encontro moradores do Carmo, e, como estes tivessem andado pelas plagas do ribeirão abaixo, notificaram ao Guarda-Mór os signaes de ouro, que colheram por toda a parte. Toda a questão da epocha consistia então no titulo de descobridores, e, pois adiantaram-se ao Guarda-Mór os principaes nesta pretenção. Garcia Rodrigues Paes, que tinha em vistas achar tambem um sitio, aonde pudesse lavrar com as vantagens daquelle titulo, com-

binou com seu primo e amigo intimo João Lopes de Lima (1) que se adiantasse e fosse a descobrir um fóco sufficiente, em seu nome, que servisse para a collocação dos parentes, e para que ambos contrahissem para si os privilegios ambicionados. Neste intuito João Lopes, partindo de Miguel Garcia começou no Carmo a reconhecer as areias do ribeirão-abaixo, e de facto achou em distancia adequada o fóco desejado na extensa vargem de Santa Theresa (15 de Outubro de 1699).

Concluida a diligencia das datas no Ribeirão de Cima (arraial do Carmo), seguiram os officiaes para este novo descoberto; e ahi se achavam, quando Arthur de Sá apresentou-se em visita á zona do Ribeirão, tendo assistido nella 23 dias até 21 de novembro, dia em que apressado a ver o Sabará-buçú, partiu, e foi ao encontro do Borba (1700).

Não deixaremos por alto, que si de facto houvesse na Itaverava algum ouro em descoberto, como aliás e malavisadamente affirmam os escriptores precedentes, por ahi teriam começado as diligencias do Guarda-Mór. Era caminho do Carmo. Emtanto, si todos por ella passavam, todos a deixavam de mão; e só muito mais tarde, já em tempos de D. Lourenço de Almeida, fizeram-se descobertas de ouro nessas paragens. (2)

O facto de terem chamado minas da Itaverava as que se descobriram no Gualaxo do Sul, deve-se ao costume ou necessidade de se designar pelo nome do logar conhecido toda a região adjacente ainda sem nome. Assim se chamaram primeiramente minas de Taubaté as do sertão dos Cataguazes, e minas de São Vicente as de todo o sul do Brasil.

Dizem ainda os Escriptores que as tres primeiras datas que se mediram foram repartidas á favor de Miguel Garcia, de Manoel de Almeida, e de João Lopes de Lima. Confundiram elles as pessoas dos descobridores com os logares á que deram seus nomes, como se costuma nos paizes novos, por onde o nome proprio dos primeiros moradores fixa-se para sempre.

V

Quando os exploradores do Carmo, depois da fome, voltaram ás catas em 99, o ribeirão, que haviam deixado limpo, de certo tempo em diante começaram a notar se perturbou,

---

(1) João Lopes de Lima era filho de D. Barbara Cardoso, tia de D. Maria Cardoso, mulher do Coronel Salvador Fernandes e seu pai era Domingos Lopes de Lima, Pernambucano.

D. Barbara era filha de D. Isabel Furtado, filha de Philippa Vicente e de Luiz Furtado, naturaes de S. Vicente.

(2) Portaria de 6 de março de 1726 de D. Lourenço, regularizando os novos descobrimentos da Itaverava e do Rio Casca.

trazendo signaes de lavedôs nas cabeceiras. A' principio tenue o phenomeno avultou de mais em 700, epocha justa mais ou menos da entrada do Guarda-Mór. Tentaram muitos assomar ás cabeceiras do rio na averiguação; mas foi-lhes impossivel.

A brenha era immensa, impenetravel, e as serras de modo se enredavam de alcantis e penhascos, que frustraram todo esforço aos caminheiros.

Em seguida, pois, que fêz o Guarda-Mór ás medições de João Lopes de Lima, combinou-se que o Coronel Salvador Fernandes, investido no caracter de guarda-mór *ad-hoc*, viesse verificar os novos descobrimentos, e legalizasse nelles as posses. Neste intento, subiu o Coronel pelo caminho da Itaverava, e, como se achou no alto da serra do Bento Leite, entrou á direita pelos espigões, e proseguiu até a explanada da Pedra com Filho. Dahi avistou uns longes de fumarada, que subia do valle, e desceu pela encosta ao encontro do ribeirão, cujas areias experimentou no logar com felicidade, achando pintas de ouro as mais esperançosas. Pouco depois continuando a seguir o fio da agua ainda barrenta, acima do corrego affluente, deparou afinal a gente do Padre Faria. Eram conterraneos e amigos: circumstancia, que influiu no Coronel para dar ao logar o nome de Bom Successo, quer pela alegria do momento, quer em honra á Virgem Padroeira de Pindamonhangaba.

Em razão das brenhas, do frio, dos penhascos, bem como do terror que a natureza lhes infundia nestes valles profundos e asperos, os exploradores passavam as noites no alto da Serra, onde tinham o seu arraial, mais seguro contra surpresas e assaltos de féras ou de indios, que de mais longe viessem.

Alli se rasgava a formosa clareira do Campo Grande, e se dominavam os horizontes. Para as choupanas de S. João conduziram pois o Coronel á quem hospedaram do melhor modo. A imaginação não resiste á vontade de figurar a scena dessas noites longas, ao redor do fogo, e aquelles homens, fundadores de nossa patria, irmanados pelo destino, a conferirem entre si, os seus projectos, as suas esperanças e o futuro das minas!

Aproveitou-se o Coronel da vára da Guarda-Moria, e tratou de legalizar as datas. Ao descobridor Antonio Dias deu todo o trecho do antigo ribeiro do Tripuhy hoje Ouro Preto, ao Padre Faria o corrego que adquiriu o seu nome; á Felix de Gusmão o Passa-dez; aos dous irmãos Thomaz e João Lopes de Camargo as vertentes da Serra (arraial dos Paulistas mais tarde); e á Francisco da Silva Bueno o corrego, abaixo do Campo Grande, que se chamou Ouro Bueno, do outro lado da mesma serra.

Concluida a diligencia, como dos cumes da cordilheira o Coronel tinha avistado a chã do arraial do Carmo, e as cabanas da sua colonia, abriu a primeira picada pela matta do

Piriquito, e desceu deixando aberto este caminho, que foi por muito tempo a communicação entre os dous povos.

Tendo observado a distribuição dos ribeiros, que desembocam no ribeirão entre o Passa-dez e o Padre Faria, e formando juizo das riquezas, que depositariam no principal, o Coronel em chegando ao Carmo, enviou seu filho Antonio Fernandes ao Bom Successo, com ordem de explorar todo o leito, desd'alli abaixo até o Carmo. (1) Effectivamente o intrepido moço, luctando com difficuldades incomprehensiveis, percorreu os saltos, bacias e sorvedouros do ribeirão até o logar da Passagem, e como ricos foram os cascalhos, que descobriu, assim logo attrahiram concurrentes.

Estando no Carmo, e tendo em conjectura tambem a colonia, que se formava em Ouro Preto, Arthur de Sá nomeou, como já se disse, á 17 de novembro de 1700, o Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno, Guarda-Mór, em ausencia do Capitão Manoel Lopes de Medeiros com jurisdicção, de Administrador das Datas Reaes em toda a zona. (2) E pois passando este Guarda-Mór para a Serra de Ouro Preto mediu e repartiu as datas do Bom Successo em 1701. A data do Rei aqui foi dada por contracto de meias ao Coronel José de Camargo Pimentel, seu parente proximo, que tinha subido de S. Paulo á convite de Francisco Bueno; o qual na repartição de seu ribeiro pelo Coronel Furtado tinha requerido as melhores porções para parentes, que convidou a virem compartilhar de sua boa fortuna.

---

(1) Silva Pontes e outros dizem que esse filho era Bento Fernondes; mas este em 1700 não passava da edade de 10 annos. O filho mais velho do Coronel, que com elle veio, foi Antonio Fernandes.

(2) A Provisão de 23 de fevereiro de 1700, citando Arthur de Sá em S. Paulo, ao Capitão Manoel Lopes diz: «Guarda-Mór das minas de Cataguazes ate o limite do Sumidouro em que assiste o Tenente General Manoel de Borba Gato.» Domingos Bueno nomeado em ausencia de Manoel Lopes, o foi com a mesma clausula em Provisão de 17 de novembro de 1700. Entretanto o Borba em 6 de março de 1700 foi nomeado Guarda-Mór das minas do Rio das Velhas. Tendo o Borba subido em 99, e suppondo Arthur de Sá, que estivesse para o Sumidouro, arraial preexistente na zona, e de sua fundação, explica-se a confusão do Rio das Velhas com o Sumidouro, nome certo e dominante daquellas paragens. Igualmente por essas provisões, e outros documentos de tal epocha (98-700), bem como pelo officio ao Rei de 29 de abril de 1698 se collige, que minas de Cataguazes se chamavam as da região á dentro da Itaverava, unicas então conhecidas.

Por outro officio dirigido ao Rei de 24 de maio de 1698 se vê que o Sabará-buçú não estava ainda siquer descoberto; e a serra do Ouro Preto o foi em junho de 98. Minas de Cataguazes portanto foram as de Miguel Garcia e do Ribeirão do Carmo, por aquelle tempo.

CAPITULO QUARTO

NOVOS ARRAIAES

I

Os annos de 1700—1701 foram emtanto calamitosos. O mesmo horror que havia experimentado o arraial do Carmo nos de 97—98, o flagello da fome, produziu na Serra de Ouro Preto a debandada dos moradores, igualmente cegos pelo ouro, esquecidos dos comestiveis. Alguns retiraram-se para S. Paulo, e deste numero foi o Padre Faria, que ficou em Guaratinguetá e lá falleceu, segundo se crê, poucos annos mais tarde. Outros, que foram em muito grande numero, dispersaram-se pelos mattos e campinas distantes e não devastadas ainda de consumidores. Proseguindo pela Serra á norte o Alcaide-Mór e seus sobrinhos Thomaz, João, e Fernando Lopes de Camargo foram se estabelecer no corrego e sitio do arraial, que delles adquiriu o nome plural dos Camargos, á 4 legoas distante de Ouro Preto ; e bem assim na mesma direcção em menos distancia, Antonio Pereira Machado, natural do Reino, á baixo da Serra, que traz o seu nome, dando principio ao arraial do Bomfim de Matto Dentro, mais tarde conhecido tambem por arraial de Antonio Pereira, cujos focos de ouro são os de mais subido quilate em todas as Minas. Tiveram tambem sua origem desta calamidade, pelos moradores espalhados, os arraiaes do Campo, a Caxoeira, S. Bartholomeu, a Casa Branca, e muitos outros, das quaes sobresahiu o Rio de Pedras por seu fundador Francisco da Silva Bueno, descobridor do corrego acima já mencionado.

Os profugos, pela mesma cautela do mal, que os levou á se debandarem, estabeleciam-se agora em distancias convenientes uns dos outros para não lhes faltar a caça e os fructos silvestres. Nesse interim, experimentavam os ribeiros do circuito, em que se fixavam, e visto já estarem espoliadas as catas da serra, ou offerecerem maiores obstaculos, permaneceram ao pé das suas respectivas roças. E assim nasceram as povoações junto ás Capellas, que erigiram. (1702—1703).

Cessando a fome em virtude das colheitas, muitos voltaram ás catas, que tinham abandonado. O Alcaide-Mór no outono de 1703 regressou com seus obreiros á finalizar a exploração da data real do Bom-Successo, que lhe foi de resultados opimos ; e seus sobrinhos, depois querendo continuar na laboriação de suas datas na serra, nellas encontraram de posse Paschoal da Silva Guimarães, o novato de mais feliz estrella, que nunca se viu nos antigos tempos das Minas. Tendo requerido essas minas ao Guarda-Mór Domingos Bueno á pretexto de estarem despovoadas, Paschoal da Silva, já então forte e poderoso, repelliu os Camargos a toda força. Senhor portanto das datas proseguia na exploração, quando pelo resultado attrahiu uma grande massa, que invadiu por completo a encosta superior da Serra, e deu logo num deposito incomprehensivel de ouro, quasi que solto, em vasta superficie, o qual foi logrado de todos em tumulto, derramando-se tão grande copia delle, que deu á serra o nome de Ouro Podre, e foi para bem dizer o principal inicio do progresso e do explendor do povoado, que tinha de ser a Villa Rica. (1705).

II

Emquanto estas cousas succediam na serra de Ouro Preto, não menos dignas de menção eram as que se passavam no Carmo.

O Coronel Salvador Fernandes e seu amigo dedicado o Padre Francisco Gonçalves Lopes, Capellão da Bandeira, erigiram em 1696 a primeira Capella sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo, logo que se determinou o assentamento do arraial. A natureza do paiz, em pleno Cahetê impunha, pelo menos de noite, a visinhança dos moradores contra os perigos, que se antolhavam, e pelo mutuo auxilio de que todos careciam. A riquesa espantosa do ribeiro, tendo attrahido concurrentes, foi verdadeira lastima o que succedeu com a fome de 97, quando os moradores desertaram, menos que se bem haja por compensação do flagello o descortino das plagas do ribeirão-abaixo e dos Gualaxos, por onde emergiram os segundos arraiaes e as primeiras

roças. Levada a noticia com a esperança das novidades de 98 aos desertores, que se achavam em S. Paulo, o Coronel Salvador Fernandes, de tudo informado, como tinha de regressar ao descoberto, mandou pedir ao Bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco de S. Jeronymo, Conde de Santo Eulalio, o provimento canonico da capella do Carmo, e o Bispo em 1701 lhe enviou faculdades amplas quer para sagração dessa, elevada a curato, quer de outras que o Coronel erigisse nos logares de seu interesse.

Repovoado pois o arraial, o Padre Gonçalves, que até então officiava no altar-portatil, fixou a pedra d'ara na Capella do Ribeirão. A esse tempo entretanto uma segunda crise sobreveio e o arraial de novo succumbiu, consequencia da immensa multidão, que nelle se aglomerou, e de outras causas originadas da propria mineração. A fama das riquezas achadas levantou dos sertões o povo, que por lá vivia, d'esd'os tempos de Fernão Dias, e de Mathias Cardoso; e os proprios descobridores que voltaram das roças, como pouca sementeira plantaram em 99, deram logar á carestia quasi fome dos mantimentos. O milho passou a valer 40 e mais oitavas, o feijão de 60 á 90 cada alqueire. A dispersão começou por isso de novo para as roças, e mais longe portanto se extenderam os descobrimentos, que só tiveram limite por onde os indios ferozes dominavam sobre os lados do Rio Doce.

De mais, como estavam acostumados ás faceis operações das lavras dos corregos, á vista da necessidade de desviarem a corrente do rio para uma das margens (diz o Silva Pontes), de exgotarem as aguas, que affluiam para o centro das suas catas e de extrahirem bancos de areia esteril, que cobriam os cascalhos auriferos, ficaram descorçoados. A retirada dos mineiros por estas causas foi quasi geral, por que bem raros eram os lanços do Rio, onde o cascalho se achasse menos entulhado. Alem destes inconvenientes, que a natureza do rio offerecia aos emprehendedores, reinava alli tão grande frialdade nos valles, estreitos e assombrados por matto espesso, que os operarios apenas podiam começar o trabalho ás 10 horas da manhã, e continua-lo até as 3 da tarde.

Com tudo tão grande era a riqueza dos cascalhos, que mergulhando um obreiro a bateia para extrahi-los do fundo do rio, dentro de 5 horas, dava á seu amo a renda de 3 e 4 oitavas de ouro, salva sempre a quota que reservava para seus vicios e regalos. (1)

---

(1) Vide apontamentos de Manoel José Pires da Silva Pontes, compilador de Bento Fernandes. Rev. Arch. Publ. Mineiro. Anno IV, janeiro á junho 1899.)

O coronel Salvador Fernandes foi dos ultimos, que resistiram á nova catastrophe do arraial, graças a fertilidade de sua lavra: mas á final teve de ceder tambem e desertou para o Morro Grande.

O estabelecimento de João Lopes de Lima na praia de Santa Thereza prosperava immensamente. Para ahi já haviam chegado o Coronel Maximiano de Oliveira Leite, sobrinho de Garcia Rodrigues, e outros da mesma familia, para a qual o Guarda-Mor, quasi que exclusivamente repartira as terras mineraes. João Lopes, temendo o exemplo da fome no Carmo, ao lado das datas tinha feito plantações de cereaes e legumes.

Pouco mais á baixo, uma legoa, ficava o Morro Grande. Antonio Fernandes Cardoso, filho do Coronel, ahi se tinha installado com os escravos e indios no tempo da fome; e á seu Pae deu noticia que no rio se encontrariam fócos de ouro, segundo as provas, que em horas vagas havia colhido.

Para lá se dirigiu o Coronel, e visto á final ter descoberto mananciaes tão ricos, como foram os do Carmo, passou á residir definitivamente nessas paragens. Em 1703 o Padre Francisco Gonçalves consagrou a Capella, que no Morro Grande o Coronel construiu sob a invocação de Nossa Senhora de Loreto, e que por algum tempo serviu para administração dos Sacramentos aos povos circumvisinhos. Foi o berço de que se desenvolveu populoso o opulento arraial de S. Caetano.

No descoberto de João Lopes de Lima á Pedro Rosa de Abreu tocaram da medição as datas, que se extenderam do Boqueirão da Ponte Grande á esquerda até o primeiro corrego, dividindo com as do Coronel Maximiano de Oliveira Leite. Os donatarios tomaram de posse todo o terreno pelos fundos até os espigões e estabeleceram roças. Pedro Rosa erigiu a Capella de Santa Thereza, que ainda lá existe na formosa collina, que olha sobre toda a planice do ribeirão. (1)

Foi esta a epocha em verdade dos estabelecimentos definitos nas regiões do Carmo. Sebastião Fagundes Varella erigiu pouco depois a Capella de S. Sebastião, e seu concunhado Caetano Pinto de Castro a de S. Caetano, que se converteram em Matrizes das respectivas Parochias. (2)

---

(1) Pedro Rosa era natural de Gafeta, Villa do Priorado do Castro no Alem-tejo. De seu testamento verifica-se que foi dono da Fazenda do Panelleiro, Freguezia do Sumidouro: foi rico, e instituiu o patrimonio da Capella de Santa Thereza. Falleceu em sua casa na Villa Rica aos 14 de Maio de 1728. Tinha lavras de rosario em S. Thereza com 72 escravos.

(2) Sebastião Fagundes era casado com D. Clara dos Anjos, irmã de D. Maria dos Anjos, mulher de Caetano Pinto.

João de Siqueira Affonso, atravessando a serra de leste, descobriu as minas do Sumidouro : e uma legoa adiante João Pedroso as do Brumado. Antonio Forquim da Luz descobriu tambem as do Forquim, onde o Padre Francisco Gonçalves consagrou a Capella do Bom Jesus do Monte em 1704.

Ao passo que estas Capellas erigiam-se dando principio ás povoações do Ribeirão, outras minas e povoações se formavam para o lado do norte com os desertores da Serra de Ouro Preto e muitos tambem do Carmo.

Uma legoa pequena alem dos Camargos Bento Rodrigues, que de sua roça do Guaipacaré, perto de Guaratinguetá, havia subido com Arthur de Sá, achou o ribeiro, á que deu seu nome, e de onde em cinco braças de extensão tirou cinco arrobas de ouro, caso que deu logar á invasão dos flibusteiros em tal desordem, que desse arraial fizeram o mais barulhento logar da antiguidade. (1702)

O Sargento Mór Salvador de Faria Albernáz, que havia entrado para o Carmo em 99 com o Coronel Salvador Fernandes, nesse mesmo anno, descobriu as jazidas do Coatinga (Cahãtinga, matto branco) denominadas hoje do Passadéz : e a meia legoa distante as incomparaveis minas do ribeirão do Inficionado. (1) Pesquizando as fraldas do Caraça, o Licenciado Domingos Borges descobriu as de Cattas Altas ; e Antonio Bueno, irmão de Francisco Bueno, partindo de Ouro Preto, achou as do Brumado, das quaes descontente, pois á principio se mostraram pobres, proseguiu e foi deparar com os pingues mananciaes do ribeirão de Santa Barbara (4 de Dezembro de 1704), berço da bella cidade, que hoje talvez nem mais recorde o seu fundador.

Tendo exgottado o ouro da data regia do Bom Successo, e o mesmo feito na melhor parte do ribeirão dos Camargos, o Alcaide Mór José de Camargo Pimentel, movido pela mania de descobrimentos, continuou as suas explorações, e foi achar as minas do Piracicava (2) junto a fóz do ribeirão, que desce do Morro Agudo ; e alli fundou o arraial de S. Miguel, onde permaneceu, e terminou aos 90 annos a sua vida aventurosa, patriarcha de numerosa geração, e legando uma grande fortuna merecidamente adquirida.

O arraial de S. Sebastião nos primeiros tempos chamava-se de Sebastião Fagundes. Todas estas Capellas foram consagradas pelo Padre Gonçalves.

(1) Inficionar o ribeiro se dizia quando os flibusteiros o assaltavam em tumulto. O descoberto de Albernáz tomou por isso o nome de Inficionado.

(2) *Pira* peixe, *ci* acabar, *caba* monte. Caxoeira onde pára o peixe.

A deserção da Serra de Ouro Preto foi tão geral em 701 — 702, que o mesmo descobridor Antonio Dias de Oliveira não se manteve no logar nem mais repovoou a sua mina. Como praticasse com o Borba, e soubesse que durante o tempo, em que este viveu com os indios, havia achado pintas ricas de ouro no Piracicava, Antonio Dias, de volta de S. Paulo, passando por todos os arraiaes novos de seus amigos, avançou mais longe, e no mesmo anno (1706) em que o Alcaide-Mór fundara S. Miguel, erigiu elle o arraial de Antonio Dias Abaixo (1), onde igualmente nonagenario se finou.

---

(1) Abaixo em relação a Antonio Dias Acima, o de Ouro Preto.

Funchal Garcia

CAPITULO QUINTO

ULTIMOS DESCOBRIDORES

I

Dada a segunda dispersão dos moradores do Carmo, pelos annos de 1701 — 02, foi este em compensação o periodo das fundações em todo o districto do ouro. Por seu lado a Colonia do Rio das Velhas expandia-se, e o sertão descortinava-se até a Itacambira, por onde Arthur de Sá mandava exploradores com ordem de plantarem cereaes e legumes, ao pé dos lavradios de ouro, afiançando com esta medida a estabilidade dos arraiaes.

O Coronel Borba Gatto, proseguindo em seus diligencias, descobriu os ribeirões do Inferno e do Gaya, e como logo repartia as datas, assim, nas melhores collocava amigos seus, e do Governador, por maneira, que ao deixar Minas Arthur de Sá não levou menos que trinta arrobas do precioso metal.

Nomeado procurador da Fazenda Regia José de Seixas Borges, e administrador de algumas datas da corôa por contracto de parceria, foi tambem dos que se enriqueceram d'improviso. O minerio occorria em taes condições, que n'uma peninsula do rio, entre o arraial do Borba e o de Raposos, Antonil refere que se catava o ouro em pepitas e folhetas á secco, e nas lavagens não se apuravam menos que de 6 á 80 oitavas de cada bateiada. Conservando-se o nome de Dourado a esse logar do rio, cremos poder indical-o accumulado como está de antigos escombros em toda superficie.

O Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, primo e companheiro de Garcia Rodrigues Paes, entrando pelo sertão do Sabará-buçú, descobriu o famoso ribeiro do Campo (1) e o Coronel Leonardo Nardes Sisão de Souza as minas do Cahetê, onde os irmãos Guerra (Antonio Leme e João Leme), sobrinhos da condessa Marianna de Souza Guerra, donataria de Itanháen, fundaram o arraial de que depois se fez a Villa Nova da Rainha.

Entretanto, logo em começo do anno de 1701, o coronel Antonio Soares Ferreira, enviado por Arthur de Sá á frente de uma forte expedição, com vistas de penetrar no sertão das Esmeraldas, deparou o ribeirão de Santo Antonio do Bom Retiro, cuja riqueza o attraihu: e de facto nelle se estabeleceu. Descobridor e guarda-mór, provido por Arthur de Sá, com plenos poderes nos descobertos, que fizesse, Antonio Soares repartiu as datas do Santo Antonio a 2 de março desse anno de 1701, sendo Escrivão o sargento-mór Lourenço Carlos Mascarenhas, e Procurador da Corôa o coronel Balthazar Leme de Moraes Navaro. Foram companheiros nesta expedição João Soares Ferreira, filho de Antonio Soares, Gaspar Soares, irmão; e o coronel Manoel Corrêa Arzão e Antonio Corrêa, sobrinhos do famoso sertanista do Casca Antonio Rodrigues Arzão.

Satisfeitos com os auspiciosos indicativos de ouro nesta região, o coronel Manoel Corrêa e Antonio Corrêa proseguiram com Lourenço Carlos, e Balthazar Leme e foram descobrir e repartir as minas do Serro Frio (Ibitirui): ao passo que Gaspar Soares ia tambem fazer o mesmo ás do Morro, que adquiriu seu nome (1073). Descortinado o Serro, cujas riquezas foram immensas, toda a região se pôz ao alcance dos exploradores, e em 1704 se achou a famigerada Itacambira dos bandeirantes de Fernão Dias. Já então a colonia de Montes Claros fundada por Antonio Gonçalves Figueira florescia em fazendas de criar e se ligava pelo Gorutuba aos curraes da Bahia.

Por outro rumo os Penteados fundavam o arraial de Roça Grande; os Raposos exploravam o ribeiro de seu nome, João Leite da Silva Ortiz a serra do Curral d'El-Rey, e seu sogro o façanhudo Anhanguera (Bartholomeu Bueno da Silva tambem chamado Bartholomeu Bueno Feio) estabelecia-se no S. João do Pará: Antonio Rodrigues do Prado em Pitanguy, e Matheus Leme no Itatiaiassú.

Do somidouro do Rio das Velhas para baixo até a Barra e da Barra até Mathias Cardoso, as fazendas de criar se ligavam tambem aos curraes do S. Francisco, de sorte que Arthur de Sá ao largar o governo em 1702 teve a gloria de

---

(1) Congonhas do Sabará, hoje Villa Nova de Lima.

deixar o Districto do Ouro em vias de plena conquista, desvendados os sertões a todos os horizontes, e o arraial do Borba em communicação com S. Paulo e com a cidade de S. Salvador e porto da Bahia.

II

O movimento rapido desses annos, que assim deixavam reconhecido o paiz do Rio das Velhas, não foi menos fecundo, como já se disse nas descobertas e fundações da zona do Carmo. Além das que já temos mencionado, outras muitas se multiplicaram assim nas margens do Ribeirão, como nas do Gualaxo do Norte, e no Gualaxo do Sul, nome que substituiu ao do Miguel Garcia no rio, em que este achou o primeiro ouro.

Domingos Velho Cabral, companheiro dos bandeirantes, foi o primeiro, que abandonou o Carmo no anno da fome, e assentou a sua roça nos morros do leste proximo ao arraial. Esses morros conservam o seu nome, e no corrego denominado hoje das Aroeiras ainda vemos os botados de sua lavra, quando passou a exploral-a depois do segundo desastre do Carmo (1701).

Prevista a calamidade da fome, os novos exploradores não se esqueciam de cultivar mantimentos em roças unidas ás catas e assim o arraial de João Lopes de Lmia, como já vimos, prevaleceu illeso : e em roda delle, como do de S. Caetano, innumeras foram as capellas e roças, que se estabeleceram,

De todos os pontos, onde se achavam convenientes mananciaes, emergiam os povoados: e já então de paulistas e forasteiros concorriam levas, que diariamente invadiam o Districto do Ouro, em todas as suas direcções.

Roque Soares Medella estabeleceu-se logo abaixo de João Lopes de Lima, Salvador Rodrigues Negrão, João Antonio Rodrigues, Boaventura Furtado de Moraes, Pedro Vaz de Barros, Manoel Affonso Gaya e João de Souza Castelhanos deixaram perpetuados os seus nomes até o Forquim. E' bem para se notar a circumstancia, que raros paulistas, e sim Taubatenos, occuparam esta zona, e que, sendo amigos e parentes do coronel Salvador Fernandes, todos se estabeleceram em torno do Morro Grande.

O coronel Mathias Barbosa da Silva, (1) que se fez riquissimo e poderoso em armas, situou-se abaixo do Forquim,

---

(1) Foi soldado na colonia do Sacramento 5 annos 2 mezes 7 dias. Subiu com Arthur de Sá com a patente de Ajudante dos Auxiliares, dada em S. Paulo em 18 de fevereiro de 1700.

e fundou o arraial da Barra Longa, que se conheceu por muitos annos com o seu nome.

O coronel Salvador Fernandes, tocado da mania geral de descobrimentos, mandou pelos annos de 1704 que seus filhos Antonio Fernandes e Feliciano Cardoso á frente de uma turma de escravos e camaradas penetrassem o sertão ao Sul do Carmo. Esta leva, não obstante os soffrimentos, que lhe infligiram féras e serpentes venenosas, chegou a descobrir as minas do Pinheiro, do Bacalháo, do Rocha (Conceição) e dos Prazeres, que posto menos ricas, que as do Carmo, ainda assim attrahiram concurrentes, interessados tanto nas producções do ouro, quantos nas de cereaes, graças á uberdade do solo. (1)

Pouco abaixo de Miguel Garcia estabeleceu-se Pedro Ferreira Cibrão e Francisco Lopes Bonito. Os irmãos Mainardi (Jorge e Guilherme); (2) os Cunhas, e Miguel Rodrigues Garcia, como Pedro Corrêa de Godoy, cunhado do coronel Borba Gato, se installaram no Gualaxo do Sul. Miguel Rodrigues fundou o arraial, cuja Capella existe ainda, e na qual segundo nos diz a tradição, se conserva o seu craneo. Não devemos confundir este fundador com o seu parente e homonymo o capitão Miguel Garcia.

Por uma dessas casualidades que a historia registra, este capitão Miguel Garcia pagou com a vida a sua audacia, e talvez o peccado, si peccado foi ter descoberto o primeiro ouro das Minas geraes. Pouco depois da descoberta, luctando com a fome, penetrou mais á dentro o sertão do Guarapiranga, onde os indios se vingaram numa emboscada e o mataram.

Foi dos descobridores o unico que não logrou a fortuna de desfructar a sua data previlegiada, nem ver o progresso de seu arraial.

Quando em 1696 — 97 entraram os bandeirantes e se descortinaram as cabeceiras e vertentes do rio de Miguel Garcia, Belchior da Cunha Barregão, concunhado do coronel Salvador Fernandes, e Bento Leite da Silva, sobrinho de Garcia Rodrigues Paes, tomaram posse dos ribeiros, que se encontram no caminho do Carmo; e Manoel Pereira Ramos occupou depois o da Bocaina, perto do Rio Acima.

Convem saber que tambem nessa mesma epocha em que o paiz do norte do Carmo se povoava, e se erigiam os

---

(1) O ribeirão dos Praseres corre atrás do Itacolomi e passa em *Lavras Novas* nome que lhes deu o Coronel.

(2) Da Familia nobre Escosseza Condes de Maynart refugiada nas Ilhas de Portugal da furia dos protestantes.
Os paulistas os chamou Mainardis.

opulentos arraiaes primittvos, os dous francezes Claudio Gayon e Bento Fromenticré colonisavam o Gualaxo do Norte, e logo mais abaixo delles estabeleciam-se Sebastião Rodrigues da Gama, Antonio Gesteira, e Paulo Moreira da Silva, A capella de Nossa Senhora dos Remedios, que este fundou-serviu de berço ao povoado que hoje tem o nome de Alvino. polis, arraial que, em outros tempos, foi util, e servio de fortaleza para conter os selvagens ferozes do Rio Doce. Por outro lado João de Siqueira Affonso descobriu as minas e erigiu o arraial hoje cidade do Piranga (1704).

A zona dos Campos Geraes ou das Congonhas (cahànhonha, matto sumido), como temos dito, representa a vasta bacia de um lago mediterraneo. A Itatiaia foi o dique separador, o *divortium aquaarum* dos dous rios proto-historicos de nossa patria.

As massas diluvianas, e o vortice das correntezas, que se abateram precipitadas, deixaram nos lugares fundos os sedimentos da riqueza desaggregada e das serras diluidas, formando os caldeirões famosos na primeira epocha, e que tantos ainda ha que esperam o exame dos mineralogistas. Os cascalhos da região das Congonhas até hoje são o que de mais rico pode-se conceber. Entretanto, o singular e digno de nota foi que não só essa parte, como a do Rio das Mortes, deixaram-se ficar intactas, se não quando os descobridores de Matto Dentro voltaram e deram a conhecer as faceis riquezas, que tambem continham. Foi mister a comparação dos ribeiros conhecidos no Carmo, para se denunciar a igualdade dos cascalhos, que emtanto assoalhavam o caminho trilhado pelo bandeirantes. Perpassaram estes, as mais expedições da mesma sorte atravessaram todo paiz dos Cataguá, e não menos o dos Campos, em busca de sertões remotos, abafados de florestas, cortados de serranias; inhospitas, e todos a faro do ouro: ao passo que ouro havia lá por todo o longo percurso de seu itinerario.

Foi preciso que João de Siqueira Affonso, quando regressava para S. Paulo, hospedando-se em casa de Thomé Portes d'El-Rey, na passagem do Rio das Mortes, pesquizasse as areias, e visse no lastro das aguas a mesma formação de seus outros descobrimentos, deixando ao proprietario as intrucções, cuja boa fortuna deu de resultado o inicio auspicioso de S. João d'El-Rey, ao mesmo tempo que nas mesmas circumstancias Antonio Bueno desvendava os veeiros da Ponta do Morro, preparando o berço da famosa villa de S. José.

Em summa, o cyclo dos primeiros descobrimentos ficou encerrado pelo mesmo João de Siqueira Affonso nas minas da Ayuruoca, fraldas da Mantiqueira, em 1706. A' pequena distancia de Taubaté, foi mister, que primeiro se descortinasse o ambito immenso das Minas Geraes, que a luz e a palavra dos bandeirantes circulassem de Pintanguy ao Casca,

da Itaverava ao Serro, para que se finalizasse, quasi a dentro do ponto de partida, a epopéa dos bandeirantes.

Sombras errantes da historia, quasi esquecidas, tempos remotos que espalham em nossa alma o fulgor placido, como de um luar cadente, nas horas silenciosas, esses homens e essas cousas confirmam em tudo a nossa narrativa. A unidade do caminho até á Itaverava, a diversidade por avante, cada um no seu rumo; a indifferença para com o solo rico de paizes conhecidos, em demanda de paizes nem se quer indicados, totalmente escondidos: o circulo que fizeram de longe para mais perto; são couzas que só um plano preconcebido moveria: e que só podemos explicar por um supposto polo magnetico da vontade e das ambições. O Itacolumi, rebuscado no pego nebuloso do sertão, intrevisto no dedalo das cordilheiras longinquas, foi, na verdade, o centro de gravitação, o pharol da conquista e da posse em todo o territorio.

No momento em que pomos estas ultimas palavras em nosso escripto, o avistamos, como que suspenso, cortado por uma nuvem branca, que se extende sobre o valle, nesta hora do crepusculo já ponteado de estrellas.

Bello monumento de Deus, posto no centro de nossa terra, como dos homens, no centro de nossa historia; depois de teres attrahido os fundadores de nossa patria — presides e presidirás a romaria das gerações á Cidade Mãe de nossas liberdades! Mago, que trouxeste o ouro á Bethlem da civilização!

ORIGEM HISTORICA DAS MINAS GERAES

TERCERIRA PARTE

ADDITIVOS E NOTAS

I

O Primeiro ouro

A respeito do primeiro ouro, escreveu o dr. Claudio Manoel da Costa: «Quiz o capitão Miguel Garcia, um dos «companheiros de Bueno, melhorar de armas, e propoz ao «coronel Salvador a troca de uma clavina, dando-lhe por «avanço todo o ouro, que se achasse na comitiva; acceitou «o coronel a offerta, e dando-se busca ao ouro, se não «achou entre todos mais de 12 oitavas.»

Este episodio, que se tornou caracteristico da historia dos bandeirantes, narrado por todos os escriptores que tomaram por guia o dr. Claudio, convem seja recebido com algumas reservas.

O compilador M. J. Pires da Silva Pontes narra-o quasi do mesmo modo, dizendo: «Como o coronel trazia uma es- «pada e uma espingarda de bons feitios, Miguel de Almeida «mostrou desejos de trocar essas armas por outras inferio- «res, que possuia, compensando a differença dos valores «com a somma de 12 oitavas, que a bandeira tinha até «então extrahido.»

O dr. Claudio, afiançando esta noticia como haurida nos apontamentos de Bento Fernandes Furtado de Mendonça, filho do coronel Furtado, e Silva Pontes dizendo-se compilador de taes apontamentos, mereceram fé no mesmo grau de autoridade; mas a verdade é que não a mereceram tanto quanto seria justo, si taes apontamentos fossem originaes. E ainda mesmo que elles fielmente os seguissem, o dr. Claudio cahiu em um engano, que debilitaria a nossa confiança. Acreditou o dr. Claudio que Bento Fernandes fosse testemunha e ajudante do coronel, seu pae, no periodo dos primeiros descobrimentos; e Silva Pontes, igualmente illudido, apresenta-nos o mesmo Bento por descobridor proprio do ribeirão do Bom Successo em 1700, e das minas do sertão do Guarapiranga em 1703—1704. Bento Fernandes, porém, nascido em 1689 ou 90, é claro que andava na primeira puericia, quando seu pae partiu para a Itaverava em 1695.

Além disto, o dr. Claudio inverteu os papeis, escrevendo uma historia para o poema, e não um poema para a historia, razão pela qual enxertou ficções, que seus plagiarios têm perpetuado até hoje, como que pesarosos de corrigirem a licença do mestre.

O que fica exposto é muito essencial que se tenha em vista; pois que são os proprios factos principaes, que se apresentam adulterados, como os que se referem a Carlos Pedroso da Silveira.

Bento Fernandes Furtado de Mendonça casou-se em S. Caetano pelos annos de 1729 a 30 com d. Barbara Moreira de Castilhos, neta de Carlos Pedroso por d. Thomazia Pedroso da Silveira, sua filha casada com Domingos Alves Ferreira Filho. Não obstante, por conta do mesmo Bento Fernandes, disse o dr. Claudio: «... entrando na Villa de Taubaté (Manoel Garcia), ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira; e porque não lhe faltava habilidade e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as 12 oitavas de ouro e com ellas se passou ao Rio de Janeiro, apresentou-as ao Governador, e foi premiado com a patente de capitão-mór de Taubaté. Consequentemente o nomeou o mesmo Governador por Provedor dos Quintos, concedendo-lhe ordens necessarias para estabelecer fundição na mesma Villa, por ser ella a povoação onde desembocavam primeiro os conquistadores. Por este modo se vê que, posto que Antonio Rodrigues Arzão denunciasse, primeiro que Carlos Pedroso da Silveira, as tres oitavas de ouro, que descobriu nas Minas Geraes, a sua morte impediu o progresso desta denunciação; e ficou Carlos Pedroso conseguindo a gloria de apresentar o ouro, que elle não descobriu».

Nada menos exacto: e nem Bento Fernandes tel-o-ia dito, como em seu nome o disseram. O mestre de campo, Carlos Pedroso da Silveira assistiu por algum tempo em S. Caetano; e d. Barbara, vivendo muitos annos casada com o mesmo

Bento Fernandes, não lhe teria relatado papel tão indigno do seu ascendente.

Silva Pontes, no caracter, como se inculca, de simples compilador, quasi litteralmente seguiu a narrativa do dr. Claudio. A verdade historica, porém, é outra muito diversa. Dos conselhos de Antonio Rodrigues Arzão inspirou-se Bartholomeu Bueno de Siqueira para subir aos descobrimentos; e se não lhe acudisse com a bolsa aberta Carlos Pedroso, é bem provavel que a diligencia se desse por adiada.

A este respeito, o seguinte trecho da *Nobliarchia* de Pedro Tacques é terminante:

«Vendo empenhado Portugal no descobrimento das minas de ouro e prata, para que tinha sido mandado com apparato de extraordinarias despesas a S. Paulo d. Rodrigo de Castello Branco... *se animou* (Carlos Pedroso)... á custa de sua fazenda, sem a menor ajuda de custo, nem interesse de futuras mercês, que por alvarás de lembrança com elle se praticasse... *a fazer* penetrar o sertão dos barbaros indios Cataguazes... Teve a gloria de ser o primeiro, que, com o cabo da tropa, Bartholomeu Bueno de Siqueira, conseguisse o descobrimento das minas de ouro. Dellas entregou as primeiras amostras a Sebastião de Castro Caldas, que por fallecimento de Antonio Paes de Sande se achava no Governo do Rio de Janeiro».

E mais adeante:

«Descobertas assim foram por Carlos Pedroso da Silveira as novas minas dos Cataguazes, que, extendidas depois de 1695 a muitos descobrimentos foram conhecidas por minas do Sabará-buçú, que se diz—Sabará das Minas Geraes».

E tão certo o dr. Claudio conhecia este ponto, que, não obstante haver escripto aquelle topico, tambem escreveu este:

«Gloriam-se os paulistas de que fossem Carlos Pedroso da Silveira e Bartholomeu Bueno de Siqueira os primeiros que apresentaram as primeiras amostras de ouro ao Governador do Rio Antonio Paes de Sande pelos annos de 1695».

Cremos ter demonstrado á toda a luz a injustiça feita ao mestre de campo Carlos Pedroso, ficando tambem confirmada a nossa narrativa.

Não ha negar que os episodios da Itaverava, a não serem os apontamentos fornecidos pelo coronel Bento Fernandes, seriam completamente ignorados; pois em nenhum outro manancial se encontrou a noticia delles. Episodios, a bem dizer, localizados e circumscriptos, gravaram-se na memoria sómente dos actores; e até hoje não teriamos quem nos referisse a invenção do primeiro ouro por Miguel Garcia, si effectivamente os depoimentos deixados em familia pelo coronel Salvador, ou seus filhos Antonio e Feliciano, companheiros da expedição, cahissem no olvido. Mas o dr. Claudio foi todavia facil em referir cousas incoherentes.

anachronismos, e nomes trocados. Em sua narrativa entretanto escapou a phrase — *conciliar com os patricios* — pela qual bem se reconstrue a verdade dos factos.

Dada a discordia na Itaverava por causa da permuta das armas, entrando o primeiro ouro na transacção, Manoel Garcia o levou, como socio para Taubaté; onde Carlos Pedroso interveio, e acalmou quaesquer susceptibilidades. Os compradores de ouro não se consideravam descobridores: e assim a vantagem para todos os amigos seria que o *manifesto* fosse feito por elle Pedroso, socio de Bueno e de Miguel Garcia. O verbo *conciliar-se* empregado por Bento Fernandes exprimiria necessariamente a conclusão de uma desavença; nunca o principio de uma usurpação; tanto mais que Manoel Garcia não seria tão rematado imbecil, que se deixasse lograr sem protestos em materia cheia de tantas esperanças e propria de recompensas. Carlos Pedroso foi o socio procurador dos bandeirantes para por elles figurar perante o Governo.

II

Sebastião de Castro Caldas

Emquanto os Taubatenos, por propria conta, se embrenhavam no sertão de Itaverava, e descobriam o primeiro ouro, a Corte de seu lado não descançava, e readquiria as esperanças quasi perdidas.

Antonio Paes de Sande, tendo tomado posse no Rio em 25 de Março de 1693, enviou ao Rei o *Memorial* do Dr. Sebastião Cardoso de Sampaio relativo ás minas da Itabaiana e de Parnaguá: mas o interessante desse papel foi, que, desanimando no que se conhecia dessas minas, fallava do Sabarábuçú em termos imaginosos, consoante as lendas, que então maravilhavam os auditorios. Em vista desse novo incentivo, e, como Sande se offerecia a subir ao sertão para averiguar taes noticias, El-Rey assim lh'o ordenou, expedindo-lhe Alvarás pelos quaes pudesse prometter honras e mercês a quem o auxiliasse, e tambem a Carta de 18 de Março de 1694 garantindo a propriedade plena das minas a quem as descobrisse, com a unica obrigação dos quintos.

Os escriptores em geral têm dito que Antonio Paes de Sande falleceu no sertão em viagem aos descobrimentos: a verdade, porém, é que em meio dos preparativos inutilizou-se por um insulto apopletico, ficando com a parte direita do corpo, com a lingua, e o cerebro tomados de paralysia, vindo a fallecer no Rio em dias de outubro de 1694.

Em 3 de Agosto desse anno, o Senado da Camara do Rio, levando este facto ao conhecimento de D. João de Lencastre, Governador Geral do Brasil, declarava que o enfer-

mo pela qualidade da molestia, e muita idade, posto não morresse, ficaria inhabil. D. João de Lencastre, como não houvesse no Rio, quem succedesse, mandou da Bahia o Mestre de Campo André Curaco, afim de assumir o cargo, si achasse Paes de Sande impossibilitado ou morto. (Officio de 19 de Agosto de 1694).

Assim acontecendo, Curaco entrou a governar no dia 7 de Outubro daquella éra de 94. (1)

Informado destes factos, dirigiu El-Rei a Curaco a Carta de 3 de Janeiro de 1695, ordenando-lhe que se recolhesse ao commando de seu Terço na Bahia, de onde não convinha estar ausente: e que entregasse o goveno do Rio a Sebastião de Castro Caldas, a quem Sua Magestade já havia dirigido a Carta de 27 de Novembro antecedente, para que antes de entrar no governo da Capitania da Parahiba para o qual estava provido, viesse ficar no Rio a governar em ausencia de Paes de Sande, que ia sahir para o sertão. Assim, no dia 19 de Abril de 1695 prestou homenagem em mãos de Curaco e tomou posse da Capitania Sebastião de Castro, a quem coube a gloria de estrear a epocha dos descobrimentos difinitivos das Minas Geraes.

Com relação a este Governador achamos documentos, que provam a severidade com que foi tratado. Por Ordem Regia de 5 de Novembro de 96 mandou se que se conservasse até segunda ordem as peças de artilharia, que elle comprou aos Francezes, e que se procedesse a sequestro nos bens delle Sebastião de Castro até que se averiguasse si haviam sido bem ou mal compradas. E por ordem de 8 de Novembro declarou-se a Arthur de Sá, que havendo seu antecessor, dito Sebastião de Castro, promovido a postos de officiaes de Milicias alguns creados seus, sem que tivessem os annos do Regimento, desse-lhes baixa, e se restituissem os soldos á Fazenda Real pelos bens do mesmo antecessor.

Sebastião de Castro tinha consentido que entrassem no porto do Rio maior numero de navios francezes, do que permittiam os Capitulos de Paz. El-Rei censurou acerbamente o facto, e mandou que não se consentisse no porto mais de 3 náos das nações confederadas. Entretanto foram grandes os serviços de Sebastião de Castro, e sobre os mais avultava uma Carta do porto e da cidade, que elle mandou levantar e enviou á Corte (C. R. 8 de Novembro 94).

---

(1) E' curioso que muitos actos, entre outros a Provisão de Meirinho do Mar e Sellos d'Alfandega na pessoa de Domingos Rodrigues Salgado esteja assignada por Sande em 30 de Setembro de 1694. Explica-se por abuso dos serventuarios. Actos que requeriam o nome por inteiro estão apenas rubricados. Prova que forçavam o enfermo a tal serviço, visto não poder assignar todo o nome.

Comtudo, é natural que se justificasse, pois o vemos no Recife, em 1707 governando Pernambuco até 1710, anno em que levou um tiro, e se retirou para a Bahia, quando rebentou a guerra dos Mascates.

Finalmente houve por bem Sua Magestade preencher a vaga de Antonio Paes de Sande nomeando Governador das Capitanias do Sul a Arthur de Sá e Menezes, homem experimentado na administração do Pará, onde esteve de 1687 a 1691. (1)

III

Arthur de Sá e Menezes

Este Governador, cujo nome viverá ligado sempre ao berço e organização das Minas, tomou posse no Rio a 2 de Abril de 1697.

A principal missão que recebeu de Sua Magestade foi o descobrimento das minas, como confessa em seu officio de 20 de Maio de 1700, e o Rei lhe repete em Carta de 25 de Dezembro desse anno.

Além disso temos a Carta de 27 de Dezembro de 1896, pela qual o mesmo Rei lhe communicou ter determinado ao Mestre de Campo das Fortificações Martim Corrêa Vasques ficasse no governo do Rio de Janeiro, durante a viagem, que lhe foi ordenado fizesse para averiguar e descobrir as minas do sertão. Esta Carta anterior á posse de Arthur de Sá resume o intento com que foi mandado á Capitania do Sul.

Na Chronologia da «Revista» do Archivo Mineiro, volume 1.º pagina 4, lemos: «Governos interinos de Martim Corrêa Vasques, e Francisco de Castro Moraes: o 1.º de 15 de outubro de 1697 a 16 de Julho de 1699, emquanto o Governador effectivo se achava em S. Paulo: o 2.º de 15 de Março de 1700 até 8 de Julho de 1702, durante a ausencia de Arthur de Sá e Menezes em excursões por Minas Geraes».

Esta noticia não combina com a ordem dos factos. Arthur de Sá partiu do Rio em verdade no dia 15 de Outubro de 1697, com direcção ás Villas da comarca e Capitania de S. Paulo, afim de averiguar as minas já denunciadas no Sul; mas sobretudo afim de apostar os elementos tendentes á sua proxima expedição ao Sabará-buçú, expedição que tomou proporções extraordinarias e nunca esperadas, desde

---

(1) Este capitulo reforma o correspondente da nossa Primeira Edição.

que o Governador se entendeu com o Coronel Borba Gatto. Estando, porém, nessas diligencias, chegou-lhe aos ouvidos a opinião de sertanistas praticos sobre a possibilidade de um caminho, que partindo do Rio viesse directamente ás novas minas dos Cataguazes, como informou ao Rei em Officio de 24 de Maio de 1698 nos seguintes termos:

« Depois de ter adquirido algumas noticias de pedras, que podem prometter metaes, e examinando em todas aquellas Villas antigas tradicções destes negocios, que não podem ser averiguaveis sem mineiro, que o entenda em quanto este não vem, pareceu-me conveniente ao serviço da Vossa Magestade buscar todos os caminhos para que os quintos do ouro de lavagem não se extraviem, e continue o augmento das minas ; como as dos Cataguazes são tão ricas pareceu-me preciso facilitar aquelle caminho de sorte que convidasse a facilidade delle aos mineiros de todas as Villas e os do Rio de Janeiro a irem minerar, e poder ser as minas providas de mantimentos, o que tudo redundará em grande utilidade da Fazenda de Vossa Magestade, o que me obrigou a fazer diligencias em São Paulo por pessoa, que abrisse o caminho do Rio de Janeiro para as Minas ; e tendo-se me offerecido Amador Bueno, erão tão grandes os interesses, que me pedia, que o excusei sobre a dita diligencia. Sabido este negocio por Garcia Rodrigues, o descobridor das chamadas esmeraldas, se me veiu offerecer com todo o zelo e desenteresse para fazer este, porém, não se podia expor a elle sem eu vir ao Rio de Janeiro para o auxiliar: e é sem duvida que si o dito Garcia Rodigues consegue o que intenta, fará grande serviço á Vossa Magestade, e a este governo grande obra : porque pende o interesse de se augmentar os quintos pela brevidade do caminho : porque por este donde agora vão aos Cataguazes se porá do Rio não menos de 3 mezes e de S. Paulo, 50 dias : e pelo caminho que se intenta abrir, conseguindo-se, se porão pouco mais de 15 dias. Agora se consegue a utilidade dos Campos Geraes, os quaes são tão ferteis para os gados que dizem estes homens virão a ser outro Buenos Ayres. Do Rio á estes campos são 7 a 8 dias e d'ahi as minas pouco mais de 8».

Arthur de Sá conclue dizendo «... tambem fica facititado o descobrimento do Sabará-buçú pela vesinhança, que fica desta praça ». (1)

Logo que Arthur de Sá tomou posse mandou Francisco Moreira da Cruz á Buenos Ayres contractar um mineiro, dos que por lá andavam egressos do Perú : mas a diligencia não colheu por ter o comissario cahido victima de

(1) Luctava-se, portanto, ainda para se descobri o Sabará.

um estupor e ficado em Montevidéo. Posteriormente lançou mão o Governador de um castelhano residente em Itú, que foi tentar a mesma diligencia com Gaspar de Godoy, os quaes passando pela Vacaria, encontraram ahi vindo de Buenos Ayres, e já em busca das nossas minas, o portuguez Manoel Pereira, que havia muito tempo morára em Potosi. (1)

Do officio acima transcripto comprehendemos tambem que já antes de seu tempo, sertanistas haviam penetrado pelo menos até os campos, vindos do Rio de Janeiro; salvo si a noticia minuciosa de tal caminho não foi prestada pelos indios, que certamente conheciam todo o paiz, por onde viviam quasi nomadas, ou escurraçados pelas guerras do littoral.

Como quer que seja, o que resulta desse officio é que em Maio de 1698, Arthur de Sá estava no Rio. Em data de 28 de Junho desse anno, elle assignou alli a provisão de José Alves de Souza para Tabellião de Notas: e a 3 de Dezembro tomou a homenagem e deu posse do Governo da Colonia do Sacramento á Sebastião da Veiga Cabral. Vê-se, portanto, que, o periodo de 97 a 99, contado na Revista do Archivo Mineiro foi interrompido, tanto mais, que continuamos a ver no Rio o mesmo Arthur de Sá até fins de Novembro de 1699: por quanto, sem accumularmos documentos, mencionaremos o termo de homenagem e posse de Carlos Pedrosa da Silveira para Capitão-Mor, Regente da Capitania do Itanháen, celebrado a 24 de Maio de 1699. Só em 9 de Dezembro seguinte achava-se elle em S. Paulo, quando firmou a Patente de Alcaide-Mór da Villa da Cutia ao coronel José de Camargo Pimentel.

Sendo assim, não menor engano houve dos chronistas, que auctorizaram a noticia da *Revista*, quando marcam a epocha de 15 de Março de 1700 para começo da interinidade de Francisco de Castro, e consequente partida do Arthur de Sá, vindo para as Minas Geraes.

Francisco de Castro Moraes, Mestre de Campo das Fortificações em logar de Martim Corrêa, que pedira para ir á Corte, foi designado por Carta de 19 de novembro de 1699 para assumir o Governo em ausencias de Arthur de Sá, nomeação a este communicada em carta de 28 do dito mez de Novembro. Duvidamos, pois, que já a 15 de Março seguinte essas ordens tivessem chegado ao Rio. Mesmo assim, Arthur de Sá continuou em S. Paulo até Abril de 1700. Estando nesta Villa, nomeou a 23 de Fevereiro desse anno (de 1700) o Capitão Manoel Lopes de Medeiros, Guarda-Mór das Minas dos Cataguazes até o limite do Sumidouro, onde assistia o Tenente General Manoel de Borba Gat-

---

(1) Off. de 26 de Maio de 1698.

to. (1) Em 6 de Março, nomeou Guarda-Mór do Rio das Velhas ao mesmo Tenente General Manoel de Borba Gatto, que já tinha subido no anno antecedente.

A 10 de Maio de 1700, estando no Rio, Arthur de Sá renovou a Provisão de José Rabello Perdigão no officio de secretario do Governo, serventia que os Governadores não podiam senão conceder por mais de seis em seis mezes, sendo a de Perdigão provida a primeira vez em 16 de Setembro de 1697. (2) O ultimo acto do Arthur de Sá, no Rio, foi o de 22 de Agosto daquelle anno, provendo em João Francisco Guimarães o logar de Tanoeiro. No dia 23 seguinte foi que partiu para as Minas: e só em Setembro, achamos registros do governo de Francisco de Castro. Pelo exposto vemos que entre 15 de Outubro de 1697 e Dezembro de 99, Arthur de Sá, duas vezes veiu á S. Paulo.

* * *

Antonil, por ouvir de um companheiro de viagem de Arthur de Sá, nos informa do seu itinerario, começado no Rio, naquelle dia 23 de Agosto, dia que achamos exacto, pois desde o dia antecedente 22 cessaram seus despachos naquella cidade. Além disso, nos informa o mesmo Antonil, escriptor contemporaneo daquelles acontecimentos, que esse Governador veiu duas vezes ás Minas: o que de facto examinamos ser verdade. Ha, portanto, engano entre os precedentes historiadores, quando narram que Arthur de Sá permaneceu em Minas desde Março de 1700 a Julho de 1702. Elle esteve no Rio das Velhas desde Novembro de 1700 até 25 de Abril de 1701, data em que nomeou Thesoureiro das Datas Reaes a José de Goes. (3) Mas em 19 de Agosto deste anno já o vemos no Rio, renovando a Provisão de Carlos Pedroso da Silveira, Capitão-Mór d'Itanháen.

---

(1) Garcia Rodrigues tinha sido nomeado Guarda-Mór em 13 de Janeiro de 1698, e veiu para as primeiras diligencias. Mas tendo de ir fazer o Caminho Novo, o Governador nomeou em Feveveiro de 1700 o Capitão Manoel Lopes. Depois em 1702 é que o Rei, contemplando seus serviços, deu-lhe a Provisão de Guarda-Mór Geral por tres annos, ficando os Governadores com a faculdade sómente de nomear quem o substituisse nas ausencias, e na falta delle nomear os Guardas-Móres Districtaes.

(2) Perdigão foi nomeado Secretario para servir na missão das Minas; o Secretario proprio do Governo ficou servindo no Rio. As vezes, que Arthur de Sá esteve no Rio servia com elle: o que faz crer que não tenha excluido nestas occasiões os seus supplentes, que suspendiam apenas o exercicio, sem interromperem a homenagem.

(3) Antonil diz que este Góes em seu tempo retirou-se das Minas com cabedaes enormes. Foi Thesoureiro, além de tudo.

Em principios de setembro partiu elle do Rio voltando para as Minas ; pois á 25 desse mez, estando em Parati expediu varios actos quer sobre mercadores, que traziam fazendas, quer sobre mercadorias, e abusos do ouro em pó. Proseguindo na viagem á 5 de outubro recebeu em Guaratinguetá a homenagem e deu posse a Thomaz da Costa Barbosa, Capitão Mór Regente da Capitania de S. Vicente e S. Paulo; e nesse mesmo dia proveu em Manoel Bueno da Fonseca o officio de Escrivão de Orphãos da Villa de S. Paulo. Em Novembro do mesmo anno (1701) chegou elle ao arraial das Minas Geraes (Ouro Preto) e a Patricio Novilles ahi nomeou para o officio de Escrivão das Execuções (Prov. de 15 de Novembro). A 26 desse mesmo mez e anno ordenou por Bando, que os indios, assistentes nas Minas se recolhessem ás suas Aldeias, afim de servirem nas fortificações de Santos. Das Minas Geraes seguiu para o Rio das Velhas, onde em 6 de Dezembro assignou a patente de Antonio Raposo da Silveira para Tenente General da Capitania de S. Vicente e S. Paulo. Esteve portanto Arthur de Sá em 1701 cerca de 6 mezes no Rio de Janeiro.

*
*

E' pois fóra de duvida a versão, que nos trouxe Antonil, fallando das duas viagens feitas ás Minas por Arthur de Sá. Na primeira, tendo partido, como vimos, a 23 de Agosto, (1700) demorou-se em Parati 8 dias, em Taubaté não menos de 18, e no Ribeirão do Carmo 23. Em Parati, e Taubaté, além das medidas referentes ao governo das Villas das Capitanias de Itanháen e S. Paulo, esteve elle ordenando os preparativos da expedição, reunindo o pessoal e os animaes que alli o aguardavam. Elle havia em 18 de Fevereiro, estando em S. Paulo, nomeado a Domingos Amores de Almeida Mestre de Campo do Terço da Ordenança para ficar na guarnição da Villa ; e a Domingos da Silva Bueno Mestre de Campo dos Auxiliares, bem como Ajudante deste a Mathias Barbosa da Silva, afim de o acompanharem na escolta.

Além desta força, encontrou em Taubaté o Terço dos indios da Aldeia Real de S. Miguel sob a conducta do seu maioral o Capitão João Velloso de Siqueira, indio tambem e notavel pela educação, que recebeu no Collegio dos Padres da Companhia. Movendo-se com este verdadeiro exercito, e, á mais, bem acompanhado por muitos potentados, á frente de seus escravos e dependentes, o governador esteve tambem 4 dias em Guaratinguetá, pondo em boa ordem a comitiva, para se não atropellar nos caminhos, sobre tudo na Mantiqueira, cuja transposição era terrivel, havendo trechos, em que só á braços transportavam-se as car-

gas, e só a pé os cavalleiros podiam caminhar puchando os animaes.

Encontrou, porém, Arthur de Sá os caminhos melhorados, e em certos logares corrigidos de atalhos por Garcia Rodrigues Páes, que em 98—99 tinha subido nesse proposito. Além disso encontrou tambem o governador os ranchos e pousadas bem dispostos pelos indios, que havia mandado um anno antes, e que se occuparam principalmente em plantar mantimentos e legumes de modo á supprir fartamente á comitiva.

Em chegando á região das Congonhas, a comitiva dividiu-se : parte, a maior, tomou a esquerda pela vereda, sobre o Rio das Velhas, aos descobertos do Borba : e Arthur de Sá tomou á direita sobre a Itaverava, caminho do Carmo, onde, como já se disse, veio a tempo de assistir ainda ás medições do ribeiro de João Lopes de Lima. De volta deste logar, esteve ainda alguns dias no Arraial dos Bandeirantes (Carmo), onde a 17 de Novembro expediu a Provisão nomeando o Mestre de Campo Domingos Bueno Guarda-Mór em ausencia do Capitão Manoel Lopes de Medeiros para esta região : e no dia 20 nomeou Domingos Teixeira para escrivão das Minas dos Cataguazes em ausencia de Manoel Antunes de Carvalho (1).

Regressando á Itaverava, sahiu nas Congonhas (Campos Geraes) e tomando o rumo da Itabira desceu ao Sabarábuçú. O Borba então já tinha formado o arraial, que Antonil ainda designa de seu nome, e que depois se fixou com o titulo de Rio das Velhas. Com estes novos descobrimentos, as minas do Carmo e Ouro Preto passaram a se chamar do nascente do Rio das Velhas : e as do Sabará e Caheté do Poente.

Satisfeito pelo modo leal como se desempenhou o Borba de seus compromissos, o governador o encheu de honras e occupações. Nomeou-o Provedor dos Quintos com jurisdicção nos caminhos para ordenar os confiscos dos contrabandos da Bahia.(2) Além disso, foi nomeado superintendente do Districto do Rio das Velhos em ausencias do Desembargador José Vaz Pinto (Prov. de 9 de Junho de 1702).

No repente de um para outro anno (1701—02) o povoamento das Minas a bem dizer se fez, principalmente na zona do Rio das Velhas, onde nunca se interrompeu, como na

(1) Antunes foi nomeado Escrivão das Minas dos *Cataguazes*, titulo pois que se confirma ás minas a dentro do sertão do Carmo.

(2) O Borba, como vimos, subiu em 99, e já estando no Sertão foi nomeado Guarda Mor das Minas do Rio das Velhas por Provisão de Arthur de Sá passada em S. Paulo a 6 de Março de 1700. Nesta Provisão já e tratado por Tenente General. Logo, não obteve este titulo depois que prestou o serviço nas Minas, como dizem os escriptores.

do Carmo e de Ouro Preto em falta de mantimentos. Tendo organizado a guarda-moria, essencial apparelho administrativo da epocha, passou Arthur de Sá a incorporar o Fisco; e nomeou Provedor da officina Real do Rio das Velhas a José de Seixas Borges; Escrivão a Leonardo Nardes de Arzão, sobrinho do descobridor do Caheté. (Provisões de 17 de Abril de 1701:) Thesoureiro da Fazenda Real á Thomaz Ferreira do Amaral (Prov. de 18 de Abril). Para as Minas Geraes (Ouro Preto) nomeou Thesoureiro das Datas a Domingos da Silva Monteiro (18 de abril); para Procurador da Fazenda Real das Minas Geraes dos Cataguazes, para servir no Districto do Mestre de Campo Domingos Bueno, ao Sargento Mór Antonio da Rocha Pimentel; e para servir no Districto do Borba Gatto a João Gago d'Oliveira na mesma data (18 de abril). Ao Capitão Balthazar de Godoy Moreira deu a provedoria da Fazenda Real no Rio das Velhas (4 de maio de 1702).

. Por Provisão de 8 de Março de 1700, passada em S. Paulo, havia Arthur de Sá nomeado Provedor Mór das Datas Reaes a Garcia Rodrigues Moço; o qual em 3 de Janeiro de 1702 foi tambem nomeado Guarda-Mór das Minas do Rio das Velhas em ausencia do Tenente General Borba Gatto, não se devendo confundir, como se tem feito, este com o seu pae Garcia Rodrigues Paes, tambem dito Garcia Rodrigues Velho, o qual só em 1705, foi provido por sua Magestade no officio de Guarda-Mór Geral por 3 annos.

Em 1702 o Garcia Velho estava a braços com o Caminho Novo, tendo-se retirado elle e João Lopes de Lima do seu ribeiro, no qual apuraram 5 arrobas de ouro. (Antonil)

O policiamento dos logares, por onde então prevalecia a vontade dos potentados, Arthur de Sá entendeu corrigir, nomeando, como de facto nomeou, Capitães Móres nos respectivos districtos os que foram mais prudentes, moderando assim com a responsabilidade official o arbitrio de que usavam.

O judicial foi provido na pessoa do Desembargador José Vaz Pinto, que veiu do Reino para Ouvidor do Rio de Janeiro em 1698: e que, removido para Superintendente e Administrador Geral das Minas, tomou posse deste cargo em mãos de Francisco de Castro Moraes em 1702.

Para servir em ausencias deste Arthur de Sá nomeou o Tenente General Borba Gatto para julgar na Repartição do Poente, e o Mestre de Campo Domingos Bueno para igual jurisdicção na do Nascente do Rio das Velhas (Carmo e Ouro Preto).

Finalmente em fim de junho de 1702, tendo acabado o seu quatriennio, Arthur de Sá retirou-se das Minas. A' seus olhos rasgaram-se á bem dizer os véos do sertão, e nasceram os povoados. Foi elle quem lançou os alicerces da nossa organização civil, e quem aqui installou o principio

de auctoridade, si bem que naquelles tempos quasi barbaros, se misturavam elementos os mais oppostos.

IV

Carlos Pedroso da Silveira

D. Simão de Toledo Piza e D. Maria Pedroso casaram-se em S. Paulo a 12 de fevereiro de 1640. Em novembro de 1644 nasceu-lhes D. Gracia da Fonseca Rodovalho, que se casou com Gaspar Cardoso Guttierrez. Carlos Pedroso da Silveira foi o segundo fructo deste matrimonio.

Apesar de muito moço, quando se associou á empresa dos descobrimentos, já tinha exercido o cargo de Sargento Mór de Taubaté, e de Ouvidor da Capitania de Itanháên. Casou-se com D. Izabel de Sousa Evanos Pereira, natural do Rio de Janeiro; a qual era filha de Gibaldo Evanos Pereira e D. Ignez de Moura Lopes, natural de S. Vicente.

Gibaldo era filho de Heliodoro Evanos e D. Maria de Sousa Brito, esta por sua vez filha de João Pereira de Sousa Botafogo (proprietario da sesmaria á que deu seu nome na praia de Botafogo) e de D. Maria da Luz Escossia Drummond, oriunda da Madeira, ilha na qual seus ascendentes se refugiaram da perseguição que devastou os catholicos da Escossia. Eram parentes de Maria Stuart.

Heliodoro Evanos veiu para o Rio com Estacio de Sá seu primo irmão.

O Rei muitas vezes escreveu do proprio punho á Carlos Pedroso, á quem considerava amigo prestimoso.

Além dos cargos que obteve de Sebastião de Castro, Carlos Pedroso exerceu muitos outros de alta gerarchia. Por Patente de 23 de maio de 1699, Arthur de Sá o elegeu Capitão Mór Regente da Capitania de Itanháén, á que deu posse no dia seguinte. Estava então Carlos Pedroso no Rio para onde tinha ido levar os quintos cobrados em Taubaté como se vê da Patente seguinte: « Arthur de Sá e Menezes &. Faço saber & que havendo respeito á estar vago o posto de Capitão Mór da Capitania de N. S. da Conceição de Itanháén, de que é donatario o Conde da Ilha do Principe, e por convir ao serviço de Sua Magestade, á quem Deus Guarde, que este se prova em pessoa capaz e de merecimento para o dito posto, e considerando o que por parte de Carlos Pedroso da Silveira se me representou ter servido á S. M. á quem Deus Guarde no cargo de Ouvidor da dita capitania por tempo de 6 annos, e depois foi provido no posto de Sargento Mór de Ordença de Taubaté por provimento do Capitão Mór Martim

Garcia Lumbria, cargo que exerceu por 2 annos com geral satisfação e procedimento, e estar actualmente no cargo de Provedor da Officina Real de Taubaté, cargo que serve há mais de 3 annos (1) com notavel zelo e trabalho, pondo-se varias vezes em perigo de sua vida por obrigar aquelles que não queriam verdadeiramente quintar o ouro, que pertencia aos reaes quintos de Sua Magestade, á quem Deus Guarde, vindo daquella Villa á esta Cidade tres vezes, duas com amostras do ouro das novas minas dos cataguazes, e este anno á conduzir 3 arrobas e 14 arrateis de ouro que pertencia á Sua Magestade & &. « Rio de Janeiro 23 de maio de 1699 ».

Por Patente de 19 de agosto de 1701, Arthur de Sá o reconduziu neste posto: e em 1705, D. Fernando Martins Mascarenhas, terceira vez o reconduziu, dando-lhe posse em 5 de outubro.

Occupando tantos cargos rendosos, nos quaes á exemplo dos coévos poderia se enriquecer, vemos que assim não acconteceu. No Livro de Notas n. 1 do Tabellião Pilos da Villa do Carmo, acha-se uma Escriptura de compra feita, pelo Capitão Mór Carlos Pedroso, em 23 de agosto de 1715, ao Capitão Domingos de Araujo Lanhoso, de doussitios por 4.800 oitavas inclusivé 6 peças do gentio do Guiné, com a clausula adjecta de hypotheca até final pagamento. Um desses sitios, ou ambos, estão hoje convertidos na Fazenda chamada Ressaca, entre S. Caetano e Lavras Velhas, em ambas as margens do ribeirão do Carmo. Assistia então Carlos Pedroso em S. Caetano. O Coronel Salvador Fernandes em seu testamento diz: «Declaro que tanto a minha filha Marianna Fur-« tado, casada com João Pereira, como as minhas filhas sol-« teiras se recolherão ás minhas capoeiras e casas, que foram « do Mestre de Campos Carlos Pedroso...» E' que essas propriedades o Coronel as adquiriu depois da morte do Mestre de Campo.

Em 1713, passando por Taubaté o General D. Braz Balthazar da Silveira, Governador da Capitania de S. Paulo e Minas, deu á Carlos Pedroso a patente de Mestre de Campo, e para corrigir os desregramentos da epocha o nomeou Capitão Mór Regente das tres Villas de Taubaté, Guaratinguetá e Pindamonhangaba. Nos cargos que exerceu o seu procedimento foi sempre o mais correcto e exemplar. A severi-

---

(1) Confirma o anno de 1696 para a entrega das primeiras amostras de ouro; pois nessa occasião é que foi nomeado. Além disso esta patente confirma a nossa narrativa, quanto ás segundas amostras enviadas em 97 pelo coronel Salvador Furtado. Prova tambem a passagem dos profugos do Carmo, e a difficuldade em se lhes cobrar os quintos do ouro, que conduziram do sertão em passagem para suas casas, fugindo á fome de 1696—97.

dade, com que exercia e praticava a justiça, o inimisou com os poderosos, que experimentaram sem torcel-o o seu caracter integerrimo; e por isso mandaram matal-o.

O Conde d'Assumar então na Villa do Carmo dirigiu á D. Izabel Evanos a seguinte carta, na qual se revéla o caracter serio e o temperamento firme daquelle Governador:

«Minha Senhora. Sendo em Vm.ce as obrigações de sentir o desastrado successo do Mestre de Campo Carlos Pedroso, não foi menos em mim o sentimento, quando me chegou esta noticia; porque considerava nelle um bom vassalo, servidor de Sua Magestade, por cujo motivo ainda é mais a minha impaciencia de não poder desembaraçar-me dos negocios deste governo para dar prompta satisfação, que deste caso se deve á Deus, á El-Rei, e ao mundo, e á Vm.ce; mas do modo que posso remetto á Vm.ce as ordens inclusas para o juiz ordinario dessa comarca procurar tirar devassa, prender os delinquentes e castigal-os, como merece a sua atrocidade; e Vm.ce póde usar de ambas, quando lhe pareça; e no mais deve Vm.ce conformar-se com as disposições do Altissimo, ainda que justa a sua magoa e a sua pena não podem voltar atraz este successo; e para tudo que eu prestar me terá prompto. Villa do Carmo 20 de outubro de 1720.

Ao Ouvidor a carta foi esta: «Mui admirado me tem a noticia, que me chega do assassinato do Mestre de Campo Carlos Pedroso da Silveira, e que em estando por juiz d'essa Villa, não procurasse logo tirar devassa e prender os delinquentes, remettendo-os, para onde estivessem seguros; porque, além de ser este um caso mui aggravante da justiça, e o morto uma pessoa principal, devendo-se por uma e por outra causa dar satisfação á esta queixa, para que servisse de exemplo, e não continuassem esses districtos á ser o covil de todos os assassinos; Vm.ce tem passado este caso, como se fosse uma leve culpa, temendo talvez mais a indignação dos homens, que a de Deus; assim lhe ordeno que logo que receber esta, procure tirar devassa e prender os matadores, remettendo-os logo para S. Paulo ao Ouvidor Geral: e quando nisto haja a menor duvida Vm.ce hade responder d'ella, e então procederei com Vm.ce como melhor me parecer. Deos guarde etc. Villa do Carmo 20 de Outubro de 1715. D. Pedro d'Almeida.»

O Conde não se lembrava do essencial, que era a falta de força publica.

D. Izabel Evanos, a viuva, viu-se mesmo obrigada á se retirar do povoado e a vir para as terras, que o Mestre de Campo tinha no Rio Verde, em caminho das Minas, terras na paragem do Caxambú, concedidas em sesmaria ao mesmo Carlos Pedroso, e á seu genro Francisco Alves Corrêa por D. Fernando Martins Mascarenhas, por provisão de 30 de setembro de 1706. N'essas terras havia grandes plantações

de mantimentos para os viandantes desd'o principio das Minas.

A morte de Carlos Pedroso deu-se no dia 17 de agosto daquelle anno de 1720.

Para S. Caetano do Ribeirão abaixo vieram desd'os primeiros tempos do povoamento residir duas filhas do Mestre de Campo: D. Maria Pedroso da Silveira e seu marido Francisco Alves Corrêa; e D. Thomazia Pedroso e seu marido Domingos Ferreira Alves Filho. Além dessas duas filhas veio tambem o filho padre Leonel Pedroso da Silveira.

De D. Maria Pedroso e os filhos, que mais se distinguiram foram o Sargento Mór Estanisláo da Silveira e Sousa; e os padres Floriano de Toledo Piza, José Bento da Silveira, e Carlos Pedroso da Silveira, estes moradores de S. Caetano, e Patricio Correa da Silveira, que morou em Santa Barbara, casado com D. Rita Maria.

De D. Thomazia as filhas D. Izabel de Sousa Evanos, e D. Barbara Moreira de Castilhos, casadas, moraram em S. Caetano, e D. Leonor Domingues da Cunha, mulher de Antonio de Faria Sudré, passou a morar em Pitanguy.

APPENDICE

Documentos

N. 1. Carta Regia de 25 de dezembro de 1700. Arthur de Sá e Meneses. Eu El-Rei etc. Ao governador dessa Capitonia Antonio Páes de Sande encarregado do descobrimento das minas de ouro e prata do Paranagúa, Itabaiana e Serrado do Sabará buçú, que o mesmo Antonio Paés de Sande havia inculcado num papel que aqui offereceu, encarregando-lhe a execução do seu mesmo arbitrio, antes de se fazer outro algum exame; e por fallecer antes de dar principio á esta diligencia, Fui servido encarregar-vos della para que vades examinar as minas, que ha nas capitanias do sul e para esse effeito vos remetto a copia do papel que o mesmo Antonio Paés de Sande fez sobre estas minas e o que sobre a mesma materia informou o dr. Sebastião Cardoso de Sampaio, e vos concedo faculdade para propor todas as honras e mercês, que expedidas pela Secretaria d'Estado se vos declara deveis prometter aos paulistas; e feita esta diligencia me dareis conta do que tiverdes disposto e obrado para que com verdadeira noticia, ou se alcance o desengano, ou se confirmem as mesmas; e quando ahi não haja sujeitos que possam dar noticias das minas se procurarão artifices e mineiros para abertura dellas, mandando-se conduzir dos Reinos extrangeiros, correndo amplissima jurisdicção vossa sem mais dependencia que da minha Real Pessoa: e assim o mando declarar ao Governador Geral desse Estado.»

2. Officio de Arthur de Sá. «Senhor. A conta que Sebastião de Castro Caldas deu á V. M. das Minas de Taubaté, mais de cem legoas, continuamente se vão descobrindo, como já tenho dado conta á V. M. em carta de..... maio....; o ouro é excellentissimo e dizem os ourives que de vinte e tres quilates; as diligencias que achei que o sobredito Sebastião de Castro Caldas tinha feito para a boa arrecadação foi ter creado um Provedor em Taubaté e uma officina sem officiaes; e agora fico cuidando se convem ao serviço de V. M. o conservar aquella officina pelas duvidas, que se me offerecem prejudiciaes á boa arrecadação dos quintos; porém sobre este particular não tenho disposto nada contra o que Se-

bastião de Castro deixou ordenado: porque quero ver primeiro o que a experincia me ensina, examinando este negocio maduramente; e nestas minas tinha provido Sebastião de Castro um Guarda-Mór, que é o Ministro que reparte as datas aos mineiros, e que tem o cuidado de cobrar o dinheiro, que se dá pela que toca á V. M., a qual se põe em praça, e como este provimento foi sem conhecer o sugeito, o qual era incapaz á tal cargo pelo seu máo procedimento e tiranias, que usava, e demais não dando conta nenhuma do que tocava á V. M., roubando tudo para si, o mandei depor do officio e provi nelle pessoa benemerita, que entrando póde servir bem á V. M., e mandei ordem ao antigo Guarda-Mór á que chamam José de Camargo Pimentel, que logo viesse dar conta das datas, que pertenciam á V. M. como não me tem chegado resposta destas ordens não posso dar conta á V. M. com aquella individualidade que é justo. V. M. neste particular como nos mais mandará o que mais convier etc. Rio de Janeiro 19 de abril de 1698. »

*
* *

Arthur de Sá foi illudido: e reparou a falta na Patente de Alcaide Mór para José de Camargo Pimentel em 9 de dezembro de 1699.

O benemerito nomeado foi Garcia Rodrigues Paes por provisão de 13 de janeiro de 1699.

E em verdade não tendo José de Camargo podido fazer medição alguma, não havia data real, de que pudesse desviar os productos pertencentes á S. M.

*
* *

3. Carta Regia de 3 de janeiro de 1695. André Curaco etc. Eu El-Rei etc. O Governador Geral do Brasil D. João de Lencastre me deu conta em carta de 3 de agosto do anno passado, de que vos havia encarregado o governo do Rio de Janeiro, em quanto durava a ausencia do Governador della Antonio Paés de Sande, para o qual ficaveis de partida e por se considerar ser mui necessario á meu real serviço assistaes no vosso Terço, Fui servido resolver que Sebastião de Castro Caldas á quem tenho feito mercê de Capitão Mór da Parahiba, antes que tome posse della passe á essa capitania e sirva em vosso logar o governo della, em quanto se detiver Antonio Paés de Sande na diligencia, que encommendei de averiguação das minas de S. Paulo, como vos hade constar da ordem, que se vos hade apresentar; e achando-se exercitando esta occupação vos ordeno, como por esta o faço, lhe façaes intrega della, e deis posse ao dito Sebastião de Casto Caldas com as ceremonias, que em semelhantes actos, se costuma, tomando-lho preito e homenagem,

e juramento costumado, segundo o uso e costume destes Reinos, de que tudo se fará assento, em que ambos assigneis, com as notas que julgardes convenientes á meu serviço ; vos hei por desobrigado da homenagem, que pelo dito governo tiverdes feito e vos mando que vos recolhaes para a cidade da Bahia para vosso terço. Lisboa 3 de janeiro de 1695. »

Esta Carta refere-se ao officio de 3 de agosto de 1694, alludindo a seguinte Patente de D. João de Lencastre. «D. João de Lencastre etc. Faço saber etc. Porquanto o Senado da Camara da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro me deu conta por sua carta escripta a 3 do presente mez de agosto de haver dado um estupor ao Governador daquella Capitania, remettendo-me certidão jurada dos medicos, pela qual consta, que havendo-lhe o dito estupor tomado toda parte direita e principalmente a lingua e o cerebro por cuja causa não podia explicar nem usar o entendimento impedido, e que pela calidade da doença como pela sua muita idade julgaram que ainda que não morresse, nunca tornaria á seu antigo ser e perfeição de acções, o que tudo o dito Senado me representou para mandar neste caso o que me pareceu resolver, e como ao serviço de S. M. á quem Deos Guarde, e a summa importancia de se accudir promptamente ao perigo, em que aquella praça fica privada do dito Governador etc. Hey por bem etc. nomear o Mestre de Campo André Curaco professo na Ordem de Christo etc. Bahia 29 de Agosto de 1694. »

A razão porque se nomeou André Curaco era que El-Rei fazia os Mestres de Campo das praças serem supplentes dos Governadores em ausencia. O do Rio Martim Correa Vasques achava-se na Corte, como se vê da Carta Regia de outubro de 1694. Neste caso D. João de Lucastre mandou o Mestre de Campo da Bahia ; mas Sua Magestade já tinha designado Sebastião de Castro Caldas pela Provisão de 27 de novembro de 1694.

IV

Ribeirão do Carmo

I

(Descobrimento)

A respeito do Ribeirão do Carmo, o ponto embora culminante da invasão Taubatena, é para se extranhar a omissão das circumstancias. O Ribeirão foi quem fixou as idéas no valor geologico do paiz, e quem generalizou a confiança nos descobrimentos. Entretanto, escreveu o dr. Claudio:

« 1699, Miguel Garcia, natural de Taubaté, foi o primeiro que descobriu e manifestou um corrego, que faz barra no Ribeirão do Carmo, e se comprehende no districto da cidade de Marianna; fez a repartição o Guarda Mór Garcia Rodrigues Velho, com assistencia do Escrivão das datas Coronel Salvador Fernandes Furtudo de Mendonça. O Ribeirão chamado do Carmo o descobriu pelo mesmo tempo João Lopes de Lima, em 1700. »

Por esta mesma fórma succinta e deficiente, escreveu Silva Pontes: « Miguel Garcia, da villa de Taubaté, foi o primeiro que, adoptando a medida de explorar outras minas, descobriu e manifestou as de um ribeiro, que por isso adquiriu o seu nome, em um rio, que entra no Ribeirão do Carmo com a denominação actual de Gualaxo do Sul (1699).

....

« João Lopes de Lima, natural de S. Paulo, tendo começado a exploração das areias do Ribeirão do Carmo, no anno de 1699, continuou o seu reconhecimento; e, achando distancias nobres e capazes de repartição, as deu em manifesto, em 1700.»

Os demais historiadores, até hoje, seguiram servilmente estas duas versões, que, emtanto, não resistem ao sopro mais leve da critica.

Era o Dr. Claudio natural do Fundão, á margem do rio de Miguel Garcia, tres leguas cerca de Marianna, e pois não se desculpa a incuria de não investigar por si mesmo, e directamente, memorias que lhe affluiram na propria infancia, contemporaneo como foi dos primeiros povoadores.

E demais, nos apontamentos de Bento Fernandes o Dr. Claudio deveria ter notado a omissão do descobrimento principal do Ribeirão (Marianna): porque segundo Silva Pontes, a diligencia de João Lopes de Lima já era continuada do ponto, em que, começando a explorar as areias, foi descobrir as distancias nobres, que deu á repartição.

Silva Pontes com certeza, afastou-se dos apontamentos, quando attribuiu a Miguel Garcia o pensamento de procurar novas minas; porque foi Miguel quem descobriu o primeiro ouro negociado na Itaverava: mas em compensação conservou intacta a memoria de João Lopes de Lima, no que concerne ao justo papel secundario, que representou.

O ponto principal (descobrimento de Marianna), que fugia de todo á nossa indagação, um acaso nol-o restituiu em mãos de um amigo, o sr. Pedro José da Silveira, residente no Pomba, e curioso colleccionador de cousas antigas, mostrando-nos um caderno de apontamentos de seu avô, que nasceu na villa do Carmo, e que entre outras noticias guar-

dou a seguinte: « *Os paulistas entraram para este logar em 1696* ». O velho chronista, sendo filho de Vicente Ferreira de Souza, representava a tradição viva dos bandeirantes; porque este, baptisado na Capella do Carmo em 1704, foi necessariamente um dos primogenitos da povoação.

A data de 1696 está com effeito no mais perfeito accôrdo com os factos: porque si o Coronel Furtado partiu da Itaverava ao mesmo tempo, que Bueno, bem claro vê-se que este não chegaria a Pitanguy, dando voltas por Sabará-buçú, no mesmo anno de 1696, emquanto o Coronel gastava cerca de 4 annos para attingir as margens do Ribeirão, caminho de 12 leguas, quando muito.

E demais, se a mania da epocha foi a dos descobrimentos, já estando o sertão invadido, e os ribeiros inficcionados, a ponto de exigirem a presença do Guarda Mór, e do proprio Arthur de Sá, não se comprehende que o Ribeirão, o mais opulento fóco das novas minas, ficasse ocioso nas brenhas por 4 annos mais, que o rio de Miguel Garcia: eis que lhe corre a uma legua e meia de distancia, atraz da serra, que separa as duas bacias.

Os escriptores até chegarem a taes incoherencias tiveram de esquecer a significação e valor do processo, que os descobridores seguiam. Descobrir, denunciar, manifestar, medir e repartir, foram em verdade termos, que não couberam em um só anno; sobretudo, naquella phase do sertão, quando a jornada de S. Paulo á Itaverava exigia pelo menos tres mezes de marchas a pé, carregando-se o mantimento ás costas.

Descobrir e repartir o Ribeirão foram extremos, que não havia como fossem executados simultaneamente, na mesma instancia de 99 a 700, salvo se o Guarda Mór andou ás tontas, elle mesmo, a descobrir: o que não se deu.

A data de 96, portanto, é a certa e verdadeira que presidiu a descoberta de Marianna. O officio de Arthur de Sá de 24 de maio de 98, é documento resolutivo.

⁂

Dizem ainda os escriptores que o Guarda Mor mediu e repartiu logo ao chegar tres primeiras datas em favor de Miguel Garcia, de Manoel de Almeida e de João Lopes de Lima. Até hoje prevaleceu tal disparate, como se o Guarda Mór viesse com tantas despesas e fadigas ao sertão inhospito para favorecer a tres individuos sómente, contrasenso, que, emtanto, se remove applicando-se aos tres descobertos o nome proprio de seus descobridores, conforme é o expediente nas paragens desertas e incultas que se povoam.

A viagem da Itaverava se fazia passando por Miguel Garcia (Vargem), Manoel de Almeida (Marianna) e se chegava em terceiro logar a João Lopes de Lima (Ponte Grande). O Guarda Mór, em verdade, effectuou as diligencias nessa ordem.

O difficil nessa questão foi sabermos onde esteve o sitio de João Lopes de Lima, ponto que todavia cremos esclarecido por Antonil. Em sua obra, Cap. *Abundancia de ouro*, mencionando os milionarios que se improvisaram na phase dos descobrimentos, diz: « Garcia Rodrigues e João Lopes de Lima tiraram de seu ribeirão cinco arrobas». O ribeirão de João Lopes era, portanto, o mesmo que o de Garcia. Ora, sabemos que este foi o ribeirão do Carmo no trecho que vae da Ponte Grande a S. Sebastião.

Ahi residia o Guarda-Mór, quando se achava nas Minas, logares em que, já o dissemos, collocou os parentes mais dilectos.

Diz Antonil que essas cinco arrobas as houveram antes de partirem, Garcia para o Caminho Novo, e Lima para S. Paulo, o que indica uma partilha de sociedade. E o que mais é, foi ouro tirado em menos de dous annos! (700 a 702).

Além disso, mencionando as distancias que separavam as primitivas povoações do arraial de Ouro Preto, diz Antonil:

« De Ouro Preto a Antonio Dias, meia legua; de Antonio Dias ao Padre Faria, meia legua. De Ouro Preto ao Ribeirão do Carmo, tres dias de viagem, descoberto por João Lopes de Lima. »

O caminho primitivamente, sabemos, foi o prumo pela serra de S. João, descendo sobre o arraial do Carmo, e dahi subindo-se de novo a serra de Marianna para descer na praia da Ponte Grande, trajecto por florestas e despenhadeiros; diligencia, pois, que custaria os tres dias. E si de Ouro Preto a Antonio Dias o espaço foi de meia legua, facil é calcular quantas leguas corriam até aquelle sitio.

O que não se póde todavia admittir é que se gastassem tres dias para se chegar ao sitio do arraial do Carmo, cousa natural para o sitio da Ponte Grande.

A disposição legal vigente na epocha dos descobrimentos, cremos, foi que contribuiu para a lacuna que tratamos de esclarecer. Segundo o artigo 52 do Regimento de 15 de agosto de 1603: « O Provedor, o Thesoureiro, o Escrivão, e mais Officiaes não podiam ter parte, nem companhia nas minas, nem tratarem de metal algum, nem por si, nem por outrem, sob pena de perdimento de sua fazenda e privação do seu officio; e nas mesmas penas incorriam, de perdimento de sua fazenda, os que déssem parte ou tivessem companhia, uns e outros devendo ser embarcados para o Reino, sem poderem tornar mais a estas partes » (Sic).

Aqui temos, pois, a chave do enigma.

Vindo o Guarda-Mór a distribuir os descobertos, cuja opulencia emergia á flor das aguas, sendo litteralmente veraz a tradição, que o ouro sacudia-se das raizes da vassoura, claro é que o mesmo seria repartir as datas que fazer millionarios. O Regimento de 1618, artigo 4.°, dispunha tambem que nas minas de lavagem, que as invernadas trazem nas correntezas dos rios, o Provedor poderia assignar a cada data as varas que lhe aprouvesse. Estava logo nas mãos de Garcia a fortuna dos extranhos, e não a propria.

Conferenciando com o coronel Salvador Furtado, em S. Paulo, quando este lá foi em seguida ao descobrimento do Carmo (1698), o Guarda-Mór ficou informado a respeito da espantosa riqueza do Ribeirão; e da capacidade, que se esperava descobrir ainda em todo o seu leito de praias abaixo.

Subindo, em resultado, o mesmo Guarda-Mór com o Coronel para o sertão em 1699, sendo este nomeado Escrivão das datas, repartiram-se então os descobertos, o de Marianna, em nome de Manoel Garcia de Almeida, ajudante e amigo intimo do mesmo Coronel Salvador: e o de Santa Thereza, em nome de João Lopes de Lima, parente e amigo intimo de Garcia Rodrigues, vindo em sua companhia.

Chegados que foram todos ao ribeiro de Miguel Garcia em 1699, proseguiu na viagem João Lopes de Lima e começou a exploração tendente a deparar com as distancias desejadas; como de facto se lhe mostraram na formosa paragem da Ponte Grande, onde o rio espraia-se, e depositado havia as mais copiosas alluviões.

Segundo os favores das leis, a questão do tempo era ser descobridor para se obterem as maiores e melhores datas. E' fóra de questão, que os companheiros do Coronel, que ficaram sob o commando de Manoel de Almeida, na zona do Carmo, emquanto o mesmo Coronel ausentou-se para S. Paulo, já conhecessem a praia da Ponte Grande; mas a João Lopes de Lima, por amor de Garcia, cederam a denunciação.

Ulteriormente o Rei, não obstante ter consolidado no Regimento de 1702 as mesmas disposições prohibitivas de 1603, reconheceu a impossibilidade de mantel-as, pois, não haveria quem quizesse exercer os officios das minas sob o pavor daquellas penas: e por Carta de 7 de maio de 1703, dirigida ao Desembargador José Vaz Pinto, Regente das Minas, revogou-as, permittindo aos funccionarios da guarda-moria que lavrassem, e tirassem da mineração a vantagem, que quizessem, emquanto licita. Em virtude desta nova Ordem, Garcia Rodrigues e o Coronel Salvador ficaram livres, e assumiram francamente a possessão de suas respectivas lavras.

V

Garcia Rodrigues Paes Leme (1)

Primogenito do Governador das Esmeraldas Fernão Dias Paes Leme e de sua mulher D. Maria Garcia Betim, foi o homem que ligou seu nome a toda a historia de Minas nos primeiros tempos, desde a expedição de seu pae em 1674, até o anno de 1738, quando morreu aos 7 de março em S. Paulo. E' por isso que merece, além do que já temos escripto a seu respeito, mais particular noticia.

Sua mãe D. Maria Garcia Betim era filha de Garcia Rodrigues Velho (paulista) e de D. Maria Betim: aquelle filho de Garcia Rodrigues Velho (portuguez) e de D. Catharina Dias; e D. Maria Betim, filha de Gibaldo de Bemtink, allemão, da casa dos senhores mediatizados (Condes de Bemtink) no reino de Wurtemberg, casado em S. Paulo com D. Custodia Dias, que era filha de Manoel Fernandes Ramos e de Suzana Dias, neta do Regulo brasilico Tibiriçá pela filha deste Izabel, esposa de João Ramalho. Garcia Rodrigues Velho (o portuguez) era filho de Garcia Rodrigues e de D. Izabel Velho, procedentes das mais nobres linhagens dos Ricos-Homens da Peninsula, engarfados á genealogia dos antigos reis proclamados na reconquista da Hespanha.

Diz Pedro Tacques que D. Maria Garcia nascera a 16 de Dezembro de 1642: mas é manifesto erro de composição talvez. Garcia Rodrigues Paes, primogenito de D. Maria, quando partiu em 1674 para o sertão das Esmeraldas com seu pae Fernão Dias, já era maior. Demais, D. Maria Leite, casada com o Coronel Borba Gatto, sendo 7.ª filha de D. Maria Garcia, já era mãe de duas filhas nessa mesma occasião, em que o marido tambem partiu na comitiva. A prevalecer, portanto, a data de 1642, teremos que D. Maria foi da mesma idade mais ou menos dos filhos. Attendendo que o Governador das Esmeraldas nasceu por 1611 ou 12, cremos que deverá D. Maria ter nascido por 1622 ou 24, data que corrige o lapso e põe a historia em seus termos razoaveis.

Garcia Rodrigues Paes casou-se com sua prima D. Maria Antonia Pinheiro da Fonseca, e teve os seguintes filhos: 1.º Pedro Dias Paes Leme (2.º guarda-mór geral), alcaide mór da Bahia, mestre de campo, e commendador de Christo por tres vidas; 2.º Fernão Dias Paes Leme; 3.º Ignacio Dias Paes

---

(1) Leme é alteração do sobrenome flamengo Lems (argila) de um antepassado, familia nobre de Bruges.

Leme; 4.º D. Lucrecia Leme Borges, casada com Manoel de Sá e Figueiredo. Esta genealogia é de Pedro Taques: é, porém, certo que elle teve Garcia Rodrigues Moço, e era chamado, nos documentos de Antonio d'Albuquerque, Garcia Rodrigues Velho.

Tendo-se verificado que as famosas esmeraldas não prehenchiam as condições de pedras preciosas, pois, na realidade foram turmalinas verdes, posto de especie quo só no Brasil se encontrara, explica-se a constante procura dellas, dado o engano em que todos estavam, como dependeria de melhores pesquizas o invento das de primeira qualidade.

Neste intuito nomeou o rei a Garcia Rodrigues, por Carta de 3 de Dezembro de 1683, Capitão Mór de uma segunda expedição, que effectivamente se poz a caminho, diligencia que durou 4 annos, como se verifica da biographia de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, que nella teve parte.

Posteriormente, por Carta Patente de 3 de Fevereiro de 1711, o Governador Antonio de Albuquerque, estando em Caethé, o nomeou ainda uma vez Governador de terceira diligencia no mesmo sentido, como abaixo mostraremos.

Em remuneração de tantos serviços, o Rei por acto de 19 de Abril de 1702, já estando em andamento a descoberta das terras de ouro, enviou-lhe a Provisão de guarda mór geral das minas por tres annos. Posteriormente em 14 de Junho de 1709, foi agraciado com a mercê da guardamoria vitalicia e por cinco vidas.

A *Ephemeride Mineira*, como Pedro Dias, filho de Garcia, teve a Commenda de Christo por tres vidas, enganou-se, dando a mercê da guardamoria por egual prazo; mas nós sabemos que este privilegio extinguiu-se em 1858 pela renuncia de Pedro Betim Paes Leme, filho do Marquez de S. João Marcos, que era neto de Garcia Rodrigues.

A Pedro Betim conhecemos nós em 1852, hospede de nossa casa paterna em Marianna, quando passou pela ultima vez para a Itabira em exercicio de suas funcções.

Em seguida aos descobrimentos das Minas Geraes, sahindo do seu Ribeirão em 1702, foi Garcia Rodrigues á Borda do Campo, e d'ahi começou, como já vimos, a picada do Caminho Novo para o Rio de Janeiro, obra que foi concluida por Domingos Rodrigues da Fonseca.

Por Carta de 14 de Julho de 1709, o Rei agradeceu a Garcia Rodrigues os serviços prestados nessa empresa, que attestará perpetuamente a dedicação dos homens antigos.

Em remuneração concedeu-lhe o Rei, por Carta de 14 de Novembro de 1718, quatro sesmarias, e mais uma a cada filho, escolhidas ao longo da estrada; e foram as da Borda do Campo (Registro Velho), berço de Barbacena; a de Mathias Barbosa, berço de Juiz de Fóra; a de Parahyba do Sul, onde está situada a cidade; e a de Macacos, a sopé da serra, por onde desceu com a estrada, a qual, depois de re-

novada ha poucos annos, tomou o nome de Presidente Pedreira.

As sesmarias, que pertenceram aos filhos, situaram-se em varios pontos, dos quaes o principal foi o de S. João Marcos. Além disso, obteve Garcia Rodrigues o padrão de 5.000 cruzados annuaes.

Em Minas preferia, como se disse, residir em S. Sebastião do Ribeirão Abaixo, por onde estabeleceu seus parentes; e não cessava de vir á Villa do Carmo, tendo voto sempre ouvido nas deliberações do Governador D. Braz, de quem foi amigo.

Na Patente acima citada de 3 de Fevereiro de 1711, encontramos a justificação do caracter de Garcia Rodrigues nos seguintes termos:

«Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho &. Faço saber &... que, porquanto S. M., a q. Ds. Guarde, me ordena que faça continuar os descobrimentos de ouro, prata e esmeraldas: e o destas tenha verdadeira noticia o Capitão Garcia Rodrigues Velho, por haver andado por todos estes sertões, ha muitos annos, e ter delles experiencia; e se faça conveniente repetir a mesma diligencia por pessoa de toda a sufficiencia, verdade e talento, requisitos que se acham no dito Garcia Rodrigues; e o ser elle natural da Villa de S. Paulo, das principaes familias della, de respeito, prudente, e amado de todos; e attendendo eu ás referidas circumstancias, e á boa vontade com que se offerece o dito Garcia Rodrigues Velho para ir fazer tao grande serviço á S. M., não reparando nos seus muitos annos, trabalhos e despesas que succedem em semelhantes jornadas por sertões asperos, sem caminho, nem povoado, em que se ache o sustento necessario; e á utilidade que se poderá seguir do dito descobrimento, e que convem levar o dito Garcia Rodrigues Velho toda a jurisdicção e autoridade conveniente para ser respeitado e obedecido em tudo, e poder dispor a seu arbitrio o que entender... Hei por bem &.»

Por outra Patente de 6 de Fevereiro, o mesmo Governador o investiu de poderes absolutos com a jurisdicção de Regente do districto do Serro, para em sua passagem por alli socegar os tumultos e desordens sanguinolentas, que se empenhavam entre o Coronel Manoel Corrêa Arzão e Gerardo Domingues, por causa da posse do Rio do Peixe.

E' de crer que demorado no Serro desistisse de proseguir contra o sertão das Esmeraldas: pois, em 1715 o vimos na Villa do Carmo.

* * *

Com respeito ás esmeraldas, D. Braz Balthazar da Silveira tomando-as a peito, encarregou por Carta Patente de 13 de Janeiro de 1717, ao Capitão Mór Lucas de Freitas Azevedo

que as fosse descobrir; e o Conde de Assumar, por outra Patente de 7 de Março de 1718, confirmando aquellas ordens, ampliou os poderes do mesmo Capitão Mór, cujas diligencias alcançaram o mais brilhante resultado pela descoberta dos terrenos diamantinos.

Cessou a mania das esmeraldas com a fascinação dos diamantes, que tomaram todo o logar na cobiça dos aventureiros. Falsas, como foram, as esmeraldas, todavia, precursaram as gemmas da natureza.

Por officio de 22 de Julho de 1729, enviara á Côrte o Governador das Minas D. Lourenço de Almeida a noticia de se ter descoberto nas lavras do Sargento Mór Bernardo da Fonseca Lobo uma porção de pedrinhas brancas, sendo Ouvidor do Serro o Dr. Antonio Rodrigues Banha, a quem se deve a notificação; pedras, que se encontraram da mesma especie no Caethé-mirim, e nos Ribeirões da Areia e S. João, e que pesavam umas pelas outras de 20 a 6 grãos, predicado dos diamantes.

Os descobridores pediam por algumas pedras 3 mil cruzados; e a descoberta datava de 1727, já tendo a simples noticia augmentado consideravelmente o Serro e as povoações filiaes, como se exprimia o officio.

O Serro, a bella metropole do norte, tão fecunda em riquezas quão em genios, que a natureza lhe tem prodigalizado, vê ainda correr em seus muros o corrego do Lucas. E assim o povo perpetúa o nome de Lucas de Azevedo, quasi esquecido entre nós e que, no entanto, foi quem primeiro engastou na fronte de nossa patria o diadema rutilante dos mais bellos e peregrinos diamantes do mundo.

VI

Domingos Rodrigues da Fonseca Leme

Pertencente á familia do Governador das Esmeraldas, o que quer dizer, oriundo das grandes estirpes da Colonia, Domingos Rodrigues é dos paulistas o que mais fez para ter logar na primeira linha da historia de Minas, apezar de quasi esquecido até hoje no anonymato dos primeiros sertanistas. Acompanhou as primeiras expedições, e se reuniu á turma dos chefes que auxiliaram os descobrimentos de Arthur de Sá, penetrando antes de todos os outros no amago do Sabará-buçú, por onde achou o Ribeiro do Campo e outros de grandes rendimentos. No primeiro a data do Rei foi arrematada por 10 libras de ouro, preço que indica o seu immenso valor.

Em 1701 o Guarda-mór Garcia Rodrigues Paes tomou a si abrir o caminho novo de Minas para o Rio de Janeiro, mas no fim de quatro annos de trabalho, sentiu-se exhausto de meios para concluil-o; e teria assim ficado, se o Coronel Domingos Rodrigues não lhe emendasse a mão, concorrendo com os seus escravos, e acabando a obra á custa de grandes cabedaes.

Este caminho, que, partindo da Borda do Campo, atravessou a Mantiqueira na Garganta de João Ayres, passava em João Gomes, Chapéo d'Uvas, Juiz de Fóra, Mathias Barbosa, Simão Pereira, Serraria, Entre Rios, Barra do Pirahy: e descia a serra do Mar sobre Macacos, Inhauma, Pavuna, Penha e Rio de Janeiro; foi a demonstração cabal da orientação pratica desses homens incomparaveis.

Garcia Rodrigues seria hoje acclamado principe dos engenheiros, como deverá sel-o dos homens generosos, que sem um ceitil dos cofres publicos, realizam os grandes commettimentos. O traçado do Caminho Novo é com raras variantes o mesmo da Estrada de Ferro Central, coincidencia que se nota egualmente na Estrada de Ferro *Minas* e *Rio*, e no Ramal de Ouro Preto, linhas ambas, que perfilaram sobre as picadas dos bandeirantes.

Em honra a tantos e tão assignalados serviços, foi Domingos Rodrigues da Fonseca nomeado Cobrador das Estradas e Provedor dos Quintos, estabelecendo para isso o Registro da Borda do Campo, na sesmaria doada por D. Fernando Martins Mascarenhas. E ahi fundou um estabelecimento de cultura e creação, tornando-se opulentissimo.

Tempos adiante fez-se necessario ao fisco erigir-se em distancia a Igreja Nova (Barbacena), para o culto publico, que se celebrava na Capella do Registro, uma das mais sumptuosas, que houve na antiguidade.

Quando em setembro de 1711, o Governador Antonio de Albuquerque desceu com o exercito no pé de 6.000 homens para combater os francezes, hospedou-se no Registro Velho, e não só a elle, como a todo o exercito Domingos Rodrigues sustentou com liberalidade e grandeza, não olhando sacrificios.

VII

O coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça

O coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça teve por patria a Villa de S. Francisco das Chagas de Taubaté, e era filho de Manoel Fernandes Yedra e d. Maria Cubas, naturaes de S. Paulo.

A esposa do coronel Salvador, d. Maria Cardoso de Siqueira foi natural de Taubaté e filha do Antonio Cardoso e de d. Maria Rodrigues de Siqueira. Do thalamo de d. Maria Cardoso nasceram 7 filhos:

1.º) Antonio Fernandes Furtado, nascido em Taubaté pelos annos de 1680.

2.º) Feliciano Cardoso de Mendonça, de 1683, fallecido em 1721, deixando viuva sua prima d. Maria Rodrigues de Siqueira, com duas filhas, Branca e Maria. A primeira casou-se com Leonardo de Azevedo Castro e morou no Brumado, a segunda com Gonçalo de Souza Costa e morou no Escalvado.

3.º) D. Maria de Freitas Cardoso, de 1688, a qual enviuvou a 30 de abril de 1725, do S. M. João de Souza Taveira, homem de muita consideração, que deixou filhos: José, Josepha, Salvador, Rosa, Maria, Joanna e uma posthuma.

4.º coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça, muito notavel, de quem damos particular noticia.

5.º) D. Comba Furtado de Santa Rosa, nascida em 1692, e casada com o Capitão Antonio Pereira Rego.

6.º) Boaventura Furtado de Mendonça, nascido em 1694.

7.º) Padre Salvador Fernandes Furtado, em 1798 (1).

Alguns destes foram dados á luz em Pindamonhangaba, villa vizinha a Taubaté, dia e meio de viagem, para onde o coronel veiu residir.

* * *

A carta de sesmaria concedida ao coronel, em 23 de março de 1711, expressa-se com o seguinte teor:

«Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho &. Faço saber &, que, havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonca, que elle supplicante tinha assistido nas minas ha 7 annos, e em todo este tempo e nos mais do principio do descobrimento das ditas minas, sempre cercando mattos e mandando fazer por seus filhos e escravos a buscar descobrimentos de lavras de ouro, como consta das que tem descoberto de grandes lucros; e agora queria mandar buscar sua familia e parentes para morar nas minas e não tinha largueza de terras para os accommodar; e porquanto estavam devolutas as cabeceiras de uma sesmaria, que eu fui servido dar-lhe no sitio do Morro Grande para a parte do Brumado, me pedia lhe fizesse mercê dar-lhe as ditas cabeceiras com uma legua de sertão para Guarapiranga, mandando passar

---

(1) O nascimento deste filho prova a retirada do coronel para Taubaté por occasião da calamidade de 97-98.

Carta de sesmaria dellas. E visto o requerimento &. Hei por bem &».

Dada no arraial do Ribeirão do Carmo, aos 23 de março de 1711.

Consequentemente, vemos como o coronel declarou justo o que a nossa narrativa expõe a seu respeito. Entrando elle em 1703, para o Morro Grande, ahi assistia em 1711, que são os 7 annos contados de mez a mez para a data do requerimento. Além desses 7 annos, declara que assistiu nas Minas nos mais tempos do principio do descobrimento, e estes não podem ser outros senão os de 1695 a 700, periodo em que se fizeram os descortinos da região do Carmo, ou em que se começaram a descobrir as Minas Geraes, segundo Antonil.

Em 1695 o Coronel esteve effectivamente na Itaverava e tomou parte no episodio do primeiro ouro. Se tivesse partido para S. Paulo nessa occasião, como diz Silva Pontes, e voltado em 1699 com o Guarda-Mór para medir e repartir as datas no caracter de escrivão, outro episodio incontestavel, neste caso não teria assistido nas minas no principio dos descobrimentos, tanto mais que, tendo descoberto o Bom Successo em 1700, na região de Ouro Preto, foi essa diligencia continuada de seus outros descobertos. As minas do Pinheiro, Bacalhau, Rocha, Prepetinga e Prazeres, todas no sertão, entre Carmo e Guarapiranga, essas foram seus filhos e escravos, que as descobriram pelos annos de 1704.

Allegando elle que deu origem a lavras de grandes lucros no principio dos mesmos descobrimentos, não resta para lhe ser attribuido senão o do Ribeirão do Carmo, em 1696, região em que para logo se abriram numerosos serviços de grandes rendimentos. Não nomeou o Coronel quaes foram os seus descobrimentos, ou porque eram sabidos e muitos, ou porque nomear o Carmo, se bem que então licito, não lhe parecia decente, visto como, sendo escrivão, a Manoel de Almeida attribuiu o caracter de primeiro descobridor.

A sua lavra do Carmo foi tão rica que resistiu galhardamente á carestia, pagando os generos por preços fabulosos, e só á força da crise a suspendeu; mas, passada a intemperie, continuou na laboriação até esgotal-a.

A sua casa na Villa, das primeiras construidas, era sita na rua Direita, que foi a mais antiga rua tambem do arraial.

Mudando-se para o Morro Grande (1), o Coronel erigiu em 1703 a Capella de N. S. de Loreto, que se conhece tambem

---

(1) Pela Carta de Sesmaria de 3 de março de 1718, se diz que o Coronel havia mais de 16 annos morava nessas paragens: o que está de accordo com os mais documentos. Morava, portanto, desde 1703.

sob o titulo da Encarnação; e de seu testamento collige-se quão devoto foi desse titulo. (1)

As Capellas, como já temos dito, faziam-se essenciaes á conquista das minas; ora por effectiva piedade religiosa, que era muita; ora por interesses maximos da colonização.

Mandando o Regimento das minas, que se repartissem os indios pelos proprietarios de datas, mas debaixo de condições, cuja principal era a catechese, a Capella impunha-se ao inicio de todo o povoamento. E as houve sumptuosas, em certos pontos mais ricas, que as proprias matrizes, fazendo o orgulho dos mineiros opulentos.

Os amigos que pelas mesmas causas seguiram ao coronel e se espalharam, construiram Capellas ao longo do Ribeirão, que ainda subsistem filiadas com importancia ás Igrejas parochiaes. Em todas officiou o Padre Francisco Gonçalves Lopes, Capellão do Coronel, a quem era immensamente dedicado, sacerdode inolvidavel, que sagrou o Ribeirão do Carmo. Antes delle, não se falando dos padres que acompanharam as antigas expedições de Porto Seguro, só o Padre João Dias Leite, irmão de Fernão Dias Paes, havia officiado nestes sertões dos *Cataguá* com a comitiva das esmeraldas.

*
* *

Em 1711 casou-se na Capella do Carmo D. Monica Fernandes com Domingos Nogueira Vargas, sendo presentes D. Juliana Furtado, Jacintho Barbosa e Francisco Fernandes Cuba. D. Monica era sobrinha do Coronel, filha de seu irmão Manoel Fernandes Cubas, e assim tambem filho deste Francisco Fernandes. D. Juliana Furtado era sobrinha, filha de Anna Fernandes; e Jacintho Barbosa, esposo de D. Juliana, era parente chegado. Servem estas minudencias para attestarem, a consanguineidade dos primeiros povoadores chamados pelos Bandeirantes.

A esposa do Coronel, D. Maria Cardoso, tendo ficado em Pindamonhangaba, logar em que moravam, só veiu para as Minas depois de 1711, como se vê da carta de sesmaria, mas muito antes della, e pouco mais tarde que o pae, entrou para S. Caetano D. Maria de Freitas com seu marido o Sargento Mór João de Souza Taveira, que ainda aproveitou a epocha

---

(1) Pesquizamos durante 2 annos a Imagem de N. S. de Loreto, sem resultado; mas em 1901, entre as mais, que examinamos, podemos encontrar na Matriz de S. Caetano a desejada. E' a Imagem mais antiga do Ribeirão Abaixo. De pequeno porte para ser transportada, foi a que o Coronel trouxe, provavelmente. Quantas recordações ligadas a essa reliquia sagrada!

dos cascalhos virgens do Ribeirão. Tornou-se este homem rico, e, sendo estimado, sua morte causou geral sentimento.

Pela edade dos filhos verificamos que só os dous mais velhos, Antonio Fernandes e Feliciano Cardoso puderam acompanhar o Coronel; isto mesmo em sua segunda viagem de 1699. Elles, pois, e não Bento, fizeram a diligencia das minas do Guarapiranga e a exploração do Bom Successo até a Passagem, que lhes devé o manifesto.

Além da familia, teve o Coronel estabelecidos em sua vizinhança na região de S. Caetano innumeros parentes, que deram nome aos logares, em que moraram, como foram Boaventura Furtado de Moraes (sobrinho), Pedro Paes de Barros, João de Souza Castelhanos, e outros, dos quaes notavelmente Affonso Gaya, fundador do respectivo arraial.

* * *

A figura do Coronel particulariza-se por ser a que mais nitidamente conseguimos trazer á rampa da historia. Por ella é dado aferir-se o typo desses homens possantes, que descortinaram o sertão e crearam a nossa patria.

Entretanto, para os que amam a legenda povoada de mythos, e nutrem a imaginação no leite da fabula, tão propria aliás de façanhas inauditas, como foram as que encheram o scenario de uma terra bravia, consequencia é que em nossa propria mente arrefeçam-se as emoções romanescas. Os Borbas, os Anhangueras, os Hercules, em summa, do sertão voltam para dentro do seu natural; e se apresentam quaes na realidade foram, homens como em geral os homens, cheios de valor e de fraquezas, de abnegações e de egoismo.

O Coronel Salvador Fernandes, observado de perto, não foi menos que o Borba, que Arzão, e que os Buenos, mas todavia se fez maior, como Antonio Dias de Oliveira, que, de inferior a todos, collocou-se na primeira plana, attento o valor e o resultado de seus descobrimentos.

O arraial do Carmo, o maior fóco de riquezas descobertas, centro de onde se irradiou a definitiva conquista do territorio, devendo ao Coronel Furtado o lume, que o resgatou do selvagismo, emquanto o ribeirão espelhar a cidade, proclamará perpetua a sua gloria.

* *

No livro 1.° de obitos, á fl. 38, lê-se: «Aos 21 de julho de 1725, sepultei na capella mór desta matriz o coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, filho legitimo de Manoel Fernandes Yedra, e de Maria Cubas, casado com D.

Maria Cardoso, filha de Antonio Cardoso e de Maria Rodrigues. Falleceu com todos os sacramentos e deixou testamento. — O vigario Francisco Xavier.»

O seu testamento não é o de um heroe, como já o dissemos; e sim o de um moribundo vulgar, que só tem de melhor o cuidado de sahir bem, ancia que se infere dos suffragios, que ordenou.

Cousa, que nos revela as idéas do tempo, foi o que succedeu em relação a certos escravos, que alforriou. «Declaro (diz) que, entre os escravos que possuo, é bem assim uma mulata por nome Barbara, a qual, pelos bons serviços que della tenho recebido, e porque, casando-a prometti que a deixaria, por minha morte, forra, agora, com o consentimento e beneplacito de meus filhos, a quem dei parte da minha ultima vontade, no que concordaram todos, e tambem de minha mulher, a forro e dou liberdade, assim a ella, como a seus filhos, a saber: Nuno e Josepha que dizem ser filhos de meu filho Antonio Fernandes, e assim mais aos filhos do marido com quem era casada, e são Paschoa, Quiteria e Marcos, aos quaes todos os forro, e hei por libertos para todo o sempre, como livres, e isentos se poderão ir para onde quizerem, sem inpedimento de possoa alguma.»

Não obstante, os filhos todos, sem excepção, requereram no inventario, que se annullasse a verba testamentaria, por exceder as forças da terça, e assim se decidiu.

As liberdades eram legados, que não preferiam; pelo que ficaram prejudicadas ainda que em outros e em obras pias e suffragios se despenderam mais de 8.000 oitavas!

Parece, emtanto, que para se não deixar em falso a vontade do pae, combinaram os filhos do melhor modo, assignando-se ao quinhão de Antonio Fernandes o seu filho Nuno: e á meação da Viuva, Barbara e as filhas.

Merecem transcripção tambem as seguintes disposições:

«Item, declaro que tenho debaixo da minha administração do gentio da terra ou descendente delle as pessoas seguintes: João, filho de Sebastiana, que, por entender ser filho de meu filho Bento Fernandes, lhe deixo a sua administração ao dito meu filho. Item, Lauriana, Pedro, Salvador e a dita Sebastiana, acima nomeada, e seu filho Carlos e Francisco, e João mulato, deixo a meu filho o Padre Salvador Fernandes Furtado, com a condição de acompanhar e assistir com sua mãe; para que com o serviço destes escravos ajude o monte do casal e será obrigado a doutrinal-os e a vestil-os com a caridade de bom administrador; e sendo caso que o dito meu filho trate mal a estes escravos, maltratando-os com rigor e menos caridade, ou deixe de acompanhar sua mãe, ou queira vender, doar ou alienar algum destes escravos, já desde agora substituo a dita administração no dito meu filho Antonio Fernandes; e peço e rogo a meus

testamenteiros o mettam logo de posse dos ditos escravos pela substituição, valendo-se, se necessario for, da auctoridade da justiça de S. Magestade, que Deus Guarde: e caso que o segundo administrador tambem trate mal ou aliene os escravos, ou alguns delles, ou deixe a companhia de sua mãe, passará a administração a meu filho Bouventura Furtado; e se cahir em o mesmo excesso, passará a administração com a mesma condição o que for administrador á sua mãe, mas se tirando esta administração de meus filhos varões, passará com a mesma substituição para o meu neto Joseph de Sousa Taveira com o mesmo encargo: e não satisfazendo passará a seu irmão, e assim irá correndo a linha de meus descendentes mais proximos com o mesmo encargo. »

Neste trecho transluz o caracter inteiro do coronel, bondoso e previdente, remediando contra os proprios filhos, um sacerdote inclusive, o mau trato de seus indios administrados. Aqui se colhe tambem a differença entre estes e os escravos, cuja sorte não se poderia prevenir. Os indios ou seus derivados não entravam em inventario.

A viuva D. Maria Cardoso pouco sobreviveu ao marido, como se vê do seguinte: « A nove de Março de 1726, foi Deus servido levar da presente vida á D. Maria Cardoso de Siqueira, viuva do coronel Salvador Fernandes Furtado. Falleceu com todos os sacramentos e com testamento, em que instituiu herdeiro (1) o Padre Salvador Furtado; e deixou varios legados, e foi sepultada em uma das covas do S. S., por gosar como mulher de um irmão, do que fiz este assento. — O vigario João de Carvalho Alves. »

Perlustramos e não deparamos no inventario de D. Maria Cardoso com as escravas Barbara e suas filhas; o que leva a crer fossem alforriadas, como o coronel dispunha, mas por liberalidade da meeira.

O Padre Salvador Fernandes foi o testamenteiro e herdeiro da terça. Nasceu em 1698, quando o coronel, depois que descobriu o Carmo, foi a S. Paulo. O nascimento desse filho prova a exactidão da nossa narrativa.

Antes de conhecermos o testamento do coronel, haviamos examinado o archivo parochial de S. Caetano, e já dahi tinhamos advinhado os pormenores, que o Dr. Claudio dizia seguirem-se da historia. Achamos com effeito quatro filhas do Coronel: 1.ª) Maria Cubas Furtado, casada na Villa do Carmo em 1716, com Antonio Cabral da Gamboa, paulista: 2.ª) Marianna de Freitas, casada com João Pereira Lisboa, em S. Caetano, a 18 de fevereiro de 1725: 3.ª) Anna Maria

---

(1) Queria dizer testamenteiro como de facto foi e consta do inventario no Cartorio de Orphãos de Marianna.

Cubas, tambem casada em S. Caetano com Pedro da Silva e Sousa, a 22 de Novembro de 1725; 4.ª) Izabel Cubas Furtado, casada com José Mendes da Costa, a 15 de Agosto de 1726. Lisboa e Mendes eram ilheos da Terceira; e Pedro Silva já era mineiro, natural da Villa do Carmo, bastardo do Mestre de Campo, o conhecido Raphael da Silva e Sousa, então Juiz Ordinario, que indo fazer os inventarios, tratou deste casamento.

O Coronel no seu testamento disse:

«Declaro que casei minha filha illegitima Maria Furtado com Antonio Cabral da Gamboa, e lhe dei cinco escravos, dos quaes devo duzentas oitavas.

«Declaro que casei minha filha illegitima Marianna de Freitas com João Pereira, e lhe prometti dous mil cruzados, os quaes ordeno se paguem das oitocentas oitavas, que me devem os que compraram a Cachoeira. (1)

«Declaro que se dará á minha filha illegitima Izabel Cubas um conto de réis para dote, e duzentos mil réis para vestuario.

«Declaro que se dará á minha filha illegitima Anna Maria um conto de réis para dote e duzentos mil réis para vestuario.»

Das quatro filhas illegitimas, a primeira, Maria Cubas, a quem o Coronel deu o nome de sua propria mãe, nasceu no arraial do Carmo pelos annos da fundação.

Das filhas de Andreza de Castilhos, a mais velha, Marianna, nasceu em 1704, já em S. Caetano.

Em relação a esta concubina, o Coronel, depois da verba testamentaria, em que lhe consignou de legado 200 oitavas, exprimiu no codicillo: «Declaro, que Andreza de Castilhos, mulher parda, que tem assistido commigo ha muitos annos, de quem tive tres filhas, é forra por tres sentenças e por uma carta de alforria, que lhe passou o Excellentissimo Senhor Governador D. Lourenço de Almeida, em nome de Sua Magestade, a quem Deus Guarde, por ser esta mulher por uma parte descendente do gentio da terra, e eu ter dado a Antonio Delgado de Oliveira, como administrador das ditas, seiscentas e oitenta oitavas de tresentos e vinte réis, que fazem duzentos e dezesete mil e seicentos réis».

Além de tal declaração, o Coronel apprehensivo, recommendou a seus testamenteiros, que defendessem essa liberdade, e a sustentassem a todo transe, gastando quanto fosse necessario contra qualquer demanda, á custa de sua fazenda; e concluiu, para melhor affirmar a qualidade ingenua de Andreza:

---

(1) O sitio da Caxoeira de Lavras Velhas.

«Declaro que a dita Andreza de Castilhos é filha de homem branco e de mulher neophita».

Por estas declarações verificamos a luta que se estabeleceu pela posse da Mameluca, e que não se terminou antes de intervir o Governador, em nome do Rei.

Sabemos quaes eram as leis a favor dos indios, cujos filhos de nenhum modo nasciam escravos; e, quando algum era a isso reduzido, intervinham os Delegados Regios. A fraude, porém, recorria a fazer baptisar, como nascidos de africanas, os filhos de indias, principalmente os que não eram gerados de brancos, e por isso confundiam-se mais facilmente na cor (os cafuzos).

Da liberdade de Andreza dependia a das filhas do Coronel: e por isso morria este assustado, e com razão; porque, segundo a organização judicial do tempo, cabiam embargos á execução das proprias Cartas e Alvarás Regios, se envolviam relações de materia civil.

Era então de costume os indios principalmente tomarem o nome das madrinhas, e os bastardos dessa origem o das familias, a que pertenciam.

Andreza de Castilhos tomou o nome de D. Andreza de Castilhos, senhora nobilissima, da familia avoenga de Carlos Pedrosa da Silveira, e esposa de Domingos Alves Ferreira, antigos moradores de Pindamonhagaba, que se mudaram para S. Caetano do Ribeirão-Abaixo nos primeiros annos do povoamento. E, pois, a Mameluca deve ter nascido onde morava a sua madrinha, cria de Antonio Delgado de Oliveira, cujo nome se encontra nos antigos documentos do Arraial do Carmo.

A respeito de Maria Cubas, mulher de Antonio Cabral da Gamboa, nenhuma directa noticia temos de quem foi sua mãe. Entretanto, o episodio das duas indias nenhum interesse mostraria, a não se haver ligado á vida intima do Coronel; e, dizendo o Dr. Claudio que ella morreu em Pitanguy, em casa de uma filha casada do mesmo Coronel, nem das duas legitimas, nem das tres de Andreza podemos admittir se tratasse; porque todas permaneceram na região de S. Caetano, como se verifica dos respectivos livros, em que apparecem pelos annos adeante; ao passo que Maria Cubas, a ultima vez que alli figura, está nos registros de 1721. Como já vimos, casou-se ella no Ribeirão do Carmo, em 1716, nascida portanto, em epocha mais ou menos approximada ao episodio do primeiro ouro. Em 1709, a 6 de Novembro, o Coronel Salvador serviu de padrinho na pia do Ribeirão do Carmo a Francisco, filho legitimo de Manoel Ribeiro (portuguez) e de Antonia Cubas, gentio da terra. Ainda que em historia não se conjecture, parece-nos aqui estarem restituidas a seus nomes verdadeiros as poeticas Aurora e Celia do Dr. Claudio Manoel da Costa.

* * *

O Capitão Mór Silva Pontes, que não se impõe á credulidade neste episodio senão com reserva, escreveu que o Coronel Salvador Furtado, quando se encontrou com Bartholomeu Bueno de Siqueira na Itaverava, em 1695, vinha sahindo dos sertões do Rio Doce e Cuiethé com indios prisionados nessa incursão; e, completando o episodio, diz tambem que as duas indias pertenciam a Manoel Garcia de Almeida, companheiro de jornada.

« Feita na Itaverava a transacção do ouro, accrescenta Silva Pontes, ambos os conquistadores Furtado e Almeida proseguiram sahindo da mesma Itaverava em direcção a Taubaté. »

A verdade, porém, está longe de ser essa.

Se o historiador desenvolveu tal episodio do que leu no *Fundamento Historico*, deixou de conferil-o com o poema e com as respectivas notas; porque no enredo daquelle as indias figuram como procedentes do Parahyba, (Parahiba em S. Paulo, certamente,) e na nota 18 ao canto 2.º escreveu o Dr. Claudio: «Voltou (Bueno) no anno de 1698, a colher a pequena sementeira; e foi poresse tempo encontrado de novos descobridores que desciam de S. Paulo, e eram estes o Coronel SalvadorFernando Furtado de Mendonça, o Capitão Manoel Garcia Velho e outros, de que não ha individual memoria».

Salvo, pois, o anachronismo de 98 por 95 (pois em 95 deu-se a negociação do ouro), a verdade é aquella que se contém na nota 18, tanto mais que se demonstra a ordem pela decorrencia logica dos factos, que dalli continuaram.

Com effeito, já o dissemos, se o Coronel seguisse para Taubaté, não teria assistido nas Minas *em todos os tempos do principio do descobrimento dellas*; porque só ha noticia de segunda viagem sua em 1699, na comitiva do Guarda Mór; e nesta éra, já os descobrimentos estavam feitos em tal numero, que mereceram a vinda do mesmo funccionario para os repartir.

Demais, se foi em 1699, que subiu para o sertão em mira a emprehendimentos de ouro, nada tendo no Ribeirão do Carmo, teria, como Escrivão, acompanhado ao Guarda-Mór e ao Governador Arthur de Sá, em 1700, com suas vistas para o Sabará-buçú, cuja fama de riquezas, apregoada desde muito, recebia do Borba a ultima demão para se verificar.

Entretanto, permaneceu no Arraial do Carmo, e dahi veiu descobrir em 1700 o Bom Successo e repartir as primeiras datas da serra de Ouro Preto a seus compatriotas entrados em 98 e 99, operação que praticou no caracter de substituto da Guarda-moria.

Convém julgar tambem a inverosimilhança do exposto sobre o Rio Doce; pois não vale a verdade o que os histo-

riadores tão facilmente narram das proezas dos aventureiros nesses sertões.

A Itaverava, o que de seguro lembra é sómente a passagem de conquistadores contra os valles do Guarapiran- e do Sipotáua (Xipotó); pois nunca desceram mais longe. Pelo que sabemos, os Taubatenos encontraram a região exhausta e despovoada. Do Campo Alegre dos Carijós (Queluz), penetravam e tinham um ponto de encontro (Espera), onde as varias turmas, que se espalhavam, afinal se ajuntavam para voltarem. O que, porém, procuravam nessas paragens eram os indios de boa indole e medrosos (os *puris*), que, apertados por inimigos de todos os lados, convergiam para tal districto, embora pouco vantajoso para um longo reinado de tribus, terrenos alpestres, frios e baldos de rios e lagos piscosos. O Rio Doce era em verdade magnifico e populoso; mas intractavel, assim por effeito das febres terriveis, qne assaltavam a todo e qualquer advena: como dos canibaes, acaso mais intolerantes, botocudos ferocissimos, ultima expressão dos Aymorés decadentes.

Ainda hoje, ao passo que a civilização amplia o seu arrebol sobre as mais remotas plagas de Minas, o Rio Doce persevera nos limbos de sua natureza prepotente e insidiosa. Não lhe valem os thesouros metallarios, nem o mais fecundo e generoso solo do mundo, para nos attrair. A luz do seu sol é como a ironia do Anjo rebelde, fascina para cegar, sorri para immolar os que lá andam atraz da fortuna.

O districto das Minas já regorgitava de povo, e as villas subiam ao zenith de sua grandeza; mas os estragos causados por essa gente atrocissima por tal maneira aterraram a freguezia do Forquim, que Antonio Forquim da Luz, o seu fundador desgostoso acertou de melhor que resistir a semelhantes inquietações, regressar em 1728 para S. Paulo, acautelando os annos da ultima velhice.

De 1731 a 33, os terriveis barbaros fizeram tres rasouras completas, matando e roubando o que encontravam na Barra Longa e no Forquim: sendo necessario que em 1734, o Conde das Galveas encarregasse o Coronel Mathias Barbosa da Silva, de armar uma expedição fortissima, com a qual o famoso chefe entrou pelas florestas em viva guerra, e deu combates até á Natividade. Só assim o povoado respirou.

Em 1808, sendo a nação dos botocudos reconstituida, graças ás tregoas e á fecundidade exuberante das regiões dominadas, o seu atrevimento foi tanto, que com infrenes devastações chagaram até o Rio Sem Peixe, pelos lados do Fonseca, a cinco leguas de Marianna. Foi então preciso que o Capitão General Pedro Maria Xavier de Athayde e Mello convocasse a Junta Governativa e tomasse providencias energicas. Mandou batel-os e afastal-os para longe; e fortificou os presidios de Cuieté e Abre Campo, já outr'ora levantados contra elles por Martinho de Mendonça e Proença e por D.

Antonio de Noronha. O que tudo demonstra a luta mais temivel de nossa historia, havida com os selvagens.

Sendo assim, nada ha menos para se crer, que aventureiros em grupos, e espalhados, penetrassem alguma vez em taes regiões.

* *

Uma outra perspectiva, que nos apresenta o Coronel, é a maneira trivial como viveu. Dos bandeirantes, alguns desappareceram do scenario da historia no momento grandioso de suas façanhas: outros, como o Borba, que até os dias de morrer a fortuna o sustentou nos rasgos da propria heroicidade. O Anhanguera erigiu-se num phantasma. O Coronel Furtado, porém, adaptou-se á sociedade, em que viveu, foi pacifico e morreu tranquillamente.

Nenhum dos bandeirantes, cremos, confiava em livros. O Coronel os tinha, e folheava as Ordenações do Reino, encadernadas, em pasta com frisos de ouro. Além disso, tinha o Repertorio das mesmas Ordenações; tinha a Historia Social em seis volumes, e mais vinte e sete livros de varias obras todas encadernadas em pergaminho. Tinha louça de porcellana, talheres de prata, copos do mesmo metal e de vidro. Montava o seu cavallo alazão arreiado com a sella de pelle de onça, coxim de marroquim, xarel e bolsão de velludo verde bordado a retrós amarello; freio de prata, em occaziões solemnes para vir á missa no Arraial, ou para andar na Villa, aonde varias vezes serviu de Juiz Ordinario. Nos coldres trazia o seu par de pistolas, canos de bronze e apparelhadas de prata.

Nas festas apparecia trajado com esmero, calções de limiste e meias de seda, vestia de veludo, e chapeu de tres quinas finissimo, todo de preto, a lhe reluzirem nas meias e sapatos as fivellas de ouro e pedras: apoiado no bastão encastoado de prata. Dous outros fatos, e um capote de camellão vermelho, prefaziam o seu guarda roupa, além de outras peças inferiores.

O seu trem bellico dispunha de 14 armas de fogo, algumas apparelhadas de prata, catanas e lanças, o que não era todavia de mais. Os indios selvagens e os negros enchiam de sobresaltos as fazendas e povoações. Em 1712 descobriu se uma vasta conspiração de escravos: e em 1719 uma outra, esta ramificada em todas as Minas para rebentar na quinta-feira santa, quando longe de seus domicilios os senhores estivessem divertidos nas matrizes.

Mas, nem eram sómente estes os perigos de caracter geral. Os *quilombos* multiplicavam-se, e os negros fugidos em grande numero, aqui sahiam do mato para depredarem os estabelecimentos, alli assaltavam os viandantes. Uma

phase, portanto, agitada a dos primeiros tempos, em que cada um por inilludivel tinha de se afiançar nas proprias armas e coragem. O que valia é que pretos e indios, as infelizes classes opprimidas, tinham comsigo e entre si o seu maior inimigo: porque, de raças divergentes e rancorosas, raramente se combinavam e sempre se trahiam.

E demais, como na Africa a escravidão foi congenita, e ficou por attavismo das tribus, a resignação fatalista contribuia em muito para a obediencia, e nunca maiores dedicações tambem houve, como de escravos aos senhores.

Entretanto, a vida que passavam não era invejavel. Semi-nús, grosseiramente alimentados, trabalhando de sol a sol, a maioria com agua até a cintura, morriam aos centos, ora de doenças adquiridas, ora de desastres frequentes nas lavras.

.·.

Em 1724, foi o Coronel Furtado eleito provedor do Sacramento para fazer a Semana Santa de 1725, que foi solemnissima. Domingos Paes de Barros, seu parente havia instituido annos antes esta solemnidade, para a qual organizou a orchestra, o que foi toda a difficuldade. A musica era uma arte despresivel, e exercida em parte por escravos. Quando um qualquer destes valia 180 oitavas no maximo, o trombeteiro não se conseguia por menos de 500 e mil, prova, comtudo, de sua estimação.

Por termo de 15 de outubro de 24, os officiaes nomeados da Irmandade comprometteram-se a dar 1403 oitavas para a Semana Santa. E o Coronel assignou as 500 que lhe competiam. Nesse mesmo dia auctorizaram a compra dos ornamentos que faltavam, devendo-se pagar a importancia *pro rata*.

No mesmo anno, em que fez a grande festa, vindo com sua familia, filhos e filhas, cada qual com o seu sequito de escravos e dependentes, para as casas que tinha no arraial, contrahiu ou antes se lhe manifestou a doença que o finalizou. Havia muito que morava na sua fazenda do Rio do Peixe, caminho do Gama, cujo ambito abrangia as Cachoeiras de Lavras Velhas. (1) Por estabelecer alli, onde as terras foram melhores, um grande engenho de canna, o sitio do Morro Grande, em que primeiro morou, adqui-

---

(1) Pela Carta de Sesmaria de 3 de Março de 1718, do Conde d'Assumar confirmou-se a posse do Coronel em tres sitios que fundou no Rio do Peixe, onde morava com toda sua familia, mulher filhos e genros.

riu até o presente o nome de Engenho Pequeno. Além disso, teve mineração de roda no ribeirão de S. Caetano, terras e propriedades na Boa Vista.

A seu pedido, deram-lhe sepultura debaixo do arco cruzeiro da matriz. D. Maria Cardoso, que não se demorou muito em partir tambem, recommendou no seu testamento a enterrassem no mesmo logar, e assim a virtuosa esposa, tão lesada em vida, quiz compensar-se na morte, aguardando as promessas junto ao amado.

A egreja de S. Caetano, monumento soberbo e fastigioso de nossos antepassados, subsiste como foi desde aquelles tempos. Facil é pois achar a sepultura dos Provedores. Alli jaz o Coronel, mas em memoria vive, e em sombra paira, inolvidavel fundador de nossa saudosa patria.

VIII

Coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça

Era o quarto filho, na ordem do nascimento, do Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça. Figura com 36 annos no inventario de sua mãe D. Maria Cardoso, feito em 1726.

Casou-se em S. Caetano com sua prima D. Barbara Moreira de Castilhos, filha de D. Thomazia Pedroso da Silveira e de Domingos Alves Ferreira Junior, neta, portanto, do Mestre de Campo Carlos Pedroso.

Do casal de Bento Fernandes nasceram :

1 Anna, baptisada a 26 de Novembro de 1731
2 Thomazia, idem a 3 de Fevereiro de 1733.
3 Francisca, idem a 18 de Abril de 1734.
4 Escolastica, idem a 26 de Dezembro de 1735.
5 Justa, idem a 12 de agosto de 1737.
6 Maria Magdalena Pazzi, idem 1739.
7 Barbara, idem a 2 de janeiro de 1741.
.... (1)
8 Gertrudes, idem a 29 de Maio de 1749.
9 José, idem a 31 de Dezembro de 1751.

Residia o Coronel Bento Fernandes em Aguas Claras e depois da morte de seu pae teve em sua companhia o Padre Francisco Gonçalves Lopes, que só deixou o velho amigo nessa occasião.

---

(1) Neste intervallo de 41 para 49, deve ter nascido o seu filho Bento, que lhe fez o testamento em 1745, no Serro.

Segundo as alternativas do tempo, Bento Fernandes procurou fortuna, que lhe não sorriu, no districto de S. Caetano; e foi a descobrir ouro na Campanha do Rio Verde, e no Serro, adquirindo propriedades em uma e outra parte. Achava-se no Serro quando falleceu, a 19 de outubro de 1765. Por seu testamento se collige que todavia dispunha de cabedal.

Ficando por tutor de suas sobrinhas, filhas de Feliciano Cardoso, foi intimado a prestar contas e a entrar com o dinheiro dos orphãos para o cofre (3.864 oitavas), e não o tendo feito foram seus bens sequestrados e elle preso na cadêa da Villa do Carmo, á ordem do Juiz José Pereira de Moura. Já, entretanto, se achavam contractadas para se casar as tuteladas: e como se casaram, deram quitação de suas legitimas, e o tio foi solto. Este facto, muito commum na antiguidade, revela cousa ainda mais generalizada, que era a rapida decadencia das grandes familias.

Foi o Coronel Bento Furtado quem forneceu ao Dr. Claudio os apontamentos para o poema *Villa Rica*, e como este foi escripto pelos annos de 1763, é provavel que aquelles fossem dados muito antes. Comtudo, é para se louvar a memoria do Coronel, guardando com fidelidade mais ou menos segura a historia de factos que succederam em sua infancia.

A estima de que gosou Bento Fernandes representa-se no sem-numero de afilhados de baptismo, que teve, sendo que D. Barbara de Castilhos, sua mulher, nenhuma pagina do livro se perlustra sem ler o seu nome.

IX

Antonio Dias de Oliveira

A patente expedida a 11 de Janeiro de 1711, pelo Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a favor de Antonio Dias, ja então morador no Piracicava, é fundamentada nos seguintes termos:

« Havendo respeito aos grandes serviços, que Antonio Dias de Oliveira tem feito á S. Magestade, a q. D. g., em muitos descobrimentos, como foram os do Ouro Preto, e ribeiros de Antonio Dias e Padre Faria, pela grande intelligencia e conhecimento que tem e zelo em que se ha empregado em semelhantes diligencias, ha mais de 12 annos a esta parte, á sua custa, sem ajuda alguma da Fazenda Real, gastando muito da sua..... etc.»

Por esta Carta verificamos: 1.º, que a data de 1698 é a propria do descobrimento de Ouro Preto; 2.º, que Anto-

nio Dias, assim como os demais Taubatenos, vieram descobrir o sertão á propria custa, sem titulos nem auctoridade alguma ; 3.º, que foi elle quem descobriu todo o ambito da cidade inclusivamente o ribeiro do Padre Faria.

Fica assim justificada a nossa narrativa. O bairro do Padre Faria tomou este nome depois de descoberto, quando foi o ribeiro concedido ao Padre pelo Coronel Furtado em 1700. A Capella, em que o Padre Faria funccionou, foi a de S. João, primeiro arraial dos bandeirantes, que por ahi entraram. A Capella dita do Padre Faria foi erecta depois que o Padre retirou-se para Guaratinguetá ; e por uma circumstancia singular : o arraial do Bom Successo de antes povoou-se mais que o do Padre Faria. Tendo a Capella dalli ficado polluida, foi interdicta; e então os habitantes trasladaram a imagem de N. S. do Bom Successo para uma nova Capella erecta no bairro do Padre Faria, e cuja antiguidade remonta ao anno de 1710.

Um quadro de milagre de S. Braz, alli conservado, traz a éra de 1717.

*
* *

Pelos annos de 1740, mais ou menos, a Irmandade dos brancos do Rosario foi obrigada pelos pretos de Santa Iphigenia, a se retirar da Capella, que era destes, no Alto da Cruz, e foram-se acolher á de N. S. do Bom Successo. Reedificaram-na e enriqueceram-na, mudando o Padroado para a invocação do Rosario, e ficando a Senhora do Parto (Bom Successo) como patrona da Capella. E' a mesma imagem que se venera no centro do retabulo. Estas cousas do Rosario tiveram logar por meados do nosso 1.º seculo. O sino grande traz a data de 1750 ; a ponte concluiu-se em Abril de 1751 ; e o estupendo cruzeiro, por ventura o mais bello monolytho das Minas, em 1756. Assignala certamente o remate das obras do templo este formoso symbolo.

X

Paschoal da Silva Guimarães

Ignorantes em materia de mineração, os paulistas, logo que extrahiam a flor de um ribeiro, passavam a outro, e assim em pouco tempo desanimavam. Os reinicolas, porém, que entraram depois dos descobrimentos, traziam comsigo a noticia do methodo usado na nova Hespanha de con-

duzirem as aguas em regos para se desbancar a terra vegetal e os montes a talho aberto. O primeiro que iniciou este modo de minerar em Ouro Preto foi Paschoal da Silva Guimarães.

Novato, de caixeiro no Rio, passou a mascate nas Minas, como a esse tempo convinha, quando se não fazia questão de preços, nem de ouro. Enriqueceu-se, pois, de improviso no Rio das Velhas, o que vai dizer no El-dourado, cujas lavras nem a fome conseguiu interromper.

Em 1704, depois que aos paulistas figurou-se esgotado o ribeiro de Ouro Preto, Paschoal da Silva, que o havia conhecido, considerou que as abas da serra continha forçosamente as madres de tão maravilhosos sedimentos, e com vistas perspicazes, concluindo que as cabeceiras do corrego de Antonio Dias seriam as mais ferteis, nellas installou-se. O producto foi de mancheias. Invejosos os Camargos, primeiros donatarios, quizeram rehaver o terreno, mas o astuto novato rechaçou-os com o artigo do Regimento, que fazia caducar a mina despovoada, e, mais crente na força da polvora que da logica, manteve-se na posse.

Foi desta corrida que o Alcaide Mór José de Camargos, desgostoso inteiramente, virou de rosto ás minas de Ouro Preto e foi se estabelecer em S. Miguel do Paracicava. Resarcia então a natureza perdularia, em qualquer parte, quantas fallencias houvesse nos descobrimentos; mas destes e de outros incidentes nasceu o despeito de Paulistas a Reinós.

Tendo Paschoal da Silva atinado alli com um veeiro na fralda da montanha, o povo induziu que se dirigiria para o alto; e pois o atacou sobre as Lages, como se deixa ver no rasgão enorme da serra, á direita da estrada que vae para S. Sebastião. Ferida apenas a terra, foi tal o deposito ahi accumulado, que esfarelou á vista toda montanha, e attrahiu em tumulo os flibusteiros, derramando na povoação uma verdadeira avalanche de ouro. Deve-se a esta aventura o rapido e pasmoso repovoamento da serra, prodromos da Villa Rica, de que Paschoal da Silva foi portanto incontestavel e real precursor.

Tomando para si os terrenos, depois que o povo devastou a superficie, proseguiu na exploração, e formou o arraial do Ouro Podre, nome que veiu da referida aventura; e toda a serra de alto a baixo se chamou do Paschoal.

Em 1708, trabalhava já com 300 escravos, e dobrando a serra tinha se apoderado de toda a encosta da Itapenhoacanga, onde se confirmou por sermaria em 1711.

Odiado pelos paulistas, de sua parte correspondeu, tornando-se alma dos conflictos de 1708; e foi para se acolher á sua sombra, que o dictador Nunes Vianna, acclamado no Sabará, veiu incontinente estabelecer a séde do seu governo revolucionario no arraial de Ouro Preto. Paschoal da

Silva poude então lhe fornecer, além dos escravos, numerosos sequazes, adherentes de seu ouro, cerca de dous mil homens armados, aos quaes sustentava e sustentou, emquanto a campanha houve mister.

Em 1709, Antonio de Albuquerque, vindo pela primeira vez ás Minas, homem conciliador e habil, acariciou o poder do Regulo, confirmando-lhe a nomeação feita por Vianna, de Superintendente de Ouro Preto, das Minas Geraes, como então se conhecia o araial de Ouro Preto cargo que o potentado exerceu com todo o sizo e boa razão, como vemos de autos que existem, nos quaes despachou sempre com discernimento e justiça.

A sua redacção e calligraphia parecem de um guarda-livros moderno. Datava os despachos do Serro, nome que, pois, era o do sitio em que morava. Do arraial de Ouro Podre resta-nos o bairro de S. Sebastião, que se salvou por ser o caminho antigo para S. Bartholomeu e o Campo, assim como para Antonio Pereira e o Matto Dentro.

Em 1720, no levante de Villa Rica, Paschoal da Silva foi cabeça principal, porém mais esperto conservou-se em penumbra, se bem que não illudisse ao Conde de Assumar. Tudo se verificou, foi arte de seu ouro reputado em mais de cem arrobas, sem se contar a Fazenda, as lavras e os escravos.

Abafado o movimento, foi preso Paschoal e remettido para Lisboa, tendo o Conde mandado queimar o seu arraial, desd'esse tremendo dia chamado o Morro da Queimada. Em Lisboa, graças á sua enorme riqueza, não foi um criminoso, senão um principe; e promovia bem advogado contra o Conde um processo de responsabilidade, só atalhado pela morte do autor.

Simão Ferreira Machado, no *Triumpho Eucharistico* (em 1733), diz que a illuminação do Morro do Paschoal subia da base a se confundir com as estrellas. O incendio não foi, portanto, o motivo, como se diz, das ruinas totaes, que cobrem a serra.

XI

O capitão mór Manoel José Pires da Silva Pontes

Homem de lettras, correspondente do Instituto Historico Geographico Brasileiro, que não devemos confundir, como alguns fazem, com seu tio, o capitão general do Espirito Santo dr. Antonio Marciano da Silva Pontes Leme; o qual era formado em mathematicas, distinctissimo varão, com quem o Conde de Sarzedas, Bernardo José de Lorena, celebrou no Porto de Souza, sobre o Rio Doce, o accordo de limites entre as duas Capitanias; auto de 8 de outubro de 1800.

A compilação que o capitão mór M. J. P. da Silva Pontes nos deixou dos apontamentos de Bento Fernandes, já o dissemos, dá-lhe todo o direito de ser mencionado neste nosso estudo, mas não se impõe á credibilidade historica, de maneira que se haja por irrecusavel fonte de informações em alguns pontos. Silva Pontes calcou-a, evidentemente, sobre fragmentos, que completou arbitrariamente, fiado no *Fundamento Historico*, inçado embora de muitos erros, que illudiram ao dr. Claudio. Conhecemos alguns escriptos do coronel Bento Fernandes, homem intelligente, mas illetrado. Comtudo, o seu original seria melhor que fosse conservado, que desfigurado, como foi, pelo estylo dos compiladores.

O Capitão Mór M. J. P. da Silva Pontes provinha da preclara e nobilissima linhagem do Governador das Esmeraldas, Fernão Dias Paes Leme, e de D. Maria Garcia Betim, por sua filha D. Marianna Paes, casada com o Coronel Francisco Paes de Oliveira. Deste casal de Francisco Paes nasceu em Parnahyba (S. Paulo) o Coronel Maximiano de Oliveira Leite, que casou com D. Ignacia Pires de Arruda, sua prima, os quaes vieram para as Minas, onde o Guarda Mór Garcia Rodrigues Paes, seu tio, os installou no descoberto de João Lopes de Lima, e foram os fundadores da capella de Santa Thereza. (1) Ahi se crearam as mais illustres gerações do 1.º seculo de nossa patria. A filha do Coronel Maximiano D. Marianna Paes casou-se com o Capitão Mór José da Silva Pontes, pae do Dr. Antonio Marciano, e tambem de D. Maria Catharina. Desta, em consorcio com o Capitão Mór Manoel José Pires, nasceu o nosso litterato M. J. Pires da Silva Pontes.

Quando o Guarda Mór Garcia Rodrigues e João Lopes de Lima ratiraram-se de seu ribeirão, este para S. Paulo, aquelle para fazer o Caminho Novo, começado em 1702, na Borda do Campo (Registro Velho) e terminado em 1707, o Coronel Maximiano, que já era um vulto importantissimo no districto, assumiu o majorato da familia, e foi o mais generoso potentado da região, e mesmo de toda a colonia do Carmo.

Pelos annos de 1715, achava-se o mesmo Garcia Rodrigues no Ribeirão do Carmo, quando contractou o casamento de sua irmã D. Francisca Paes com o Coronel Caetano Rodrigues Alvares, filho de José Alvares d'Orta e D. Maria Rodrigues (2), naturaes de Lisboa, fidalgos de lei, casamento que se realizou por procuração do noivo apresentada

---

(1) O principal fundador da Capella de S. Thereza foi Pedro Rosa d'Abreu.

(2) O livro editado em 1856 — *Genealogias*, está errado quanto aos paes do Coronel Caetano, como verificamos no 1.º Livro de Notas do Escrivão Pilo, na Villa do Carmo.

pelo tio da noiva Gaspar de Araujo, na Villa de Parnahyba, solar dos Paes Leme. Vindo D. Francisca em Março de 1716, foi o casal installar-se atraz da collina opposta á de Santa Thereza, no valle do corrego que ainda corre com o nome de José Caetano o seu primogenito; o qual José Caetano Rodrigues Horta, representou na Villa do Carmo o estado da primeira nobreza na entrada solemne do primeiro Bispo a 28 de Novembro de 1748. Este notavel varão foi o tronco da grande familia dos Hortas, que alteraram o cognome dos *Orta*, desfigurando com isto a genealogia acaso mais illustre das Minas.

De D. Juliana Pires, filha do Coronel Maximiano de Oliveira Leite, casada com o Capitão Mór José Alves Maciel, nasceram filhos notaveis, como foram o Dr. José Alves Maciel (Inconfidente) o Coronel Domingos Alves Maciel, o dr. Theotonio Alves Maciel e D. Izabel Alves Maciel, que se casou com o Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade (Inconfidente). O Coronel Domingos Alves Maciel foi pae de D. Joanna Theodora Ignacia Xavier, mãe do Conselheiro José Joaquim da Rocha e irmã do Marquez de Queluz, João Severiano Maciel da Costa, signatario da Constituição do Imperio. O Conselheiro Rocha, casado com D. Maria Joaquina de Souza, foi pae de D. Heriqueta Firmina, mulher do Coronel Joaquim José de Almeida e mãe de D. Luiza de Almeida, viuva de Diogo Antonio, neto do dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos.

VII

O Padre Dr. Guilherme Pompeu de Almeida

Quando Philippe 2.°, já Rei de Portugal, mandou D. Francisco de Souza a S. Paulo, em 1598, com ordem de entabolar as minas da serra de Jaguamimbaba, descobertas pelos paulistas Affonso e Pedro Sardinha, com o mesmo Governador veiu da Europa, no caracter de seu Secretario, Pedro Tacques Pompeu, que era filho de um flamengo, Francisco Taccen, que veiu a Lisboa attrahido pelo commercio e ahi se casou com D. Ignez Rodrigues, em Setubal, onde se havia estabelecido. O Secretario de D. Francisco, em S. Paulo, casou-se com D. Anna de Proença filha de Antonio Proença e de D. Maria Castanho. Do consorcio nasceram:

1.°) Pedro Tacques de Almeida, que se casou com D. Potencia Leite, irmã do Governador das Esmeraldas Fernão Dias Paes Leme; 2.°) Guilherme Pompeu de Almeida; 3.°) Lourenço Castanho Tacques, conquistador dos Cataguá; 4.°) D. Sebastiana Tacques; 5.°) D. Marianna Pompeu, que se

casou com o Manoel de Goes Raposo, cuja familia estabeleceu-se no sitio em que fundaram a freguezia de Raposos; 6.º) Antonio Pompeu de Almeida.

O 2.º Guilherme Pompeu de Almeida casou-se com D. Maria Lima Pedroso. Não cessaremos de indicar estas estirpes afim, de se observar como se relacionavam os consanguineos, fundadores de Minas, ancestres principaes das grandes familias que ainda illustram as nossas povoações, muitas já tocando á obscuridade, mas nem por isso dispensadas de honrar origens, que são as Gloriosas de nossa patria.

O Capitão Mór Guilherme Pompeu foi certamente o mais rico do potentado de seu tempo, senhor de latifundios vastissimos, de fazendas, aldeamentos e capellas, onde o serviam escravos e administrados, indios sem conta. A seu respeito escreveu *Nobliarchia* o seu neto Pedro Tacques de Almeida Paes Leme :

« Foi Guilherme Pompeu Capitão Mór da Villa de Parnahyba, por El-Rei D. Pedro, sendo regente. Viveu abundante de cabedaes, com grande tratamento e opulencia em sua casa. A copa de prata, que possuiu, excedeu a 40 arrobas : porque os antigos paulistas costumavam penetrar os vastissimos sertões do rio Paraguay, e atravessando suas serras conquistando os barbaros indios seus habitadores, chegavam ao reino do Perú e minas de Potosi, e se aproveitavam da riqueza das minas, de que ennobreceram suas casas com copa de muitas arrobas, de cuja grandeza ao presente tempo nada existe pela ambição de mineradores e Governadores, que no decurso de 63 annos attrahiram a si esta grandeza, porque nenhum se recolheu para o Reino que não levasse boas arrobas. »

Seu filho Guilherme Pompeu de Almeida, mandado a estudos na Bahia, quiz metter-se frade franciscano, mas por opposição dos paes á essa profissão, teimou em ser presbitero. Fundou a Capella da Conceição de Araçariguama ornada de talha dourada e paramentada com magnificencia ; e nessa Capella celebrava a festa de 8 de Dezembro, com oitavario de missas cantadas. De S. Paulo concorria então a maior parte da nobreza e os religiosos de grande nomeada. Em sua casa tinha effectivamente armadas com todo o apparato cem camas para hospedes. Cada hospede dispunha de um pagem particular para a guarda dos arreios, animaes e outros serviços. Era a mesa profusa em toda a casta de iguarias e vinhos, e estava posta á toda hora do dia para os que chegavam. Plantava e colhia cereaes, uvas para vinho, linho, cevada, trigo ; e tinha rebanhos para a tosquia de lã. Os moveis eram todos ricos e de primor ; e a copa de muitas arrobas de prata, que mandou refundir em Lisboa.

Em Roma, tendo-se relacionado com muitos Cardeaes, conseguiu por elles uma *bulla* nomeando-o Bispo missionario, que lhe chegou estando já enfermo e não lhe serviu senão para os funeraes pomposos, que lhe fez a Companhia de Jesus no Collegio, onde jaz. Toda a escravatura e terras de cultura deixou-as á Capella de Araçariguama. As quatro aldeias que tinha em Minas, ficaram para a Companhia de Jesus e bem assim as alfaias, lampadas e castiçaes de prata, em peso de 14 arrobas.

Falleceu a 7 de janeiro de 1713, na Villa de Parnahyba e foi transportado para S. Paulo, sendo o feretro conduzido á mão por milhares de pessoas. A historia diz que não tem limites a falta que fez á pobreza. Era formado em theologia e dispunha de grande livraria.

A uma legua de Sabará existe o arraial de Pompeu, do qual, como dos outros, lhe foram remettidas as colheitas do ouro, que mais engrossaram os seus immensos cabedaes.

Visitamos o arraial de Pompeu, reduzido hoje a mui poucas casas, pauperrimas. A Capella dedicada a Santo Antonio resiste a ira do tempo, em sua primitiva estructura, e, ainda que muito estragada, vimos a pintura, que representa em quadros pelas paredes e pelo tecto — os feitos do glorioso Thaumaturgo. As imagens do altar são as mesmas que os primeiros habitantes veneraram. As pias de baptismo e d'agua benta são ainda de madeira bellamente esculpida, e recordavam-nos os primitivos tempos da igreja.

Respira-se naquelle ambiente a lembrança de um povo, que o ouro illudiu em sua esphemera alacridade.

Quando estavamos no recinto em meio de nossas impressões, pensativos e silenciosos, um bando de andorinhas esvoejava, entrando e sahindo. Umas pousavam nas cimalhas, outras nos florões e nas cornijas do altar, todas em chilros alegres. Mais felizes que a geração humana, as mimosas aligeras foram e voltaram das primaveras longinquas!

XIII

O tenente general Manoel de Borba Gatto

A carta de sesmaria de 3 de Dezembro de 1710, datada das Minas Geraes pelo Governador Antonio de Albuquerque é do teor seguinte: «Faço saber &... que havendo respeito ao que por sua petição me enviou a dizer o Tenente General Manoel de Borda Gatto, que ha muitos annos está em mansa e pacifica posse de uma sorte de terras entre o rio Parahypeba e a cordilheira da Itatiaia e de Matheus Leme até fechar na barra do ultimo ribeirão d'elle, que terá de

comprimento 5 leguas e de largo 3, aonde tem feito seu principio, sem prejuizo ou contradicção de pessoa alguma, que até o presente intentasse perturbar-lhe a dita posse, por ser o supplicante o primeiro descobridor das ditas terras desd'os tempos em que por estas partes começou os seus descobrimentos em serviço de Sua Magestade; e porque o supplicante se acha com obrigação de muito numerosa familia, lhe são necessarias as ditas terras para criar gado e cultivar mantimentos para melhor commodo não só de sua familia, senão de todos que quizerem povoar aquelles sertões...., me pedia fosse servido mandar-lhe dar posse de quatro leguas em quadro &... E visto o seu requerimento e informações, que tomei, attendendo a sua qualidade e merecimentos do dito Tenente General pelo bem que tem servido á Sua Magestade n'esta conquista, fazendo-se merecedor de sua real grandeza lh'o mandar agradecer por varias vezes por cartas assignadas pela sua real mão; e se achar com grandes obrigações de familia e parentes, a quem custuma amaparar &. Hei por bem &.»

A Carta de sesmaria de 19 de janeiro de 1711, dada em Caethé pelo mesmo Governador, é do teor seguinte: «Sai bam etc... que havendo respeito ao que me enviou a dizer o Tenente-general Manoel de Borba Gatto, que elle estava possuindo desde o tempo que se principiou a povoar estas Minas um sitio junto ao ribeirão que vem do *Cercado* e da barra que faz nelle o ribeirão do Tombadouro, e porquanto o quer possuir com bom titulo de sesmaria etc., me pedia lhe fizesse mercê conceder... meia legua de terra correndo da barra que faz o ribeirão do Tombadouro no dito ribeirão para cima pelo dito ribeirão de uma e outra parte delle. E visto o seu requerimento. etc. Hei por bem etc.»

Por estas duas cartas se vê a consideração de que gosava o Tenente-general: O Cercado fica a meia legua do Sumidouro (Anhanhonhacanhuva) e o Tombadouro. Este rio se acha na Carta com o nome trocado, porque Matadouro é o nome verdadeiro. Cercado era o logar, em que os indios tinham os prisoneiros a engordarem, destinados aos festins e orgias canibalescas. Matadouro era o sitio destinado a essas matanças. O Borba declarou que possuia essas terras, desde o principio do povoamento, isto é, desde a fundação do arraial do Sumidouro, quando vencidos e conquistados os indios os reduziu á lavoura, e se estabeleceu no ambito da propria taba domesticada.

Pela Carta patente passada no Sabará aos 2 de fevereiro de 1711, o Governador Albuquerque enumera os serviços prestados pelo Tenente-general Borba Gatto. Foi elle quem encaminhou o serviço muito importante de descobrir ouro e minas de prata na paragem e districto do Sabará-buçú: expressões estas da Carta que justificam a nossa narrativa em accôrdo com as tradições e outras fontes historicas. Os

descobrimentos foram feitos por elle com guia, e nem só no districto como na região. Foi elle quem suggeriu os descobertos do Rio das Velhas, do Sabará e do Caethé, e quem mediu e repartiu as respectivas datas, accommodando partes, evitando contendas e desordens; solicito e zeloso em todas as diligencias que lhe eram recommendadas pelos Governadores. O desembargador José Vaz Pinto, superintendente das Minas, quando se ausentou passou a vara ao Tenente General. (1)

Provedor de defunctos e ausentes, e administrador das estradas, desempenhou sempre os seus deveres, como não se conta houvesse quem mais naquella epocha. Denodado e severo, justiceiro e probo, o rigor com que reprimiu os contrabandos, e cortou pelos abusos, creou-lhe desaffectos; e a sua qualidade de paulista, ao passo que lhe trouxe o rancor dos portuguezes, não lhe grangeou a estima dos compatriotas pela isenção com que os julgava.

A fama que encontramos desse homem extraordinario foi uma injusta creação de odios; passaria á historia na figura de um medonho Smilodon, ancestre dos animaes sanguinarios, que o desastrado fim de D. Rodrigo Castello Branco havia-lhe suscitado. Diversamente, porém, será julgado de hoje em diante, em vista dos documentos, que o restituem á luz serena de sua incomparavel actividade nos fastos mais honrosos da primeira epocha, origem historica de nosnossa patria.

Por officio de 7 de agosto de 1712, o Governador Albuquerque deu parte á Sua Magestade, que se achava restabelecido o socego das Minas; e que os Paulistas foragidos para S. Paulo já estavam regressando, e se iam contentando com sesmarias, como lhe eram concedidas por informações do Tenente-general Manoel de Borba Gatto, fiel ao serviço Real. Quantas recordações, portanto, se avivam deste grande homem tantas attestam e honram a sua cooperatividade prodigiosa no estabelecimento das Minas.

Riquissimo em ouro, quando rebentou a guerra dos Emboabas, consentiu que seus genros Francisco Tavares e Francisco de Arruda se repatriassem; accrescentou-lhes o cabedal em ouro ao que já tinham e recommendou-os ao Rei. Na Ilha de S. Miguel, sua patria, compraram ambos ricas propriedades, e fundaram Morgadios. Por ultimo, um sobrinho, que deixaram, casou-se com a filha mais moça do mesmo Tenente General, e tomou egual destino regressando á Ilha natal, Francisco Duarte de Meirelles. (2)

---

(1) Por Carta Patente de 9 de junho de 1702 Arthur de Sá nomeou o Tenente General substituto da superintendencia.

(2) Francisco de Arruda era cunhado de Leonardo Nardes, e com este descobriu o ribeirão de Pirapetinga do Caeté, como diz a Carta de Sesmaria de 23 de fevereiro de 1711.

Segundo Silva Pontes, o Tenente General falleceu aos 90 annos de idade em sua fazenda do Paraopeba.

Entretanto, o que nos parece mais certo é que o obito verificou-se em 1817, anno em que ainda exercia o cargo de Juiz Ordinario na Villa Real.

Esta tradicção nós a colhemos de pessoas antigas e fidedignas, e a esforços de um descendente seu, o nosso amigo Commendador Francisco Ovidio, natural e residente do Sabará.

Todavia, dizem uns que a sepultura está na Capella de Santo Antonio, outros que na de Sant'Anna, ambas pertencentes ao chamado Arraial Velho.

Como quer que fosse, pelo que de mais certo ouvimos, visitamos nesta crença a Capella de Sant'Anna. Emoção egual só teriamos quando visitassemos uma necropole de cidade extincta.

Pelas inscripções do sino grande, fundido no Sabará em 1751, e pela do Portal gravada em 1747, a Capella não é a mesma da primitiva epocha; mas as cinzas, que contém, valem toda antiguidade. Iamos em companhia de nosso bom amigo, o dr. Carlindo Pinto, tão prematuramente deplorado agora.

Fazia então a mais bella tarde de março (28 de 1898). Ruas e calçadas inteiras desappareciam alli no matagal enredado: e paredões derrocados sem numero jaziam no degredo absoluto das grotas.

O silencio nos abafava, interrompido apenas pelo soido dos insectos e o tropel dos cavallos. Apeamo-nos no adro, unico ponto em que restavam algumas casas fechadas, como tumulos, albergues em que todavia se occultam os ultimos descendentes dos que viram Arthur de Sá, no auge de sua gloria, estrear naquelle berço o imperio das Minas!

Um menino appareceu-nos e, amavel, a nosso pedido foi avisar ao pae, e este com a bondade officiosa dos que se pagam pelas visitas á sua patria de todos esquecida, trouxe-nos a chave da Capella, que só do arco cruzeiro, para cima subsiste coberta. Lembramo-nos de Volney: «Je vous salue, ruines solitaires, tombeaux saints, murs silencieux!» E na verdade a solidão era sem exemplo!

Absorvidos em profunda melancolia, ajoelhamo-nos, e fitamos a imagem de Sant'Anna. Estava a Santa na idade em que conhecemos nossa avó, a mesma carinhosa expressão, imagem dulcissima da nossa mais pungitiva saudade. Um clarão mavioso embebia-se do sol ardente no dourado velho do altar, e dava-lhe um tom de divindade, que não se sente nos marmores soberbos e nas grandezas materialistas do culto na Candelaria. Aos olhos internos d'alma a Santa parécia allegar com ternura o serviço que nos presta, vivendo e guardando os nossos mortos; mas, indifferente ás mudanças do destino operadas no povoado, figurou-se-

nos que ouvia, com o seu sorriso de ironia, as preces pela paz dos mortos, si quem as fazia não tinha assaz no coração entre os vivos!

Ao sahirmos, tocamos as trindades no sino grande. O bronze que, havia muito, não se ouvia, echoou por todo o valle do antigo Sabará-buçú; e as aves nocturnas, como que se recordando de alguma afflicção, atroando saltaram das paredes esburacadas.

Evocamos então a epocha dos bandeirantes, a primeira tarde do descobrimento. A noite descia impregnada dos aromas acres de aroeiras e alecrins selvagens, e a memoria do Borba, ligando as duas éras das esmeraldas e do ouro, como aquelle rio que tinhamos ao lado, gemendo e passando, mas sem se extinguir jámais, reflectia os phantasmas da historia!

XIV

Familias fundadoras

Tratando-se das origens historias das Minas Geraes, é bom se inscrever o numero de familias, que entraram de S. Paulo no povoamento dos primeiros arraiaes, ou, pelo menos, daquellas cuja noticia encontramos, eis que de todas nem foi possivel averiguar, nem caberia num livro a sua nomenclatura. E' facto particular de Minas, que pela sua posição no interior das terras, tendo-se povoado do centro para as extremidades, constituiu-se independente de massas xenogenicas, e se multiplicou á custa do proprio atavismo, razão pela qual unidade ethnica preenche o phenomeno, como em nenhuma outra provincia, de uma tal somma de sangue affim, que bem se póde dizer a maior de toda a America.

Concorrendo as primeiras familias para se installarem em poucos logares, o parentesco insistiu na formação das segundas, e o entrelaçamento deste modo ampliou-se. Dahi a razão porque apenas uma casa existe, que em mais ou menos proximo gráo, não seja consanguinea das outras.

Era costume dos antigos darem aos filhos sobrenomes diversos, lembrando em cada um os avós ou parentes notaveis. Além disso, as novas familias, tomando sempre o appellido dos pais, que faz esquecer o das mães, conseguiram quasi abolir os sobrenomes dos fundadores; e com isto a noticia dos parentescos tem-se tornado difficil. Entretanto, a verdade é que das origens, unidas pelo sangue, provêm a identidade moral, e os caracteres, que definem o povo mineiro, e o distinguem em todo o Brasil. Comtudo, muitas

familias conservam a memoria de seus avós, e na LISTA, que vamos dar, é facil a qualquer procurar a casa de que procede oriunda dos fundadores de nossa patria, cujos primordios, em dous seculos apenas, não é provavel se tenham esquecido inteiramente.

I

Zona do Carmo

1

Pedro Corrêa de Godoy, casado com Anna Borba, irmã do Tenente General Manoel de Borba Gatto, foram povoadores do Ribeirão Miguel do Carmo. Na crise de 1702, installaram-se á margem do Rio de Miguel Garcia, no sitio chamado Gualaxo, a uma legua da Capella de Miguel Rodrigues. O nome Gualaxo foi corrupção de Yguarachue, que quer dizer —*poço do carumbé quebrado.* (*Iguá*— poço, *chúe*— carumbé, *rá* —quebraco). Carumbé era uma especie de tartaruga, que os indios comiam quebrando-lhe a casca ; e as colhiam e depositavam num poço cercado.

Miguel Garcia da Cunha, afastando-se do seu arraial sobre o sertão do Guarapiranga, foi surprehendido e morto pelos indios. Com a morte muito pouco depois do seu estabelecimento foi-se-lhe adelgaçando a memoria, e o nome de Gualaxo, sitio que se tornou mais falado nas povoações importantes que se crearam em derredor, foi-se extendendo a todo o rio.

A Fazenda do Gualaxo, pertence ainda aos descendentes de Pedro Corrêa.

2

Claudio Gayon e Bento Fromentière foram os dous francezes que primeiro pisaram terra das Minas. Moravam juntos e reciprocamente se tratavam de *Monsieur* ; pelo que o povo chamou o bairro dos Monsus, como ainda em Marianna se conserva. Claudio installou-se no Gualaxo do Norte, entre Antonio Pereira e Bento Rodrigues ; e Fromentière nas Aguas Claras, entre o Inficcionado e S. Caetano, pela mesma occasião.

3

Antonio Lopes Chaves e D. Helena Maria de Jesus estabeleceram-se no Sumidouro e ahi tiveram lavras.

4

Paulo Rodrigues Durão, primeiro installou-se no Morro Vermelho ; mas logo se passou para o Inficcionado, cuja Matriz erigiu. Em sua Fazenda da Catta Preta nasceu-lhe Frei José de Santa Rita Durão, em 1717, o primeiro poeta epico do Brasil. D. Anna Garcez de Moraes foi a esposa de Paulo Rodrigues Durão.

5

João Lopes de Lima, o descobridor do Ribeirão do Carmo, na Ponte Grande, era filho de Domingos Lopes de Lima e D. Barbara Cardoso. Esta de Manoel Cardoso de Almeida e de D. Ignez Furtado. Era, pois, irmã do Mestre de Campo Mathias Cardoso.

6

Sebastião Fagundes Varella, fundador de S. Sebastião era casado com D. Clara dos Anjos, e Caetano Pinto de Castro, fundador de S. Caetano, com D. Maria dos Anjos, irmã de D. Clara.

7

Diogo Bueno da Fonseca, casado com D. Joanna Baptista Bueno, foi o primeiro Guarda Mór de Lavras do Funil. D. Joanna era filha do Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme e de sua mulher D. Izabel Bueno de Moraes.

8

D. Izabel de Souza Castelhanos e seu marido Manuel Monteiro da Veiga; seu irmão João de Souza Castelhanos: e sua prima D. Francisca da Fonseca Rodovalho, casada com Antonio Gomes Ferreira, povoaram S. Caetano.

9

Leopoldo da Silveira e Souza, casado com sua prima D. Helena da Silva Rosa, filha esta de Domingos Ferreira Alves e de D. Barbara Moreira de Castilhos, tambem S. Caetano. D. Barbara foi tia da mulher de Bento Fernandes.

10

D. Joanna Rendon, filha de D. João Matheus Rendon, descendentes de D. Maria Alves Cabral, irmã do descobridor do Brasil, foi casada com Pedro Alvares Pereira, linhagem do Condestavel, tambem S. Caetano.

11

Pedro Frazão de Brito, Regente do Carmo, casado com D. Izabel Bueno, filha de Simão Bueno da Silva e sobrinha do Anhanguera, foi homem de tanta supposição, que serviu de arbitro demarcador das tres primeiras comarcas.

12

D. Escholastica Forquim, filha de Antonio Forquim da Luz e seu marido José da Silva Magalhães, installaram-se na Chapada do Ribeirão do Carmo. Ainda ha 40 annos existia uma grande casa na Chapada, que pertenceu a esta familia — a chacara dos Magalhães.

13

Domingos Velho Cabral, povoador do Carmo, cujo ribeirão socavou, nomeado Guarda-Mór interino, esteve em 1702 encarregado de pacificar em Bento Rodrigues os sanguinolentos motins, que as immensas riquezas produziram.

14

Manoel Pereira Ramos, povoador do Carmo, foi o primeiro dono da sesmaria da Bocaina, perto de Miguel Garcia.

15

Manoel Monteiro Chassim e D. Catharina de Godoy Moreira povoaram S. Caetano.

16

O Coronel José de Souza Moura e D. Eugenia Maria do Carmo povoaram a Taquara Queimada. Foram avós de D. Ma-

ria do Carmo Barradas, esposa do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos.

17

Manoel Pereira de Souza e D. Anna Cardoso, filha esta de Manoel Cardoso de Almeida, povoaram o Morro de Sant'Anna de Marianna.

18

Antonio de Freitas da Silva, Bartholomeu Fernandes, Pedro Teixeira de Siqueira, José Rabello Perdigão, os irmãos Campos, José, Francisco e Felippe, José de Almeida Neves, Manoel Gonçalves Fraga, Bernardo Xaves Cabral, Manoel Ferreira Vilence, Caetano Muniz da Costa, Manoel da Silva Leme, Ignacio de S. Paio, Francisco de Lucena Mont'Arroy, José de Barros d'Affonseca, Torquato Teixeira de Carvalho, Jacintho Nogueira Pinto, Francisco de Moraes, Bento Vieira de Souza (pae do povoador do Pomba) e o S. Mór José de Queiroz, fundador do Bomfim de Antonio Pereira, foram tambem fundadores do Carmo. O padre Jacomo de Grado Forte (trinitario), foi o primeiro sacerdote que se enterrou em Marianna (9 de novembro de 1709).

II

Pitanguy

1

O Mestre de Campo Antonio Pires de Avila, povoador do Pitanguy, foi a quem D. Braz Balthazar da Silveira incumbiu de erigir a Villa.

2

Antonio do Prado da Cunha, companheiro de Fernão Dias na expedição das Esmeraldas, estabeleceu-se no Pitanguy e de sua mulher D. Maria Pires Camargo, provêm descendentes illustres.

3

Antonio Pompeu Tacques, casado com D. Escholastica Betim, fundou a Capella Nova do Betim, e foi celebre pelas suas prodigalidades e riquezas colossaes.

4

De S. Caetano sahiu Gaspar Gutierrez da Silveira para Pitanguy, onde se casou com sua prima D. Feliciana dos Santos Barbosa Lima.

5

Fernando Dias Falcão, casado com D. Lucrecia Pedroso de Barros, foi povoador de Pitanguy e creou a villa.

6

D. Catharina Paes Leite, casada com João da Silva Rabello; e D. Potencia Leite com Manoel Cabral Teixeira, tambem foram povoadores de Pitanguy.

III

Rio das Velhas

1

José de Seixas Borges, bandeirante, companheiro de Fernão Dias, entranhou-se em 1680 pelo sertão do *Uaimii* e fundou o Jequitibá, senhoreando-se de vastas superficies de terras entre aquelle rio e o Paraupava (Paraopeba).

2

Manoel Affonso Gaya encetou a laboriação das minas do ribeirão do Gaya, affluente do Sabará-buçú; e seu filho Manoel Gonçalves de Siqueira installou-se no Ouro Bueno, serra de Ouro Preto. Expulso este pelos Emboabas, reuniu-se ao pae e foram ambos residir no sertão do S. Francisco.

Funchal Garcia

3

D. Maria Pimenta, neta de D. José Rendon de Quevedo, e seu marido Jacyntho de Sá Barbosa, troncos de illustre geração, povoaram o Sabará.

D. Maria Coitinho, irmã de D. Maria Pimenta e casada com João Ferreira Coitinho, a Roça Grande.

4

Francisco Rodrigues Penteado e seus irmãos, a Roça Grande.

D. Maria de Magalhães e seu marido Faustino Pereira da Silva, o mesmo arraial.

5

D. Victoria de Magalhães, Manoel Pereira Jardim installaram-se em Raposos.

6

José Rodrigues Betim, sua mulher, filhos, irmãos e cunhados fundaram o arraial do Betim.

7

Antonio de Araujo Santos fundou o Curralinho.

8

Fructuoso Nunes do Rego installou-se no ribeirão do Sabará-buçú.

9

Sebastião Pereira de Aguilar, bahiano, famoso pelas suas riquezas no Caethé, senhoreou toda a vasta região que se extende de Bento Pires até as mattas do Anhanhonhecanha (Sumidouro do Rio das Velhas), incluido o ribeirão das Aboboras, onde fundou o arraial da Contagem. Como importador de gados dos curraes da Bahia e do districto dos Cou-

ros, tinha alli as pastagens: e o arraial tomou o nome de Contagem, por ser onde eram as rezes contadas para a taxa das entradas.

10

O Sargento-Mór Bento do Amaral da Silva tornou-se riquissimo no Caethé.

11

No Caethé se estabeleceu Maria Borba, casada com Manoel Rodrigues Góes, irmão do Tenente General Manoel de Borba Gatto.

12

Foram povoadores tambem de Sabará José Corrêa de Miranda, Pedro Gomes Ferreira, José Borges Pinto, Braz Ribeiro Manilho, Domingos Martins de Siqueira, José Soares de Miranda, Lucas de Andrade Pereira, Antonio José Braz Fernandes, Lourenço Pereira de Azeredo Coitinho, Braz Rabello Marinho, Antonio Leme Guerra, Braz Esteves de Queiroz, Joaquim Teixeira de Lima, Simão Passos, João Velloso Brandão, Antonio da Fonseca Barcellos, Jeronymo da Costa, Francisco Alves da Veiga, João Rosa de Araujo, Francisco de Sá Ferreira de Menezes, Frei Quaresma Franco e outros.

IV

Ouro Preto

1

Logar de onde foram expulsos os paulistas, dominado exclusivamente pelos *reinós*, motivo principalmente porque foi sempre amotinado. Antes porém da Dictadura de Vianna muitos paulistas floresceram, e sobre todos o Mestre de Campo Domingos Dias da Silva, que acompanhou o General Albuquerque na expedição contra os francezes, commandando o seu troço de 200 homens, que armou e sustentou. Deixando tudo quanto nas Minas tinha a cargo de seu filho Manoel Dias

da Silva, retirou-se para S. Paulo, e ahi falleceu a 22 de março de 1719.

2

Foram povoadores tambem de Ouro Preto, Manoel de Figueiredo Mascarenhas, Antonio Francisco da Silva, Francisco Viegas Barbosa, José Eduardo Passos Rodrigues, Jorge da Fonseca Freire, Manoel do Nascimento Fraga, João de Carvalho de Oliveira, Francisco Maciel da Costa, Manoel de Figueiredo Macedo, José Gomes de Mello, Roberto Neves de Brito, Lourenço Rodrigues Graça, Manoel d'Almeida Costa, Manoel da Silva Borges, além dos muitos já mencionados no corpo da historia.

3

O primeiro Vigario de Ouro Preto (1705) foi o Padre Francisco de Castro.

4

O Capitão Simão de Mendonça Allemão, nobre paulista, da familia dos Lemes, possuiu parte do Campo de Ouro Preto, onde tinha roças. D'elle foi a Capella e o logar chamado Chiqueiro do Allemão.

5

O Capitão Antonio Rodrigues de Medeiros no Tripuhy.

6

O primeiro advogado no Arraial das Minas Geraes foi o Padre Vicente de Souza por Provisão de Ant.º d'Albuquerque, datada de 27 de setembro de 1711.

V

Outros logares

1

D. Diogo de Lara Moraes foi primeiro Capitão Mór Regente do Guarapiranga.

2

Fernando Bicudo de Andrade e sua mulher D. Maria Leite do Rosario, installaram-se no Rio das Mortes.

3

Rodrigo Bicudo Chassim era filho de Simão Chassim e D. Maria Leme de Brito, esta de Antonio Bicudo de Brito e D. Maria Leme de Alvarenga, e esta de Diogo Pires e de D. Izabel de Brito. Diogo Pires era filho do nobre Salvador Pires e de Mecia Fernandes, neta de Antonio Rodrigues e de Antonia, filha do Rei gentilico Piquirobi de Ururahy.

Em 1711, Rodrigo Bicudo, residente na zona do Carmo foi dos potentados que concorreram com 200 homens para o exercito de Albuquerque contra os francezes, marchando á frente do seu terço.

4

José Marques povoou o ribeirão dos Macacos, e suas terras confinavam com as de João Leite da Silva Ortiz, indo da região da Lagôa Dourada á do Curral d'El-Rey.

Jeronymo Pimentel Salgado possuiu o Campo dos Carijós; e confinava com Amaro Ribeiro, fundador da Capella e Arraial de Santo Amaro.

5

Fernando Bicudo de Andrade, vindo do Rio das Mortes, installou-se em Santa Barbara; e dahi foi descobrir a Conceição. Em 1712 mandou vir da Ilha Grande sua familia e grande numero de parentes, aos quaes estabeleceu em vastas extensões, que senhoreou no Ribeirão de Santo Antonio, onde Albuquerque lhe concedeu as sesmarias.

6

Domingos da Costa Lage e D. Luiza Rodrigues, povoadores de Santa Barbara.

7

O primeiro Guarda Mór das minas do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde foi Salvador Corrêa Bocarro, casado

com D. Anna Ferreira de Toledo, filha de D. João de Toledo Piza e Castelhanos.

8

Francisco de Almeida Lara foi povoador de Paracatú.

9

José Pires de Almeida Lara, idem. Eram filhos de D. Branca; da qual foram progenitores Lourenço Castanho Tacques (conquistador dos Cataguá), e D. Maria Lara, que foi filha de D. Magdalena Feijó, da casa dos Condes de Paço d'Antas e da do Conde D. Pedro de Moraes; e de D. Diogo de Lara, da casa patricia dos Ordonhezes de Zamora. De José Pires de Almeida nasceu já em Paracatú D. Branca Pires, que se casou com o famoso Coronel Felisberto Caldeira Brant, cujas riquezas colossaes e aventuras dir-se-iam mais um drama de imaginação, que de realidade como de facto foram. Brant é contracção do appellido *Brabant*, pertencentes a nobres flamengos, que vindo na cruzada ajudaram libertar Lisboa do poder mahometano.

Existe em Minas illustre progenitura destes primeiros povoadores.

10

João Baptista de Carvalho foi o primeiro dono das terras do Caxambú.

11

Domingos Duarte Galvão idem de Macahubas, onde tambem se estabeleceram os alagoanos Manoel da Costa Soares e sua familia, e Felix da Costa fundador do Recolhimento installado em 1715.

12

Bartholomeu Godinho da Costa e D. Maria Leme de Brito estabeleceram-se em Antonio Dias Abaixo.

13

D. Maria Leme de Brito (mãe) casada com Romão de Oliveira Gago, em Cattas Altas de Matto Dentro.

14

Theodosio Leme de Oliveira e o Capitão Luiz Fernandes de Oliveira, em Santa Barbara.

D. Anna Maria de Oliveira e o Alferes João Martins do Couto, idem, idem.

15

D. Ignez Monteiro de Godoy e João Lucas da Silva, em Barra Longa.

16

Joaquim de Godoy Moreira e seu irmão João Bicudo de Brito, em S. Miguel de Piracicaba.

17

Notabilissimo foi o Dr. Luiz Lobo Leite Pereira, primeiro dono das minas da Passagem de Ouro Branco. Foi Juiz pedaneo e Presidente da Camara de Villa Rica. Existe illustre descendente deste primeiro magistrado das Minas. Os juizes das outras duas Villas (Carmo e Sabará), irmãs de Villa Rica, foram leigos.

18

O Coronel Leonel da Gama Belles, fidalgo e grande servidor de alta patente na Colonia do Sacramento, onde em 1680 casou-se com D. Maria Josepha Corrêa.

Em 1703 veiu com a familia para Ouro Preto; e aqui casou sua filha, natural da Colonia, com o Capitão de Cavallaria Luiz de Almeida Ramos, dos quaes nasceu D. Quiteria Ignacia da Gama. Esta senhora casou-se á sua vez com o Capitão Manoel Gomes Villas Boas. Este descendia de D. Diogo Rodrigues, senhor de Villas Boas, e nasceu no solar de Ayró, districto de Barcellos. Tem illustre descendencia.

19

Romualdo de Toledo Leme, casado com D. Maria da Conceição Moreira de Castilhos, installou-se em S. Gonçalo do Sapucahy.

20

Antonio Moreira de Godoy, casado com D. Maria de Lima e Moraes, estabeleceu-se no Sobrá-buçú, para onde subiu com Arthur de Sá, a quem prestou relevantissimos serviços no preparo da expedição e no desempenho dos descobrimentos.

D. Escholastica de Godoy, sua irmã, foi casada com Bento Amaral da Silva, que se tornou riquissimo no Caethé.

21

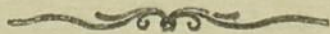
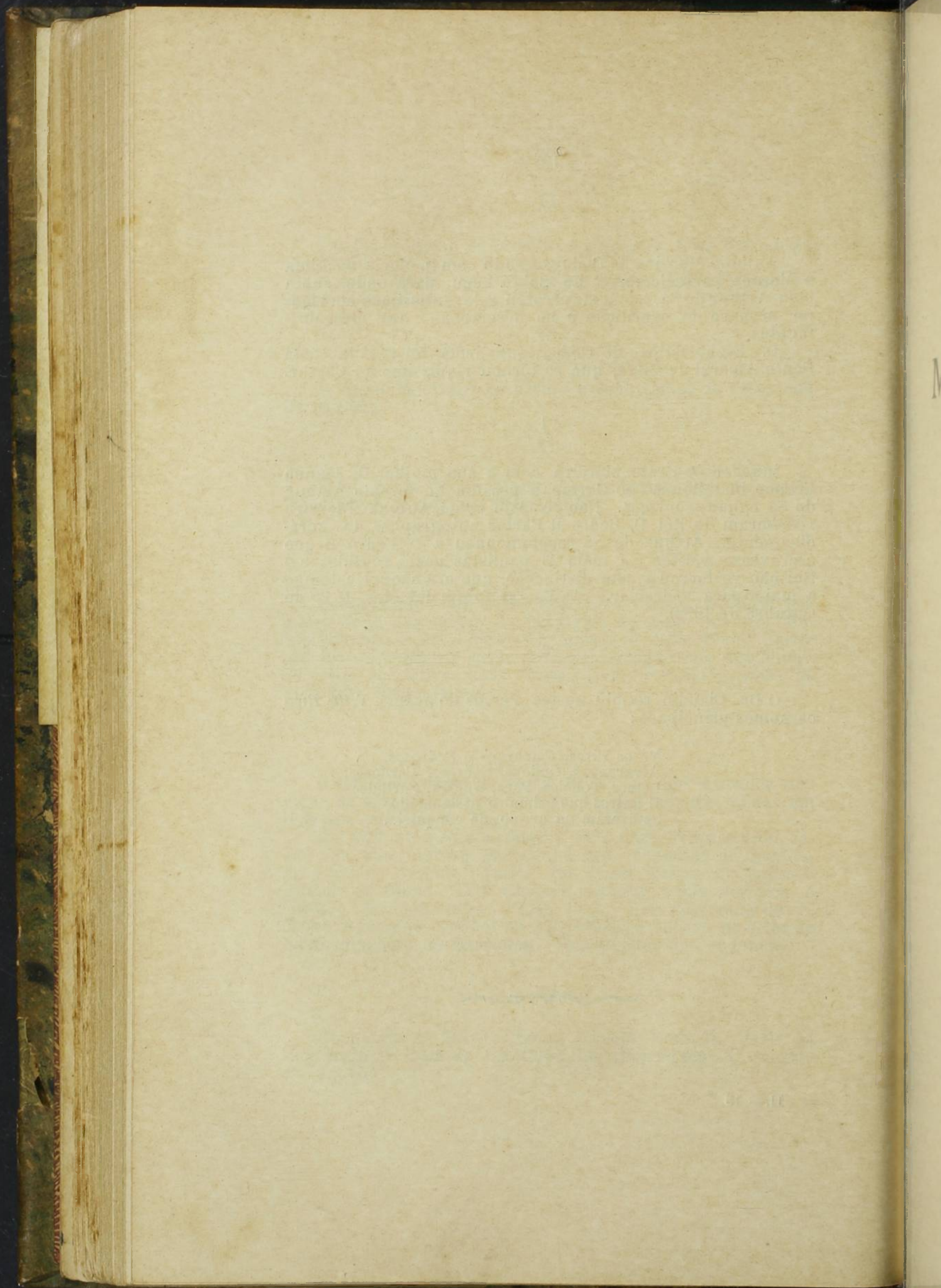
Innocencio Preto Moreira com a sua mulher D. Joanna Franco, installou-se no Carmo, e prestou ao mesmo Arthur de Sá eguaes serviços. Não só este como Antonio Moreira receberam do Rei D. Pedro II Cartas autographas de agradecimento. Arthur de Sá recommendou a D. Pedro II que escrevesse a estes e a mais 23 paulistas neste sentido; e o Rei não se forrou á esta distincção, que era naquelle tempo a maior para se desejar. (As Cartas foram datadas de 20 de Outubro de 1698).

22

O Dr. Claudio reuniu nestes versos do poema *Villa Rica* os nomes principaes:

> Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,
> Alvarengas, Godoys, Cabraes, Cardosos,
> Lemes, Toledos, Paes, Guerra, Furtados
> E outros que primeiro assignalados
> Se fizeram no arrojo da conquista.

HISTORIA ANTIGA

DAS

MINAS GERAES

(1703-1720)

LIVRO SEGUNDO

Laudamus veteres, sed nostris utimur annis,
Mos tamen est œqué dignus, uterque coli.

(Ov. Faust. L. 1, v. 225)

1.ª PARTE

2.ª PARTE

HISTORIA ANTIGA DAS MINAS GERAES

1703--1720

PRIMEIRA PARTE

Os Emboabas

CAPITULO I

O NATIVISMO

Em nosso primeiro livro da *Historia Antiga das Minas Geraes* fizemos a promessa de dar em seguida a lume a historia dos *Emboabas*. E' o que fazemos nestas paginas, augmentando-a com a narrativa dos factos succedidos até 1720, periodo memoravel do Conde d'Assumar, no qual ainda se encontram effeitos da famosa dissenção dos Paulistas e Forasteiros.

Antes, porém, de encetarmos a materia, convém buscal-a nas suas origens, isto é: no modo como foi o Brasil colonizado.

Dividido para ser povoado em *provincias* separadas e independentes, o Brasil nunca foi por laço algum de solidariedade associado entre suas partes no regimen colonial. O proprio governo geral, estabelecido com Thomé de Sousa na Bahia, jamais outra missão recebeu, que a de vigiar as cos-

tas contra possiveis invasões extrangeiras, e a de reprimir no interior a hostilidade dos indigenas, cuja audacia crescia, á medida que os francezes e castelhanos com elles se relacionavam, e os dirigiam no ataque aos nossos povoados.

Salvo, pois, na capitania da séde, onde os governadores geraes exerciam de pleno direito as attribuições de capitães generaes, como quaesquer outros nas suas respectivas circumscripções, nenhuma acção administrativa, nenhum poder hierarchico em outras lhe era dado intentar; pois pertenciam todas com seus regimentos á donatarios verdadeiramente autonomos, senão soberanos, em virtude dos foraes. Estes donatarios no empenho de sua maior independencia, e para se não limitarem no poder absoluto e nos interesses, que personificavam, fugiam de relações com os vizinhos; e acirravam, á medida do possivel, as rivalidades atavicas e os odios separatistas das tribus, quiçá inimigas, que formavam a base do povoamento. Tantas patrias assim se crearam, quantas as colonias.

Por outro lado, a raça dominante, pequena em numero, mas forte pelo poder intenso de que dispunha, erigindo os aldeiamentos, e nestes os seus vastos latifundios, póde-se dizer, não era só de capitania á capitania, senão de villa á villa, e de aldeia á aldeia, que no intuito de extremar o concurso dos indios, instrumentos de sua força e de suas riquezas, incrementava o fermento dos rancores inveterados, oriundos ainda do estadio selvagem. E tão aceradas neste ponto as idéas ficaram, que mesmo entre paulistas e taubatenos a guerra nas Minas se teria declarado pela posse dos terrenos, si de prompto não surgissem os forasteiros, inimigo commum, que os amedrontou e uniu.

Mas nem se deve extranhar um tal estado de isolação, si era mesmo do Reino, que lhe provinha o exemplo. Formado de senhorios e concelhos autonomos, cada qual trazendo a sua historia particular das vicissitudes da Peninsula, mórmente nas regiões em que os Arabes deixaram livre todo o governo local, fracções entrelaçadas pelo terror e pelo odio de inimigos externos, o Reino fabricado aos poucos e aos pedaços, cimentou-se pelo interesse commum symbolizado na corôa, mas nunca deixou de ser uma federação de districtos fundidos pela politica e nacionalizados pela historia.

Consequentemente, embora mais tarde as capitanias foram incorporadas á corôa, nem por isso andou susceptivel de melhor typo o systema colonial. Passaram ellas ao governo directo do Rei, mas na fórma porque de antes existiam.

De mais, se uma tão grande parte do continente se estendia sobre o norte, a meio caminho de Lisboa, não era razoavel crear-se outro centro dirigente para o qual gravi-

tassem as capitanias, além do centro natural e politico de todo o imperio, que se ampliava pelo mundo, Lisboa.

Não se tendo, sobretudo, concebido ainda esta idéa abstracta e consolidaria de patria, que hoje nos congrega acima dos horizontes visuaes, e dos sentimentos naturalistas, pouco importa accusar-se a gente paulista daquellas éras por considerar forasteiro, seu quasi inimigo *(hostis)* o natural de outras provincias. E assim sendo, posto não tivessem direito, comprehende se a razão, porque os moradores entendiam pertencer-lhes o dominio exclusivo das minas por elles descobertas e povoadas no sertão adstricto aos destinos de sua patria. (1)

II

O MONOPOLIO DAS MINAS

Descobertas effectivamente, como foram, as minas no no sertão de Taubaté, e por aventureiros, que pelas achar sacrificaram cabedaes e vidas sem conta, desajudados e sem subsidios, nem mesmo da Fazenda Real, conjecturavam fosse o caso de lhes pertencer em pleno dominio a propriedade dellas, tanto mais, que invocavam a seu favor o desposto na Carta Regia de 18 de março de 1694, dirigida a D. João de Lencastre, Governador Geral do Brasil.

Essa carta, modificando o anterior systema de promessas e mercês, abonava a quem descubrisse minas abundantes de ouro ou de prata, além do fôro de fidalgo e o habito de uma das tres ordens, a propriedade plena dellas, com a condição unica de se pagar do mineral extrahido, o quinto á Sua Magestade.

Tinha o Soberano em mente reanimar os sertanistas a emendarem tantos sacrificios já feitos; e, como a corôa exhausta de meios não podia concorrer para taes emprehendimentos, lançava mão de promessas de maior tomo, a ver se

---

(1) De duas origens vinham os forasteiros: *reinóes* — os que haviam nascido em Portugal ou nas Ilhas: *bahianos* — os que haviam nascido na Bahia ou em outra capitania do norte do Brasil.

Os reinóes, como vinham usando de calças compridas, ou polainas, que cobriam o peito dos pés, os paulistas por zombaria os chamavam *Emboabas*, que queria dizer — *pintos calçudos*. Os indigenas chamavam *Mbuãb* as aves, que tinham pennas até os pés.

O *M* no principio das palavras tinha o som de *em* ou *um*, sem fusão das duas letras; de onde sahia essa pronuncia, aspirando-se a voz dos labios para dentro da bocca.

conseguia da iniciativa particular o resultado, que desejava. (1)

Já não se tratava, porém, de minas incertas, occultas ainda no sertão, e a esmo de taes aventuras, senão de descobrimentos já encetados. E pois não se podia ampliar á collectividade a mercê, que se propunha, como premio offerecido ao esforço individual. Mesmo que ainda não estivessem descobertas taes minas, semelhante interpretação seria contraproducente, pois nenhum sertanista se abalançaria aos trabalhos e perigos da empresa para ver exposto depois ao commumnismo o fructo de seus commettimentos.

Contra estas objecções, os agitadores, como não n'as podiam contestar, tentaram obter um meio termo, que se resumia em mandar o Rei destribuir as datas na fórma commum do Regimento, mas em favor sómente dos paulistas.

Agradando a todos esta proposta, que justa e conciliadora lhes parecia, foi levada á uma junta, que convocaram e se fez no dia 19 de abril de 1700. Reunida com effeito a nobreza com o povo nesse dia, e na casa da camara de S. Paulo, ficou assentado que se representasse aos officiaes da mesma camara a conveniencia de se entenderem com o governador Arthur de Sá, que por lá andava em diligencias, organizando a sua expedição; e pedirem-lhe, que entre outras mercês alcançasse do Rei o deferimento da que desejavam sobre o monopolio das minas.

Não sabemos que destino os officiaes da camara deram á tal petição; tão pouco si Arthur de Sá chegou a recebel-a ou si a enviou á Sua Magestade. O que sabemos é que as datas continuaram a ser distribuidas, quão de ordinario, segundo o Regimento em vigor, e que Arthur de Sá ajustou tudo quanto fez, tirando-o das forças prestabelecidas nas cartas de 24 de novembro de 1698 e 13 de janeiro de 1699; pelas quaes Sua Magestade lhe confirmou as faculdades já concedidas aos seus antecessores, Antonio Paes de Sande e Sebastião de Castro Caldas. Nenhum acto positivo, pois, denota, que a junta de 19 de abril tenha logrado o effeito de suas deliberações, nem conseguido o que almejavam os paulistas.

Entretanto, si despachos directos não baixaram a bem do que estes solicitavam, os actos subsequentes vieram de molde a persuadil-os da boa vontade do Rei em cercal-os de privilegios muito mais praticos e certos no uso e goso dos seus descobrimentos.

---

(1) Na carta, porém, S. M, declarou: «mas deixareis dependente de minha resolução o dar-se por certo e rica a mina para que então haja de ter effeito a mercê.»

Como succede sempre nos paizes, em que surgem mananciaes preciosos e abundantes, as populações se agitam, as industrias normaes se desapparelham; tudo, emfim, se subverte; assim no Brasil o phenomeno subiu de ponto, e no repente de um anno. As provincias littoraneas ficavam desertas, e as lavouras abandonadas. A propria camara de S. Paulo, a iniciadora mais enthusiasta dos descobrimentos, para logo se sentiu victima das consequencias, e não hesitou em pedir ao Rei que mandasse parar com o trabalho das minas em vista da falta que estavam fazendo os indios. As lavouras estavam, dizia a camara, em abandono; e por todas as villas e aldeias se alargava o ermo. E tudo isto já se via em meiados do anno de 1701! (1)

Ameaçado do mesmo, senão de muito maior damno, a Côrte via o territorio do proprio Reino. Bem antes, pois, de receber a representação da camara de S. Paulo, já Sua Magestade, em carta de 7 de fevereiro de 1701, havia ordenado ao governador Arthur de Sá, que não permittisse a entrada de mais gente para as Minas. Os infractores desta ordem, achados em caminho, Arthur de Sá os prendesse e punisse com penas severissimas de carcere e deportação, além de lhes sequestrar a fazenda.

Insistindo nas mesmas disposições a carta de 9 de dezembro de 1701, mandou que se fechassem ao commercio os caminhos conducentes á Bahia, medida esta que o Governador Geral de lá havia provocado tambem com a denuncia, que enviou á Côrte, dando conta do insolito contrabando, que então já se fazia por aquellas passagens. Ora por estas e outras ordens, que adiante mencionaremos, os paulistas, vendo-se dellas excluidos, cahiram na illusão de pensar que o Rei os favorecia, como desejavam. E, visto que para executarem as ordens, os governadores delles se serviam, o facto é que passaram a considerar os forasteiros, como classe odiosa de infractores dignos de castigo. Eram então os paulistas, como primeiros povoadores, dominantes em toda a linha. Occupavam os postos e officios, providos por Arthur de Sá, encarregados, portanto, da perseguição aos forasteiros. Ao passo, pois, que viam resolvida praticamente a seu favor a posse do districto, davam largas aos sentimentos naturaes de dominio contra os turbadores intrusos.

III

CONTRA OS FORASTEIROS

Arthur de Sá emtanto era o menos proprio para pôr em pratica semelhantes Ordens Regias.

---

(1) Veja-se a Carta Regia de 9 de dezembro de 1701.

Sagaz e previsto comprehendia bem ser inexequivel todo o esforço tendente a impedir a entrada de tanta multidão alvoraçada pela noticia, ainda quente, dos descobrimentos espantosos, que se ainda faziam, principalmente em direcção do norte mais proximos á Bahia.

Além disso, tinha sido elle o principal animador da invazão, quando, erigindo os povoados, facilitou a entrada de tantos colonisadores. Temendo que aos novos arraies, apenas improvisados, o mesmo succedesse então, como havia succedido aos anteriores do Carmo e da serra de Ouro Preto, aos quaes a fome os devastou em menos de um anno, foi seu maior cuidado extender os caminhos do sertão do S. Francico e da Bahia, afim de importar por elles o gado e o peixe secco; pois, ainda que impuzesse aos donatarios de minas a obrigação de plantarem cereaes e legumes ao lado das lavras, contava que a cobiça do ouro não deixasse occasião a grandes culturas; e que, sendo mattas as regiões, por onde se erigiam os povoados, não houvesse campo, em que se creassem os rebanhos necessarios.

Viu-se, portanto, na angustiosa alternativa, ou de obedecer ás Ordens do Rei, ou de ser incoherente, punindo os mesmos, que por sua iniciativa foram attrahidos á exploração e ao commercio das Minas.

Tomou por isso uma resolução evasiva, que foi a de mandar publicar as Ordens Regias sómente na vespera de sua retirada das Minas, com o que nem se comprometteu aos olhos do povo, nem se arriscou a chegar á presença do Rei, accusado de omisso nos deveres do cargo. Effectivamente a 26 de Junho (1702) assignou e mandou publicar o seguinte Bando:

«Porquanto sua Magestade a quem Deus Guarde, foi servido mandar por sua Real Ordem, prohibir todo o commercio do sertão da Bahia para este, e deste para a Bahia, por assim convir a seu Real serviço, e por que dos sertões da Bahia e Pernanbuco (1), tem vindo algumas pessoas, pouco observantes desta Ordem e se acham nestas Minas, ordeno e mando que toda pessoa de qualquer qualidade, estado, ou condição, que seja, dentro do termo de quatro dias sejam despejados sobre as ditas Minas pelo caminho do Rio de Janeiro, com a pena de 10 mil crusados pagos da cadeia, e 3 annos de degredo para a Nova Colonia; e outrosim as pessoas existentes nas Minas de uma e outra repartição (2), que pois tratar com alguns dos sobreditos em fazenda de

---

(1) A divisa de Pernambuco vinha até o Carinhanha.

(2) Uma e outra repartição se dizia em referencia as Minas do Rio das Velhas, — ás do Carmo e Ouro Preto, duas regiões administrativamente distinctas.

qualquer genero e valor, que seja, vinda da parte da Bahia incorrerão no valor tres dobro, em que for avaliada a dita Fazenda, da mesma sorte, que o vendedor, o que tudo será para a Fazenda Real; e ordeno aos officiaes de guerra, fazenda e justiça façam dar execução a este Bando inviolavelmente, e do contrario ficam inhabilitados de todos os despachos e honras, que Sua Magestade poderia fazer, e perderão os postos e officios, que tiverem. E para que chegue ao conhecimento de todos se publicará este ao toque de caixa, etc.»

Tendo Arthur de Sá dado posse no Rio a seu successor D. Alvaro da Silveira e Albuquerque, no dia 15 de Julho, é claro que este Bando, datado de 26 de Junho, foi acto de ultima hora no Sabará; e a Ordem de 9 de Dezembro, visto como devia ter chegado a suas mãos pelo menos em Abril, claro tambem é que ficou retardada. Arthur de Sá, portanto, como acima se disse, não n'a quiz executar tão brusca e descabida foi a reviravolta operada na politica da Côrte, que em vez de canalizar e dirigir com proveito o curso dos acontecimentos, tentou ineptamente paraliza-los, e num paiz governado a duas mil leguas de distancia.

IV

MEDIDAS REPRESSIVAS

D. Alvaro da Silveira, sem compromissos, ou por muito recommendado que veiu, ou por que quizesse agradar á Corte, logo que levantou a mão de outros cuidados, descarregou-a sobre os forasteiros. E' assim que sem demora dirigiu ao Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno, Administrador e Provedor das Minas da Repartição do Nascente do Rio das Velhas (Carmo e Ouro Preto) o seguinte officio: «Bem presente é á Vmce, o aperto com que Sua Magestade, a quem Deus Guarde, manda prohibir não se communiquem as Capinias da Bahia e Pernambuco com as Minas pelos sertões, recommendando-me a mim a promptissimo execução da Real Ordem de 7 de Fevereiro, e que ordene ao Administrador e Provedor das Minas examine, se nellas entram alguma cousa, das ditas Capitanias, e porque não são bastantes todas as deligencias, que se fazem, e ora chegue ao meu conhecimento a noticia, que passaram ás Minas João Correia, o Alferes João de Araujo Costa, e Estevão Ferreira com comboios consideraveis de negros, fazendas seccas, e outros generos comestiveis, que todos vão da Bahia, sem embargo do Bando, que o Governador della mandou publicar, prohibindo a passagem, logo que Vmce. receber este mandará fazer pelas pessoas de sua jurisdicção e a qualquer outra a quem puder

mandar, ordene toda diligencia com o maior cuidado, que for possivel para as ditas pessoas, e logo que forem achadas, as prendam e sequestrem tudo o que levam de qualquer genero, que seja, e remettam para o Rio de Janeiro. »

Igual officio dirigiu D. Alvaro ao Tenente General Manoel de Borba Gatto, Administrador e Provedor das Minas do Poente do Rio das Velhas (Sabará e outras). Ambos estes officiaes, o Bueno e o Borba, eram cumulativamente Regentes das respectivas Repartições, e pois nestas dispunham tambem de todo o poder politico e militar.

Os indios do Piracicaba, desde o tempo, em que o Borba refugiado por lá andou, e viveu com elles, tinham aberto uma picada a sahir no Espirito Santo, caminho que nunca mais se fechou.

Logo que se espalhou no littoral a fama dos descobrimentos, começaram a subir por esse caminho centenas de forasteiros, não sómente os naturaes do Espirito Santo, mas tambem os do Norte, desde que ficaram prohibidos e arriscados os caminhos da Bahia.

Havia tambem D. Alvaro ordenado ao Capitão Mór de S. Vicente, que não consentisse desembarcarem em Santos novatos intencionados a passarem ás Minas, os quaes deveriam logo saguir dalli mesmo deportados para a Nova Colonia do Sacramento.

Como, pois, o caminho do Espirito Santo, unico sem vigilancia, estava servindo ao desporto da invasão, D. Alvaro officiou ao Capitão General Governador da Bahia D. Rodrigo da Costa recommendando-lhe medidas repressivas; e em nome do Rei exigiu, que não consentisse partida por aquelle caminho de forasteiros, os quaes em verdade infestavam os sertões e tumultuariamente escalavam os novos ribeiros do Piracicaba. e de certas outras paragens ainda não manifestadas. (1)

Quanto ao lado da Bahia o Governador D. Rodrigo da Costa tinha ordenado pelo Bando, acima referido, que presos fossem os livres, confiscados os escravos, e deportados para Angola os militares encontrados em caminho das Minas. Ora, toda esta serie de Ordens e officios, completou-se com a de 24 de Setembro de 1704, pela qual Sua Magestade, querendo vibrar um golpe decisivo, mandou, que fossem encarcerados todos os forasteiros, que se encontrassem no Districto das Minas, e deportados os militares, que sem licença por aqui andassem.

---

(1) D. Alvaro officiou ao Rei em data de 15 de Setembro de 1702, e a 16 de Setembro a D. Rodrigo da Costa a respeito do caminho do Espirito Santo.

Amainando, emtanto, o rigor das primeiras Ordens, S. Magestade havia permittido por Carta de 5 de março de 1703, que pudessem entrar os que pedissem e obtivessem licença do governador; e pela de 13 de junho desse mesmo anno determinou o numero de escravos, que os paulistas poderiam introduzir.

O abuso, porém, das licenças cresceu de modo, que pela nova Ordem de 6 de fevereiro de 1705, se declarou, que só a pessoas de qualidade fossem concedidas.

Por toda esta furia de Ordens, bem claro é que o soberano teve em vista moderar e corrigir o movimento perturbador, no intuito de restringil-o a proporções toleraveis; e como por outra não se haviam descoberto ainda minas estaveis, senão porém as de lavagem, a Côrte se alarmou na crença, que facilmente se extinguiriam aqui os depositos, como estava succedendo nas regiões do sul, em Paranaguá, Coritiba, e outras paragens.

Neste caso a Fazenda Real nenhum resultado tiraria destas novas regiões: e dada a deslocação do povo, em taes proporções, que nunca se viram, o menos que tinha de ficar em resultado, seria a geral subversão dos logares antigos em ruinas completas; sem se fallar na enorme multidão, internada por sertões estereis, retrogradada á barbaria.

Pelo officio de 20 de maio de 1698, dirigido á S. Magestade por Arthur de Sá, deprehende-se a anciedade da Côrte em perguntar pelas novas minas, se eram ricas de facto e duraveis por muitos annos. Ora, até 1704, persistia esta duvida, não obstante a incomparavel riquesa dos cascalhos conhecidos. Só desse anno em deante, quando de facto se descobriram as camadas e veeiros da Serra de Ouro Preto, mostrando formações regulares e de nunca vista fertilidade, é que ficaram crendo no resultado final, e no futuro das Minas. E só então o Rei, attendendo á sua propria impotencia para obstar a expansão do povoamento, resolveu a questão derrogando as Ordens prohibitivas, e franqueando os caminhos (1705). Deante desta nova politica, os paulistas, que se presumiram defendidos na pretenção de serem previlegiados sobre o uso e goso das minas, sentiram-se vencidos.

Reconcentraram o seu odio, agora ferido, e como já não contavam com o braço forte do Rei, entraram a excogitar os meios de vingança, alimentando na fantasia a idéa brutal de lançarem por violencia fóra das Minas os seus adversarios.

CAPITULO II

1.º

A GRANDE INVASÃO

A respeito da grande invasão no districto das Minas exprime-se Antonil, historiador contemporaneo: «Cada anno vem nas frótas quantidade de portuguezes, e de extrangeiros para passarem ás Minas. Das cidades, villas, reconcavos, e sertões do Brasil vão brancos, pardos, pretos, e muitos indios de que os paulistas se servem. A mistura é de toda a condição de pessoas, homens e mulheres, moços e velhos, nobres e plebeos, ricos e pobres, seculares e religiosos de diversos institutos, muitos dos quaes não tem no Brasil nem conventos nem casas».

Em referencia ao mesmo assumpto Simão Pereira Machado em 1733, no *Triumpho Eucharistico*, dizia: «A exuberante copia de ouro destas minas deu logo estrondoso brado, cujos echos soaram nos mais distantes e reconditos seios da America... em breve tempo das cidades e logares maritimos sobreveio innumeravel multidão... Os mesmos echos levados nas azas da fama sobre os mares voaram á Europa... viu-se em breve tempo transplantado meio Portugal a este emporio já celebre por todo o mundo...»

Tendo a invasão sido assim, facilima será a idéa, que devemos formar da confusão e da desordem provenientes de uma tal confluencia de povos, atirados sem lei, nem auctoridade alguma sobre o territorio das Minas, tanto mais que Arthur de Sá havia-se ausentado, e com elle a força militar de sua guarnição. Os officiaes e regentes, que aqui deixou, reduziram-se a verdadeiros simulacros, dispondo apenas do poder proprio e pessoal de potentados, que já eram em todo tempo.

Antonil que viajou nas Minas, logo em seguida á Arthur de Sá, descreve-nos a situação, dizendo: «Convidou a fama, das minas tão abundantes do Brasil, homens de toda casta e de toda parte, uns de cabedal, outros vadios. Aos de cabedal, que tiravam muito delle nas catas, foi causa de se haverem com altivez e arrogancia e de andarem sempre acompanhados de espingardeiros, de animo prompto a executarem sem temor algum da justiça grandes e estrondosas vinganças. Convidou-os o ouro a jogar largamente e a gastar em superfluidades quantias extraordinarias sem reparo. Os vadios que vão ás Minas tirar ouro, não dos ribeiros, mas dos canudos, em que os ajuntam os que trabalham nas catas, usa.

ram de trahições lamentaveis e de mortes mais que crueis, ficando estes crimes impunes, sem castigo, porque nas Minas justiça humana não teve ainda tribunal nem respeito. »

Como é bem de se considerar: aquella multidão entrou, invertendo a sociedade pela base: pois, visto que o ouro não escolhia favoritos, creou mandões, que emergiram da infima camada, perante os quaes toda auctoridade publica desappareceu para largar espaço á uma demagogia, feroz e brutal.

Executou-se então, como de uso, um codigo de sangue, pelo qual se punha á morte qualquer infeliz, que commettesse uma falta, se assim o offendido o entendesse. (1) Menos desditoso era o povoado, que ficasse em poder de um Regulo pouco injusto e mais humano.

Descrevendo este periodo assim se exprime o Capitão Mór Silva Pontes (compilação de Bento Fernandes:) « Como o « Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno não podia des- « empenhar a delegação civil e criminal, sem subalternos « constituidos nos differentes districtos povoados: o go- « verno do Paiz ficou reduzido á tantas governanças pa- « triarchaes, quantos eram essses districtos: recorrendo os « moradores nas suas depencias e desavenças aos seus po- « derosos: e dando estes as decisões das duvidas, segundo « dictava o amor ou o odio, que professavam ás partes li- « tigantes. A consequencia immediata desta anarchia, foi di- « vidir-se mais facilmente a sociedade em dous partidos, a « saber, os reinóes de um lado e os paulista de outro lado. « O orgulho e a ambição presidiram em geral as pretenções « do primeiro partido, a consciencia dos serviços prestados, « e a pertinacia nas opiniões animavam o segundo. Houve « comtudo excepções posto que raras nos caracteres geraes « de ambos os partidos ». Neste mesmo topico, Bento Fer- « nandes lamenta o orgulho de alguns paulistas e sobre tudo a ferocidade da plebe de Bastardos e Carijós.

* * *

« Os aventureiros que concorriam ás Minas, vindos de varios pontos do Brasil, e de algumas provincias de Portugal principalmente, eram tão pobres (diz o Escriptor) que conduziam ás costas quanto possuiam. Graças, porém, á caridade dos paulistas, logo que entravam, uns achavam cama e mesa nas casas destes descobridores: outros recebiam o

---

(1) Caso de morte publicamente executada era violar a fé da concubina, se o offendido não preferia açoitar solemnemente o culpado. Era o adulterio da epocha.

mantimento sómente; mas todos elles obtinham introducção nas lavras, até que ajuntando algum ouro se habilitassem para viverem ás suas expensas.»

Este trecho, porém, não se entenda senão para os pri-primeiros tempos da descoberta e do povoamento; pois ainda que a philantropia dos paulistas não se alterasse, Antonil já em seu tempo nos descreve a desordem geral produzida pelos vadios. (1) Sabemos além disso, que logo nos primeiros annos muitos novatos subiram a effeito de mascatear, e foi justamente nesses principios de 1701 — 1705 que as Minas se encheram de taes mercadores, que aproveitaram o bom tempo dos ribeiros, quando o ouro emergia a permeio das areias e cascalhos. José de Goes, Paschoal da Silva, Manoel Nunes e outros foram mascates, que amanheceram nas Minas.

Os paulistas, pouco inclinados ao commercio, despresavam sobre tudo o ambulante: e nada se importavam que se enriquecessem os mascates, não obstante ajuntarem estes grade cabedal, explorando os vicios e a luxuria mais que a necessidade dos mineiros. Demais, o que os paulistas em demasia odiavam eram o elemento bahiano; visto serem os reinóes nação dominante, e facilmente se assimilarem. Quando, porém, de 1705 em diante, as lavras de alluvião escassearam, e foi mister transformar o systema da mineração por serviços em terra firme, obrigados a desmontes e regos de grande custo, os reinóes, que já então vinham livremente entrando, e cujo numero excedia aos empregos do commercio, passaram a ser mineiros.

Acima dos Paulistas gosavão da vantagem de ser conhecidos e amparados pelos compatriotas opulentos das praças, maritimas, que lhes forneciam a credito instrumentos e escravos africanos, obreiros estes unicos, que podiam supportar as fadigas medonhas de tal industria deshumana e cruel como foi a das minas.

Em taes condições e em breve tempo as terras mais ricas, as regiões mais ferteis, ficaram pertencendo aos reinóes; e algumas outras tambem aos bahianos, que dispunham de iguaes elementos.

Entretanto, muitos senão todos os paulistas chegavam assim á rapida decadencia, e passavam a procurar novos ribeircs, largando os arraiaes e os lavradios, que haviam descoberto, ou refugiando-se na lavoura das roças. Tendo malbaratado as immensas riquesas de suas catas, viam com tudo e com pezar crescente, senão com mal contido despeito, o seu prestigio com o dominio do paiz passar ao poder de seus competidores.

---

(1) Isto entre os annos de 1704 — 1707.

Tendo-se desorganizado as grandes cazas de S. Paulo, os antigos magnatas ficaram nivelados com a plebe solta nas Minas. A velha divisão de raças cedeu á nova de ricos e pobres; na qual naturalmente rapido os fortes subiram em triumpho. Orgulhava-se a plebe de ver os seus iguaes levantados pela riqueza ás maiores alturas numa phase tumultuosa, em que a força prevalecia e dava leis. Cabecilhas improvizados, á frente de clientes façanhudos, estes novos potentados, de recente grandeza se impunham pelo terror a povoações inteiras, como os bandos da Edade-Media sedentos de riquesas e de ostentações.

Rarissimas eram ainda as familias nobres, que se haviam mudado para as Minas. A dissolução dos costumes domesticos não conheceu, portanto, nem pudor e nem limites. Foi a epocha do concubinato e dos bastardos: epocha, portanto, de animalidades sensuaes, de ciumes ferozes, e crimes quotidianos. A escravidão fornecia aos senhores e aos lupanares o alimento farto de mil impudicicias justificadas pelo habito.

A população do Districto já então orçava por mais de 30 mil almas. Os caminhos estavam livres e francos, as minas de dia a dia mais pingues, os mercados abundantes: tudo pois convidava a paixão de vir para logo enriquecer. Ora não foi senão a vista de tanta anarchia, que Antonil ousou exclamar: « Não ha pessoa prudente que não confesse haver Deus permittido, que se descubra nas Minas tanto ouro para castigar com elle o Brasil, assim como está castigando no mesmo tempo tão abundante de guerras os europeos com o ferro.» (1)

II

PRIMEIRO FACTO

Soltas, como vimos, as forças da anarchia, os dous partidos cada vez mais se extremavam: e factos, que em diversas conjuncturas não passariam de sediços, e communs, incorporavam-se agora como lenha á fornalha.

O primeiro, que assumiu o caracter nacionalista, teve logar na Ponta do Morro.

Viajando por alli uns carijós para S. Paulo, entraram a beber na venda de certo novato recentemente chegado do

---

(1) A guerra da Successão entre a França, Hespanha, Inglaterra, Hollanda, Portugal e Austria.

Reino. A rivalidade de paulistas e forasteiros servia então de thema assentado a todas as conversações; e pois os carijós começaram logo a fallar dos reinóes, aos quaes o novato, ainda pouco experiente, com raiva defendeu. Crescendo o ardor da altercação com a bebida, os carijós exaltados lançaram-se contra o portuguez, e o mataram. Fulminado o arraial com esta noticia, os patricios da victima armaram-se e partiram em persiguição aos assassinos; mas não os encontraram nos dous dias da batida, que fizeram. Quando, comtudo, voltaram ao arraial, já os moradores tinham-se reunido sem distincção de nacionalidades, e tambem determinado que se enviasse ao Rio de Janeiro uma commissão de procuradores, a effeito de pedirem a D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, então Governador, se compadecesse da situação, em que se achava o paiz do Rio das Mortes: e pois lhes mandasse auctoridades, que reprimissem os malfeitores e bandidos, que o infestavam.

O districto do Rio das Mortes era então a unico das Minas, aonde nem se quer semelhanças de autoridade haviam penetrado. Colonia feita depois que Arthur de Sá retirou-se, governava-se á lei da natureza. Entretanto, como estava a meio caminho do Rio e de S. Paulo, rapido foi o seu povoamento, logo que João de Siqueira Affonso descobriu-lhe mananciaes auriferos tão ricos, como se foram das Geraes. (1704).

Não podia D. Fernando destacar do Rio tropa alguma militar, graças ao medo em que vivia a Cidade, esperando a cada momento um assalto pelo mar.

Os francezes pela successão do throno d'Hespanha, em guerra com Portugal, eram elles, que não desistiam do velho sonho da França Antarctica. Como o Rei de Portugal se tinha alliado á Inglaterra, á Austria e á Hollanda, Luiz XIV tomou a si enviar por despique esquadras ao Brasil para conquistarem o Maranhão e o Rio de Janeiro.

Em vista de taes apuros, já D. Pedro II tinha enviado a D. Alvaro da Silveira a seguinte carta de 31 de Janeiro de 1703: «Porquanto a experiencia tem mostrado, que o Governador dessa Capitania com assistencia nas Minas, tem faltado necessariamente ao que deve fazer nessa cidade, da qual não se deve apartar sem occasião, que importe mais a meu serviço, me pareceu ordenar-vos não vades ás ditas Minas, sem especial ordem minha, assim vós, como os mais governadores, que vos succederem, salvo por um accidente tal, que não possaes esperar, e que se vos levaria em culpa, se a elle com promptidão não accudisseis; e para que seja esta presente a todos os governadores, que vos succederem, a mandareis registrar &.»

Em virtude desta ordem, portanto, não podia D. Fernando sahir tambem do Rio; e já vimos como não lhe era dado enfraquecer o presidio da Cidade, destacando tropas. O meio,

porém, de que lançou mão para satisfazer o pedido dos povos do Rio das Mortes, foi o mais acertado, nomeando para Regente do Districto com poderes descrecionarios o Capitão Mór Pedro de Moraes Raposo, paulista de grande supposição, homem sincero e muito respeitado, ao qual deu o regimento de 6 de Junho de 1706, em que dispoz : «1.° Fará tudo quanto se lhe ordenar : 2.° Alistará brancos e escravos para deffenderem o Rio de Janeiro : 3.° Cobrará os quintos e tomará contas aos Guarda Mores e Administradores das datas reaes : 4.° Administrará no Civel e no Criminal : 5.° Prenderá os assassinos e criminosos : 6.° Levantará um corpo de milicias com o privilegio de ordenança. »

Por essa mesma occasião o Governador, aproveitando o serviço, e sabendo das desordens, que tambem se multiplicavam na Serra de Ouro Preto, nomeou para Capitão Mór deste Districto a Francisco do Amaral Gurgel, a quem mandou observasse aquelle mesmo Regimento, que enviara a Pedro de Moraes.

A Ordenança era uma tropa de 3.ª linha creada por D. João IV, afim de guardar com elementos conterraneos as respectivas praças. Gosava, portanto, a ordenança de todos os privilegios e immunidades do exercito regular. O Capitão Mór, que dispunha de tal força, não podia temer pela ordem, e estava bem guarnecido.

Pertencia D. Pedro de Moraes Raposo a mais fina linhagem da nobreza paulista. Elle tinha subido na era de Arthur de Sa para as Minas, e ajudou a soccavar o Rio da Velhas, onde com seus parentes havia fundado o arraial de Raposos, por ventura o mais opulento daquella região.

A sua escolha para regente do Rio das Mortes, onde passou a morar desde que alli surgiram os novos descobertos, demonstra a integridade de seu caracter ; mas tambem é prova do accordo, em que ainda viviam os principaes na Ponta do Morro.

A victima era reinól, os matadores paulistas. Não obstante isso, a um paulista se constituiu no posto da auctoridade suprema em todo o districto. Foi Pedro de Moraes Raposo a primeira auctoridade, que pois se estabeleceu no paiz do Rio das Mortes, e com tanto zelo e capacidade procedeu, que em 1708 por provisão de 8 de Fevereiro, foi elevado a Superintendente do Districto, o mais alto grão da gerarchia judiciaria daquelles tempos.

Não devemos esquecer a circumstancia da desorganização geral, a que tinham chegado os mais districtos das Minas. O desembargador José Váz Pinto, que em 1702 subiu, como Superintendente, para installar o ministerio da Justiça no novo territorio, retirou-se para a Côrte em 1705, cançado, senão desanimado por medir os progressos da anarchia. Estava riquissimo e acertou por melhor amaviar a sua velhice nos ocios da patria. Arthur de Sá tinha-lhe

designado, como já vimos para substituto o Tenente General Borba Gatto na Repartição do Poente do Rio das Velhas e o Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno na do Nascente. Ambos nesta phase desenfreiada se retiraram. O Tenente General se recolheu a sua Fazenda do Paraopeba, onde já estava de residencia a sua Familia. O Mestre de Campo, deixando as pingues lavras que tinha na Serra de Ouro Preto, retirou-se para S. Paulo.

E assim, só o Capitão Mór Pedro de Moraes a esse tempo exercia no ambito das Minas o seu honroso cargo.

III

CONFLICTOS NO CAHETÉ

Se na região do Rio das Mortes acalmaram-se as cousas, graças á energia e á circumspecção do Regente, nos demais logares das Minas foram de mal a peior.

No Cahetê, principalmente, os bahianos tinham o seu maior agrupamento, onde dispunham de pessoal poderoso e rico; mas era por isso mesmo o arraial, em que ferviam mais as intrigas, e as dissenções partidarias, residencia tambem de paulistas apaixonados e prepotentes. Já andando alli os animos em chammas, e casos havendo, que com difficuldade se dissimulavam, um delles determinou finalmente o rompimento da guerra. Estando com effeito em um Domingo, á porta da Igreja, esperando a Missa, Jeronymo Pedroso de Barros e seu cunhado Julio Cesar Moreira, ambos apotestados, viram passar em frente um forasteiro, que na fórma do costume trazia a tiracollo a sua espingarda. O valor dessas armas foi tal n'aquellas epochas, que o plebeu, possuindo a sua, enchia-se e vangloriava-se: e por isso o forasteiro, senhor de si, passava em ar de soberba.

Enfureceram-se os dous paulistas, percebendo o acinte; e saltaram aos peitos do arrogante em altos gritos, exigindo lhes entregasse a clavina, que diziam tel-a furtado. Entrementes chegavam muitos á Igreja, e aos clamores do aggredido acudiram em seu soccorro, tendo á frente Manoel Nunes Vianna, cabeça dos renóes, e o mais poderoso caudilho das Minas.

Espirito ardente, mas penetrante, Manoel Nunes comprehendeu logo o perigo do momento, e tratou de acalmar os animos, dando com bons modos aos paulistas o seu testemunho sobre a injustiça, que faziam; pois de propriamente certificava ser a espingarda do forasteiro, e não furtada como diziam. As maneiras de Manoel Nunes, a se-

renidade com que fallou, influiram no tom dos paulistas a maiores improperios contra os forasteiros. Tomaram por medo o que foi acto de simples prudencia; e avançaram de palavras sobre palavras até o desafio. Arrebatado então pelos insultos Manoel Nunes sem trepidar os chamou a campo; mas a luta, a pique de se travar, foi felizmente contida pelos circumstantes. Jeronymo Pedroso, reconhecendo a sua sem razão, retirou-se para casa: e Manoel Nunes cercado de amigos permaneceu no adro da Igreja e ouviu a Missa. Não faltaram logo imprudentes, que foram á casa de Pedroso tecer com elle mexericos diabolicos. Os reinóes, diziam os intrigantes, festejavam aquelle triumpho, e soltavam gargalhadas á covardia dos paulistas.

Pedroso, que já de si para si remoia-se triste do papel, que fizera, cahiu em grande abatimento, abafando a sua colera. A consequencia foi, que os parentes e amigos fustigados pela vergonha, que nenhuma outra havia maior que um homem se acovardar, colligaram-se para o feito da desforra. Verdade ou não, o certo é que correu de plano o boato de estarem os paulistas ajustados para darem uma noite na casa de Manoel Nunes, e botarem alli tudo e todos a ferro e fogo.

Alcunhado Pedroso, por alteração vulgar do sobrenome Poderoso, era Jeronymo filho de Pedro Vaz de Barros, cognominado o Vaguassú (Váz Grande), e de sua mulher D. Margarida Leite de Mesquita. Esta por sua vez era filha de Domingos Rodrigues de Mesquita (natural de Monsanto) e de D. Maria Leite, irmã do Governador das Esmeraldas o Grande Fernão Dias. A mulher de Jeronymo Pedroso, D. Maria Perez Moreira, era filha de Diogo Gonçalves Moreira, fidalgo portuguez, e de D. Catharina de Miranda, da familia Camargo. Por estes traços genealogicos comprehenderemos de feito, quanto orgulho alli não ficou espesinhado! Além disso Jeronymo Pedroso foi dos primeiros, que subiram para o sertão; e nós o vimos em 1701, fazendo descobrimentos na região do Caheté. Releve-se-lhe tambem a dôr de se ver batido e supplantado na terra, que ajudou a desbravar com tantos sacrificios seus e de seus antepassados.

Manoel Nunes Vianna, era plebeu, natural de Vianna do Minho, e filho de Antonio Nunes Viegas. Estando ainda na puericia veiu para o Brasil, recommendado a um parente rico mercador da Bahia, onde encetou a vida de trabalho, como caixeiro. Tão docil como intelligente, e tão intelligente, como insinuante e amavel, fez-se logo estimado e a nenhum companheiro ficou a dever nos segredos do officio. Com as noticias do sertão madrugou no caminho das Minas, trazendo um rico e abastecido comboio de generos para o mercado, onde triumphou por sua inexcedivel aptidão. Amaneirado em extremo para tratar com freguezes, adquiriu immediatamente a confiança e a estima de

todos. Novato apenas houve que não lhe devesse a protecção e auxilios: e paulistas ou forasteiros nenhum tambem que em vão recorresse á sua bolsa, e a quem não se prestasse, quando solicitado. Na epocha de Antonil já se lhe calculava a fortuna em volta de 50 arrobas de ouro. Possuia lavras fertilissimas á legua e meia distante do Caheté, nas abas da Serra da Piedade; e outras em sociedade com seu primo e amigo Manoel Rodrigues Soares, em Cattas Altas. Tinha Fazendas de crear no Jequitahy, no S. Francisco, e na Jacobina. Procurador tambem de D. Izabel Maria Guedes, filha do Capitão Antonio Guedes de Brito, e viuva do Capitão Antonio da Silva Pimentel, governava por ella as paragens vastissimas de seu patrimonio no valle do S. Francisco. Riquissimo, pois, e apotestado, dispondo de ouro ás arrobas, e de uma clientella numerosa e dedicada, prodigio de actividade, sagacissimo... era, emtanto, a quem os paulistas projectavam atacar de subito e em segredo! Dos proprios conjurados lhe sahiu porém o aviso de toda a conspiração; e não precisou mais que de um momento para os esperar de prompto e alerta.

* * *

Casa de potentado naquelles tempos anarchicos era um verdadeiro castello de armas. Manoel Nunes dispunha de um arsenal completo. Seu unico trabalho foi convocar e pôr a sua gente em ordem. A sua numerosa escravatura, só ella, formava uma legião de combatentes sob o commando do negro fiel, que passou a historia com o alcunha de Bigode, valente como as armas. A immensa popularidade de que dispunha encheu-lhe a casa de amigos. Os forasteiros do Sabará e do Rio das Velhas marcharam tambem á defendel-o e se uniram com os do Caheté. Diante deste movimento estrepitoso, o terror da guerra invadiu os paulistas; e os principaes destes, sahindo das Roças e lavras para o arraial, ajuntaram-se em conselho, e trataram de socegar os animos. Muitos eram amigos particulares de Manoel Nunes; e pois a elle se dirigiram no interesse da paz. Combinado um ajuste, lavrou-se deste o termo, pelo qual de ambas as partes se estipularam condições, tendentes ao restabelecimento da harmonia. Os partidos se obrigaram a depôr as armas, e todos protestaram viveriam em socego, cada qual tratando de seus negocios, e na maio e gualdade, como vassalos do mesmo soberano. Manoel Nunes intimamente não desejava outra cousa. Elle tudo tinha a perder e nada a ganhar com a guerra. Ambicioso e trabalhador queria antes engrossar seus cabedaes, que vel-os devorados em lutas estereis. Feito pois o ajuste, que formalmente foi sellado por juramento de ambos os lados, dispersaram-se os com-

batentes. Jeronymo Pedroso, que com sentimentos desvairados votava pela guerra, teve de ceder; e partiu para a sua Fazenda do Itatiaiassú, de onde só o veremos sahir para outras lutas, que vamos narrar!

IV

ACCLAMAÇÃO DE VIANNA

A paz, emtanto, foi entre elles de pouca duração. O tempo era de borrascas. Quando menos foi de se esperar, o arraial de Caheté ficou todo commovido por outro facto semelhante ao do Rio das Mortes. Os bastardos de José Pardo em plena rua, e alto dia, mataram um portuguez; e, feita, a morte, correram para a casa do patrão perseguidos pelo clamor publico. Cercada a casa, sahiram os carijós pela porta dos fundos e se esconderam no matto. Os amigos da victima reclamaram a entrega delles: e accusavam a José Pardo por lhes ter dado escapula, quando este, sahindo á porta, começou a se excusar, e uma bala certeira neste acto varou-o pelos peitos. O infeliz tombou fulminado.

Esta morte prosternou todo o arraial: e os paulistas ficaram profundamente abatidos. Era José Pardo homem de grande supposição, inoffensivo, e bemquisto. Se de facto ajudou os seus bastardos a fugirem daquella trucidação inevitavel em mãos da turba multa, o caso não dava para que fosse morto. Ninguem havia então, que não houvesse creado os seus carijós: e todos fariam o mesmo que elle fez, se de facto os salvou.

Acerbamente pungidos os seus compatriotas moradores no arraial e nas roças ajuntaram-se, e mediram as consequencias de tão deploravel incidente. Os amigos do morto desabafaram-se em demonstrações de dó nos funeraes: e os forasteiros de seu lado enterraram com solemnidade o seu. Passadas porém as primeiras impressões, como as offensas se compensaram, uns e outros partidarios trataram de se conciliar, e renovaram o ajuste de paz. Conjurada mais uma vez a tespestade, infelizmente não se demorou com isto o esperado rompimento.

*
* *

Em fins de novembro de 1707, tão de vez ardiam os animos, dispostos á conflagração, que um boato aterrador se espalhou com a rapidez do raio, fazendo certo, que os

paulistas em conluio no Rio das Velhas tinham deliberado matar num só e mesmo golpe a todos os forasteiros moradores no Districto das Minas.

Eram como vesperas Scicilianas marcadas para o dia 10 de janeiro, á hora da Missa, em todos os arraiaes e povoações do Districto. Nesse acto os paulistas cahiriam sobre os forasteiros, e os passariam a ferro e á bala.

Ainda que falso e imaginario, este boato seguiu o seu curso, e produziu todo o effeito calamitoso... A vista dos precedentes, e da ceguira dos animos, os forasteiros creram piamente em tal embustice.

Alvoraçados, pois, pegaram das armas, e marcharam para o Caheté: os de Sabará sob o commando do portuguez Manoel da Silva Rios: os do Rio das Velhas sob o do Agostinho Monteiro de Azevedo, pernambucano; e os de Caheté se formaram commandados pelo bahiano Luiz do Couto. Este grande exercito marchou em boa ordem, cheio de enthusiasmo para a casa de Manoel Nunes Vianna, e lá chegando, pela voz de Luiz do Couto, foi elle proclamado Governador das Minas.

Foi Manoel Nunes, pois o primeiro Dictador, que se erigiu na America, facto o mais caracteristico de toda a nossa historia. (Dezembro de 1707.)

V

ESTANCO DOS AÇOUGUES

Este golpe audacioso, a imitação erudita, que o suggeriu, a hypocrisia, que o traçou, e mais ainda a iniciação do governo de Manoel Nunes, calculada e ardilosamente concebida, tudo nos leva a procurar a cabeça pensante, que dirigiu tal obra e tão bem acabada, como foi para o tempo e para o sertão. E logo se nos apresenta para tanto a figura machiavelica de Frei Francisco de Menezes, Religioso da Santissima Trindade, o maior dos apostatas, que então andavam nas Minas. Além dos motivos geraes, tinha-os elle particulares de odio aos paulistas: e não sabia perdoar.

Da ultima vez que Paschoal da Silva Guimarães veiu do Rio, trazendo sortimento para o seu negocio, (1) com elle subiu para Ouro Preto o seu amigo Frei Francisco. Ambos traziam na mente se estabelecerem, Paschoal em

---

(1) Paschoal foi caixeiro do Amaral no Rio antes de vir este para as Minas.

lavradios de ouro, e o Frade no Commercio. Francisco do Amaral Gurgel chamou logo a si o recemchegado, a quem já conhecia do Rio ; e o interessou nas multiplas especulações, em que andava comprommettido; e para as quaes lhe faltava um companheiro activo e intelligente. O Frade tomou logo á sua conta o contracto dos açougues.

Nas melhores disposições Arthur de Sá com intuitos de obstar as calamidades da fome, acertou de organizar out'rora o fornecimento de gado aos açougues do Districto; e os deu com privilegios a Francisco do Amaral, commerciante abastado, e que dispunha de cabedaes ao nivel de tal empresa. No concerto e alinhamento dos caminhos para o sertão, Amaral não gastou tambem muito pouco. Além disso, dispondo de recursos, tinha monopolisado de facto o commercio do fumo em rôlo, e da aguardente, que se importavam da Bahia, generos naquelle tempo de primeira necessidade, indispensaveis aos mineiros, para allivio e desporto de suas rudes tarefas.

O contracto das carnes, firmado em 1701, terminava em 1706; mas Amaral em tempo requereu a D. Fernando Mascarenhas a sua prorogação, justificando o pedido, como ainda é costume, com sacrificios feitos, o pouco lucro, e o bem dos povos. Além desses argumentos Amaral usou do melhor, que se conhece nos governos absolutos, abrindo generosamente os cordeis da bolsa.

Os tempos, porém, eram outros. O que a principio foi um bem, tornou-se um mal insupportavel. Os estancos de Amaral converteram-se em flagellos clamorosos. Nunca envolvidos no commercio, os paulistas entregues ás suas lavouras, victimas dos monopolistas, bradaram contra os contractistas : e neste particular todo o povo os apoiou.

Além disso, como se entendia que os contractistas estavam ganhando rios de dinheiro, a inveja não concorreu menos para entoar a gritaria.

Bartholomeu Bueno da Silva (cognominado o Feio, depois o Anhanguera) e Domingos Monteiro da Silva, puzeram-se á testa do movimento ; e convocaram uma junta no Rio das Velhas, na qual assentou-se de representar a D. Fernando Mascarenhas contra a prorogação do privilegio.

D. Fernando, apertado entre as duas representações, fez o que era muito commum : poz uma pedra em cima dos respectivos papeis. Mas era isto o mesmo que deixar em paz o contracto.

Segundo o regimen da centralização em vigor, os contractos subiam a approvação do Rei ; e uma vez approvados por sua Magestade, duravam todo o tempo á maneira de prorogados ; até que por acto Regio positivo fossem definitivamente extinctos.

A' vista, porém, da hesitação de D. Fernando que por acto expresso não queria dar força nova ao contracto, Ama-

ral apaixonou-se e recolheu-se á sua fazenda do Bananal. Frei Francisco então assumiu todo o negocio para si; e partiu para o Rio.

* * *

Para se julgar do valor deste contracto, bom é que seja conhecido. Uma rez custava nos curraes da Jacobina de 3 4 oitavas, nos do S. Francisco de 8 a 9. Vendida nos açougues do Rio das Velhas produzia de 70 a 80 mil réis, nos do Ouro Preto ou Carmo de 80 a 90. Os contractistas e seus alliados tinham em jogo neste negocio para cima de 30 arrobas de ouro. Desde que a rez sahia do curral, em que nasceu, até que chegasse ao cepo do açougue, vinha locupletando os interessados, e sem perigo algum de prejuizos: desde que os contractistas tinham em mão a estabilidade e a segurança dos preços.

Uns compravam, outros vendiam. Os tropeiros ganhavam no transporte das boiadas; e pelo caminho os fazendeiros tiravam rendoso aluguel dos pastos de engorda e descanso das rezes.

Partidarios, pois, do contracto não faltavam, dispostos a gastarem dinheiro e a sustentarem-no. Frei Firmo, um outro Trinitario, tão bom como Frei Francisco, era o sublocatario dos açougues do Rio das Velhas, um leão, portanto, na defesa do monopolio. Manoel Nunes Vianna, além das fazendas da Bahia, dispunha das vastas possessões de D. Izabel Guedes, que mediam 160 leguas de extensão no S. Francisco, (1) e tinha proprias as grandes fazendas do Jequitahy e da Tabúa. Por todas essas paragens passavam os gados, quer viessem de Mathias Cardoso, quer do Rio Verde pelo caminho do Guararatuba. (2)

Sebastião Pereira de Aguilar, o mais rico bahiano das Minas, era igualmente interessado de grandes lucros. Como os outros possuia fazendas de crear e de engorda; e além de outras, possuia a do ribeirão das Aboboras, a mais vantajosa de todas, por ter no seu ambito o arraial da Contagem, onde se numerava o gado para o pagamento dos im-

---

(1) Antonio Guedes Pinto descobridor do Rio de S. Francisco recebeu do Rei em remuneração aquelle enorme trato de terras, que por sua morte ficaram pertencendo á sua filha Izabel.

(2) Os caminhos eram da Tranqueira por Mathias Cardoso, e dahi á Barra do Rio das Velhas e por este acima até o arraial do Borba, hoje arraial Velho. Outro sabia da Tranqueira pelo Rio Verde ás cabeceiras do Gorotuba (Guararatuba, rio das Araras) de onde acabava no ultimo curral do Rio das Velhas a 24 leguas abaixo do Sabará.

postos (2 e ½ oitavas por cabeça) quer fosse destinado aos arraiaes do Rio das Velhas, quer aos da Serra e do Carmo. (1) A fazenda das Aboboras extendia-se, desd'as divisas do Curral d'El-Rey até os serrotes do Anhanhonhacanhuva (Sumidouro).

Outros alliados de menor tomo favoreciam com empenho a missão de Frei Francisco de Menezes no Rio. Mas quando no Sabará constou, que o Frade se achava em taes diligencias perante D. Fernando, os paulistas se inflamaram; e fizeram uma nova junta, na qual fintaram grande somma entre si com destino aos gastos de uma commissão, que fosse ao Rio, e d'ahi, se nada conseguisse, continuaria até Lisboa com aggravo para o Rei. Foram nomeados procuradores nesta commissão D. Francisco Matheus Rendon e Julio Cesar Moreira.

Este já é nosso conhecido no Cahetė, e D. Francisco Rendon era um fidalgo de velha rocha, que descendia de nobres hespanhoes, naturalizados em Pernambuco, trabalhando contra os hollandezes, acções pelas quaes o Rei de Portugal os elevou entre os nobres do Reino á maior consideração.

Além disso, era filho do capitão Manoel Lopes de Medeiros com quem sua Magestade se correspondia em cartas de proprio punho, homem de grandes serviços, e primeiro Guarda Mór Geral das Minas, com quem Arthur de Sá viajou nos seus descobrimentos. A esposa do capitão Medeiros D. Maria Cabral descendia dos senhores de Belmonte, e pois era posteridade afin de Pedro Alvares, descobridor do Brazil.

Apontamos estas genealogias, á primeira vista inuteis, mas para melhor intelligencia actual de nossas narrativas. Estavamos no tempo em que o genero humano começava sómente a ser cotado, como tal, dos fidalgos para cima. O povo nenhum direito de representação propria fazia valer; e si queria qualquer cousa do Rei, tinha de pedil-a por intercessão dos nobres, unicos que podiam entrar no Paço. A plebe quando muito gosava do seu direito natural: pois do proprio direito civil não participava, senão do que se transplantou do canonico em relação á famila.

A questão, portanto, perante D. Fernando estava completamente mudada.

Os procuradores levavam ordem de proseguir até Lisboa. Alli exporiam ao Rei os soffrimentos do povo; as alicantinas dos contractistas; e denunciariam mesmo a sonegação dos impostos, e o contrabando do ouro, que os socios praticavam escandalosamente á sombra dos privilegios.

---

(1) Na Contagem uma parte do gado seguia para o Sabara. Cahetė e outros arraiaes da zona: e outra parte para a Itabira, onde se subdividia um lote para a Serra de Ouro Preto pela Caxoeira, e outro lote para o Carmo por Miguel Garcia.

Ora, o Rei nem sempre se esquecia do direito divino origem de seu poder. Tinha-se por delegado do Supremo Senhor dos rebanhos humanos; e estas theorias tanto mais piedosamente se professavam no Paço, quanto mais á vista dos perigos e das insurreições. A sonegação dos impostos, os contrabandos, quando os governadores não os preveniam, eram partes, que não se punham, á margem.

Em vista, pois, do que reclamavam e expunham os procuradores da gente do Rio das Velhas, sobresaltou-se D. Fernando, que não queria contas com o Rei; e promptamente despachou o requerimento. Escreveu além disso ao Tenente General Borba Gatto, provedor dos caminhos da Bahia, que não consentisse no atravessamento de generos de primeira necessidade. Ficou assim suspenso o contracto.

O Rei approvou posteriormente os actos de D. Fernando, por carta de 22 de Março de 1709. E assim ficou tambem extincta a especulação dos açougues. A companhia de Amaral estava por consequencia fallida. Furioso Frei Francisco de Menezes voltou para as Minas e jurou uma vingança estrondosa: esta que aqui estamos vendo (1)

---

(1) Só por curiosidade e para se vèr como se corrompe tão depressa a tradição auricular transcrevemos aqui a noticia extrahida do livro da Camara de Sabará: « —que se arrogando Manoel da Borba Gatto o titulo de governador das Minas pelo previiegio de ter sido o descobridor dellas, unido com Valeutim Pedro de Barros, e outros, que haviam subido da Capitania de S. Paulo. procedeu naquelle dispotico Governo com um desvio total daquellas prudentes maximas que devem ser inseperaveis da conducta, e da pessoa de quem tem a seu cargo semelhante regencia: e por isto fatigados os povos de soffrer involuntarios e pesados effeitos de um comportamento irregular, desde o anno de 1698 a 1708, neste elegeram com pluralidade de votos para seu chefe, com o titulo de Capitão Regente a Manoel Nunes Vianna, homem branco, europeu. E acceitando elle a nomeação, e cargo arbitrariamente conferido por aquelles povos emprehendeu logo a expulsão dos Paulistas do continente das Minas, e conseguindo indisputavelmente o dito empenho por força do grande auxilio de armas, com que foi soccorrido de todos os habitantes do paiz. que forçadamente soffriam o intruso governo do Borba, continuou e permaneceu na dita regencia. até que por ordem da Corte. chegou á estas Minas o Illmo. e Exmo. Antonio d'Alburquerque Coelho de Carvalho a quem prompta e submissamente entregou a regencia e o governo o dito Vianna...»

Esta versão foi colhida da tradição que mais fidedigna se mostrou, pelo Vereador Manoel Alves Carneiro, e apresentada no dia 23 de Outubro de 1786. Patentea-se a confusão dos factos em todos os sentidos, até na parte de Valentim. Este subiu para Minas em 1706. Seu irmão Jeronimo é que provocou o conflicto, O Tenente General Borba Gatto não ligou seu nome á documento algum dos emboabas. Recolheu-se a Fazenda, e foi sempre leal, como se vê do officio d'Alburquerque datado de 7 de agosto de 1712.

CAPITULO 3.º

I

GOVERNO DE MANOEL NUNES

Proclamado Dictador, Manoel Nunes Vianna estabeleceu o governo em suas casas sitas no Arraial do Caethé. Homem, sem preparo de estudos, mas intelligentissimo, capaz de seguir conselhos, mas não de ser dominado, o primeiro manifesto, que dirigiu a seus amigos, foi ter acceitado a proclamação para evitar mal maior, e como que coagido pelas circumstancias deante do perigo de serem os forasteiros lançados para fóra das minas, ou trucidados em massa. Ninguem porém, contasse com elle para exercer vinganças, tão pouco para auctorizar violencias contra quem quer que fosse. —Faria respeitar por justiça o direito de cada um, amigo ou inimigo, desde que o tivesse.— Combateria os excessos dos caudilhos, que affligiam as povoações, e castigaria os criminosos.— Não era um revoltoso contra as leis nem contra a soberania de Sua Magestade; pois entregaria o poder aos Ministros, que El Rei mandasse governar as Minas.

O sentimento nativista, que separava os dous grupos, pondo-os em campo, applicado ao seu exercito, não deixaram de lhe inspirar muitos cuidados. Embora unidos em face dos paulistas, os dous elementos em particular entre si não se ligavam de modo indissoluvel; porque os bahianos mantinham-se em reserva ao lado dos reinóes.

Manoel Nunes em consequencia para organizar o governo teve de contemplar os dous elementos e concilial-os de maneira que se contentassem. Para seu Secretario Geral nomeou á Frei Simão de Santa Thereza. Carmilita instruido, muito estimado pelos bahianos, seus compatriotas, e homem antigo nas Minas, fundador da primeira Capella do Caheté. Com esta nomeação satisfaria elle ainda o interesse do clero que era a classe mais perigosa e turbulenta do Districto. Para seu Ajudante e chefe militar, porém, escolheu, com o posto de Mestre de Campo, a Antonio Francisco da Silva, um dos nomes que desde os primeiros tempos assaz encheram a historia das Minas. Natural do Reino, militava na Colonia do Sacramento, quando por lá reboou a toarda das novas descobertas, e, pois, voltando ao Rio (1) metteu-se a cami-

---

(1) Os portuguezes entregaram a praça aos hespanhoes, e a tropa voltou para o Rio com o Governador Sebastião da Veiga Cabral (1703)

nho immediatamente e veiu surgir no Sabará-buçú. O que basta dizer para se fazer idéa do que foi este homem extraordinario, aventureiro de primeira linha.

Propondo com estas duas provisões o equilibrio dos dous grupos, Manoel Nunes empenhou-se depois para mostrar aos paulistas principaes o proposito conciliador, que o animava.

A nenhum atacou antes de ser atacado, a nenhum depoz dos postos e officios, que cada um exercia. Queria elle persuadir a todos que seu governo seria condição melhor, que o estado de anarchia, em que as Minas se achavam. Procurava assim o apoio dos homens bons. Sob taes inspirações inegavelmente oriundas de uma sã politica, a verdade é que as provisões, os titulos e patentes por elle distribuidas collaram-se no pessoal mais idoneo e serio das localidades; e que a seus subalternos e delegados recommendou leamente moderação e justiça a mais escrupulosa e severa. Elle mesmo, para dar um exemplo, destacou uma escolta para a Barra do Rio das Velhas, afim de prender e castigar os forasteiros, que lá mataram dous paulistas, prisão, que se effectuou no arraial de Mathias Cardoso, quando os criminosos passavam para o sertão da Bahia. Os proprios inimigos por tudo isto lhe fizeram elogios. O dr. Claudio Manoel da Costa, não obstante a sua manifesta parcialidade em prol dos paulistas, escreveu: « Fazendo justiça é certo que entre os rebeldes e levantados daquelle tempo tinha melhor indole, que todos, o supposto governador Manoel Nunes Vianna; não consta commettesse por si ou por algum de seus confidentes positivamente alguma acção nociva ao proximo; desejava reger com egualdade o desordenado corpo que se lhe juntou; acolhia affavelmente a uns e a outros; soccorria-os com seus cabedaes; pasiguava-os, compunha-os, e os serenava com bastante prudencia; ardia porem por ser governador das Minas, e, si tivesse lettras, se poderia dizer, que trazia em lembrança a maxima de Cesar: *Si violandum est jus, gratia regnandi violandum est.* » (fundamento Historico).

O dr. Claudio nasceu em junho de 1729, tempo em que vivia ainda Manoel Nunes.

O juizo, pois, que emittiu, foi necessariamente colhido dos contemporaneos, talvez comparticipes do levantamento, e adversarios do Dictador, como dá a entender. Não se póde emittir tambem que o dr. Claudio foi filho de paulistas, e que sua Mãe D. Thereza Ribeira da Luz, pertencia ás familias derivadas do Sevilhano (1) prima de Antonio Forquim, descendente, portanto, dos mais notaveis conquistadores do sertão.

(1) Bartholomeu Bueno de Rivéra, conhecido vulgarmente por Sevilhano, por ser natural de Sevilha.

Mas, se o chefe dos levantados era esse homem excepcional entre elles, não se comprehende assás, que o tivessem proclamado, si não representasse os sentimentos e as idéas dominantes. Não foi, portanto, uma revolução barbara aquella, qual se tem julgado até hoje. Ella se justifica e se legitima a nossos olhos, como phenomeno reaccionario e proprio das situações apertadas, quando a sociedade, conservando ainda instinctos do direito, quer se salvar do seu total e affrontoso aniquilamento.

Senhor absoluto do poder, em uma phase tumultuaria, apaixonada, sem leis, podendo fazer o mal, que lhe aprouvesse, não ha negar, esse homem pairou acima das idéas e dos costumes de seu tempo, compondo a justiça, soccorrendo a todos; e pois não conhecemos na historia figura mais digna de admiração, potentado mais generoso.

Consoante as frivolidades litterarias, e a indole aparvalhada, que o despotismo vigente inoculava nos mais finos espiritos de sua epocha, o dr. Claudio não quiz deixar o elogio sem o seu senão, fosse para não perder o ensejo das citações gongoricas ou eruditas em uso, fosse para não apresentar sem macula um revoltoso.

A comparação de Manoel Nunes a Cesar, emtanto, nos trouxe a vantagem de contraprovar as qualidades, que lhe não poderam ser sonegadas, e o seriam, si não fosse clamoroso sonegal-as.

Nas lyras de Gonsaga, recitadas ao dr. Claudio em manuscriptos, nos bellos serões dos Arcades de Villa Rica em sua casa, achamos a proposito a seguinte estrophe :

« O grande Cesar, cuja fama voa,
De sua propria patria a fé quebranta.
A dura espada toma,
Aperta-lhe a garganta,
Dá Senhores á Roma.
Consegue ser heroe por um delicto,
Si acaso não vencesse, então seria,
Um vil trahidor proscripto. »

Nenhuma paridade, ahi, se encontra como vemos, entre os dous. Manoel Nunes, obrigado a tomar as armas, defendia a liberdade e a vida de seus compatriotas; e bem sabia que sorte o esperava, quer como vencedor, quer como vencido, em poder do Soberano. Seus bens, sua vida, sua tranquillidade, tudo expoz aos azares, sabendo, aliás, que seu poder seria ephemero, como simplesmente era occasional a sua auctoridade.

Mais castiço foi o juizo, que fez d'elle o Desembargador José João Teixeira Coelho (Instrucções para o Governo da Capitania, 1780) dizendo :

« Manoel Nunes Vianna arrogou á si o governo e administração da Real Fasenda, em que não houve descaminho, o que é bem glorioso para o mesmo Vianna, do qual não consta que commettesse por si ou por seus confidentes alguma acção prejudicial. Elle regia com egualdade os povos, elle os soccorria com seus cabedaes, elle finalmente pasiguava as contendas.

Esta confissão fazem os paulistas. e se deve acreditar; por que é de uns homens offendidos. Só lhe accusam de dissimular os insultos, que praticavam alguns Europeos, a quem o povo attendia. Isto não era delicto n'aquelles calamitosos tempos, em que os povos furiosos se suppunham na liberdade natural. Mal podia um homem por auctoridade propria fazer obediente um povo disperso e perturbado. »

E' certo que o Conde de Assumar, declarado inimigo de Manoel Nunes, em carta dirigida ao Vice-Rei Marquez de Angeja, datada de 6 de Junho de 1717, (2) descreve-o, como sendo faccinoroso caudilho, autor dos levantamentos e desordens; mas o mesmo Desembargador Teixeira Coelho, escriptor consciencioso, que manuseou todos os documentos da Secretaria e outros, refundidos na sua preciosa monographia, refuta os dizeres do Conde.

II

COMBATE NO SABARA'

Os paulistas do Caethé espantados do golpe inopinado e certeiro, que lhes vibrou a facção de Manoel Nunes, fugiram para as Roças e para os arraiaes de fóra, espalhando noticias em demasia alarmantes. Os arraiaes de fóra, Sabará, Rio das Velhas, Raposos, Roça Grande, seus primeiros moradores foram os potentados paulistas, que subiram nas famosas comitivas do Borba, e de Arthur de Sá, ou pouco depois. Conservaram-se taes potentados com prestigio, e dispunham ainda de muito poder, os que em lavras mais ricas, e mais economicos, souberam adquirir escravatura e sustentar clientelas. Aterrados e crendo nas violencias, como lh'as referiam os fugitivos, trataram elles de expulsar os forasteiros da zona, e de se fortificarem no Sabará. Ficava este arraial no desemboque do caminho da Matta. Era, portanto, posição dominante, que cortaria a entrada e sahida aos revoltosos.

---

(2) Por esta carta se vê que o Conde ainda estando no Rio já se mettia com os negocios de Minas.

Em vista disto comprehendeu Manoel Nunes o perigo, si demorasse qualquer feito, e si os paulistas pudessem com tempo obter dos mais povoados auxilios de combatentes e armas. Mandou, portanto, o Dictador um troço de gente armada a rondar o caminho de modo a impedir que fosse entulhado de arvores, e que nelle se levantassem reductos em logares de emboscadas, ao passo, que tratava de organizar o governo local no Caethé. Nomeou Superitendente do Districto a Sebastião Pereira de Aguilar, e commandante militar da Praça ao Coronel Luiz do Couto, ambos bahianos. Predominando alli este elemento, e não querendo mesmo desfalcar a força de reinóes, em quem mais confiava, deixou o Caethé entregue a esses dous maiores cabecilhas.

Era amigo particular de Luiz do Couto, a cuja vóz se fez a acclamação, se bem que fosse por arte de Frei Francisco de Menezes para não enfraquecer a Dictadura, no caso que o Dictador, proclamado então pelos reinóes seus compatriotas, creatura sómente destes parecesse.

Postas as cousas neste pé, marchou Manoel Nunes com o exercito sobre o Sabará. Dolorosa, por certo, foi-lhe esta hora fatidica; pois dava o primeiro passo para a guerra, que não desejava. Felizmente para elle, os paulistas não sabiam fazel-a. Dispondo de milhares de combatentes, valorosos, e intrepidos, desconheciam por completo a arte estrategica.

Fortificando o arraial, alli esperaram estes o Dictador, que os illudiu, tomando as alturas dos morros: e, quando menos pensaram, as casas ardiam, e o fogo devorando-as, punha em confusão os defensores. Os indios e mamelucos do Dictador, armados de arcos e flechas, tinham desferido do alto dos morros estopas accesas, e o arraial assim convertido em labaredas desapparecia, em quanto os Emboabas o atacavam, e de frente impediam o ataque dos contrarios, que tiveram de fugir pelo outro lado opposto em desordem e a nado. Desmoralizada assim a resistencia, todo o valle do Rio das Velhas cahiu em poder dos Emboabas.

Firme e leal obstou Manoel Nunes violencias inuteis. Convinha persuadir os paulistas de como as promessas, que fizera, fielmente se realizavam: e pois mandou pôr em liberdade os prisioneiros, acto que poderia ter produsido bons resultados, si não fosse a cegueira das poixões, e o rancor que attingia as raias de verdadeira loucura.

Os foragidos levaram do Sabará para os Sertões, e para os arraiaes do Campo noticias as mais irritantes e exaggeradas. Por todo o paiz até o Pitanguy os paulistas commovidos por ellas concitavam a guerra. Nos arraiaes do Campo a consternação e a furia se contrabalançavam. Complicada deste modo a situação, Manoel Nunes maiores embaraços começou a sentir nas divergencias, que emergiram no seio do proprio exercito. Os naturaes do norte, bahianos e pernambucanos, dos quaes muitos tinham feito a campanha contra

os negros dos Palmares, não entendiam solução de batalhas, que não fosse a do exterminio e da escravidão. Obrigado a reorganizar o exercito, o Dictador o dividiu em dous batalhões, o primeiro sob o commando de Frei Francisco de Menezes, o segundo sob o de Manoel da Silva Rios. Agostinho Monteiro e outros chefes de merecimento despeitados o abandonaram: e foram a Caethé confirmar a queixa de serem contemplados pelo Dictador tão sómente os reinóes para os altos postos. Attribuiam esta preferencia ao espirito de natalismo, quando em verdade eram os reinóes, que dispunham de pessoal competente, já experimentado e bem instruido nas guerras da Europa. Chegando aos ouvidos de Sebastião Pereira e Luiz do Couto, em Caethé, as recriminações dos desgostosos, fizeram saber ao Dictador, que procederiam como independentes, e sem liga inteira de subordinação á sua pessoa daquelle dia em deante.

Antes, porém, de maior desenvolvimento nesta situação a beira de naufragio, chegaram ao Sabará portadores da Serra de Ouro Preto, invocando o soccorro do exercito contra os paulistas da Cachoeira do Campo e do Ribeirão do Carmo, combinados para atacarem os arraiaes da mesma Serra, cujos caminhos já dominavam por completo.

III

BATALHA DA CACHOEIRA

Satisfeito do pedido, que vinha á risca de lhe offerecer uma boa solução aos embaraços, o Dictador poz-se de marcha, e veiu em dias alternados acampar com o exercito no Capão das Cobras,(1) Fazenda e Engenho de Paschoal da Silva Guimarães, a cinco leguas do Sabará, entre Raposos e Rio de Pedras. Era Paschoal da Silva o mais poderoso chefe dos Emboabas da Serra, tão rico senão mais que o mesmo Dictador. Interessado na industria dos gados, tinha nos campos da Fazenda o necessario para sustento das tropas; e concorreu com seus cabedaes para o exito da revolução, na qual entrou tambem com o numeroso sequito de seus escravos e capangas.

Era a Cachoeira do Campo um ponto estrategico por excellencia, e tal que o Conde de Assumar em seu tempo, propôz que nesse arraial se erigisse uma fortaleza para domi-

---

(1) Capão é corruptela de *Cahã*, —matto e *puan*—ilha: Ilha de Matto.

nar as tres Comarcas das Minas. Mais tarde propoz ainda que na Cachoeira se estabelecesse a séde do governo da Capitania. (Mem. da Cap. de Min. Dr. Diogo Ribeiro de Vasconcellos).

A Cachoeira, bem como os arraiaes do Campo, ou Congonhas de Ouro Preto, S. Bartholomeu, Santo Antonio, (Casa Branca) Tijuco, Rio de Pedras, Bação, e outros, datavam da éra de 1701-1702, quando os colonos da Serra foram dispensados pela fome de 1700-1701.

Reconhecendo nessas novas paragens alluviões auriferas mais faceis, e annexas a um solo menos ingrato, de modo que lavras e roças couberam no mesmo contorno, os fundadores desertaram a Serra e levantaram as Capellas, que deram origem aos novos agrupamentos. O Rio de Pedras por exemplo foi creação de Francisco Bueno, o primeiro povoador do Corrego Bueno da Serra de Ouro Preto.

Assentado o arraial da Cachoeira numa collina, como nunca mais bella se descobriu, domina em cheio os arredores. As Serras da Cordilheira, formando um amphitheatro vastissimo, deixaram entre campinas e valles, bosques e vergeis, o serrote sobre o qual o povoado se inclina a sol-posto, de modo que não haja mais aprasivel habitação nas Minas. Ao norte fica-lhe o Tijuco, ao Sul o Ouro Preto, a Leste S. Bartholomeu, e a Oeste o Leite.

Escarmentados de sua incuria no Sabará os paulistas aqui se fortificaram com mais arte; e reuniram os combatentes dos arraiaes vizinhos, bem como os fugitivos do Rio das Velhas e os expulsos de Ouro Preto, e do Carmo. Os emboabas, partindo do Rio das Pedras, vieram ao Tijuco: e subiram a fio do ribeirão. Os paulistas porém tinham abatido o matto, que bordeja as cascatas, que dão nome ao arraial, (1) e d'ahi pois impedidos voltearam os outros, quasi sobre o caminho do Leite, por onde começaram a batalha. Toda a margem do ribeirão foi coberta de trincheiras, e ainda no logar hoje conhecido por Jardim, cavando-se, existem vestigios.

Em posição de um para dez os paulistas sustentaram o choque denodadamente, evitando o assalto contra o arraial, cujos lados o serrote guarnecia a leste e ao Sul. O norte fi-

---

(1) E' referente a este tempo talvez o seguinte assento: « Aos 22 de Novembro de 1714 encommendei a um homem branco, filho do Reino, o qual havia annos o tinham morto, e perguntando pelo seu nome não souberam dizer, cujos ossos que estavam no Campo os mandei trazer a esta matriz de N. S. de Nasareth da Cachoeira de Manoel de Mello, foram enterrados dentro da Matriz. Para claresa fiz este. O vigario Estevão Colasso. » Por este assento ficamos sabendo que a Cachoeira deve ter sido de Manoel de Mello, seu primeiro morador.

cava seguro pelo capão cerrado da cascata; e pois para entrarem os Emboabas tinham de mister forçar as trincheiras. A peleja recrudesceu a tanto, e tão acerrima, que Manoel ficou ferido de uma bala, embora levemente. Vendo-se neste estado e os seus já fatigados, mandou tocar a retirada, antes que as tropas ficassem desalentadas. Os paulistas tomaram esta manobra, como derrota, e festejaram a victoria.

Passado, porém, um dia, ouviu-se um grande alarido do aado do Sul. Eram os Emboabos de Ouro Preto, que desciam, o mando de Sebastião Carlos Leitão. Os paulistas, acudindo ao novo perigo, enfraqueceram a linha do Jardim, e as hostes do Dictador, por alli penetrando, vieram travar a batalha no centro do arraial, cujo recinto se converteu num circo de feras, tal o furor dos combatentes. Pelejou-se peito a peito. Menos habeis os paulistas em tiros de fogo, excediam em muito aos Europeos, si brandiam as armas brancas, os machados, e as fouces. As armas de tiro, espingardas e flechas pouco espaço achavam na luta, na qual os paulistas, com seus musculos rijos, creados á mercê das intempereis e affeitos ás agruras do sertão, nada cediam ao inimigo. Ebrios de sangue, cegos de raiva, dispertava-se nelles de momento a natureza dos tigres. A acção tornou-se barbara, medieval, sangrenta: e os dous exercitos ter-se-iam exterminado, se uma outra bala não ferisse já muito tarde o Dictador, homem afoito e valoroso, mas no todo incapaz de reger com calma e boa direcção os movimentos de uma grande batalha.

Obrigado pela dor e pelo sangue, que derramava, Manoel Nunes sahiu do Campo e passou o commando a Frei Francisco de Menezes. Este Frade incomparavel salvou ainda desta vez a situação dos Emboabas. (1) A batalha estava indecisiva; mas como se fosse um armisticio, de ambos os lados reinava silencio interrompido apenas pelos gemidos.

A sede e a fome, a dor e o cansaço impuzeram ás hostes uma tregua singular. A noite se approximava.

O sol do sertão tristemente, afundando-se no occaso, via nos ultimos dias de seu imperio aquelle espectaculo doloroso

---

(1) § 11. Despejados os paulistas, logo os europeos se puzeram em campo arranjados em dous batalhões, o primeiro commandado por Frei Francisco, e o ultimo por Manoel da Silva Rios. E no alcance dos paulistas desde o Sabara, apresentaram-lhes batalha na Cachoeira, aonde se toparam. « Memoria sobre a Capitania de Minas Geraes pelo dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos. »

« Divididos os filhos de Portugal em dous batalhões, governados, um por Manoel da Silva e outro por Frei Francisco de Menezes, sahiram de Sabara e Caethé, demandando as Geraes, chegaram a Cachoeira do Campo, onde deram a sua primeira batalha. » *Memoria Historica da Capitania de Minas* do dr. Claudio Manoel.

e pungente de ironias. Aquelle frade terrivel, tão errado de seus votos, em vez de erguer as mãos ás Ave-Marias, na hora mais suave e terna da natureza, tel-as tinctas de sangue, cercado de furias!

No céo a placidez do crepusculo, o brilho candido das primeiras estrellas; na terra os gemidos, as imprecações, e a morte.... e de permeio a crença, e a fé num Deos, impassivel e mudo, todo indifferente á sorte dos homens.

Era a hora em tanto que descia a noite, geradora dos phantasmas.

Frei Francisco de Menezes commandava tambem a mamelucos, e indios. Mandou tocar a retirada e o repouso. Os paulistas ficando sós recolheram-se quasi mortos de fadiga.

Sabia Frei Francisco que os indios se quedavam estarrecidos, immoveis, durante a noite: e por nada sahiam dos tugurios ou tocas, a que se recolhessem. Mas não eram supersticiosos sómente os indios, mas e ainda em demasia os mamelucos. Embora catechizadas as mulheres transmittiam aos filhos as crendices da tradição selvagem, cujos deoses sanguinarios e crueis só sabiam fazer o mal. Para essa gente a noite foi sempre a hora funesta. Os máos genios vagavam nas trevas querendo victimas. A meia noite para elles então era o momento terrifico, de um assombro infinito, quando se ouviam os rumores mysteriosos, e o pio agourento dos passaros malditos.

Sabemos como os jesuitas instruiam os neophytos. Visto não podiam extirpar de chofre as superstições gentilicas, dellas se serviam como vehiculos. Os duendes e abantesmas da religião barbarica, elles os substituiam pelos nossos demonios, figurados acaso com as mesmas enormidades, pintados a talho para o sensivel da imaginação nativa e apavorada dos selvagens, terrores requintados, de que se esperava a mudança dos costumes bestiaes, provindos do infimo estadio humano. A noite, portanto, nada perdeu com o christianismo de seu antigo e horrido prestigio. Ella continuou a ser a estancia dos terrores e da covardice.

Frei Francisco antes que os paulistas, entregues ao descanso, reparassem de todo as forças para novos combates e carnificinas, á meia noite precisa, invadiu o arraial á frente de portuguezes valentes, desfigurados muitos em negros. Ao tropel dos cavallos, e soltando gritos terriveis, invocando os doendes maleficos, os paulistas foram desafiados á luta. Despertados do somno, fatigados, e transidos de espanto, não acudiram á voz dos chefes. A confusão foi incrivel. Sem tempo de se reunirem, uns ficaram immoveis nas casas, o maior numero se despersou em confusão pelos campos.

Suppozeram que, guiados pelos funestos numes, os inimigos queriam exterminal-os nas trevas.

Eram assim os mamelucos. Oriundos do fatalismo fetichista, batiam-se denodadamente em quanto venciam; mas

em percebendo o principio da derrota, resignavam-se, e como ovelhas, entregavam-se mansos á garra dos carniceiros. Não conheciam o que era pedir nem tregoas, nem paz. Ao amanhecer, quando o coronel Manoel da Silva Rios entrou com o exercito, o trabalho se cingiu á recolher prisioneiros. A victoria foi completa.

IV

SAGRAÇÃO DO DICTADOR

Mas por isso mesmo que completa, a victoria foi difficil de se aproveitar. O problema dos prisioneiros apresentou-se intrincado e palpitante. Exterminal-os ou libertal-os, foi o dilemma. Conserval-os seria impossivel sem meios de os sustentar. Reduzil-os á escravidão, a guerra para tanto não era legal. Exterminal-os, a isto se oppunha a religião, que os portuguezes obedeciam. Dividiu-se entrementes o exercito em duas opiniões. Queriam o exterminio quasi todos os naturaes da America, em sua maioria, mestiços e indios, tendo a sua testa o Sargento Mór Bento do Amaral Coitinho. Manoel Nunes, porém, e os Frades, como os demais officiaes, votavam pela libertação. Em ponto de avançar a discordia a termos irretractaveis, o Dictador decidiu e ordenou, que fossem postos em liberdade, exigindo delles apenas o juramento, que se apartariam para S. Paulo, e jamais pegariam em armas contra os forasteiros.

Furiosos, porém, e exasperados com esta decisão, os partidarios da morte, vendo as perdas enormes, que haviam soffrido, e o campo cheio de cadaveres dos seus, afastaram-se do Dictador, cujo prestigio se abateu por metade. A revolta ficou implantada no exercito por esta causa.

Percebendo, por isso, a má posição, em que ficara o Dictador, entre as duas forças oppostas, que se neutralizavam, ameaçando os destinos da revolução em risco de se perder, os Frades conceberam o plano de fortificarem o seu prestigio, de modo a tornal-o inaccessivel a taes conspirações.

E' bom dizer que esses Frades, apezar de libertinos e dissolutos, simoniacos e apostatas, conservavam, comtudo, sentimentos christãos ; e os reinincolas em geral, como todo o portuguez antigo, podiam ser supersticiosos, crueis, devassos, mas temiam bastante o inferno. Suprema lei moral, o christianismo tem tambem de particular, que, uma vez abraçado, não se elimina mais de nossa alma, e os mesmos renegados não impugnam as formas humanitarias de suas crenças perdidas.

Cumpria, por isso mesmo que no caso Manoel Nunes foi bom christão, cercal-o agora de toda auctoridade e prestigio. A revolução de mais sem elle estaria acabada.

A traça escolhida pelos Frades não podia sahir senão do seu provido arsenal, e consoante o seu ministerio. Determinaram, pois, revestir o Dictador com o direito Divino, privilegio dos governantes legitimos; e assim legitimal-o á face das turbas.

Convieram consequentemente que o Dictador se apresentasse sagrado, acima dos outros caudilhos; e igual ás mais auctoridades postas por Deus para regencia dos povos.

Nesta intenção convocaram o exercito e o povo para na Igreja renderem graças pelas victorias concedidas: e para tomarem o juramento do Dictador, que ainda não no havia prestado.

No dia seguinte celebrou Frei Francisco a Missa cantada, e chamando Manoel Nunes á beira do altar, solemnemente os Frades o ungiram, e sagraram, sendo então revestido da espada e das insignias do governo. Manoel Nunes em seguida jurou, que governaria as Minas, segundo as leis do Reino, e faria respeitar o direito de cada um; que defenderia a justiça, e que só entregaria o poder aos Ministros, que S. M. mandasse para governarem as Minas. Concluido este juramento, os sacerdotes convidaram o povo a prestar por sua vez o seu de fidelidade ao Governo, o que logo se fez com toda a solemnidade. (1)

Findas as ceremonias, Manoel Nunes sahiu da Igreja acclamado entre vivas da multidão. Já não era alli um simples potentado, que se impunha pelo levante e pelas armas, graças a seus talentos ou á sua riqueza: e sim um Ministro do poder Divino, que encarnava a maxima famosa de S. Paulo. Ninguem poderia dalli em deante offendel-o, e maldizel-o sem sacrilegio. Mas elle tambem já não podia se afastar nem ser afastado dos dictames da consciencia christã no desempenho do cargo.

E assim a nossa historia registrou mais este facto, que em outra parte nunca se viu, facto singular e extraordinario, que deu ao exordio das Minas o prisma dos imperios romanescos.

---

(1) A Matriz da Caxoeira, depois reconstruida, como está, era todavia no mesmo local. Já era então Freguezia Ecclesiastica. O Vigario que então regia a Parochia era o Padre Amador Rodrigues, natural de S. Paulo. Depois deste seguiram-se em 1711 o P.e João de Carvalho da Cruz; em 1714 o P.e Estevão Colasso: em 1717 o P.e José Corrêa da Fonseca coadjutor do Vigario Pedro Le Lou de Lanoy; em 1718 o P.e João da Fé de S. Jeronimo: e depois o Licenciado P.e M.el Gonçalves Pereira; em 1722 o P.e Francisco de Araujo Gouvêa.

V

EXPEDIÇÕES DA SERRA

Partindo da Caxoeira, o Dictador entrou em triumpho na Serra de Ouro Preto, dominio dos Reinóes. Quem hoje contempla estes penhascos nús, e estes serros, que se não deixaram demolir em dous seculos de furia pelo ouro, imperfeita idéa fará do que foi outrora a paisagem do velho Tripuhy. (1)

Era um recinto tapado de florestas gigantescas. densissimas. (2) pego enorme e profundo de verdura. intercalado sómente de penedias agudas, e das campinas viçosas, que ainda hoje se avistam, como tapetes bordados no alegre das cordilheiras.

Como ilhas porém, de um archipelago distante, os arraiaes nascentes quebravam a monotonia das mattas, e attenuavam o triste das solidões. (3)

O arraial de Ouro Preto, concentrando o titulo das Minas Geraes, elle com o de Antonio Dias, primavam sobre os outros em população e riqueza. Qualquer dos dous cercados de montes alcantilados foram inexpugnaveis. Paschoal da Silva Guimarães, guiando o Dictador, o acolheu nas casas, que tinha na Pia Grande, as melhores da serra, no logar hoje dito do Palacio Velho. Era então a colonia abastecida de roças, que se extendiam por leguas em derredor : mas o augmento de consumidores, e as alterações dos arraiaes vizinhos, impunham ao Dictador os receios da fome. Os paulistas dominando o sertão do Rio das Velhas, podiam impedir a entrada dos gados ; e, posto o caminho da Cachoeira estivesse franco, era indispensavel, que se mantivessem livres as communicações com os paizes do Ribeirão do Carmo, e do Guara-Piranga. Os paulistas porem, dominavam os arraiaes deste lado. Trancados por elles os caminhos, a Serra,

---

O Primeiro sacerdote enterrado na Matriz da Caxoeira foi o Padre Leão Gonçallo aos 16 de Janeiro de 1709.

(1) Primitivo nome da região de Ouro Preto.

(2) O madeiramento dos antigos templos e edificios attestam o poder da floresta.

(3) Os arraiaes eram Ouro Preto. Antonio Dias. Caquende. Paulistas. Bom Successo, Padre Faria. Taquaral. S. João (Ouro Fino). Ouro Podre, Sant'Anna e Piedade. Caquende era o arraial no alto das Cabeças e Passadez. Chamavam arraial *Cá-aquem-de* todo aquelle que ficava a entrada de outro principal pela estrada de maior importancia.

embora a fartura de suas roças, não se poderia manter por muito tempo.

Entretanto, no Carmo e nos arraiaes de sua dependencia, tão populosos, quão unidos, o elemento paulista, em grande maioria, repelliu sempre a idéa do levantamento. Quando alli constou a proclamação de Manoel Nunes, se reuniram os principaes, e protestaram contra todo e qualquer ataque ás auctoridades e officiaes, que alli governavam pacificamente desde o tempo de Arthur de Sá. Afastado do Rio das Velhas, mais longe dos caminhos da Bahia, a invasão dos forasteiros não chegou a subverter de completo no Districto do Carmo a ordem antiga estabelecida. Primeiro sertão desbravado, a população teve tambem mais tempo de se alli assentar, e não deixou ribeiros a esmo de novos assaltos.

Quando, pois, o Dictador mandou propôr a gente do Carmo que o reconhecesse para viverem em paz, essa gente o repelliu ; e se apegou logo com dobradas energias a suas auctoridades. Conhecida por este modo a inimisade dos vizinhos, Manoel Nunes, em junta de seus officiaes, resolveu fazer marchar duas companhias armadas, uma para depôr as auctoridades do Carmo, outra para igual diligencia contra as do arraial do Guarapiranga. Os reinóes de lá moradores, e presentes na Serra, diziam, que os forasteiros dessas duas regiões só esperavam aquelles soccorros para se levantarem. Ambas as expedições, porém, foram infelicissimas.

O arraial do Carmo, ou como se dizia do Ribeirão Acima em contraposição ao do Ribeirão-Abaixo, ou S. Caetano, se compunha de dous agrupamentos. O arraial velho, ou de cima, era o primitivo, que se chama hoje bairro do Rosario Velho. Os montes se rasgam ahi num semicirculo, cujo fundo é a serra, por ladeira em que descia o caminho de Ouro Preto, ingreme toda ella, coberta de florestas. Até hoje esse caminho se chama de Matacavallos, pelos muitos que nelle succumbiram. O arraial seria por ahi sustentado, se a expedição fosse esperada; mas esta surgiu de repente ; e quando a perceberam, já não era tempo de a remover. Os moradores por isso fugiram para o arraial novo, que se formara junto á Capella da Conceição (hoje Sé). O capitão Mór Pedro Frasão de Brito, porém, surgindo á frente de seus escravos, e concitando os homens validos, sahiu-lhes ao encontro ; e elles aggressores, vendo-se perdidos deante do numero, e, não achando o auxilio dos amigos, que esperavam concorressem, deram de costas ao arraial ; e fugiram. Havia o capitão Mór destacado um troço de sua gente para lhes cortar a retirada. Quando pois começaram a subir a Serra, viram-se entre dous fogos ; e o remedio, que tiveram, foi espalharem-se em confusão pelo matto, dentro do qual ficaram perdidos. Esta encosta da Serra ficou por

isso até hoje se chamando a *Floresta dos Emboabas*, perdurando a crença, que de lá nunca mais acharam a sahida,

Emquanto esta licção se dava no Carmo, exito melhor não conseguiram os que foram contra o Guarapiranga. Como presumiam se introduzir no caracter de libertadores, os soldados do Dictador se enganaram, não levando provisões bastantes para 14 leguas de marcha. Passando pelo arraial de Miguel Garcia, o acharam deserto. No arraial do Bacalhão os moradores deixaram que passassem á vontade. O coronel Raphael da Silva e Souza, capitão Mór do Guarapiranga, porém, estando prevenido, formou a sua gente, e sahiu-lhes de lá ao encontro, ao tempo que aquelles outros do Bacalhao partiam e os apertavam em retorno. A derrota foi total e sem piedade. Desta companhia os poucos, que escaparam da morte, se desviaram para a Itaverava, e não tornaram a Serra, senão para darem á lastimosa noticia de tão incomparavel desastre.

Estas duas desfeitas marcaram o ponto, de que a revolução começou a decahir.

Acostumados a vencer, Manoel Nunes e seus sequazes se sentiram abatidos, e suplantados de um pesar infinito.

Reunido, comtudo, um conselho de officiaes, deliberaram fazer guerra sem tregoas aos moradores do Carmo, até que se restaurasse o prestigio das armas dos Emboabas. Cumpria, diziam, reparar desastres, que pelo exemplo sublevariam os paulistas de outros districtos. Felizmente, porém, para o Carmo, noticias alarmantes do Rio das Mortes vieram a tempo de poupal-o da ameaça ; e de deixal-o tranquillo em meio de tantas alterações.

VI

MORTANDADE DOS PAULISTAS

A' meia distancia de S. Paulo, o Rio das Mortes se encheu logo de fugitivos do Rio das Velhas e das Geraes. Os evadidos, e os prisioneiros soltos do Sabará e da Cachoeira, reunidos aos moradores, formaram um exercito formidavel, sob o commando de Valentim Pedroso de Barros, irmão do Jeronymo, e de Pedro Paes de Barros, homem de grande valor.

Resolvidos a combater os forasteiros, e a expulsal-os do Rio das Mortes, cercaram o arraial da Ponta do Morro, para onde se haviam recolhido. Entrementes, tinham estes mandado pedir soccorros ao Dictador ; e resistiam dentro de trincheiras e forticações á espera dos Geralistas. Manoel Nunes, recebendo carta de Ambrosio Caldeira Brant, em que lhe ex-

punha o aperto; e dos portadores mais ao vivo se informando das circumstancias, ficou passado de medo, sobretudo por saber que os sitiantes estavam dirigidos por aquelles dous temiveis adversarios, capitães de grande ousadia. Convocando, pois, os seus conselheiros, mandou que se aprompptassem em ordem de marcha mil homens de tropa escolhida, que logo partiram sob commando do Sargento Mór Bento do Amaral Coutinho. Era este um homem valente, mas desalmado, principal intrigante, que, desde o incidente dos prisioneirss da Cachoeira, insuflava o descontentamento na Serra contra Manoel Nunes. Por isso, logo que se offereceu para a diligencia, foi attendido, como que pela conveniencia tambem de ser afastado.

Tocavam os sitiados na Ponta do Morro ao extremo, fatigados, e já sem munições, á medo de se entregarem, ou de se arriscarem numa batalha decisiva; quando por felicidade os rondantes paulistas trouxeram a noticia de se achar a um dia apenas de marcha o exercito das Geraes, e sob as ordens do famoso Sargento Mór. Conheciam-no a este os paulistas, desde que andava pelas Minas multiplicando façanhas, vingativo e cruel, foragido do Rio de Janeiro, sua patria, onde se enchera á farta de crimes. Membro de uma familia principal do Rio de Janeiro, e naquelle tempo de justiças fracas e relaxadas, ainda assim foi obrigado a fugir; o que prova o horror, que então inspirava.

Assaltados, pois, pela noticia, os paulistas se levantaram do cerco; e seguiram sua viagem a caminho de S. Paulo. No dia seguinte os Geralistas chegaram: mas nada mais havia que fazer. O arraial estava livre. Homem, porém, cauteloso Amaral, temendo qualquer insidia, destacou o Capitão Gonçalo Ribeiro Corço com ordem de proceder a um reconhecimento sobre a posição do inimigo; e o Capitão partiu com a sua companhia ao encalço dos fugitivos.

Fosse a effeito de embaraçar a marcha dos emboabas com guerrilhas, ou mesmo porque não quizessem sahir das Minas, o facto é que um troço de carijós, sob o mando de Gabriel de Góes, havia ficado a 4 leguas distantes da Ponta do Morro, num sitio, que julgaram asado ao sustento, e quiçá á defesa, para o caso que fossem perseguidos. Era uma vasta campina, margeada pelo rio, e tendo no centro um capão denso e cerrado, para onde se acolheriam á vista do perigo. A disposição do sitio, as munições que traziam, e sobretudo, o cabo, que os mandava, levam-nos a crer, que alli estavam do proposito no fito de embaraçarem a marcha dos inimigos, si por acaso estes continuassem em perseguição aos que iam adeante em caminho conduzindo as mulheres e as creanças.

Approximando-se porém o Capitão Corço, e os avistando na campina, reconheceu não poder atacal-os. Com tal numero, e commandados pelo Capitão Gabriel de Góes, reputado official corajoso na guerra dos Palmares, seria impru

dencia rematada lutar. Elles, ao verem chegar tão pequena força, tinham-se recolhido ao capão. A retirada emtanto, de Corço foi havida por acto de covardia: e nisto os Carijós romperam com insultos na mais estrondosa assuada, com improperios e desafios aviltantes.

Em chegando á Ponta do Morro, o Capitão não tinha ainda acabado de fazer a sua narração, que logo, saltando como um tigre mal ferido, mandou Amaral tocar as cornetas, chamando a postos o exercito, e se poz em ordem de marcha. Nessa mesma tarde partiu. No dia seguinte, andavam os Carijós, provendo-se de caça pela campina, e outros na barranca pescando, eis viram de longe a nuvem negra, que se approximava. Correram immediatamente para o matto e esperaram a investida.

Amaral cego de raiva, a marche-marche, entestando o capão, foi rompendo num fogo desabrido: mas fogo em desatino, a esmo das pontarias, que não acertavam; ao passo que os paulistas não perdiam um tiro. Protegidos pela ramagem, e de cima das arvores, varriam o espaço de balas e settas mortiferas. O campo dos Emboabas se juncava de cadaveres, e de feridos: mas nem assim a féra cedia de sua pertinacia, e nem reconhecia o desplante de tal ataque. Cahiram mortos a seu lado dous ajudantes, e em seguida o seu negro querido, um bruto agigantado, fiel ministro de suas maldades, morte que possesso de raiva sentiu com a dor mais viva, e o maior desespero. Estas balas sobre o seu grupo não lhe deixaram duvidar, de como os paulistas lhe punham a mira; e pela primeira vez na vida o sangue coalhou-se-lhe nas veias, mas jurou dalli tirar uma desforra implacavel. Cansado de tanto damno, sem compensação, pois que os paulistas nada, ou pouco estavam soffrendo, um dos officiaes se animou a reprehender o chefe, mostrando-lhe o inutil de tantos sacrificios, e o risco de se ver o exercito alli todo desbaratado. Cahindo então em si, Amaral seguiu o melhor plano de suspender o combate, e fazer desfilar a tropa em cordão para cercar a matta. Com isto, as cousas mudaram, e os infelizes ficaram perdidos.

Atormentados de fome e sede, no fim de dous dias, sahiu da matta, o velho João Antunes, tio de Gabriel de Góes, com a bandeira branca. Contavam os sitiados com a piedade, que as cans do parlamentario infundissem no coração do inimigo. Amaral, porém, avistando o signal, saltou de jubilo. Mandou logo receber o velho, a quem abraçou na effusão da alegria; serviu-lhe de comida, e bebida junto de si. Quanto á proposta de se entregarem com o pedido de se lhes garantir a vida, contestou Amaral, como que a lhe pesar tal duvida, em que estavam; «pois bem, conheciam e sabiam, quaes eram as ordens do Dictador: e o que se tinha feito em todos os combates com os prisioneiros. Estava elle Amaral alli para tomar as armas, não a vida de ninguem

fóra de tempo e de logar». Mas os paulistas sabiam que, se os prisioneiros na Cachoeira foram soltos, deviam-no ao Dictador, e não a elle, Amaral, que possesso se oppunha ao que não fosse exterminio. Percebendo por isso, ou desconfiando que o velho hesitase em crel-o, o miseravel, para completar o disfarce, prestou um juramento terrivel pela Santissima Trindade, que nenhum mal faria aos paulistas.

Voltando João Antunes com esta decisão, os vencidos se alegraram, e sahiram do bosque em direcção aonde estava Amaral, que os recebeu de semblante jovial e sereno, em cuja presença foram entregando e depondo as armas. Concluida a entrega, porém, e logo que o monstro os viu a todos desarmados, transformou-se em furias ; e num brado medonho, fulminante, mandou-os á morte. Elle mesmo com os escravos, ameaçados de castigo, antes de qualquer intervenção de outros, começou com suas mãos a matança. Eram cerca de tresentos, todos immolados !

Transidos de assombro os officiaes e muitos reinóes protestaram contra a iniquidade ; mas em vão; e só puderam fugir do logar. Ainda bem longe, referiram, que os lamentos e vociferações se ouviam. A dolorosa impressão desta incrivel maldade, o mais horrendo acontecimento, que nunca se tinha visto, tisnou o sitio, em que se deu; e até hoje conserva execravel o nome do Capão da Trahição. (1)

CAPITULO IV

I

A VINDA DE D. FERNANDO

A noticia do morticinio dos paulistas, reboou, como um dobre funerario, derramando por toda a parte a consternação e o espanto. Manoel Nunes Vianna, recebendo-a ficou

(1) O nome do Rio das Mortes é erro vulgar dizer-se que dahi veiu. Tal nome é anterior á descoberta das Minas, e na provisão de Pedro Moraes datada de junho de 1706, já se menciona o nome *Rio das Mortes*, ao passo que a matança dos paulistas foi em fevereiro de 1708. A origem do nome do Rio das Mortes se encontra em Antonil: « a qual paragem, diz elle, chamam Rio das Mortes por morrerem nelle uns homens, que o passavam nadando, e outros que se mataram a pelouradas, brigando entre si sobre a repartição de indios, que traziam do sertão. » O nome pois e prehistorico em relação a guerra dos Emboabas.

transitado de horror: e por mais que os intimos o quizeram desculpar, não achou socego aos remorsos.

Elle conhecia bem o homem cruel a quem confiara a diligencia, e em parte no intimo se accusava de ter sido fraco em ceder-lhe o commando, como o pediu. Todavia, tambem era certo, que urgido pelo clamor dos amigos, cercados, e a ponto de serem trucidados, pouco sempo teve para reflectir, e escolher gente, que os fosse soccorrer. Não era egualmente possivel advinhar o caso do Capão da Trahição. O que se antevia era a guerra pela guerra e neste supposto o Sargento Mór Bento do Amaral era valente e só elle bastava para aturdir o inimigo.

Quem, no emtanto, mais perdeu com um tal desastre, forçoso é reconhecer, que foi mesmo a revolução, não os paulistas. Lastimoso se mostrou o natural contrachoque dos sentimentos de humanidade; e o proprio Manoel Nunes, meditando de si para si, se persuadiu das tristes consequencias do levantamento, cuja explosão immediata provinha de um boato duvidoso e nunca justificado. Pesava o Dictador as faltas e omissões de seus deveres, e sorvia o calix amargo, que muitos dos seus lhe prepararam. Por muito que resistiu nem toda vez se libertou da pressão moral, e da influencia perniciosa de seus sequazes, a cujas paixões e caprichos nem sempre se oppoz por falta do prestigio, que sua auctoridade não podia lhe dar, oriunda delles, e da revolta. Feitas as contas, os vicios, que condemnava, multiplicaram-se em grosso; a anarchia a retalhos, a tinha sommado na anarchia maxima de seu dispotismo: os pequenos tyranos cederam ou não cederam nas localidades, mas a tyrania grande elle a enfunou com o seu exercito. Seus ministros puniam os ladrões, mas soltavam a ladroeira; e elle mesmo, que mandava enforcar assassinos, não castigava as matanças!

Em taes conjuncturas, a revolução decadente em todos os sentidos gerou o desanimo; e, temendo com razão a interferencia do Governo Regio, cumpria-lhe achar caminho honroso e seguro para qualquer sahida menos desastrosa.

Effectivamente, olhando em derredor de si o Dictador, tudo viu atraz de cores sombrias. No Carmo e no Guarapiranga havia soffrido revezes irreparaveis; nos Sertões do S. Francisco e do Gorotuba quasi ou nenhum poder jámais exerceu; o Pitanguy lhe era inteiramente infenso; e o Rio das Mortes todo aquelle horrendo painel de sangue. Ora, para seu maior tormento, o Caheté se achava em revolta plena e franca, entregue aos dissidentes bahianos. Effectivamente alli os dous homens mais poderosos Sebastião Pereira de Aguilar, seu emulo antigo e rival, e o Coronel Luiz do Couto, achavam-se em aberta opposição. Luiz do Couto o arguia, como já se disse, da preferencia que dava aos reinóes e da sua desconfiança contra os bahianos, injusta arguição em tanto a mais não poder ser.

Machinando a ruina de Manoel Nunes, Sebastião Pereira levou seu desgarro a ponto de mandar ao Rio portadores com cartas a D. Fernando Martins Mascarenhas, offerecendo-se-lhe a marchar com armas e gente para vir combater os levantados na Serra do Ouro Preto. Pedia apenas para isto cartas patentes do Governador, e ordem á segurar que, os paulistas não o atacassem.

D. Fernando, felizmente porém, suspicaz e timorato, recebendo taes offerecimentos, limitou-se á cortezia de os louvar e agradecer. Teve este Governador o natural bom senso de não se mostrar precipitado, temendo aliás, que, por armar os bahianos contra os reinoés, além de suscitar duas lutas, ninguem no Reino o desculparia, e nem mesmo o Rei levaria a bem, que elle sacrificasse aos bastardos da colonia o elemento em todo caso seguro e certo da Metropole.

Habituado a ouvir noticias tumultuosas do sertão, D. Fernando, em principio, quando lhe informaram do levantamento contra os paulistas, não lhe deu grande importancia.

O Rio de Janeiro valia muito mais, que as Minas, naquelle momento, em que realmente estava a cidade ameaçada,

Quando, porém, lhe chegou a noticia do pavoroso morticinio, comprehendeu que tinha feito mal em não intervir na questão, e estava no caso de se lhe inculpar a negligencia, segundo a Carta Regia acima citada, de 31 de janeiro de 1703. Montou pois a cavallo, acompanhado de quatro companhias de Dragões e tomou o caminho das Minas em direcção ao Rio das Mortes. No Archivo Nacional, encontramos o termo, pelo qual a 3 de março de 1709, receberam o Governo do Rio de Janeiro o Bispo, o Mestre de Campo Gregorio de Castro Moraes, e o Mestre de Campo Martim Corrêa Vasques, documento, pelo qual se verifica ter nesse dia, ou de vespêra, partido D. Fernando. (1)

---

(1) «Aos tres dias do mez de março de 1709, no Collegio da Companhia de Jesus, em a Capella interior delle, ahi estando presente o Illm.º Rvm.º sr. Bispo, o M. C. Gregorio de Castro Moraes e o M. C. Martim Correa Vasques, aonde foram chamados por parte de S. M. a quem Deos guarde, por cartas que lhe escreveu o Rvm.º Reitor e o dr. Ouvidor Geral, e eu Bartholomeu de Siqueira Cordovil secretario do dito Governo por ordem do dito Senhor, na observancia que foi para as Minas o sr. D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre Governador e Capitão-General desta praça, por estarem nomeados pelo mesmo senhor no Alvara de Successão de D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre pela referida observancia, segundo a qual logo foi pelo dito R. Reitor, dr. Ouvidor, e eu Secretario do Goverdo, lhes houve por entregue na forma que S. M. ordena no dito Alvará a carta escripta ao R. Reitor, para o que

Chegado, que foi, ao Rio das Mortes abriu o governador uma devassa a mais rigorosa no empenho de individuar de propriamente os responsaveis pelo crime do Capão da Traição. A colera, porém, com que veiu, tirou-lhe tode o equilibrio, e o lançou a excessos, não querendo, siquer, ouvir a defesa dos reinóes e dando toda razão aos paulistas. Declarava a mais, que passaria dalli á Serra, e faria terminar o levante pela forca e pelas algemas. Os reinóes do Rio das Mortes em vista disto trataram de fugir.

Muitos vieram para o Dictador em Ouro Preto, aonde estava, e aos compatricios aqui expuzeram o damno, que os aguardava, exaggerando mesmo o perigo, a que tinham chegado. D. Fernando não admittia justificações e ahi vinha, diziam elles, trazendo um lote de bestas carregadas com algemas e correntes no proposito de levar comsigo para o Rio os que mereceram pena de morte.

Estas noticias produziram verdadeiro alarma nos arraiaes da Serra. Realmente o facto de se proclamar um governo, facto novissimo na historia dos motins por maiores que foram, era um attentado, que merecia todas as furias da Lesa-Magestade. Conscientes disto e do risco e das iras em que tinham incorrido, o Dictador e seus officiaes, réos de morte, se consideraram perdidos. Ajuntaram-se, pois, e por ultimo resolveram não permittir que D. Fernando penetrasse na Serra, custasse o que custasse. Ora, além da offensa á soberania Real, que o levante significava, os paulistas tinham assoalhado, e mesmo dito a D. Fernando, que os reinóes queriam impôr á Sua Magestade a suspensão dos quintos por nove annos, e projectavam abrir um caminho das Minas para Buenos Ayres no interesse de contrabandearem, ou fugirem no caso que de encontro com as tropas do Rei ficassem vencidos. Este embuste pelo lado da audacia nada tinha que se lhe cortar em vista de muito maiores façanhas naquelle tempo então que aventureiros houve, que atravessaram o continente e foram sahir no Maranhão e no Perú. D. Fernando, que não primava sobre os mediocres enviados a governar a America, deu inteiro credito aos paulistas, e mais enfurecido se mostrou.

---

lhes deu juramento aos Santos Evangelhos em Missal, que debaixo delle cumpram e guardem o que o dito Senhor ordena no dito Alvará, e sendo por elle recebido assim o promettem fazer, do que fiz este termo etc. Francisco, Bispo do Rio de Janeiro, Gregorio de Castro Moraes, Martim Corrêa Vasques, Fhilipe Coelho, João da Costa Affonseca. »

II

A EXPULSÃO DO GOVERNADOR

O despotismo é o regimen das extremidades. Como não admitte defesas, nem observa regras de processo, ou induz ao servilismo, ou ás revoltas. Na prespectiva, pois, de castigos crueis e arbitrarios, os reinões preferiram jogar com a sorte. D. Fernando, se chegasse a entrar em qualquer dos arraiaes da Serra, o prestigio de sua auctoridade, o nome do Rei, as caricias ou as ameaças, logo lhe attrahiram partidarios; quanto mais que trahidores não foram nunca difficeis em taes conjuncturas.

D. Fernando, emtanto, ignorava inteiramente o que se planejava a seu respeito. Não podia mesmo de leve suppôr, que lhe embargassem o passo; tanto mais que estava informado das promessas de Manoel Nunes sobre entregar o poder aos Ministros de Sua Magestade. Assim, quando os paulistas da Ponta do Morro lhe offereceram um reforço de gente armada, dispensou-a, e mostrou mesmo disto um certo enfado, como de orgulho offendido. Contava com o prestigio pessoal de sua representação, e com as suas quatro companhias de Dragões, que valiam cem armas e lhe pareciam assás para abater as maiores resistencias, quando lhe faltasse de todo o effeito do terror.

Pondo-se a caminho das Geraes, segundo erro commetteu, querendo chegar sem ser esperado, como se tal surpresa fosse possivel. Com effeito, não tendo querido se annunciar, como era de estylo, os reinões por isso mais capacitados ficaram do perigo. Para lhes enviar um aviso de guerra, não podia ser; para lhes enviar um aviso de paz e vir-lhes fazer a guerra, era elle um fidalgo e não daria tão má prova de si. Era como a tal respeito argumentavam os reinoés, mas por fim a falta de aviso para elles foi considerada como signal inequivoco da calamidade. Em resultado: D. Fernando não o deviam deixar por nada introduzir-se na Serra.

Neste intento Manoel Nunes mandou esculcas a todos os pontos do caminho para virem de batida trazer-lhe as noticias do itinerario de D. Fernando, com ordem de no penultimo pouso, em que elle pernoitasse, a qualquer hora partisse dalli o espião, e fizesse o signal combinado, que era accender uma fogueira na Itatiaia, e dahi de cume em cume até Ouro Preto se faria outro tanto, para o que se haviam de monte em monte postado os agentes necessarios. Feito isto, o Dictador mandou em Bandos a toque de caixas publicar por todos os arraiaes da Serra e suas vizinhanças uma or-

dem terminante; afim de se apresentarem, logo que ouvissem o signal das cornetas, os homens validos, aqui moradores, com suas armas, os que as tivessem; e mesmo os desarmados, afim de sahirem todos a receber o Governador, como protesto de consideração pela sua boa vinda. Os que faltassem a ordem seriam punidos, e os que a contradissessem, seriam mortos.

Quando pois o Governador, muito senhor de si, chegou a roça de João da Silva Costa, onde está hoje o arraial de Congonhas, partiu o esculca, e veiu fazer o signal da Itatiaia. O fogo era o telegrapho primitivo de que se serviam os mesmos indios, em suas urgentes communicações.

Assim, apenas foi visto do Passadéz o fogo no pico das Tres Cruzes, em todos os arraiaes da Serra ateiou-se o clarão significativo. As trombetas soaram, e na manhã seguinte quatro mil homens se apresentaram ao Dictador em ordem de marcha. Era ainda recente a estrada do Passadéz ao Rodeio, apertada e coberta de mattas até a borda dos campos da Boa Vista. Todo o dia e noite desfilou a gente. O governador D. Fernando nesse dia vinha pousar no sitio das Congonhas (1) a quatro leguas distante de Ouro Preto, sitio, que pessoalmente examinamos, e ficava no que hoje se chama Chiqueiro de Fóra, com pouca ou sem differença.

Approximando se delle, já noite, Manoel Nunes foi pousar a quem da collina, que o separava das vistas de D. Fernando. Ora, este ao amanhecer do dia seguinte, apenas abriu a porta da casa, em que dormiu, deu com o que não queria ver, nem esperava, espectaculo terrivel, um exercito no alto da collina formado em linha de batalha, a infanteria no centro, a cavallaria nos lados, e o Dictador com o seu Estado-maior em ordem de fogo! Tinha Manoel Nunes collocado na primeira fila toda a sua gente armada de fuzis, de modo, que D. Fernando, não podia suppôr senão, que todo aquelle exercito estava de igual modo municiado. Attonito e estupefacto, mandou o Governador um Ajudante a Manoel Nunes lhe dissesse o que aquillo significava, quaes eram as suas intenções? A meio-morro, e logo que o Ajudante se approximou, um brado unisono, atroador, partiu de todos numa só voz «Viva o sr. Manoel Nunes Vianna, nosso governador! Morra o sr. D. Fernando Martins Mascarenhas si não voltar daqui para o Rio».

Confundindo factos diversos, os escriptores, e com elles o dr. Claudio Manoel, disseram, que corria o boato de se ter Manoel Nunes encontrado com D. Fernando, indo á noite e ás occultas falar-lhe no seu aposento. Por esta versão Manoel Nunes foi desculpar-se com elle, por se achar coagido

---

(1) Vide a nota especial sobre Congonhas.

pelo povo em todo aquelle movimento, e pedir que a todo tempo D. Fernando lhe attestasse a obedincia á Sua Magestade. Não ha siquer verosimilhança neste asserto, que mais tarde veremos, como foi equivocado. O que ha de certo nisto é que quem alli se entendeu com D. Fernando, foi Paschoal da Silva Guimarães, homem astuto por natureza, e refinado contemporizador; facto que se verifica da Patente de 12 de janeiro de 1714, pela qual D. Braz Balthazar da Silveira o nomeou governador de Ouro Preto. Entre os mais elogios do estylo, disse D. Braz «... o ter sido elle Paschoal o unico que reconheceu por governador a D. Fernando Martins Mascarenhas no tempo das alterações, offerecendo-se-lhe para executar tudo o que lhe ordenasse, no que mostrou ser vassalo fiel de Sua Magestade».

Paschoal da Silva foi alma e vida do levantamento, para o qual concorreu com serviços pessoaes, e de seus sequazes, senão com bastante cabedal.

Não podia ter se encontrado com D. Fernando em outra occasião, além dessa, em que foi unico segundo D. Braz a lhe reconhecer a auctoridade. Marchou, portanto, com o Dictador sabendo de propriamente o que ia fazer. Manoel Nunes tão imbecil não seria, que se fosse fiar de si, entre mãos dos Dragões, e levado por seus proprios pés. Paschoal da Silva, segundo o conde d'Assumar, com quem sempre andou ás voltas, era: «.. affectada modestia, brandura, cavillação, manha, docilidade em pessoa, de poucas palavras e sempre submissas, com apparentes visos de obediencia...»

Parece-nos pois estar vendo um tal embaixador offerecer-se para tudo a D. Fernando: mas, tocando-lhe as cordas do medo, em lhe descrever como estava Manoel Nunes violentado por aquelle povo immenso, revolto, abrutalhado, muito capaz de esquartejar tambem alli os Dragões e até mesmo a D. Fernando, se teimasse em vir á Serra.

O certo é que este, intimidando-se, e medindo a desproporção das forças, anoiteceu, mas não amanheceu no Sitio das Congonhas. Voltou ás pressas para o Rio de Janeiro; e de lá deu contas ao Rei, já agora minuciosas, do levantamento das Minas.

III

CONSEQUENCIAS

A massa em geral dos imprevidentes poderia regosijar-se da desfeita de D. Fernando, menos Manoel Nunes Vianna e seus intimos. Ainda que essa desfeita em resultados muito melhor foi, que deixal-o entrar para os prender e

punir em ferros, quiçá nos baraços da forca, todavia lhe mediram assás as consequencias. A mortandade dos paulistas tão covarde e deshumanamente executada e agora esta inaudita façanha de expulsarem um governador, logar-tenente de Sua Magestade, eram cousas, que acerbamente escandalizavam os tementes a Deus, e muito mais ainda os tementes ao Rei. Atormentava-os por egual modo a idéa de estarem confirmando as intrigas dos paulistas, quando diziam, que elles, portuguezes, tentavam desmembrar a patria, e se unir aos castelhanos, seus inimigos implacaveis. Esta calumnia sobre tudo os affligia perante seus amigos e parentes no Reino.

Seriam elles, diziam de uns a outros, os primeiros, que passariam á historia da heroica nação tisnados de tão infame labéo. Além dessas torturas moraes, aguardava-os outras mais atrozes, para quando cahissem a gume das justiças do Rei, criminosos de alta trahição. Sobre tantos desassocegos occorriam ainda as queixas, que muitos moradores da Serra levantavam, de terem sido enganados e assim conduzidos ao encontro de D. Fernando.

Cheios, portanto, de tão graves receios, Manoel Nunes, e seus intimos, mudaram de plano, o de se mostrarem fieis e uteis vassalos. Mandou o Dictador logo pôr em boa arrecadação os quintos, e fizeram entre si uma copiosa finta destinada a donativos na Côrte. Feito isto, despacharam para Lisboa a Frei Francisco de Menezes, afim de entregar a S. Magestade o producto dos quintos, e os donativos voluntarios, com os mais submissos protestos de lealdade.

Sabiam que estes meios eram os mais proprios para moverem a clemencia do Soberano, que já então era Dom João V, o typo mais bem acabado da megalomania que ainda reinou.

Effectivamente, os quintos de 18 marcos e 2 onças colhidos em 1708, subiram em 1709 a 1 arroba e 7 marcos. A missão de Fr. Francisco de Menezes na Côrte seria alcançar do Rei um indulto geral a favor dos levantados.

Posteriormente, em fins de Maio, tornaram-se a reunir em conselhho, e quizeram reforçar a missão do Frade, enviando á Bahia uma segunda com a remessa de mais ouro; mas não o fizeram por chegar em Junho a noticia de ter nesse meio tempo desembarcado no Rio o novo Governador Mestre de Campo General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho para substituir a D. Fernando no Governo da Capitania.

CAPITULO 5.º

I

INTERVENÇÃO DE ALBUQUERQUE

Era Antonio de Albuquerque o maior vulto do governo colonial da America: e já tinha governado o Maranhão, tendo lá succedido a Arthur de Sá em 1691. (1) Em 1701 Albuquerque foi a Côrte, e de lá voltou para demarcar com os peritos francezes a fronteira das Goianas, que já conhecia pelas luctas, que sustentou, das quaes resta por monumento a fortaleza do Macapá no logar, em que seu tio Feliciano Coelho tinha erigido a de Camaú tomada aos inglezes.

Como se vê da historia, a negligencia ou fragilidade do governo dos Philipes, uma das muitas desventuras, que nos trouxe, foi a de consentir que os francezes se estabelecessem na Cayena, dando origem á famosa questão do Amapá. Em 1700 por convenio, assignado em Pariz, ficou determinado que se traçassem os limites pela linha do Oyapoc, rectificando-se-lhe o nome, que os adversarios haviam ardilosamente confundido pelo de Vicente Pinzon. Em tal serviço Albuquerque tão bem andou, que a linha por elle acceita foi a mesma, que por ultimo prevaleceu no Juizo arbitral de Berne.

Em 1686 El-Rei já havia mandado a Gomes Freire de Andrade, governador do Pará, que despachasse a Antonio de Albuquerque com um outro Engenheiro, e mais pessoas necessarias a levantar na Capitania do Cabo do Norte as fortificações, que fossem convenientes.

Em todas estas diligencias mostrou-se elle de superior capacidade e zelo inexcedivel. A sua nomeação para o Rio indica o interesse, que o governo Regio em guerra com a França ligava á sorte dessa praça ameaçada : e não como se tem dito a sorte das Minas, da qual pouco então se cuidava na Côrte.

Assumindo as redeas da Capitania (11 de junho de 1709) a primeira cousa, que achou para o estourar de pasmo, foi a expulsão de D. Fernando Martins, por este mesmo rela-

---

(1) Arthur de Sá governou o Maranhão e o Pará desde 1687 a 1691.

tada, conforme já em officio tinha exposto á Sua Magestade. O caso era gravissimo em demasia para ficar impune. Por isso partir logo Albuquerque para as Minas foi a sua primeira deliberação, e mandou preparar as tropas, que o deveriam escoltar.

Entretanto, os reinóes, como souberam de sua chegada ao Rio, suspenderam quaesquer outras medidas; e mandaram-lhe, como procurador o carmelita Frei Miguel Ribeiro, homem de luzes, bemquisto do mesmo general, cujo secretario foi no governo do Maranhão.

Chegou Frei Miguel ao Rio em vesperas de partir Albuquerque; e lhe apresentou por parte dos principaes levantados, de Manoel Nunes, e outros, cartas, pelas quaes exprimiam as boas disposições, em que todos se achavam, querendo viver tranquillos e sujeitos ás leis e aos Ministros de Sua Magestade. Pediam-lhe com instancia, que viesse ás Minas receber delles a homenagem mais calorosa, e os protestos da mais sincera obediencia. Regosijou-se disto e em extremo o general; e como o Frade era seu amigo, em quem muito confiava, delle informando-se particularmente, viu que ser-lhe-ia mais vantajoso subir para as Minas em tom pacifico, sem grande apparato de forças, e trazendo apenas uma escolta de 20 soldados á conta de sua guarnição ordinaria.

Dirigiu-se Albuquerque em primeiro logar ao arraial de Caheté. Disseram os Escriptores que, assim o fez, para alli se entender com Sebastião Pereira de Aguilar, inimigo do Dictador, no intuito de lhe requestar o apoio, para o caso, que este resistisse. Esta versão em tanto mui fóra vem de proposito. Se elle não trouxe forças do Rio, é que já estava convencido pela exposição de Frei Miguel, incapaz de trahil-o, de lhe não ser necessario o emprego de violencias, esperando por outra o melhor acolhimento na serra do Ouro Preto. Politico porém fino e sagaz, como seu intuito era não apurar as cousas, senão deixal-as em olvido, não lhe convinha vir primeiro se avistar com os reinóes; para que disto os bahianos e paulistas não julgassem, que lhes passava a mão pela cabeça por serem compatricios, com os quaes se uniria para opprimir e humilhar mais tarde os naturaes da America.

Como quer que fosse, em chegando a Caheté não acceitou a hospedagem, que Sebastião Pereira forcejou por lhe dar; e foi para a casa dos tres irmãos Pereiras, Antonio Pereira de Miranda, José Pereira de Miranda, e Miguel Alves de Miranda, parentes de Sebastião, tambem abastados, mas nunca envolvidos de modo certo e principal nas alterações.

Entrementes, tanto que Manoel Nunes soube na Serra, que o general tinha passado para o Rio das Velhas, expediu o Mestre de Campo Antonio Francisco da Silva, seu Ajudante, com o intuito e ordem de se apresentar ao gover-

nador, onde estivesse, e de lhe pedir dia e logar para recebel-o. Ao mesmo tempo o governador destacou o seu Ajudante capitão José de Souza, que viesse a Ouro Preto intimar o Dictador a se apresentar no Caheté.

O acaso veiu aqui de molde a favonear ambos os desejos. Os dous Ajudantes se encontraram no logar da Venda Nova, perto de Ouro Preto, e com surpresa reconheceram-se. Antonio Francisco havia militado na companhia de José de Souza na colonia do Sacramento.

Abraçaram-se como velhos camaradas, e se rejubilaram do successo, que tão longe os fazia reverem-se, e em tão particulares conjuncturas no amago das Minas. Ignorando, ou fingindo ignorar as intenções do general, o capitão José de Souza expoz ao amigo a sua commissão; e annunciou-lhe a paz ou a guerra, que o general vinha trazer, conforme os levantados procedessem, disposto a punir severamente toda e qualquer insolencia. Antonio Francisco por sua vez ao capitão referiu os bons desejos de Manoel Nunes, e voltando no melhor accordo para Ouro Preto, apresentaram-se ambos ao Dictador, a quem deram conta do que se havia passado. O capitão, recebido com toda a affabilidade, fez as suas intimações; e no dia seguinte partiram para o Caheté, Manoel Nunes e seus confidentes.

Antonio de Albuquerque os recebeu com satisfacção, e dando ao facto caracter solemne, convocou uma junta, na qual o Dictador compareceu com os seus amigos, e perante todos depoz em mãos do capitão general o governo e a regencia das Minas, e fez a sua submissão com juramento de fidelidade aos Ministros do Rei, presentes e futuros.

Albuquerque, tendo visto a influencia que Manoel Nunes exercia de facto no Districto, comprehendeu a conveniencia de arredal-o por algum tempo das Minas, afim de não ser embaraçado na politica, que planejava; e pois bastou falar e logo ser attendido. Manoel Nunes passou procuração a seu primo Manoel Rodrigues Soares para seus negocios particulares, e, despedindo-se de seus amigos, partiu com o seu bom e leal camarada Antonio Francisco da Silva a caminho do sertão. E assim desappareceu no voluntario exilio a fortuna dos Emboadas. (1)

---

(1) Manoel Nunes foi para a sua fazenda do Jequitahy; e Antonio Francisco ficou em caminho no seu descoberto do Papagaio de que em 1719, obteve a Sesmaria do Conde de Assumar. A carta (13 de junho) diz.... « .Sitio nos campos do Rio das Velhas, chamado Papagaio, que o dito Brigadeiro descobrira e povoara havia 12 annos, tendo gados, etc. » Aquelles homens não perdiam tempo. Desterrado e fundando arraiaes!

II

INDULTO

Tendo o Rei visto os officios de D. Fernando e outras informações sobre os acontecimentos, e já estando Albuquerque no governo da Capitania, a este dirigiu a Carta Regia de 22 de agosto de 1709, ordenando-lhe que sem perda de tempo passasse para as Minas, afim de socegal-as comtanto, porém, que não desfalcasse a guarnição militar do Rio de Janeiro, por ser *esta Cidade muito appetecida pelos extrangeiros* (sic). Se o governador não dispozesse de força para a diligencia nestas condições, requisitasse-as do governador geral na Bahia, ao qual sua Magestade naquella data avisava para expedil-as, conforme fosse solicitado. Ordenou tambem o Soberano que Albuquerque, medindo em seu criterio os accidentes do tempo, usasse de meios rigorosos ou brandos, sendo preferiveis estes, e pudesse mesmo indultar os levantados, menos os cabeças Manoel Nunes Vianna e Bento do Amaral Coutinho.

Estava no caracter do regimen em voga, se os tumultos assumissem proporções maiores, a primeira cousa a fazer era um indulto: mas, se o governo pudesse castigar os turbulentos, sem risco de grandes sacrificios, não os perdoava.

Em agosto de 1709 não estava ainda em Lisboa o ex-governador D. Fernando: e nem lá havia chegado Frei Francisco de Menezes, como se conclue do indulto geral, que este alcançou por Alvará de 27 de novembro daquelle mesmo anno de 1709.

Tendo partido das Minas em consequencia dos factos succedidos em março e abril, Frei Francisco foi tomar passagem para o Reino na frota, que largava da Bahia em junho, e pois á Lisboa não chegou menos que em fins de setembro.

Na Bahia era aonde mais viva e rancorosamente se odiavam os paulistas, pela guerra que faziam nas Minas aos naturaes daquella parte, e aos portuguezes, cujo elemento compunha o principal e mais rico pessoal da cidade. Commerciantes opulentos e funccionarios de alta cathegoria, alli moradores, dispunham por isso de todo o prestigio na Côrte. Para se ver mesmo o juizo, que ainda por muito tempo faziam dos paulistas, basta se lêr a Carta Prefacio do *Peregrino da America*, obra editada e offerecida a Manoel Nunes Vianna pelo Padre Nuno Marques Pereira, em 1727. Os paulistas, dizia-se, eram rebeldes, insurrectos, inimigos ferozes dos portuguezes; Manoel Nunes o heroe, que os subju-

gou e coagiu á obidiencia da corôa de Portugal, bem como salvou os bens e a vida de seus compatriotas. (1)

Não ha contestar por conseguinte que Frei Francisco de Menezes, passando pela Bahia, muniu-se de todos os preparos que a seu alcance estiveram, tendentes ao bom exito de sua commissão, e a bem de seus amigos, levando para Lisboa cartas e justificações, que não lhe faltaram. Mas é preciso não esquecer, que o Frade conduziu tambem os quintos de sua Magestade, arrecadados pelos rebeldes: e derramou sobre a Côrte a chuva miraculosa de Acrisio. Foram argumentos estes positivos, e os mais convincentes para a epocha. Consequentemente, eis o Alvará, que elle conseguiu: «Eu El-Rei &. Faço saber aos que este meu Alvará virem, que tendo visto a representação, que me fizeram os moradores das Minas geraes do Nascente e do Poente do Rio das Velhas, por seu procurador Frei Francisco de Menezes Religioso da Santissima Trindade, em razão da causa que tiveram para pegar em armas contra os paulistas, com quem se acham na maior desunião e perturbação, e grande damno do meu real serviço, e da conservação de meus vassalos: e ser conveniente usar com elles de toda a piedade por se não arriscar em negocio de alta consequencia, que pode haver, e principalmente recorrendo a mim um grande numero dos principaes das Minas, com toda humildade, protestando-me a sua obediencia: em consideração de tudo: Hei por bem conceder um indulto geral não só aos que constituiram o tal Religioso por seu procurador, mas a todos os mais de inferior condição dahi para baixo que se submetterem á minha obediencia e serviço. Pelo que mando ao Governador e Capitão-general de S. Paulo e Minas do Ouro, e mais Ministros a quem tocar, cumpram e guardem este meu Alvará e o façam cumprir e executar inteira-

---

(1) « V. S.ª, dizia o Padre Nuno, por seu esforço e distincto valor fez sugeitar e ceder toda a rebeldia das valentes paulistas do sertão do Brasil, á que reconhecessem a obediencia e sugeição que deviam ter ao grande Monarcha Rei de Portugal, hovendo-se com tão destimido valor e prudencia, que a todos os rebeldes venceu e convenceu a ferro e fogo até que os fez sugeitar por forma o jugo e obediencia que deviam ter a Real corôa de Portugal, devendo-se todo este successo ao grande valor e prudencia de V. S.ª, acção por certo dignissima de todo o louvor e e de ser premiada com os mais remunerantes cargos honorificos.

E no que mais realça a grandeza e generosidade de V. S.ª foi quando vendo-se toda aquella gente desobrigada e livre de odios e trahições daquelles naturaes da terra, em agradecimento deste tão grande beneficio, e que de V. S.ª tinha recebido, com vivas acclamações o quizeram fazer seu governador pelos haver livrado do poder de seus contrarios e pelos conservar e estabelecer em paz e posse de seus bens.»

mente, como nelle se contém, e sem duvida alguma, o qual valerá, como carta, e não passará pela chancellaria, sem embargo da Ordenação L. 2 Tit. 39 e 40 em contrario, e se passou por duas vias. Theotonio Pereira de Castro o fez em Lisboa Occidental, a 27 de novembro de 1709».

Tendo, pois, obtido este indulto, sem restricção de pessoa, embarcou Frei Francisco de volta para o Rio de Janeiro. No menos, porém, que desejou, não foi attendido. Havia com effeito requerido á sua Megestade licença para morar nas Minas, cousa que se prohibiu sempre, embora sem resultado, aos Religiosos; mas o Rei muito prudentemente mandou que este requerimento viesse ao governador, para ser informado. Por officio de 3 de abril de 1710, o genenal Albuquerque declarou em virtude á sua Magestade, que em absoluto não convinha que tal Frade puzesse os pés nas Minas por ser perturbador e cabeça do levantamento contra os paulistas, que o odiavam, informação com a qual se conformou o Rei; e por carta de 12 de novembro de 1710, declarou que Albuquerque obrara muito bem em não consentir, que o Frade para aqui viesse; e que o mandasse expulsar á toda força, no caso que tivesse entrado furtivamente.

Pelo que temos exposto vemos, que Albuquerque, quando recebeu a Carta Regia de 22 de agosto, já tinha feito por si o que El-Rei lhe determinara.

Finalmente recebeu o Alvará de 27 de novembro, alcançado por Frei Francisco, mas como sem elle as cousas iam chegando a seus eixos, motivos teve para deixar de executal-o, não menos por ser desnecessario, que por lhe parecer inconveniente, como adiante se verá. Homem leal e prudente, embora o indulto de 22 de agosto exceptuasse os cabeças Manoel Nunes Vianna, e Bento do Amaral Coutinho, não o tinha querido tambem nesta parte executar, passada a occasião, quando o recebeu. (1) Elle tinha em Cahété promettido a todos o esquecimento das culpas. Manoel Nunes havia procedido bem; e Bento Amaral andava fugido das Minas para não dar contas de seu crime ao mesmo ex-Dictador. Perseguir a Manoel Nunes seria voltar atraz; e se desdizer; mas Albuquerque não era homem para isto; e, felizmente: por que neste caso foi o proprio Rei, quem se desdisse no indulto geral e mais novo; que concedeu a Frei Francisco.

---

(1) Supposto menos prudente o governador teria sacrificado inutilmente a Manoel Nunes, e nem com isto melhores resultados obteria.

III

A NOVA CAPITANIA

S. Paulo e Minas do ouro

O verdadeiro e cabal conhecimento, a que chegou a Côrte sobre a situação das Minas, já povoadas e abundantes de riqueza, levou o Rei a considerar na conveniencia de já não sacrificar tantos interesses por amor sómente á segurança do Rio de Janeiro: por visto que então podia prover de bom grado a todas as necessidades de uma e de outra parte. Neste intuito dividiu acertadamente a Capitania em duas, e creou a de S. Paulo e Minas do Ouro, por carta de 9 de novembro de 1709. Pela ordem de 22 de mesmo novembro mandou que Albuquerque deixasse nas mãos do Mestre de Campo das Fortificações Francisco de Castro Moraes, o governo da cidade; e a 26 escreveu-lhe de prevenção a seguinte Carta: «Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Na consideração de passardes ao governo das Minas nomeio governador do Rio de Janeiro a Francisco de Castro Moraes. Porém, se por algum accidente tornares para o mesmo Rio, e achares nelle o dito Francisco de Castro Moraes, tereis entendido, que haveis de continuar o governo do Rio, e elle hade vencer o seu soldo sem embargo de não o exercitar, e neste caso lhe entregareis a carta, que com este vos será dada e outra para os officiaes da Camara da cidade de S. Sebastião em que lhe mando declarar o referido. Escripta em Lisboa 26 de novembro de 1709. Rei».

Por carta de 28 desse mesmo mez e anno removeu Sua Magestade o Secretario da Ilha da Madeira Manoel Pegado para igual cargo da nova Capitania.

Por estas datas vemos como tão fecundo e decisivo foi aquelle mez de novembro de 1709, para o futuro das Minas Geraes.

Pela frota da abril de 1710, em data de 3, Antonio de Albuquerque respondeu á sua Magestade em varios officios os assumptos das referidas cartas e ordens; e declarou que a sua demora em subir para as Minas seria sómente, em quanto se promptificavam as necessarias embarcações, que o transportassem com a comitiva á Villa de Santos, de onde subiria para S. Paulo, perante cuja Camara entendia ser mais conveniente tomar posse do novo governo.

De Santos a viagem fazia-se por agua até o Cubatão, na raiz da Serra; e por este acima o caminho, sendo fragoso e

pessimo, ia-se a pé, puchando-se as bestas: e as cargas se transpunham a braços.

No Cubatão achou Albuquerque muitos paulistas, que desceram a recebel-o, e os indios da Real Aldeia de S. Miguel, tendo por maioral e chefe o cabo João Velloso de Siqueira, que vieram de serra-cima a effeito de conduzirem e transportarem os volumes da bagagem e o armamento, que o governador trazia. Por Patente de 29 de junho de 1709, poucos dias depois da chegada a S. Paulo, foi o indio João Velloso condecorado no posto de Capitão e Cabo da Aldeia de S. Miguel, não só por este bom serviço, mas ainda pelos que já tinha prestado a Arthur de Sá, quando veiu commandando o terço dos indios em guarda a aquelle governador no tempo dos descobrimentos do Sabará-buçú.

Por esta occasião reconciliou-se Antonio de Albuquerque com os paulistas, com os quaes se achava de relações interrompidas, e profundamente indisposto por acontecimentos, cuja narrativa nos leva a retroceder ao Caheté.

*
* *

No intervallo de 11 de Junho de 1709, a 18 de Junho de 1710, isto é, do tempo da posse de Albuquerque, governador do Rio, ao da posse delle governador da nova capitania, o periodo se encheu de acontecimentos, cuja memoria se conserva, embora não possamos precisar uma grande parte das datas, em que succederam. Andando o Governador em viagens de uns para outros arraiaés, ou não se registraram muitos actos, ou não chegaram a se guardar no archivo. Comtudo faremos a nossa exposição respeitando quanto possivel o fio logico, que d'elles se deduz.

Depois de pacificar o levante, e restaurar o prestigio da autoridade regia, sacrificada na pessoa de seu antecessor Dom Fernando, teve Albuquerque por maior e principal cuidado favorecer a reparação devida aos paulistas, attenuando-lhes os prejuisos causados pelas alterações. Muitos tinham sido expulsos de seus logares, muitos expoliados de seus bens, e não pequeno numero d'elles ficou empobrecido com a grave injustiça de se não attender que foram os primeiros povoadores do Sertão, e os que haviam padecido todos os rigores e affrontado todos os perigos da conquista.

Encontrou Albuquerque duas classes de Guardas Móres, funccionarios, que eram os mais importantes: e por cujo fôro corriam os negocios unicos, e litigiosos sobre a grande propriedade das minas, em um tempo, quando nenhuma outra propriedade a bem dizer existia. Dos Guardas Móres alguns ainda os achou instituidos por Arthur de Sá e seus successores até D. Fernando, outros porem se apresentáram

de nomeação de Manoel Nunes, como Dictador das Minas. D'estes foram providos um bom numero nos logares, que os paulistas tinham deixado em abandono; e o Dictador muitos outros acertou de instituir em logares novos, que o augmento da população exigiu. Effectivamente foi isto uma necessidade, a que o Dictador não devia deixar de prover; visto ser a guarda-moria o instituto unico e apparelhado, sob o qual todos os direitos e interesses, inclusivé os do Rei, vinham repousar; e por isso não se tinha dissolvido, nem por effeito da propria anarchia no Districto.

Com a evasão dos paulistas as minas, que lhes pertenciam, e lhes haviam tocado na repartição dos ribeiros, ficaram forçosamente despovoadas, e portanto no caso de se declararem em commisso; o que se deu. Os Guardas Móres da Dictadura, processando-as, e julgando-as abandonadas, concederam-nas a segundos requerentes.

Albuquerque annullou todos estes actos derivados de taes Guardas Móres; mas não poude annullar do mesmo golpe as concessões feitas pelos Guardas Móres legitimos, embora se allegassem motivos identicos de commisso. Era rigorosamente vedado aos Governadores intrometterem-se na esphera da Guarda-moria, de cujos actos só havia recursos para o Guarda-mor Geral. (Ordem de 24 de Maio de 1701). Affectando por isso a questão ao Juizo do Rei, mandou S. Magestade, pela Ordem de 30 de Maio de 1711, que aos paulistas fossem restituidos todos os seus bens moveis ou immoveis usurpados no tempo das alterações; e quanto ás minas estas não se deviam considerar jamais abandonadas por elles, visto terem a justificativa da força maior, que os obrigou.

Com estas providencias foi natural que os reinóes prejudicados se irritassem, e de facto pela Patente de capitão Mór do Caheté passada por D. Bráz Balthazar da Silveira a Manoel Rodrigues Soares, sabemos que este «....ajudou com sincero esfôrço a pasiguar os reinoés, de que resultou « grande quietação e facilitou a justiça em tempo de Anto- « onio de Albuquerque».

Como em verdade Manoel Nunes no provimento dos officios e postos, que fez escolheu sempre o melhor pessoal dos logares, não quiz Albuquerque destitui-lo; mas para não ceder de sua autoridade, mandou passar aos serventuarios novas provisões e patentes.

O povoamento das Minas já não comportava uma só superintendencia, em que se pleiteasse a justiça; e por isso dividiu o territorio em tantas outras, quantas servissem aos centros principaes de riqueza. No Sabará e Rio das Velhas conservou por superintendente o Tenente General Borba Gatto. No Caheté confirmou a Sebastião Pereira de Aguilar; e no Rio das Mortes ao Capitão Mór Pedro de Moraes Raposo.

Para Ouro Preto confirmou tambem a Paschoal da Silva Guimarães; para o Carmo nomeou a José Rabello Perdigão, o ex-secretario de Arthur de Sá; e para o Serro do Frio, ao Sargento Mór Lourenço Carlos Mascarenhas. Com egual solicitude deu provimento aos Capitães-Móres e aos officiaes da Fazenda, renovando-lhes as Patentes ou expedindo novas, mas fasendo mui poucas alterações no pessoal, que achou fosse do tempo de seus antecessores, fosse do tempo de Manoel Nunes; e nem outro melhor havia.

Julgando, depois necessario ir a S. Paulo para aquietar os animos, e persuadir os paulistas a tornarem ás Minas, estava em preparativos de viagem, quando lhe chegaram noticias, que muito o affligiram, realmente alarmantes.

IV

INVASÃO DO RIO DAS MORTES

Os fugitivos da Ponta do Morro, voltando a suas terras, nem no seio das proprias familias acharam acquiescencia. Não se exceptuando nem Mães, nem Exposas, toda aquella gente os repelliu, como covardes, que se recolhiam á patria sem se vingarem dos insultos e das violencias soffridas. Os manes dos compatricios chacinados no capão da Trahição bradavam inultos por uma desforra. Por onde quer que passavam os retirantes eram recebidos com apupos e desdem. Em se tratando de mulheres, que algo tinham de Sparta; pois renunciavam os proprios maridos em vez de cobrarem as caricias, que esperavam, não se imagina o calor da dignidade esquecida, que subiu á face d'estes e ao coração. Proclamou-se, em virtude, a guerra santa.

Reunido o povo no Paço da Camara de S. Paulo, em Abril de 1709, elegeu por Capitão da leva, a Amador Bueno da Veiga; e nas mãos d'elle juraram os presentes: «obedecerem-lhe em tudo, que fosse em pról da defesa da patria, e de seus naturaes». Os preparativos começaram logo. Não se cuidou senão da guerra.

A 22 de Agosto, estando tudo prompto, compareceu o Capitão Mór Amador Bueno, e perante o Senado jurou, de que se lavrou um termo, dizendo, que «fazia a viagem para as Minas por bem da patria e por chefe da força tomava por conta zelar o bem commum; e com receio do descaminho dos quintos reaes, queria em tom pacifico levar a maior força, que pudesse, para que vendo-a os levantados não facilitassem, e não vexassem os paulistas como até agora o fizeram, e que havia de procurar os meios de intro-

dusi-los nas Minas outra vez, mas que, si os levantados se lhe oppozessem, que em tal caso era natural a defesa».

Pela data destes successos vemos que em São Paulo não se conhecia assaz, o que se passava nas Minas; porquanto Albuquerque, tendo tomado posse em Junho, subiu para aqui logo e pelo caminho novo, dirigindo-se para o Caheté. E' possivel que já em Agosto constasse em S. Paulo a deposição de Vianna: mas, não lhes constando o castigo, que os levantados soffressem, e elles já estando armados, não quiseram recuar da campanha, como de facto adiante se verá.

Era Amador Bueno da Veiga, filho de Balthazar da Costa Veiga e de D. Maria Bueno de Mendonça, neto portanto do primeiro e grande Amador, o Rei de S. Paulo, por seu filho Amador casado com D. Margarida de Mendonça.

Tendo se extraviado no Sertão e desapparecido Bartholomeu Bueno de Mendonça, e correndo o boato de ter sido victima dos forasteiros, D. Margarida, já doente, sua Mãe de tal tristeza se possuiu, que succumbiu, clamando pelo filho. Amador Bueno da Veiga teve portanto mais este motivo de familia a instiga-lo ao odio, e aos desejos de vingança.

Pelos meios rudimentarios da communicação d'aquelle tempo, as novidades corriam vagarosas e tambem imperfeitas. Albuquerque preoccupado em seus trabalhos ignorava por muito o que se passava em S. Paulo. A primeira noticia, que teve d'esta tremenda borrasca armada pelos paulistas, foi-lhe da Ponta do Morro; de onde, lhe disseram, os forasteiros estavam entrincheirados á espera dos rivaes, que não tardariam, desafiados por uma carta de Ambrosio Caldeira Brant, blasonador de façanhas e riquezas, em que realmente era forte.

Cahindo-lhe a alma aos pés, o General em vista d'estas noticias clamorosas, mandou á Ponta do Morro o Padre Simão de Oliveira para chamar á razão os forasteiros, e se certificar do que em verdade alli succedia. O Padre, porém, voltando d'essa diligencia ao Caheté, só poude attestar que a guerra já era inevitavel. Ambrosio Caldeira, sabendo dos preparativos dos paulistas, havia de facto escripto uma carta insolente e provocadora ao Capitão Amador, dizendo-lhe que não tardasse a vir as Minas com a sua gente para ser devidamente castigado.

V

PROVIDENCIAS

Em vista destes pormenores, Antonio de Albuquerque montou a cavallo e partiu á toda pressa, querendo ver si ainda chegava em S. Paulo a tempo de evitar a invasão, e o conflicto dos contendores. Na Ponta do Morro severamente reprehendeu, e ameaçou os imprudentes provocadores: e seguiu. Chegando, porém, á Guaratinguetá, soube que os paulistas estavam d'alli a um dia de viagem, arranchados para cá de Taubaté; e por isso, enviou logo um portador, convidando a uma entrevista o Capitão Amador Bueno, ao que este promptamente attendeu, vindo á Guaratinguetá; aonde ambos se encerraram n'um quarto em demorada conferencia. Ninguem até hoje soube o que entre elles se discutiu. Apenas resta a versão, que Albuquerque em vós alta declarou, que os paulistas, voltando a perturbar o socego das Minas, incorriam nas iras de Deus e do Rei. (1) Despediu-se Amador já noite fechada, e regressou ao seu acampamento. No dia seguinte, antes de amanhecer, Albuquerque retirou-se da Villa: e tomou o caminho de Parati, em cujo porto foi feliz de achar a velas uma falúa; que com ventos de feição o transportou para o Rio de Janeiro.

Alguns escriptores, seguindo a versão do coronel Rocha Pitta, dizem que o General na madrugada, que fez, escapou-se apressadamente, mudando de caminho, para não ser capturado pelos paulistas. E' inteiramente fóra de proposito tal asserção. Si Albuquerque não proseguiu na sua batida para S. Paulo, foi porque já alli nada havia a fazer do que esperava: e, si foi para a Villa de Parati á toda pressa, a razão era, que precisava de tomar medidas energicas no Rio de Janeiro, como se deprehende da narrativa de Pedro Taques, e se comprova dos factos, que vamos expôr.

Chegando ao Rio, Albuquerque mandou immediatamente preparar um terço de Dragões para macharem ás ordens do Mestre de Campo Gregorio de Castro Moraes, a quem deu por Ajudante o Capitão Pedro da Rocha Gandavo: mas em quanto se faziam os preparativos, o Governador despachou

---

(1) Desta conferencia á noite, em reservado, e das mais circumstancias cremos ter sido de onde nasceu a confusão com o facto das Congonhas, entre Nunes Vianna e Dom Fernando. A historia antiga está cheia d'estes equivocos.

sem perda de um dia, o Capitão Manoel Antunes de Lemos, morador no Ribeirão do Carmo, e militar provecto no Reinot a que viesse em marchas forçadas ás Geraes buscar gente, de soccorro aos moradores do Rio das Mortes.

Do Rio ás Geraes pelo Caminho Novo a viagem não era difficil fazer-se em 10 a 12 dias; ao passo que de Guaratinguetá ao Rio das Mortes não custava, menos de 35 a 40, sobretudo a um exercito de 1.200 homens, como era o de Amador Bueno da Veiga.

Habitavam já então muitos colonos á beira do Caminho Novo, que de distancias em distancias davam pousada e rancho aos viandantes. O Guarda Mór Garcia Rodrigues Paes estava na sua sesmaria da Parahiba, no logar hoje da cidade. A' esquerda do rio tinha a sua casa de familia e as plantações com cem operarios, e á direita a venda e o rancho para tropeiros. Pouco adeante ficava Simão Pereira de Sá, depois o coronel Mathias Barbosa da Silva, depois o Alcaide Mór Thomé Corrêa e Manoel de Araujo, entre cujas sesmarias floresceu mais tarde o Juiz de Fóra.

A' base da Mantiqueira ficava João Gomes, acima João Ayres, e no Registro o coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, um verdadeiro potentado. Escusado é dizer que o Capitão Manoel Antunes, trazendo circular aberta do Governador, achou quanto quiz, e foi-lhe de mister exigir para celeridade da marcha. Chegando á Ressaca enviou á Ponta do Morro o aviso de estarem proximos os paulistas. Em poucos dias mais estava de volta das Geraes, conduzindo a gente, que poude, em ordem a soccorrer o arraial ameaçado.

VI

FUGA DOS PAULISTAS

Avisados assim os forasteiros concluiram as fortificações do arraial da Ponta do Morro; mas não tinham ainda bem armado o padrasto, que ficava sobre o povoado. Além disso a Igreja tinha ficado fóra dos baluartes e trincheiras. Estavam nessas ultimas obras de mão sobre a defesa do arraial, quando se annunciaram os paulistas, que chegaram, e foram sem demora atacando a praça. Os forasteiros se recolheram, e ficaram cercados. Amador Bueno occupou logo a collina sobranceira ao arraial, e nella João Falcão erigiu uma guarita, de onde fazia fogo, e lançava sobre as casas settas inflammadas. O incendio, que devorou muitas casas, chegou a pegar nas paliças do fortim, e mui difficilmente foi extincto. No segundo dia Ambrosio Caldeira, audaz e

imprudente, segundo o genio ardido, que o desvairava, ordenou uma sortida sobre o campo inimigo, e o atacou denodadamente: mas dessa loucura não lhe resultou menos, que a morte de oitenta companheiros, quando os paulistas apenas nove deixaram fóra do combate. Estes e outros incidentes mallogrados se repetiram durante a semana, em que de parte á parte se pelejou a valer, até que menos altivos os forasteiros começaram a fraquear; e por isso se resignaram a esperar os soccorros promettidos. E' facto, porém, attenuante de suas investidas desesperadas, o fogo horrivel, que os atormentava dentro da praça.

Entretanto, os sitiantes não podiam deixar de ser paulistas. Afoitos, valorosos, mas indoceis, e imprevidentes, sempre divididos andavam em rixas e rivalidades. As Villas principaes, formando respectivamente uma confederação de outras pequenas Villas e aldeias de sua origem, representavam elementos heterogeneos consoante ás tribus, que as haviam povoado, e das quaes provinha a massa de mestiços creados nas mesmas condições.

Cada uma dessas pequenas metropolis desenvolvia, já se disse, o seu dominio exclusivo sobre o sertão, que lhe estivesse proximo. Santos bracejava sobre o littoral até a Ilha de Santa Catharina e o Sertão dos Patos, ramo este dos Carijós que dominavam no Sul. Itú lançava-se á conquista para os sertões do Tibagi e do Uruguay. Taubaté reclamava o esclusivo poder sobre os sertões da Mantiqueira, e do rio abaixo.

S. Paulo, porém, desde sua fundação exigiu para si como seus os paizes do Tieté, e do Mogiguassú até Goiáz e Cuiabá. Além disso pertencia-lhe a hegemonia. Era o centro das luzes e da civilização, o collegio, em que se educavam os moços, ninho das idéas liberaes a favor dos indios, que os potentados queriam escravisar.

As demais Villas, sujeitas visivelmente ao poder moral de S. Paulo, não a estimavam. O explendor do culto feito pelos Padres da Companhia, as familias nobres e principaes que alli moravam, as artes que floresciam, o luxo dos pontentados, as alegrias da liberdade, tudo isto inspirava ciumes e inveja; mas tambem os seus naturaes abusavam pela acintosa ostentação de tanta superioridade.

Em frente da Ponta do Morro aconteceu o mesmo, que em frente de Troia. Os sitiantes deshouveram-se, como sempre se tem visto em povos primitivos, gregos ou barbaros. O particularismo acalorou-se de modo, que muitos largaram o campo; e o mesmo chefe Amador Bueno o teria feito, se Luiz Pedroso a tempo não lhe lançasse em rosto a deshonra, que dahi o levaria manchado para sempre.

Em taes circumstancias, num sabbado, sem que alguem o esperasse, os sitiados ao romper do dia viram o campo

em fóra deserto; e o silencio mais profundo reinando em torno do arraial.

Pensando fosse algum estratagema, sahiram cautelosamente a reconhecer o phenomeno. Era certo. Os paulistas se tinham ausentado; e só encontraram sobre um parapeito a imagem de Santo Antonio. Como era o padroeiro do arrail, foi crença, que a Santo por um milagre salvou o seu povo.

A realidade, com effeito, foi, que sem se saber como, espalhou-se no campo dos paulistas uma noticia que os aterrou com a convicção de sua tremenda derrota.

O milagre foi a rapidez fulminante com que correu tal noticia da chegada dos soccorros. O Mestre de Campo Gregorio de Castro com o terço dos dragões, unido aos geralistas sob o commando do Capitão Manoel Antunes, marchavam sobre o arraial. E assim os paulistas apavorados concluiram pela fuga o desbarate que já tinham começado pelas dissenções. (1)

O enthusiasmo dos forasteiros se mostrou tão excessivo, que se puzeram em marcha para alcançar os fugitivos; mas elles tinham atado azas aos pés, como Rocha Pitta se exprime.

E desde então ficou encerrada a famosa guerra civil.

CAPITULO VI

I

CARTA AO REI

Antonio de Albuquerque ferido em seu orgulho de auctoridade, agastadissimo pela desobediencia dos paulistas, em Guaratinguetá, quasi tão menoscabado como D. Fernando nas Congonhas, dirigiu-se ao Rei em um dos officios de 3 de Abril de 1710, cujos termos reproduzimos por nos parecer uma acta daquelles successos.

---

(1) Diz Antonio de Albuquerque na Patente de 12 de Abril de 1712, nomeando Manoel Antunes Capitão do Terço pago: «...em diligencias ... como na occasião da salvação das Minas em que os paulistas marchavam contra ellas depois de socegadas, introduzindo-se nellas com bastante gente armada, que aggregou a si, a sua custa, rompendo muitas difficuldades de caminhos ... »

«Senhor. Por Carta de 22 de Agosto p. p. que me chegou pelo palhabote em 22 de Novembro, foi V. M. servido ordenar-me passasse logo ás Minas em razão do aviso, que fez a V. M. o meu antecessor D. Fernando Martins Mascarenhas, de se acharem alterados os paulistas e mais gente, que havia corrido a ellas, e que uns e outros tinham obrado sem respeito as justiças, contra todo o direito e ordens especiaes, usando não só da força e do rigor da guerra, mas tambem da jurisdicção despotica e absoluta, a que o havia obrigado a passar á ellas, a socegar taes alterações, pelas damnosas consequencias, que desta desunião se poderiam esperar, o que poderia ter sido conseguido, (1) porém, que no caso que assim não fosse, me permittia V. M. pudesse conceder um indulto geral para todos os aggressores desta desordem com declaração, que nelle não se comprehendessem os cabeças principaes Manoel Nunes Vianna e Bento do Amaral Coutinho, de cujos procedimentos se tinham originado tantos insultos e usurpação da jurisdicção Real, privando de seus officios e postos os officiaes providos por V. M. e promulgando rigorosos bandos com pena de morte (2) por este caminho justamente em toda a indignação; e para que eu pudesse unir os animos, que estavam descordes, uns contra os outros, me recommendava V. M. usasse neste negocio com toda sagacidade e prudencia, e que quando observasse, que esta não podia aproveitar e avaliasse era preciso recorrer ao rigor necessario para que o respeito me fizesse obedecido, não tirando porém em nenhum caso desta cidade toda a força, que nella houvesse, por não deixar sem defesa esta praça, e que quando não pudesse levar dos 3.os todos os soldados, escreveria o Governador Geral da Bahia me mandasse a gente, que fosse precisa, para cujo effeito lhe mandaria V. M. ordenar, pedindo-lhe eu algum soccorro, me enviasse; e que confiava V. M. de minha providencia nesta materia, segundo os accidentes do tempo, tendo entendido, que seria melhor e mais seguro o recorrer aos meois brandos e suaves para se mudarem estes movimentos entre uns e outros vassallos, do que aos meios rigorosos, de que poderiam nascer algumas perturbações, que não teriam ao depois facil composição. A' esta resolução, Senhor, de V. M. respondo com a copia da carta, porque dei conta a V. M. por um patacho, que daqui despachei em Novembro, do que ha-

---

(1) O officio do Rei dizia — o que pode ser tenha conseguido — por onde se vê que o aviso de D. Fernando, aqui referido, foi enviado antes de sua partida para as Minas. Procuramos em vão no Archivo esta peça que seria interessante. Nesta carta de 3 de Abril está quasi na integra compilada a Régia de 22 de Agosto.

(2) A pena de morte so a podia impor o Rei.

via obrado neste particular, e me tinha succedido nas Minas, e o estado em que as deixei socegadas, e só pelo que respeita á occasião, que de novo deram os paulistas, como principaes auctores de toda desordem, se me offerece dizer a V. M. que na consideração de entender que estes taes vassallos mereciam um exemplar castigo por desobedientes e absolutos, determinava a dar-lhes com todo o rigor, pois a occasião me parecia facil com a attenuação em que se acham, e pela certesa que não são merecedores de nenhuma compaixão ou benignidade, pela *com que usei com elles, quando os encontrei, do que abusaram tão mal, como se experimentou no Rio das Mortes*, de que por outra carta dei conta a V. M., cujos motivos me obrigaram a suspender a publicação do indulto geral, que V. M. concedia aos levantados, não só por se fazer escusado por ora á vista da cautela com que os socegueі, mas porque se não quizessem os paulistas se aproveitar delle, ou queixarem-se, quando esperavam, e parecia-lhes, que V. M. mandasse castigar os forasteiros, expulsando-os das Minas, em que só elles queriam habitar, como senhores absolutos, que se mostram dellas; mas como V. M. foi servido resolver o que nesta fróta chegou e me ordena com minha ordem a se comporem as Minas, e se congraciarem estes vassallos, uns com os outros, pelos meios mais suaves, com a nova forma de Governo para sua conservação e augmento, ficou cessando o meu intento referido, e só trato de dar execução a tudo quanto V. M. ordena na fórma que em outro particular faço presente a V. M. A Real Pessoa de V. M. Guarde Deus muitos annos.»

Como se vê, este officio é um resumo da parte que já temos exposto; e em nenhum ponto deixa de tocar, sendo para se lastimar, que não nos Archivos do Brasil e só tal vez nos de Lisboa se encontrem as peças officiaes: a que se refere Antonio de Albuquerque, as quaes comtudo não fazem falta para o conhecimento dos factos, cuja reproducção obtivemos, tal como a deixamos acima, colhida nos escriptores e nos documentos directos e indirectos, que a nosso alcance estiveram. O officio, cujo theor copiamos, é um compendio perfeito desses factos, e por elle fica sufficientemente elucidado aquelle periodo notavel.

II

INSTALLAÇÃO DA NOVA CAPITANIA

A intenção com que Antonio de Albuquerque subiu a S. Paulo para alli tomar posse, elle mesmo o declarou em seu outro officio de 3 de Abril, foi para ouvir os Paulistas, con-

cilial-os, regular a receita dos quintos, crear taxas administrativas tendentes á nova fórma de governo das Minas, reprimir os escandalos e abusos do clero, e finalmente preparar a sua segunda viagem ás Minas, cuja administração municipal teve ordem de installar.

Em S. Paulo tomou posse perante a Camara no dia 18 de Junho (1710); e convocou logo para 17 de Julho uma Junta Geral, tendente ás medidas relativas aos quintos e aos impostos.

Convém repetir aqui para evitarmos tantos erros, que a incuria tem introduzido na historia, qual a significação e a natureza dos quintos, que em si nada tinham de vexatorio, ou de grave, e só se tornaram odiosos em razão das fórmas desiguaes e imperfeitas como se executavam.

As minas metallarias pertenceram sempre, e desde tempos immemoriaes nas mais antigas nações, á collectividade, isto é, ao Estado, fosse em monarchias ou republicas. A lei IX Tit. 60 do Codigo Justiniano foi o assento das disposições, que em nosso direito se implantaram. (1)

Na Idade Media, como se confundia a soberania politica com a propriedade da terra, os reinos passaram a se considerar pertencentes aos Reis: e assim no Brasil se dizia o Rei senhor e dono das minas.

Concedendo-as á exploração particular, mas com a clausula do quinto, a data mineral equivalia a um contracto emphyteuticario, cuja pensão senhorial se pagava por aquella parte do producto; e ahi vemos a razão, por que, tendo o Rei absoluto poder para lançar impostos, como lhe aprouvesse, em se tratando de cobrar os quintos, entrava em ajuste com os donatarios, nas *Juntas*, que de uso se celebravam, e tão de molde precursaram entre nós o regimen representativo, como que succedendo aos *concelhos* medievaes. E' a razão tambem, por que significando os quintos uma porção senhorial pelo dominio eminente, que o Rei exercia, delles não se tirava o custo das despesas administrativas, para as quaes se empunham contribuições geraes e determinadas.

---

(1) A Ordenação L. 2, Tit. 26 e L. 2 tit. 34 § 4.º as menciona entre os Direitos Reaes. «E todos os metaes que se tirarem depois de fundidos e apurados nos pagarão os quintos em salvo todas as custas. E sendo as veias tão fracas que não soffram pagar taes direitos, nos requererão para provermos, conforme for nosso serviço.» Sendo as minas concedidas sem emprego de capital do donatario, e os quintos cobrados do lucro liquido e apurado, em salvo as despesas da producção, e as minas pobres exceptuadas, vemos que o regimen foi muito mais suave, que depois.

Na Junta de S. Paulo, celebrada a 17 de Julho, estando reunidos os Ecclesiasticos, os officiaes, a nobreza e o povo, decidiu-se que os quintos seriam cobrados em casas de Fundição, mas emquanto se não fabricassem taes casas, a cobrança se faria por bateias (1), e além disso formou-se alli uma tabella de taxas tributarias sobre generos de importação. Comtudo, visto ao novo Districto das Minas tocar mais em cheio a materia dos quintos, deliberou Albuquerque convocar uma segunda Junta para o dia 10 de Novembro no arraial do Ribeirão do Carmo. Neste o vidonho das discordias não tinha produzido tanto mal, como nos outros arraiaes do Districto. Alli se havia mantido a auctoridade legitima, e repellido os tumultos dos rebeldes. Era além disso o Ribeirão o centro de colonias dominadas pelo escól da migração paulista, e nelle moravam alguns reinóes de grande supposição, neutros e afastados das alterações. Foi por tudo isto o arraial predilecto de Antonio de Albuquerque.

Dispondo a subir para as Minas, o Governador nomeou por Provisão de 8 de Agosto, para ficar no governo do velho districto de S. Paulo, no caracter de Regente, o Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno, o mais respeitado e instruido procer da Capitania, natural da terra. Feito isto, partiu com a sua comitiva no dia 10 daquelle mez. (2)

No dia 10 de Novembro reuniram-se, portanto, no Ribeirão do Carmo em Junta os Vigarios da Vara, Superintendentes, Intendentes, Mestres de Campo, Capitães Mores, Sargentos Mores, Guardas Mores, Procuradores da Fazenda Real, nobres e deputados do povo de cada districto. Mas o que sobre todos avultou, realçando aquella memoravel assembléa, foi o Tenente General Manoel de Borba Gato, representando seus varios titulos, e a encarnação viva dos tempos heroicos. Nelle se via o elo, que no momento ligava o destino das Minas. Elle vinha das eras nebulosas do sertão bravio, e dalli seguia para os novos horizontes da civilização, que já não podia caminhar senão sobre o futuro.

Installada a Junta, presidida por Albuquerque, expoz este os motivos da convocação. Além da materia dos quintos e dos impostos, trazia ordem de Sua Magestade para instituir tres Villas no Districto, dando-lhe a este nova fórma de governo. As Minas iam passar do regimen absoluto dos territorios, considerados de conquista, ao regimen republicano das

---

(1) Por *bateia* se entendia cada operario empregado na mineração.

(2) Albuquerque passando pela Cachoeira deixou doentes dous escravos gentios de Guiné: Fructuoso e Pedro. O primeiro alli falleceu no dia 17, e o segundo no dia 18 de Novembro de 1710, como se vê do 1.º Livro de Obitos.

Municipalidades com suas justiças eleitas, e seus officiaes populares. Para dar tempo ao estudo das questões propostas, a Junta foi adiada, para se reunir de novo no dia 1.° de Dezembro e no arraial de Ouro Preto.

Era este arraial um ponto central, mais accessivel aos moradores de outros Districtos, e os proprios viandantes do Serro, passando pelo Caheté e Rio das Velhas, o achavam mais proximo.

E' possivel tambem que uma razão politica, depois reconhecida, levasse o Governador a transferir a sede da Junta, querendo com isto satisfazer a necessidade da representação e do voto de todos os interessados e de ambas as parcialidades. Os notaveis, que se reuniram no Ribeirão, eram em sua grande maioria paulistas, eis que aos paulistas coube, visto foram os primeiros moradores das Minas, a partilha de todos os postos e officios. Como nas Juntas, porém, tomavam assento os homens bons e principaes do logar, em que se celebravam, no Ribeirão ainda foram de tal nacionalidade os que compareceram. No Ouro Preto, porém, os arraiaes se compunham quasi que exclusivamente de reinóes, e assim convinha, que a Junta aqui se fizesse para entrar o concurso delles, e com isto se dividir a responsabilidade das deliberações para a todos obrigar. A escolha do dia 1.° de Dezembro já era uma homenagem offerecida aos sentimentos patrioticos daquelles, que amavam a independencia do Reino.

Nesse dia, pois, votou a Junta, que se cobrassem os quintos pelo modo como em S. Paulo se havia ajustado em 17 de Julho, pagando-se de cada bateia 8 a 10 oitavas de ouro em cada anno, até que se fabricassem as casas da Fundição. Quanto ás contribuições administrativas, consolidou-se a tabella de Arthur de Sá; e de tudo se lavrou um termo, que se enviou á Côrte para approvação do Rei. Sua Magestade, depois de muita hesitação, approvou emfim o termo da Junta por Carta de 11 de Novembro de 1711.

E' bom lembrar, contra o que em geral se tem dito, que em Minas, em tempo algum, prevaleceu um governo absolutamente despotico, embora os abusos aliás frequentes. O governo, consultando os nossos maiores, sempre que tratava de contribuições tributarias, e de assumptos importantes, deixou tradições que nunca se perderam, e constituiram o inventario historico das idéas liberaes. Creadas as Municipalidades, a administração e a justiça locaes ficaram elegiveis, e ás camaras competia tambem a cobrança dos impostos. Os Juizes gosavam de uma independencia absoluta, sem limites, ás vezes nociva, em face dos Governadores. As *cartas de Seguro*, que eram o *Habeas-Corpus* do tempo, completavam o estatuto civil de nossos avós. Alem disso e sobre tudo não havia poder aqui autorisado sobre ninguem a sentenciar a morte. Dividia-se, porém, a sociedade em livres e escravos, sujeitos estes á espantosa tyrannia dos Senhores,

Eram diarias e assiduas as horriveis tragedias domesticas, que mal hoje se podem imaginar. Dividia-se a sociedade ainda em ricos e pobres, sujeitos estes ao orgulho, e prepotencia daquelles, mil vezes mais insupportavel, que o despotismo legal. Estava, portanto, em mãos de Albuquerque uma enorme massa multicor e heterogenea, de origens diversas, de posições desiguaes, fermentada de vicios e odios, de orgulho e de coleras, massa, que elle tinha por missão reduzir á figura das leis, e converter em pacifico seminario de gerações futuras! Longo, pois, seria enumerar o trabalho, que assoberbou esse grande homem, fundador de nossas Municipalidades, no pouco tempo, que estive nas Minas.

III

MEDIDAS ADMINISTRATIVAS

Estando em Caheté, recebeu Albuquerque a visita de Antonio Dias de Oliveira, o descobridor da Serra de Ouro Preto, que no anno da fome tambem desertou deste descoberto, e não mais a elle voltou, indo morar no Piracicaba, onde erigiu o seu novo arraial de Antonio Dias Abaixo. Denunciou elle ao General a entrada furtiva dos flibusteiros do Espirito Santo, que por alli inficionavam os ribeiros e esquadrinhavam o sertão em busca do ouro. Albuquerque, por Patente de 11 de Janeiro de 1711, nomeou Antonio Dias Capitão e Guarda Mór do Piracicaba com ordem de regularizar a exploração dos ribeiros de seus novos descobrimentos. Em 22 de Janeiro mandou no Sabará publicar um Bando, pelo qual afiançava duas datas aos descobridores, e ameaçava punir, os que descobrissem e não manifestassem as novas minas, com penas severissimas, inclusivé degredo por dous annos na Fortaleza da Barra de Santos.

Em Provisão de 2 de Fevereiro nomeou o Tenente General Borba Gato para continuar nos descobrimentos de ouro e prata, que se dizia haver nos Serros de Sete Lagôas: e pela de 3 foi Garcia Rodrigues Paes investido de poderes absolutos, para sahir a retificar o seu descobrimento antigo das Esmeraldas. Em sua passagem pelo Serro devia a mesmo Garcia Rodrigues intervir autoritariamente para socegar a discordia, que no Rio do Peixe lavrava entre o coronel Manoel Correa Arzão e Geraldo Domingues, estando sem repartição legal por então aquelles ribeiros.

Por acto de 5 do mesmo Fevereiro nomeou para Guarda-Mór do Serro o Sargento Mór Lourenço Carlos Mascarenhas em substituição aos Mestres de Campo Manoel Alves de Mo-

raes Navarro, que se retirou para Pernambuco, sua patria; e para Regente do Districto o Coronel Antonio Correa Arzão. (1)

Para Procurador da Corôa no Rio das Velhas nomeou a José de Seixas Borges, com ordem de reprimir os extravios do ouro pela estrada da Bahia. (2)

Voltando para o Ribeirão do Carmo, o Governador confirmou na Superintendencia o ex-Secretario José Rabello Perdigão; e ordenou que elle e os mais Ministros da Justiça observassem o Regimento promulgado pelo Rei para o Desembargador José Vaz Pinto, no principio das Minas. Para Mestre de Campo dos Auxiliares e Regente do Districto do Ribeirão nomeou o Coronel Domingos Fernandes Pinto, potentado reinól morador em São Sebastião.

Para egual posto dos Auxiliares de Ouro Preto nomeou o Mestre de Campo Paschoal da Silva Guimarães; e de Caheté o Mestre de Campo Sebastião Pereira de Aguilar, ficando no posto de Sargento Mór de tal milicia Leonardo Nardes Sizão de Souza, descobridor daquellas minas.

Dos povoados menos tranquillos do Ribeirão primava o Inficionado, desde o triste fim que deram ao seu descobridor Sargento Mór Salvador de Faria Albernáz, cuja historia se verá em nota especial. Para socegar aquelle povo o General nomeou Capitão Mór a Paulo Rodrigues Durão, homem influente; e que erigido havia a Matriz de N. S. de Nazareth, (3) prova de seu valor.

IV

CREAÇÃO DAS VILLAS

Depois de percorrer os melhores logares das Minas e de examinar os principaes, onde situasse as tres Villas, que tinha de crear, acertou Albuquerque de erigir a primeira

---

(1) Lourenço Carlos serviu de Escrivão com o Guarda Mór Antonio Soares Ferreira na repartição do Ribeirão de Santo Antonio do Bom Retiro, que este descobriu (1701).

(2) José de Seixas era reinól, intelligente, e tinha muita experiencia de negocios. Veiu do Maranhão para o Rio em serviço militar. Acompanhou a Arthur de Sá, fez descobrimentos, e das Minas foi uma vez á Lisboa tratar de negocios. Nas Juntas sempre falou e votou pelos interesses de Sua Magestade. Este serviço muito louvado pelos Governadores mostra que nas *Juntas* se deliberava, se discutia, e não faltava opposição á Sua Magestade.

(3) Paulo Rodrigues Durão era casado com D. Anna de Moraes Garcez, e foram paes do grande poeta Frei Jose de Santa Rita Durão que nasceu em 1717, na Fazenda da Catta Preta. Paulo Rodrigues primeiro morou nas Congonhas do Sabará: e depois se mudou para o Inficcionado.

no seu dilecto Ribeirão do Carmo. Convocou para isso uma junta dos moradores, que se installou no dia 8 de Abril, Domingo, de 1711, aos quaes expoz a sua intenção e consultou se a queriam e se promettiam fazer-lhe as primeiras despesas, dando a Casa da Camara, e o templo da Matriz. Em resposta, unanimemente, nobresa e povo, declararam, que queriam viver em republica sob as leis communs do Reino e obediencia á Sua Magestade; e se obrigaram por termo aos gastos da installação na Villa. (1) Nesse mesmo acto Antonio de Albuquerque erigiu a Villa do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo de Albuquerque. El-Rei approvou a creação da Villa por Carta de 14 de Abril de 1712, mas simplificou-lhe o nome para o de Villa de Nossa Senhora do Carmo, e deu-lhe o titulo de Leal em memoria de tel-o sido ás auctoridades Regias contra o governo usurpador de Manoel Nunes. Assignaram o termo da creação da Villa, o Capitão General e seu Secretario Manoel Pegado, e mais os seguintes moradores do novo Municipio: Antonio de Freitas da Silva, Domingos Fernandes Pinto, José Rabello Perdigão, Aleonardo Nardes Sisão de Sousa, Manoel Antunes de Lemos, Antonio Corrêa Ribeiro, Francisco de Campos, Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, Pedro Teixeira de Cerqueira, Raphael da Silva e Sousa, José de Campos, Antonio Correa Sardinha, Bartholomeu Fernandes Furtado, Manoel Gonçalves Fraga, José de Almeida Neves, Jacintho Barbosa Lopes, Manoel da Silva e Sousa, Bernardo de Chaves Cabral, Manoel Ferrete Villence, Torquato Teixeira de Carvalho, João Delgado Camargo, Fillippe de Campos, Manoel da Silva Leme, Caetano Muniz da Costa, Jeronimo da Silveira de Azevedo, Sebastião Preto Moreira, Francisco Ribeiro de Moraes, Fernando Bicudo de Andrade, Jacyntho Nogueira Pinto, Antonio Rodrigues de Sousa, Ignacio de S. Paio e Almeida, Francisco de Lucena Monte Arroy, Pedro Correa de Godoy, Bento Vieira de Sousa e José de Barros e Affonseca.

No dia 4 de julho, já tendo o Governador nomeado os funccionarios da Camara, convocou o povo em conselho para eleger os camaristas. Foi provido no cargo de Secretario Carlos Montes Monteiro, que exercia o de Ouvidor da Capitania de Cabo Frio por provisão D. Fernando de 24 de Fevereiro de 1709; mas tinha subido com Albuquerque para assistir nas Minas.

A eleição das Camaras se regulava então pela Ordenação do L. 1.º, Tit. 47. O povo convocado a concelho votava em 6 eleitores, que se recolhiam em apartado por turmas

---

(1) Esse uso de darem os povos a casa da Camara nos logares elevados á Villa perdurou até os ultimos tempos do Imperio.

de dous cada uma. Estes dous assignavam um rol, em que se escreviam dous nomes, dos que queriam eleger. Apurados os tres róes pelo Juiz mais velho do periodo a findar, ficavam eleitos os seis que mais vozes reunissem.

Apurada a eleição por Albuquerque, e por elle approvada, foram proclamados :

Juiz mais velho — Pedro Frazão de Brito.

» » moço — José Rabello Perdigão.

Vereador mais velho — Manoel Ferreira de Sá.

Segundo — Francisco Pinto de Almendra.

Terceiro — Jacyntho Barbosa Lopes. (1)

Procurador — Torquato Teixeira de Carvalho.

No dia seguinte, 5 de julho, o Governador deu posse á Camara ; e assim ficou installado nas Minas o primeiro Municipio.

A Villa foi creada no Arraial de cima, bairro hoje do Rosario Velho, na rua Direita delle, que era a que desemboca na praia do Mata-cavallos. A casa da camara, que era ainda coberta de palhas, deitava seus fundos para o ribeirão, o que dizemos para se não confundir com a segunda casa, que foi no largo da Matriz (hoje Sé).

Passou em seguida e immediatamente o governador ao arraial do Ouro Preto, onde installou a segunda Villa, com o nome de Villa Rica de Albuquerque, no dia 8 de julho do mesmo anno de 1711. O Rei approvou a Villa e o nome della por Carta de 15 de Dezembro de 1712. Nesse mesmo dia 8 de julho, procedeu-se á eleição da Camara, cujo resultado foi :

Juiz mais velho Coronel José Gomes de Mello.

Juiz mais moço — Fernando da Fonseca e Sá.

Vereador mais velho — Manoel de Figueiredo Mascarenhas.

Segundo — Felix de Gusmão Mendonça e Bueno.

Terceiro — Antonio de Faria Pimentel.

Procurador — Manoel de Almeida e Costa.

O termo da creação da Villa Rica foi assignado pelo Capitão General e pelo Secretario, mais pelos seguintes : Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, Antonio Francisco da Silva, Paschoal da Silva Guimarães, Leonel da Gama Belles, Bartholomeu Marques de Brito, José Eduardo Passos Rodrigues, Francisco Viegas Barbosa, Jorge da Fonseca Freire, Luiz de Almeida Ramos, Fernando da Fonseca e Sá, Manoel

---

(1) Foi dos primeiros moradores do Ribeirão do Carmo. Descobrindo-se as minas do Cuiabá, Jacintho Barbosa foi tambem dos que primeiro para la foram. A Capella depois Matriz de S. Bom Jesus de Cuiabá foi por elle construida em 1723.

(Rev. Arch. S. Paulo XXXII)

do Nascimento Fraga, João Carvalho de Oliveira, Francisco Maciel da Costa, Manoel de Figueiredo Macedo, Felix de Gusmão Mendonça e Bueno, Manoel de Almeida e Costa, Coronel João Gomes de Mello, Roberto Neves de Brito, Manoel da Silva Borges, Antonio Ribeiro Franco, Henrique Lopes, Antonio Alves de Magalhães e Lourenço Rodrigues Graça.

Esta Villa se compunha dos varios arraiaes da Serra, separados por montes cobertos de espessura. Como o Regimento não permittia o titulo de primeiro descobridor, aos que achassem mina em distancia menos de meia legua da já descoberta, os primeiros povoadores da Serra estabeleceram-se em distancias de meia legua uns dos outros. Antonil ainda em seu tempo achou pelos caminhos, que havia, as minas de Ouro Preto separadas meia legoa das de Antonio Dias, e estas a meia legoa do Padre Faria, e assim as mais, que primeiro foram repartidas pelo Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, em 1700. Por favorecer a cada um dos principaes, que em 1699 entraram na Serra, cada corrego teve o seu donatario, e d'ahi provieram as capellas que depois se erigiram e serviram de centro aos povoados.

Deixando a Camara de Villa Rica empossada no dia 9, sem outra demora proseguiu o Governador, e foi levantar a Villa Real de N. S. da Conceição, no arraial da Barra do Sabará. Expedindo no dia 17 a Provisão, mandou proceder á eleição da Camara no dia 18, e no dia 19 deu posse aos officiaes, que foram eleitos:

Juiz mais velho — José Quaresma Franco.

Juiz mais moço — Lourenço Pereira de Azeredo Coitinho.

Vereador mais velho — Antonio Pinto de Carvalho Rodrigues.

Segundo — Domingos Dias da Silva Junior.

Terceiro — João Soares de Miranda.

Procurador — D. Francisco Matheus Rendon.

Nas camaras, o cargo de Procurador era então o mais importante, equivalente ao actual de Agente Executivo.

Pertencia-lhes representar em juizo o Concelho, e gerir as finanças, cobrando impostos e pagando as dividas. Zelava os bens do Municipio, e mandava fazer as obras. O termo da Junta de 17 de Julho foi assignado pelo General e pelo Secretario, mais pelos seguintes: Sebastião Pereira de Aguilar, José Correa de Miranda, Pedro Gomes Ferreira, José Borges Pinto, José Quaresma Franco, Domingos da Silva Cruz, Sebastião Correa de Miranda, José de Seixas Borges, Lourenço Pereira de Azevedo Coitinho, Francisco Borges de Faria, Braz Rabello Marinho, Domingos Martins Pinto de Siqueira, José Soares de Miranda, Lucas de Andrade Pereira, Antonio José Braz Fernandes, Francisco de Brito Castro, Antonio Leme da Guerra, João Linhares, Antonio da Fon-

seca Barcellos, Braz Esteves de Queiroz, Manoel Carvalho da Silva, Manoel Pereira Rodrigues, Antonio dos Santos Barros, João Rosa de Araujo, Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, João Duarte Costa, Jeronymo Ribeiro Costa, João da Fonseca Filgueiras, Manoel Ribeiro Meira, Francisco Alves da Veiga, Joaquim Teixeira Lima, Simão Passos Correa, João Velloso Brandão, Francisco de Sá Ferreira de Menezes, Antonio Pinto de Magalhães Ribeiro, Alexandre de Paiva e João de Miranda Junior.

Deixamos exarados neste livro os nomes de todos, que assistiram e assignaram o auto do nascimento das tres primeiras Municipalidades, homenagem a essa geração que fundou a nossa patria, e desfraldou nas Minas o estandarte das camaras, principio e ainda base das instituições liberaes. (1)

CAPITULO VII

I

EXPEDIÇÃO AO RIO

Estava Antonio de Albuquerque preoccupado ainda em consolidar a ordem por elle ensaiada nas Minas, quando estourou em Villa Rica a seus ouvidos a noticia de terem os francezes forçado a barra do Rio de Janeiro, e estarem investindo a cidade. A esquadra inimiga se compunha de 18 naos, e de 4 mil homens de desembarque, sob o commando de Dugay—Trouin, o mais famigerado Almirante da epocha. Não era official, mas verdadeira a noticia. Em consequencia enviou Albuquerque postilhões correndo ás camaras, e aos povoados, para que sem perda de tempo se preparassem soccorros á Cidade.

Produziu-se então o mais bello episodio, que nunca se viu em outra parte do mundo. Comparem-se os elementos e os tempos, diremos, nunca maior successo, nem por ventura egual, se hade inscrever ainda na historia.

A noticia a teve Albuquerque no dia 21 de setembro. No dia 28 marchava de Villa Rica á frente de seis mil ho-

---

(1) Convém aqui notar que extrahimos dos proprios originaes estes nomes ; e por isso corrigimos a noticia, que os escriptores tem nos transmittido, seguindo as memorias do dr. Claudio Manoel da Costa ; memorias que embora defeituosas, foram havidas por certas, visto ter elle asseverado que as escreveu consultando documentos. Elle dá por primeira Camara da Villa do Carmo, a segunda que foi eleita em 1714 ; e tambem troca alguns nomes da segunda, como se foram da primeira Camara do Sabará.

mens! «A mais luzida gente, disse elle ao Rei em officio de 23 de Novembro, assim forasteiros, como paulistas, formados em 10 terços, 3 de auxiliares, 6 de Ordenança, e 1 pago, novamente levantado para a occasião, de soldados escolhidos, e de officiaes capazes do serviço, e alguns com cabedaes para a despesa de semelhantes marchas; assim mais um regimento de cavallaria.» Notavel em sua clareza e simplicidade este topico do officio nos levaria a crer num sonho, se as datas historicas não confirmassem, por verdade incontestavel, a mobilização desse enorme exercito, feita em seis dias, vindo de logares diversos, exercito que tinha de atravessar a nova região da Matta, apenas servida pelo Caminho Novo recentemente aberto entre florestas.

E tudo isto num districto mal pasiguado de recentes discordias, estragado, e commovido, cuja população orçava por 30 ou 35 mil pessoas de ambos os sexos, gente vassalla de um Rei despotico, a mais de duas mil leguas de distancia; e Rei que nada tinha a dar senão titulos de honras, postos, e lá de quando em quando uma carta autographa chamando amigo a quem a destinava!

Não havia muito essa multidão se dilacerava em guerra, por um nativismo estreito e barbarico, sem admittirem a identidade da patria. Eil-a agora esquecida de suas lutas, alvoroçada á voz da independencia e da honra perante o invasor extrangeiro!

Só conheciam o Rei pelas garras do seu fisco, e pelas redeas asperas de seus Ministros, mas tudo sacrificaram por elle, os cabedaes e a vida. O ardor da guerra extrangeira congraçou e fundiu o que a guerra civil tinha desaggregado e desunido! Onde, em que paiz, em que povo já se viu isto, que as Minas em sua aurora produziram, facto digno de completar os faustos igualmente inauditos da tragedia, que temos reconstruido no theatro da historia?

*
* *

Residindo no Ribeirão do Carmo, e alli estimado, Antonio de Albuquerque foi logo correspondido. Pedro Frasão de Brito veiu á Villa Rica se apresentar á frente de duzentos homens armados e pagos por elle; Raphael da Silva e Souza com duzentos nas mesmas condições; e assim tambem Torquato Teixeira de Carvalho, (1) Rodrigo Bicudo Chas-

---

(1) Torquato Teixeira mudou-se depois para S. Paulo. Estava riquissimo; e commandou a Fortaleza de Santos concertada á sua custa, em 1725.

(Rev. Arch. S. Paulo, XXXII).

sim, o Domingos Fernandes Pinto. (1). Francisco Pintò de Almendra, José Rabello Perdigão, Manoel Antunes de Lemos, Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, e outros, uns com 30, outros com 50, e 100 homens: mas todos tambem armados e sustentados a propria custa.

Nas mesmas condições á frente de 200 homens, de cada um, apresentaram-se em Villa Rica, Antonio Francisco da Silva, Domingos da Silva Bueno, Felix de Gusmão, Leonel da Gama Belles, e com seus contingentes, como poderam, Pedro da Rocha Gandavo, Luiz Borges Pinto e outros.

Da Villa Real do Sabará as tropas vieram encontrar o General na encruzilhada das Congonhas: e lá se apresentaram com 200 homens pelo mesmo modo armados e sustentados, Domingos Dias da Silva, José de Seixas Borges, e outros, como Antonio Leme, e D. Francisco Rendon, cada qual com o seu sequito.

Pela urgencia e brevidade do tempo não poude o Governador esperar contingentes de outros logares remotos; mas deu aviso aos respectivos potentados, que lhe preparassem segundo exercito para marchar á primeira vóz. Partindo Albuquerque no dia 28 de Setembro, em cinco dias chegou ao Registro, Fazenda do Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, homem talvez o mais opulento das Minas. Sustentou este o exercito emquanto estiveram os soldados acampados em suas terras, forneceu o gado necessario á jornada, e marchou com 200 homens.

O General no Registro dividiu o exercito em pelotões, afim de marchar em boa ordem pelo Caminho Novo, que não offerecia desvios, e era cercado de mattas virgens. Os pousos e ranchos não chegariam para de vez aquartelar tanta gente, e os rios caudalosos não dariam passagem expedita por dia a mais que um certo numero. (2)

Em 12 dias mais o General, emtanto, acampou no alto da Serra do Mar, sobre a região chamada do Tinguá, verdadeira expedição do velho Anibal. Alli na vasta chapada dos Pousos Frios descançaram os primeiros á espera dos ultimos pelotões em marcha; e emquanto isto, chegou ás mãos do General a noticia terrivel, de que a cidade estava em poder dos Francezes. Tratou immediatamente de descer a Serra: e foi do Alto desta que os mineiros olharam com

---

(1) O Mestre de Campo Domingos Fernandes, havia pouco, tinha chegado de Santos, para cuja defesa foi a frente de 300 homens por occasião do ataque de Duclerc. Eram assim aquelles homens!

(2) A estação sendo chuvosa os menores rios impediam a marcha.

tristeza a extensa baixada dos reconcavos, o infinito do horizonte, o immenso plano das aguas confinado nos fuscos do céo, e mais o logar confuso, em que suppunham gemer a cidade, que já não chegavam a tempo de salvar! A tristeza foi sem exemplo, e de incrivel desconsolo. Transposta a Serra, foram abarracar no sitio do Couto; e foi neste que o General recebeu a notificação official da posse tomada pelo inimigo. Pouco mais adiante lhe entregaram officios do Governador Francisco de Castro Moraes, dizendo-lhe como, em virtude do ajuste feito com elles, tinha de resgatar a cidade por 610 mil cruzados, 200 vaccas, e 100 caixas de assucar; e que em garantia de tal composição se haviam passado refens por intermedio do Mestre de Campo João de Paiva, que nestes incluiu um proprio sobrinho official das Fortalezas.

*
* *

Os escriptores em geral estigmatizam o governador Francisco de Castro, accusando-o de covardia, e de ter feito a capitulação intempestiva com o inimigo. E' uma das muitas injustiças, de que a historia vive peijada. Ha cerca de dous seculos vagueia nas margens ludrosas do Lethis, sem poder atravessal-o, o phantasma dolente desse infeliz governador, sob tão iniqua sentença, invejando com certeza a sorte dos anonymos, seus companheiros mortos, e cujas memorias já felizmente se apagaram, alcançando o maior bem, que se deve aspirar no mundo: o esquecimento dos homens. Cumpre-nos, porém, requerer a revisão do processo de Francisco de Castro; e chamal-o, como é de lei, a responder á luz do seu tempo, e no palco dos acontecimentos.

D. João V, o Rei poderoso de Portugal, tinha se compromettido em mal com a França, na guerra da Hespanha; e, pois, pelos espiões, que punha nos paizes extrangeiros, recebeu avisos de que uma esquadra se preparava para atacar o Rio de Janeiro, e reconquistal-o, em desforço da derrota soffrida no anno precedente pelo capitão do mar Duclerc. (1) Era uma offensa indelevel. Accusavam os

---

(1) Duclerc, visto de Cabo Frio em 16 de agosto de 1710, trazia cinco navios e uma balandra. Ao approximar-se á barra, uma bala attingiu a capitanea. Na segunda noite desappareceu para o sul. Tentou desembarcar na Ilha Grande, em Santos, e afinal só o conseguiu em Sepetiba. Em marcha para a cidade gastou sete dias. O governador entrincheirou-se entre a Conceição e Santo Antonio, e o esperou nas ruas, onde o derrotou. O governador dispunha de oito mil homens, inclusive as ordenanças,

francezes a Francisco de Castro não ter punido os matadores de Duclerc, e de ter deixado se maltratar, e até se sacrificar o pessoal medico e enfermeiro, que então desembarcou das náos em auxilio dos feridos. Accusavam-no ainda de não ter tratado dos prisioneiros, quando não eram piratas e faziam a guerra em nome de um Rei. (1) Póde-se, pois, julgar por este libello, a furia com que vinham nesta segunda expedição os marinheiros de Dugay-Trouin.

Previnido, porém, o Rei de Portugal, mandou preparar quatro mil homens e navios sob o commando do Mestre de Campo do Mar, Gaspar da Costa Athayde; e esta esquadra veiu de comboio á frota, que largou de Lisboa em fins de maio apressadamente, e antes do tempo proprio. A frota sem incidente algum aportou no Rio em agosto de 1711.

Dugay-Trouin partiu de Dunquerque ás occultas, e veiu para Rochella concluir as provisões, e se juntar a outros navios; mas souberam disto na Inglaterra; de onde partiu para Lisboa um hiate para dar o aviso. O Rei de Portugal, recebendo o aviso enviou essa mesma embarcação ingleza ao Rio de Janeiro para trazer a noticia da partida dos francezes.

Estes, largando do porto da Rochella no dia 9 de junho de 1711, a 20 de agosto foram vistos da bahia Formosa dos Goytacazes, e tanto dalli, como de Cabo Frio partiram positivos, dando o alarme de se ter avistado a esquadra inimiga em direcção á cidade. Tomaram-se logo nesta todas as providencias e cautellas. As fortalezas ficaram alerta, e toda a costa artilhada com as guarnições a postos.

A favor, emtanto, do inimigo conspiraram os elementos implacaveis. O tempo arruinou-se de maneira, que no dia 11 de setembro tão denso cahiu o nevoeiro, e se escureceu o céo, como noite, que não se alcançava uma quadra adeante dos olhos. Os montes sumiram-se, e toda a circumferencia do golfo desappareceu. Aproveitando-se disto, os navios

---

cinco mil negros armados de mosquetes, e seiscentos indios flecheiros. Dudclerc cahiu prissoneiro. Recolhido ao Collegio dos Jesuitas, depois ao Castello, deram-lhe depois permissão para alugar uma casa na qual um dia amanheceu morto, sem se saber quem o matou, correndo ser por questão de honra. Os francezes perderam 400 mortos, 152 feridos e 600 prisioneiros. Esta batalha teve logar no dia 18 de setembro e nella morreu gloriosamente o M. de C. Gregorio de Castro Moraes.

(1) Francisco de Castro se defendeu cabalmente, dizendo que os prisioneiros foram tratados conforme os usos da guerra; e apesar do numero foram alimentados, como os soldados de Portugal. Provou ser calumuia o mao trato dado aos medicos e enfermeiros. E quanto á morte de Duclerc abriu-se devassa: mas o facto encerrava mysterio impenetravel.

guiados pelo cavalheiro de Courserac, perito da barra, e commandante da náo *Magnanime*, entraram sem ser vistos; e só depois de meio dia o foram, quando já dentro da bahia singravam para lançarem ferros na Ponta das Baleias (Armação), onde pojaram ás 5 horas da tarde. Ainda assim rompeu o fogo das fortalezas, dos navios e das mais fortificações, e a batalha teve começo.

No dia seguinte (12), o mesmo foi amanhecer, que a batalha recomeçar com fogo ainda mais nutrido, e de parte á parte. A luta foi como nunca se tinha visto, comparada pelos escriptores a um cataclismo, em que céos e terra vieram á baixo ao clarão e ao ribombo da artilheria. As vicissitudes da batalha, bem que incertas, pendiam para nosso lado, sem embargo da intrepidez e pericia dos inimigos, marinheiros valentes, commandados pelo maior capitão do mar, que a Europa tinha, o terrivel Dugay-Trouin. Num momento infeliz, emtanto, o Mestre de Campo Athayde, percebendo que os francezes manobravam para o collocarem num semicirculo de fogo convergente, deu ordem aos nossos, e com tanta desventura marearam, que fizeram encalhar as quatro grandes náos de guerra nos baixios entre a Misericordia e a Prainha. Atordoado e com medo de uma abordagem, o Mestre de Campo, perdendo o sangue frio, e como que tambem perdendo a cabeça, mandou tocar fogo ás náos, e foram queimadas. (1) O littoral em parte principal ficou, portanto, exposto á mercê do inimigo. O Mestre de Campo tinha feito desembarcar toda gente para combater em terra. Ora, a sorte das armas mudou, desde aquelle inopportuno e desastroso incidente. Em vista disto, Dugay-Trouin mandou intimar a Francisco de Castro que se rendesse, e que entregasse a cidade; mas Francisco de Castro respondeu briosamente, que El-Rei seu amo lhe tinha confiado aquella cidade, e pois a entregaria sómente depois de derramar a ultima pinga de seu sangue, e não poder mais defendel-a.

Em visto desta altiva resposta, os francezes dobraram de energia, e assaltaram o littoral, chegando a tomar o Morro de S. Diogo, a padrasto da cidade; mas o capitão Felix de Madureira os desalojou dalli matando a muitos e capturando os mais. No dia 14 o assalto generalizou-se; mas tantos foram os combates, quantas as victorias dos nossos. A historia desta guerra importa muito á das Minas Geraes. Vamos ahi encontrar na luta conhecidos nossos. O famoso sargento-mór Bento do Amaral Coitinho, que estava sumido desde o morticinio dos paulistas, apparece agora commandando uma com-

(1) Em 26 de abril de 1712 mandou-se tirar as peças de artilheria das náos, que se haviam queimado. Eram 58 entre as quaes 13 de bronze.

panhia em marcha para reforçar a fortaleza de S. João. Atacado em caminho, na praia de Botafogo, morre gloriosamente, como um leão, fazendo frente ao inimigo. (1) Como este, tão estrondosamente representou o seu papel nas fortificações do Morro do Desterro (Santa Thereza) o frei Francisco de Menezes, que as commandava. Elle mesmo alvejava uma peça e a disparava em tiros certeiros, que impediram os inimigos de escalarem o Morro e passarem para dentro da cidade. Foi o unico ponto naquelle dia em que não se arreiou o estandarte real! Heroico e bravo, este homem extraordinario, genio inquieto, ambicioso e mundano, mas ao nivel de seu tempo, ás vezes vingativo, outras vezes magnanimo, sempre fiel aos amigos e á patria, é esta a ultima vez em que o deparamos nas voltas da historia, desapparecendo como o sol rubro de um grande dia, e resgatando na mais admiravel catastrophe os erros e os crimes de sua memoria na posteridade.

Derramada a luta pelo espaço largo da cidade, Francisco de Castro quiz usar do mesmo estratagema, com que desbaratou o exercito de Duclerc, mandando concentrar as forças para dentro do recinto, afim de combater o inimigo nas ruas, onde o numero tornar-lhe-ia inutil a disciplina.(2) Os francezes, porém, conheciam bem o seu proprio poder, e reconheceram que com tão pequenas forças não podiam lutar nas ruas. Dugay-Trouin, visto que a principio queria poupar o material da cidade, que embora pequena (12 mil habitantes) já era riquissima, destinada ao saque, tanto que viu a manobra dos portuguezes, considerando-se perdido pela demora, resolveu por ultimo recorrer ao auxilio do fogo; e, pois, uma chuva de foguetes atirados das náos desabou sobre os quarteirões de Santa Luzia e do Castello.

O fogo sobre os tectos, em muitas partes de palha, e todos de madeiramentos seccos, começou a lavrar intensamente, ajudado pela ventania do sudeste, que obrigava as labaredas saltarem pelo ar, e espalharem o estrago. Deante disto o governador e o Mestre de Campo Athayde mandaram encravar as peças da Ilha das Cobras, e do littoral, com cuja acção o povo desanimado acabou por fugir para os arrabal-

---

(1) Não ha duvida que este Bento Amaral seja o mesmo que exterminou os Paulistas. (Veja-se a *Rev. Inst. Hist.* XXXV, pag. 330. Apontamentos Historicos sobre a Ordem Benedictina.

(2) Francisco de Castro attrahiu Dunclerc, que cahiu no laço. Logo que entrou nas ruas foi acommettido e cercado, servindo casas e edifficios de fortins. Obrigado a fugir para a alfandega, os portuguezes a incendiaram, e o prenderam.

Francisco de Castro não foi tão feliz querendo renovar o caso, agora em outras circumstancias.

des, por onde já estavam homisiadas as familias e a maioria dos moradores. Quando o incendio já, e os ventos engolido haviam mais de metade das casas do centro, e attingido o Palacio do Governo, Francisco de Castro Moraes, mandou enterrar caixões contendo as baixellas e os utensilios de ouro e prata; (1) e, chamando a Francisco do Amaral Gurgel, confiou-lhe os restos da infanteria para com ella proteger a retirada dos que ainda estivessem no recinto da praça. Quando as chammas devoravam o Palacio, e toda a rua, sahiu então, e se retirou para o Engenho Velho. Era o quinto dia esse de uma batalha renhida, pelejada heroicamente, sem descanso nem tregoas.

Se, pois, as cousas assim se passaram, se o vento, alliado ao fogo, foi quem decidiu da sorte das armas, poucas ou nenhuma vez houve, em que mais injustas declamações se ouviram. Francisco de Castro, de todos os combatentes, o mais perseguido pela responsabilidade do cargo, até hoje condemnado sem processo regular, não teve ao menos quem o comparasse aos que, embora vencidos, figuram na ordem dos que a posteridade venera como defensores fieis, embora desditosos de uma patria. Entretanto, um anno antes, na mesma semana, vencendo Duclerc, era saudado por heróe, como de facto o foi. *Lacrymæ rerum!*

*
* *

A condemnação de Francisco de Castro, perpetuada nos escriptores, cremos teve assento no officio de 26 de novembro, dirigida ao Rei por Albuquerque.

« E como me pareceu desacerto grande tal ajuste (disse Albuquerque) pois se poderia esperar este meu soccorro, ainda tendo-se me pedido, quanto mais sabendo-se já que vinha em marcha, a continuei até onde suppunha estarem as munições, que por muitas vezes tinha pedido; e havendo polvora bastante, achei só quatro cunhetes de balas, sem esperança de se poder alcançar mais alguma, em cujos termos, e na certeza de que tambem se haviam perdido as fortalezas da Barra, e estavam pelo inimigo bem guarnecidas, quando com facilidade se puderam ter conservado, principalmente a de Santa Cruz, me resolvi a fazer alto com as minhas tropas, distante da cidade quatro leguas, e mandando saber do dito governador, os termos, em que estava tal ajuste, mostrando-lhe intenção de o remover, me respon-

(1) Estes caixões foram achados, quando se abriam os alicerces para o novo edificio do correio, na rua Direita do Rio de Janeiro.

deu o que consta da carta junta, que com esta será presente a V. M. e tambem outra, que me escreveu o Bispo ».

Em que pese a boa reputação de Albuquerque esta sua carta foi assim precipitada, como incoherente. Essa carta lida comtudo em sua integra é a melhor peça de defesa, que teve Francisco de Moraes. Vimos como se desencadeiaram os factos; e podemos hoje bem julgar com calma e desinteresse, se era possivel salvar a cidade, tendo-se perdido desde começo a força do mar, quatro náos principaes de guerra; e depois ardendo a mesma cidade em chammas, ao fim de cinco dias de combates renhidos e sanguinolentos, com um inimigo associado ás fatalidades da natureza. Demais, se já não havia balas, faltava alli o melhor das munições. Francisco de Castro não abandonou o seu posto, senão á ultima hora, e sahiu da cidade numa noite de Troia. A moral christã prohibia-lhe o suicidio, e o suicidio seria peior emenda á uma calamidade tão certa, que deixaria sem cabeça aquelle povo desolado e foragido.

Pelos termos da capitulação, que se guarda no Archivo Nacional, podemos julgar, que tal capitulação não houve propriamente dita. Os francezes conquistaram no rigor da expressão a cidade: saqueiaram-na; mas viram que nella não se podiam sustentar, sabendo que das Minas marchavam soccorros. Trataram, portanto, de vender a sua presa, tirando o maior proveito possivel.

Foragidos, expostos ao relento, e sem provisões nos arrabaldes, quando os moradores souberam, que por dinheiro poderiam voltar para suas cazas arruinadas ou não, induziram o governador a concluir o ajuste. Temiam, ignorando o dia em que deveriam chegar os soccorros, que nesse interim, o inimigo avançasse, e elles acabassem na derradeira miseria, estando as familias expostas á violencia da soldadesca. Disse Albuquerque não haver balas, nesse mesmo officio diz que por não haver polvora, compraram mais tarde ao inimigo 2.050 barris della. (1) Como, pois, queria que não se fizesse o ajuste? As disposições de Dugay-Trouin eram taes, que demorando alguns dias a satisfacção dos artigos estipulados, intimou a Francisco de Castro o pagamento em 24 horas, sob pena de arrazar de todo a cidade, saqueiar os templos que havia poupado, e marchar sobre os arrabaldes!

(1) Em officio de 26 de abril de 1712, ao Rei, diz Albuquerque: « Faço presente á V. M. que esta praça e os armazens ficaram de todo exhaustos, e sem mais que a polvora, que se comprou ao inimigo, como dei conta á V. M. pela náo de aviso, e pedindo á Bahia soccorro me mandou o governador geral della o que consta da relação inclusa ». Confessa pois que se pelejou até mais não se poder.

Além disso, continúa Albuquerque, no seu officio de 26 de novembro: « O ajuste estava adiantado com refens passados, e não os havendo de sua parte (do inimigo) e os moradores se communicando com elles (os francezes), me pareceu suspender a qualquer operação pela contingencia do successo, falta de munições, e o que poderia haver da parte dos moradores e soldados do terço, pois, todos se consideravam socegados, tratando de largas conveniencias, que acharam em contractos de sociedade até de cem e duzentos mil cruzados, que logo se satisfizeram em ouro ».

Como, pois, era possivel prolongar essa luta, e se não resgatar a cidade? Senhores do mar, como se teria podido conservar as fortalezas?

*
* *

No que Albuquerque fez bem, foi em se approximar, vindo acampar no Engenho Velho: e dahi intimando o inimigo a concluir seus negocios e a largar a cidade. Por um Bando publicou seria punido de morte qualquer que entrasse ou sahisse da cidade, e mandou que se confiscasse toda a fazenda, que se levasse de fóra para dentro della.

Dugay-Trouin, mandando por isso repetir o saque, sem poupar os templos, pago do ajuste, fez embarcar afinal as suas forças, e levantou ferros. A fortaleza de Santa Crúz só foi devolvida, quando a esquadra inimiga estava em alto mar.

*
* *

«Este, senhor, foi o successo (conclue elle o seu officio de 26 de novembro), que experimentou a minha diligencia e zelo, com que vim soccorrer esta cidade, atropellando mil difficuldades e excessivos trabalhos, por serras e caminhos fragosos, que a todos admirou a facilidade com que venceram os que me acompanharam, que o sentiram menos, se lograram a fortuna de mostrar a sua obrigação, assim como o fizeram na promptidão e obediencia, com que os achei nesta occasião, deixando suas lavras e roças, trazendo seus escravos com mantimentos e armas: e me parece conveniente, que V. M. sendo servido lhes mandasse agradecer por cartas ás camaras daquellas villas, que tambem no que lhes tocou dar mantimentos e carruagens se houveram com toda a pontualidade, e me fica o sentimento de que se mallograsse o desvelo, com que procurei livrar esta cidade da ruina, que experimentou, pelo que o governador della deve dar conta á V. M. como tambem o faço por outra á V. M. e dos motivos, que tive para entrar nesta cidade e no

governo della. A Real Pessoa de V. M. Guarde Deus muitos annos». (1)

Albuquerque devia, segundo a ordem citada de 26 de novembro de 1709, desde que estivesse no Rio assumir as redeas do governo. Além disso a população, tendo perdido a fé em Francisco de Castro, que necessariamente se comprometteu, quando exigiu as rações para o pagamento do ajuste, ainda que fosse elle um dos maiores contribuintes, bandeou-se para Albuquerque. E' a sorte dos infortunados. Embalde officiou elle ao Rei muito antes do ataque, e logo que tomou posse do governo, declarando que as fortalezas eram insufficientes para a defesa; e mandou-lhe plantas e relatorios. Sua Magestade deu-lhe em paga do zelo uma commenda, mas nem uma só previdencia tomou quanto ás fortalezas!

II

REGRESSO DE ALBUQUERQUE

Continuou Albuquerque a governar, embora estivesse no Rio, a Capitania de S. Paulo e Minas, até o dia 23 de Agosto de 1713, em que passou o poder a D. Braz Balthazar da Silveira, nomeado para Capitão General da dita Capitania. Em seguida retirou-se para a Bahia á espera de embarque para o reino; o que se effectuou na náo — Nossa Senhora do Carmo e Santo Elias — armada com 28 peças, tendo 119 pessoas a bordo, e carregada de assucar, tabaco, e coirama. Depois de bonançosa viagem, quando já no mar das Berlengas, quasi á vista da Europa, os portuguezes avistaram tres velas argelinas com 132 boccas de fogo, e numerosa tripolação de piratas. Dado o signal, todos se puzeram a postos. Viver captivo ou morrer, alli foi o dilem-

---

(1) Do *Patriota* de outubro de 1813, copiou Southey a receita seguinte para o resgate:

Fazenda Real........	67:694$344	Paulo Pinto..........	3:031$040
Casa da Moeda.......	110:077$600	Braz Fernandes Rolla	6:062$080
Cofre da Bulla.......	3:484$660	Francisco Rocha.....	1:356$000
» Ausentes......	6:372$880	Antonio Fernandes Lustosa...........	859$600
» Orphãos.......	9:733$220		
Francisco de Castro Moraes............	10:387$820	Thomé F. de Carvalho	785$600
Luiz Antonio Vianna.	6:784$320	Padres da Companhia	4:866$000
José Seixas Fonseca..	10:616$440	Prior de S. Bento....	1:575$680
Rodrigo de Freitas...	1:166$980	Christovão Rodrigues	1:643$200

ma. O Commandante Gaspar dos Santos Medeiros dirigin do-se a Albuquerque, entregou-lhe a espada, mas este a recusou, dizendo que, se sabia pelejar em terra, no mar queria ser o ultimo soldado. A's 7 horas da manhã rompeu o fogo, e lado a lado troaram os canhões, até á noite, da qual, cessando o combate, aproveitaram-se os christãos para cuidarem dos feridos, e fazerem cartuxame. Dirigia todo este serviço uma Senhora paulista, a nobre D. Rosa Maria de Siqueira, esposa do Desembargador Antonio da Cunha Souto Maior, que ia á Côrte por causa do motim contra elle sublevado pelo Povo da Villa do Carmo.

No dia seguinte, ao raiar da aurora, o combate reaccendeu-se, e com tanta furia por parte dos mouros, que a náo christã foi cinco vezes abordada, mas outras tantas os mouros repellidos. O mar, e o tombadilho tingiram-se de sangue. De uma dessas vezes, o Condestavel da náo em acto de atacar uma peça, teve a cabeça partida por uma granada; mas D. Rosa, tomando-lhe o murrão, fez o tiro, e dirigiu o fogo até que o entregou ao Successor do morto. Mais tarde uma bomba pegou em chammas a vela grande. D. Rosa, com as mulheres de bordo, remendou-a com lençóes e toalhas, até que em bom estado serviu para livrar a náo de ser adornada. Enfermeira, soldado, operaria, alma, emfim, da batalha, essa mulher sublime, heroina da fé e da coragem, foi o exemplo, a guia, o alento dos combatentes, e a gloria da America naquelle dia incomparavel de angustias e de façanhas. Ao cahir da noite os piratas recuaram e desappareceram no horizonte a rumo da Africa. Estavam salvos os christãos! E que bello quadro seria agora ver toda aquella gente, prostrada de joelhos, tendo por Sacerdotiza a valorosa paulista, enviando aos céos os canticos de louvor e de agradecimento; saudando a Virgem Padroeira da náo. « Ave Maris Stella! Auxilio dos Christãos! »

Posta emfim a náo sobre o seu desejado rumo, subiu no dia 7 de Março (1714) ovante pelo Tejo acima. Os mesmos trabalhos e afflições da vespera encareceram e refinaram o goso da liberdade, e as alegrias do salvamento. Despontava então a primavera nos climas de Portugal. Montes abotoados de ramagens novas, e floridas, zephiros embalsamados de perfumes, o rio azul e scintillante, o sol carinhosamente fecundando a terra, tudo parecia emfim predisposto a receber o heróe, que voltava da America, legando a Minas a grandeza imperecivel de seu nome, e de seu trabalho.

Felices animi, quibus hœc cognocere primis,
Inque domos superas scandere cura fuit.

HISTORIA ANTIGA

DAS

MINAS GERAES

Livro Segundo

PARTE II

Governo de Dom Braz e de D. Pedro

CAPITULO VIII

I

POSSE DE D. BRAZ

D. Braz Balthazar da Silveira, Mestre de Campo General dos exercitos, succedeu no governo de S. Paulo e Minas a Antonio de Albuquerque, como já se disse em 1713. Recebido festivamente em S. Paulo no dia 29 de Agosto, no dia 30 tomou posse perante a Camara da Cidade, como ao Rei deu conta em officio de 13 de Setembro no qual tambem refere a extrema pobreza, em que achou a terra, por terem os principaes moradores perdido tudo quanto possuiam nas Minas, em consequencia das alterações; e por terem gasto o pouco, que lhes restava no soccorro, que deram a Santos, quando Duclerc tentou assaltar essa Villa.

Demorou-se D. Braz em S. Paulo o tempo somente indispensavel a recompor o governo do Velho districto; e em dias de Outubro partiu para as Minas com a sua mulher D. Josepha Maria, e trazendo na sua comitiva o Desembargador Gonçalo de Freitas Baracho, como Ouvidor Geral. (1)

Pelas povoações estantes em caminho reteve-se o Governador, onde quer que fosse conveniente; e em Taubaté, como achou a Villa em alarma pelo recente barbaro assassinato de José Ventura Mendanha, feito por um tal João Baptista, famoso scelerado, que além disso ameaçava entrar na povoação e atacar o juiz da devassa, mandou captural-o pela força de sua escolta, senão lhe sequestrar e demolir a casa, exemplo disposto a mostrar aos bandidos, que infesta-

(1) Foi o 1.º Ouvidor do Rio das Velhas; mas falleceu logo.

vam o paiz, o braço da nova auctoridade, como se vê do officio, que dirigiu ao Rei, em 18 de Janeiro de 1714.

Passando a Guaratinguetá, ahi demorou tambem dous dias, como era então necessario para se regularizar a subida da Mantiqueira, por onde se não admittia confusão de grandes comitivas, nem tropa seguida de animaes. Gastaram-se tres dias no transpor a serra e vir aos Pinheiros.

Tinha D. Braz em mente organizar a Justiça nas Minas, dividindo-lhe o territorio em tres comarcas no sul, no norte, e no centro. Para estas duas já Villas havia, que servissem de cabeças do fôro: mas no Sul ainda nenhuma. Consequentemente, em chegando ao arraial do Rio das Mortes, sitio que já Antonil de passagem havia gabado por alegre e proprio a uma povoação, e que ora estava florescente e rico, D. Braz acertou de crear nelle a Villa de S. João d'El-Rei por acto e termo de 8 de Dezembro de 1713. Nesse termo lê-se o motivo do nome da Villa assim declarado «... e mandou que com este titulo fosse de todos nomeada em memoria d'El-Rei Nosso Senhor por ser a primeira Villa, que nestas Minas levanta». (1)

Basta se attender ao calculo da viagem, para se comprehender que a Villa de S. João foi erecta durante a estada de D. Braz alli de passagem para as Geraes. (2)

Além dessa, creou D. Braz, logo que chegou á Villa do Carmo, a Villa Nova da Rainha no arraial do Caheté, e a do Principe no do Serro, ambas por Provisão de 29 de Janeiro de 1714, e ambas installadas em commissão pelo Ouvidor Luiz Botelho de Queiroz.

Posteriormente, á instancia dos Paulistas, creou a Villa de N. S. da Piedade do Pitangui, por acto de 6 de Fevereiro de 1715, installada a 9 de Junho pelo Mestre de Campo Antonio Pires de Avila, commissionado pelo dito Ouvidor Luiz Botelho. (3)

---

(1) O paiz chamava-se d'El-Rei por ser sobrenome de Thomé Portes d'El-Rei seu primeiro morador. Assim a ventura ajudou a D. Braz na sua lisonja a D. João V.

(2) Segundo o itinerario de Antonil, de S. Paulo á Ouro Preto gastava-se pelo menos o tempo de 63 dias. D. Braz, vindo com a familia em máo tempo de viagens, e caminhos pessimos, não e crivel, que fizesse melhor jornada e mais breve, que os escoteiros, para vir ao Carmo, estabelecel-a, e d'ahi voltar ao Rio das Mortes, caminhada de 18 dias a mais.

O ultimo documento firmado por D. Braz em S. Paulo traz a data de 24 de Setembro de 1713, o primeiro firmado em Villa Rica a de 28 de Dezembro. Não podia, pois, vir ao Carmo, voltar a S. João, lá estar a 8 e 9, dia da installação, tudo isto em 9 dias, se descontarmos? os? dias de viagem de S. Paulo ao Carmo.

(3) A eleição da Camara de S. João teve logar a 9 de Dezembro, sendo eleitos Juizes: Pedro de Moraes Raposo e Ambrosio Cal-

Passando a crear as tres Comarcas, elegeu uma commissão composta dos Procuradores das Camaras, e de dous peritos, para determinar quaes os limites, que deviam ser estabelecidos entre ellas: as quaes foram a de Villa Rica, a do Rio das Velhas com a séde em Sabará, e a do Rio das Mortes com a séde em S. João d'El-Rei, erectas todas pela provisão de 6 de Abril de 1714. (1) Não se deve perder de vista, como os limites da do Rio das Mortes sobre o termo de Guaratinguetá ficaram designados expressamente pela Serra da Mantiqueira ao sul; mas para o oeste não se determinaram por ser o sertão desconhecido.

II

OS QUINTOS

Ao passo que punha o Governador assim os seus cuidados sobre as Ouvidorias, não abandonava a questão dos quintos, importando esta com a divisão das Comarcas pelo rateio do pagamento, que a cada uma cumpria satisfazer. Era a questão suprema da epocha, á qual tudo o mais tinha de ceder.

Vogavam naquelle tempo tres variedades de Colonias, segundo o interesse das Metropoles. Por excesso das po-

---

deira Brant, vereadores: Francisco Pereira da Costa, Miguel Marques da Cunha, Pedro Silva; e Procurador José Alves de Oliveira.

Camaristas de Caheté: Juizes: Luiz do Couto e Antonio do Rego Silva; Vereadores: Lourenço Henrique do Prado, Reis de Mello Coutinho e Bernardo Aranha; procurador Hyppolito de Barros.

Camaristas do Serro: Juizes: Geraldo Domingues, Jeronymo Pereira da Fonseca; Vereadores: Antonio de Moura Coitinho, Luiz Lopes de Carvalho, Antonio Sardinha de Castro, e Procurador Manoel Mendes Fagundes.

(1) Não obtivemos a eleição do Pitangui por falta de documentos. Só sabemos por vias indirectas, que seu primeiro Procurador foi o o famoso Jeronymo Pedroso de Barros... O Dr. Nelson de Senna, porem, acompanhando a J. A. Gomes da Silva, diz que só em 1718 foram eleitos Juizes, Antonio Rodrigues Velho e Bento Paes da Silva; Vereadores, João Cardoso, Lourenço Franco do Prado, e Jose Pires Monteiro; Procurador, Antonio Ribeiro da Silva. Não duvidamos que fosse tal a segunda Camara eleita em 1718, para o periodo a começar em 1719. Não se installava Villa sem Camara, sendo a posse desta o proprio acto da installação.

Logo, em 1785, houve a Camara á que se deu posse.

A' Junta compareceram: *procuradores* Antonio Mendes Teixeira, de Villa Rica, Manoel da Silva Miranda, da Villa Real do Sabará, e Raphael da Silva e Sousa, da Villa do Carmo, faltando o da de S. João; *Engenheiro* o S. M. Pedro Gonçalves Chaves e *peritos* assistentes o S. M. Pedro Frazão de Brito e Frei Antonio Martins Lessa. *Secretario* do Governo, Manoel da Fonseca.

pulações, os enxames que destas partiam, vinham fundar nas terras novas, como se viu na Grecia, segundas patrias, nas quaes implantavam o seu theor civil. Eram estas as colonia-politicas, que faziam parte integrante da Metropole, cuja nacionalidade expontaneamente continuavam. Outras colonias eram as feitorias fundadas para o commercio em terras de soberania diversa e por meio de convenios impostos quasi sempre pelas armas. Colonias-fazendas, finalmente, eram aquellas em que a Metropole se estabelecia para explorar os generos, que em seus climas não se cultivavam.

As Minas se constituiram num mixto de colonia-politica, e colonia-fazenda. Desdobrando a Metropole em todos os seus caracteristicos nacionaes, e, gosando das fórmas republicanas do municipio, pelas quaes se implantou o direito commum do Reino, era todavia destinada a produzir o ouro, que foi o unico genero de exportação, e por cuja especialidade ficou submettida a duas legislações distinctas. As terras mineraes, sendo regidas pelo Estatuto organico da Guarda moria, independente e peculiar, como foi, e sendo aqui a mineração o elemento dominante de toda propriedade, correram as cousas de modo, que a materia dos quintos prevaleceu sobre todas as relações de governantes e Governados, e acarretou as mil contradições, que a economia e o regimen politico soffreram.

Os quintos, por essencia, justos, como já se disse, não vexavam tanto os Mineiros, como a cobrança, que delles se fazia. O extravio do ouro, pelos vexames desta, converteu-se em abuso geral, e de maneira que a todos pareceu quasi licito. Dahi os constantes conflictos. Antonio de Albuquerque, em officio de 3 de Abril de 1710, avaliou em tres quartas partes da importancia o prejuizo da Fazenda Real. Não se podendo fazer a cobrança em casas de fundição, a junta de 1.° de Dezembro de 1710, assentou-a por bateias de 10 oitavas por anno cada uma.

Pelas tabellas da receita, que nos restam, formaremos uma idéa das vicissitudes e da inconstancia dos quintos naquelles tempos. Basta dizer que de 1700 a 1713, primeiro periodo das Minas, renderam 56.655 oitavas, e os confiscos 46.975, quasi igual somma. Em 1710, renderam os quintos 5.682 oitavas e os confiscos 2.542. Em 1711, estando Albuquerque nas Minas, os quintos subiram a 13.579 oitavas e os confiscos a 6.185. Ora, logo que Albuquerque sahiu os quintos baixaram (1712) a 8.618 oitavas e os confiscos a 1.782. E nem se diga seja esta baixa imputada á expedição dos mineiros para o Rio em 1711; porque em 1713, já estando todos em seus logares, os quintos ainda baixaram mais, ficando reduzidos a 2.781 oitavas, ao passo que os confiscos cresceram a 7.106. Por aqui se chega a conceber a balburdia, que pois reinava na materia. Achando por conseguinte o

novo governador as cousas neste pé, o ponto, que antes de tudo alvejou, foi atacar o contrabando ; e por isso em junta de 7 de dezembro de 1713, (1) celebrada no Rio das Mortes, ao mesmo tempo que tratou da fundação da Villa d'El-Rei, abordou a questão pela fórma, que depois tambem se ajustou, na segunda junta, que convocou e foi celebrada em Villa Rica a 6 de janeiro seguinte de 1714.

Nesta, o Governador, lembrando a convenção das 10 oitavas, feita em tempo de Albuquerque, os contribuintes representados pelos Ecclesiasticos, officiaes militares, civis, e de fazenda, bem como os homens bons da nobreza, e povo, de tal geito se mostraram oppostos á forma da cobrança por bateias, que se offereceram a pagar trinta arrobas de ouro pelos quintos de um anno, a partir de 20 de março daquella éra, a 20 de março da futura de 1715, comtanto, porém, que fossem abolidos os registros e ficassem abertos os caminhos livres e francos á exportação. As Camaras por este ajuste ficariam responsaveis pelas 30 arrobas de ouro, cada uma segundo a sua capacidade tributaria, deixando-se-lhes porém, como renda, o producto das imposições sobre o gado. Por termo da junta em 15 de abril lavrou-se este ajuste, distribuindo se a quota, que a cada Comarca pertencia pagar : operação pela qual tocou á comarca do Rio das Mortes satisfazer 5 arrobas e 10 libras; á de Villa Rica 12 arrôbas, das quaes só a comarca do Carmo teve de exvurmar 6 arrôbas além das 6.400 oitavas, com que devia entrar para as obras da Matriz. A' comarca do Rio das Velhas, finalmente coube satisfazer 10 arrobas e 2 libras, cumprindo á Camara do Sabará cobrar o imposto do gado, que vinha da Bahia, orçado para o total do pagamento em 2 arrobas.

Até dezembro, porém, desse anno (1714) não se havia recebido solução alguma d'El-Rei sobre tal ajuste ; e por isso o governador, querendo prover á receita do futuro exercicio de 20 de março de 1715, á egual dia de 1716, convocou a Junta de 1.° de fevereiro, celebrada no Carmo, na qual se renovou a obrigação das 30 arrobas, nas condições do ajuste antecedente, com a differença, porém, que as camaras, a effeito de suavisar a obrigação de suas quotas, cobrariam, além dos quintos, os direitos de entradas na razão de uma e meia oitava por cargueiro de fazendas seccas,

---

(1) Os escriptores inclusivé Teixeira Coelho e o dr. Diogo de Vasconcellos, dizem que esta Junta teve logar em Villa Rica. E' um dos erros evidentes. D. Braz em pessoa no dia 8 presidiu a creação da Villa d'El-Rei no Rio das Mortes, tanto elle, como seu companheiro de viagem o Ouvidor Gonçalo de Freitas Baracho. Como podia no dia 7 ter estado em Villa Rica? Ainda hoje pelo caminho de Ferro seria difficil tal ubiquidade.

meia por cargueiro de molhados, duas por negro novo, e meia sobre cabeça de gado, introduzido para o consumo. Este novo ajuste, porém, foi interrompido pela Carta Regia de 16 de novembro de 1714, recebida em dias de fevereiro seguinte na qual se viu, que S. M. negara a sua approvação ao ajuste; e em outra da mesma data explicava o seu acto aliás juridicamente dizendo, — que para se observar uma exacta egualdade na distribuição da finta, a difficuldade seria quasi invencivel, — que o excesso seria avultado em relação á quota da finta; — que os negociantes soffreriam grave prejuizo pelo imposto sobre os generos de seu commercio, quando a obrigação dos quintos só aos mineiros pertencia; — finalmente que o mesmo commercio ficaria na impossibilidade de satisfazer o lançamento de outros subsidios para as necessidades publicas.

Como se verifica desta carta, a razão estava sem controversia com o Rei; mas, visto os factos poderem mais do que as leis, a verdade é que o meio proposto por S. M. para substituir o ajuste, era o que justamente a todos mais repugnava, qual o pagamento par bateias na fórma estabelecida em tempo de Albuquerque. De todas as fórmas, nenhuma perfeita, parecia comtudo esta a melhor. Como correspondia ao numero de bateias empregadas nos lavradios, guardava apparentemente a equidade relativa.

Para dar execução á esta ordem, D. Braz convocou a Junta de 13 de março, na qual fez ler o que S. M. mandou. A simples leitura, porém, alovorotou a assembléa. Convém lembrar que El-Rei, morava em Lisboa, á muitas leguas e mezes de distancia, e que as Minas já tinham mostrado saber como se expulsavam e se nomeavam governadores. O effeito, pois, das Ordens dependia explicitamente do apoio dos mineiros; porque a realidade era que, si convinham elles na obediencia aos governadores, o mal maior da desobediencia a tanto os convencia; mas era coerção moral que se não podia supportar nos casos oppressivos.

Na Junta não houve dos poucos um só voto sincero a favor das bateias; e a tal ponto subia a impugnação, que chegaram a offerecer 25 arrobas e mais os direitos de entradas, verba de receita em que S. M. lançaria as taxas, que muito bem lhe aprouvessem. Com o crescimento incessante das Minas a proposta offerecia campo alargado e pingue a esta receita. Mas tal proposta incorria na censura feita pelo Rei. E' certo que, sendo a industria do ouro a unica fonte das mais, que se estabeleciam no districto, todos os profissionaes, sendo parasitarios das minas, em ultima analyse, o ouro tudo vinha a pagar; mas é que S. M. e com razão não queria, pelos principios, confundir as responsabilidades.

Aterrado com o voto da Junta quasi unanime, D. Braz não achava sahida ás duas pontas: não podia deixar de

cumprir a ordem do Rei sobre a cobrança por bateias; mas tambem não tinha meios co-activos de tal cobrança por opposta á vontade dos povos. Não se tratava de um imposto governamental; e sim de uma contribuição, que, visto não podia ser cobrada pela fórma prescripta na Ordenação, por isso mesmo as partes interessadas, senhorio e inquilinos, tinham de pactuar. O Rei mesmo tinha recommendado aos governadores, que, de accordo com os povos, achasse meio o mais suave para se fazer a cobrança.

Dissolvida a Junta em taes circumstancias, deixando em apuros o governador, serviu-se este de um expediente o mais infeliz, que foi o da má fé: escreveu ás Camaras, insistindo na cobrança por bateias, e jogando com umas para persuadir ás outras, quando nenhuma houve que a tal o autorizasse. Por este meio fraudulento as Camaras, cada qual se julgando só na resistencia, accederam á vontade do Rei. Quem porém não esteve por isso foram os povos.

III

SEDIÇÃO DO MORRO VERMELHO

A comarca do Rio das Velhas poz-se em movimento, e a insurreição rebentou furiosa no Morro Vermelho e no Caheté. Com este exemplo a resistencia se generalizou por todas as comarcas. O procurador da Camara de Villa Real, (Sabará) tinha na Junta impugnado vivamente a fórma das bateias. D. Braz, receiando que elle insuflasse o povo a adherir á insurreição do Caheté, mandou por conselho do Ouvidor Luiz Botelho, que elle se retirasse da Villa.

O povo, porém, o reclamou e se poz em armas.

Com a noticia deste levantamento partiu D. Braz para a Villa Real, onde por muito que discursou, nada conseguiu: e fiel ao governo apenas lá encontrou o capitão Mor Clemente Pereira de Azeredo. Os mais, ainda mesmo os poucos, que na Junta votaram com o governador, sahiram da villa, e o deixaram só falando ás moscas. A vista disto tomou D. Braz a resolução de voltar para as Geraes; mas tendo vindo pernoitar em Raposos, ahi tarde da noite surgiram-lhe dous procuradores do povo da Villa da Rainha, a lhe dizerem, que queriam uma accommodação; e lhe pediram dalli não sahisse antes de fazel-a.

Propuzeram elles que se celebrasse uma Junta em Villa Real, na qual se consultassem dous procuradores de cada povo. Accedeu o governador á proposta, e ia dar ordens no sentido della, eis que ás duas horas da noite, recebeu do Ouvidor Luiz Botelho aviso, de que o povo da Villa Real, o

vinha buscar sequestrado. Pouco depois chegou o mesmo Ouvidor, e logo em seguida o povo armado prerompendo em vivas sediciosos. D. Braz sobresaltado sahiu á porta da casa para falar, e perguntou o que queriam? Responderam que não pagar os quintos por bateias. Neste comenos chegou a Camara de Villa Real, e propoz ao governador lhe enviasse um procurador para com ella tratar o que se deveria fazer. D. Braz vendo a obstinação opposta a seus argumentos, cedeu emfim e mandou que se observasse na cobrança o ajuste de fevereiro, obrigando-se a camara de Villa Real, a entrar com as suas tres arrobas. Conseguida esta victoria, quizeram mais que D. Braz declarasse as Minas isentas para todo o sempre da fórma de pagamento por bateias, fixando se definitivamente o ajuste das 30 arrobas. A tanto não annuiu D. Braz, e quiz ainda voltar á carga, demonstrando as vantagens da cobrança por bateias recommendada por El-Rei, cuja intenção bem formada, dizia era livrar o povo de um tributo geral. A isto responderam, que não julgavam tributo o que voluntariamente queriam pagar; e que ao governador ficaria a responsabilidade dos damnos e prejuizos, que sobreviessem á Fazenda Real, pois a não ser como propunham, nada pagariam. Avisado pelo Ouvidor de que, a não deferir o que propunham, maior desacato alli mesmo lhe fariam, D. Braz não hesitou mais tempo e em tudo se conformou. Não tinha força no momento, disse elle ao Rei, e pois não teve outro remedio, que ceder, e passar pelas forças caudinas.

Chegando ás Geraes, achou D. Braz animado do mesmo espirito os povos de Villa Rica e do Carmo, e pois se convenceu que daria corpo á uma insurreição geral, se não removesse logo a ordem tendente á cobrança por bateias. Elle francamente informou ao Rei, que se insistisse, provocaria uma guerra civil.

Mais que depressa, em vista dos factos, o Rei ordenou, que se cobrassem os quintos segundo o ajuste de 1714. Reuniu então D. Braz uma Junta, com o pessoal do costume, na Villa do Carmo a 22 de junho de 1716, e por termo della assignado a 28 ficou assentado, que as Camaras puzessem Registros, onde bem lhes conviessem, para cobrarem as taxas seguintes: de fazendas seccas, molhados e gado, como acima se disse, e mais 4 oitavas de cada escravo, que pela primeira vez entrasse para as Minas. Além disso as Camaras cobrariam de cada loja ou venda no municipio 10 oitavas, e de cada escravo 2 e meia cada anno.

Posto estivesse a findar o periodo administrativo de D Braz, convocou elle a Junta de 14 de agosto de 1717, para se regular o pagamento no exercicio futuro de 1717 a 1718, começando e acabando o exercicio a 22 de julho dos ditos annos. Renovou-se o mesmo ajuste, portanto, para mais um exercicio.

Convém lembrar que essas taxas se addicionavam aos quintos: e toda vez que a somma dos productos não attingisse ás 30 arrobas, corria uma finta geral ou *derrama*, supplementar, lançada segundo o numero de escravos, que cada um possuisse. E' a origem da famosa derrama, que tanto deu que falar em nossa historia.

Do que deixamos exposto comprehende-se bem, em que leito de Procusto se deitou o povo das Minas, desde que se lhe impoz uma quota fixa, a que por força tinha de satisfazer. O Rei fornecia a materia prima da industria, e deixava aos donatarios a liberdade de escolher o modo do pagamento. A liberdade aqui era a dos perús, aos quaes se consultasse á a respeito do molho. A verdade, porém, é que os mineiros quando requeriam as datas, conheciam bem as condições da concessão: mas não estava nisto o ponto da iniquidade, e sim na *derrama*, ou nas taxas addicionaes aos quintos. (1) Ora, quem taes ajustes fazia, eram os mineiros. Mas eram tambem elles, os que mais queriam e se esforçavam, pelo proprio interesse, que o systema de pagamento não lhes cahisse de cheio emcima das costas. Preferiam a fórma heteroogenea, que apanhava todas as classes, e as obrigava iniquamente a supportar o peso de obrigações alheias, pagando quintos de ouro, quem o não tirava, e nem tinha lavras de onde tiral-o.

O procedimento das Camaras, a concussão, as corruptelas, sempre aviadas entre poderosos, davam espaço á mingua dos quintos; e por isso as taxas e a derrama dia por dia mais sobrecarregavam o povo. Os motins, pois, se multiplicavam; e de tal modo ficaram em uso, que um governador chegou a dizer ao Rei, que o principio da rebellião se respirava como o oxygeneo no ambiente das Minas.

IV

MOTINS

O individuo na infancia é ver um, ver todos. Os povos nascentes, tambem como as creanças, não differem entre si.

---

(1) Da derrama colhemos a vantagem do zelo, com que se conservou o nosso territorio nos limites, que ahi estão. Como o fisco das Minas era mais apparelhado, e os impostos mais pesados, não só as Camaras não consentiram se diminuir os seus termos, como o Rei não consentiu, que as Capitanias vizinhas nos tomassem terras. Ao contrario augmentou quanto poude o ambito das Minas, como se viu succeder com a Ordem de 28 de agosto de 1760, que encorporou ás Minas o Arassuahy e o Fanado.

As Minas, porém, não tiveram infancia. Nasceram como a Deosa de Athenas, já feitas e armadas.

O povoamento se fez com gente passando por todos os estadios de civilização, desde o elemento barbaro dos indios e africanos, até os mais esclarecidos letrados desse tempo. Mas á revelia de toda auctoridade esse periodo do povoamento deu largas á infinita casta de paixões, e de vicios, á licença de toda moral, de modo, que fóra das leis, e dos costumes, quando veiu por fim o governador, mister lhe foi ensaiar o seu exercicio, dissimulando e transigindo.

Os motins, si em grande, não se tomava delles conhecimento; si em pequenas proporções puniam-se com rigor excessivo.

Quando D. Braz chegou a S. Paulo, deram-lhe logo parte de estarem os paulistas no Pitangui em plena dissenção com os reinóes. Como tinham sido expulsos dos velhos descobertos, aquelles, que não se ausentaram para S. Paulo, movidos da necessidade passaram a sertões desconhecidos; e no de Pitangui e Pará descobriram novas minas abundantes, a do Batatal mais que todas demasiadamente rica. Lembrados, porém, do que haviam soffrido, publicaram Bandos, prohibindo aos reinóes entrarem nos seus recentes descobertos. D. Braz receiando conflictos, entendeu-se em S. Paulo com os principaes, e lhes pediu interviessem a effeito de socegar aquella gente, como ao Rei deu conta em officio de 1.° de Setembro de 1713. Os do Pitangui, porém, surdos a conselhos, e advertencias, prohibiram, que lá penetrassem mesmo as justiças de Sua Magestade. Não foi senão attendendo á esta situação, que D. Braz creou a Villa da Piedade, a ver si nesta conseguia introduzir novos elementos de ordem. D. Braz, porém, não percebeu em sua ingenuidade, que si os paulistas lhe pediram a creação da Villa, tinham em mente evitar, que os attingisse a Justiça da Villa Real, onde os reinóes já tinham ganho terreno e dominavam.

A preponderancia destes no Rio das Velhas se tornou tão execrada pelos principaes paulistas, que muitos se levantaram de seus domicilios, e se apartaram, uns voltando para S. Paulo, outros proseguindo pelo sertão até Goiaz. O celebre Bartholomeu Bueno da Silva, cognominado o Feio, e depois Anhanguera, entrou para Goiaz, levando sua Familia e escravos em 1717.

Entretanto, se com a creação da Villa se esperou, que o Pitangui melhorasse, foi uma illusão. O mesmo Jeronimo Pedroso, que no Caheté deu causa ao levantamento dos Emboadas, sendo agora cobrador da Camara em Pitangui, e portanto, dos quintos, tão abominaveis tyranias praticou, que o povo se insurgiu amotinado, e o feriu gravemente. Seu irmão Valentim Pedroso, vindo-lhe em soccorro, foi morto. A Camara no intuito de dissimular os seus actos violentos, escreveu a D. Braz da Silveira, justificando o motim por ques-

tões particulares; mas o Governador, ainda assim mandou a Pitangui dous delegados com ordem de apurarem os factos.

Voltaram os delegados dizendo, que o accidente não teve outra origem, que não o desespero do povo; e entregaram a D. Braz uma representação deste, na qual submissamente lhe pedia justiça.

Attendendo a isto, o mesmo D. Braz mandou publicar um Bando concedendo aos revoltosos indulto das culpas; e reformando o lançamento das taxas e fintas, acto que á Sua Magestade submetteu em officio de 14 de julho de 1716. (1)

*
* *

Na Villa do Carmo egualmente ao tempo, em que chegou D. Braz, exaltados ainda estavam os animos pelo motim, que houve, quando expulsaram o Desembargador Antonio da Cunha Souto Maior, Juiz de Fóra da Villa. Posto, que fosse portuguez, este homem era casado com D. Rosa Maria de Siqueira, paulista e senhora de grandes espiritos, como já tivemos occasião de ver na pendencia da Náo Nossa Senhora do Carmo e Santo Elias em luta com os argelinos. Naquella epocha, em que raras familias nobres havia, D. Rosa poucas relações mantinha, e profligava o estado geral dos moradores, sobretudo reinóes, que viviam com despreso dos bons costumes. Chamavam-na aristocrata, e diziam que dominava o Marido.

Interesses offendidos pelo Ministro de parte a parte produziram a situação pessoal, em que se achou, atacado por todos gregos e troianos, estando á frente dos paulistas Luiz Pedroso de Barros, da mesma familia, que Jeronimo Pedroso, (2) Insurgida assim a população, o Desembargador, para não cahir morto, viu-se na necessidade de se submetter e foi expulso. (1712) D. Braz, quando veiu, achou em andamento o processo, e já muitos réos denunciados; mas entendeu ser mais conveniente, que se suspendesse o feito, para não irritar principalmente os reinóes. (Officio de 25 de Maio de 1714, Arch. Publ. Min.)

Entretanto, bem não se havia ainda encerrado este incidente, que já a Villa do Carmo entrava em novos barulhos; e estes acaso mais graves. O Ouvidor Geral da Comarca de Villa Rica, Dr. Manoel da Costa Amorim, vindo em cor-

---

(1) Logo havia Camara antes de 1718.

(2) Luiz Pedroso de Barros era filho de Lourenço Castanho Taques (o Moço) e neto de outro Luiz Pedroso de Barros, que se casou na Bahia com D. Angela de Siqueira: e, voltando a S. Paulo, fez uma expedição a Matto Grosso e ao Peru, onde morreu em 1660. Aquelle Luiz Pedroso (neto) tomou parte na guerra dos *Emboabas*, e ficando criminoso pela expulsão de Souto Maior, obteve perdão em premio de ter aberto o caminho de S. Paulo ao Paraná.

recção ao termo da Villa do Carmo, tomou conhecimento da fórma, como o povo alli faiscava e colhia ouro em terras livres sem se repartirem as datas: e quiz corrigir o abuso, não sendo obstado neste ponto, que comtudo era legal. Mas não se limitou a isto; senão que as repartiu com seus amigos, gente de fóra, contra o Regimento, que mandava preferir os moradores. Era a gente miuda e pobre, que lavrava aquellas terras. A injustiça revoltou a população, e o Ouvidor atacado com furia escapou de morrer, fugindo com difficuldade. (1715)

Celebrou-se por isto uma Junta de justiça, na qual foram os cabeças condemnados a degredo para Benguela, pena rigorosa que D. Braz commutou para o Serro do Frio. (Officio de 18 de Maio de 1716).

V

CONSPIRAÇÃO DO RIO DAS VELHAS

A Comarca do Rio das Velhas, a mais turbulenta de todas, guardava sempre vivazes os resentimentos da questão *Emboaba*. Mal tinha sahido ella dos disturbios do Morro Vermelho, que logo entrou em novas alterações. Em fins de 1716, D. Braz recebeu no Carmo uma carta do Mestre de Campo dos Auxiliares (Guarda Nacional do tempo), Sebastião Pereira de Aguilar, na qual lhe pedia désse ouvidos ao que lhe vinha communicar o portador, certo Padre, cujo nome não se conservou. Ora, este trazia ao Governador nada menos, que a denuncia de estar Manoel Nunes Vianna, com seu primo Manoel Rodrigues Soares, urdindo uma sublevação para depôr as auctoridades da comarca. Logo em seguida ao Padre chegou um tal João de Freitas, por parte do Ouvidor Luiz Botelho de Queiroz, a dizer, tambem de palavras, que havia a conspiração, mas não daquelles, senão urdida por Luiz do Couto e José de Seixas Borges, accrescentando por parte ainda do Ouvidor, que tudo era obra dos Frades a verem se por este caminho podiam ficar nas Minas, de onde Ordens terminantes mandavam, que fossem lançados fóra.

A' vista das duas versões, D. Braz sem se abrir com os denunciantes, tomou o partido de enviar ao Rio das Velhas o Tenente General Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, afim de averiguar a verdade, onde se achasse. D. Braz sabia que o Ouvidor era amigo intimo de Manoel Nunes e de Manoel Rodrigues, mas inimigo fidagal de Luiz do Couto, e muito mais de José de Seixas, porque este no exercicio de procurador da corôa, o tinha denunciado, como socio de Manoel Nunes e de Manoel Rodrigues, no descaminho e contraban-

do de muitas arrobas de ouro pertencentes á Sua Magestade.

Entretanto, no mesmo dia, em que partiu do Carmo o Tenente General Felix de Azevedo, sendo já noite, chegaram á Villa os mesmos Luiz do Couto e José de Seixas, os quaes repitiram a accusação contra Manoel Nunes e seu primo, affirmando que estavam estes congregando gente para invadirem o Sabará, e subverterem segunda vez o Governo das Minas. E diziam que elles vinham trazer tal communicação por serem fieis vassallos; e que a todos os sacrificios estavam dispostos, mesmo a darem a vida em serviço de Sua Magestade. Não se dando por prevenido, D. Braz os tratou com affabilidade, e repetiu, que ia prover como conviesse.

Alguns dias depois chegou o Tenente General e referiu ao Governador, que Luiz do Couto e José de Seixas effectivamente haviam urdido um papel subversivo, e dado a muitos para o assignarem sem ler, contra as auctoridades, simulando que era para se representar contra Manoel Nunes e seu primo Manoel Rodrigues. Achava-se o negocio reduzido á estas proporções, que nada já valiam, quando o Ouvidor Luiz Botelho escreveu ao Governador não tivesse piedade com aquelles dous homens, e que, se quizesse, lhe officiasse para proceder a um inquerito acerca do caso. D. Braz contestou, dizendo que não convinha augmentar inquietações, e que elle Ouvidor suspendesse qualquer procedimento para não perturbar a cobrança dos quintos, que se estava fazendo. Replicando o Ouvidor communicou-lhe que aquelles dous homens com receio de serem presos se tinham armado em suas casas: e que para socego da comarca o Governador os mandasse della despejar: o que este fez incontinenti. Quando, porém, D. Braz julgava aqui estar findo um tal accidente, o Ouvidor communicou-lhe, que havia feito um summario de testemunhas; pelo qual ficou patente, que Luiz do Couto e José de Seixas haviam tentado sublevar a comarca; e que por isso cumpria se lhes infligisse uma pena exemplar. Incommodado por esta nova, e reconhecendo que aquelle Ouvidor não era imparcial, nem podia fazer justiça independente no caso daquelles dous seus odiados inimigos, consultou ao Ouvidor Manoel Musqueira Rosa, de Villa Rica; e este foi de parecer, que se convocasse a respeito uma Junta de Justiça. Nesta, porém, comparecendo o Ouvidor do Sabará, dito Luiz Botelho, declarou alto e bom som, que não apresentaria á Junta os autos e nem papeis alguns concernentes á questão, visto que a elle só, em seu caracter de Ministro, unico competente, é que pertencia julgar a causa, na qual, pedia ao Governador venia para lhe declarar, não admittia á sua interferencia, nem a da Junta. Tinha, continuou a dizer, na forma do seu Regimento, obrado como entendeu ser de direito, e que só a Sua Magestade daria contas, como já as havia

dado em officio, que lhe dirigiu, e da Côrte esperava a solução. A' vista de tal pertinacia do Ouvidor, D. Braz, temendo violar as Ordens Regias, que defendiam a independencia dos Ministros, deu a Junta por encerrada, aguardando as Ordens de Sua Magestade. (Officio de 27 de Dezembro de 1716).

Este documento o havemos pelo mais claro, com que se estudará toda aquella epocha. Os dous pacientes ficaram presos pelo Ouvidor até que Sua Magestade resolvesse a questão dahi a um anno pelo menos; e assim se prova, como os principios mais sãos, qual era o da independencia dos juizes, circumstancias os convertiam em mal irreparavel. (1)

Pelo que temos exposto se observa, como subsistiam ainda que as odiosidades oriundas da guerra dos Emboabas. O Rei em carta de 25 de Fevereiro de 1711, agradecera folgadamente a Antonio de Albuquerque o ter conciliado os paulistas com os reinóes, e por sua vez Albuquerque em officio, de 15 de Abril de 1712 se lisonjeava de havel-o conseguido. A verdade, porém, era que, se o tumulto das armas socegou, os resentimentos continuaram, tão dilaceradas ficam as relações pela guerra civil, que amnistia alguma é capaz de os remover.

VI

O CLERO

D. Braz encontrou nas Minas as mesmas difficuldades, que assoberbaram seu antecessor; e muito maiores teve para legar a seu successor. Com a expedição ao Rio Albuquerque deixou em meio a organização politica, e na expedição, como foram os principaes, as Camaras, tendo ausentes seus membros, perderam em parte o beneficio da propria forma do seu instituto. Durante aquella ausencia continuaram a entrar para as Minas massas de aventureiros e escravos, que fizeram crescer os elementos de desordem. Vindo lutar com a anarchia, D. Braz teve por si a boa vontade dos homens ordeiros, conservadores, que o cercaram de prestigio por propria utilidade de sua vida e de seus haveres. Mas era um apoio vacillante e limitado aos casos unicos da conveniencia propria. O Governador, assim sendo, carecia de andar dia a dia contemporizando, e muitas vezes empregan-

---

(1) Está se vendo que os dous Couto e Borges faziam representação contra o Ouvidor envolvendo Manoel Nunes e Manoel Soares. Estes armaram-se em defesa do Ouvidor. Eis a intrigalhada.

do a influencia de uns para diminuir a prepotencia de outros.

Elemento perturbador, corrosivo, foi, porém, o clero e desde o começo das Minas; principalmente os Frades. Influentes pelo numero e pelas luzes, que mais ou menos os distinguiam; mas fugidos dos conventos ou apostatas, viviam entregues á turbulencia e aos desregramentos os mais condemnaveis. Antonil, insuspeito Jesuita, é quem disto primeiro nos informa, dizendo: «Até os Bispos e Prelados sentem summamente o não se fazer caso algum de suas censuras para reduzir a seus conventos e Bispados os não poucos clerigos e religiosos, que escandalosamente por lá andam, fugitivos ou apostatas.»

O systema governamental dava logar á dualidade do fôro. Os Bispos, tendo uma posição politica e exercendo muitas attribuições civis, eram quasi soberanos em sua esphera. Para snstentarem a sua influencia, em face da auctoridade temporal, ordenavam o maior numero de padres, que podiam, chegando a ponto, que criminosos protegidos por Dignidades Ecclesiasticas, não raras vezes, recebiam as ordens para se livrarem da jurisdicção e do foro commum. Com Claudio Gurgel do Amaral, por exemplo, deu-se o facto de urdir por questões de Igreja no Rio uma revolução, em que houve mortes. O Bispo ordenou-o, e o nomeou Vigario de Ouro Preto; pelo que Albuquerque ao Rei se queixou; e o Rei mandou por Ordem de 18 de Novembro de 1712, que, si o Bispo não o removesse, o Governador o fizesse prender e fosse deportado para a Africa.

As parochias em Minas ainda não sendo colladas, o Rei não podia intervir na provisão dos parochos. Como, porém, não podia reger os clerigos, sem intermediação dos Bispos, nem fazel-os processar pelas auctoridades temporaes, usava da sua prerogativa soberana e os deportava em ultimo caso.

Nas Minas não obedeciam os clerigos a ninguem. Isentos da jurisdicção civil, não respeitavam nem o seu Bispo, e os Frades apostatas não o reconheciam por seu Prelado. Dahi a libertinagem e a simonia; e apenas um haveria menos concurrente aos gosos materiaes, que a riqueza e o luxo sabem engendrar. Eram negociantes, mineiros, senhores de engenho, e de escravos; mas sobretudo fautores desabusados e sem peias dos contrabandos e extravios do ouro. As auctoridades não podiam tocal-os, e em geral não havia quem mal os quizesse por essa conveniencia de extraviarem o ouro para si e para os amigos.

As ordens de expulsão, emanadas do Rei, nenhuma força exprimiam, embora repetidas, desde o tempo de Arthur de Sá. O proprio Albuquerque tão energico, mas frustrado em taes diligencias, declarou ao Rei, em officio de 3 de Abril de 1710, o seguinte: «Ao Arcebispo da Bahia darei to-

da ajuda e favor para a expulsão dos ecclesiasticos, e tambem ao Bispo desta Cidade (Rio de Janeiro); porém, não terá remedio este prejuizo, em quanto V. M. não ordenar, que se lhes confisquem os bens para suas Religiões, e dos clerigos para a Sé desta Cidade. Os que entram da Bahia e Pernambuco são os mais prejudiciaes e absolutos perturbadores e de máo exemplo.»

Os Bispos, comtudo, não concorriam assás para o cumprimento das Ordens Regias. Concediam licenças e provisões sem darem toda a importancia ás advertencias do soberano; e a situação de 1714 era a mesma, que a descripta pelo Rei na Carta de Junho de 1711, dirigida a Antonio de Albuquerque: «... por constar que o Bispo do Rio de Janeiro não tem executado a Ordem para não irem ás Minas ecclesiasticos sem emprego, ou prestimo de missionarios, antes com mais largueza havia concedido licenças, sem exceptuação de sujeitos, sendo muitos delles Frades e Clerigos de ruins procedimentos, revoltosos, e ainda cumplices no levantamento dos Reinóes com os Paulistas, e ordenados para se livrarem das justiças, e muitos Frades apostatas, ordenovos, que não consintaes que nas Minas assista Frade algum, antes os lanceis fóra todos por força ou violencia, se por outro modo não quizerem sahir.» Igual processo mandou o Rei empregar contra todos os clerigos, que não tivessem ministerio de parochos nomeados pelo Ordinario, e que ao Bispo se extranhasse o procedimento que ia tendo neste particular.

Na confusão de Ordens sobre Ordens, nunca efficazmente observadas, muitas baixaram contra individuos nominativamente indicados; e estas não deixaram de enfraquecer as anteriores contra a generalidade.

A de 12 de Novembro de 1714. dirigida a D. Braz mandava expulsar a Frei Jeronymo Pereira, Trinitario, e com elle os mais clerigos seculares e regulares, que se occupavam na mineração e no commercio por serem extraviadores. A de 10 de Março de 1715, renovou as antecedentes para a expulsão geral dos Religiosos; e a de 14 de Outubro desse mesmo anno, avivando as já conhecidas, mandava que se desse todo auxilio ao Bispo; afim de se prender o Frade João de S. José e Santa Theresa, Carmelita descalço e apostata, que mal procedia nas Minas.

O Governador, vendo-se apertado para executar taes Ordens, quando força não tinha, nem sua, nem dos potentados, que não a davam, fosse pelo caracter sacerdotal dos pacientes, ou pelo muito que os serviam a todos nos extravios, fosse pela communhão de vicios e abusos, o certo é que em officio de 15 de Abril de 1715, em resposta á Carta Regia de 12 de Novembro de 1714, acima referida, D. Braz communicou que já tinham sahido das Minas todos os Religiosos nominalmente indicados; mas que estavam fazendo

grande falta para a desobriga do povo, que até aquella data estava sem cumprir o preceito da Paschoa!

Admiravel! Meia duzia em tão numeroso concurso de clerigos, fazendo falta; e o governador com isto encarecendo o seu acto de energia por os haver expulsado! Emtanto, o mesmo governador confessa, que sahiram por virtude de monitorias e excommunhões do Bispo; e não por effeito proprio de suas ameaças!

Agradeceu-lhe Sua Magestade o aviso por Carta de 12 de Novembro de 1715, mas insistiu na expulsão geral com o braço militar em auxilio aos Vigarios, e quando estes fossem omissos o Governador levasse ao conhecimento do Bispo, afim de os corrigir.

A condescendencia notoria de D. Braz, não a extranhamos, pois já se disse, que não dispunha de força; e pois não podia fazer impossiveis. O que extranhamos, emtanto, é que ao Rei não expuzesse a verdade inteira. Pela carta de 4 de Maio de 1714, dirigida a Sua Magestade, affirmou que lançaria fóra das Minas os Frades, ainda que necessario fosse mettel-os em correntes; e, no emtanto, lastimava a expulsão de alguns, e os mais perigosos, tanto que foram nominalmente indicados. Em summa, os clerigos seculares ou Religiosos continuaram a ficar nas Minas, salvo um ou outro, que o Bispo reclamava que fossem expulsos.

A historia destes clerigos seria longa, e agora inutil. Nem nos causa prazer mencional-a, senão para o effeito proprio de se compararem os tempos, e se julgar do progresso religioso actual sobre instituições e systemas, que davam espaço a taes escandalos e conflictos, uma vez que se confundiam as esferas da Igreja e do Estado no hybrido organismo que levava os Bispos e Prelados a recrutarem padres, como felizmente agora não fazem.

Um facto estrondoso succedido na Villa do Carmo resumirá a imperfeição de semelhante regimen.

Alli o Vigario da Vara, um homem formado, como não conseguiu comprar uma certa mulata, por não querel-a vender o senhor, passou a raptal-a com auxilio do escrivão e do Meirinho da Igreja acostados por quatro negros espingardeiros. O senhor deu queixa; mas a justiça nada podia fazer com o Padre, senão deputar um official para lhe respeitosamente pedir a entrega da escrava. A resposta do Padre foi que não a entregaria nem que lhe tirassem a ultima pinga de sangue.

D. Braz Balthazar morava no mesmo Largo da Matriz, vizinho ao Vigario; e convocou uma Junta de Ouvidores para sentenciarem a mulata, e em virtude da sentença suscitar o caso de poder com supplemento da Justiça temporal coagir a sua execução.

O Vigario, porém, dando á requisitoria da Junta um caracter de conflicto entre os dous poderes ecclesiastico e ci-

vil, apenou o clero do districto e muitos seculares a seu favor; os quaes fortificaram a casa delle, e deram batalha. E assim ficaram as cousas, até que o Bispo, tempos depois, tomando conhecimento do escandalo mandou revogar a provisão parochial e nomeou Vigario o Padre João de Andrada Góes, emquanto não chegou o Dr. Pedro Fernandes de Hinojosa Vellasco para tomar conta da Igreja, tambem no cargo de Visitador, em 1716. O Rei por Ordem de 6 de Novembro de 1716 mandou, que aquelle Padre fosse processado e punido, ou expulso das Minas, com supplemento da Justiça, si o Bispo não tivesse força ou não quizesse obrar com energia.

As Ordens, porém, quando chegaram já o Padre, cujo nome pouco importa omittir protogonista do drama, tinha-se retirado para Baependy, onde falleceu em 1724.

VI

MEDIDAS ADMINISTRATIVAS

Consequentemente, D. Braz se não deixou a Sociedade em melhores termos, a culpa, digamos, não foi toda sua. Ainda assim nos deixou os lineamentos da justiça, e se entreteve em outros assumptos de geral interesse. Em seu tempo ficaram descortinadas as minas do Itambé, a cujos descobridores animou, como lhe era possivel, dando a Manoel Pereira de Castro a patente de Mestre de Campo, a Felix Pereira da Rocha a de Capitão Mór, e a Diogo de Braga e a Lourenço Henrique do Prado as de Sargento Mór. (Patentes de 20 de Junho de 1714.

As «*pedras verdes*» famosas, depois conhecidas por turmalinas, mas havidas por esmeraldas, a cuja série de pesquizas devemos o primeiro descortino dos sertões, continuavam a requeimar a imaginação dos antigos. Como, porém, Garcia Rodrigues Paes não poude, obstado pela edade, continuar a diligencia, que Albuquerque em 1711 lhe havia confiado, D. Braz no mesmo proposito encarregou della ao Capitão Braz Esteves Leme (1) e a seu sobrinho Estevão Raposo Barbosa (Patente de 20 de Junho de 1714).

Se emtanto o successo das esmeraldas se frustou de vez para sempre, D. Braz teve a gloria do advento dos dia-

---

(1) Braz Esteves Leme foi o povoador do Pouso Alto (hoje cidade, no Sul de Minas.

mantes em seu tempo. Effectivamente, em 1714 Francisco Machado da Silva, por um acaso, estando a que depois foi sua mulher, então amasia, Violante de Souza, a quebrar por divertimento certos cristaes, aconteceu-lhe achar uma pedra de resistencia sem igual. Francisco Machado deu esta pedra ao Ouvidor do Sabará Luiz Botelho de Queiroz na occasião, em que foi ao Serro para installar a Villa do Principe. Posteriormente, estando o mesmo Francisco Machado a lavrar no corrego do Mosquito, achou segunda pedra de igual especie, que deu ao Tabellião João Leite; e este com ella obsequiou a D. Braz. Diamantes ou não diamantes, serviram estas pedras de estimulo e circumscreveram mais intensa a curiosidade no Serro, por onde se estimulou a espectativa dos diamantes, que já se ia esfriando na descrença de os haver no Brasil. Fiado nessa esperança D. Braz encarregou de melhor pesquizal-os o Capitão Lucas de Freitas Azevedo, grande sertanista, e primeiro povoador do Serro, cujo nome se perpetúa no corrego, que banha o norte da Cidade. (Patente de 17 de Junho de 1717). Este foi o precursor de Bernardo da Fonseca Lobo, feliz mineiro, que logrou as honras do descobrimento definitivo.

VII

RETIRADA DE D. BRAZ

Morou D. Braz Balthazar da Silveira na Villa do Carmo, no Largo da Matriz, nas casas construidas por encommenda de Antonio de Albuquerque ao Capitão Manoel Antunes de Lemos, as primeiras que se cobriram de telhas na povoação. Tendo Albuquerque se retirado para o Rio, ainda assim, o Capitão Manoel Antunes construiu-lhe o predio, que se destinava a Palacio, e moradia dos Governadores. O Rei, porém, em 1712, mandou que a Camara construisse um Palacio proprio para essa moradia, o que ella fez construindo a casa hoje da Ordem Terceira de S. Francisco, residencia dos Padres Commissarios.

Em consequencia, D. Braz, ao retirar-se das Minas, fez com a Camara que comprasse as de Manoel Antunes, o que esta cumpriu por escriptura de 22 de Dezembro de 1715, para nella installar o Paço Municipal.

Tendo D. Braz trazido a sua mulher e filhos, a essa familia illustre e virtuosissima se deve em grande parte a nobilitação dos lares christãos e a vida religiosa na Villa. Nesta nasceu-lhe o filho D. José, baptisado na Matriz a 21 de Junho de 1714, pelo Padre Dr. Antonio Cardoso de Azeredo Coutinho, Vigario da Freguezia, e servindo de Padrinho o

Padre José de Souza, homem nobre e Vigario de Villa Rica. A figura de D. Braz. embora seus erros, e fraquezas, embora mesmo os actos censuraveis, que mencionamos, todavia não perde a feição caracteristica, que foi sua, de um homem bom, e complacente. A brandura foi a sua principal virtude; e nem as circumstancias do tempo lhe permittiram o exercicio de outras, que a excedessem.

A Camara da Villa do Carmo encorporada, e a de Villa Rica por procuradores, apresentaram-se-lhe, pedindo para não partir das Minas, antes que chegasse o seu successor D. Pedro de Almeida, allegando que pela formalidade da posse, não convinha ficarem as Minas expostas á turbulencia, tal a situação ainda das cousas.

Tal foi D. Braz Balthazar da Silveira, o segundo Governador da Capitania de S. Paulo e Minas do Ouro. Tendo amado a Villa do Carmo, de onde raras vezes sahiu, seja uma grata memoria, que se não diminua entre os vultos, que estrearam os tempos historicos da velha Cidade.

CAPITULO IX

I

DOM PEDRO DE ALMEIDA

A D. Braz Balthazar da Silveira succedeu D. Pedro de Almeida, que aqui já estando foi nomeado Conde d'Assumar, e depois Marquez d'Alorna, titulos de familia. Era D. Pedro tambem, como seu antecessor, Mestre de Campo General dos exercitos Reaes e homem de carreira feita nas armas, tendo militado na campanha durante as guerras chamadas da (1) successão de Hespanha (1701 — 1713).

Visto como o quatriemnio de D. Braz se findava a 29 de agosto, o Conde embarcou para o Brasil na frota de março (1717); afim de chegar ao tempo exacto marcado para assumir as redeas da Capitania. Por isso em meiados de Junho o vemos no Rio de Janeiro, occupando-se já de materias que deveriam importar no desempenho de suas obrigações. Ten-

---

(1) Carlos II de Hespanha em luta com os pretendentes ao throno, rei fraco e idiota, cortou a questão por capricho no testamento, em que deixou o Reino por herança a Phillipe, Duque de Anjou e neto de Luiz XIV. A Inglaterra, Austria, Hollanda e Portugal fizeram por essa causa a guerra contra a França.

do, pois, tomado posse em S. Paulo a 4 de setembro, partiu para as Minas, e fez sua entrada solemne em Villa Rica a 1.º de dezembro daquelle dito anno. Foi aqui um de seus primeiros actos crear a Villa de S. José d'E-Rei (19 de janeiro de 1718) para commodidade dos moradores, que tinham de atravessar o rio quando iam a S. João. (1) Os officiaes desta Villa representaram a El-Rei, mas sua Magestade por não desprestigiar seu delegado, approvou-lhe o acto por carta de 19 de janeiro de 1719, com a clausula em tanto de não se erigir mais Villa alguma nas Minas, que não fosse por ordem expressa da Côrte, salvo por urgencia em casos especiaes. Em vista do estado, em que se achavam as Minas, foi D. Pedro de Almeida enviado, como que a proposito para reduzil-as a bom caminho, visto ser por seu genio austero, incapaz de soffrer custumes viciosos ou espiritos rebellões, onde quer que os deparasse sob sua responsabilidade. Vendo tudo, porém, pelo prisma da disciplina, disto lhe sahiu todo o erro; e lhe sobrevieram desgostos, querendo moldar a arte politica pelo typo da militar.

Em 1719, por officio de 8 de janeiro, cerca de dous annos antes de findar a sua homenagem, já dizia ao Rei:

« Vejo que nada se logra com o meu genio, que é muito differente do d'estas gentes, que por caminho nenhum se podem governar; só deixando-as á Lei da Natureza, que é o que até agora não lhes tenho consentido, e nem em quanto eu puder lhe o hei de permittir; mas a experiencia me vai mostrando, que cada dia posso menos; porque como nas materias, em que devo usar da força, me descobrem a fraqueza, e impossibilidade, ficam por este modo inuteis as minhas diligencias».

Retratam-se neste trecho o Conde d'Assumar e o meio em que viveu. A luta herculea, que vinha travar com os elementos anarchicos, nenhum effeito poderia em verdade produzir; eis que o Rei, mais avido de ouro, que compenetrado de seus deveres, não lhe forneceu em tempo os instrumentos coativos, de que necessitava. Admira, exclamava elle muitas vezes, que em uma provincia de onde a Fazenda Real tira annualmente seiscentos e muitos mil cruzados, não se conceda ao Governador uns noventa mil, de que precisa para manter a tropa regular indispensavel ao socego publico.

« Este governo, escrevia ainda, não é governado por Vossa Magestade, nem pelos governadores, como executores de

---

(1) Primeira Camara de S. José do Rio das Mortes (hoje Tiradentes) Juizes: Capitão Mor Manoel de Carvalho Botelho, e Manoel Dias de Araujo: Vereadores Domingos Ramalho de Brito, Manoel da Costa Souza, e Constantino Alves de Azevedo. Procurador Gonçalo Gomes da Cruz.

suas Reaes Ordens, sinão pela Divina Providencia, a cujo poder nada se limita. Por mais difficultoso esta dará o remedio, quando o damno se discobrir; nem cá ha outro remedio, mais que se entregar nos braços da mesma Providencia; pois não ignora Vossa Magestade que entre esta gente tão desobediente, é pequeno meio para os conter um unico governador, que por mais zeloso, que seja, é um homem só, que si uma vez se lhe atrevem, fica impossibilitado para todos os mais; e quanto mais recto, mais inteiro, e mais desinteressado, tanto mais se arrisca com gente, que até agora vivia nas leis da injustiça, do interesse, e da rebellião».

Para completarmos emfim este quadro, não nos furtaremos ao trabalho de transcrever por ultimo a conclusão amarga do mesmo officio: « Não sei se com o meu muito zelo botarei mais depressa a perder os negocios; porque, como me impacienta ver, que tanto o commum destes vassallos, como alguns ministros, que deviam olhar mais para suas obrigações, que para seus interesses, fazem pouco caso das primeiras, apaizando-se neste paiz, onde pretendem ficar acabado o seu ministerio, tudo isto junto me faz outra vez prostrar aos pés de Vossa Magestade a pedir-lhe que em remuneração de algum serviço, que eu aqui lhe tenha feito, me conceda licença para retirar-me, e espero da magnanimidade de Vossa Vossa Magestade se não persuada, que os perigos a que estou aqui exposto, me fazem não desejar sacrificar como tantas vezes fiz, a minha vida em seu serviço».

Foi de caso pensado que invertemos aqui neste capitulo a ordem chronologica e dicursiva, pela vantagem de illuminarmos, mediante as proprias exhibições do Conde, o scenario em que se desempenhou do seu papel; scenario que se encheu de episodios os mais emotivos de nossa antiguidade.

Duas foram as questões formidaveis, que deviam assoberbal-o; a cobrança dos Direitos em officinas Reaes de Fundição, e a expulsão dos Ecclesiasticos. Ambas ellas, envolvendo-se uma com a outra, haviam determinado a situação incandescente, que infundiu nas Minas a todo o tempo o ar de tumultos, como em outros paizes não se observou ainda.

II

O CLERO EM LUTA

Sendo com effeito a questão principal expungir as Minas do clero sedicioso, que as infestava, o Conde no Rio, em junho, dirigiu-se ao Bispo dizendo; « Os Frades esquecidos de sua obrigação e de seu estado, e só lembrados dos meios,

com que podem adquirir as suas conveniencias, não reparam em fazer venaes os sacramentos, usando indecorosamente da administração delles, mais para grangearem interesses, que para edificação dos catholicos, não sem grande escandalo da Christandade.

....

Além disso não faltam tambem a suggerir e dizer publicamente nos pulpitos, que os vassallos de sua Magestade não têm obrigação de contribuir-lhe com os direitos e mais despesas, que devem pagar-lhe».

Destes topicos do officio dirigido ao Bispo em 22 de Junho de 1717, surprehendemos como a causa mais forte da luta era comtudo uma causa politica. Os Frades foram realmente pessimos, não ha negar, e tal já o temos demonstrado com autoridades insuspeitas; o Conde, porém, na segunda parte de sua accusação levantou-nos melhor a ponta do véo. Elles perseguidos, em represalia davam na bolsa de sua Magestade; e pois nem queimados, como se vê, purgariam assaz as simonias e escandalos que praticavam.

A epocha, emtanto, como já temol-o descripto, era de vicios e superstições, de beatices e licença.

Potentados havia sanguinarios e devassos, que com tudo, não se descuidavam de que tinham alma; e portanto, tratavam de lhe negociar a salvação, fazendo festas brilhantes, e acamaradando os confessores, que não eram de melhor pôlpa. A psychologia daquelles tempos reflecte-se fielmente nos testamentos, em que se instituia por herdeira a alma; e si herdeiros forçados o testador houvesse, os bens da terça ainda assim não chegariam para lhe satisfazer o custo dos suffragios. Era todo o terror do inferno que dirigia então os ultimos instantes da vida; mas ainda de forma estrictamente egoistica e pessoal. Nem uma obra de caridade em taes documentos revela a essencia de tal virtude, com quana maior do Evangelho, numa epocha de escravos e de proletarios, que nada significavam nem mesmo nos apriscos de Christo, governados, como se achavam, pelos interesses mundanos.

Nestes termos, se a vida do clero foi irregularissima, não reflectia menos a sociedade; pois é sabido na historia, e ponto indiscutivel, que o Sacerdocio absorve a mais largo folego o ambiente de sua epocha, embora o modelo divino concorra felizmente para um melhor futuro.

A Igreja era então o campo unico, aonde se encarreiravam as lettras, que em outras classes se engelhavam tocadas pelo despotismo; era o espaço, em que o pensamento mais generoso exercicio achava ao discurso, embora os limites coherentes da theologia; era emfim o berço, em que, se nascendo de paes humildes, podia-se chegar a maior altura que os principes. Além disso, riquissima e automona, a Igreja convidava os moços, quiçá os mesmos

velhos, á vida facil e menos cuidadosa, que as ordens offereciam.

A opulencia colossal dos conventos e dos Bispados, vincularios de rendimentos immensos, traziam, comtudo, um grande mal: o que Bossuet já havia proclamado como o peior demonio da Igreja que a devasta pela luxuria, o demonio das riquezas . Os conventos attrahiam por isso chusmas de noviços sem vocação taes, que violavam a clausura pelo costume, e os votos pela apostasia, quando bem lhes dava na vontade, e os Bispados El-Rei os preenchia com fidalgos e cadetes de casas apparentadas, senão com qualquer aulico, menoscabando a santidade pelo beneficio do instituto.

Assim, pois, os custumes faceis da Corte de El-Rei D. João V, rei beato e sensual, não cremos, se escandalizassem, tanto com as simonias e libertinagens do clero nas Minas, se este não se compuzesse de negociantes desabusados extraviadores do ouro: e se os Frades principalmente não insurgissem dos pulpitos o rebanho a não pagar direitos nem mais despesas a Sua Magestade. Em outras provincias não andavam elles nem melhor nem mais recatadamente e lá viviam tranquillos. E si para lá os expulsavam, é que lá não comettiam os mesmos desacertos.

Sendo assim, bem se vê, que na consulta do Conde ao Bispo, querendo saber como devia tratar os Frades nas Minas, temos que deduzir forçosamente a hypocrisia revestida de piedoso zelo pela religião, e reconhecer ainda mais o afan, com que se queria interessar na perseguição os superiores do clero sedicioso e ruim; mas em todo caso, igual senão melhor a todos os respeitos, que os proprios ministros regios, em cujas mãos o preço das almas tambem se perderia muito mais depressa.

Emtanto, e sem embargo da hypocrisia dos accusadores, a verdade é que aquellas accusações não eram inventadas e nem tão pouco para se dizer injustas. A prova disto está na resposta do Bispo, dizendo que já tinha procedido contra os Regulares assistentes nas Minas com excommunhões de que faziam pouco caso, allegando que elle (o Bispo) não era o seu juiz competente: e por consequencia não podiam obstar-lhes as censuras fulminadas por elle: e que, portanto, aconselhava ao governador provesse, como bem lhe parecesse, contra os mais escandalosos.»

A pertinacia do Conde, em chamar o Bispo ao terreiro da luta, envolvia além dos motivos legaes o receio de incorrer por sua vez com as diligencias contra os clerigos em qualquer censura canonica: e assim perder de todo o prestigio no governo, bem como a graça da Igreja. Por isso já estando nas Minas, e conscio por testemunho proprio dos abusos, dirigiu-se de novo ao Bispo em 16 de Maio de 1718, dizendo-lhe que se fosse a proceder com aquella differença,

entendendo-se apenas com os mal procedidos, difficultosa tarefa seria distinguir nas Minas uns dos outros: porque por qualquer lado estavam todos com máo procedimento; pois se algum havia, que vivesse com menos escandalo, e se não engolfasse em tratos illicitos e profanos, poucos eram os que não vivessem mui alheios ao seu instituto, e em tratos e commercio indignos de seu caracter. « Quanto a mim exclamava o Conde, não ha Frade, que venha ás Minas, que não seja para usar da liberdade que em seus Conventos está supprimida.»

Sem tirar o menor partido desta sua correspondencia para os fins, que tinha a peito, ella quanto a nós, serviu apenas ao Conde para mais afastal-o do objectivo. Os Frades, sabendo como vinha elle afoito e ardido para pôr em execução as Ordens Regias, e persuadidos de que a luta seria então de vida ou de morte em mãos de tal inimigo, temperamento de aço, vontade inflexivel, o menos que tramaram foi apregoal-o por tyranno e fazel-o temido; mas tyranno sem força, e phantasma por então sem prestigio. A traça estava em desmoralizal-o, sublevando-se o povo de logar para logar em motins parcellados, tendo por pretexto as casas de Moeda, contra as quaes então se rasgaram abertamente os diques da opposição. Não dispondo de recursos militares e agindo na dependencia dos potentados, de que seus antecessores se haviam servido, o Conde, como se verá para deante, viu-se isolado e mais neste particular, que era, emtanto, o assumpto capital de seu governo. A impugnação contra esta fórma de pagamento dos quintos generalizou-se e o mesmo povo miudo, que faiscava nas praias, unindo-se ao clamor, fortificou a cabala dos potentados.

A resistencia se tornou aguda, e ameaçava de armas na mão o Conde, se quizesse proseguir no intuito de leval-as a effeito. Comquanto em principio o Rei houvesse sobrestado a execução da medida, ninguem duvidava, que o Conde viesse para esse fim.

III

JUNTA DE 1.º DE MARÇO

Conhecia perfeitamente o Rei a impossibilidade de se fundarem as officinas Reaes, logo em começo do governo do Conde, e isto por não ter elle a força militar sufficiente, em que se apoiasse; e por isso o regimen dos quintos não se alterou logo da forma, como vinha dos tempos antecedentes.

Entretanto, o Conde, querendo talvez sondar o terreno, em que pisava, e posto que o ajuste em vigor terminasse em julho, convocou a junta, que foi celebrada na Villa do Carmo no dia 1.º de março (1718); afim de se assentar na receita do futuro exercicio de julho de 1718 á igual data de 22 de julho de 1719. E tenteando nella os animos, propoz, que se augmentasse a quota dos quintos, uma vez que a população tambem havia-se augmentado. Para mais de perto observar a disposição dos presentes, a pretexto de meditarem sobre o assumpto, suspendeu a sessão, e os convidou a se reunirem no dia seguinte com a questão estudada, para se ver o que se deveria por fim assentar. Os presentes, porém, nesse dia 2 de março mostraram, como tinham aproveitado o tempo, sahindo-se com a proposta de, para se satisfazerem os desejos do Conde, nomearem-se encarregados tendentes a fazerem uma estatistica exacta da escravatura assistente, em cada parochia, e depois então se deveria assentar quanto era justo se cobrasse de cada negro.

O Conde tal resolução não esperava. Medida evidentemente protelatoria elle pois a repelliu, e sem dar a perceber o despeito insistiu por uma resposta decisiva. Em tal caso a junta votou no dia 3 que se pagasse á Sua Magestade a somma de 25 arrobas certas pelos quintos do dito exercicio: e que tambem ficasse pertencendo á Fazenda Real o producto das entradas, segundo as tabellas conhecidas, e tambem que fosse a arrecadação directamente feita por officiaes regios.

Começaram deste assento a pertencer á Fazenda Real semelhantes direitos, que até então as Camaras cobravam, e que sendo de caracter administrativo, não deviam ser empregados em despesas que não fossem de utilidade pratica e directa dos contribuintes. O Conde sem o querer adiantou porém este ponto: que já Sua Magestade, tendo fonte de rendas communs, para dispôr, não se desculparia agora de omittir deveres governamentaes, allegando não ter de onde tirar os supprimentos do custeio.

Para dar execução ao ajuste de 3 de março, o Conde expediu no dia seguinte o Regimento; pelo qual se tirou das Camaras, em consequencia dos abusos, que commettiam, o serviço dos quintos; e para o fazer foram creados logares de Provedores Parochiaes sujeitos aos Provedores Geraes das Comarcas, que eram os Ouvidores. O Parochial teve por primeiro dever arrolar exactamente o numero dos escravos de sua jurisdicção para não haver dolo dos senhores em occultal-os e tão pouco desegualdade no encargo das obrigações.

Quanto ao direito das entradas, sendo posta em praça em agosto a sua arrecadação, foi arrematada para vigorar de 1.º de outubro em deante, em quanto se preparavam os Registros.

IV

CASAS DE FUNDIÇÃO

D. João V, insistindo nos mesmos fundamentos e motivos já expressos na Carta, aliás revogada, de 16 de novembro de 1713, pelos quaes impugnou o ajuste das 30 arrobas ; e, julgando ser tempo de acabar com hesitações e dependencias, ordenou que se enviasse ao Conde um terço de Dragões de Cavallaria, e que se désse baixa nas Minas a todos os officiaes de ordenança sem corpos. Finalmente, promulgou, a Lei de 11 de fevereiro de 1719, a effeito de erigir uma ou quantas Casas de Fundição fossem necessarias, e á custa da Fazenda Real, para evitar dilações. A partir do dia em que esta Lei entrasse a vigorar, cessaria toda e qualquer outra forma de percepção dos quintos, até então experimentada, para ser feita deduzindo-se-la do ouro depois de fundido e purificado em barras cunhadas e nesta exhibindo-se o valor e os quilates do metal.

Ficava desde aquelle dia rigorosamente prohibida a exportação, que não fosse nessa especie, unica legalizada. Mas visto não deverem os povos pagar em duplicata os quintos, concedia-se-lhes o prazo de quatro mezes a contar daquella data para exportarem livremente o seu ouro.

As consequencias destas medidas, que chegaram ao Brasil pela frota de maio, (1719) veremos mais adeante.

Recebendo a Carta Regia em que se mandava executar a lei de 11 de fevereiro, o Conde convocou uma junta dos Provedores, e mais pessoas zelosas do serviço Real, celebrada na Villa do Carmo em 16 de julho daquelle anno de 1719, e á ella expoz a materia, mas não para que fosse discutida, e sim para que os presentes ao governo orientassem sobre o melhor meio de executal-a, indicando-lhe os pontos do territorio das Minas mais convenientes ás Casas de Fundição, e quantas deveriam ser. Assentou-se na junta que seriam quatro : uma em Villa Rica, outra em Sabará, terceira em S. João d'El-Rei, a ultima no Serro.

Sendo claro que em menos de 8 mezes as officinas não se achariam promptas, o Conde determinou, que se continuasse a cobrar os quintos como pelo ajuste de 3 de março; e que a lei só dahi a um anno começasse a vigorar, isto é, mandou publicar por Bando de 18 de julho que a Lei tinha de começar a ser executada no dia 23 de julho de 1720.

Não se póde contestar, que esta fórma de cobrança era a legal, e tambem era a mais equidosa, visto affectar sómente o ouro, que cada um levasse á fundição. A Camara de S. João d'El-Rei, reclamando mais tarde contra a Capita-

ção exprimiu-se deste modo: «Confessamos, que todas as terras mineraes são do Patrimonio Real, e que do ouro, que dellas se extrahe é devida certa parte, segundo as provincias aonde se descobre. E neste Reino é estabelecido por lei que se pague a quinta parte de todo o ouro, que se extrahir, depois de ser purificado, livre de todos as custas.»

Além disso, a cobrança, não ficando sujeita aos extravios, e, evitando a complexidade de taxas, simplificava-se, além de abolir expedientes vexatorios e arbitrarios, contra os que não fossem mineiros como então acontecia pelos ajustes.

Entretanto, sem se explicar assás por que motivos, a verdade é que essa lei se tornou um espantalho. Os frades e os potentados a fizeram impropriamente passar por odiosa e tyrannica. Para tanto allegavam que a melhor parte do ouro sumiria nas manipulações dos officiaes da Fundição; mas sobre esta razão, que não deixava de ter a sua procedencia, muitas havia inconfessaveis. O contrabando cahiria por terra. Ora, os Frades viviam tirando delle o melhor dos quintos; e de mais as fintas, como não seriam já então necessarias, os potentados carregariam com todo o peso da pensão ao Senhorio, peso que se habituaram a lançar sobre o povo.

Nestes termos em todos os povoados do districto a cruzada contra a Fundição se desenvolveu; e só se esperava por um ensejo; em que se generalizasse para o rompimento.

V

SEDIÇÃO DO S. FRANCISCO

Vimos como já em janeiro de 1719, o Conde escrevia ao Rei, tocando ao desespero de dizer francamente quanto pensava sobre a inanidade do poder de Sua Magestade nas Minas.

Nem os proprios Ministros Regios cumpriam as obrigações do cargo, o que valia dizer como transigiam em materia mesmo de justiça, e isto era a suprema desordem, que se podia accentuar. Effectivamente já naquella epocha o o Conde estava desenganado da inefficacia de seus esforços.

Como temos visto, se no governo de seus antecessores ficaram inuteis todas as diligencias relativas aos Ecclesiasticos, menos que nominalmente alguns foram expulsos por monitorias e requisições do Bispo, em seu tempo o Conde nada tambem conseguiu; porque, não dispondo de forças para taes diligencias, e tendo querido executal-as á

custa da auctoridade do Bispo, este, embora provocado, não quiz ou não poude se alliar á campanha nem se indispor com os seus. Neste comenos os Frades, para obstarem a execução das Ordens em casos mesmo particulares, não cessavam de sublevar quantos embaraços vinham a proposito. Nesta resistencia contavam sobre tudo com o poder ainda consideravel de seus antigos alliados do levante de 1708, e de Manoel Nunes Vianna, o principal. Homem extraordinario, e tendo por cabeça pensante para machinar o seu intimo amigo e primo Manoel Rodrigues Soares, que nunca sahia do centro de operações no Caheté e Rio das Velhas, Manoel Nunes jámais largou por vontade o terreno, em que pudesse manter o seu prestigio de caudilho apotestado, desenvolvendo esforços para substituir a influencia, que perdia de um lado, pela que adquirir conseguia de outro. Deposto do governo das Minas, saudoso porém do logar proeminente, que obteve, retirou-se para o sertão do S. Francisco, e dahi se poz em relações mais activas com a Bahia, tendo mesmo a idéa de fixar naquelle sertão a auctoridade do governador geral, afim de sahir da jurisdicção das Minas, e, portanto, agora das garras do Conde. Os povos moradores daquellas paragens, como o fisco das Minas era voraz, e os quintos effectivos, inconvenientes. que se não sentiam tanto da parte da Bahia, prestavam-se de bom grado á exploração politica de Manoel Nunes. Este e mais potentados escapos do Conde e do Governo das Minas, ficariam de facto independentes em razão da distancia, que os separava da cidade de S. Salvador.

Tinha Manoel Nunes obtido procuração de D. Izabel Maria Guedes de Britto, viuva do capitão Antonio da Silva Pimentel, para lhe governar o vasto paiz, que herdara de seu pae o Capitão Antonio Guedes de Brito. Queria ella que fosse seu um patrimonio de 160 leguas de terras á margem do S. Francisco, doadas pelo Rei em premio pelas haver o Capitão Guedes descoberto e povoado. De posse de tal mandato Manoel Nunes acertou de exercel-o agora em hostilidade ao Conde, publicando editaes e bandos, em virtude dos quaes prohibia que os moradores pagassem disimos ao governo das Minas, e que sem se aforarem a D. Izabel occupassem as terras; bem como prohibia que nestas se recebessem gados para descançarem e engordarem destinados ao consumo das Minas; e tambem que dessas paragens se saccasse para o mesmo consumo o peixe secco. (1) Como

---

(1) Era o peixe saccado em mantas como xarque e salgado com salitre, tendo um gosto amargo e detestavel, menos que soubessem preparar. Em 1860 o vimos pela primeira e ultima vez em Marianna trazido do Sertão por uns tropeiros. Em summa, esse

bem se póde aquilatar, o golpe foi tremendo e de tal modo desasocegou o Conde, que immediatamente se dirigiu em officio de 13 de dezembro de 1718, ao Ouvidor de S. Paulo José Rodrigues Pardinho lhe informasse de lá se podiam subir 20 mil cabeças de gado para o abastecimento dos açougues.

Segundo a versão do Conde, os actos de Manoel Nunes significavam o proposito de amedrontar os licitantes ao contracto das passagens dos rios, no intuito de o conseguir só para si mais em conta; sem embargo, a nosso ver foi evasiva esta inferior á importancia do caso. Manoel Nunes, comquanto amigo de riquesas, que sabia grangear com inaudita actividade, não era um monstro de cobiça, como seus proprios inimigos o reconheciam. Sabia gastar a bem de sua popularidade, e nem escravo algum do ouro já chegou a dominar como elle os seus contemporaneos. Ao contrario sabemos como foram todas essas questões do fisco, que produziram nas Minas a eterna perturbação dos tempos coloniaes até a Inconfidencia.

Como quer que fosse, o Conde, fingindo ter Ordens do Rei para chamar Manoel Nunes á sua presença, aproveitou-se de estar elle em Cattas Altas e o mandou intimar, a que viesse á Villa do Carmo. Obedecendo o potentado com as dissimulações proprias de sua experiencia, defendeu-se das imputações, que lhe foram arguidas, e assignou com o Conde um termo (18 de Outubro de 1718) pelo qual sob juramento se compromettcu a nada mais adeantar a respeito das terras de D. Izabel, revogando mesmo quaesquer actos, que houvesse praticado até que Sua Magestade resolvesse as questões de divisas, como o Conde já havia representado. Obrigou-se tambem Manoel Nunes a não prohibir a engorda e a passagem dos gados, nem a sacca do peixe.

Achava-se Manoel Nunes naquelle tempo em Cattas Altas por um grande litigio para o qual viera do Sertão, a chamado de Manoel Rodrigues Soares seu socio nas lavras do dito districto. Disse o Conde ao Rei, que elle e o primo, ambos ambiciosos, tentaram nas Cattas Altas a pretexto de divisas usurpar aos vizinhos uma sorte de terras, levantando por isso um temeroso conflicto, para cuja quietação foi-lhe a elle Conde preciso mandar ao logar o Mestre de Campo José Rabello Perdigão com ordem de tomar conhecimento do negocio, e demarcar as terras a cada uma das partes. Foi por esta occasião, que o Conde o mandou intimar.

---

peixe de horrivel sabor nada mais era que os enormes reptis amphibios, que viviam e ainda se procream nos alagadiços do Rio de S. Francisco e das Velhas.

VI

RESISTENCIA AS ORDENS

Postas as cousas neste pé, Manoel Nunes voltou para o Sertão; e, como tinha assignado aquelle termo sob juramento, não quiz infringil-o, sobre tudo porque arrostaria com isto a indisposição do Rei, em cujas boas graças, se não vivia, afastava a idéa de não viver. Uma palavra de Sua Magestade por quanto á D. Izabel seria mais, que sufficiente, para fazel a mudar de mandatario; com o que a influencia moral de Manoel Nunes baquearia no Sertão, para onde havia transferido o theatro de suas façanhas, e projectos.

Consequentemente traçou elle em outro terreno a lucta com o Conde, suscitando-lhe toda a sorte de embaraços no governo do Sertão, e cada dia mais affirmando não pertencer aquelle districto á jurisdicção, que não fosse á do governador da Bahia; pelo que este aliás folgava, sendo cousa que não se explica assás a tenacidade e ambição, com que se disputava naquelle regimen a materia de limites entre governos, salvo se para tal retroagirmos á tradição egoistica dos antigos donatarios.

Feita a propaganda, quão de se esperar foi de Manoel Nunes, homem que não parava nem dormia, uma vez que tivesse entre dentes qualquer cousa, a occasião veiu a talho, quando o Conde mandou pelo Coronel Martinho Affonso de Mello morador no Papagaio, fixar na Barra da Rio das Velhas os editaes, em que se chamavam licitantes ao contracto das passagens e dos disimos daquelles districtos. Vendo o edital o povo da Barra sublevou-se, arrancou-o da porta da Capella, e o dilacerou em pedaços, ao mesmo tempo que muitos romperam em perseguição ao Coronel, que por um milagre não o apanharam em caminho. Chegando porém ao Papagaio, ainda assim não se salvou elle da morte, senão por obsequio de um amigo, que correu adeante dos amotinados, e deu-lhe o aviso de como vinham enfurecidos e dispostos a trucidal-o. De facto mal se retirou do logar, chegaram estes e tocaram-lhe logo fogo na casa, suppondo que nella morreria tambem elle queimado. No levante para pertencer aquelle territorio a Bahia, tinha Manoel Nunes por si os principaes moradores, como já vimos, e sobre todos foi energumeno terrivel o Padre Antonio Curvello de Avila, fundador da Capella e morador do pequeno arraial, hoje Cidade, dita ainda pelo seu nome. Este Padre exercia a provisão de Vigario de Mathias Cardoso pelo Arcebispo naquellas regiões, e reclamava a posse e jurisdicção parochial sobre uma exten-

são redonda de mais de 300 leguas. Neste comenos oppoz-se energicamente e não quiz dar posse a Sacerdote algum nomeado pelo Bispo do Rio, nem mesmo para a Vigararia do arraial da Barra do Rio das Velhas situado á cem leguas distante daquelle, dizendo pertencer-lhe. (1) Sob este pretexto publicou excommunhões contra todo e qualquer morador de sua pretendida parochia, que obdecesse ao governo de Minas e lhe pagasse dizimos. Como sabemos, os dizimos foram um tributo ecclesiastico, que os Reis de Portugal como Grão Mestres da Ordem de Christo e do Padroado de Thomaz encamparam com a obrigação correspondente de darem congruas aos ministros do culto. A excommunhão, portanto, sendo dos canones contra quem os pagasse a collector indevido, cabia de certo modo ao caso; e como versava de geito que ninguem alli effectivamente os pagasse, as excommunhões do vigario bem vinham a sabor dos contribuintes.

De mais, em Minas os quintos e outros encargos flagellavam o povo, sendo aqui o fisco mais bem apparelhado que em todas as outras capitanias: e disto proveiu a constante indisposição, que os limitrophes alimentavam, querendo pertencer primeiro aos governos vizinhos. E' facto ainda muito em verdade para se restabelecer, que o Rei foi sempre quem menos lucrou de tantas exacções: porquanto si o mal tocou ao excesso, seja levado a saldo das formidaveis concussões, e das violencias, que os collectores empregavam em tanta escala, que ficasse para a Fazenda Real uma parte e ainda assim nem sempre entregue, como se verifica dos enormes alcances, ainda não esquecidos. Não houve com effeito cobrador ou contractista, que não acabasse executado pelo fisco, apezar que isso não denote minguas da receita, e nem descuidos da cobrança, sinão as fraudes e desfarces em se tratando dos dinheiros d'El-Rei.

Além de similhantes razões Manoel Nunes e outros espalhavam pelo sertão, e os Frades pelos mais districtos, que o Conde pretendia decretar o augmento de 10 por cento addicionaes aos impostos e contribuições de toda casta, comprehendendo na razoura o valor de todo o cabedal, fazendas, gados e mais cousas que se possuissem. Este boato, rapidamente assoalhado e crido, abalou por completo os animos, e ainda mais irritados se fizeram contra o Conde: o qual ainda mesmo sem praticar acto algum notorio de tyrania, já passava por tyranno, só porque não admittia nem

---

(1) Por documentos combinados vemos que o arraial de Mathias Cardoso ficava a cem leguas do Curvello, e a cincoenta da Tranqueira pelo lado da Bahia. Não póde pois haver duvida que fosse o actual de Morrinhos.

dissimulava a influência perniciosa dos Ministros e funccionarios relapsos; e admira que, sendo toda sua politica dirigida para livrar o povo em geral de seus oppressores, chamando á ordem os potentados e os pequenos despotas, a tanto se inimizasse desd'o principio de seu governo; facto que bem demonstra o valor especifico, que tem os grandes. Satisfeitos estes, poderá qualquer governo passar por liberal e amado ainda que opprima os pequenos: eis que no conter e coagir a prepotencia daquelles, é que está a tyrania.

Divulgados aquelles boatos, que acceleravam o rompimento das desordens, o Conde, cujo erro todo foi atacar sem preparo questões escabrosas, não dispondo de forças proprias sufficientes sob sua obediencia, viu-se na necessidade humilhante de escrever para toda parte, negando taes intenções. Mostrou-se nisto fraquissimo, e deu largas aos inimigos para dizerem, ou que se excuzou de medroso, ou que escrevia de traição para mais seguro dar o seu bote. O que é certo é que a situação taes voltas deu, que o Conde julgou por conveniente mandar ao sertão o Ouvidor da Comarca do Rio das Velhas, Bernardo Pereira de Gusmão, com ordem de restabelecer a verdade, combatendo as noticias alarmantes; e de restituir aos donos as terras, que Manoel Nunes tinha lhes tirado, quando os obrigou a se aforarem a D. Izabel, e bem assim de reparar o Ministro os prejuisos e damnos a quem os tivesse soffrido. Em summa, para illudir de vez em sempre a questão de limites com a Bahia, o Ouvidor deveria levantar uma Villa com o titulo de Nossa Senhora do Bom Successo, no logar que lhe parecesse melhor e mais commodo aos povos daquella região. O Ouvidor, porém, devia partir debaixo do maior segredo para que não o descobrisse Manoel Nunes, que estava no Cahete, e que com certeza se anteciparia a caminho no intento de obstar aquellas diligencias.

Effectivamente, assim foi. Não se tendo guardado o segredo, Manoel Nunes immediatamente partiu, e pelo caminho já foi alvorotando os moradores, e chegando á sua Fazenda do Jequitahy, a dous dias de jornada distante do Curvello, tomou todas as providencias contra as ordens do Conde. O Padre Antonio Curvello sahiu tambem logo a percorrer as Capellas de sua jurisdicção e a pregar a santa cruzada. Entre outras medidas, Manoel Nunes tomou a de enviar para o Curvello 40 homens armados de seu sequito, e fez por outro lado que o negro Bigode sahisse a recrutar mais gente, obrigando mesmo á força e por terror quem o não quizesse seguir. Reunidos os contingentes de todos os lados no arraial do Padre, e logo que lhe constou a este approximar-se o Ouvidor, sahiram os sediciosos a encontral-o e o intimaram não continuasse a viajar, se vinha no intento de erigir a Villa, visto aquelle territorio pertencer ao governo da Bahia. Debalde, e exhibindo mesmo documen-

tos, quiz o Ouvidor confutar os oppoentes, mostrando-lhes o engano, em que estavam, por ser tal districto parte das Minas; a nada absolutamente attenderam neste ponto, e os mesmos foreiros de D. Izabel, que todo o interesse tinham em se alliviarem da pensão a tal senhorio, declararam, que o reconheciam como legitimo; e que não eram de modo algum pertencentes á jurisdicção da Capitania das Minas.

Mallograda assim a diligencia do Ouvidor, voltou elle ao Sabará sem fazer cousa alguma das que o conde determinou; e a diligencia não serviu mais senão para crear um precedente historico, que felizmente se desvaneceu.

O Conde, irritadissimo de tal desengano, dirigiu-se ao Rei nos termos, como já transcrevemos, lamentando que ficassem inuteis as suas diligencias, porque nas materias, em que devia usar da força, lhe descobriam a fraqueza e a impossibilidade. Desabafou-se o Conde em pintar ao Rei a figura de Manoel Nunes com cores tetricas: Regulo, tyranno cruel, matador, ladrão nunca visto. ¡ Orgulhoso, dizia o Conde, por se não lhe ser dado o castigo, quando usurpou a jurisdicção Real, até pensava que tinha feito um grande favor á Sua Magestade por lhe devolver o governo das Minas e não se ter declarado independente numa republica absoluta. Pedia á Sua Magestade, que ordenasse ao governador da Bahia, o ajudasse a lançar fóra das Minas um tão insolente vassallo.

O Rei, em vista disto, ordenou que se demarcassem as terras de D. Izabel, e que fosse Manoel Nunes chamado á ordem e punido. O Conde em virtude expediu ordem que, se viesse ao Caheté, o prendessem, e bem assim mandou logo prender a Manoel Rodrigues Soares. Este, porém, já em caminho para Villa do Carmo, outro seria que não achasse modos de se evadir, como de facto evadiu-se.

Levados estes actos ao conhecimento do Rei, o Ministro Bartholomeu de Souza Mexia escreveu ao Conde a carta de 24 de Março de 1720, declarando que ao menos ficavam as Minas livres de taes perturbadores; grande consolo!

Passando para a Bahia Manoel Nunes Vianna, ahi soube, que afinal o Rei se achava impacientado de seu procedimento; e pois entendeu, apesar de já estar mui limitado de cabedal, que devia se apresentar á Côrte para se justificar, levando cartas de empenhos, e attestações de sua conducta (1725). Era Manoel Nunes adorado pelos Frades, cujo alliado foi nas Minas, e gosava de grande estima entre os principaes da Bahia. O proprio governador geral o sustentara na questão de limites: e a mais disso, o Conde ninguem se esquecia ter sido perseguidor do elemento metropolita intrigado pelos creoulos da colonia. (1) E realmente foram os paulistas, que sustenta-

---

(1) Os que nasciam nas colonias tinham o nome generico de creoulos.

ram o Conde em todas as diligencias tendentes a combater os reinóes; e salvo na questão das casas de Moeda, nunca appellou embalde para os paulistas do Carmo, e de Villa Rica, que logo não o soccoressem.

Da ordem de prisão, e da ida de Manoel Nunes para a Côrte, originou-se a versão de muitos escriptores, dizendo, que foi preso por Antonio de Albuquerque, e remettido para a Bahia e d'ahi para Lisboa, onde falleceu num carcere miseravelmente. E' como estamos vendo, a tradição menos fiel á verdade, que nos legaram os historiadores. O contrario foi o que lhe succedeu em Lisboa. O Rei, tendo Manoel Nunes por justificado, e absolvido das accusações, reformou o seu juizo, e o encheu de honras e mercês, tal como o queria o panegerista padre Nuno Marques no prefacio do seu *Peregrino da America.* Já tinha sido Manoel Nunes nomeado Mestre de Campo do Rio de S. Francisco, e agora obtinha a nomeação de Alcaide-mór da Villa de Maragogipe, Escrivão vitalicio e proprietario do Officio de Escrivão da Ouvidoria da Comarca do Rio das Velhas, e recebia um Padrão de tença com cem mil réis annuaes, e o habito da Ordem de Christo. (1) Como se vê das averbações feitas nesse Padrão, elle, em 14 de Maio de 1727, se achava em Lisboa, e pela Portaria de 23 de Fevereiro de 1728, concedendo-lhe tomar posse do Officio de Escrivão por procurador, visto se achar muito pesado e não poder da Bahia ir em pessoa ao Rio das Velhas, não se conclue, todavia, que estivesse na America. Quanto a nós falleceu elle na Europa antes do anno de 1730.

VII

INSURREIÇÃO DE ESCRAVOS

De 1719 a 1721, pelo augmento exagerado da população adventicia e das riquezas, se as Minas ganhavam muitos elementos conservadores e votados á paz, condição da prosperidade, os turbulentos de sua parte se esforçavam em trazel-as em desasocego pelas causas já apontadas.

Estes, conhecendo afinal a mão firme e severa que os vinha julgar antes disso, quizeram deitar a ultima cartada.

Mas, além dessas perturbações, uma causa permanente de inquietação foi a escravatura, cujo numero em pouco tem-

---

(1) Veja-se a nota especial no fim do volume.

po subiu de ponto, que o excesso dos negros sobre os brancos foi de metter medo, independente de qualquer assanho daquelles infelizes. Causará de certo horror a quem o ler, o que o Conde propoz ao Rei se applicasse aos negros: e só isto bastaria para se justificar o seu titulo historico de tyranno, si as medidas fossem de todo suas na originalidade: e se não soubessemos que por elle pensava o commum de seus contemporaneos a respeito da escravidão.

Queria o Conde que Sua Magestade Fidelissima promulgasse um Codigo Negro, egual ao que a Magestade Christianissima mandara pôr em execução nas suas colonias da Luiziana e do Mississipi, e ao que a Catholica egualmente ordenara para as suas provincias da America. O Rei Christianissimo de facto decretou que a todo o negro fugido se cortasse a perna direita, e no logar se lhe pregasse uma de páo, isto para que o Senhor de todo não o perdesse, visto ficar aleijado, mas servindo para alguma cousa. Além disso, medida applaudida pelo Conde foi a de pagarem os senhores de um districto por finta entre todos o preço, que ao comprador havia custado, qualquer escravo condemnado á morte e executado. Esta execução, não trazendo ao senhor do réo prejuizo algum, não teria o de escravos delinquentes interesse de lhes occultar os delictos, e até os quereria entregar á justiça, como convinha aos bons exemplos. Nas colonias hespanholas havia-se tambem organizado um serviço sob as ordens do Alcaide-mór da Provincia, destinado a bater os mattos, e a pegar os negros fugidos ou levantados, com attribuições aquella milicia, menos nas cidades, até para enforcal-os nos logares em que foram presos; pelo que recebia de premio cincoenta patacas pagas pelo senhor e metade da fazenda achada com elles.

A convicção do Conde na efficacia deste Codigo draconiano era de fórma, que chamou mui particularmente a attenção de D. João V para os Regimentos de outros Principes, que entenderam quanto era grave esta materia applicando-lhe os meios violentos, como *tão precisos* (sic) *eram de uma canalha tão indomita.* Pelo que devia Sua Magestade encarar tambem muito este particular; por isso que via muito inclinada a negraria deste governo a termos algo semelhantes aos Palmares de Pernambuco. (Off. de 13 de Julho de 1718).

Felizmente o Rei não quiz imitar os collegas. Já não era tão pouco o tormento, em que os negros viviam; e nem animo temos para lembral-o, revivendo paginas tão truculentas da nossa historia.

Em 1719 a população escrava ha muito excedia a livre, e no Archivo Episcopal de Marianna a respeito achamos dous mappas estatisticos, publicados pelo conde d'Assumar em Bando de 2 de Agosto de 1718, e destinados ao fisco;

pelo que se houver differença da verdade, será para menos, nunca para mais.

VILLAS	1716	1717	1718	1719
	Negros	Lojas	Negros	Lojas
(Municipios)				
De N. S. do Carmo	6.831	207	10.974	311
Rica	6.721	190	7.110	244
Real (Sabará	4.905	116	5.712	134
S. João d'El-Rei	3.051	116	2.282	60
S. Jose do Rio das Mortes	—	53	1.393	43
Nova da Rainha (Caethé)	3.848	—	4.347	71
Principe (Serro)	—	—	2.096	30
Piedade (Pitanguy)	—	—	283	30
	27.909	702	34.197	923
Negros d'Ecclesiasticos (estes nada pagavam).			897	
			35.094	

Se a distancia de um anno para outro accusa o accrescimo aqui de 7.185, façamos idéa do que foi aquella migração de africanos; e dahi a força animal relativa de que dispunham. A massa branca era comparativamente diminuta; mas entre as duas raças vogava o elemento forro de mestiços indios e negros, dos quaes em todo caso se servia a classe Senhoril para conter e opprimir aquella, graças ao despreso e a repugnancia, que a escravidão inspirava aos proprios descendentes.

Na massa africana, porém, nem todos aqui chegavam, como se póde pensar no estado bestial de semi-selvagens. Os salteadores apprehendiam ou compravam na Africa tribus e nações inteiras, gente em varios gráos de sociabilidade, embora rudimentaria; e além de muitos exemplos para proval-o, tivemos o que deu logar à legenda tão bisarra, quão verdadeiramente poetica do Xico Rei, que dominou Villa Rica. Esta figura nobre de um preto, cuja vida accidentada

aqui finalizou, immensa luz derrama aos paineis daquella sombria epocha. (1).

A legenda do Rei Africano é na historia semelhante a um Oasis florido e suave, em que descançamos desse melancolico arneiro, que a sua raça infeliz encharcou de suor de sangue e de lagrimas; raça, que mais infeliz ainda se tornou perdendo a miragem da liberdade, quando, o facto chegando á presença do Rei, baixou a ordem desconsoladora e terrivel, que não se alforriassem negros nas Minas sem justificação dos motivos em juizo, não sómente por dinheiro. A Côrte receiou pelo exemplo não se erigisse aqui poder maior que o dos brancos; e já de mais longe previa a catastrophe sanguinolenta do Haiti.

Em seu memoravel discurso, pela abolição da escravaria nas colonias, Mirabeau na Assembléa Constituinte, descrevendo o pavoroso trafico de escravos, e os soffrimentos, que passavam a bordo, orçou por um milhão e duzentos mil os que sahiram d'Africa, e em cento e vinte e poucos mil os que chegaram á America. Os mais ficaram no ventre dos monstros marinhos, que já habituados seguiam em cardumes o navio negreiro, e á lauta se fartavam em pasto de cadaveres. Carregações inteiras devastadas pelo escorbuto, pelo typho, ou pelo tedio da nostalgia, e por outras causas,

---

(1) Francisco foi apirsionado com toda sua tribu, e vendido com ella, incluindo sua mulher, filhos e subditos. A mulher e todos os filhos morreram no mar, menos um. Vieram os restantes para as minas de Ouro Preto. Resignado á sorte, tida por costume n'Africa, homem intelligente, trabalhou e forrou o filho; ambos trabalharam e forraram um compatricio; os tres, um quarto, e assim por deante ate que, liberta a tribu, passaram a forrar outros vizinhos da mesma nação. Formaram assim em Villa Rica um Estado no Estado. Francisco era o Rei, seu filho o principe, a nora a princesa, e uma segunda mulher a Rainha. Possuia o Rei para a sua collectividade a mina riquissima da Encardideira ou Palacio Velho. Antecipou este negro a era das Cooperativas, e precursou o socialismo Christão. Como naquelle tempo toda *Irmandade* estava unida á idéa religiosa de um Santo Patrono, tomou esta o Patronato de Santa Ephigenia, cuja intercessão foi-lhes tão util: e deste exemplo nasceu o culto ardente, que se vota ainda á Milagrosa Imagem do Alto da Cruz. Os irmãos erigiram o bello templo que existe sob a invocação do Rosario. No dia 6 de Janeiro o Rei, a Rainha, e os Principes vestidos como taes eram conduzidos em ruidosas festas africanas á Igreja para assistirem a Missa Cantada; e depois percorriam em dansas caracteristicas, tocando instrumentos musicos indigenas d'Africa, pelas ruas. Era o *Reinado* do Rosario, festas, que se imitaram em todos os povoados das Minas. Vem tambem d'ahi a nomenclatura dos Mesarios do Rosario em todas as Irmandades de pretos entre nós. No Alto da Cruz ainda se ve a pia de pedra na qual as negras empoadas de ouro lavavam a cabeça para deixal-o naquelle dia por esmola, ou donativo.

ficavam sepultadas no abysmo do Occeano, que com bastante previdencia se chamou outr'ora o Mar Tenebroso. Os traficantes portuguezes não foram mais humanos, e a mesma horrivel desproporção se registrou nas sahidas e entradas. Dava-se-lhes agua no navio em pequenas rações e ardiam de sede; empurrava-se-lhes por um instrumento na guella o comer e não tinham fome. Os moleques se marcavam com ferro em brasa acima do umbigo, os adultos nas espaduas. E tal era então a mortalidade mesmo depois do desembarque no Brasil, que Sua Magestade piedosamente expediu a seguinte Ordem de 29 de novembro de 1719, digna de se ler: « Havendo casos em que o Cabido e o Bispo de Angola possam não ter baptisado os negros, antes de embarcarem, como lhes é muito recommendado e prescripto, mando que o Arcebispo da Bahia e os Bispos de Pernambuco e do Rio de Janeiro hajam de supprir esta diligencia, fazendo baptisar os que aportarem nos navios, e sem demora para não morrerem em falta deste Sacramento; e que os Parochos examinem, si os moradores de suas Parochias os tem por baptisar, fazendo listas e remettendo-as aos Ouvidores para castigarem os senhores na fórma da Ordenação L. 5. Tit. 99. (1)

Não podia Sua Magestade prohibir o trafico; eis que a escravaria se impunha á necessidade das colonias; ordenava que se não facilitasse a liberdade dos negros, e consentia nas formidaveis hecatombes do mar. A escravidão dos negros justificava-se santamente pela sentença biblica de Cham. Não tinha, portanto, remedio. Mas ao menos queria o bom Rei que se salvassem e fossem para o céo, já que não podia disputar á morte esta alforria de Deus!

Mas, se assim foi que da Africa se transplantaram tribus e nações inteiras, e que em muitos casos se captivavam individuos, já ensaiados em civilidades nas feitorias ou colonias, não admira que viessem aqui parar no meio de tantos alguns menos boçaes, e outros mesmo capazes de certa ordem de idéas suggeridas pelos instinctos da liberdade e desenvolvidas pela força do desespero. Isto sobretudo era

(1) Ord. L. 5. Tit. 99. « Mandamos que qualquer pessoa, de qualquer estado e condição que seja, que escravos de Guiné tiver, os faça baptisar e fazer christãos, do dia que a seu poder vierem até seis mezes, sob pena de os perder para quem os demandar. E se algum dos ditos escravos que passe da idade de 12 annos, se não quizer tornar christão, sendo por seu senhor requerido, faça-o seu senhor saber ao Prior ou ao Cura da Igreja em que viver, perante o qual irá o dito escravo, e se elle sendo pelo dito Prior ou Cura amoestado e requerido por seu senhor perante testemunhas não quizer ser baptisado não incorrerá o senhor na dita pena. » E' claro que nenhum caso destes succedeu de liberdade de consciencia.

facil entre os que vinham da Costa Oriental pela frequencia e vizinhança dos Mahometanos. Os da Costa Occidental eram menos perigosos, e mais resignados, como os da Guiné, pois, tinham a sua escravização por sorte menos triste, que a dos açougues de carne humana, de que escapavam. (1)

Em chegando, porem, ás Minas consideravam sem distincção e mesmo ainda pela actualidade do soffrer, mais pesado o captiveiro. Na Africa, si captivos, não sahiam do meio em que nasceram: e por muito horrendo, que fosse o captiveiro dos Mahometanos, a triste verdade era que o dos christãos muito peior se fez, copiando se a ficção romana, que rebaixava o homem á condição de cousa. A escravidão no Oriente decorria dos costumes patriarchaes e não reduzia a victima a se conservar por uma simples questão economica, por amor apenas de um preço. Além disso o escravo forçado ao trabalho das minas, seviciado pelas tarefas, e mal alimentado, exposto a escuridão e a friagem dos subterraneos, perecia antes de tempo. Falando mal e não entendendo bem a nossa lingua, para aqui vindo adultos e com suas crenças radicadas, de todas as faltas involuntarias eram castigados, tendo consciencia da injustiça: e portanto se empedernindo no odio e no horror a seus insensiveis verdugos.

Entretanto, e não obstante esta situação, os senhores delles se serviam para armal-os, escolhendo os mais intelligentes, robustos e ageis, afim de tomarem as suas vinganças pessoaes, e principalmente entrarem nos tumultos e motins, em que se empenhavam. Os proprios governadores, posto em Bandos prohibissem rigorosamente os escravos usarem de armas, não podiam evitar que se empregassem nas suas diligencias. Os negros tomaram parte na guerra dos Emboabas e foram com Albuquerque em numero avultadissimo de milhares em soccorro do Rio de Janeiro; finalmente o proprio Conde d'Assumar delles se aproveitou nos maiores apuros, em que se viu. Nenhum dos governadores houve que não se retratasse, precisando delles, das medidas severas, todas tendentes ao medo, que inspiravam.

VIII

REPRESSÃO

Pelo que temos exposto, já podemos avaliar que sociedade foi aquella, dividida em oppressores e opprimidos, e

---

(1) O prisioneiro passeava pelas ruas da tribu, e os compradores iam marcando a giz as partes do corpo, que queriam. Depois de vendido todo, era morto e picado para os freguezes.

estes em muito maior numero. A vantagem dos brancos estava principalmente em virem os negros baralhados e baralhados serem vendidos de modo a numa só casa reunirem-se individuos de diversas nações, que não se entendiam e que se odiavam, quasi sempre, uns aos outros, deixando em livre exercicio a força unida, que os continha. Mas em todo o caso era um estado de guerra continuo e perpetuo, sobre tudo com os que fugiam. Grande numero destes entranhavam-se pelo matto, e formavam quilombos em miniatura dos Palmares. Desses reductos desciam a saltearem os caminhos, e as fazendas, de onde tiravam animaes, e tudo que achavam.

Os melhores arraiaes, e as proprias Villas, não escapavam de suas correrias. As povoações menores, mais que todas, viviam sob o terror de mortes e latrocinios : sendo tambem certo, que em varias vezes raptavam outros negros, e em muitas mais levavam comsigo mulheres violentadas.

Contra essa gente armavam-se Capitães do Matto, companhia de homens crueis, que não poupavam barbaridades contra os miseros apanhados, como animaes ferozes. Tinham, porém, os negros nos povoados correspondentes, que os serviam, e que os avisavam de qualquer perigo, quanto o soubessem. Com estes vinham elles negociar trazendo de noite o fructo das rapinas e do mesmo trabalho : que, pois, tiravam ouro nos ribeiros ainda desconhecidos. Não poucos destes foram assim descobertos, como foram mais tarde, negros fugidos, que descobriram as jazidas mais ricas do diamante.

Si porém, não obedeciam a solidariedade de sangue, os soffrimentos algumas vezes os uniu para tentarem insurreições de maior alcance. Em tempo de D. Braz Balthazar da Silveira quizeram-se levantar os negros do Antonio Forquim da Luz e de José Rabello Perdigão no arraial do mesmo Forquim. Muitas outras conspirações se machinaram; mas nenhuma com a extensão, que tomou a de 1719. «Fiados na sua multidão, disse o Conde em seu officio do 20 de Abril, e na necia confiança dos seus Senhores, que lhes fiavam armas de todo o genero, como lhes encobriam as suas insolencias e os seus delictos por se não porem no risco de perderem o seu valor, excederam a tudo quanto até hoje haviam projectado.» Era nada menos que um levantamento geral para quinta-feira Santa, quando os brancos estivessem occupados nas Egrejas, occasião, em que, arrombando as casas, e d'ahi tirando as armas, trucidariam os brancos e as familias dos brancos. Estando a trama combinada, aconteceu porém que os de uma nação queriam ter dominio sobre os de outra, e desta divergencia proveiu furar-se o segredo ; o que se deu no Rio das Mortes, de onde foi avisado o Governador. Segundo a participação, que de lá veiu, os negros já tinham eleito o Rei, os Principes, e os Officiaes

militares do novo Estado. A' primeira vista figurou-se ao Conde ser quasi illusão esta denuncia; mas depois chegaram de varios logares e diversas distancias novas communicações feitas e narradas com as mesmas circumstancias.

Da Comarca do Rio das Mortes já haviam dirigido ao Conde queixas fundadas na insolencia dos escravos do Ouvidor Dr. Valerio da Costa Gouvea e do Coronel Ambrosio Caldeira Brant. Este sobre tudo tinha escravos, que ainda o haviam servido na guerra contra os paulistas.

Em consequencia das denunciações mandou o Conde e sem demora capturar os negros indigitados por cabeças no Forquim, no Ouro Branco, em S. Bartholomeu, na Casa Branca, na Itabira, e em outros logares, por onde se dizia extender-se a conspiração. Na Serra de Ouro Preto, aonde trabalhavam mais de quatro mil, deram-se buscas em ordem a sequestrarem-se as armas, sem resultado, porém; salvo se as tinham occultado nos subterraneos. Mandou tambem o Conde publicar o Bando, prohibindo sob penas severissimas até de morte, que escravos trouxessem armas, e ameaçando de multas pesadas os senhores, que tal consentissem.

Para a Comarca do Rio das Mortes, centro das machinações subversivas, e onde o excesso delles sobre os brancos foi demasiado bastante para inspirar taes receios, segundo se lê no officio do Conde; mas que não podemos deixar de crer em vista do mappa estatistico, que elle publicou para o pagamento das taxas em 2 de Agosto de 1718, como já vimos, devendo-se computar em muito maior o numero delles em 1719, para essa Comarca, dizemos, o Conde enviou com poderes amplos o Tenente General João Ferreira Tavares, seu dedicado Auxiliar, afim de syndicar minuciosamente a respeito e capturar os que lhe fossem indigitados por cabeças principaes do projectado levantamento.

Effectivamente, alli chegando o Tenente General fez prender e remetter para a Villa do Carmo os intitulados Reis das nações Minas e Angola e os mais que se dizia estarem nomeados para os cargos da nova republica, diligencias que não foram difficeis; desde que as duas nações em rivalidade fizeram transbordar do segredo para o publico as desconfianças e depois a certeza do delicto.

Entre os presos o Tenente General incluiu dous escravos do Ouvidor, e alguns do Coronel Ambrosio Caldeira, actos, que puzeram o Ouvidor em grande excitação, bradando que toda aquella deligencia redundava na traça de inimigos seus, afim de o prejudicarem. Emtanto, foi elle o maior dos que pediram providencias ao Conde, exagerando as proporções do perigo. Por este incidente se avalia quão difficil foi governar as Minas, desde que se offendessem interesses individuaes. E assim abortado ficou o plano da insurreição de 1719.

VIII

TRAGEDIA DOMESTICA

Não podemos deixar aqui de mencionar tambem um facto commovente e tragico succedido em Villa Rica, em fins do anno de 1720, facto isolado, mas caracteristico da epocha.

Morava na Villa o Coronel Antonio de Oliveira Leitão, paulista de distincta nobreza, descedente do Capitão Mor Antonio de Oliveira e de D. Genebra Leitão de Vasconcellos. Este foi o primeiro governador e Logar-tenente de Martim Affonso de Souza na Capitania de S. Vicente.

O Coronel pertencia á classe dos mais conspicuos moços de S. Paulo, sua patria e de muitas occasiões, em que se notabilizou, conta-se que nas festas, alli celebradas, quando a Villa tomou posse de cidade em 1712 (1) foi um dos cavalheiros mais applaudidos, ganhando muitas sortes, e acabando por arrebatar em delirio o povo, que assistia o espectaculo, com de uma só cutilada cortar a cabeça do touro, façanha, que referimos, segundo se acha na obra de Pedro Tacques.

Tendo se casado em S. Paulo com D. Branca, neta de D. Izabel Ribeiro de Alvarenga, cuja nobreza lhe era egual, senão maior á sua, o Coronel exerceu em S. Paulo os cargos da republica, e como Ouvidor substituto reputou-se pela rectidão e criterio de seus actos.

Tendo-se mudado para Villa Rica com a sua familia collocou-se esta logo na estima das principaes; e naquelles tempos é bem de se entender que as familias, recatando-se, formavam uma roda pequena, mas aristocratica, separada por completo do commum do povo, e das dissenções. Orgulhoso e altivo, o Coronel Leitão tinha uma filha unica adoravel, donzella de extrema formosura, e de quem tinha desmedido

---

(1) Carta Regia de 11 de junho de 1711: «Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Eu El-Rei &. Havendo visto as propostas que os officiaes da Camara da Villa de S. Paulo, e o que sobre ellas me escrevestes, principalmente a em que me pedem se lhe dê o nome de Cidade a Villa, e egreja Cathedral com Bispo: Fui servido haver por bem que a Villa de S. Paulo tenha o nome de Cidade; e assim vos ordeno o façais participar e publicar, mandando registrar esta minha Ordem nos Livros da Secretaria desse governo, Senado da Camara e onde convier.»

Rei não diz — *direito* — e sim — *nome* — da Cidade. A rasão depois se verá no Additivo da Villa do Carmo.

zelo, na edade em que ella estava, para não se inclinar por moço, que não fosse igual, oque bem raro se achava. Não admittia até então a minima duvida sobre a filha estar isenta de qualquer paixão; mas por fim começou a suspeitar de suggestões por um rapaz de somenos qualidade. Torturado de duvidas poz-se a espreitar a moça, e um dia, vespera do Natal de 1720, em que ella sahiu ao quintal, estando a sacudir um lenço para estendel-o ao sol, o pae, entendeu ser aquillo um signal convencionado; desceu precipitadamente a escada, e, encontrando-a num quarto terreo da casa, cravou-lhe uma faca no coração. Morreu instantaneamente. D. Branca sahiu como louca, em gritos pela rua; o povo acudiu ao logar, e o namorado enfurecido com seus companheiros atacou a casa, que os amigos do Coronel defenderam, não faltando quem lhe désse razão, em antes querer a filha morta, que casada com quem não n'a merecia, segundo os preconceitos da epocha. O enterro da moça foi feito neste tumulto, sendo preciso, que o Conde d'Assumar viesse da Villa do Carmo a toda pressa para evitar maiores consequencias. Preso o Coronel, que se poderá justificar por um accesso de loucura, o Conde o enviou para ser julgado na Bahia, onde a Relação o condemnou á morte; e, como não podia ser enforcado réo de nobre condição, ergueram-lhe um alto cadafalso a que subiu, e nelle foi decapitado aos 16 de Junho de 1721. O mais que se conta a respeito de D. Branca, pertence aos dominios da lenda, e só, como tal, poderiamos aqui reproduzil-o. Entregue ás resignações de mulher verdadeiramente christã, mas dominada sempre de infinita tristeza, foi, senão a fundadora, a perpetua zeladora da Capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões. A filha innocente não carecia dessa lembrança; e, pois, ahi temol-a a pobre viuva aos pés de quem poderia perdoar o proprio homem, que a desgraçou; mas a quem ella tanto havia amado, e a quem ainda cuidava ser util na dôr inconsolavel de seus derradeiros dias.

IX

SEDIÇÃO EM PITANGUY

Em Janeiro daquelle mesmo anno de 1720, o mais atormentado, que ainda houve nas Minas, um outro motim de graves proporções rebentou na Villa do Pitanguy. Alli estando no juizado da Villa o Brigadeiro João Lobo de Macedo quiz pôr em estanco, ou em contracto o commercio da aguardente de canna, e por isso levantou-se o povo em motim sob o commando de Domingos Rodrigues do Prado, paulista poderoso e caudilho terrivel,

O tumulto que fizeram contra o Brigadeiro, a quem expulsaram violentemente da Villa, sob pena de ser morto, chegou aos ouvidos do Conde, o qual para socegar a Villa, enviou o Tenente José de Moraes Cabral com a companhia de Dragões, força de que já o governo dispunha, afim de se apresentar ao Ouvidor da Comarca do Rio das Velhas, á qual pertencia o municipio do Pitanguy, que era o Dr. Bernardo Pereira de Gusmão, com ordem a este de partir na diligencia. O Ouvidor, porém, tendo do movimento informações mais exactas, reclamou força maior, e o Conde mandou que os Auxiliares do Sabará e do Caethé lh'a fornecessem, o que fizeram levantando 500 homens armados e municiados. Domingos Rodrigues, em sabendo que seria atacado, marchou com os seus sequazes para cá duas leguas da Villa, e, em boa posição, se entrincheirou á espera da tropa, a qual chegou e foi logo entrando em fogo. Depois de rijo combate, em que a mortandade cresceu de lado a lado, os rebeldes cederam ao numero, e se retiraram vencidos, mas em boa ordem, para o sul do rio Pará, aonde se fortificaram no logar da Capella, hoje Arraial da Conceição.

O Ouvidor, proseguindo, entrou na Villa, e abriu rigorosa devassa, na qual ficou pronunciado por principal cabeça do motim o caudilho celebre Domingos Rodrigues do Prado; pelo que mandou levantar no logar mais publico uma forca, e nella fez executar em effigie o dito rebelde. (1) Este, porém, ao ter a noticia de tal comedia, mandou fazer tambem outra forca em um alto de seu campo, e nella pendurou o Ouvidor mascarado na mesma figuração picaresca, isto no meio de estrondosas gargalhadas e apupos dos companheiros.

O Conde, tomando disto conhecimento, dobrou a parada dos Dragões, e mandou que se perseguisse o cabeça e os sequazes; pelo que acertou Domingos do Prado e toda sua gente de se internar para os sertões de Goyaz, a se encontrar com seu sogro Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguera. Mandou no mesmo acto o Conde recrutar para o exercito Real os rapazes validos compromettidos na sedição, afim de serem enviados para assentarem praça no Rio de Janeiro. Entre esses recrutas iriam os primogenitos das Minas. Esta ordem causou, mais que nenhuma outra, um

---

(1) A morte em effige, ainda que farça, tinha todas as consequencias juridicas da natural. Seguia-se della a servidão e a infamia da pena e o confisco dos bens. Não aproveitava em circumstancia alguma ao réo esperança de perdão; e quem o quizesse poderia matar sem receio de crime.

terror panico, assim nos moços, como nos paes; e, por isso, tomando muitos a direcção de Goyaz, lá estabeleceram as primeiras colonias, entre outras, a da Meia Ponte. (1)

X

SEDIÇÃO DE VILLA RICA

O terceiro e ultimo levantamento, que em formal sedição estaurou contra o Conde d'Assumar, succedeu em julho de 1720 e ficou sobre todos o mais celebrado na historia com o titulo de *Revolta de Villa Rica.*

Na frota, que aportou no Rio de Janeiro em meiados de 1719, Ordens Regias baixaram de summa importancia como já acima se disse. Além da lei de 11 de fevereiro, o Conde recebeu a Carta de 25 de abril mandando dar baixa dos postos aos officiaes de Ordenança, onde não houvesse corpos organizados; e outra ao mesmo tempo, que lhe avizava ter Sua Magestade mandado pôr á sua disposição um terço de Dragões de cavallaria.

Com estas medidas, tendentes todas a facilitar a execução daquella Lei, exasperaram-se os potentados; e ainda que

---

(1) Domingos Rodrigues do Prado, era filho de outro Domingos Rodrigues do Prado, (por alcunha o Longo) e de D. Violante Cardoso de Siqueira, neto de D. Philippa Vicente do Prado e Luiz Furtado povoadores de S. Vicente. Sahindode Goyaz veiu se estabelecer no Parnahyba. Ahi em sua casa arrancharam-se de uma vez um Capitão e 50 soldados, o qual a pretexto de estar-se demorando a farinha para a refeição da tropa, desproposítou-se, não obstante a cortezia de Domingos Rodrigues, dizendo-lhe, que se estava apromptando a farinha. O Capitão, sendo portuguez, desandou mil injurias em desprezo aos naturaes da terra, com o que um filho de Domingos de nome Bartholomeu Rodrigues do Prado exaltou-se e matou-o. O Sargento Francisco Aranha Barreto, vendo que seriam todos alli picados, sahiu com os soldados e fugiu. Era Domingos Rodrigues casado com Leonor de Gusmão, filha do Anhanguera. Já velho e querendo morrer christãmente voltava Domingos para S. Paulo, quando a morte o salteou em caminho.

Quanto ao povoamento de Goyaz lê-se na carta dirigida a D. Maria I pelos officiaes da Villa de Tamanduá de 20 de Julho de 1793, o seguinte: « E' evidente que das minas do Sabará-buçú romperam e « descobriram os Goyaz, e que a população augmentou pelos habitan- « tes das referidas minas, muito principalmente nas eras de 1718, 1719, « 1720 e 1721, quando succedeu o segundo levante no tempo do « Governo do exm. Conde d'Assumar, que, castigando a muitos, obri- « gou a outros a se transportarem para o Rio de S. Francisco e para « os sobreditos Guaiáz. »

no Regimen absoluto não haja de propriamente direitos adquiridos, sentiram-se com razão lesados, perdendo as patentes e os respectivos previlegios, titulos unicos, que lhes conferiam nobresa, e representação politica. Entrando de novo para a classe dos plebeos, o que menos os irritava era a zombaria da gente miuda avida sempre de ver os grandes voltarem a baixo. Por outra, como os governadores tinham vivido na dependencia delles, julgavam-se agora desnecessarios, e por isso sem a importancia, que affectavam, e de que tiravam partido.

Era, como se vê, uma subversão radical nos costumes, e na posição dos homens, e bem sabemos como sempre as novidades, posto que melhores, abalam o Estado.

Todas estas causas, e outras reunidas á politica do Conde, que não admittia junto de si influencias impostas de quem quer que fosse, convenceram os potentados do declinio final de seu poderio soberano; e que de facto o Conde apoiado em pessoal novo, com força militar sua propria, vinha iniciar nas Minas uma ordem de cousas desconhecida e que previam ser a de um governo regular e forte.

Além disso o Conde havia proposto ao Rei se creasse nas Minas um Bispado; afim de obstar a dissolução ecclesiastica tal, como se lê na Carta de 6 de junho de 1720, na qual se recommendou ao Arcebispo da Bahia, e ao Bispo do Rio de Janeiro informassem favoravelmente. O motivo do Bispado injurioso foi um golpe decisivo, que o clero desenfreado soffreu: e que mais o indispoz na luta, que contra o Conde tinha concitado.

Em taes circumstancias potentados e clerigos, já então unidos, redobraram de esforços para inimizarem o governo: e tomaram por móte de suas praticas as Casas de Fundição. Como pela lei o quinto não se devia tirar senão do ouro extrahido em salvo as custas, isto é, do liquido producto, requeriam os mineiros, e, nisto com razão, que Sua Magestade não lhes mandasse deduzir os 20 °/₀, e sim, como se usava nas Conquistas de Castella, nas quaes se pagava sómente um oitavo, ou um decimo de metal nas Officinas Reaes, e aonde aliás o Rei fornecia aos mineiros o serviço dos indios, e o privilegio de não serem executados por dividas. Queriam, pois, os nossos reclamantes, que El-Rey lhes mandasse aqui deduzir sómente 12 °/₀ do seu ouro; no que até o momento não tinham sido attendidos, e nem esperançados estavam de o serem.

Preparados, pois, os animos, só aguardavam um accidente para o rompimento. O principal cabeça deste foi innegavelmente o Mestre de Campo Paschoal da Silva Guimarães, que era então o mais rico e apotestado morador das Minas. Possuia elle na Serra de Ouro Preto um arraial inteiro, o arraial de Ouro Podre, e as lavras mais ferteis e bem trabalhadas do Districto. Possuia mais entre outras proprie-

dades, duas grandes Fazendas de Engenho no Rio das Velhas; e a mais de dous mil homens calcula-se o poder que exercia directo sobre escravos e camaradas. Cousa tambem para não se esquecer é que não poupava o proprio cabedal sempre que era preciso gastal-o em questões de empenho, como se viu no levantamento dos forasteiros contra os paulistas.

O Conde formava delle o seguinte conceito: « Officioso e malevolo, modesto e refolhado, brando e vingativo, desfarçando afrontas, mas hypocritamente fazendo o mal. »

Se bem que não nos mereça fé a palheta do Conde a pintar inimigos, todavia sabemos que o Mestre de Campo faria realmente honra a Machiavel, e para não ir mais longe tirava ao modelo vivo dos hypocritas de seu tempo. A prova disto já a tivemos, quando, sendo cabeça dos Emboabas de Ouro Preto, soube se quitar com D. Fernando nas Congonhas fingindo-se o mais leal vassallo, que se achava nas Minas. Isto entretanto não impede as nossas boas disposições para com o verdadeiro fundador da Villa Rica, o mais intelligente mineiro daquella epocha, que incontestavelmente elle o foi.

O Conde a principio o encontrando na altura, em que o puzeram cheio de mercês e honras os governadores precedentes, aos quaes todavia serviu com muita dedicação, mostrou por elle grande estima: entretanto, se queixa de lhe haver prodigalizado favores e beneficios, e de ter sem embargo o Mestre de Campo l'os correspondido ingratamente. Comtudo, não só é bom, mas, repetimos, é até necessario, que se clareie e muito o retrato, que delle nos faz o Conde inflammado pela iracundia implacavel de militar desobedecido.

* * *

Começando a nossa narrativa pelas festas da Condessa a 19 de abril de 1719, acharemos logo nesta occasião o principio de nossas suspeitas. Effectivamente naquelle dia, como no anterior anniversario, o Conde recebeu convidados em Palacio: e dos mais attenciosamente tratados, diz elle, foi o Mestre de Campo, tanto que se comprometteu a trazer para o anno seguinte pessoal escolhido a desempenho de comedias e outras diversões então usadas nos saráos da nobresa: e assim o fez. Queixou-se, emtanto, o Conde, que se aproveitando do ensejo, que teve de andar por varios logares naquelle arranjo, tratou ao mesmo tempo de apalpar os animos a ver como estavam dispostos a respeito da sublevação. Sendo certo que os tyrannos não dão festas, nem se entregam ás alegrias intimas da familia, cremos que o Conde não o seria tanto como o fazem; mas, do que se não póde já duvidar, é que se deixasse tomar por mexericos; e taes como esse, além de tudo incoherente; visto que, si Paschoal era, como se

deve crer ter sido, um talento especial de astucioso e dissimulado, não se daria á tolice de andar divulgando seus pensamentos, como o accusaram. Ora, nisto perde o Conde uma grande parte de sua febera, inclinando os ouvidos á pequenas intrigas, quando o preferiamos ver em toda a sua figura athletica altivo no proscenio de nossas tragedias. A mesma cousa poderemos dizer a respeiro de Paschoal da Silva, que melhor fôra não se lhe conhecerem os defeitos, para o papel que lhe traçaram os acontecimentos. Fosse elle igual a Manoel Nunes, e dirigido por um igual a Frei Francisco de Menezes, outra sorte caberia ao Conde, menos que désse batalha aos sediciosos e com estes morresse ; o que aliás não seria demais para delle se esperar.

Entretanto, o que nos parece mais presumivel, é que o Mestre de Campo não tivesse de plano a convicção de uma victoria certa. A população das Minas havia-se augmentado bastante para não offerecer ao Conde um lastro de interesses pela ordem, em que pelo menos moralmente se apoiasse ; e já então um factor, que não existia no tempo de Manoel Nunes, havia agora tomado proporções notaveis, o commercio fixo a retalho, inimigo sempre de desordens, que o prejudiquem. Contando Paschoal com a força dos mais conjurados, via que nenhuma lhe traziam, a não serem as proprias de que elle dispunha, visto nem serem dinheirosos, nem populares em Villa Rica, onde só Philippe dos Santos Freire chefe e tribuno da plebe poderia concorrer, mas com elementos ainda não concertados para a occasião. Cremos pois, a posição de Paschoal, homem tão acondicionado, não podia ser outra senão como daquelles que servem a Deos, mas não se deitam mal com o Diabo. Mal preparado, pois, e pessimamente dirigido, o levantamento não teve unidade de acção, nem alma isenta, que o planejasse.

O proprio incidente escolhido para o rompimento foi inhabil pela sua estreiteza de vistas, quando o golpe deveria ser extenso e resoluto, nunca localizado, como se viu, servindo sómente para lhe diminuir o interesse.

*
* *

Paschoal da Silva, e assim como elle os potentados daquella epocha viviam constantemente em demandas, fosse por direito ou attentados, que praticavam, fosse mesmo por alimento aos instinctos da combatividade. Em falta do certamen politico, o fôro dava-lhes campo ; e os proprios Sanctos pelas respectivas irmandades não deixavam de pleitear na chicana.

Paschoal, diz o Conde, estava sendo accionado por dividas em cerca de trinta arrobas, o que embora talvez exagerado não exclue a existencia das causas, porque odiava

o Ouvidor de Villa Rica Dr. Martinho Vieira de Freitas, cujo gosto especial era ridicularizar e trazer debaixo dos pés os homens poderosos da Comarca. O Conde o trata de leviano, má lingua, provocador ; pois fazia do seu tribunal um theatro de affrontas insupportaveis ás partes, que lhe pediam despachos. Tendo mandado citar e Tenente General Sebastião Carlos Leitão, e o genro deste Sargento Mór Pedro da Rocha Gandavo, por dividas, fez disto um grande alarde e regalou os maldisentes, classe que então não tinha mais que fazer.

Com o Sargento Mór de Batalha Sebastião da Veiga Cabral inimizou-se tambem o Dr. Martinho, e com o ex-Ouvidor Manoel Musqueira Rosa.

O Sargento Mór foi na Corte um vulto de grande valimeuto.

A sua patente equivaleria hoje á de Marechal do exercito. Tinha elle sido o Governador da Colonia do Sacramento, e lá serviu com toda a distincção até que por ordem superior do Rei a entregou aos castelhanos. Foi depois nomeado Governador da praça forte de Abrantes, no tempo da guerra; e dahi veiu para as Minas, naturalmente, por lhe sorrir a esperança de fortuna.

Mas este homem de tanta supposição estava, como se verá, em completa decadencia; e só assim poderemos explicar alguns casos, em que se deslisou da boa fé e outros muitos em que do bom senso. Por uma escriptura que se lê no primeiro livro de notas do Escrivão Garcia Gomes de Pilos da Villa do Carmo em 1717, verificamos uma burla feita pelo Sargento Mór para adquirir, abusando de uma procuração, certa Fazenda em Antonio Pereira (1) e na questão com o Ouvidor sobe de ponto o que queria armar. Tinha elle uma liquidação com Antonio Pinto de Almendra irmão do Mestre de Campo Domingos Fernandes Pinto, e pediu ao Ouvidor lhe concedesse mandado executivo sem comtudo ter proposto a acção e obtido sentença ; ao que se recusou o Ministro com toda a razão. Não contente, porém, engendrou um credito supposto em nome de terceiro, nunca visto nas Minas, e nelle constituiu credor o Padre André Pereira, seu companheiro de casa e hospede, fazendo com este, que se introduzisse na amisade do Ouvidor, e por caricias conseguisse o mesmo, que lhe havia este negado. Effectivamente o Padre conseguiu o mandado na mesmissima

---

(1) Foi o caso que Antonio de Andrade Goes comprou a Pedro Frazão de Brito a Fazenda que este tinha no logar de Antonio Pereira ; e o Sargento Mor, servindo de fiador, fez passar a escriptura para si, como se vê no L. 1 do Tabellião Pilo da Villa do Carmo.

hypothese ; e deu ao Ouvidor, como vendidos a credito, dous moleques, que o Sargento Mór havia comprado em um comboio. Feito isto, o Sargento Mór poz a bocca no mundo, clamando, e publicando que o Ouvidor se peitava e vendia a justiça.

Com o ex-Ouvidor Musqueira o caso foi que o Dr. Martinho Vieira lhe prendeu um filho e o poz de gollilha nas enxovias da cadeia, offensa que o pae não fazia mysterio de só na morte achar-lhe o esquecimento.

Sendo esta a situação dos principaes autores da revolta, a não se falar dos Frades, pertence todavia ao Conde ter-lhe dado a causa mais proxima. O Brigadeiro João Lobo de Macedo matara certa mulher e diziam que para roubar o que ella tinha, e foi se homisiar no Capão das Cobras sob a protecção de Paschoal da Silva, a pedido do commum amigo Frei Francisco do Monte Alverne. Em taes casos, era uso, qualquer potentado julgar-se inviolavel; e o Conde já a respeito tinha mandado publicar um bando, rigorosamente prohibindo e ameaçando tal direito de asylo. Paschoal, porém, dispunha da justiça, tendo em Villa Rica o filho João da Silva como Juiz Ordinario, em Sabará a Antonio Mendes Teixeira e no Caheté a Simão Spinola sogro de ambos. Quer no arraial de Ouro Podre, quasi todo seu, quer nas suas Fazendas nunca justiças nem vereanças entraram sem o seu beneplacito. O Conde, porem, não era homem para tolerar taes abusos ; e sabia que João Lobo estava escandalosamente no Capão das Cobras, recebendo visitas e vivendo a grande, sem fazer o menor caso da auctoridade. Mandou, pois, ao Tenente José de Moraes, que estava na Villa Real, viesse prendel-o, diligencia para a qual foi mister especial industria. Mandou o Tenente buscar os cavallos, onde estavam no Curral d'El-Rei a pretexto de uma visita de mostra. De facto a executou na Villa até quasi noite; ao passo que despachou rondas afim de impedirem o transito da mesma Villa para o Capão das Cobras. Fechada a noite partiu e á meia legoa distante da Fazenda apanhou um vigia, a quem obrigou referisse-lhe as condições, em que a casa se achava; e assim continuou até avistal-a. Cercando-a mandou logo rufar os tambores e dar descargas, com que assanhados os capangas sahiram em confusão. O Tenente, achando a porta aberta, e nella vendo o criminoso, atirou-se a elle com dois soldados e o agarraram no escuro. Paschoal da Silva estava num outro compartimento, e nada puderam fazer seus capangas cujo terror os conteve á vista dos Dragões, soldados do Rei. Este facto encheu as medidas da conspiração. O Mestre de Campo e o Frade vieram para a serra do Ouro Podre; e logo, em poucos dias, puzeram a procissão na rua. As cousas estavam de molde a não falhar a tentativa. Já de ha muito as tertulias se faziam na Capellinha de Santa Quiteria, logar então ermo entre os dous agrupamentos de Ou-

ro Preto e Antonio Dias. (1) Convinha afinal o rompimento, mesmo porque estava proximo o dia 23 de Julho, em que devia começar a execução da lei de 11 de Fevereiro ; e já presente na Villa do Carmo estava Eugenio Freire de Andrade, que viéra do reino afim de installar e dirigir as Officinas Reaes. O plano executado era obrigar o Conde a despejar as Minas, ou ser morto proclamando-se governador em seu logar o Sargento Mór da Batalha Sebastião da Veiga Cabral.

Contavam ingenuamente os taes conjurados, que, tomando por Governador este homem, *persona grata* de Sua Magestade, seria quanto bastasse para tirar ao levantamento o peior caracter de offensivo á soberania do Rei ; e que este afinal, a duas mil leguas de distancia, não teria mais que indultar e satisfazer aos revoltosos, como já se tinha visto em tempo de Manoel Nunes. Este plano já vinha assentado desde muito, e aquelle mesmo Brigadeiro João Lobo, a quem o Conde havia mandado prender em Fevereiro para lhe dar contas dos feitos, com que havia provocado o motim do Pitangui, ao ser solto passou em Villa Rica ; e em conversa com o Ouvidor Martinho, tambem então desaffecto do Conde (2), declarou que, só se lançando fóra o tyramno, as Minas teriam socego.

Emtanto, a verdade tambem é que o Conde por seu lado nem sempre se continha em prudente reserva. Seu temperamento quando irritado não dava para refolhos ; e as vezes mal inspirado fazia ostentações desnecessarias, pensando amedrontar, quando o que succedia era sómente provocar os potentados. Foi assim, que, para dar aos Dragões recem-chegados uma bandeira, mandou nella pintar um braço entre nuvens, tendo na mão um raio fulminando os montes mais altos com o distico « *Cedere aut Cædi* » isto é, recuar ou ser morto. Esta allegoria expressiva, ninguem deixou de entendel-a, e foi explicada pelo povo miudo com applausos e motejos aos decahidos poderosos.

* * *

Resolvida, portanto, a sedição, escolheram a noite de S. Pedro mais proxima, 28 para 29 de Junho, como a conveniente para não se reparar muito nos movimentos do Morro.

---

(1) Igreja hoje do Carmo.

(2) O conde vivia em luta com o Ouvidor pelo máo procedimento deste ; e uma vez o Ouvidor o repelliu dizendo que se mettesse com as armas, que a justiça não era da sua conta. (Vide officio de 3 de Julho de 1720 ao Rei).

Era noite de fogueiras, e de folgares, em que se punham pelas ruas dansas e mascarados, cujo officio naquelle tempo era divertir em festas, ou arranjar motins.

Emtanto, para melhor se julgar, como andaram aquelles homens, sem direcção efficaz, basta saber que, se o Conde não conhecia de propriamente o dia do motim, nem a extensão que tomaria, o proprio João da Silva, filho de Paschoal, o avisou de estar prestes a rebentar.

De facto no dia 25 o Conde recebeu de João da Silva a communicação por carta de ter sido convidado para cabeça de um motim, cujo pensamento era matarem o Ouvidor, e expulsarem do Governo a Sua Excellencia; e assim tomasse lá comsigo as medidas, que lhe parecessem adequadas. Dizia João da Silva que, estando com seu primo José da Silva, na rua fóra de horas, delles se approximara um negro, que os chamou a falarem com quatro mascarados numa esquina, os quaes lhes fizeram aquelle convite. O Conde, respondendo á esta carta, disse a João da Silva, que estimara saber como o queriam por cabeça do motim, por isso, que, sendo elle o juiz Ordinario de Villa Rica, saberia manter a ordem, e não o obrigariam a elle Governador usar de medidas energicas. Depois disto remetteu a carta ao Ouvidor com advertencia para se acautelar, o que lhe parecia tanto mais necessario, quanto era certo, que muitos potentados até então inimigos, agora andavam de mãos dadas e em conluios suspeitaveis.

Arrebatado, porém, de genio, e incorrigivel o Ouvidor, pegando a carta, sahiu a descompor pelas ruas aos seus inimigos; e, tendo se encontrado com João da Silva, o insultou, e o poz por terra. Feito isto, recolheu-se para a casa, e descançou desassombradamente, como se nada tivesse, ou como si tivesse feito a melhor cousa do mundo.

Nestes termos, a noite de 28 de Junho, ainda cedo, um rebuçado entrou na casa do Ouvidor, e lhe disse, que a toda pressa escapasse dalli para fóra, pois ia ser atacado e morto! Já então dando credito aos boatos, o Dr. Martinho safou-se para o morro de Santa Quiteria; e de lá escondido viu passar o motim em direcção á sua casa.

As 11 horas, mais ou menos, haviam com effeito descido do Morro do Paschoal duas turmas cada uma de seis mascarados, acompanhados de 40 negros armados. A primeira dirigiu-se para o centro da Villa, arrombando portas e obrigando os moradores a seguil-os sob pena de morrerem, tal qual era a fórma de começar os motins em qualquer povoação. A segunda desceu sobre o bairro do Padre Faria com o mesmo procedimento para ajuntar gente; ê ambas se encontraram no alto, onde hoje está a praça, e dahi proseguiram; dando vivas e morras em frente a casa do Ouvidor, metteram hombros á porta, e a invadiram; mas não o acharam; e por isso esfaquearam um creado por não lhes dizer

aonde o apanhariam. Destruiram alli tudo quanto encontraram, chegando o pandemonio ao auge de violentarem torpemente a concubina do Ouvidor. Um dos mascaras, chegando a janella, á folhear os autos, dizia imitando a voz e os gestos do Ministro: « *Que queres meu povo? Queres Justiça?* » E, lendo os despachos, despedaçava os autos. e os atirava á rua, com grande regabófe e vaias da multidão.

Passaram dalli os motineiros para a casa, aonde costumava ficar o Conde as vezes, que vinha á Villa Rica, pensando lá encontrarem o Ouvidor; mas em cousa alguma alli tocaram. Não o achando, passaram a varejar a casa de Bartholomeu Bis, amigo particularissimo do mesmo Ouvidor: mas lá não estava, e nem por isso offenderam a ninguem. E assim nestas diligencias tumultuosas concluiram a noite, até que, estando para amanhecer o dia 29, retiraram-se para o largo da casa da Camara. (1)

*
* *

Os chefes do motim mandaram tomar as entradas e sahidas do largo para obrigarem o povo a permanecer nelle, emquanto mandavam chamar, que alli viesse, o lettrado José Peixoto da Silva, já de antemão prevenido: o qual compareceu logo, mas fingindo-se coacto, e muito surpreso daquelle acontecimento. Era homem intelligente e sagaz. Alli vindo, encarregaram-lhe escrever uma proposta, que nessa madrugada mesma foi dirigida ao Conde em mão do mesmo lettrado, que partiu para a Villa do Carmo. Começava agora a se desenrolar a sedição, qual a tinham planejado.

A proposta era: 1.° Queriam que se annullassem os Registros nos quaes se cobravam impostos, que deviam pagar os mineiros e não os commerciantes; 2.° Queriam que se moderassem as custas judiciaes e os salarios do foro, bem como que se alterassem as posturas das Camaras; 3.° Queriam que se abolissem os contractos de gado, fumo, aguardente e sal; e propunham outras medidas propositalmente articuladas a sabor dos paladares.

O astuto lettrado, como se vê, apimentou todas as feridas, suggerindo materias, que affectavam a cada classe em seus interesses proprios, no intento de insuflar o fogo da sedição por todos os cantos.

Haviam combinado em Villa Rica o modo vistoso, como entraria elle no Ribeirão: a galope pelas ruas, com o papel

---

(1) O largo da Camara era no Fundo de Ouro Preto. A Camara, depois mudou-se para a esquina da rua Direita e da praça.

na mão erguida para o ar, e gritando que as Geraes estavam levantadas. O que elle executou mais ao vivo, que lhe foi possivel. Por estas e outras particularidades ficamos sabendo que não havia naquelle tempo, tal como hoje se pensa, um terror tamanho, que impedisse tantos acintes a auctoridade, e tanta desenvoltura nos individuos.

O Conde já o esperava. Em Villa Rica havia policia que vigiava o movimento ; e dedicado, como nenhum, contra os sediciosos, estava pelo governo o Escrivão da Ouvidoria Manoel José, que fingidamente andava com elles tendo queixas do Ouvidor. Não poude, emtanto, o Conde pôr as cousas a seu modo ; porque, mandando ajuntar a companhia de Dragões, não foi possivel conseguil-o antes de 24 horas, visto não haver ainda quarteis, e viverem os soldados dispersos por casas particulares, muitos fóra da Villa. Todavia, dos que lhe faziam guarda, enviou logo seis á Villa Rica, afim de tirarem de lá o Ouvidor e o trazerem para o Ribeirão, o que elles fielmente executaram sob a conducta do Ajudante Tenente Manoel da Costa Pinheiro. Esta escolta nenhum tropeço encontrou na Villa Rica, quieta e livre, como de ordinario; visto que os motins só á noite desciam do Morro. Officiou tambem o Conde aos Ouvidores das duas outras comarcas, que se acautellassem, e se puzessem attentos a iguaes insultos ; mas no que apertou foi com os principiaes moradores do Ribeirão, dentro e fóra da Villa, que viessem soccorrel-o com seus negros e sequazes, emquanto não se preparassem os Dragões em ordem ao ataque de Villa Rica. Ora, estes eram apenas 60, e mais de 20 estavam impedidos.

Nestas condições nada de mais poude fazer o Conde em relação a proposta, que José Peixoto lhe havia apresentado, senão dar-lhe um despacho evasivo, dizendo que estava ella em parte resolvida por Ordens de Sua Magestade, e em parte a resolveria depois de ouvir uma Junta, que ia convocar.

Em Villa Rica o povo em vez de se aquietar com a resposta do Conde, os cabeças o atterraram dizendo que delle o que se deveria esperar, era ganhar tempo, até que reunisse forças, e viesse tomar satisfacção cabal aos motineiros ; com cujas declamações o tumulto continuou agitadissimo ; e todos assim exigiam, que se voltasse ao Conde para lhe arrancar uma resposta definitiva, e o perdão da culpa, em que haviam incorrido com aquelles tumultos.

O Conde escreveu então á Camara e aos principaes da Villa, affiançando que concederia ao povo tudo quanto fosse justo, mas comtanto que se restabelecesse a ordem. O povo comtudo, se lia as cartas do Conde, socegava; mas se ouvia os cabeças, tornava aos motins. Campeava então já no movimento o celebre Philippe dos Santos Freire, chefe e tribuno da plebe, unico sedicioso verdadeiramente popular, ou,

como se diria hoje democratico. Este em nada absolutamente confiava, e só queria resoluções extremas, que já se tomassem a effeito de uma sedição formal.

* * *

Estando as cousas neste pé, os que dirigiam o movimento, como se o tivessem á vontade, enviaram á Villa do Carmo tres procuradores, o Sargento Mór Antonio Martins Lessa, como Juiz de Villa Rica, e os letrados José Peixoto da Silva e José Ribeiro Dias por parte do povo; os quaes se apresentaram ao Conde pedindo-lhe, que fosse á Villa Rica em pessoa para pronunciar elle mesmo o perdão, pois do contrario não havia meio de socegar o povo. Respondeu-lhes o Conde, que nenhuma duvida punha em vir a Villa Rica: mas o mesmo Peixoto, acabada a conferencia, e entrando a falar só com o Conde, revelou-lhe que se cahisse em tal, ou seria atacado em caminho, ou na Villa obrigado a fazer o que quizessem os revoltosos, sob pena de lhe faltarem ao respeito. Por muito que instou o Conde, nada mais conseguiu saber de Peixoto, o qual á força de promessas e como que só para levantar uma ponta do véo, lhe disse, que Paschoal da Silva, então na Fazenda, tinha mandado pelo seu primo João Ferreira, medico, dizer a João da Silva, que executasse tudo quanto se havia concertado senão que tomasse um veneno; pois as cousas no ponto a que tinham chegado, já não podiam voltar atraz sem risco de muitas vidas. Embora esta confidencia com o Conde, logo que se recomeçou a entrevista, Peixoto instava com elle para vir á Villa Rica, e pelo despacho da proposta.

Via-se o Conde em apuros. Tinha invocado o auxilio dos principaes do Carmo: estes, porém, lhe haviam contestado, e o repetiam naquelle ensejo, que embora promptos a sustentarem a sua pessoa e a sua auctoridade, estavam, com tudo, naquelle assumpto de inteiro accordo com os de Villa Rica, e pois não iriam contra elles, emquanto estivessem limitados a pedirem pacificamente, o que pediriam para si, elles e todos os povos assistentes nas Minas: pois já haviam se manifestado e dito que se oppunham ás Casas de Fundição.

Sendo esta a mesma attitude, que o Conde sabia se achar nos principaes da comarca do Rio das Velhas, como nos da comarca do Rio das Mortes, cujos Ouvidores lhe annunciaram depois a satisfacção, em que ficaram os mineiros pelo rompimento de Villa Rica, taes apuros o levaram a dizer que entendia, «não lhe foi tão difficultoso triumphar dos inimigos de Sua Magestade na Campanha, como governar nesta republica os seus maus vassallos, sendo mais facil fazer

sem queixas partilhas entre herdeiros ambiciosos, que contentar, nem por poucas horas, um povo tão desigual.»

Convencido tambem de ser impossivel atacar Villa Rica sem forças sufficientes, mormente em marcha por caminhos dispostos para emboscadas, e quando os revoltosos occupavam as montanhas menos accessiveis e fragosas, deliberou imitar o piloto, que atira ás ondas o menos precioso da carga para salvar o navio: e assim convocou em Junta plena os principaes, que alli estavam, com Eugenio Freire de Andrade, pessoa intima do Rei, e todos deliberaram, segundo a exposição do Conde, se concedesse o perdão; visto ser o caso daquelles, em que Sua Magestade facultava tal expediente para evitar mal maior. Lavrou-se disto um termo, em que todos assignaram, como responsaveis do accordão.

Ao ser o perdão lido aos procuradores, recusaram-se de acceital-o sem se lhe tirar a clausula de ficar dependendo da approvação de Sua Magestade: e apezar de lhes observar o Conde ser clausula decorrente da Ordem Regia, não se abalaram do proposito. Afinal impacientando-se o Conde lhes declarou, que o levassem como o queriam, mas não se chamassem depois ao engano, visto saberem, que os governadores não tinham attribuição para alterar o que o Rei dispunha.

Despachou o Conde para Villa Rica o Tenente General João Tavares para publicar o perdão, e já de antes havia para alli enviado o Jesuita, seu amigo, Padre José Mascarenhas, afim de pregar aos povos no sentido de socegal-os. Os revoltosos, porém, zombaram totalmente do perdão, como o haviam feito dos sermões do Padre; e, se ambos, o Tenente General e o Jesuita, não foram mortos, devem-no á intervenção de pessoas cordatas: mas nem assim deixaram de ser expulsos da Villa em meio de ludibrios e pedradas.

O Conde, ao saber de taes desacatos, escreveu á Camara, ordenando-lhe que fixasse o Edital do perdão; e que tambem publicasse a portaria pela qual elle suspendia a Lei de 11 de Fevereiro por mais um anno, e franqueava os Registros do caminho do Rio. Esta fraqueza do Conde redobrou a furia dos animos; e foi como soprar em fogueira. Ninguem deu credito ás intenções do Conde; e proclamavam, que elle, o que querira era socegar o motim para depois vir saciar a sua colera.

A Camara n'esse mesmo dia respondeu á sua Excellencia que o Edital foi publicado, e que o povo se mostrava satisfeito: mas, si não viesse á Villa Rica, esperança alguma havia de se restabelecer o socego publico. Emtanto pedia á Sua Excellencia, no caso de vir, viesse só, para que o apparato da comitiva não inspirasse receios ao povo: e de viva voz mandou-lhe dizer que se viesse á noite, trouxesse accesos os archotes. O portador da carta, por seu

turno, referiu ao Conde, que os ecclesiasticos lhe tinham revelado, como em confissão, isto é, sem mentirem, que Sua Excellencia não devia deixar de ir á Villa Rica, e de lá entrar só. A não serem muitos outros factos de igual necedade, custar-nos-ia crêr no que lemos. Aquelles homens estavam completamente desvairados, como as avestruzes, que, escondendo a cabeça, julgam-se a geito de illudirem o caçador. Ora, o que é mais certo, sabendo elles que o Conde não tinha mais de 40 soldados promptos, nem apoio de particulares naquella crise, tentavam expedientes para o removerem antes por medo, que por violencias. Constava mesmo que a Familia do Conde vivia aflicta, e queria ver-se livre das Minas.

*
* *

Não sabemos o que faria o Conde da promessa de estar em Villa Rica; mas ao receberem a sua communicação, no dia 1.º de Julho á noite, puzeram-se em movimento os revoltosos. Na madrugada do dia 2 percorreram as lojas e compraram toda a polvora e balas, que encontraram; e assim municiados em numero de mil e quinhentos a dous mil puzeram-se a caminho do Ribeirão. Queriam apanhar o Conde em viagem, e, senão o encontrassem, seguiriam para a Villa do Carmo, a se entenderem com elle em pé de guerra, constando-lhes aliás que não dispunha de forças sufficientes para os rechassar. Alli o forçariam a depor o bastão ou o matariam.

Chegando, porém, á vista do povoado um dos fieis amigos do Sargento Mór Manoel Gomes da Silva, que com a Camara de Villa Rica ia, fingindo-se prisioneiros, acudiu a lhe avisar que Philippe dos Santos havia disposto uma turma dos de sua cabala para se adiantar, invadir o Palacio, e sem mais nem menos ir matando o Conde. O Sargento Mór, alarmando-se, procurou Philipe dos Santos aonde estava, e energicamente reclamou contra tal disposição: pois não admittia similhante perfidia, fóra do que tinham combinado. Ao que redarguiu Philippe dos Santos, dizendo que ia dar ordem em contrario; mas, si o Conde não subscrevesse as condições da proposta, que levavam, o intimaria a despejar o governo e as Minas, ou faria executar o pacto de morte concertado na antevespera em Santa Quiteria, pelo qual estavam em armas. (1)

---

(1) Em officio ao Rei, de 3 de Julho de 1720 o Conde descreve a situação do logar de Santa Quiteria, retirado da Villa, para uma fortaleza, que dominasse os dous grupos d'ella, Ouro Preto e Anto-

O Conde, por sua vez, logo que lhe deram aviso de estar o povo em marcha para o Carmo, chamou a postos os Dragões nas lojas do Palacio, nas quáes já de prevenção havia feito recolher uma grande quantidade de munições de fogo e de bocca para muitos dias. Além d'isso encheu de gente armada as casas visinhas. Estava então preparado com uma força de negros e capangas, que lhe forneceram os amigos de dentro e de fóra da Villa, como d'elles reclamara. Agitou-se mesmo um certo brio de alguns moradores do Carmo em não consentirem aggressão ao Governador nos limites de sua povoação.

Ao povo da Passagem o Conde ordenou que não consentisse que os revoltosos atravessassem a ponte; mas era por elles aquella gente. O Capitão Manoel da Costa Fragoso teve de fugir para não ser morto; e nem tempo lhe deram de fixar o Edital. Consequentemente, passando elles por alli, foram informados da maneira, como o Conde os receberia, á ponta de espada, na Villa do Carmo.

* * *

Ao ver os rebeldes approximarem-se, o Conde mandou que lhes sahisse ao encontro no alto do Rosario (depois S. Gonçalo), principio da rua (1) a Camara encorporada com o seu estandarte; e ella de facto para lá foi acompanhada de muitos moradores inermes, e do Sargento-mór de Batalha Sebastião da Veiga, este a conselho do coronel da Nobreza Raphael da Silva e Souza. Além disso ordenou o Conde que o tenente José de Moraes partisse tambem a intimal-os naquelle alto que, si quizessem qualquer cousa do governo, enviassem-lhe um procurador, que seria recebido: do contrario os mandaria repellir á mão armada. Ao tenente responderam que não traziam em mente mal algum, e que só alli vinham para ouvirem da propria bocca do general o perdão, que desejavam. Reenviado o tenente com o mesmo recado, voltou da mesma maneira, e só houve de mais, que bradaram pedindo se recolhessem as armas, que viam; pois não poderiam responder pela paz, si a Villa os esperava

---

nio Dias. Posteriormente o Rei mandou edificar o Palacio em forma de fortaleza no sitio de Santa Quiteria, pensamento, portanto do Conde d'Assumar. Todo o morro tinha esse nome.

(1) O morro de S. Gonçalo, antes de se erigir a Capella do Santo, chamava-se tambem Rosario por estar perto delle a antiga Capella do Rosario, invocação que tomou a Capella dos Bandeirantes depois que, mudada a Matriz, ficou pertencendo aos pretos.

em tope de guerra. Estas reclamações e o mais, que se havia passado, deixaram nos chefes do movimento um certo desanimo. O incidente do Sagento-mór Manoel Gomes, e o procedimento do povo pelo caminho, apavorando-se de qualquer cousa, e outros motivos causaram naquelles uma grande decepção. Mas deviam contar com isto. Na maior parte daquella turba, como entraram nos motins, obrigados muitos sob ameaças, convenceram-se da utilidade em virem ao Carmo. por lhes dizerem os chefes ser condição necessaria para obterem o indulto. Demais, nem Musqueira, nem Paschoal, nem os Frades, organizadores da revolta, nenhum dos cabeças principaes alli estava, expondo-se ao fogo. Só Philippe dos Santos alli vinha certo do segredo.

Observando o resfriamento dos animos, quiz este revoltoso dar-lhes calor, atacando a Camara e o grupo, que a seguia; mas disto ainda foi removido por muitos menos informados da trama, que o obstaram e disseram ser attentado sem nome investir sobre gente desarmada. Em tal conjunctura, que parecia quasi aborto da conspiração, o Sargento-mór de Batalha, avançou para a frente, e em altos gritos começou a declamar: «O que quereis Filhos? Filhos, não quereis os quintos? Quereis que se mande para os diabos o Ouvidor? Quereis a mim? Aqui estou para vos defender e ajudar».

Feito este discurso, correu o Sargento-mór para o Palacio, onde entrou esbaforido, descompassado de gestos, feito louco, pintando o caso com côres flammantes, e dizendo, que o povo ahi vinha, como alcatéa de lobos. Tentava o Sargento-mór, conforme a ingenua esperança dos rebeldes, levar de vencida o Conde, pelo que nunca sentiu: o terror da morte! Entretanto, alguns dos presentes impressionaram-se e quizeram convencer o Conde não se apresentasse ao povo, cujo rumor alli vinha chegando á volta do Palacio. O Conde, porém, o mesmo foi ver á multidão, que chegar á janella: e foi elle afoito chegar á janella, que a multidão rebentar-lhe em vivas! Estava em parte desfeita a borrasca.

Sendo já tres horas, mais ou menos da tarde, não quiz elle falar ao povo com o receio bem fundado de perder tempo, e de não poder a multidão regressar á Villa Rica, temendo que, si ficasse para pernoitar no Ribeirão, difficuldades emergissem, communicando-se os revoltosos de uma com os de outra Villa, nesta ainda occultos. Assim, e agradecendo apenas a boa conducta do povo, convidou-o a descansar, e a fazer subir para a sala do Palacio os seus procuradores.

Destes subiu somente o lettrado José Peixoto com a proposta, cujo texto vae junto no fim deste livro, uma verdadeira rêde de humilhações, urdida, como que de proposito, para irritar o Conde, e obrigal-o a não deferil-a. O Conde, porém, estando com os principaes da Villa do Car-

mo, tomou o parecer delles, e deferiu artigo por artigo desta *Nova Magna Carta*. Entregue a José Peixoto, não a recebeu sem estar conferida por si proprio no livro dos Registros; e não recebeu tambem o alvará do perdão, sem que estivesse homologado com o sello das Armas Reaes.

Lido da janella este Alvará ao povo, logo se poz em movimento a caminho da Villa Rica. Nesta festejou-se ruidosamente com luminarias o exito da famosa jornada.

Por novos embustes emtanto os cabeças começavam a propalar que o Conde ia obrigar Villa Rica, e só ella, a pagar as 30 arrobas, visto ter sido a unica rebellada. Além disso pregavam abertamente que o perdão nada valia. Mandou o Conde fixar editaes contra estes manejos, declarando que os quintos continuariam a ser pagos como de antes; e que o perdão estava e estaria de pé. Mortas, porém, umas novas intrigas succediam, e visto reconhecer o Conde, que os Frades eram os que as teciam, mandou pedir aos Vigarios fizessem preces pelo socego publico e nellas admittissem, para que mais copiosas fossem, os Religiosos assistentes em suas respectivas parochias. Cantava a palinodia, e dava satisfacção aos Frades.

*
* *

Temendo que o espirito da revolta baixasse do ardor, quão o entretinham acceso, os cabeças em novos motins reclamaram que o Ouvidor sahisse da Comarca, reclamação que era justa, e que o Conde logo attendeu. Constava mesmo que esse ministro estonteado queria no Carmo instaurar um processo para apanhar os cabeças. Ora, tal cousa seria o mesmo que inutilizar o perdão, e impedir o apasiguamento dos espiritos. Sendo o poder judicial independente, o perigo foi maior; e por isso o Conde fez com o ministro, que se abalasse do Carmo, no que elle não hesitou, e foi por Antonio Pereira a pousar em Cattas Altas com um parente, que lá morava.

Este, porém, temendo lá fossem queimar-lhe a casa, o que era despique muito em uso, o enviou para o Rio de Janeiro, por volta de caminhos menos frequentados. Mandou o Conde ao Juiz de Villa Rica assumisse-lhe a vara, pensando deste modo socegar os animos, mas longe disto, novos disturbios se intentaram. Começaram a se ouvir todas as noites tiros de polvora de lado a lado da Villa, e fachos accesos a percorrerem as travessas de monte a monte, entre os arraiaes da Serra. A Villa se tornou um inferno aos moradores pacificos, que se puzeram a sahir para fóra. Em vista de tudo, o Conde mandou chamar á sua presença o Dr. Manoel Musqueira Rosa, mas este lhe respondeu que não podia ir á Villa do Carmo por lhe ser preciso para isso de sua casa

atravessar a Villa Rica, o que não faria; pois que, estando o povo disposto a proclamal-o Ouvidor, não queria dar occasião a um tal excesso; e de tão astuto se quiz exhibir, que mandou o portador desta sua carta, para ir ao Carmo entregal-a, não passasse pelas ruas de Ouro Preto: mas andasse pelos mattos. Mandou o Conde neste caso chamar o Religioso Benedictino, filho do Dr. Musqueira, e grande agitador, Frei Vicente Botelho: mas este descartou-se por seus achaques, dos quaes na verdade veiu a fallecer no Rio pouco tempo depois. Tomou então o Conde o parecer de enviar a casa do Dr. Musqueira o Secretario do Governo Manoel d'Affonseca, afim de instar com elle por uma conferencia na Villa do Carmo, ao que accedeu: mas, não passando por dentro da povoação de Villa Rica, e sim pelo caminho velho já quasi abandonado. (1) Posto em presença do Conde, desentranhou-se o Dr. Musqueira em mil queixumes e lamentações pelos successos, querendo que o Conde o nomeasse Provedor da Fazenda Real, e desejando, além disso, que o Conde lhe promovesse a reconducção para a Ouvidoria da Comarca.

Ora, o Conde não se podia esquecer sem se rir, lá comsigo, do tremendo motim que havia succedido em Villa Rica, logo em começo de seu governo, então que os mesmos potentados agora unidos a Musqueira á frente do povo, profundamente irritados, o quizeram depor da Ouvidoria e expulsar da Comarca, sendo preciso usar de meios heroicos para obstal-o, o que apesar de tudo teriam realizado a não ser a energia e promptidão, com que foi soccorido pelo Capitão Mór Henrique Lopes de Araujo.

Comtudo, ouvindo-o, e não querendo se descobrir, o Conde achou mui justo o pedido, e deu-lhe esperanças, si bem que percebesse nessas pretenções um modo cavilloso de rebelde querendo se desfarçar. E, por isso, para fazer do ladrão, fiel, deu a Musqueira um officio, em que o encarregava de socegar o povo de Villa Rica. Elle, porém, chegando, entendeu-se com Philippe dos Santos, um dos chefes daquelle mesmo antigo motim, em que o quizeram depôr, afim de agora o proclamar Ouvidor: e de facto se proclamou, embora o Conde o tivesse de tal dissuadido. A rebellião não tinha mais que esconder.

*
* *

Sebastião da Veiga Cbral entregou-se de corpo e alma á mania de ser Governador das Minas. O pouco siso dos ca-

---

(1) O caminho novo, sahindo das cabeças, ia pelas ruas até á Matriz, subia a Santa Quiteria, Antonio Dias, Alto da Cruz, Padre Faria, Agua Limpa, e da Piedade ao Taquaral, sempre pelos altos até a

beças, tomando-o a serio, estes entendiam com effeito que a posição d'elle na Côrte podia-lhes aproveitar; e piamente davam-lhe ouvidos. Elle espalhava entre os credulos que gosava da mais plena confiança do Rei para julgar a politica do Conde, não querendo confessar, que para aqui veiu induzido pela necessidade, a ver si adquiria alguma fortuna. Dizia elle ainda mais entre amigos, que El-Rei, conhecendo o genio do Conde, o tinha encarregado em reserva de observal-o; e que, pois, daria conta do que soubesse.

Já, porém, não era esta a epocha dos Emboabas, quando o talento de Frei Francisco de Menezes levantava intrigando uma campanha, e a dirigia com successo contra corpos sem cabeça. Agora nem os levantados tinham o mesmo talento, e nem faltava perto um Conde de Assumar. A luta se oppunha a um governo; e não mais a uma turba-multa de paulistas imprevidentes. Os menores passos dos sediciosos eram observados; e apenas um movimento se fez antes de ser conhecido. Nem tempos nem homens já eram eguaes.

Logo que rebentou em Villa Rica o primeiro motim de 28 de Junho, Sebastião da Veiga ficou arredio de Palacio, e desde 2 de Julho não mais lá pisou a pretexto de um leicenço no pescoço. Morava elle num sitio de Engenho nos Monsús, caminho de Matto-Dentro; e tanto que viu passar á tarde o Ouvidor em retirada para fóra da Comarca, nessa mesma noite mandou chamar a sua casa dous Padres Jesuitas, que moravam com o Conde em Palacio, a titulo de prestarem soccorros espirituaes a um creado, que estava doente. Alli, apanhando os Padres, a proposito dos acontecimentos, levantou um grande escarcéo, dizendo-lhes que se ia embora para o Rio, e para tanto se queixava de estar averbado perante o Conde, como cabeça de levantados; e pelo mesmo Conde accusado perante o Rei como tal. A' vista dos Padres continuou a preparar a roupa, e a dispor objectos para viajar, pedindo-lhes houvessem de apresentar as suas despedidas ao Conde e á Condessa. Voltando os Padres a Palacio, e muito commovidos pelo que tinham visto e ouvido, o communicaram ao Conde; e lhe rogaram tirasse de tal inquietação o pobre velho. O Conde riu-se da simplicidade dos Padres; mas logo enviou ao Sargento Mór o seu Ajudante, dizendo-lhe que nenhuma conta havia dado á Sua Magestade a seu respeito; mesmo porque não tinha ainda tomado pé nesses particulares. Este recado foi mil ve-

---

Passagem. O caminho velho subia ao alto de S. Sebastião, Campo Grande, e descia no Mata Cavallos para entrar na Villa do Carmo. O actual caminho das Lages 'á Agua Ferrea, Taquaral e Passagem foi mandado traçar e fazer por Dom Antonio de Noronha, durante seu governo, entre 1775 a 1780.

zes peior. Desabafou-se o Veiga que não tinha amigos: que não contava com ninguem; e que no lhe mandar o Conde dizer, que contivesse os amigos, e que não tinha ainda tomado pé neste negocio, ahi via a porta aberta para denuncial-o á Sua Magestade: e que pois não poderia socegar, emquanto Sua Excellencia não lhe declarasse por escripto qual era o sentido daquellas palavras. O Conde moderou por escripto o que lhe havia mandado dizer.

Dahi em deante começou elle a frequentar o Palacio, mas sempre como agoureiro de grandes desgraças. Recommendava ao Conde vigilante cautela, ainda mesmo na cosinha para não acontecer, que lhe soltassem veneno na comida, caso em que tantos governadores tinham cahido. Dizia mesmo, que, se fosse o Conde, o que faria de melhor, era retirar-se para S. Paulo, visto não quebrar assim a sua homenagem, e nem ficar exposto a possiveis insultos. Tudo lhe aos olhos parecia, e a seu juizo, uma destruição geral; e não cessava de insinuar o perigo de vida, que pairava sobre o Conde. Este que então aprendeu a mascarar as impressões, não se dava por impaciente, e puxava pela lingua a seu vaticinador.

Vendo, porém, este apezar de todos os esforços, que o Conde não se amedrontava, estando cada vez mais firme em não se afastar um ápice do seu prumo, veiu-lhe um dia a dizer, que á sua casa dous rebuçados o foram procurar á noite, afim de lhe communicarem que os cabeças o queriam eleger governador, sob a condição de acceitar ou morrer: e pois se via em apuros sem saber como escapar do dilemma. O Conde, que estudava toda sorte de desfarces á indignação, sem se mostrar enfadado, si quer nas conjuncturas mais melindrosas, observou-lhe, que o passo a dar mais seguro seria acceitar elle o governo, e com isto socegar o povo. Entrou o Sargento Mór a deplorar a sua desgraça, por se ver nestes lances inopinados, affectando horror á ousadia dos revoltados: e declarou que se ia de facto embora para o Rio, e isto dentro de tres dias, uma vez, que não cabia em sua honra de leal servidor d'El-Rei acceitar semelhante governo. Dissuadiu-o disto o Conde, fazendo-lhe ver, que visto os rebeldes estarem dispostos a lhe conferir o governo, romperiam em maiores excessos, se o vissem partir, ao passo que até convinha que o acceitasse, eis que de dentro saberia contar si eram poucos ou muitos os que o elegiam, podendo com isto salvar a ordem e a elle mesmo Conde e sua Familia.

Contestou-lhe o Veiga que seus achaques não lhe permittiam experimentar, si podia ou não proceder dessa maneira e pois a brevidade em sahir o punha a salvo de se comprometter; e nisto seria util o Conde imital-o, ausentando-se para S. Paulo, a se ver livre de semelhante gente. E retirou-se.

Em resultado, o Conde se ia cançando de tantas estultices, que outra cousa não eram o que lhe estavam tecendo, crentes, em geral, que o levariam de vencida.

Neste interim appareceu-lhe em Palacio o Mestre de Campo Manoel de Queiroz, e se lhe atirou os pés, dizendo que estava já cançado de andar foragido, e sem socego. Assim, pois, vinha francamente pedir ao Conde a sua nota de culpa. Surprehendido de semelhante queixa, o Conde então verificou ser intriga do Sargento Mór, que ao Mestre de Campo e a outros principaes dava á socapa avisos de estarem incursos na ira delle Conde, cada dia a dia mais o indispondo com os homens, de que pudesse tirar algum partido. Havia o Conde mandado prender a Manoel Rodrigues Soares, primo e intimo de Manoel Nunes, prisão que se mallogrou pela fuga do preso em caminho do Caethé. Com este e outros exemplos vivia o Sargento Mór a desmandar os potentados, mostrando-lhes a desconsideração, e a imprudencia de um governador, que não respeitava a ninguem, e nem dissimulava culpas de quem quer que fosse, ainda que o castigo importasse maior damno, que bem para a republica.

Chegou emfim o dia de partir o Sargento Mór para o Rio, como tinha dito. Apezar de publicar que o motivo para se retirar era aquillo que os povos da Villa Rica lhe queriam arranjar, tomou o caminho della, quando poderia passar pela Itaverava, ou si désse volta pelo Campo Grande, sahir na Cachoeira do Campo, que era então o melhor caminho para o Rio. Disto o advertiu o Conde: mas elle contestou, dizendo que passaria por Villa Rica, desfigurado com um lenço no rosto, e dentro de uma rede coberta por uma baeta: e que a dextra iria um cavallo arreiado: e á frente um moleque com uma tararaca (trombeta de taquara) para lhe fazer signal de qualquer movimento, caso em que saltaria para o cavallo e fugiria. Sahindo da Villa do Carmo, o Sargento Mór foi pernoitar na Passagem, meia legua apenas de viagem: e ahi veiu com elle se entender Frei Vicente Botelho em nome de seu pai dr. Musqueira. O resultado desta conferencia foi o Sargento Mór voltar para o Carmo e dizer ao Conde, que tendo chegado ás immediações de Villa Rica, observou nos contornos mais gente que de ordinario: e soube que o povo se achava em tumulto, não querendo mais ser governado nem por Capitães Generaes nem por Ministros, senão immediatamente por Sua Magestade: o que o fez retroceder do caminho para convencel-o da proposta, que já lhe tinha feito a elle Conde, qual a de lhe entregar o governo por alguns mezes, retirando-se para S. Paulo, unico meio que via para socegar o paiz. A esse mesmo tempo o escrivão da Ouvidoria Manoel José communicou ao Conde, que Paschoal da Silva já estava na Villa distribuindo os empregos publicos. (Rev. Arch. Publ. pag. 867 vol. VI).

Em contestação ao que lhe expoz o Sargento Mór, o Conde, fingindo-se impressionado, assegurou-lhe que na emergencia carecia de pensar, e que no dia seguinte resolveria como lhe conviesse. Animado por esta resposta dirigiu-se o Sargento Mór para o seu Engenho; mas encontrando-se com um creado de estimação do Palacio, que vinha passando tambem na ponte dos Monsus, tratou de lhe falar e recommendou-lhe que elle e mais pessoas, entrando nisto a Condessa, persuadissem ao Conde ter mais amor á vida, pois os revoltosos, infelizmente, haviam jurado matal-o.

Mal tinha o Sargento Mór sahido, eis chegou de Villa Rica uma carta de Manoel José, dando ao Conde aviso, que naquella noite (13 de julho) ia-se levantar um motim de grandes proporções com o fito de irem os revoltosos ao Ribeirão o expulsar e proclamar governador das Minas o Sargento Mór de Batalha, plano de que já não guardavam segredo algum. Pouco depois, porém, chegou Frei Monte Alverne com recados de Paschoal da Silva, dizendo ao Conde que naquella noite parecia que o mundo ia se acabar; pois queriam os rebeldes ir ao Ribeirão depol-o do governo, e expulsal-o das Minas.

Em tom de crassa hypocrisia o Frade lembrava um remedio: era Paschoal fingir-se motineiro, e ir a Cachoeira e outros arraiaes levantar os respectivos povos; e unindo-os aos de Villa Rica, trazel-os ao Ribeirão, onde S. Exc. perante todos pronunciaria com juramento o perdão, que por não se fiarem delle, causava todo o barulho. Nestas circumstancias, o Conde ratificaria os perdões anteriores, e assignaria um termo novo, que seria acceito por Paschoal. Ora, como seria este feito chefe do motim o mais interessado, o seu exemplo em se fiar do perdão, contribuiria de vez para que todos se tranquillizassem, sendo que ninguem havia nas Minas, que já não estivesse ancioso pela terminação de tantas desordens.

Ulteriormente, continuou o Frade, as camaras representariam á Sua Magestade, justificando o perdão com aquella farça; e tambem pedindo houvesse por bem prorogar a homenagem do Conde por mais tres annos. Em virtude do que ouviu, o Conde escreveu a Paschoal, agradecendo-lhe os bons officios, mas que tirasse da cabeça a idéa de novos motins por ser muito difficultoso, senão impossivel apagar-se incendio com incendios; além que de motins já elle estava farto com os de Villa Rica. Quanto á homenagem, o que mais pedia a Deus, era que fizesse passar mais ligeiro o tempo de se desatar da que o prendia na occasião. O Conde tratou affavelmente o Frade, e a Paschoal escreveu naquel-

les termos a effeito de os tranquillizar e de não se assustarem; mas comprehendeu perfeitamente a sua situação. E' cousa que nos custa a crer, embora fosse certo, que aquelles homens, com tantas artimanhas pueris, quizessem mystificar o soldado velho e cavilloso, que era o Conde.

A proposta de Paschoal clareou-lhe o estado, em que se achavam os rebeldes, precisados de ageitarem novas complicações, e de gente tambem nova para substituirem a de que já não se fiavam em Villa Rica. A jornada do Carmo, pelo procedimento que o povo teve, dera-lhes grande cuidado, maximé no episodio do capitão Manoel Gomes da Silva com Phillippe dos Santos, por onde viram o perigo de serem abandonados á hora de maiores successos.

Estando, portanto, o Conde com as suas medidas cheias, resolveu agir e sem piedade. Logo que o Frade se retirou do Palacio, mandou apostar a tropa dos Dragões ; e os despachou, sendo seis para guardarem o caminho de Villa Rica, sem deixarem por ahi passar ninguem do Carmo ; e trinta a noite para a mesma Villa Rica ao mando do Alferes Manoel de Barros Guedes Madureira com ordem de sobre aquella mesma madrugada, prender os quatro cabeças, Paschoal da Silva, Dr. Musqueira, Frei Vicente, e Frei Mont'Alverne, e conduzil-os acto continuo para a Villa do Carmo. O alferes se bem o mandaram, melhor o fez. De accordo, com o Capitão-Mór de Villa Rica Henrique Lopes de Araujo, dividiu a gente para darem ao mesmo tempo nas casas de Frei Vicente, onde estava seu pae o Dr. Musqueira ; e nas de Paschoal, onde morava Frei Monte Alverne. Desta diligencia, por ser mais perigosa, encarregou-se o Alferes Barros ; e, lá chegando, sem dizer palavra, foi deitando duas portas a baixo, e penetrando no interior, onde Paschoal se achava com quatro negros armados em attitude de resistir, e o Frade a tremer como varas verdes. Vendo que seria improficua a opposição, pois foi de se notar com extranheza o medo, que esses rebeldes tinham da morte, entregaram-se. O Dr. Musqueira e o filho portaram-se como cordeiros á voz do Capitão-Mór, a quem abriram as portas. Conduzidos á cadeia do Carmo, que, desde 1717 já era no largo da Matriz (hoje Sé), o Conde não quiz confial-os senão ao mesmo Alferes Barros, que era um militar conhecido, seu companheiro nas ditas guerras chamadas da successão de Hespanha.

Emquanto estas cousas se passavam para os lados de Villa Rica, onde mais prisões não se effectuaram por falta de força sufficiente, o Conde mandou aos Monsús agarrar o Sargento-Mór de Batalha ; e fel-o partir sem detença alguma para o Rio de Janeiro, escoltado por soldados fieis, com ordem de seguirem viagem pelo caminho do rio de Miguel Garcia e da Itaverava a sahirem nos Carijós, onde se encru-

zilhavam os caminhos de Villa Rica e aquelle. (1) Estes acontecimentos se deram na noite de 13 para 14 de julho, isto é, na mesma, em que se avisou ao Conde ia-se amotinar o povo para o enxotar do governo e das Minas. Pela proposta do Monte Alverne, porém, collige-se não estaria assentada aquella noite definitivamente para o motim.

Combinando-se, comtudo, este facto com a carta de aviso, que enviaram ao Conde, só podemos explicar o contrasenso, si dermos credito ao açodamento, que os paulistas mostravam em surprehender os tramites da revolta. Effectivamente o Conde, vendo-se hostilizado pelos europeos, entregou-se á alliança dos paulistas, que embora na occasião já estivessem em minoria, ainda assim eram bem collocados, e figuravam como entre principaes moradores nas Minas, e muitos se conservavam nos cargos.

O Desembargador José João Teixeira Coelho, historiador official, diz: «... porém os homens antigos da Capitania de Minas affirmam, que esta reincidencia fôra fantastica, e imputada por alguns paulistas inimigos irreconciliaveis dos Europeos.» Em que pése a Teixeira Coelho, não admittimos em tudo a sua hypothese. O Conde, apertado e procurando todos os meios de aplacar a revolta, não a inventaria, nem cahiria em laço tão grosseiro para invental-a a sabor de alguns paulistas, então que tantos europeos o poderiam dissuadir, desmascarando a intriga. E' possivel que se exaggerassem os factos; mas elles existiram; e tanto é assim que os cabeças não deixavam de annuncial-os, toda vez que queriam amedrontar o Conde; e portanto, se havia exaggero partia dos Europeus.

O certo é que na noite de 14 para 15 de julho, em consequencia das prisões, a Villa Rica esteve em alarma, e nunca visto tumulto. Os motineiros mataram um sujeito, que suppunham ser quem se communicasse, feito espião, com o Conde; e, se unindo aos mascarados, que desceram do Morro do Ouro Podre com immenso bando de negros armados, pois só Paschoal dispunha de tresentos, atordoaram a povoação, disparando bocamartes, arrombando casas, e bradando alto, que todo aquelle que no dia seguinte não os acompanhasse para irem soltar os presos na Villa do Carmo teria de ver a sua casa queimada, se não estivesse dentro para ser morto: e, tal fosse o caso, queimariam a Villa.

Achando os amotinados nessa noite mui poucos moradores em casa, visto haverem-se evadido para não comparti-

---

(1) Leia-se sobre as prisões a Patente de Manoel de Barros e a de Henrique Lopes de Araujo (Rev. Arch. Publ. Min. An. IV. Fasc. I e II, Jan. a Jun. 1899).

Carijós é hoje Queluz.

ciparem do barulho, passaram a dar buscas, e ao proprio vigario da Parochia e da Vara, o conego Antonio de Pina, ergueram da cama, e o intimaram a lhes abrir a Matriz, onde entraram e nos proprios altares examinaram, si estariam atraz os que desejavam encontrar.

* *

Com a noticia destes disturbios, o Conde convocou a Palacio os principaes do Ribeirão e lhes expoz a clamorosa situação da Villa Rica, ameaçada de ficar convertida em cinzas. O temor do Conde ahi não batia certamente em falso. Paschoal da Silva não era em verdade um potentado qualquer; dispunha de centenas de combatentes de sua propria administração; e tinha um sequito egualmente poderoso de parentes, de compadres, e de amigos. Soffrendo principalmente por uma causa de interesse commum, a sua força material e moral não havia com que fosse contrastada. Dominava como soberano a serra e a comarca de Villa Rica, e dispunha de muitos potentados seus amigos na do Rio das Velhas. O Conde em virtude recebeu cartas do capitão-Mór de Villa Rica, e de outras pessoas pedindo-lhe soccorros immediatos e urgentes.

A Villa estava a beira, diziam, de ser arrazada pelo fogo; na Serra estava João da Silva com toda a sua legião de negros e camaradas em pé de guerra, esperando sómente os reforços, que tinha mandado buscar do Rio das Velhas; e assim como João da Silva, se apostavam muitos outros poderosos amigos dos presos. Na Villa por si o Conde só tinha alguns moradores medrosos, que della se retiravam.

A' vista do exposto, os presentes á Junta em Palacio declararam que tempo não havia de todo a perder; e que, portanto, se enviassem á Villa Rica os soccorros pedidos; fazendo o Conde seguir o esquadrão de Dragões a cavallo, reunido a um grande numero de negros armados e paisanos, que elles lhe forneceriam. Como já disse, os paulistas do Carmo lá estavam todos ao lado do Conde, desde que se persuadiram do plano dos sediciosos; pois, temiam a hypothese de segunda Dictadura, ou de qualquer Governador intruso, que lhes renovasse a triste conjunctura despotica outr'ora já experimentada no levantamento de 1708. As feridas não se haviam ainda por completo cicatrizado, e se lembravam com horror da violencia, com qne foram expulsos das Minas, e expoliados dos bens naquelle caso funestissimo á sua parcialidade. Estando pois em accordo com elles sobre as medidas energicas a tomar, o Conde, a primeira foi mandar á cadeia declarar a Paschoal da Silva, que visto ter sabido que seu filho João da Silva á frente de seus escravos e saquazes andava nos motins; e que todo o Morro se achava de prompti-

dão para renovar as façanhas, tomaria de sua pessoa as represalias, de quanto mal fizessem á Villa Rica. Atemorizado Paschoal deu ao Capitão de Dragões José Rodrigues de Oliveira uma carta para entregar a seu filho, e em ausencia deste a seu primo Francisco Xavier, ou a Pedro de Barros e a mais duas pessoas em ausencia desses, ordenando-lhes que fizessem retirar dos motins todos quantos lhe pertencessem. Referiu Paschoal o perigo de vida, em que se achava nas mãos do Conde.

Já então este dispunha de forças, uma vez que a questão se converteu em questão de partidos. No Carmo o Coronel Raphael da Silva e Souza, o maior vulto da Villa, o Tenente General Felix de Azevedo Carneiro e Cunha, e outros muitos de dentro e fóra da Villa vieram-lhe em soccorro, sobresahindo Paulo Rodrigues Durão, que lhe trouxe do Inficionado a sua numerosa escravatura. Luiz Borges Pinto (do Rio Doce) estava ahi de passagem com muitos escravos e indios. Luiz Tenorio de Molina (do Sabará) correu a trazer forças ao Conde: assim como o Capitão de Cavallaria Francisco Rodrigues Villarinho, do Ouro Branco: e o Capitão de Ordenança de Villa Rica, Antonio Ramos dos Reis. (1)

Reinóes, só os militares de linha se acharam neste exercito: e poucos outros rarissimos tomarem o partido do Conde. Esta versão caracteriza-se de modo irreductivel sabendo-se, que, entre os combatentes a favor do governo, estava o conhecido Jeronimo Pedroso de Barros; e nada mais ha que se lhe diga.

Vendo-se pois cercado de forças, o Conde declarou, que, para não estar longe da luta e poder acudir a qualquer accidente imprevisto de maior tomo, estava resoluto a partir com as tropas; e convidou os presentes a seguil-o.

Partiram pois o Conde e alguns companheiros á frente de 1.500 homens, (16 de Julho) e fizeram a sua entrada ás 11 horas do dia em Villa Rica. Escriptores, entre os quaes o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, affirmam que o Conde trouxe comsigo os presos; mas no *Discurso Historico Politico* omitte-se tal circumstancia, aliás importante.

A Villa Rica todavia se encontrou em paz. Muitos rebeldes desgostosos com a contra ordem de Paschoal tinham-se retirado para sublevarem o Campo.

As pessoas pacificas sahiram pois e livremente a receber o Conde, que lhes exprimiu seus dessabores, e que esperava ser coadjuvado pelos leaes servidores de Sua Magestade.

---

(1) Vejam-se as Patentes na mesma Rev. do Arch. Publ. Min.

*
* *

Ao apear-se o Conde soube logo que Philipe dos Santos andava a subverter os povos da Cachoeira, e de outros arraiaes do campo, como se disse ; e que no Morro do Ouro Podre ainda se conservavam bandos armados em espectativa dos successos, que se esperavam do Rio das Velhas.

Nesta comarca, porquanto, achava-se em Sabará o não menos terrivel popular Thomé Affonso Pereira, que o Conde em sua carta, de 21 de Julho, ao Rei qualifica pelo que mais façanhudo foi dos revoltosos, homem que fez cousas inauditas. (1) E para maior cuidado sobrecarregar o Conde no dia seguinte corriam boatos de se haver tambem amotinado o Carmo na noite de 15 para 16.

No Rio das Velhas mascarados, subindo de Macahubas, vieram arrebanhando gente, com muitos negros armados ; e puzeram a Villa Real em sustos, deixando ella de se amotinar a esforços do Ouvidor, alli muito bemquisto, Dr. Bernardo de Gusmão, contra a cabala fogosa do Juiz Ordinario Antonio Mendes Teixeira.

O Conde prevendo isto em Villa Real, em tudo semelhante á Villa Rica, tinha para ella expedido a se reunir á Companhia de Dragões, lá destacados, o Tenente José de Moraes, seu homem de confiança. Ao chegar o tenente, informado pelo Ouvidor, que temia fazer as prisões, a primeira, que passou a fazer, foi a de Thomé Affonso, que se portou bravamente num matto, atacando a escolta com uma faca em punho, e lutando até ser subjugado. Gonçalo Gomes, assassino de José Nunes, foi na occasião tambem capturado ; mas na resistencia, que oppôz com o seu bando, muitas foram as mortes e ferimentos. Voltando o tenente a Sabará, deu o golpe de mestre, agarrando corajosamente o Juiz Ordinario Antonio Mendes e a um seu enteado com alguns mais. Mettendo-os todos na cadeia, guardou-os á disposição do Conde. Excusado é dizer que os principaes paulistas da comarca, em tendo recommendações dos seus confidentes de Villa Rica, sustentaram o governo, e desanimaram os sediciosos.

Comprehendendo que nos apuros, em que se via ; eis que de toda parte brotava a rebellião, com a Villa Rica a bem dizer em completa anarchia, com o Carmo suspeitado, com a Comarca do Rio das Velhas no estado em que a des-

---

(1) Philippe dos Santos não sabe de onde era natural. Thome Affonso era reinól. Pela amisade, porém de Philippe dos Santos a Paschoal da Silva parece que tambem era portuguez.

crevemos; e com os povos do Rio das Mortes declarando, que se alliariam alli aos de Villa Rica no tocante ás Casas de Fundição, nestes termos, e tendo já sido humilhado a não poder ser mais como Governador, além dos perdões e justificativas, a que o obrigaram, o Conde não se conteve: e tratou de vingar-se com exemplos pavorosos. Mandou por isso o Capitão de Dragões João d'Almeida e Vasconcellos, o Tenente José Martins Ferreira, e o Alferes Manoel de Barros Guedes com a respectiva companhia fossem arrazar no Morro as casas de Paschoal e de outros cabecilhas conhecidos. Em seguida no mesmo proposito enviou o Capitão de Ordenança de Villa Rica Luiz Teixeira de Lemos tambem com a sua respectiva companhia. E ao Capitão Antonio da Costa Gouvea, e Alferes Balthazar de Sampaio, moradores na Serra, ambos sob a direcção do Sargento Mór Manoel Gomes da Silva (antigo paulista povoador das Minas), ordenou que subissem para indicar as casas que deveriam ser poupadas. Querendo, porém, que o golpe cahisse de rijo e fulminante, ordenou que onde o machado se mostrasse vagaroso, empregassem o expediente decisivo dos archotes; e de facto, os negros e mais agentes de igual qualidade, entrando no arraial, como em logar aberto, passaram logo a roubar o que viam, e a beber a caxaça, que encontraram nas vendas sem grande pressa da diligencia. Ora, a casa de Paschoal, assim como as de outros cabecilhas, sobre tudo aquella, eram colossos de madeiramentos, que o ferro embalde derruiria em breve tempo. A de Paschoal nem o fogo terminaria sua obra á vontade dos executores, si não estouraram do interior barricas de alcatrão e de polvora, que deram ao horrido cataclismo o aspecto dos vulcões.

Por muito que quizeram, nenhuma casa escapou. As ventanias da serra batalharam para desobedecer a ordem, e darem ao Conde um serviço completo. O incendio durou um dia, e ruas inteiras arderam a um tempo e de lado a lado. (1) Um novo arraial depois se construiu no Morro, mas ainda este durou pouco, e só delle existem ruinas desoladas e ermas. E' que, se o clarão sinistro do primeiro se derramou na historia, o fumo em roldões intensos subiu e bradou aos céos. O que de tudo alli resta, é o nome de Morro da Queimada, e esse nome se eternisa, no meio das solidões, ligado á memoria do Conde!

---

(1) Na Patente de 11 de Maio de 1731, elevando o Tenente Manoel de Barros Guedes Madureira, diz o Rei «... quasi morreu suffocado ao fumo e ao fogo em uma rua, que por todos os lados se accendeu.»

* *

Emquanto as linguas rubras do incendio se avistavam da Villa, outras diligencias derramaram o espanto desse dia aziago e memoravel, em que se liquidaram as contas do Conde. Exclamava muitos annos depois a Mãe de Sylvio Pellico: «Meu filho, não te mettas em luta com os poderosos!» E a razão vinha da experiencia. Foram presos os lettrados José Peixoto da Silva, e José Ribeiro Dias, além de muitos outros, que não se puzeram a salvo pela fuga, e nem deixaram por isso nas Minas o primeiro estigma das tristes sedições. Diligencia alguma, porém, excedeu ao estrondo da chegada de Philippe dos Santos, com a sua corrente e algemas no meio de uma cavalgata de esbirros improvisados.

Estava o caudilho na Cachoeira a pregar a revolta no adro da Igreja, quando o Capitão Luiz Soares de Meirelles acompanhado de sequazes o prendeu, chegando-lhe bacamartes aos peitos. Foi então que elle soube dos successos, que se davam em Villa Rica.

Foi elle o agitador unico popular, o unico que sem interesses egoisticos, nem perplexidades, coloriu a revolta de causa justa, si é certo o que nos diz o insuspeito Teixeira Coelho: «... a imprudencia (diz este historiographo) dos que «tinham a seu cargo as diversas partes do governo publico, «as extorsões e as violencias, com que os mesmos povos «eram opprimidos, fizeram que, esquecendo-se das obriga- «ções da Lei Natural e Divina, e faltas de constancia para os «soffrimentos, se precipitassem a romper de mão armada o «jugo da tyrannia que os vexava.» Os potentados, que se comprometteram, não traziam com effeito o povo menos opprimido, que os funccionarios, cujo grande numero sahia quasi todo de suas fileiras. Um exactor, um fiscal, um juiz ordinario, um official ou Capitão Mór apenas houve, que não pertencesse á classe ou á roda dos poderosos. Philippe dos Santos foi o conjurado, que do povo sahiu, e que moveu o povo, para que a partida não a jogasse o Conde tão somente com os negros armados e os capangas dos cabeças, cujo procedimento vimos foi o mais vacillante e bifronte, querendo deixar em todas as circumstancias, as mais perigosas, uma sahida para a defesa. Não fosse o plebeu de Antonio Dias, pobre rancheiro (1), mas talento proprio da popularidade, aquel-

---

(1) Morava na rua de Trás da Matriz. Tinha uma casa, um rancho, e cinco escravos, Francisca Mina, João Benguella, Manoel Mina, Jose Ambu, e Thome Creoulo. Estes bens foram arrematados em Junho de 1721, em execução para pagamento do processo e dividas.

les homens não justificariam a revolta na historia nem pelas causas nem pelos fins. E' por isso que si afinal soffreram, podem nos acarear a compaixão, que é natural; mas Philippe dos Santos, além! Este homem não nos commove somente pelo coração, exalta-nos pela alma. Não foi um mediocre, foi o heroe da revolta.

Entregue ao Conde, foi logo submettido á farça de um summario, e nesse mesmo dia executado, com tal atropelamento das comesinhas formulas que o Conde mesmo julgou necessario se justificar, na Carta dirigida ao Rei em 21 de Julho, confessando ter-se feito tal condemnação contra todas as leis. «Sei que não tinha competencia nem jurisdicção para proceder tão summariamente..., mas uma cousa é experimental-o, outra ouvil-o; porque o aperto era tão grande, que não havia instante que perder,». São palavras do Conde. (1)

Muitos em accordo com a legenda creem que o ataram de braços e pernas a quatro cavallos, e estes o despedaçaram espantados pelas ruas: o que daria ao caso o rubor ao menos das crueldades classicas. A verdade, porém, é outra talvez mais repulsiva: o enforcaram, e depois o ataram á cauda de um cavallo para ser arrastado, e assim feito em despedaços. (2)

Segundo o *Discurso Historico Politico*, obra que se não é do Conde, foi innegavelmente por elle revista e corrigida, narra-se o facto pela maneira seguinte: «A' vista de sua confissão, e de ser apanhado em flagrante, foi no mesmo dia, com applauso dos moradores, enforcado e esquartejado. Dispondo Deus (que nos castigos tem alguma conformidade com os peccados) que até na morte não tivesse em si união, e lhe faltasse o descanço da sepultura, cadaver, que em vida perturbava-os mais a paz.»

Parecendo-nos obscuro este topico, si o conferirmos com a tradição, que mais de accordo vinha com a pena de morte cruel comminada aos réos de lesa-magestade, pode nos tirar da duvida a Carta patente do Capitão Manoel de Barros Guedes, passada a 11 de Maio de 1734, em que o Rei descreve o supplicio dizendo:... « e pelo seu valor e conhecido talento

---

(1) Vide a nota especial no fim do livro.

( ) O supplicio antigo era atar o paciente á cauda de quatro cavallos montados por algozes, que os tecavam, cada um para seu lado. A lenda tel-o-ia conservado, si assim fosse.

(2) E' grande engano que o espectaculo se desse na actual praça, que ainda nem sonhava de existir. O largo da Camara, onde se deu, era no fundo de Ouro Preto. Ainda cruzando e ladeiando as ruas actuaes podemos ver as ruas da Villa, por onde o corpo foi arrastado.

«foi encarregado da guarda de um facinoso, que o Governa-
«dor mandou arrastar pelas ruas e esquartejar para o hor-
«ror dos mais Regulos; e acompanhando-o até o lugar do sup-
«plicio com soldados armados pelo receio, que havia de que o
«povo intentasse embaraçar tal castigo».

Por esta exposição vemos não só que não foram tantos os moradores, que applaudiram o espectaculo; mas tambem que o suplicio teve um logar, em que se executou, e que foi guardado emquanto durava; razão pela qual preferimos a versão, que lembra a forca, tal como se lê no *Discurso Historico*.

Não poude o Conde com egual satisfacção cevar a sua colera em Thomé Affonso, embora na sua opinião fosse tão merecedor ou mais que Phillipe dos Santos. Preso, porém, e conduzido para Villa Rica, Thomé Affonso apresentou um certificado, provando como recebeu *Ordens Menores*, caso em que escapava das justiças seculares, e não podia mais sahir sentenciado sem primeiro ser deposto pelo Bispo. Ainda assim o Conde consultou ao Ouvidor do Rio das Mortes, Valerio da Costa Gouvêa se não havia meio para se illudir a imunidade.

Remettidos para o Rio, afim de passarem á Lisboa os cabeças, falleceu antes de embarcar Frei Vicente Botelho; e tambem Paschoal da Silva, depois de chegar á Europa, e de lá iniciar uma acção contra o Conde. Os mais foram comprehendidos no indulto promulgado pelo Rei.

Com aquelles golpes formidaveis, todavia não conseguiu o Conde socegar o seu governo, tão pouco a sua consciencia, como se verá.

*
* *

Os presos no Rio se communicavam com pessoas de Minas, que lá iam, e os visitavam, vindo depois espalhar boatos, que punham em tractos o Conde. Relacionados com o melhor pessoal daquella cidade, quasi toda portugueza, passavam por victimas de uma tyrania insensata. O Conde em vista disto requisitou, em carta de 28 de janeiro (de 1721) ao governador Ayres de Saldanha e Albuquerque, lhe mandasse cento e cincoenta praças de infanteria; e fizesse embarcar sem demora os presos para Lisboa. A infanteria convinha ser commandada, por um official de toda confiança, recommendação, que não foi occiosa, como parece; mas inspirada no receio do Conde de ser trahido pelos reinóes, a cujo elemento em regra pertenciam os officiaes da tropa. O embarque dos presos deveria tambem ser feito com a cau-

tella de se não consentir no Iguassú passasse nas vesperas viva alma para Minas. (1)

Pelas cartas do Conde dirigidas ao tenente José de Moraes, e a Luiz Tenorio de Molina, ambos no Sabará, vemos, que na comarca do Rio das Velhas mais viva esperança de novas sublevações se nutria. Entretanto, pela que dirigiu nessa mesma conjunctura a Eugenio Freire de Andrade declara: « Até agora o que era innocencia dos presos, e condemnação contra minha conducta pelos haver castigado, se vae trocando em dizerem todos que não era possivel ficar um caso semelhante sem castigo assentado, que assim a ida dos presos, como a vinda da infanteria é resolução de Sua Magestade. »

Destas cartas se mostra (datadas de abril) que os animos não se acalmaram, emquanto o golpe decisivo da remessa dos presos não constou, tendo sido mesmo indispensavel em tudo inculcar-se a Ordem do Rei para transformar a situação ardente em que ficaram. Os excessos a que se entregou o Conde, os actos violentos e energicos, que empregou contra os reinóes mais ricos e notaveis das Minas, a todos parecia impossivel, fossem dissimulados pelo Rei.

A cousa, porém, estava feita.

De facto, desenganados todos, ninguem mais houve que pertencesse ao partido da revolta. O Palacio encheu-se de visitas, provenientes de toda parte das Minas: e muitos pediam ao Conde certificasse-lhes a lealdade, com que se mantiveram a seu lado. Ao Conde não se admiraria que então dissessem o mesmo, que o desembargador Teixeira Coelho ouviu da tradicção auricular em seu tempo, isto é, que a reincidencia nos motins e nos attentados era calumnia assacada pelos paulistas inimigos irreconciliaveis dos europeos, como, se taes movimentos já alguma vez foi facil serem inventados ou imaginarios. Os visitantes do Conde, porém, eram portuguezes. Muitos aspiravam regressar á patria feito o seu cabedal; e não lhes convinha lá o Conde fosse delles fazer más ausencias. Outros, apezar que quizessem permanecer aqui, não se conformavam com a duvida de ficarem inscriptos no inventario negro, que seria passado ao novo governador.

Muitos têm dito, que o Conde, terminada a sua homenagem em agosto de 1721, e logo que chegou á Metropole, El-Rei desgostoso pelas suas violencias e tyranias, o mandou submetter a processo de responsabilidade, como si tal acção naquelle regimen coubesse; ou si o Rei precisasse de taes formalidades para punir os seus servidores desleaes. Segundo a jurisprudencia do tempo, si os particulares offendiam

---

(1) Iguassú era um ponto de Registro.

ao poder publico, eram sim, processados *ex-officio*; mas se as offensas partiam deste contra aquelles, a estes cabia a sua acção por queixa de injurias ou damnos. Foi isto o que se deu. Paschoal da Silva era rico, Musqueira formado, e Monte Alverne frade: e pois por si tinham toda a influencia e prestigio das classes.

Paschoal, portanto, foi quem requereu contra o Conde; mas, fallecendo, a instancia extinguiu-se, e o processo parou, sem quem o movesse.

O que não padece duvida, é que o Conde se viu obrigado a defender-se perante os seus conterraneos em Portugal, escandalizados com a noticia flammante dos acontecimentos, defesa, que nos deixou no *Discurso Historico politico*, ao qual hoje se daria o nome de *pamphleto* destinado a fazer opinião. Laudatorio a mais não poder ser, gongorico e difuso, conforme o gosto litterario da epocha, tira-nos esse folheto, comtudo, um peso de sobre nossa alma, para não se nos dizer que, naquelles tempos de nossos maiores, podiam os despotas desdenhar á sua vontade o juizo da opinião, sem que soffressem ao menos a censura moral de seus crimes. De mais, se é certo que o Conde passou por tantas inquietações de espirito, e tanto se affligiu na luta, que lhes moveram, força é admittir que o absolutismo já não tinha então o privilegio das serpentes para passar o corpo por onde passava a cabeça. Não foi, portanto, um tyranno de caracter tão insensivel, nem o meio, em que viveu foi tão subserviente e passivo, como agora se queira entender. Com os seus 40 ou 50 soldados de que dispunha, com parte dos quaes esteve em Villa Rica, unicos de que ha noticia no grande choque da revolta, claro é tambem, que nada teria feito, se um partido forte não o soccorresse com elementos armados. Elle, portanto, se uniu a uma parte consideravel do paiz, parte na qual devemos contar os paulistas, cujo direito de intervenção na politica de seu tempo foi irrecusavel. Ora, o que hoje não podemos julgar com imparcialidade, é se os paulistas obraram bem, ou mal, impedindo a formação de uma nova Dictadura de reinóes, cujas consequencias para o futuro tambem não sabemos si seriam preferiveis. A consequencia peior seria incontestavelmente o esmagamento do partido paulista, que já não era um partido composto de bastardos e carijós, cuja ferocidade o mesmo Bento Fernandes profligou em sua memoria. No tempo do Conde o elemento paulista, embora menor, se compunha dos moradores mais notaveis e conspicuos das Minas, como bem se provou no governo de D. Braz.

Para julgarmos, portanto, a situação do Conde convém, visto que não podemos fazer aquelle mundo reapparecer, voltarmos a elle, como simples viajantes em paiz longinquo, estudando as cousas e os homens em seu meio, e não os querendo prejulgar segundo as nossas idéas, nossos costumes,

nossos sentimentos e moralidade ; a menos, que em logar da historia ponhamos a vida de figuras romanescas.

Já não escrevemos, como Herodoto, para as recitas ao ar livre dos jogos e das Panatheneas ; pois a historia não é mais a encenação emotiva do maravilhoso tendente ao furor patriotico de nossos ouvintes. Desde Thucydides, nosso primeiro Mestre, só a verdade dos factos educa.

As Minas, como a Colchida, tiveram o seu vello de ouro defendido pelo dragão, que não dormia, e por touros, que vomitavam chammas. Os bandeirantes paulistas foram os nossos argonautas. Depois, como a Licia, viram-se ellas devastadas tambem por uma Chimera, que tudo destruia. (1) Ora, a nossa Chimera, aqui como lá, foi o monstro da anarchia, felizmente subjugada á força dos elementos conservadores, que reagiram, e triumpharam pelo apoio realmente legitimo dos paulistas.

O governo de D. Braz Balthazar da Silveira, sem soldados, foi um campo de experiencias á cultura dos motins e sublevações. O Conde não esteve pelo mesmo papel. Tendo-se enchido de razões, apanhou a luva, e lutou ; mas uma luta de Centauros, como se póde fazer idéa dessa epocha, em que Europeus e Paulistas, indios e negros, sobretudo, os mamelucos davam á sociedade um aspecto de meio-humana e meio-bruta. E a missão historica do Conde foi essa, a de firmar o principio da auctoridade em bases independentes, e o regimen da lei acima das paixões. Não fosse na repressão da revolta de Villa Rica o superfluo de atrocidades, que a sua indole violenta não poupou á Justiça, o titulo de tyranno, que a historia lhe reservou, seria lembrado apenas pelos declamadores.

Entretanto, os mesmos que o denigrem, não podem negar, que, se Lourenço de Almeida, seu successor, conseguiu um periodo fecundo e pacifico para encetar a éra mais brilhante da Grandeza das Minas, o principal foi achar desenganados os instinctos anarchizadores, e desbravado o caminho seguro da auctoridade.

Obrigado, emtanto, a se justificar, os apuros, em que se viu, o levaram a imputar aos revoltosos o projecto de formarem aqui uma republica absoluta, invectiva de que os paulistas já se haviam lembrado contra os reinóes e que ainda não cançou de ser o recurso terrorista dos partidos em toda fórma de governo.

Na chronica dos *Emboabas*, portuguezes genuinos, nem um traço de tal idéa se encontra, digno de attenção e menos ainda nesta dos revoltosos de Villa Rica.

---

(1) A Chimera foi um monstro, uma parte bode, outra parte leão, e o resto dragão ; mytho perfeito tambem para as Minas, dominadas pela luxuria, pela força despotica, e pelo fanatismo.

Na pratica pouco importa saber em que epocha, ou de que modo se iniciou a idéa da republica, mas a historia tem o dever de julgar os homens e os factos, tomados na suá origem mais remota.

Apertado o Conde para dar contas em Portugal de haver combatido e castigado portuguezes, elemento que lá se suppunha o fiel, como interessado na conservação da Colonia, acertou de perfilhar a invectiva dos paulistas, e no seu officio de 21 de Julho de 1720, affirmou : «... descobriu-se finalmente o intento no maior dos Cabeças, que era formar uma republica neste governo, expulsando-me delle, e a todos os Ministros d'El-Rei, e não tornar a admittir nenhuns outros que se mandassem.»

Analyzando-se este trecho vemos que o Conde não diz positivamente, como convinha : «intento do maior dos cabeças, e sim *no* maior.» Naquelle caso cumpria-lhe declarar e não declarou qual fosse. Paschoal, esse tinha bastante dinheiro para se justificar, e declinado o seu nome, faria com que o Rei exigisse o motivo, porque o enviaram deportado politico sem processo, nem documento algum, que abonasse a imputação. Philippe dos Santos, por sua vez, tendo sido pronunciado no Summario, nem uma linha deste se refere a tão negregado intento.

Qual, pois, seria o cabeça, que não esses dous unicos revoltosos havidos por taes em toda a marcha da rebellião ?

Dir-se-á que o Conde só disso teve conhecimento á ultima hora. Mas o supplicio de Philipe dos Santos teve logar em 19 ou 20 de Julho, e o officio do Conde foi de 21, uma pagina a bem dizer do summario.

No *Discurso Historico*, peça de defesa, e obra evidente de sua inspiração, lemos: «...elles, destruindo as leis do Monarcha, queriam pôr outras a seu arbitrio, e levantar-se rebeldes com o dominio de Sua Magestade, tratando com escandalosa e infame publicidade de erigir uma republica neste governo. » No officio nem se quer o nome do culpado se declinou e a republica foi simples intento, que á ultima hora se descobriu no maior dos cabeças ; ao passo que no pamphleto a republica já foi do programma revolucionario publica e escandalosamente apregoada !

Demais, si tal increpação, a ser verdadeira, podia de modo decisivo confundir os censores do Conde, crime de Lesa-Magestade, nem em documentos, nem em parte alguma se invocou, tendo podido aliás só por só justificar, segundo as leis vigentes, os actos e até os louvores do energico defensor da ordem.

Assim, pois, forçoso é dizer ; nem em documentos escriptos, nem em testemunhos verbaes, podemos attribuir aos revoltosos da Villa Rica a precedencia em tal idéa.

A tradição auricular, embora fonte alteravel, póde ser arguida por metamorphoses, nunca por omissões dos factos

principaes. Emtanto, conservando viva a memoria dessa revolta, nem de leve ao menos ligou-a até o presente á concepção da republica. Pelo contrario, no curto espaço de duas gerações, consentiu, que os direitos dessa primogenitura pertença de modo inequivoco aos inconfidentes de 1789.

Comtudo, si o Conde, para se habilitar perante os contemporaneos e grangear a estima do Rei, attribuiu a suas victimas tal iniciativa, não previu o resultado de sua imprudencia. Pensando fazel-as execraveis, teceu-lhes para mais tarde a palma da immortalidade; e dos supplicios, que ellas soffreram, fez holocaustos, em que nem de longe puzeram a mira.

PARTE III

ADDITIVOS E NOTAS

I

A pena de Morte

Em officio de 8 de Maio de 1730 o Governador da Capitania de Minas Geraes diz á Sua Magestade que por vezes lhe tem representado os muitos e continuos delictos que estão fazendo nestas Minas os bartardos, carijós e negros; porque, como não veem o exemplo de serem enforcados; e a justiça, que nellas se faz na Bahia, não lhes consta, são demasiadamente matadores, pela qual rasão pedia á Sua Magestade fosse servido que os Ouvidores das Comarcas com o Governador os podessem sentenciar; e esta mesma conta tambem a deu a Camara de Villa Rica; e foi S. M. servido que elle (Governador) informasse sobre ella, e dos Ministros que podiam assistir á esta Junta; o que fez em carta de 20 de Maio de 1726, representando á S. M. que podiam ser adjunctos os quatro Ministros das Comarcas e mais algum Ministro, que se deixou ficar nestas Minas; e tambem pode ser o Provedor da Fazenda Real, e como S. M. mandou novamente, que no Governo de S. Paulo houvesse esta Junta para o Ouvidor poder sentenciar a morte com adjunctos, e executarem-se as sentenças; porque só assim remedeia-se tanto damno, põem na Real noticia de S. M. o ser ainda mais precisa nestas Minas esta Real Ordem de S. M. porque nellas são mais continuos os delictos; porque sempre estão as estradas cheias de negros ladrões e matadores, e é preciso que se castiguem com pena de morte executando-se nestas Villas para exemplo dos mais negros; porque não havendo castigo podem ir crescendo em tanto numero, que venham a dar o mesmo cuidado, que deram nos Palmares em Pernambuco, além das muitas mortes, que fazem carijós e bastardos.

*
* *

Em outro officio de 10 de Junho de 1730, diz á S. M. que os negros destas Minas tem feito taes disturbios e delictos em todas as Comarcas, que tem chegado a matarem muitos viandantes pelas estradas os ditos negros fugidos, que vivem em quilombos com maior ou menor numero, conforme se ajuntam ; mas sempre negros bastantes para fazerem toda casta de insulto, os quaes não somente roubam por estradas, senão matam os roubados ; e a causa de a tanto se atreverem, é porque nestas Minas não se lhes dá o ultimo supplicio ; que os intimide ; e proximamente mataram uns negros á seus Senhores pela qual causa todos estes povos clamam para serem justiçados ; porque sem fazer este preciso exemplo ninguem deixa de viver com grande risco entre os seus negros.

*
* *

Por estas duas cartas fica provado, á mais não ser possivel, que em Minas até 1730, pelo menos, nenhuma auctoridade tinha attribuições para sentenciar a morte, nem mesmo aos escravos, que matavam os Senhores. Os réos aqui pronunciados eram remettidos para a Bahia, onde a Relação os julgava. Só em Ordem de 23 de Fevereiro de 1731 mandou o Rei que os réos fossem sentenciados por Junta dos Ministros de todas as Comarcas presidida pelo Governador ; lei que foi publicada com todo o apparato por Bando de 12 de Junho daquelle anno. Deve-se porem notar que os brancos, reinóes, e em geral os nobres continuaram á ser julgados e executados na Bahia.

Fica assim explicado o motivo, porque só lá o Coronel Leitão foi executado ; e os apuros em que se viu o Conde d'Assumar para se desculpar do supplicio imposto á Philippe dos Santos.

Assim fica justificada a nota da pagina 206, e a historia esclarecida em muitos pontos.

II

Officio de Antonio d'Alburquerque

(Copia) «Senhor ! Pela carta junta cuja copia com esta faço presente a V. M. que foi servido encarregar-me o Governo de S. Paulo e Minas de Ouro em que farei muito por satisfazer a minha obrigação, fico de partida para as ditas Minas, sem mais demora que a precisa para se aprompatarem algumas embarcações em que hei de passar a Santos e dahi a S. Paulo, onde me parece conveniente ir em primeiro logar a tomar posse e a persuadir aquelles povos a sua obrigação, ouvindo-os, e compol-os para poderem com os forasteiros das Minas viverem conformes como V. M. deseja e

é servido mandar-lhes advertir; e logo passarei as Minas aonde hade ser a minha maior existencia para haver e tratar algumas povoações. Ao Arcebispo da Bahia darei toda ajuda e favor para a expulsão dos ecclesiasticos, tambem ao Bispo desta cidade; porém, não terá remedio este prejuizo em quanto V. M. não ordenar, que se lhes confisquem os bens para as suas Religiões, e aos clerigos para a Sé desta cidade. Os que entram da Bahia Pernambuco são os mais prejudiciaes e absolutos perturbadores, e de máo exemplo. O Bispo desta cidade se anima a passar comigo as Villas de S. Paulo, a que o persuadi por ter lá muito que fazer.

Pelo que pertence á boa arrecadação dos quintos consultarei com aquelles povos o meio mais suave e resolverei o que for mais conveniente fazer, porém, sempre dependendo da Real a ultima determinação de V. M. e é sem duvida que as tres partes dos quintos se desencaminham por mais cuidado que se poem nelles.

Sempre convinha que nestes principios assistissem da minha guarda algumas companhias de soldados e officiaes desta cidade, emquanto se estabelecia a fórma em que se devem conservar aquelles povos e governar com terror e respeito a quem os manda: e como nestas Minas se acham tres companhias com 100 soldados destes terços, que foram com o Mestre de Campo Gregorio de Castro Moraes, determinei que fiquem por ora emquanto se não levanta novo terço para o qual é necessario primeiro haver consignação feita para sua despesa que até agora não ha, e na eleição dos postos farei o que V. M. me ordena e de tudo que achar e me succeder em S. Paulo, e nas Minas darei parte a V. M. pela via que mais brevemente possa chegar a V. M. e sempre me portarei nestas diligencias tão importantes com aquelle zelo que em todas do serviço de V. M. me tenho havido, não sabendo poupar-me nem faltar á minha obrigação e ainda quando me tenha desvanecido a confiança que a Real Grandeza de V. M. põe neste seu leal vassallo. Guarde Deus a Real Pessoa de V. M. Rio de Janeiro 3 de Abril de 1710. Antonio d'Abuquerque Coelho de Carvalho.»

III

Carta de Padrão de Manoel Nunes Vianna

Dom João por graça de Deus Rei de Portugal &. Faço saber aos que esta minha carta de Padrão virem que por parte de Miguel Nunes de Sousa me foram apresentadas tres portarias com tres verbas nellas postas, tudo do theor seguinte:

«Por despacho de S. M. de cinco de Abril de mil setecentos e vinte e sette. — El-Rei Nosso Senhor tendo respeito aos serviços de Manoel Nunes Vianna, filho de Antonio Nunes Viegas, e natural da Villa de Vianna do Minho, feitos nos postos de Capitão Mór e Mestre de Campo commandante da guerra do Gentio do Rio de S. Francisco e Ribeiro do Rio Grande, desde o anno de 1703 até o de 1724, impedindo as hostilidades, que o inimigo barbaro fazia, não só roubando, mas matando; e pela rigorosa guerra, que lhe fez os intimidar e destruir de maneira, que temerosos se retiraram para o sertão, deixando aquella Ribeira livre e desembaraçada para o commercio dos vassallos e cultura dos campos, e nos sertões do Rio de S. Francisco ter executado todas as ordens, que lhe foram dadas pelos Governadores Geraes, fazendo prender muitos facinorosos, que commettiam insultos, franqueando as estradas para passo seguro dos commerciantes das Minas, evitando com o seu cuidado as violencias e mortes acostumadas a acontecer na liberdade daquelle sertão, que tambem defendeu de quadrilhas de ladrões, que roubavam aos que vinham das ditas Minas, e levantando-se nellas uma perigosa guerra com os paulistas o obrigaram a acceitar o governo dellas, e o mando do exercito, que se formou contra aquelles povos, e pelo castigo das armas os reduziu á obediencia das leis de S. M., e das suas Reaes Ordens, gastando nas campanhas uma larga fazenda, e receber em uma dellas tres balas, conseguindo-se por seu valor e do respeito que tinha conciliado entre aquelles povos, o beneficio da paz e a introducção dos Ministros para a administração da justiça, e com a noticia, que teve da chegada de Antonio de Albuquerque Coelho ao Rio de Janeiro, que ia provido no governo das ditas Minas, o mandar avisar do estado d'ellas, insinuando-lhe se não detivesse para lhe entregar o Governo com a paz e socego, que muitos dos moradores não esperavam, e lhe pedir licença para retirar-se ao Rio de S. Francisco, onde tinha sua casa, para onde com effeito se recolheu como occulto, por não querer o povo consentir que elle largasse as Minas, pelas boas disposições que nelle experimentaram, assim no governo dellas, como no das Armas, em consideração do que, e em satisfacção dos ditos serviços Ha por bem fazer-lhe mercê de cem mil réis de tença effectiva em um dos Almoxarifados do Reino em que couberem sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição com o vencimento na fórma da ordem de S. M. dos quaes serão de sessenta mil réis para elle Manoel Nunes Vianna, tendo-se com o habito de Christo, que lhe tem mandado lançar, e quarenta mil reis para o filho que dentro de um anno nomear, dos quaes lograra tambem o titulo de habito de Christo, que lhe mandará lançar, e para elle Manoel Nunes Vianna da Alcaidaria Mór da Villa de Maragogi, e de propriedade do officio de Escrivão da Ouvidoria do Rio das

Velhas, e pelo que respeita a ser provido nalguns dos postos militares, que requer, terá S. M. toda attenção que pedem os seus merecimentos e serviços na occasião, em que os houver de prover. Lisboa Occidental, 7 de Abril de 1727. Diogo de Mendonça Corte Real.—Por despacho de S. M. de 17 de Abril de 1727.

Em consequencia d'essa portaria acima transcripta Manoel Nunes Vianna requereu e obteve, por despacho de 14 de Maio de 1727, que, dos sessenta mil reis de tença, se repartissem quarenta e oito, isto é, vinte e quatro a cada uma de suas filhas Maria Olinda da Solidade e Quiteria Perigrina de Jezus, educandas do Convento de S. Domingos das Donas da Villa de Santarem, nomeação esta que fez em Lisboa a 12 de Maio do dito anno de 1727: o que significa assás a improcedencia dos que escreveram a respeito das prisões e castigos que soffreu.

Em virtude da Portaria supradita Manoel Nunes, dentro do anno, como lhe era facultado, nomeou para o habito de Christo e tença de quarenta mil réis a seu filho Miguel Nunes de Sousa, nomeação que foi approvada por El-Rei em portaria de 19 de Janeiro de 1728.

Por Alvará de 23 de Fevereiro de 1728, concedeu-lhe o Rei tomar posse por procurador da Escrivania da Ouvidoria do Rio das Velhas, por estar muito pesado (gordo) e não poder viajar da Bahia para o Sabará; mas essa posse depois que se extinguisse a provisão por 3 annos concedida a Antonio Pereira Jardim.

IV

Congonhas

O Dr. Claudio Manoel da Costa, e seus subsequentes imitadores, inclusivé o desembargador Teixeira Coelho, e o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, como em seu tempo já não alcançaram logar com o nome de Congonhas, outro que não o Arraial actual de Congonhas do Campo, tiveram a infeliz idéa de emendar os velhos documentos officiaes e os

mais antigos escriptores, que collocam a 4 leguas de Ouro Preto o sitio das Congonhas, no qual se deu o encontro de Manoel Nunes Vianna com o Governador do Rio de Janeiro D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre. Como aquelle Arraial fica a 8 leguas de Ouro Preto, substituiram o 4 por 8 em suas narrativas.

Era uma das muitas cousas, que nos preoccupava na historia, conciliar a repugnancia dos factos, desde que se perfilhasse a versão do Dr. Claudio. Effectivamente, como seria verosimil e digno de fé, que Manoel Nunes de um dia para outro marchasse com quatro mil homens, sem levar o sufficiente para transpor 8 leguas? De mais, os documentos officiaes datados da mesma éra, assim como todos os antigos, um dos quaes a carta da Camara do Tamanduá dirigida á Rainha D. Maria 1.ª dizemos, todas essas fontes, sem discrepancia assignam as 4 leguas. Um escriptor contemporaneo, o Sr. Conselheiro Pereira da Silva, quiz resolver a questão, descobrindo um arraial de Ouro Preto mais antigo, e este daqui distante 4 leguas em direcção a Congonhas: emenda peior que o soneto: porque, além de ser inalteravel a memoria da fundação deste Ouro Preto aqui mesmo perto do Itacolomi, e á beira do corrego, que lhe deu o nome de Ouro Preto, muito mais razoavel seria imaginar um arraial de Congonhas mais antigo, que o actual, a 4 leguas para cá em direcção a Ouro Preto.

Ora, esta seria a verdadeira hypothese, como é, e passamos a demonstrar com a seguinte carta de sesmaria lavrada em 1711, a 14 de julho, por Antonio de Albuquerque: «Havendo respeito ao que em sua petição me enviou a dizer Miguel Barbosa Sotto Maior, que elle havia sette annos possuia uma roça, abaixo das Tres Cruzes, junto ao *ribeirão das Congonhas*, entre João Lopes e Manoel Barreto &. Hei por bem &.»

Nem os documentos, nem os historiadores falam em arraial e sim em *Sitio* das Congonhas: e, pelo roteiro de Antonil, escripto na epocha de D. Fernando, vemos que o logar, onde se acha o actual arraial de Congonhas do Campo, não passava ainda de simples roça.

Se de Ouro Preto ás Tres Cruzes (Velhas) que ficavam na vertente opposta do Morro das Tres Cruzes, a distancia é de duas leguas, mais ou menos, temos que ir adiante mais duas, e ahi encontraremos na margem do ribeirão das Congonhas o sitio, em que se deu o encontro. Nós o acharemos no sitio do arraial hoje chamado Chiqueiro de Fóra, que foi sempre um pouso de tropas no antigo caminho do Rio. Ou ahi, ou perto d'ahi. (1)

---

(1) « Sebastião da Rocha Pitta. Historia da America Portugueza diz que os Emboabas foram esperal-o (a D. Fernando) no sitio das Congonhas a 4 leguas do arraial de Ouro Preto».

O Sr. Dr. Francisco Lobo Leite Pereira, emerito investigador da nossa historia, dando pelo absurdo, que sahia da versão do Dr. Claudio, quiz corrigil-o; mas enganou-se tambem, quanto ao ribeirão, que elle suppoz fosse o que passa pelo Rodeio e desce a encontrar o rio Maranhão, que banha o arraial de Congonhas do Campo. Além de que esse ribeirão fica a mais de 4 leguas de Ouro Preto, o que se chama das Congonhas na Sesmaria de Miguel Barbosa Sotto Maior, nasce na vertente norte da Serra, e desce pelo Chiqueiro, e pelos campos do Falcão a desaguar no rio outr'ora chamado Miguel Garcia, hoje Gualaxo do Sul: este tributario do Rio Doce, aquelle do Paraopeba, em vertentes oppostas.

A confusão do Dr. Francisco Lobo Leite Pereira, provém do nome de Congonhas. Assim, como toda a região de Matto-Dentro (região florestal) chamou-se *Cahúeté* (Mattas), por não lhe haver mistura alguma de campo: assim tambem se chamou *Congonha* toda a região dos Campos Geraes. Exemplo: o arraial do Cahetê (arraial da Matta) o nome da região foi por elle absorvido e desappareceu para ceder ao de Matto-Dentro. O mesmo succedeu com o de Congonhas do Campo, e com a respectiva região hoje dita o Campo, ou Campos Geraes.

Os indios chamavam um campo limitado *nú*, mas a uma grande extensão de campo chamavam *cahã-nhonha*, isto é, *matto-desapparecido*, paiz onde some o matto. Havia *Congonha* (não Congonhas, que isso de plural é nosso) havia Congonha do Sabará, Congonha do Serro, do Araxá, (1) e tambem Congonha do Ouro Preto, que os antigos traduziram depois por Campo de Ouro Preto, como se lê em Antonil. Este Campo ou Congonhas de Ouro Preto é justamente a região banhada pelo ribeirão da Sesmaria supradita: é o campo onde havia o sitio das Congonhas, em que se deu o famoso accidente dos Emboabas e D. Fernando.

IV

O Caminho Novo

Garcia Rodrigues Paes, sertanista abalizado, sahindo do seu ribeiro, onde lavrou com João Lopes de Lima (Praia de Santa Thereza), tendo estudado com outros paulistas a

---

(1) *Ara, luz, xá ver* : Oriente.

posição meridional do Rio de Janeiro, tomou a si a empreza, que Arthur de Sá lhe incumbiu de abrir uma picada, que sahisse da Borda do Campo e acabasse na raiz da Serra do Mar. Assim o fez, e communicou ao Rei o seu descobrimento.

Em 1701, por Carta de 16 de Novembro, S. M. pediu a Arthur de Sá lhe desse noticias a respeito deste serviço.

Garcia Rodrigues, em 8 de Junho de 1703, dirigiu ao Governador D. Alvaro o seguinte *Memorial:*

«Senhor! Poderá V. S.ª informar e certificar á Sua Magestade, a quem Deus Guarde, que seu muito leal e humilde vassallo Garcia Rodrigues Paes tem mudado sua casa e familia de S. Paulo sua patria para esta Cidade do Rio de Janeiro, só afim de facilitar o caminho, que tem principiado para os Campos Geraes, e as minas de Ouro do Sabárábuçú, e que para commodar a dita sua familia e preparar a sua jornada para as Minas se deteve até o mez de Julho; e por causa de lhe fugirem quasi todos os seus escravos, e por sua limitação não tem acabado o caminho; e assim pretendia continual-o, indo e vindo, por elle, até que vendo-se a brevidade e facilidade com que elle vae e vem pelo dito caminho, sirva com alguns, se animem os mais a proseguil-o, e que se conseguir hade gastar todo o seu cabedal; por que só elle fale a utilidade que tem para a gente desta terra e principalmente para a Real Fazenda, descobrindo-se todos os haveres, que estão occultos; pois si o dito Garcia Rodrigues não fosse capaz, não abrira o caminho de S. Paulo para as Minas, e povoar quasi todo aquelle sertão tão agro no principio de mantimentos por tempo de 25 annos até que a noticia do ouro e cambio os facilitasse para todos como hoje vão e vem; e que se S. M. concorresse com ajuda para a dita abertura com muito pouco tempo o havia continuar, ficaria perpetuo, communicando-se pelo sertão com S. Paulo e Bahia, sem risco do inimigo no mar, e se extenderia por creações; e que na Parahiba, que é o meio da jornada, tem já elle Garcia Rodrigues Paes gente effectiva com mantimentos e principio de creação, e por não deixar sua casa tão distante de quem lhe celebre os sacramentos, a não deixa logo na Parahiba, e que tambem poderá assegurar sem encarecimento algum que está sustentando a dinheiro mais de cem pessoas, o que supposto em toda parte sempre hade seguir sua real vontade como sempre.

Rio de Janeiro, 8 de junho de 1703.—Garcia Rodrigues Paes.»

Este memorial foi remettido á Côrte com o seguinte officio de D. Alvaro:

«Senhor! Provisei a Garcia Rodrigues Paes repetidas vezes para a sua jornada para as Minas e assistir na sua occupação, que V. M. lhe fez mercê, e como se determi-

nasse a ir buscar sua mulher e familia para esta terra, esperei que se recolhesse a ella, o que feito lhe tornei advertir a mesma diligencia, para onde vae logo com toda a brevidade; e lhe ordenei me fizesse sua informação sobre o estado, em que está o seu caminho, a qual é a inclusa, que faço presente a V. M.; e a noticia, que particularmente acho é que o mesmo Garcia Rodrigues Paes está com muito poucos cabedaes e escravos para poder acabar o seu caminho, e se entende que sem entrar ajuda de V. M. que se não poderá conseguir cousa tão util e necessaria para maior segurança e arrecadação da fazenda de V. M. a quem Deus Guarde, etc. Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1703.—D. Alvaro da Silveira e Albuquerque.»

Effectivamente assim era. Para se concluir o Caminho Novo fez-se mister que o Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, parente proximo e amigo de Garcia Rodrigues, concorresse com seus cabedaes e escravos.

Muito para se notar é a linguagem de D. Alvaro a respeito do Caminho Novo. Era cousa em extremo util e necessaria ao fisco de S. M. Entretanto, o emprehendimento corria por conta de um particular, que depois de ter gasto a sua vida, e a sua fortuna em mil aventuras, bem como em abrir o caminho de S. Paulo para os Campos Geraes dos Cataguazes, era quasi que desdenhado por estar exhausto e pobre! Não podia acabar a obra.

Assim o permittia o regimen em que se vivia naquelle tempo. Ninguem podia se tornar potentado real e legitimo sem o bem querer de S. M.

Era o Rei quem dava as patentes e os postos pelos quaes se dominava a massa do povo; quem dava os fóros de fidalguia, e os habitos de cavalleiros, pelos quaes se adquiria a condição de nobres, e se gosava de privilegios, em que não cabiam penas vis, e se tinha o direito de representação. No Brasil os potentados escravizavam os indios, ou os tinham a titulo de administrados em desfarçada escravidão. Mas como na maioria dos casos tal condição se impunha aos infelizes, contra as Ordens Regias, cumpria-lhes interessar S. M. no negocio, fazendo toda essa gente servir em obras publicas. D. Braz Balthazar queixou-se em officio de 4 de Setembro de 1718, que os jesuitas não lhe quizessem fornecer os indios de suas aldeias para os obras das fortalezas, e que no emtanto os tratavam como a escravos!

Todavia, pois não era tão geral a dedicação dos Senhores neste ponto, o que não devemos deixar de admirar é o zelo de alguns homens realmente extraordinarios, como foi Garcia Rodrigues, e tambem o Coronel Domingos Rodrigues da Fonseca. A elles devemos o Caminho do Rio de Janeiro

a Minas, e com tal arte traçado, que a Estrada de Ferro Central assentou-se quasi que toda por elle acima até Barbacena.

Não devemos confundir o Caminho Novo do Rio de Janeiro, descoberto por Garcia Rodrigues, com o Caminho Novo de S. Paulo para as Minas dos Cataguazes.

O caminho primitivo dos bandeirantes vinha do Embaú á Ibituruna e dahi ao Rio das Mortes. Descobriu-se, porém, um atalho em muito melhores condições, partindo do *Mbaependy* e atravessando o sertão das Carrancas para sahir em S. João d'El-Rei.

V

Termo do Conde d'Assumar

Termo que se fez sobre a proposta do povo de Villa Rica na occasião em que veiu amotinado á Villa do Carmo :

«Aos dous dias do mez de julho de 1720, nesta Villa Leal de Nossa Senhora do Carmo, no palacio em que assiste o Exmo. Sr. Conde de Assumar D. Pedro de Almeida, governador e capitão general de Minas, depois de se ter buscado todos os meios que pareceram convenientes para socegar o tumulto do povo de Villa Rica e seu termo, persistindo em o mesmo intento durante o tempo de cinco dias, e pelas más consequencias que dahi se seguiriam, e por vir todo o povo sobredito a esta Villa do Carmo com a camara presa e as mais pessoas principaes de sua villa apresentarem as condições seguintes, a saber :

1.ª Que não consentem em casa de fundição, cunhos e moedas, ao que se lhes respondeu deferir como pediam.

2.ª Que não consentem em contracto novo algum que não esteja em estylo até o presente, e foram deferidos na mesma fórma.

3.ª Que não consentem que se pague o registro da Borda do Campo pelo descommodo que dá, só sim tragam bilhetes cada qual das cargas que trouxer, para dellas pagar meia oitava por sacco, e meia pataca por molhado, onde cada qual for sua direita descarga, para o que se elegeram cobradores e levaram recibos para se descarregar no dito registro, e outrosim se pagará pelos negros novos a oitava e meia por cada um. Ao que se lhes deferiu na mesma fórma que pediram,

4.ª Querem segurar a Sua Magestade que Deus guarde as trinta arrobas, lançando-se sómente cada um negro oitava e meia, e no caso de que não chegue se obrigam a inteirar-lhos, para o que contribuirão as lojas e vendas conforme a falta que houver para a dita conta, de sorte que não passem de cinco oitavas por cada um, para cuja cobrança elegerão as camaras dous homens em cada arraial ou os que forem necessarios; e querem que toda a pessoa que occultar escravo fique confiscado para a fazenda real, o que tambem comprehende os quintos deste anno, para o que se deve fazer novo lançamento, para nesta fórma se cobrarem de quem não tiver pago, e se repor os que pagaram o excesso da dita oitava e meia por cada negro. E se lhes deferiu como pediam.

5.ª Querem para serviço de Deus Nosso Senhor e Sua Magestade que Deus guarde e conservação da Republica que nem um negro ou negra se rematem na praça pelos preços tão diminutos como se tem experimentado, mas sim se avaliem por dous de sã consciencia e que os credores os tome pela sua avaliação, quando não hajam arrematantes, o que tambem se observará em propriedades ou casas, ao que se lhes deferiu na fórma que pediram.

6.ª Querem tambem se dê regimento para salarios dos escrivães, tabelliães, meirinhos e alcaides, e assignatura de ministros e guardas maiores e menores, e este seja pela cidade do Rio de Janeiro, de sorte que se lá forem quatro vintens de prata não duvidem que cá seja de ouro, e os mais a este respeito para nesta fórma se evitarem os excessos tão exorbitantes como experimentam todos, ao que se lhes deferio na fórma que pediam.

7.º Não consentem que o aferidor leve peso de ouro por outro tanto de cobre, que como isto sejam condições do Senado, por contracto seu, em que o povo nunca experimenta conveniencia, que só afim do contracto ser alto fazem o regimento caro em prejuizo do povo, como é de uma balança e marco só de marcar oitava e meia e de revista uma oitava e de tirar o olho á balança uma oitava, fazendo mais milagres que Santa Luzia, dando olhos quando querem fundados no interesse, e a este respeito as mais medidas para o que se lhe dê regimento util para o povo. O que se deferiu como pediam.

8.ª Não consentem que ao escrivão da camara se dê oitava e meia por licença, e meia oitava por requerimento de aferição, podendo ficar pago com meia oitava, como tambem o escrivão da almotaçaria, o que se deferiu como pediam.

9.ª Não consentem levar mais de meia pataca por todos os generos que qualquer pessoa almotaçar como se

observa nesta villa do Carmo para se evitarem as condemnações que se fazem aos povos. O que se deferiu como pediam.

10ª. Querem que os srs. do Senado moderem as condemnações tão exorbitantes ao povo que costumam fazer sem regimento nem lei, e que as calçadas das ruas onde forem necessarias; se façam á conta da camara e não do povo, pois lhe não come as rendas, e que outrosim os ditos senhores passem por anno assim dos contractantes dos gados, como dos mais negocios por lhe ser semelhante prejuizo o tirarem-nos todos os meios. O que se lhes deferiu como pediam.

11. Querem que as companhias de Dragões comam á custa de seus soldos, e não á custa dos povos, o que se lhes deferiu como pediam.

12.ª E por final conclusão de tudo querem que V. Ex. em nome de Sua Magestade que Deus guarde, lhes conceda perdão geral sellado com as armas reaes, registrado na secretaria deste governo, camara e mais partes necessarias, publicado ao som de caixas pelos logares publicos, e esta proposta se registre na secretaria deste governo e livros da camara, o que se deferiu como pediam.

13.ª Tambem requerem que os contractadores dos disimos não usem do seu privilegio para cobrarem suas dividas executivamente senão durante o tempo do contracto, e quando seja necessario mais algum tempo que V. Ex. lho concederá a seu arbitrio; deferiu-se-lhes como pediam.

14. Requerem mais que nenhum ministro faça vexações ao povo com seus despachos violentos, procedendo a prisão e a fuga sem as circumstancias de direito, e que em tudo se observe com elles a lei do reino. Ao que se lhes deferiu como pediam.

15ª. Que os officias de justiça quando forem fazer diligencias a varias pessoas repartam as custas conforme o regimento por cada uma dellas, e sempre imploram o perdão, o que se deferiu como pediam.

E convocadas as pessoas principaes abaixo assignadas votaram uniformemente se devia conceder ao dito povo tudo o que podia nos artiges acima, assim e da mesma fórma que pediam, e do que o dito Sr. me mandou passar este termo. — Domingos da Silva, secretario do governo, o fez. — Conde D. Pedro de Almeida. — Sebastião da Veiga Cabral. — Domingos Teixeira de Andrade. — Antonio Caetano Pinto Coelho. — Domingos Teixeira Tinorio. — Raphael da Silva e Souza. — Felix de Azevedo Carneiro e Cunha. — Luiz de Molina. — Mathias Barbosa da Silva. — Gabriel da Costa Pinna. — Sebastião Fagundes Varella. — Torquato Teixeira de Carvalho, Vigario da vara. — Pedro de Moura Portugal. — Manoel da Costa de Araujo. — Dr. Francisco da Costa Ramos.

— Dr. João Nunes Viseu. — Pedro Teixeira Cerqueira. — Manoel Cardoso Cruz. — Pedro Gomes Esteves. — Manoel da Silva Ferreira. — Manoel d'Affonseca. — Manoel Loureiro. — Manoel Mendes de Flmeida. — Jacyntho Barbosa Lopes, e outras assignaturas apagadas.

VI

Antonil

João Antonio Andreoni, Jesuita, natural de Florença e fallecido em Lisboa no anno de 1716.

A questão de saber, em que tempo Antonil andou pelas Minas seria difficil, se quizessemos crer que de asssentada escreveu a sua monographia, como entendeu e opinou o illustrado Autor das *Ephemerides Mineiras* nos seguintes termos: «23 de Março. Antonil escreveu a sua obra, publicada em 1711 nessa, ou no anno precedente.» Vejamos nós porém o que se lê no proprio Antonil.

No Capitulo V, Terceira Parte: «Agora soubemos que S. M. manda governador, ministros de justiça, e levantar um terço de soldados nas Minas para que tudo tome melhor fórma de governo.»

Ibidem: «Sobre esta gente quanto ao temporal não houve até o presente coacção ou governo algum bem ordenado.»

Ibidem: «Teve El-Rei nas Minas por Superintendente dellas a desembargador José Vaz de Pinto, o qual depois de dous outros annos tornou a recolher-se ao Rio de Janeiro com bastante cabedal, e delle supponho ficaria o Rei plenamente informado do que lá vae.»

Ibidem: «Quanto ao espiritual, havendo até agora duvidas entre os prelados acerca da sua jurisdicção.»

Ao lado destes trechos lê-se no capitulo XII, *Roteiro do Caminho Novo do Rio de Janeiro para Minas*.... «a Ponta do Morro, que é arraial bastante... e alli está um fortim com trincheiras e fósso, que fizeram Emboabas no primeiro levantamento.»

Destes trechos se conclue, que Antonil escreveu entre os annos de 1704 a 1710, ou antes escreveu antes mas corrigiu a sua abra em 1710. A jurisdicção do Bispo do Rio fixou-se em 1705, creando elle as primeiras parochias; e o Desembargador Vaz Pinto retirou-se para o Rio em 1705.

Se no momento, que escrevia, soube que El-Rei mandava governador, era este Antonio de Albuquerque, enviado em 1709. Falando porém no primeiro levantamento dos Emboabas na Ponte do Morro, é claro, que já tinha noticias

do segundo. Mas Antonil já estava em Lisboa. Se estivesse no Brasil, ou nas Minas, em 1706 a 1709, com certesa, elle que tanto falou das desordens e anarchia do Districto, não deixaria no olvido a luta armada, e os morticinios, que se deram nessa pendencia.

A viagem de Antonil em Minas em nossa opinião teve logar depois, que daqui sahiu o Desembargador Vaz Pinto e antes do rompimento dos Emboabas.

Historiando os factos daquella primeira epocha, como foi o descobrimento do Tripuhy, e os granitos cor de aço, como o ouro que primeiro se descobriu, e fez o nome de Ouro Preto, merece todo o credito, por ser elle contemporaneo dos primeiros descobridores. Confirma-se, por isso, tudo quanto narramos.

VII

Domingos da Silva Bueno

Izabel de Rivéra, filha do Grande Amador Bueno de Rivéra, Rei de S. Paulo, casou-se com Domingos da Silva Guimarães, portuguez, natural da Macieira. O Mestre de Campo Domingos da Silva Bueno, quartogenito deste casal, baptisado foi a 9 de Fevereiro de 1660, em S. Paulo, sua patria, e casou-se com D. Isabel Barbosa de Aguiar e Silva.

Esta D. Izabel era filha de Manoel de Carvalho Aguiar e de D. Potencia Leite da Silva, irmã de Fernão Dias, Governador das Esmeraldas.

Educado no Collegio dos Jesuitas, onde estudavam os filhos da nobreza paulista, Domingos Bueno, instruido com esmero, tornou-se um homem adeantado, e serviu á republica em todos os cargos della na sua patria. Quando Arthur de Sá organizou em S. Paulo a expedição para entrar em descobrimentos pelo Sertão dos Cataguazes, formou para guarnição de S. Paulo um corpo de Ordenança, cujo commando confiou ao Coronel Domingos de Amores, e outro corpo de Auxiliares cujo commando tocou a Domingos da Silva Bueno com a patente de Mestre de Campo. El-Rei D. Pedro II confirmou estes actos.

Retirando-se das Minas o mesmo Arthur de Sá, pelos annos de 1702, deixou o Mestre de Campo encarregado de governar as Minas Geraes de Ouro Preto com poderes de Regente, como já era Guarda Mór e Administrador das Datas desde 18 de Novembro de 1700: cargos que exerceu até o anno de 1705 em que regressou para S. Paulo.

Ahi o achando o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o nomeou Governador interino do ve-

lho Districto para ficar em seu logar emquanto estivesse nas Minas. Esta nomeação foi feita a 8 de Agosto de 1710, e no dia 10 desse mesmo Agosto Albuquerque partiu em sua segunda viagem ao novo Districto.

Durante o exercicio nesse cargo teve o Mestre de Campo um grande ensejo de se distinguir no serviço de S. M., porque em Setembro daquelle anno de 1710 surgiram no porto de Santos seis náos e uma balandra de corsarios francezes com o intento de saltearem a praça, e pilharem a Villa. O Mestre de Campo desceu immediatamente á Serra do Cubatão, e marchou com tropas, que defenderam a terra até que desanimado o inimigo fez-se ao mar e desappareceu, indo atacar o Rio de Janeiro.

Em 1711 voltou o Mestre de Campo a Ouro Preto, onde tinha e teve lavras estabelecidas com escravatura numerosa, tirando ouro em quantidade para lhe augmentar os já bastantes cabedaes da fortuna hereditaria.

Nesse anno, porém, logo em Setembro, foi chamado por Albuquerque a soccorrer o Rio de Janeiro atacado pelos francezes, e marchou com 200 homens armados e sustentados á sua custa.

Voltando ás Minas para proseguir em suas lavras, succedeu-lhe que novas incumbencias o chamassem a S. Paulo, onde commandava o Terço dos Auxiliares. Finalmente, D. Izabel, sua esposa, falleceu aos 21 de Março de 1714; e elle, desenganado por este golpe, aborreceu-se das cousas mundanas e tomou estado sacerdotal. O Capitão Mór da Penha Antonio Pires de Avila, seu parente, e, companheiro na expedição de Santos, o substituiu no commando do Terço com egual patente. Antonio Pires de Avila foi quem installou Pitangui.

VIII

Leonel da Gama Belles

Patriarcha de uma illustre familia, merece particular menção.

Leonel da Gama era Alemtejano, e, sendo Tenente de Cavallaria, veiu para a Colonia do Sacramento com seu tio o Capitão Bartholomeu Sanches de Xara em 1683.

Ahi estando casou-se com D. Maria Josepha Corrêa em 3 de Maio de 1690.

Passou a Capitão no Rio de Janeiro em 1700, e em 1701 (9 de Janeiro) voltou para a Colonia, onde foi substituir a seu tio, que havia fallecido. Sendo tomada pelos hespanhoes a Colonia em 1703 regressou ao Rio e dahi veiu para Villa Rica no encargo de crear uma Companhia de Dragões,

Aqui esteve até 1710, quando desceu ao Rio para combater Duclerc, e tambem em 1711 para egual serviço contra Duguai-Trouin á frente sempre de seus soldados.

Nasceram do casal do Coronel Gama: 1.ª, D. Francisca Josepha Corrêa da Gama; 2.ª, D. Helena Josepha Corrêa da Gama, que se casou em Villa Rica com o Capitão de Cavallaria Luiz de Almeida Ramos, portuguez de nobre estirpe; 3.ª, D. Josepha Antonia Corrêa da Gama: 4.ª, D. Antonia Josepha Corrêa da Gama; 5.ª, D. Thereza Josepha Corrêa da Gama; 6.º, João de Almeida da Gama Belles: e 7.º, Thomé da Gama Corrêa.

De D. Helena Josepha, casada com Luiz d'Almeida Ramos, nasceram entre outros filhos, D. Quiteria Ignacia da Gama, que se casou em Villa Rica com o Capitão Manoel da Costa Villas Boas, e D. Ignacia Quiteria (gemea, irmã da precedente) que se casou tambem em Villa Rica com Manoel Gomes Villas Boas.

Tendo fallecido na Colonia aos 90 annos de idade o Coronel Leonel da Gama, em 1727, a sua viuva regressou ás Minas, onde falleceu aos 12 de Agosto de 1737 e jaz na Matriz de S. José d'El-Rei.

Em 18 de Março de 1711 Antonio de Albuquerque concedeu ao Coronel Gama, por uma Carta de Sesmaria, as terras que se achavam devolutas «da Encruzilhada que faz o ca-
« minho, que vem dos Curraes na Itabira, correndo pela es-
« trada que vae para a Itatiaia até chegar ao caminho que
« vae para o Rio das Velhas, partindo pela outra parte com
« a Sesmaria do Alferes Manoel da Rosa, e vindo correndo
« pelo dito até chegar ao dito caminho, até chegar a dita
« Sesmaria do Alferes Manoel da Silva Rosa, que em todo o
« circuito seriam duas legoas e meia.»

Por esta indicação os seus descendentes podem achar o vasto latifundio, em que dominou seu illustre progenitor.

IX

Antonio Francisco da Silva

Vindo da colonia do Sacramento, este aventureiro chegou a tempo de entrar nos descobrimentos da região do Rio das Velhas, e de arrecadar do primeiro ouro avultado cabedal.

Passou-se depois para a Serra de Ouro Preto, onde possuiu lavras de grande rendimento. Em seguida foi para o Ribeirão do Carmo, e fundou uma grande Fazenda de Mineração e cultura, no arraial do Brumado, onde foi dono das minas do Pissarrão.

Foi o chefe Militar dos Emboabas. Tendo sido desterrado com Manoel Nunes Vianna, retirou-se de Cahetê com este, e penetrou no sertão do Papagaio, campos do Rio das Velhas, que já havia descoberto em 1706, e ahi começou a Fazenda de crear cuja sesmaria o Conde d'Assumar lhe concedeu por Provisão, de 13 de Junho de 1719.

Em 1710, tendo comprado a Manoel Leal da Costa um sitio em caminho do Paraopeba, Antonio de Albuquerque lhe concedeu Carta de Sesmaria, em data de 15 de Janeiro de 1711, augmentando aquelle Sitio com terras, que, dividindo com as de Amaro Ribeiro (fundador de S. Amaro), iam até meia legua àquem do Rio das Mortes. A sua insaciavel ambição fez com que dahi fosse adquirir a Fazenda de Mineração e culturas de Bom Retiro, no districto de S. José d'El-Rei, e mais um outro sitio perto desta Villa, onde possuiu tambem casas de vivenda, e teve em S. João d'El-Rei outras casas.

A sua residencia ordinariamente era nas casas que tinha na Villa do Carmo, situadas junto aos quarteis, e dando fundos sobre o Campo da Villa: isto é, no largo hoje de S. Francisco : pois os quarteis no anno de 1720, eram no logar, em que depois se construiu o Paço Municipal, e chamavam campo da Villa toda extensão, que hoje comprehende a cidade nova.

Nessas casas falleceu elle em Agosto de 1720.

Pelo seu inventario, feito na Villa do Carmo, em 1720 vemos que, além daquellas Fazendas e casas, deixou 167 escravos, sendo 22 na do Brumado, e 145 na do Bom Retiro ; e quanto ao poder, de que dispunha, o melhor indicio está nos armamentos inventariados. Só no Brumado, tinha 64 armas de fogo e 19 espadas, sem podermos contar quantos os Arcos de flechas, que ainda na epocha tinham a maior importancia nas contendas e lutas, sobretudo contra o gentio. Foi escrivão no inventario o capitão Garcia Gomes de Pillos, juiz o dr. Gonçalo da Silva Medella; louvados o coronel Torquato Teixeira de Carvalho e Ignacio Pereira de Andrade ; testamenteiro Frey Pedro da Conceição. A herdeira universal de tão grande fortuna foi uma filha natural de nome Antonia. Na capa dos Autos lê-se esta nota : «não se sabe dos bens, só se delles tomou entrega quem casou com a orphã, que dizem esta já morreu ». Esta nota exprime bem a situação da epocha.

O posto de Brigadeiro, que lhe foi concedido, e no qual falleceu, obteve-o em premio aos serviços que prestou, marchando com 200 homens em soccorro ao Rio de Janeiro no exercito de Albuquerque ; mas antes, em 1.º de Julho de 1711, tinha o mesmo Albuquerque lhe dado a Patente e exercicio do posto de Coronel commandante de todas as forças de cavallaria das Minas.

X

Salvador de Faria Albernáz

O Sargento Mór Salvador de Faria Albernáz, que tambem pertenceu á familia dos Buenos, que tão numerosa foi na epocha dos descobrimentos, entrou para as Minas pelos annos de 1699-1700: e tendo os novos arraiaes ficado em deserto devido ás consequencias da fome, que os flagellou (1701), acompanhou elle os seus amigos Camargos, que descobriram o ribeiro a que deixaram este nome. Inspirado tambem da mania de procurar novas minas, o Sargento-Mór, partiu do descoberto já feito por Bento Rodrigues, e transpoz a Serra que divide as aguas do Gualaxo do Norte e do Piracicava, depois de ter achado as faisqueiras esperançosas do Passadez de Coatinga (Cahã-tinga, matto branco).

Attrahia-o com seu aspecto imponente a Serra do Caraça, em cujos ribeiros presumiu encontrar os mesmos, eguaes senão maiores depositos, que se encontraram nos ribeiros da Serra de Ouro Preto. Nessa diligencia não se illudiu: pois achou o ribeirão do Inficionado, riquissimo e fertil, em que se estabeleceu, dando principio ás catas e ao arraial.

A espantosa copia de ouro, que se encontrava nas areias e cascalhos desse rio, como deslumbrou os flibusteiros, ao tempo em que se dava a incursão dos bahianos e novatos, assim os levou a escalarem o descoberto e todo o leito do ribeirão, sem respeito ás datas, nem aos donatarios, razão pela qual recebeu o logar o nome de Inficionado, com que se designavam então os ribeiros e corregos assaltados sem ordem, nem respeito por multidões, ou por aventureiros desabusados.

Homem pratico da Medicina, Salvador de Faria, fazendo curas admiraveis, e tendo noções de Historia Natural, como andava sempre a pesquizar a flora, e della se servia em muitos casos, foi estimadissimo pelo povo, porque curava principalmente os pobres, aos quaes dava remedios. Foi um grande espirito e um coração nobre.

Não obstante a sua bondade os forasteiros, sem resultado algum, em 1707-1708, tentaram despejal-o de suas lavras movidos de pura inveja, por serem estupendamente ricas; mas não chegaram a conseguir tal intento, visto o povo, que em extremo a Salvador de Faria respeitava e amava, se oppor, e sustental-o a poder mesmo das armas. Afinal venceu a astucia, e esta conseguiu, o que a força não pudera decidir. Um Ecclesiastico dos muitos relaxados e ambiciosos, que infestavam as minas, cumplices, senão autores dos maiores

escandalos, lembrou-se de denunciar o bom homem por feiticeiro e herege ao Santo Officio. Foi um golpe certo. Ninguem tinha coragem de lutar contra as Ordens deste famoso Tribunal: e, pois, em ferros, foi o Sargento-Mór conduzido para o Rio.

Estando na cadeia, e ahi curando muitos presos variolosos, o Governador deu-lhe por menagem a cidade para accudir aos enfermos da peste, mas, adquirindo a doença, della falleceu, como viveu, victima de sua generosidade. E assim succumbiu o mais nobre e philantropico de nossos fundadores, feliz ao menos por não ter cahido nas garras do horrivel Tribunal. Seus inimigos lograram então o intento: e tomaram-lhe as minas, que ficaram vagas.

XI

O Santo Officio

Como fallamos no que succedeu ao Capitão Salvador de Faria Albernaz, cremos a proposito mencionar um simile succedido com outra victima. O documento, que temos á vista é uma ordem de Antonio de Albuquerque ao Capitão Manoel Antunes de Lemos para levar ao Rio de Janeiro Ignacio Cardoso – « que vae preso por ordem do Santo Officio e entregará na Cidade ao Illmo. Sr. Bispo, e antes de desembarcar em nenhuma parte, tomará o porto da Prainha, e delle remetterá logo a carta, que leva separada ao dito sr. Bispo, e sem resposta ou ordem sua não passará do dito porto, nem entregará o dito preso: o qual levará sempre seguro e com toda cautella, não o deixando fallar só com pessoa alguma, pondo-lhe sempre sentinella de noite e de dia, porém, esta tambem não fallará com o dito preso, salvo publicamente entre todos, nem consentirá se aggregue gente alguma de outras tropas á sua; e só sendo-lhe necessario mais gente da que leva para melhor guarda do preso a poderá tomar onde quer que a encontrar e se achar notificando-os da parte do Santo Officio para que o acompanhem: e nas estalagens e sitios, onde parar e pernoitar alugará a melhor casa, e mais segura, desalojando os que a occuparem, preferindo a todos e a qualquer pessoa em tudo, que lhe for necessario para esta conducção, e assim de negros como de cavallos, embarcações, e mantimentos, pagando, porém, pelos preços, seu valor e alugueis. E quando alguem lhes desobedeça a elle dito Capitão sobre o referido o levará em sua companhia preso á ordem do Illmo. Sr. Bispo do Rio de Janeiro; e assim ordeno tambem aos soldados e ao Ajudante José Coelho da Cunha, que vão de guarda ao

dito preso lh'a façam como devem e são obrigados, e obedeçam em tudo o que for a bem da referida diligencia ao dito Capitão Manoel Antunes de Lemos, sob pena de serem castigados rigorosamente e incorrerem nas penas impostas pelo Santo Officio. E hei por muito recommendada esta dita diligencia e conducção do preso, e procurar o salario que se manda dar aos soldados, que o accompanha. Minas Geraes do Ribeirão do Carmo, aos 22 de Junho de 1711. Antonio de Alburquerque Coelho de Carvalho.»

XII

Domingos Fernandes Pinto

O Mestre de Campo Domingos Fernandes Pinto, natural do Reino começou a servir em praça de soldado e Sargento pago na Provincia de Traz-os-Montes, de onde passou para Lisboa. Promovido a alferes, foi servir no Castello da Ilha Berlenga, de onde voltou a Lisboa; e pouco tempo depois embarcou para a Nova Colonia do Sacramento com o governador Sebastião da Veiga Cabral. Nesta nova guarnição foi promovido a Ajudante de Infanteria, posto que exerceu, até que, por ordem do Governo Regio, foi aquella praça entregue aos Castelhanos, (1703) isto depois de um sitio admiravelmente defendido. Recolhendo-se a guarnição para o Rio, passou Domingos Fernandes para as Minas, e veiu morar no arraial de Sebastião Fagundes (S. Sebastião) Ribeirão abaixo, onde tambem residiam seus irmãos, o coronel Francisco Pinto de Almendra, e Antonio Pinto de Almendra, sendo o Coronel Francisco Pinto um dos mais opulentos mineiros daquella zona.

Antonio de Alburquerque encontrou Domingos Pinto nomeado capitão Mór pelo Dictador Manoel Nunes Vianna, posto em que o confirmou; e por outra patente de 1.° de Julho de 1711, o elevou a Mestre de Campo. Foi um dos installadores da Villa do Carmo. Encarregado de ir a Santos em defesa da Villa, ameaçada pelos Francezes, cumpriu briosamente este dever com 300 homens que daqui marcharam; e quando voltou, dentro de pouco tempo, seguiu para o Rio na expedição de Alburquerque contra Dugai-Trouin, conduzindo então 200 homens, batalhão composto de Auxiliares de seu terço, e de escravos seus e de seu irmão o Coronel Almendra. Voltando para S. Sebastião, o Mestre de Campo Domingos Pinto foi assassinado por Domingos Pereira Padilha por uma questão de lavras, como se vê do documento, que damos em seguida, no qual se manifesta bem a epocha que descrevemos.

Convém aqui lembrar que a Justiça penal então se fundava no direito ainda barbaro da vingança exercido sobre o deliquente pela pessoa que mais de perto respondesse pela victima. O poder publico apenas tirou do particular o direito de applicar a pena; mas não a acção ou acções que nasciam da offensa.

Assim podemos entender o empenho com que se pediu ao Coronel Almendra o perdão do assassino Domingos Pereira Padilha, homem que, pelo apparato da petição, parece ter sido tambem importante no logar.

XIII

Escriptura de Perdão

Saibam quantos esta Escriptura de perdão virem, que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e quinze no dia primeiro de Maio, nesta Villa de Nossa Senhora do Carmo em pousada de mim Tabellião adeante nomeado appareceu presente o Tenente Coronel Francisco Pinto de Almendra, morador na Freguezia de São Sebastião do districto desta Villa e de mim reconhecido pelo mesmo aqui nomeado, pelo qual me foi dito perante as testemunhas abaixo nomeadas, que em quinta feira de Endoenças á noite naquella Freguezia de S. Sebastião, donde elle dito se havia achado ao Sermão de Lagrimas, que pregava o Reverendo Padre Frei Pantaleão do Sacramento, Religioso Franciscano da Ordem de Jesus, e acabando o dito Sermão chamara do pulpito pelo Reverendo Padre Frei Jorge Moreira da Encarnação, Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo, a quem entregou o Santo Sudario para com elle em nome do dito Senhor e pela sua morte e paixão alcançasse perdão do dito Tenente Coronel Francisco Pinto de Almendra da morte feita ao mestre do Campo Domingos Fernandes Pinto, seu irmão, por parte de Domingos Pereira Padilha pronunciado na dita morte o que logo com effeito o dito Reverendo Padre Fr. Jorge Moreira fez, indo com o Reverendo Vigario da mesma Freguezia Manoel Gomes da Cruz e com o Santo Sudario nas mãos acompanhado de onze sacerdotes mais a saber Rev. P.e Frei Antonio de S. Boaventura, Rev. Padre Fr. Pacifico dos Anjos, Religioso Capucho, o P.e Salvador Leitão, P.e Manoel Bittencourt, o P.e Sebastião Rodrigues Pinto, o P.e Manoel Pires de Carvalho, o P.e Manoel da Cunha, o P.e Antonio Lopes, o P.e Manoel da Silva, o P.e Roque da Silveira, Religiosos do Habito de S. Pedro, os quaes todos prostrados aos pés do dito Coronel

Francisco Pinto de Almendra lhe pedira o Reverendo Padre Frei Jorge Moreira pelo Senhor, que levava nas mãos e pela sua divina morte e paixão perdoasse a Domingos Pereira Pedilha a morte de seu irmão Mestre de Campo Domingos Fernandes Pinto em que elle dito Domingos Pereira Padilha ficara pronunciado, o que visto pelo dito Tenente Coronel Francisco Pinto de Almendra como catholico disse que perdoava como com effeito perdoa para que por este meio ou a melhor via e fórma, que póde, ao dito Domingos Pereira Padilha a morte do defunto Mestre de Campo Domingos Rodrigues Padilha de toda e qualquer culpa, que, por causa da dita morte lhe possa ser dada e de qualquer querella, denuncia ção feita e condemnação, que contra o dito Domingos Pereira Padilha se fizesse, desistia, como tambem de qualquer direito e acções que contra elle e seus bens tivesse, com o irmão do dito defunto, e nesta fórma me pediu lhe fizesse esta escriptura nesta nota, que acceitou, e eu Tabellião acceito, como pessoa Publica estipulante e acceitante em nome de quem houver o direito della e assigna perante as testemunhas presentes Alferes Bernardo Spinola de Castro, Capitão Antonio Pacheco e João Fernandes.

Depois de feita esta escriptura e asssignada pelas teste munhas lê-se a seguinte nota» Não tem effeito esta escriptura de perdão ; porque depois della feita resolveu o Outorgante a não assignar sem embargo de algumas testemunhas o haverem feito.

Garcia Gomes Pillo.

XIV

Á Villa do Carmo

No segundo abandono do Arraial do Carmo (1701-2) a solidão seria completa, si não permaneceram, Francisco Fernandes de Almeida, alcunhado o Vamos-Vamos, que descobriu em 1700 o corrego dos Monsús (1), e residiu na para-

---

(1) Albuquerque, por Carta de 6 de Junho de 1741, concedeu a sesmaria de Francisco Fernandes corrego acima meia legua em qua-

gem que seu appellido conserva no mais ameno e saudoso arrabalde de Marianna; e Manoel Maciel da Cunha, cuja cabana e datas eram sitas proximamente á foz do corrego hoje chamado do Seminario. (1)

Entretanto, o que aos moradores do Carmo succedia nesse meio tempo experimentava tambem o fundador e povoador do arraial de Bomfim de Matto Dentro, Capitão Antonio Pereira Machado. Este homem, quando a fome na Serra de Ouro Preto (1700-701) obrigou os moradores a desertarem, tambem como os do Carmo fizeram em 1697-98, sahiu com a sua gente e foi se estabelecer no ribeiro, que adquiriu o seu nome, conservado no arraial e na Serra de Antonio Pereira. As catas desse descoberto foram intrataveis, as florestas por ventura medonhas, e a paragem de mais a mais frequentada de animaes ferozes e de serpentes mortiferas. (2)

Desgostoso, pois, do seu descoberto, Antonio Pereira Machado transpoz a ramificação da Taquara Queimada e perlongando-a desceu a fio do Canella, por onde topou o Ribeirão do Carmo e neste achou os vestigios do extincto povoado. Hospedando-se, porém, na cabana de Manoel da Cunha, entrou com este em negocios, e o novo Robison, por tedio talvez da soledade em que ficou, vendeu-lhe o que tinha: as casas, as datas, e as terras de que se havia apossado recebendo de contado o preço de oitocentas oitavas de ouro.

Installado em sua nova residencia, Antonio Pereira erigiu em 1703, logo ao pé de sua casa, ou pouco acima, no planalto, uma ermida consagrada á Nossa Senhora da Conceição; e tratou tambem de procurar o ouro que os antecessores não tinham sabido achar. Elle era portuguez e tinha ouvido referir a fórma como occorriam ás minas da Nova Hespanha. Coroados de estupendo resultado os seus esforços sobre as ribanceiras do rio, e os depositos alluviosos da terra firme, nova éra sobreveiu ao circuito do Ribeirão.

« Reconhecendo-se depois, (diz Silva Pontes) que não era sómente o leito do rio, que servia de jazida ao ouro, pois que o acaso mostrara, que as suas minas se extendiam ás ribanceiras, e aos taboleiros altos, onde a extracção era feita em secco, e dependia apenas de separar-se o banco de terra vegetal, grande foi o numero de concessionarios,

---

dro, caminho de Matto Dentro, passando a Itapenhoacanga, a encontrar e dividir com as terras do Ajudante José Coelho.

(1) A foz era situada pouco abaixo da ponte de S. Anna.

(2) Os fundadores do arraial de Antonio Pereira foram depois o Padre João Anhãia, Matheos Leme, e o Capitam Antonio Pompeo Taques.

que voltaram ás margens do Ribeirão do Carmo (1) e não pequeno foi o concurso de aventureiros que entravam da Bahia, de Pernambuco, do Rio de Janeiro, de S. Paulo, e suas povoações ‹littoraes ».

A consequencia do concurso de adventicios assim attrahidos não se fez esperar. Os antigos moradores recompozeram suas casas abandonadas no primitivo assento, e os recemchegados derramaram-se pela margem do rio, invadindo sem respeito, nem considerações as terras por Antonio Pereira compradas a Manoel da Cunha. Embora offendido Antonio Pereira fez cara alegre por não poder lutar contra a onda, e a muitos concedeu trabalharem nas minas e morarem nas terras. Em torno da Ermida da Conceição cresceu o povoado, e começou a ser denominado Arraial de Baixo para se destinguir do de Cima, que era o dos Bandeirantes, ou Arraial Velho.

A este tempo a mesma concurrencia affluiu para os arraiaes e logares do Ribeirão Abaixo; e de tal maneira a zona se engrandeceu de povos e riquezas, que o Bispo em 1705 dividiu o Curato do Carmo em cinco freguezias ecclesiasticas, que foram: a de Nossa Senhora do Carmo, a de S. Sebastião, a de Nossa Senhora do Rosario do Sumidouro, a de S. Caetano e a de Senhor Bom Jesus do Monte do Forquim. Todavia, como tudo então começava e não havia ainda os necessarios preparativos para o culto, (2) apenas dous vigarios foram então providos: o padre Manoel Braz Cordeiro para os Arraiaes de Cima e de Baixo (Carmo) e o padre Miguel Rabello Alvim para os arraiaes, que ficavam além dos Morros de Domingos Velho, isto é, na zona do Ribeirão-Abaixo.

* * *

O padre Manoel Braz, achando a capella da Conceição mais adequada no centro para servir ao povoado em eguaes distancias, sem embargo de continuar a do Carmo em seu direito de Matriz, officiava de preferencia naquella, cujo destino bem sorteado a fez mais tarde cathedral do Bispado.

---

(1) Silva Pontes usa da expressão concessionarios duas vezes e só nesta bem empregada. Na primeira vez ainda concessionarios, não havia, visto que só depois da medição e repartição das datas em 1700, começaram os Mineiros a ter concessões.

(2) Ate novembro de 1712, a freguezia do Sumidouro não tinha igreja, como consta do assento de obito de Lourenço Domingues, portuguez, que se enterrou na Matriz da Villa do Carmo por *lá não haver igreja*. (L. 1.°)

O padre Miguel Rabello Alvim, entrando para a sua extensa freguezia, composta então provisoriamente de todos os povoados sitos no Ribeirão-Abaixo, não achou a capella de S. Caetano por ora em termos de ser Matriz; e por isso officiou por alguns annos na capella de Loreto, pertencente ao coronel Salvador, e provida de todos os principaes utensilios do culto.

Convém aqui destinguir as duas classes de capellas que então se constituiam. Umas eregiam-se em terras publicas, a expensas da communhão e por esta sustentadas; mas outras eregiam-se em terras particulares mantidas pelos donos, que, dellas sendo os padroeiros, ficavam obrigados á sustentação do culto, ao passo que das primeiras o padroeiro era a pessoa ficta do Orago, representada juridicamente pela sua Irmandade. As particulares, não podendo gosar da personalidade civil, nunca seriam Matrizes, pois, não se consentia, que houvesse Sacrario em terras, que não fossem livres ou patrimoniaes da propria Igreja

Da mesma sorte o vigario cumpria que assistisse em logar independente de senhorios particulares. A dignidade do Sacramento, e a liberdade do Ministro, assim o exigiam á bem dos fieis.

Daqui tiramos o motivo, porque as mais antigas capellas de uma região nem sempre se converteram em Matrizes. Assim se fez com a de S. Caetano embora a do Loreto a precedesse; com a de S. Sebastião, embora a de Santa Thereza fosse mais antiga, e com muitas outras, inclusivé a primeira de Caheté, erecta por Frei Simão de Santa Thereza, que cedeu o direito parochial á capella de S. Caetano, (hoje do Bom Successo) mais tarde feita por Manoel Rodrigues Soares.

Não é cousa para se contestar o desenvolvimento do arraial do Carmo nestes poucos annos. O grupo do velho arraial, não cabendo no estreito semi-circulo de montes, em que o fundaram, bracejou sobre os morros da Forca (S. Gonçalo) e dos Monsús, á esquerda do rio. (1) O grupo da Conceição ficava entre os corregos de Manoel de Ramos (Catette) e do Secretario (Seminario), e, saltando sobre este, continuava até a Cachoeira. Uma rua, das mais povoadas, parallela ao ribeirão, correndo entre duas pontes, cada uma unindo as calçadas, que ainda existem, a rua do Piolho, depois submer-

---

(1) A capella de S. Sebastião, foi erecta por Sebastião Fagundes Varella casado com D. Clara dos Anjos, irmã de D. Maria dos Anjos mulher de Caetano Pinto de Castro, fundador da capella de S. Caetano.

( ) Monsús é o bairro em que moraram primeiro os dous francezes, que por se tratarem de *Monsieurs* o povo os chamava os *Monsius*, os *Monsus*. Estes depois moraram em S. Caetano, onde tambem deixaram o nome de Monsus.

gida nas areias das enchentes, era a via de communicação, que ligava o arraial velho e a rua do Secretario. O caminho de Ouro Preto descia sobre Matacavallos, onde começava a povoação, passava pela rua do Piolho, e ia sahir na Cachoeira para os Morros de Domingos Velho em guia aos arraiaes do Ribeirão abaixo.

A actual rua Direita era então um simples caminho, mal preparado sem a ponte actual intitulada, ponte de Areia. As ruas do Arraial Velho, além das que já temos citado, foram a Direita, (hoje Rosario Velho) que vinha da praia de Matacavallos ao logar da Quitanda, que era um pequeno largo no encruzamento, de onde subia a rua Nova (depois S. Gonçalo.) Desse mesmo largo sahia em linha para o sul a rua do Jogo da Bóla (1) e descia a ladeira depois chamada dos Quarteis, e em cujo seguimento se passava sobre a ponte de Manoel de Ramos para a dita rua do Piolho, cujo termo era na ponte do Secretario, da qual começava a ladeira e rua tambem do mesmo nome (2) e hoje de Sant'Anna até a Cachoeira. No Arraial de Baixo tinhamos o largo da Igreja (Conceição) a rua da Igreja (agora Intendencia) a rua Nova (ladeira de S. Francisco) o caminho de cima (hoje Direita) o caminho de fóra (depois da Olaria). A rua actual dos Monsus era o caminho de Matto-Dentro. E traço geral dominante: casas e capellas, tudo coberto de palhas.

Tal era o aspecto da povoação, quando, em 1709-710, chegou Antonio de Albuquerque na diligencia de pôr termo ás alterações entre paulistas e forasteiros.

Antonio Pereira Machado, que logo ficou estimado do Governador, com este se lastimara dos damnos, que soffren pela intrusão dos adventicios, invasores de suas terras: em

---

(1) O Jogo da Bola era o divertimento dos antigos e em todas as povoações havia casas ou logares proprios. Horacio nos conta (na Satyra V Liv. 1) que, indo de Roma á Brindisi (Brindusiun) elle, o rhetorico Heliodoro, Plocio, Vario, Virgilio, todos acompanhando a Mecenas, que ia tratar de negocios politicos alli com procuradores de Antonio, então enviados da Grecia, depois de jantar em Capua, Mecenas e outros foram *jogar a bóla*, elle e Virgilio ficaram; Virgilio por soffrer dos ólhos, e elle por estar com o estomago atrapalhado, como sempre andava.

Eis o maior homem de Roma depois de Augusto a jogar a bola! E que viagem de immortaes!

(2) Jose Rabello Perdigão, ex-Secretario de Arthur de Sá, ficou morando no Ribeirão, e deu nome ao bairro, hoje de Sant'Anna. Na rua direita tinham casas o coronel Salvador Furtado, o coronel Raphael de Souza e Silva e outros. Na rua do Jogo da Bóla Guilherme Maynard, e seu irmão Jorge. Na do Secretario tambem morava o tenente general Felix de Azevedo, e Manoel Pereira Ramos morava junto a ponte de seu nome na ladeira dos Açougnes, depois Quarteis.

vista do que Albuquerque, no intuito de lhe suavisar os prejuizos, concedeu-lhe sesmaria de meia legua, a partir do corrego do Cattete, e ribeirão abaixo, dando fundos para a Serra, ambito, portanto, no qual se construiu em 1743-49 a parte nova actual da cidade. A concessão, porém, não colheu o que visava ; ninguem se deu por achado do senhorio para aforamentos, e todos allegaram posse anterior. Os que vieram, depois nem estes, sujeitaram-se á imposição.

Foi o Arraial do Carmo o que Albuquerque mais encareceu. Como o vidonho da guerra civil ahi não se enraizou, e os moradores expulsaram os levantados, socego relativo se conservou. O pessoal se encontrou ahi mais unido e selecto; a intriga menos activa e complicada ; a riqueza immensa.

Nestas condições Albuquerque, voltando, em 1710-711, ahi celebrou a primeira Junta das Minas (10 do Novembro de 1710), e eregiu a primeira Villa, em 8 de Abril de 1711. (1) Em consequencia, Antonio Pereira Machado resignando-se, quanto ás terras perdidas, cedeu-as á Camara da Villa para rocio della ; e tal cessão allegando á Sua Magestade, pediu-lhe em compensação o provimento vitalicio, ou a propriedade da Escrivania da dita Camara. Este requerimento levou annos sobre annos em indo e vindo de Lisboa, até que Antonio Pereira, já cançado, requereu que a mercê fosse deferida a seu filho Pedro Pereira Duarte : o que afinal se fez por Provisão Regia, de 20 de Fevereiro do 1731. Antonio Pereira pouco viveu depois de lograr este gosto de ver empregado seu filho, pois, falleceu a 24 de Novembro. (2)

Em nota seguinte veremos os documentos referentes ao capitão Antonio Pereira Machado, ao qual pertence a lembrança de ter sido o verdadeiro povoador do Carmo, eis que, des-

---

(1) O primeiro Tabellião foi Manoel Pereira Guttierres provido a 8 de Maio de 1711. O segundo Pedro Rosa d'Abreu (9 Julho). O primeiro Escrivão de execuções Jeronymo de Barros Silva. O primeiro carcereiro Manoel Cabral (11 de Março). O primeiro Porteiro José Rodrigues. O primeiro Secretario da Camara Carlos Montes Monteiro, que tinha sido Ouvidor em Cabo Frio.

(2) « Aos 24 de Novembro de 1731 sepultei em sepultura da Irmandade do S. S. da Matriz desta Villa do Carmo a Antonio Pereira Machado, viuvo que ficou de Maria Duarte de Oliveira, esta natural da Freguezia de S. Salvador do Real Conselho de S. Cruz, Bispado do Porto, e filha do Padre Antonio de Oliveira Pinto, e Cneia Duarte, sua legitima mulher antes do Sacerdocio, e o dito Antonio Pereira, natural da Freguezia do Real, e de paes de quem não se soube o nome, e morador ora nesta Freguezia de N. S. da Conceição da Villa do Carmo, sem testamento e com herdeiro forçado Pedro Duarte Pereira, Escrivão da Camara desta Villa de que fiz este assento. O Vigario José Simões. »

(Livro 4.° de Obitos do Curato da Sé.)

entrahando as jazidas de ouro mais ricas, deu logar a definitiva fundação do povoado. Não se lhe póde contestar, tambem que fosse o creador da Capella da Conceição, a que os fados reservaram tamanhas glorias.

Creando a Villa, Albuquerque estipulou em Junta da nobreza e povo, que a nova Camara faria construir para o Senado um paço, e auxiliaria a obra da Matriz.

A Capella da Conceição, que era de palha, começou a ser então reedificada em 1712, tendo a Camara lhe consignado 6.400 oitavas. Foi então que o titulo de Matriz fixou-se definitivamente nella; e assim se explica o motivo, porque nos papeis mais antigos a parochia pertencia ao Padroado de N. S. do Carmo, e depois passou ao da Conceição.

A Capella da Conceição era sita no local da Sacristia da Sé. Como lhe pucharam para frente o corpo da Egreja, o alinhamento do frontespicio interrompeu e fez um angulo aberto com o caminho do arraial de Cima, hoje rua Direita da Cidade. (1)

Atraz da Capella corria um vallo, que separava o campo da Villa (2), e sobre esse vallo uma porteira fechava o recinto do povoado (3) dando passagem para o caminho principal, que vinha de fóra, do Rio e de S. Paulo, passando pela Itaverava, e, cortando a Villa, seguia para Matto Dentro. Nesse caminho, que depois se chamou da Olaria, foi-se extendendo a povoação. Ahi assistiam em suas casas o Vigario Manoel Braz, mais junto á Capella; em seguida o Capitão Diogo Fernandes Cardoso, e mais longe frei Jacomo de Grado Forte, com seu Engenho de canna. (4)

*
* *

A casa em que Albuquerque installou a Camara, tinha pertencido a José Alberto e era sita na rua direita do Arraial

---

(1) Mudando-se a Matriz, *ipso facto*, mudou-se o nome da rua Direita, conforme o piedoso costume antigo, nas povoações romanas, nas quaes se recordava a rua Direita de Damasco, onde se instruiu na fé o Apostolo das Gentes. Assim, rua Direita era nos povoados toda aquella principal, que dava accesso aos neophitos, para a Matriz, onde se baptisavam.

(2) Esse vallo serviu depois para caixa de um encanamento, que vem do Palacio, (Casa de S. Francisco) e despeja na praia do Seminario.

(3) Ao pé da porteira, e no angulo hoje das duas ruas da Intendencia e da Olaria alcançamos ainda o rancho, que de principio servia ás tropas, que entravam pelo caminho da Itaverava. No logar desse rancho se fez o theatro do Major João Antonio Ribeiro em 1850.

(4) Frei Jacomo falleceu a 9 de Novembro de 1712. Pelos

Velho, e deitava os fundos para o ribeirão. Ella ficava junto ás que o coronel Salvador conservava para quando viesse assistir no Carmo. Antes, porém, de partir em soccorro á Cidade do Rio (Setembro de 1711), Albuquerque ordenou ao Capitão Manoel Antunes de Lemos construisse um predio nobre para Palacio dos Governadores, no intuito, em que estava de fazer da Villa do Carmo a Capital das Minas. O Capitão Manoel Antunes edificou então taes casas, no largo da Matriz, á direita, distante da porta da Igreja 90 braças (1), e na sahida para a praia. Foi a primeira casa, assobradada, e coberta de telhas, que se construiu (2). Antonio de Albuquerque não logrou aproveital-a, e sim o seu successor D. Braz Balthazar da Silveira. O seguinte officio deste Governador encerra o historico deste predio. « Dou conta a V. M. que na Villa do Carmo se acha Manoel Antunes de Lemos, homem dos principaes da Cidade de Viseu, ao qual ordenou o meu antecessor Antonio de Albuquerque, que lhe fizesse umas casas para viver nesta Villa; o dito Manoel Antunes as fez com tal despesa que gastou nellas 14 mil oitavas de ouro (16 contos?), ficando por este dispendio arruinado, e querendo os seus acredores sequestrarem-lhe os seus bens, eu o defendi, por ver que o que lhe pediam, eram dividas contrahidas pela despesa, que fez nas ditas casas, e assim me parece representar a V. M. que em terras de outros Governos ha casas para os Governadores, menos neste Governo, sendo o que mais necessita por serem todas as casas de palha, e a não ser esta não teria onde viver com segurança pelos grandes incendios, que de continuo succedem, e como é preciso que este Governo tenha casas para os Governadores como tem os mais, me parece se comprem estas do dito Manoel Antunes de Lemos, o qual tem ajustado commigo por 6.000 oitavas etc. Deos Guarde, etc. Villa do Carmo, 23 de Maio de 1714. » (3)

O Rei não attendeu ao pedido, e preferiu impurrar a despesa sobre a Camara, á qual em 1712, tinha ordenado que acabasse de construir a Matriz e fizesse um palacio para os governadores. D. Braz, ao sahir do Governo, apiedando-se da sorte de Manoel Antunes (4) fez com que a Camara,

---

assentos do obituario parece ter sido o primeiro sacerdote sepultado em Marianna.

(1) Vemos de um contracto de calçamento da rua feito em 1735 pela Camara. Menos que se entenda da porta da Sacristia, não se acham as 90 braças.

(2) Para se construir essas casas formou-se a olaria no Caminho da Itaverava, e dahi o nome da rua hoje da Olaria.

(3) Manoel Antunes não parece ter sido sincero dando por gastas as 14 mil oitavas. Elle as vendeu á Camara por 6.000 oitavas.

(4) Manoel Antunes marchou á sua custa em soccorro á Ponta

lhe comprasse as casas para o paço e cadeia. Effectivamente, a Camara as adquiriu em 1716, compradas, por escriptura, que se acha no 1.º livro de notas do Tabellião Garcia Gomes de Pilos; e, mandando fazer as necessarias modificações, transferiu para ellas o paço e a cadeia em dias de 1717. Foi esta a segunda e não a primeira casa da Camara que houve em Marianna.

O Palacio, que a Camara fez edificar para os governadores, e no qual, assistiu o conde D. Pedro d'Almeida (conde d'Assumar,) é a casa que actualmente pertence á Ordem Franciscana, e serve de consistorio, e residencia a seus padres commissarios. Pelo que temos averiguado esse predio se conserva tal qual foi na sua origem.

A Villa Rica, porém, na continuação dos tempos, cresceu, povoou-se e se enriqueceu desmedidamente, convertendo-se em fóco de irreprimivel turbulencia, não obstante ser egualmente o de maiores luzes e notabilidades provindas do Reino. Assim sendo, os governadores residiam ora no Palacio do Carmo, outr'ora em Villa Rica, onde sem embargo não tinham casa. Viviam aqui no pequeno predio antiquissimo da Pia Grande, sitio hoje dito o Palacio Velho. Foi Gomes Freire de Andrade, quem por carta de 20 de agosto de 1743, dando conta á sua Magestade não haver casas para os governadores, pedia solução da proposta feita em 1738, e obteve de sua Magestade mandar construir o Palacio de Ouro Preto, segundo orçamentos e planta do Engenheiro José Fernandes Pinto de Alpoim, o que se effectuou com a installação definitiva do governo nesta Villa.

O Palacio do Carmo ficou então vasio, e só, quando os governadores queriam mudar de clima no inverno, para lá iam temporariamente; o que mais tarde fizeram indo para a Cachoeira do Campo, situação amena e feliz, para onde já o conde d'Assumar havia proposto ao Rei se fixasse a séde do governo.

*
* *

O Sargento-mór Alpoim foi egualmente encarregado pelo Rei de levantar na Villa do Carmo a planta de uma cidade. O Bispado, que desde 1720 planejava D. João V crear nas Minas, afinal ficou deliberado, e proposto á Santa Sé por acto de 23 de abril de 1745.

Nesse mesmo dia Sua Magestade elevou a Villa do Carmo á cathegoria de cidade de Marianna em honra á Rainha

---

do Morro, e tambem ao Rio de Janeiro. Bons tempos aquelles em que tantos serviços e sacrificios eram estereis e não commoviam a Sua Magestade em se tratando de dinheiro !

sua esposa, D. Maria Anna d'Austria. E' bom lembrar que as terras do Brasil, pertencendo ao senhorio da Ordem de Christo, nellas não se podiam eregir senão Villas.

As cidades cumpria fossem dentro de municipios livres, autonomos, e só se podiam crear e existir em terras proprias (*ager sacrum*): e só nellas em rigor a *civitas* tinha razão. As Villas, porém, pertenciam particularmente a um senhor que as governava, e lhes inpunha a sua justiça. Se, pois, no Brasil, o Rei as governava directamente, o fazia em seu caracter de Grão-mestre da Ordem de Christo, a cuja custa se ordenaram as navegações e conquistas sob pretexto de se nellas propagar a fé. Mas o Papa não consentia Bispado com cathedral em Villas.

O Bispo não convinha fosse villão e sim cidadão, quanto mais, que pelo cargo era nobre equiparado aos principes da casa real. Não podia ser vassalo de vassalos. Quando, pois, o Rei queria instituir um Bispado no Brasil emancipava a Villa, e dava-lhe o titulo de cidade. Assim para dar a S. Paulo em 1712, o *nome* de cidade foi mistér declarar, que era para ter cathedral com Bispo. (Carta de 8 de Abril de 1712 a Antonio d'Albuquerque).

Marianna ficou sendo por este direito a unica cidade, que houve nas Minas Geraes. Tendo a proposta sido feita em 1720, a capital do governo das Minas ainda não estava decidido a se fixar em Villa Rica. O Bispado, pois, se decretou para Marianna, em cujo local o Rei para esse fim mandou que se levantasse uma planta com as ruas em linhas rectas, em quadro, devendo ter no centro uma grande praça, como tudo ainda vemos, segundo se edificou. (1) Tinha em mente alli reunir os dous governos, o que não chegou a se realizar em consequencia da necessidade que se fez sentir de um poder forte e vigilante em Villa Rica.

XV

Antonio Pereira Machado

NOTAS

Ordem Regia de 11 de Março de 1721: «Dom João &. Faço saber a vós D. Pedro de Almeida Conde de Assumar, Go-

---

(1) Ainda ha nessa praça um chafariz chamado dos cavallos, no qual bebiam os do governo, quando o ambito da cidade ainda era o pasto do quartel, dividido pelo vallo divisorio da Villa.

A praça teve o nome de praça de D. João V. Ao lado ainda ha um tanque e chafariz, que se chamava chafariz dos cavallos. Eram os da cavallaria militar, que alli estiveram nos quarteis ate 1738, quando foram removidos para a Cachoeira, onde afinal se construiu o quartel dos soldados de cavallaria.

vernador e Capitão General da Capitania de S. Paulo e terra das Minas, que o Capitão Antonio Pereira Machado, morador na Villa do Carmo d'essas Minas, me representou que elle fôra o primeiro povoador da dita terra, comprando muitas d'ellas a alguns homens que as tinham fabricado; e se mudaram para outras em que esperavam maiores lucros e fizera o supplicante as ditas compras por grandes quantias de ouro; e minerando n'ellas descobrira muito ouro; e n'estes descobrimentos se accommodaram muitos homens, que lavraram com a minha utilidade e dos meus reaes quintos; e pela fertilidade da terra vieram concorrendo a ellas muitos moradores e edificaram casas nas terras, lavradias de ouro em que o supp. tivera uma consideravel perda; porque ficou impossibilitado para poder lavrar e tirar ouro das ditas terras, e que indo a essas minas o Governador e Capitão General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho dera ao supp.e meia legoa de sesmaria em quadra nas ditas terras: mas que erigindo-se ao depois disso a Villa que ao presente existe, e se vae augmentando cada vez mais, largara o Supp.e graciosamente ao Senado da Camara da dita Villa a dita meia legoa de terra em quadra para seu logradouro e rocio e por causa desta dadiva ficara o Supp.e muito falto de bens por não lhe ficarem terras em que possa plantar mantimentos para sustentação de sua mulher e filhos; e por que estes serviços foram feitos em grande utilidade de minha corôa e Fazenda, pois se estabeleceu a maior Villa que ha nas Minas, e que pela sua grandeza assiste nella o Governador e são dignos de remuneração me pedia lhe fizesse mercê da propriedade de Escrivão da Camara da dita Villa, e do habito de Christo com 12 mil reis de tença effectivos para quem se casar com uma de suas filhas; e attendendo ás suas razões me pareceu ordenar-vos me informeis com vosso parecer, declarando o que poderia importar o que o Cap.m Antonio Pereira Machado largou á Camara da Villa de Nossa Senhora do Carmo com a compra que fez de algumas terras a varias pessoas, ouvindo os mesmos officiaes da Camara por escripto; outro sim o valor do officio do Escrivão da Camara, que pretende, para que com toda a individuação e inteira noticia possa resolver n'esta materia o que for conveniente. El-Rei N. S. o mandou por João Telles da Silva e Antonio Rodrigues da Costa, Conselheiros de seu Conselho Ultramarino &.»

*
* *

Officio de D. Braz Balthazar da Silveira, informando a El-Rei:

«A Sesmaria de meia legua foi dada por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho a Antonio Pereira Machado que comprou por 800 oitavas a terra de Manoel Maciel da

Cunha, que n'este tempo morava só n'este districto, e depois que Machado as comprou, visto ser muita a gente que vinha a este districto convidada, o Supp.e as dava para lavrarem ouro nas ditas terras, e com esta concurrencia se fez um grande arraial; e na primeira vez que veiu Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho lh'as deu em sesmaria e vindo 2.a vez achou conveniente fundar esta Villa nas ditas terras do Supp.e o qual pelo zelo que tem pelo serviço de Vossa Magestade não se oppoz á Fundação, no que não deixou de ter gravissimo prejuizo não tendo onde plantar, estando empenhado com dividas &. Villa do Carmo, 20 de Junho de 1716.

*
* *

Apesar desta informação, o Rei, ainda em 1721 fazia aquella consulta ao Conde d'Assumar!

Tambem de 28 de Maio de 1716 temos o officio de D. Braz, dando conta de ter concedido sesmaria á Villa n'estes termos:

«A villa Leal de Nossa Senhora do Carmo foi creada por meu antecessor Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho; as terras em que se fundou a Villa eram de Antonio Pereira Machado que as comprou por 700 oitavas. Esta Villa me pediu sesmaria, e la mandei expedir de uma legoa em quadra sem prejuizo de terceiros; pois junto d'ella ha muitos sitios por muito cabedal. &...»

XVI

O Palacio da Villa do Carmo

Nenhum monumento dos primeiros tempos se conservou intacto, como até o presente se acha o Palacio da Villa do Carmo em que morou o Conde de Assumar. As proprias Igrejas e Capellas, umas já não existem, outras foram reformadas; e só aquelle Palácio resistiu á foice dos seculos, graças ás peripecias de seu dessino.

Em vista do officio de 24 de Maio de 1714, em que D. Braz Baltazar pediu que se comprasse a casa de Manuel Antunes de Lemos, conclue-se que o Palacio começou a ser construido de 1715 em diante; e, como nelle veiu o Conde residir em fins de 1717, pelo menos já neste anno estava em ponto de ser habitado.

Segundo se lê no *Triumpho Eucharistico* (1733) os governadores até esta epocha habitavam ora em Villa Rica, ora no Carmo, e ainda em 1734, os cavallos da Fazenda Real (1) permaneciam no campo da Villa do Carmo, e bem assim os quarteis (2).

Em 1741 por Carta de 7 de Junho, foi que El-Rei por estarem os Governadores de morada fixa em Villa Rica mandou restituir á Camara do Carmo o Palacio, que a esta pertencia. Recebendo-o a Camara mandou concertal-o em ordem a hospedar o primeiro Bispo, quando chegasse a tomar posse; e assim temos no Archivo da Camara Municipal um registro de contracto para taes obras, pelo qual se vê que, salvo a pequena modificação de uma janella, convertida em porta nas lojas, o predio se mostra inteiramente na forma e disposição, por que foi construido.

Em 1748 o Bispo D. Manuel da Cruz, vindo installar o Bispado, entrou a residir nelle até 1756, quando se mudou para a Chacara da Olaria, doada ao Seminario por João de Torres Quintanilha, a qual se converteu em Palacio Episcopal, e começou a ser chamada Palacio novo (3)

O Palacio Velho passou em 1758 a pertencer á Ordem Terceira da Penitencia, destinado a Consistorio, e a domicilio dos Reverendos Commissarios como até hoje.

E assim o scenario de tantas lutas, convertido ao serviço da Religião, poude salvar-se, unico monumento, que resta inalteravel dos primitivos tempos das Minas. (4)

---

(1) Officio de 24 de 7.bro de 1724.

(2) Os quarteis eram no local em que hoje está o Paço da Camara e cadeia.

(3) Pelo percurso da procissão que a Ordem do Carmo fez em 14 de Outubro de 1759, trasladando as Imagens da Capella de S. Gonçalo para a do Menino Jesus sabemos, que, vindo pela rua Direita, Olaria, passou em frente do Palacio para o Bispo vel-a de suas janellas; e subiu pela quarta travessa (Mercês) desceu a rua de S. João (rua nova a entrar no Carminho. O Bispo portanto já alli morava.

(4) No livro 1.º de termos da Ordem lê-se o seguinte: «Aos 5 de Julho de 1761, sendo no consistorio da nossa Veneravel Ordem 3.ª se determinou uniformemente o logar em que se acha o Palacio Velho, em que residiu S. Ex.ª Revd.ma por ser o mais conveniente para o augmento e conservação de nossa congregação, e nesta conformidade elegeu-se pelos mesmos votos o nosso Carissimo Irmão Vice

XVII

O Anhanguera

Bartholomeu Bueno de Rivera (o sevilhano) casou-se com D. Maria Pires, filha de Salvador Pires, fidalgo europeu, e D. Maria Fernandes, bisneta do principe indigena Piquerobi.

D'esse consorcio do sevilhano, nasceram filhos notaveis, entre os quaes Francisco Bueno de Ribeira, que se casou em 1630 com D. Philipa Váz, filha de Francisco João Branco e D. Anna de Cerqueira : os quaes tiveram dous filhos : D. Anna de Cerqueira, primogenita, e Bartholomeu Bueno da Silva, o que se conhece na historia com o titulo de Anhanguera. Francisco Bueno falleceu em 1638 e D. Philippa em 1647, deixando portanto os filhos em menoridade orphãos.

Os potentados medievàes desprezavam as letras, e se gabavam pelas não saber, attribuindo ao espirito d'ellas pacifico a degeneração do valor pessoal, principio da covardia. Não eram assim os nobres de S. Paulo. Amavam a instrucção;

Ministro Miguel Teixeira Guimarães, que acceitou o encargo do expediente necessario para o feito de ajustar o dito Palacio Velho na forma que achar mais conveniente com toda a segurança para o futuro, porque de seu destincto zelo confiamos tudo para o melhor acerto dos interesses desta veneravel Ordem : e em Mesa nos communicará o ajuste que fizer para se lavrar termo na forma, que parecer conveniente ; e para firmeza se mandou lavrar este, em que todos assignam: Eu Francisco Soares de Araujo Secretario, o escrevi. O commissario P.e Luciano Pereira da Costa. Ministro, José Dias Penido. Vice-Ministro, Miguel Teixeira Guimarães. Procurador, Clemente Pereira da Motta. Syndico Paulo Rodrigues Ferreira : Definidores, Paulo de Souza Magalhães, Antonio Alves Vianna, Miguel Duarte de Araujo, Pedro de Almeida e Silva, Antonio Ferreira de Azevedo, Luiz Lopes Martins.

Poucos dias depois em Mesa (á f. 22 do Livro) se deliberou a compra do Palacio Velho e do massame da Capella de Matacavallos e logo se passaram as escripturas, sendo o Palacio adquirido por 7 mil cruzados.

Em 15 de Agosto de 1763 o Vigario Geral D.or Theodoro Ferreira Jacomo, em nome do Bispo D. Manuel, já enfermo, benzeu e lançou a primeira pedra do templo, cuja capella-Mor assentou-se no logar da Capella do Palacio unica parte deste que desappareceu.

A Capella de Matacavallos não era outra senão a primitiva Matriz do Carmo. E assim aquelles homens pouco amorosos da antiguidade, fizeram desapparecer o sanctuario dos bandeirantes; no qual o Padre Francisco Gonçalves Lopes baptizou os primogenitos da Cidade, e em cujo chão sacratissimo repousam esquecidos aquelles que encetaram a serie de nossos mortos !

e para recebe-la tão completa, como em nenhuma outra parte se dava, faziam entrar seus filhos para o collegio dos Jesuitas, no qual os Padres educavam tambem os rapazes indigenas, que revelavam aptidão e vontade.

As familias Bueno e Pires, á que pertencia o Anhanguéra dispunham de grandes cabedáes, constituidos, segundo os elementos da epocha, de extensas propriedades cultivadas por centenas, senão milhares de escravos e indios administrados, como já temos dito no capitulo dos Conquistadores.

Sahindo, pois, do Collegio, á cuidado dos parentes, Bueno desceu a vida pratica, herdeiro de cabedáes, e dotado quer pela naturesa de qualidades, quer pela familia de exemplos, que o tornaram forçosamente insigne bandeirante, em ordem a augmentar, e não diminuir o poder e a fâma de seu nascimento.

Segundo os escriptores, confirmados pelos dizeres do officio de Rodrigo Cesar de Menezes, governador de S. Paulo, dirigido ao Rei em data de 22 de outubro de 1725, Bueno da Silva já em 1862 havia perlustrado os sertões de Goiáz, e lá sabido de mananciáes de ouro, os mesmos, que n'aquella occasião, dizia o officio, andava elle a procurar. (Rev. Arch. S. Paulo XXXII, pag. 136). Sendo assim, Bueno que em 1682 deveria ter pelo menos 45 annos de idade, é claro, que já outras incursões deveria ter feito ao interior do continente, visto que nenhum conquistador, que se aventurou á grandes empresas por paises longinquos, deixára em tempo de militar primeiro ao mando de chefes experimentados, para d'elles adquirir o tirocinio da guerra aos gentios, arte que não era tão facil, quanto se pensa.

Como quer que seja, a verdade é que Bueno foi dos mais antigos sertanistas de Goiáz.

*
*

Posto inverosimil, certissimo é, que as terras de Matto Grosso, e de Goiaz foram conhecidas, muitos annos antes, que esta nossa, em que se erigiu mais tarde a capitania das Minas Geraes. Em communicações francas desd'o principio do seculo (17.º) já Buenos Ayres commerciava com o Perú; e as cazas ricas de S. Paulo ornavam-se de copas de prata, assim como as capellas de alfaias importadas de Potosi. Os paulistas pois, suppondo com rasão que táes minerios deveriam existir nas regiões limitrophes do velho imperio dos Incas, cujo acervo de metáes preciosos foi o que mais rico um dia se achou neste mundo, deitaram para lá suas esperanças, e abriram caminho atė os mais remotos confins da terra devoluta, dos quáes não retrocederam, senão á força de ameaças, tendentes á se não turbar a posse do Rei de

Castella, e de não se provocar com isto a guerra entre vesinhos, já tão indispostos por outros motivos.

Por outras rasões, os aventureiros, que andavam á busca de indios, não mediam distancias, e só paravam deante de obstaculos; pelo que paizes remotos ficaram conhecidos bem antes, que outros mais aproximados.

Para penetrarem nosso territorio embaraços quasi invenciveis se antepunham. Além da Amantikira com suas cumiadas altissimas intractaveis, e de outros accidentes physicos, cumpria aos aventureiros atravessarem os reinos dos *Teremembé* e dos *Cataguá*, aquelles nas plagas de Serra-abaixo, estes de Serra-acima, gentios ferocissimos, terror do proprio mundo selvagem. Antes pois que estes fossem desbaratados e removidos, nenhum extrangeiro, menos que por excepção, havia sahido destas paragens incolome, se é que houve infeliz que a ellas se expozesse. Consequentemente de nosso territorio em S. Paulo não se poderiam divulgar a respeito, senão fabulas as mais assombrosas; e, si não contarmos com o paiz das esmeraldas, que pertencia mais ao sertão da Bahia ou de Porto Seguro, que ao nosso, o facto é que apenas no hyperbolico Sabará-buçú consistia toda a bagagem de nossas lendas. Era este um recinto de minas de prata mais bastas, que as do Potosi, diziam, mas internado no medonho Caheté, viveiro de féras e canibaes, mattas hispidas e sombrias, rios e lagoas fantasticas, serpentes enormes esgueladas de fome! As noticias das mil victimas sacrificadas ao chamariz de tantas riquezas, a ninguem mais portanto convidava a jogar nesses logares, com as forças vivas da natureza, partidas de morte.

O mesmo, porém, não succedia a Goyaz. Era esse o paiz natal das tribus goyanazes, que outr'ora habitaram S. Paulo, e depois se fundiram na colonia. Mestiços dellas os mesmos paulistas tinham por vulgar a mesma linguagem, e conservavam seus costumes e crenças ancestraes. Em pouco tempo os conquistadores devastaram e deixaram dellas despovoados os sertões de Araraquara; pelo que subiram e foram avançando para o norte, até o centro da grande familia goyana, metropole de onde se espalharam para o sul. Era a raça mais pura, homens intelligentes e robustos, mulheres esbeltas e fecundas, creanças alegres e doceis, a raça, a dizer tudo, mais lucrativa e propria para a domesticidade. Antonio Pedroso de Alvarenga, como já vimos, entranhou-se, em 1616, 300 legoas a dentro dos sertões; e Paschoal Paes de Araujo mais tarde percorreu Goyaz para capturar indios, com os quaes fundou as Fazendas do sertão de Pernambuco. A estes aventureiros seguiram-se Francisco Dias de Siqueira, João Pires de Brito, Domingos Jorge, e outros, que pelo mesmo processo povoaram os sertões da Bahia, e Piauhy. E tudo isto antes das Minas Geraes.

. .

Conforme o officio citado de 22 de outubro de 1725, si Bartholomeu Bueno da Silva declarou a Rodrigo Cesar ter visto minas de ouro em sua primeira passagem por Goyaz, esta declaração deve ter sido mal comprehendida pelo Governador. Naquelle tempo, em que ardia a espectativa de minas, cousa que o Rei e todos anhelavam se desencantasse, com tantas mercês e recompensas promettidas, não é crivel, que Bueno as tenha deparado, e que não trouxesse as amostras para S. Paulo, resolvendo emgloria e conveniencias proprias um problema, ha tanto perseguido. Cremos portanto que com Bueno tenha succedido o mesmo que aos mais sertanistas succedia, cahindo todos no laço que os indios armavam. Estes infelizes, de cuja agudeza e sagacidade, ou malicia, já ninguem teve o direito de duvidar, fosse para amaciar os senhores, ou para os illudir, sabendo que a paixão do ouro os cegava, recorriam á inventiva de thesouros fabulosos, facilimos de se conseguirem, mas em logares sempre fóra de mão, que se deveriam buscar de outra viagem. Eram as *Mil e Uma Noites* do sertão, que se repetiam de varias formas nos pousos da jornada em roda do fogo, ou nos serões da Fazenda.

Conheciam rios sobrefluentes em fundos de ouro, montes em que se abriam fendas resplandescentes ao sol; cavernas de pedrarias lucilantes, como de facto algumas ha e a nossa do Maquiné serve de exemplo.

Conheciam em fim o castello encantado da Mãe d'Agua, mytho gerador de preciosidades sem conta. Pertence naturalmente á esta familia de ideaes, que tantos sacrificios e tantas fadigas custaram, a famosa mina dos Martyrios, na qual, até hoje não faltam megalomaniacos, que ponham a mira, e sonhem possuil-a. Era um vasto estendal de veeiros junto de certo rochedo á prumo, no qual se gravaram misteriosamente e se viam os instrumentos da Paixão!

Quando o Rei instou com Lourenço Castanho para subir com sua tropa á descobrir jazidas de metaes, o potentado atravessou na maior indifferença os lençóes opulentos, o ouro quasi á flux do nosso territorio, e lá foi caminho á dentro para Goyaz. Bartholomeu Bueno por outro rumo fitou o mesmo objectivo, a mina famosa dos Martyrios! E assim outros aventureiros antes e depois dessas expedições; e nem a segunda viagem do mesmo Bueno intentou qualquer cousa melhor.

. .

Logo que se descobriu o Sabará buçú, para alli subiu Bartholomeu Bueno da Silva, que para se distinguir do filho

homonimo já se conhecia por Bartholomeu Bueno Feio (1). Pouco depois vieram aqui se reunir com elle os seus genros João Leite da Silva Ortiz casado com I. Izabel Bueno, e Domingos Rodrigues do Prado com D. Leonor de Gusmão; ambos seus primos. O primeiro entabulou as minas da Serra do Curral d'El-Rey; e o segundo foi o Regulo potentissimo do Pitanguy, famoso revolucionario. Dominava Bueno Feio toda a faxa de paizes entre o Rio das Velhas e o Pará. Seu papel no novo theatro de suas energias confirmou tanta fama. No tempo das alterações de Paulistas e Forasteiros portou-se, como nativista intransigente, aboberado de odio, acceso de paixão. Finalmente, quando, cessada a lucta material, se fundou a Villa Real do Sabará, e com esta as justiças constituidas, a influencia dos reinóes ganhou terreno: e por isso os paulistas, muitos se retiraram da Comarca, e do districto das Minas. A respeito do Anhanguera esta versão está comprovada na Carta, que a Camara de Tamanduá, sobre limites de Goyaz, escreveu á Rainha, em data de 20 de julho de 1793. Historiando os primeiros tempos, diz a Carta: «Naquelle tempo era senhor do Sabará buçú Bartholomeu Bueno Anhanguera e seu primo João Leite Bueno o Penteado, paulistas ricos e apotestados, os quaes vendo illudidos os seus respeitos com o estabelecimento da justiça, o dito Anhanguera com muitos escravos indios e negros se retirou aos sertoens e foi descobrir o gentio Guaiá, hoje capitania, até então desconhecidos certoens, e nunca trilhados de pessoa ou nação alguma desde o Diluvio Universal; e ahi se estabeleceu por ardilosas astucias, despojando o gentio de toda aquella campanha.»

Quanto á João Leite Bueno disse a mesma carta: «O primo João Leite Bueno, o Penteado, buscando Maependy sua patria, guiado por uma india sua escrava e atravessando os certoens do Rio Negro, hoje Dourados, se ajuntou com o dito Anhanguera naquelles certoens.» (Rev. Arch. Min. T. II, pag. 378).

Além do facto principal bem descripto, a Carta na parte, que allude ao Penteado, nos dá o direito de concluir, que, se este de Baependy seguiu rumo á se juntar com o Anhanguera, não o poderia fazer sem um ponto ajustado de espera: e portanto os sertões já tinham sido trilhados pelo menos por Bartholhomeu Bueno e pela india. (2)

(1) Um primo do Anhanguera, filho de Diogo Bueno, e neto do grande Amador, chamou-se Bartholomeu Bueno Feio, mas este morreu solteiro em Campos dos Goitacases. (Nob. Paul., cap. II, § 7.° 3-5). Não se confundam, portanto.

(2) Maependy em nossa pronuncia deu Baependy.

Este argumento confirma assás a passagem de Bueno Feio por territorios de Goiás, uma vêz pelo menos, em 1682, como se disse.

Conta-se que, entrando para aquelle sertão, em sua retirada das Minas, á effeito de evitar conflictos de força com o gentio, intimou os indios á se renderem á sua obediencia sob pena de lhes incendiar os rios e lagos, e de arrasar todo o paiz. E para que vissem não era aquillo uma simples ameaça ou basofia, tocou fogo á uma vasilha de Aguardente, que subito se inflammou. Os indios aterrados o chamaram Velho Diabo, Anhanguera. (1) E curvaram-se a sua potestade. Este prodigio, que se espalhou pelas mais tribus, franco accesso lhe abriu á conquista. Andava o Anhanguera por 80 annos; incrivel, mas verdade; que se pode averiguar em fundamentos, já sabendo-se que seu páe morreu em 1638, já comparando-se as datas e idades referentes á seus tios. De mais, si é certo, que em 1681 na comitiva levou comsigo seu filho Bartholomeu Bueno, que não era o mais velho, com a edade de 12 annos, razão temos para não duvidar do ponto relativo á sua longevidade. No proprio alcunha Anhanguera está provada a sua avançada velhice, querendo os indios dizer velho diabolico, ou Diabo envelhicido, que acerta na mesma. O terror que inspirou proveio tambem de modo, quanto elles o tinham de seus feiticeiros, que se tornavam máos, e á proporção da idade peiores, mais sabedores.

Com o fito em Goiáz, o Anhanguéra só punha a vontade nas minas famosas de sua antiga tradição; mas passando pela região aurifera do Meia-Ponte, achou catas lucrativas e paiz abundante: pelo que acertou de se ahi estabelecer á espera de melhores tempos e de amigos, que convidara. Sentindo-se alem de tudo baldo de recursos sufficientes á empresas mais alentadas, escreveu ao Rei, em seu proprio nome e dos genros, Ortiz e Prado, offerecendo-se ao descobrimento d'aquellas minas tão desejadas. Ponderou tambem que sem licença Regia, e sem Patentes, no caso, que deparasse as jazidas, não deixariam os forasteiros de invadi-las sem nenhum freio d'uma autoridade legitima, egual tumulto ao das Minas Geráes; o que poderia evitar de certo

---

(1) Anhá-uera (guttural) de onde temos tabatinguéra, aldeia branca velha; tabauéra (tapéra) aldeia em ruinas; Canguera, caveira, de Acanga-uera, cabeça secca Em nossa 1.ª edição dissemos haver uma tribu de Anhangueras. Foi erro. A tribu, encontrada pelo P.e Vieira no Tocantins foi dos Inhagueras.

Pedro Taques conta o mesmo embuste praticado por Francisco Pires Ribeiro no sertão do Tieté.

modo investido de poderes, e seguro das regalias promettidas nos Alvarás. E para isto foi a S. Paulo.

O Rei pressuroso de táes descobrimentos, escreveu a Rodrigo Cesar mandasse chamar á sua presença os proponentes, e com elles tratasse a diligencia pela fórma, que mais conveniente fosse. (Arch. Publico S. Paulo XXXII pag. 9. Officio de 10 de dezembro de 1721).

Ao Governador em virtude disso apresentou-se Bartholomeu Bueno da Silva sómente, visto os dois genros estarem em grandes distancias. (1)

Uma nota interessante da epocha e do regimen foi o inquerito de Rodrigo Cesar, querendo saber, si Bueno e os genros tinham posses e capacidade para aquelle emprehendimento. Além de servirem gratuitamente deviam provar que dispunham do cabedal necessario aos gastos da diligencia.

Temos visto em toda esta nossa historia o extraordinario facto de trabalharem os paulistas, sacrificando os bens e a vida, sem outra mira que não a munificencia Regia.

Abriam caminhos por sertões bravios e asperrimos; descobriam minas de rendimentos enormes: defendiam a colonia de invasões extrangeiras; e tudo resumiam no desejo de patentes, titulos, habitos, foros, e lá muito especialmente no de uma carta autographa do Rei, o supra summo da felicidade.

Em carta de 12 de setembro de 1721 dizia Rodrigo Cesar: «No caso que o descobrimento, que estes homens fizerem (no Cuiabá) seja de grande utilidade á Real Fazenda de Vossa Magestade, lhes deve conceder algumas mercês, principalmente o habito de Christo, que esta gente é tão vaidosa que só se lembra de honra e despreza a conveniencia.»

Rodrigo Cesar, que vivia a pedir honras á Sua Magestade, podia saber que não eram só por vaidade, que se almejavam.

Bartholomeu Dias, por premio de ter descoberto o Cabo das Tormentas, o caminho das Indias, luctando com as pragas do Adamastor, foi agraciado com o habito de Christo. E' que o habito significava alguma cousa acima da fatuidade. Hoje, na democracia, seria futil e ridiculo; mas naquelles tempos convertiam o peão em cavalheiro, em official de uma Ordem mais poderosa que o proprio Estado.

As patentes, as honras, as mercês assumiam o agraciado da classe plebéa, que nenhum direito tinha, nem immunidades, sugeita mesmo a penas afflictivas e infamantes. O cavalheiro das Ordens, os officiaes militares, egualavam-se á

---

(1) O sr. Villa-Lobos no seu Compendio confunde o filho homonimo com o Páe nesta expedição. Mas o officio de Rodrigo Cesar é claro. O filho não era sogro de Ortiz e de Prado. Veja-se Rev. do Arch. Publ. S. Paulo XXXII pag. 9)

nobreza; e já não pertenciam ao *vulgare pecus* dos senhorios e dos conventos. Eis a razão. Rodrigo Cesar, fazendo o inquerito, verificou que Bartholomeu Bueno dispunha de posses; mas em parte foi mal informado.

Contractando a diligencia, para a qual o Governador deu um Regimento, o Anhanguera associou-se aos genros ausentes, e a Bartholomeu Páes de Abreu, irmão inteiro de João Leite Ortiz (1). Ambos a este escreveram e de táes argumentos se serviram, que elle, desejoso quiçá de se retirar tambem do Rio das Velhas, para evitar o resentimento dos reinóes, vendeu tudo quanto possuia no Curral d'El-Rei, suas grandes propriedades, dando mesmo por um o que valia déz, e partiu para S. Paulo com a familia e a numerosa escravatura.

Chegando á cidade, começou os preparativos, e á sua custa formou um corpo de 500 homens, que ficaram á disposição do sogro, de quem se fez Ajudante. Em junho de 1722 a comitiva se poz em marcha. Bartholomeu Paes de Abreu ficou em S. Paulo, como socio procurador, e correspondente da empresa, á fim de requerer por ella e de enviar para o sertão o que fosse necessario. (2)

A comitiva dirigiu-se ao rumo do Parnahyba, e d'alli subiu á fio do Meia Ponte á Serra das Vertentes.

Domingos Rodrigues do Prado já, então obrigado pela policia do Conde d'Assumar, tinha fugido do Pitangui e se achava reunido em Goiáz ao arraial da tropa e dos amigos do Sogro (1721).

*
* *

Durante mais de trez annos a bandeira afundou-se nos limbos e silencio das mattas. Nesse tempo só duas informações lograram sahir do sertão, uma por 5 desertores da tropa, que, chegando ao Maranhão, fallaram ao governador, e este a transmittiu ao Vice-Rei Marquez de Abrantes, que a passou a S. Paulo: outra que vieram trazer a Rodrigo Cesar 12 indios dos 20 que havia fornecido á bandeira: e

---

(1) João Leite da Silva Ortiz e Bartholomeu Páes de Abreu eram filhos de Estevão Raposo Bocarro, e d. Maria de Abreu Pedroso Leme. Esta filha de Bartholomeu Simões de Abreu e D. Izabel Páes da Silva; e esta D. Izabel era irmã do Governador das Esmeraldas Fernão Dias, filhos de Pedro Dias Páes Leme e D. Maria Leite da Silva.

(2) As bandeiras deixavam, onde conviesse, um socio representante; e Carlos Pedroso da Silveira, como vimos, foi o procurador dos bandeirantes da Itaverava, que os representava perante o Governo do Rio de Janeiro.

estes dizendo que já 20 escravos havia perdido o Anhanguera, outros adoecido, e que a comitiva se achava reduzida a 70 praças, passando as maiores miserias, sem polvora nem munições, e avezinhados de bugres ferozes." Em tanto o velho declarava, que mais facil seria morrer, que voltar sem conseguir o que estava buscando. (Carta ao Rei de 24 de abril de 1725).

Mezes, porém, depois, Rodrigo Cesar tinha aprestado soccorros, e cuidadoso tratava de os enviar, senão quando aos 21 de outubro (1725) entrou o Anhanguera victorioso em S. Paulo, trazendo 8 mil oitavas de ouro, segundo alguns o affirmam; em todo caso, porém, dando conta do descobrimento, que fez, das minas famosas, nas cabeceiras do Rio Vermelho, onde eregiu o arraial de Sant'Anna, depois Villa Boa. Eram iguaes ás do Cuiabá com a vantagem de ares mais temperados e fontes salubres. (1)

Contentissimo, o governador Rodrigo Cesar de Menezes nomeou-o para Capitão Mór Regente e Superintendente no civel e crime: e a Ortiz para Guarda-Mór das Minas e Administrador das Datas, no novo Destricto, com o direito estipulado de pertencer a Bueno da Silva e a Ortiz por 3 vidas o direito sobre 3 passagens de rios em caminho de Goiáz. (2) Satisfeitos e jubilosos, voltaram os dous para a sua esperançosa conquista.

Não foram essas, comtudo, as minas dos Martyrios, que até o presente dispertam o enlevo dos romancistas, mas é condão de taes thesouros fabulosos se fixarem em todo tempo no primeiro fóco abundante, que os aventureiros deparam, como já havia succedido com o Sabará-buçú, que afinal se achou no que podia ser.

* *
*

D. Rodrigo Cesar de Menezes teve ordem da Corte para visitar de propriamente as minas do Cuiabá, e para lá partiu do porto de Araraytaguaba, no Tieté, a 6 de junho de 1727, e chegou á 15 de outubro seguinte.

Como estivesse ha 7 annos ausente de sua casa, assistindo na America, por occasião de partir de S. Paulo, escreveu á sua Magestade, queixando-se de cansaço e achaques, e pediu-lhe houvesse por bem de o substituir no go-

---

(1) Sendo costume dos bandeirantes darem aos lugares o nome do Santo do dia do descobrimento, pode-se crer que este de Goiáz teve logar a 26 de julho, dia de Sant'Anna.

(2) Eram merces estipuladas no contracto para os descobrimentos, e approvadas pelo Rei em Carta de 18 de outubro de 1725.

verno. Mandou-lhe em vista disto sua Magestade successor na pessoa de Antonio da Silva Caldeira Pimentel, sugeito de bastardo nascimento, e peior de qualidades; o qual, estando D. Rodrigo ainda em sua excursão, chegou a S. Paulo e tomou posse da capitania. (1) A primeira cousa, que se lhe metteu na cabeça, foi desbancar a fama de D. Rodrigo, seu antecessor, desfazendo o que este houvesse feito, cercando-se de seus inimigos, e afeiçoando o elemento mobil de todas as situações para ajudal-o na campanha do descredito. Sobre as materias escolhidas por visto que os descobrimentos de Goiáz pertenciam á gloria do rival, entendeu, que os devia perturbar no intuito de os apresentar ao Rei sem valor mais que mediocre, e assim ficar D. Rodrigo exposto ao menoscabo da Corte, havido por visionario, senão impostor.

Um facto escandalosissimo então occorreu: Enviadas para S. Paulo a seguirem para a Corte, vieram de Cuiabá,estando ainda lá D. Rodrigo, 8 arrobas de ouro pertencentes aos quintos de S. Magestade. Chegando á Lisboa o precioso volume, não quiz D. João V mandar abril-o sem festas, Rei faustoso; e pois convidou fidalgos e fidalgas ao deleite de verem o monte de ouro. Aberta, porém, a tampa do caixão, Rei e fidalgos cahiram das nuvens! Aquillo era chumbo.

Esta burla foi obra evidentemente de Sebastião Fernandes do Rego, empregado fiscal, que foi recolhido aos calabouços da Fortaleza da Barra de Santos. Amigo, porém, privado de Pimentel, alinhavou-se-lhe o summario de culpa sem provas bastantes: e removido para o Limoeiro em Lisboa, o réo por empenhos conseguiu ser solto; sem embargo que em segundo processo as provas surgissem de sobra, e de novo fosse reconduzido á Fortaleza.

Emtanto, o governador Pimentel, que não se livra da pecha de cumplicidade, não hesitou de irrogar a Rodrigo Cesar o infame latrocinio; mas inutilmente, pois tinha este por si caracter illibado, e sua consciencia tranquilla.

Tendo se inimizado com o Ouvidor Francisco da Cunha Lobo tambem como com o antecessor deste, Manoel de Mello Godinho, Ministros corrompidos e prevaricadores, aquelle Ouvidor se fez instrumento servil de Pimentel: mas a reputação de Rodrigo Cesar assomou illesa de tanta aleivosia. Era elle vaidoso, e não se cansava de gabolices, querendo alcançar honras e mercês; mas foi homem de bem, trabalhador, e amigo leal de seus auxiliares.

As iras de Pimentel então voltaram-se em feixe sobre Goyaz, e de gume contra os descobridores. O socio destes, Bar-

---

(1) Rodrigo Cesar tinha disposto em ordem a se dar posse ao successor no caso de estar ausente.

tholomeu Paes, em vista disto, pediu o amparo do Rei; e Sua Magestade, em Ordem de 12 de Maio de 1730, determinou severamente ao governador mudasse de seu proceder injusto contra vassalos tão leaes e prestimosos. O resultado foi por motivos futeis mandar o Pimentel encarcerar o denunciante na Fortaleza de Santos com ordem de se não communicar com ninguem, mesmo que fosse nas grades da enxovia, recommendado expressamente ao capitão André Cursino de Mattos, commandante da praça.

Ao ter conhecimento de taes desfeitas, Ortiz deliberou partir de Goyaz para S. Paulo com o intuito de seguir até Lisboa e se entender com o Rei. Tinha Sua Magestade já lhe agradecido os serviços por carta de proprio punho em 27 de outubro de 1725; e mais não era preciso para afiançal-o na Côrte. Além de tudo, naquelle regimen anarchico, antes que despotico, o Rei, verdade seja dita, foi sempre o elemento melhor e mais justo. Era o protector nato dos opprimidos.

Veio Ortiz de Goiaz, acompanhado de alguns amigos, entre estes, seu cunhado Bartholomeu Bueno da Silva, o Moço, e o Padre Mathias Pinto. Em S. Paulo reuniu á comitiva seu filho Bartholomeu Bueno da Silva Ortiz, e seu irmão Bento Paes da Silva, ambos estudantes do Collegio, que se passavam ao Reino no intento de cursarem a Universidade (1).

O Padre Mathias crimes e taes desregramentos havia praticado que o Bispo Frei Antonio de Guadalupe o mandou prender em Cuiabá, de onde poude fugir, e se refugiar em Goiaz, á sombra de Ortiz, que o hospedou em casa, e agora o trazia, fazendo-lhe todas as despesas, para Portugal.

Em S. Paulo, porém, esse Padre, trahição vista por muitos, ia á noite e rebuçado a Palacio entregar-se a Pimentel, com cujo valimento contava para o recommendar á Corte, e obter do Rei provimento de aggravo contra o Diocesano. Os amigos de Ortiz o avisaram, e deram-lhe parecer, que lançasse fóra de sua comitiva o perigoso companheiro. Ortiz, porém, coração generoso e affavel, não teve animo de o despedir.

Emtanto era claro que Pimentel não deixaria de explorar o caracter do Padre para ter quem o livrasse do queixoso em caminho da Côrte, onde com certeza ia ficar mal aos olhos do soberano.

---

(1) Pedro Taques na «Noblianhia» da Bento Paes por filho de Estevão Raposo Bocarro e D. Maria de Abreu (Rev. Inst. Hist. XXXV pag 270) entretanto pouco adeante (pag. 265) diz que era sobrinho de Ortiz. Examinamos o ponto contradictorio; e verificamos que era irmão de Ortiz. Esse Bento Paes depois veio para Minas Geraes e aqui falleceu, em Pitangui.

Nada Ortiz conseguindo em S. Paulo, desceu para Santos, e foi se hospedar na Fortaleza, na qual passou a noite, vespera de seu embarque.

O commandante capitão André Cursino de Mattos recebeu na praça com todas as honras o hospede, e o tratou com fidalga distincção; mas não lhe poude consentir, que visse e fallasse ao irmão, por obedecer as ordens. O odio mesquinho de Pimentel chegou a ponto, que, tendo o capitão Cursino mandado salvar com tiros de peça o capitão-Mór, quando o navio transpunha a barra, fez descontar do soldo do mesmo commandante a despesa da polvora, e votou-lhe a maior aversão.

Angustiado, e cheio de despeitos proseguiu Ortiz a sua róta mar em fora até a Bahia, onde á final se desanuviaram os negrumes de seu pensamento, e dias aprazíveis lhe succederam. Festejado pelo Governador Geral foi por este hospedado com toda a sua comitiva em Palacio, onde o visitaram as pessoas mais gradas da nobreza, do commercio, e mesmo do póvo, desejosas de conhecerem o feliz conquistador de Goiáz. Ao partir para o Recife o Governador Geral, deu-lhe cartas de recommendação para o governador de Pernambuco, e outras para a Côrte.

No Recife com effeito as mesmas honras e demonstrações de respeito lhe foram tributadas; mas a cidade estava infestada de bexigas; e elle contrahiu o mal. Tratado, porém, com desvelos conseguiu convalescer, e estava ao termo de quarenta dias livre de todo o perigo, embora ainda em resguardo.

No dia 8 de dezembro o Bispo Diocesano, á tarde, fez-lhe uma visita para felicital-o de estar escapo, sendo o bondoso Prelado recebido com o maior acatamento, e depois acompanhado até o Palacio Episcopal pela comitiva de Ortiz, isto é, pelo cunhado Bartolomeu Bueno, pelo irmão Bento Paes, pelo filho, por todos emfim menos o padre Mathias Pinto, que lhe ficou de quarto, e só com elle.

Logo que sahiu o Bispo, tendo Ortiz se fatigado mais ou menos constrangido pelo ceremonial, como o calor de verão era intenso, sentiu alguma sêde; e pediu ao padre Mathias lhe désse a poção de sementes de cidra, recommendada pelos medicos, a effeito de lhe temperar o sangue ainda requeimado da febre. O mesmo porém foi tragar a bebida, que logo se sentir em ancias mortaes.

Chamados os Medicos já nada puderam fazer. Estava envenenado; e no dia seguinte 9 de dezembro expirou!

Seguiram viagem para Lisboa o filho do Anhanguera Bartholomeu Bueno da Silva, o de Ortiz tambem Bartholomeu Bueno; e Bento Paes da Silva; mas o segundo enfermou de bexigas e ficou sepultado no mar!

Acolhido benevolamente pelo Rei, Bartholomeu Bueno da Silva, o Moço, foi provido, por carta de 14 de março de 1731,

no posto de capitão Mór Regente de Goiáz. (1) Bento Paes não quiz permanecer só em Portugal e voltou para S. Paulo.

E assim se cumpriu o fadario do Anhanguéra.

Elle decrepito e pobre se finou em Goiáz, Domingos do Prado vimos como acabou desgraçado; e Ortiz trahido e assassinado! (2)

Dizia Antonil que Deus tinha permittido se descobrisse tanto ouro para com elle castigar o Brasil. A verdade porém é que a fatalidade perseguiu até a morte os principaes descobridores! E' que elles interromperam nos indios a obra de Deus, confundiram evangelho e ouro, Christo e escravidão.

Funchal Garcia

---

(1) O dr. Moreira Pinto, insigne Mestre tão prematuramente arrebatado da terra, confundiu na Chorographia do Brasil o filho com o Pae, dizendo que a este se concedeu a carta de 14 de março de 1731. O Anhanguera, si fosse vivo, teria 95 annos pelo menos. Os historiadores tem confundido os dois em rasão do homonimo.

(2) No Recife a Justiça á titulo de bens de ausente, apoderou-se das barras de ouro e mais valores de Ortiz, não obstante os parentes e o proprio filho, que em vão reclamaram. O governador não podia intervir na esphera dos Ministros; e a tal Justiça consumiu tudo.

AGRADECIMENTO

Ill.mo Sr. Avelino Fernandes

Quando escrevi o Capitulo dos *Emboabas*, episodio pouco estudado em Portugal, e apenas conhecido no Brasil, ao Sr. o offereci para lhe satisfazer o desejo de mandal-o publicar em uma Revista Litteraria de Lisboa; e esse offerecimento, penhor de minha amisade, foi tanto mais justo, quanto era certo, que, se estudei a *Historia Antiga das Minas Geraes*, gastando nisto boa parte de meu tempo, não alvejei titulo algum de gloria, e sim o interesse de melhor servir aos alumnos, entre os quaes o meu Roberto seu afilhado. (1)

Posteriormente reflecti, que não convinha destacar do conjuncto aquelle episodio por de certo modo ficar elle imperfeito sem as dependencias que a historia exige para o sentido e a justificação dos factos.

Neste supposto, procurei publicar todo o meu escripto; mas os livreiros do Rio observaram que, sendo particularissimo o interesse, que o valorisa, tendente todo a historia de Minas, só poderiam edital-o, se eu alcançasse do Conselho Superior da Instrucção Publica do Estado a sua adopção para o ensino.

Requerendo isto, o Conselho Superior, aliás bem fundadamente, declarou não estar o meu livro em condições didacticas, consoantes ao ensino primario; mas em compensação approvou unanimemente o luminoso parecer do Re-

(1) Roberto nascido a 7 de Junho de 1890.

lator, Sr. Dr. Nelson de Senna, em que o recommendava ao Governo do Estado, como leitura util, merecedor, portanto, de ser publicado, parecer que foi honrosamente subscripto pelo Sr. Dr. Delfim Moreira, digno Ministro do Interior.

Nestas condições o Sr. Dr. Francisco Valladares, com a expontaneidade natural aos grandes talentos unidos aos grandes corações, apresentou á Camara dos Deputados um projecto auctorizando o Governo a mandar imprimir o meu livro, sem despesa minha, mas cedendo-lhe eu mil exemplares; no que concordei por ser para mim de vantagem, segundo a idéa capital, que me inspirou, quando emprehendi este serviço, o que mais desejava prestar ao povo mineiro.

Excusado é lembrar a carreira feliz, que esse projecto conseguiu nas duas casas do Congresso, nas quaes eu mesmo não esperava, além da justiça, merecer tanto carinho e a exuberancia de sympathias com que me trataram.

Approvado o projecto no Congresso, por votação unanime de Senadores e Deputados, menos um, foi enviado á sancção; e o illustrado e honrado Presidente do Estado, Sr. Dr. Francisco Antonio de Salles, por sua vez immediatamente o converteu em lei.

Passando, pois, o meu livro ao terreno pratico, achei no illustrado Sr. Dr. Antonio Carlos, digno Ministro das Finanças, a melhor vontade: e os originaes foram logo remettidos á Imprensa Official. Graças á benevolencia do distinctissimo Sr. Dr. Alvaro da Silveira, Director daquella casa, e do sr. Augusto Serpa, gerente, este livro em poucos dias ficou feito; porque além disso tambem encontrei naquella officina incomparavel meus velhos companheiros typographos e operarios, meus bons e saudosos amigos de Ouro Preto.

Já se vê, que, desde o alto, do Presidente do Estado, dos Congressistas, dos Ministros, dos Directores, até o mais humilde dos collaboradores da officina, encontrei a mais generosa e franca hospitalidade. E' a razão por que ao Sr. escrevo esta carta como para deixar nesta pagina a confissão de meu reconhecimento, e para ficar ao menos, emquanto durar este livro, a memoria bem firme de minha gratidão.

Escrevendo esta *Historia* é bem claro que não tive somente em vista instruir alumnos, senão tambem educal-os civicamente: pois convencido sou da influencia moral que a historia exerce no proprio sentimentalismo dos moços, offerecendo-se-lhes um inventario exacto e verdadeiro do passado.

E' preciso que elles saibam o que a nossos paes custou a formação de uma patria: e que bem comprehendam, como tambem são e serão operarios transitorios desta obra, que cumpre se adiante sempre, e nunca retroceda. Servida infelizmente pela nossa imperfeita natureza, todo o esforço é

pouco para melhoral-a : pois muitas se tem visto degenerar e todas succumbir, quando os moços se descuidam e se corrompem.

Ora, a historia é o quadro magistral que nos offerece no procelloso oceano dos tempos o roteiro, pelo qual poderá a mocidade evitar os erros, condemnar os vicios, fortificar as virtudes, e converter a força de suas proprias paixões em generoso instrumento do progresso.

Todavia, e ainda que assim é, não posso desligar do interesse publico, que a lei presume, o favor pessoal, que a benevolencia traduziu pelo modo como acima disse, exemplo que certamente, será fecundo para animar o cultivo das lettras.

Concluindo, agradeço tambem de coração os bons serviços que o Sr. me prestou, como era de esperar de sua amisade.

De seu Compadre affectuoso,

Diogo L. A. P. de Vasconcellos.

Bello Horizonte, 22 de Novembro de 1904, (Primeiro centenario da Historia de Minas, escripta pelo Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconsellos).